UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)
Doutorado em Museologia e Patrimônio

Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre:

A formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal durante o século XVIII

TESE DE DOUTORADO

apresentada ao

Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio
para a obtenção do Título de Doutor e Ciências, Museologia e Patrimônio

Linha de Pesquisa 2 – Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento

Orientador:
Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel

José Alberto Pais

Rio de Janeiro, Fevereiro 2018

Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre:

A formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal durante o século XVIII

Por

José Alberto Pais
Aluno do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio
Linha 02 – Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento

Tese de Doutorado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio

Orientador:
Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel

UNIRIO / MAST – Rio de Janeiro, Fevereiro 2018

Ficha elaborada pela Biblioteca do Mast
Bibliotecária – CRB7 nº 2935

P149 Pais, José Alberto
Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre: a formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal durante o século XVIII / José Alberto Pais.-- Rio de Janeiro, 2018.
xxvi, 509f : il.

Orientador: Dr. Marcio Ferreira Rangel
Referência bibliográfica: f. 317-372
Inclui anexos

Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) -- Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2018.

1. Coleção zoológica. 2. Zoologia - .Portugal – séc. XVIII. 3. Museus. I. Rangel, Marcio Ferreira. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDU: 069.5:59

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Das Pobres Colônias Ricas à Rica Metrópole Pobre:

A formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal durante o século XVIII

Tese de Doutorado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Profa. Dra. _____
Maria Isabel Pinto Ferreira Landim – Museu de Zoologia / USP

Prof. Dr. _____
Dante Luiz Martins Teixeira – Museu Nacional / UFRJ

Profa. Dra. _____
Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha - PPG-PMUS

Profa. Dra. _____
Teresa Cristina Moletta Scheiner - PPG-PMUS

Prof. Dr. _____
Marcio Ferreira Rangel (orientador)

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2018.

À minha mãe,
que sempre sonhou em ter um "doutor" na família.

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários do Arquivo Histórico Ultramarino, localizado na cidade de Lisboa, pela acolhida recebida, em especial a Manuela Portugal e Isabel Amado, sempre prestativas e a Mário Pires e Rosa Monteiro Malta sempre muito solícitos apesar das infindáveis idas e vindas carregando as pesadas caixas de documentos.

Aos funcionários da Arquivo Nacional da Torre do Tombo, cujos nomes no momento me escapam, sempre muito obsequiosos, assim como à equipe da Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda e do Arquivo Histórico da Marinha.

À Professora Doutora Marta Catarino Lourenço, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, da Universidade de Lisboa, pelo tempo dispensado e pelos valiosos conselhos e sugestões.

Ao meu orientador, Professor Doutor Márcio Ferreira Rangel, pelo apoio e ajuda recebidos durante estes quatro anos, assim como pela sua compreensão dos momentos de dificuldades que atravessamos durante este processo.

À Léia Elias Coelho pela revisão do texto.

À minha família, Junko, Áurea e Júlia, sem esquecer da pequena Susie, que, apesar de privada de muitas horas da minha companhia, sempre me apoiaram nesta empreitada.

RESUMO

As coleções zoológicas constituídas por organismos vivos integram um grupo peculiar de coleções raramente contemplada nos estudos acadêmicos de Museologia. A natureza de seu objeto, o animal vivo, levanta questionamentos sobre diversos conceitos teóricos que regem este Campo. Por necessitarem de cuidados especiais à sua manutenção, a propriedade destas coleções foi, e continua sendo, restrita a determinadas camadas sociais, em especial aos monarcas, que as utilizavam como ferramenta simbólica para o exercício do poder. A carência de informação acerca dos espécimes que integraram tais coleções, de difícil caracterização pela natureza efêmera de seus componentes, é um fato. As viagens marítimas realizadas a partir do século XV, iniciadas por Portugal e Espanha, contribuíram fortemente para o incremento do aporte de exemplares, oriundos de praticamente todos os continentes da Terra, enviados à Europa com a finalidade de suprir as Coleções Zoológicas Vivas Reais. Nesta Pesquisa estudamos a formação das Coleções Zoológicas Vivas de propriedade da realeza portuguesa durante o século XVIII, cujos parcos relatos encontrados na literatura definitivamente não refletem a grandeza que tais coleções alcançaram ao longo de quase seiscentos anos no qual Portugal manteve seus domínios sobre diversas regiões d'além mar.

Palavras-chave: Museus, Coleções Zoológicas Vivas, *Ménageries*, Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, Portugal, século XVIII, Remessa de animais.

ABSTRACT

The zoological collections formed by living organisms constitute a special group of collections uncommonly approached in the academic Museum studies. The nature of its subject, the live animal, arouses many questions about some theoretical concepts that govern this field. A large amount of resources is required for the maintenance of these collections, so their ownerships were, and continue to be, restricted to specific social strata, especially the monarchs, who used them as a symbolic tool for the exercise of power. The lack of information about the specimens that have composed such collections is a fact, mainly because of the ephemeral nature of its components. The sea voyages that happened as of 15th century, started by Portugal and Spain, contributed to increase the number of animals sent to Europe, from every part of the Earth, to supply the King's zoological collections. In this research, we studied these collections, formed by living beings, owned by Portuguese royalty during the 18th century, whose insufficient reports in the literature definitely do not reflect the magnificence of such collections during 600 years in which Portugal maintained their domains over many overseas territories.

Key-Words: Museums, Zoological collections, *Ménageries*, Royal zoological collections, Portugal, 18th century, Animal trade.

LISTAS DAS FIGURAS

Figura 1	Animais únicos mantidos em Coleções Zoológicas Vivas	30
Figura 2	Casal de Eider-de-Steller (*Polysticta stelleri*)	31
Figura 3	A obra de arte, o ser vivo e o conceito de “aqui e agora” de Walter Benjamim	32
Figura 4	Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro	35
Figura 5	*Ménageries* Reais	41
Figura 6	Pormenor da base do túmulo de D. Dinis I	60
Figura 7	Iluminura das Chronicas de Dom Afonso Henriques de Duarte Galvão representando Lisboa, *c*. 1500 – 1510	70
Figura 8	*Civitates orbium terrarum*, Pormenor de Lisboa, 1572	72
Figura 9	Detalhe do Planisfério de *Cantino* (1502)	74
Figura 10	Desenho de *Hanno*, escola de Raffaello Sanzio, 1516	76
Figura 11	Representação do Rinoceronte *Ganda* na Torre de Belém	77
Figura 12	Rinoceronte de *Albert Dürer*, 1515	77
Figura 13	Tamborete de Salomão	80
Figura 14	Abada de D. Sebastião I	82
Figura 15	*Philippe Galle*, gravura Rhinoceros, 1586	84
Figura 16	Mapa da distribuição geográfica histórica das Gazelas presentes na região de Marzagão	87
Figura 17	Pátio dos Bichos, Palácio de Belém	88
Figura 18	Planta do Palácio de Belém com indicação do Pátio dos Bichos e do Pátio dos Elefantes	90
Figura 19	Despesas referente ao transporte de 60 falcões de Copenhague a Salvaterra de Magos	92
Figura 20	Pátio interno da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos	93
Figura 21	Planta dos jardins do Palácio de Queluz	95
Figura 22	Vista atual da área ocupada pela Escola Portuguesa de Arte Equestre	95
Figura 23	Estudo para uma gaiola de pássaros	96
Figura 24	Pátio da Lontra	97
Figura 25	Projeto para o viveiro de Belém	99
Figura 26	Viveiros do Palácio de Belém construídos por D. Maria I	100
Figura 27	Vista geral do Pavilhão *Robillion* com as jaulas construídas por D. João VI	101
Figura 28	Interior das jaulas do Pavilhão *Robillion*	101
Figura 29	Água-forte do rei D. Fernando II, 1840	104
Figura 30	Detalhes dos jardins do Paço das Necessidades	107
Figura 31	Casa dos Antílopes no Paço das Necessidades	107
Figura 32	Vista parcial da *Ménagerie* do Paço das Necessidades	109
Figura 33	Expansão marítima portuguesas durante os séculos XV e XVI	114
Figura 34	Possessões portuguesas em regiões d’além mar durante o século XVIII	115
Figura 35	Regiões zoogeográficas	116
Figura 36	Decodificação do termo “Sexe”	118
Figura 37	*Linnet* de Angola, ilustração de George Edwards	119

Figura 38	Documentos do Pará	121
Figura 39	*Chasse aux Elephants dans L' Isle de Ceylon*	129
Figura 40	Fojo do lobo de Fafião, Portugal	130
Figura 41	Ave capturada no visgo	131
Figura 42	Despesa relativa à compra de passarinhos para Sua Majestade...	133
Figura 43	Taxa de mortalidade observada para os viveiros de arame e de cana	136
Figura 44	Alimentando os animais a bordo	142
Figura 45	Transporte de animais	142
Figura 46	Taxa de mortalidade dos animais observada durante a travessia marítima de Angola ao Brasil	145
Figura 47	Remessas cujas taxas de mortalidade não puderam ser discriminadas	147
Figura 48	Quantitativo de animais enviados de Angola	152
Figura 49	Zebras	156
Figura 50	Termo de declaração de juramento	160 - 161
Figura 51	Botica para tratamento dos bichos	164
Figura 52	Leão-sul-africano (*Panthera leo krugeri*)	168
Figura 53	Grupos de animais remetidos de Angola para Lisboa durante o século XVIII	175
Figura 54	*Status* dos exemplares citados nas remessas provenientes de Angola	175
Figura 55	Relação das Famílias de Mamíferos remetidas de Angola para Lisboa	176
Figura 56	Relação das Famílias de Aves remetidas de Angola para Lisboa	176
Figura 57	Percentagem de animais remetidos de Angola que chegaram a Lisboa	177
Figura 58	Provável referência à Ave denominada "Linus"	179
Figura 59	Fotografia de um exemplar vivo do extinto Lagarto-gigante-de-cabo-verde (*Macroscincus coctei*)	181
Figura 60	Quantidade de animais remetidos da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	185
Figura 61	Grupos de animais remetidos do território da Guiné para Lisboa durante o século XVIII	187
Figura 62	Musophagidae encontrados na região da Guiné	187
Figura 63	*Status* dos exemplares citados nas remessas envolvendo exemplares provenientes da Guiné	188
Figura 64	Relação das Famílias de Mamíferos remetidas da Guiné para as Coleções Zoológicas Viva Reais Porguesas durante o século XVIII	188
Figura 65	Relação das Famílias de Aves remetidas da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	189
Figura 66	A rota da Carreira da Índia	190
Figura 67	Palácio dos Capitães-Generaes (Palácio de São Paulo) na Ilha de Moçambique	192
Figura 68	Quantidade de animais remetidos de de São Tomé e Príncipe para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	196

Figura 69	Possível referência ao termo “passaros grande e belos”	196
Figura 70	*Status* dos exemplares citados nas remessas realizadas de São Tomé e Príncipe	197
Figura 71	Relação das Famílias de Aves remetidas de São Tomé e Príncipe	197
Figura 72	Prováveis espécies que integram a primeira remessa detectada de animais realizada da Capitania da Bahia	200
Figura 73	Quantitativo de animais enviados da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	202
Figura 74	Grupos de animais remetidos da Capitania da Bahia para Lisboa durante o século XVIII	207
Figura 75	*Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania da Bahia	207
Figura 76	Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII	211
Figura 77	Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	211
Figura 78	Grupos de Répteis presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	212
Figura 79	Percentagem de animais remetidos da Capitania da Bahia que chegaram a Lisboa	214
Figura 80	Espécies identificadas na remessa proveniente da Capitania do Espírito Santo	216
Figura 81	Grupos de animais remetidos da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	217
Figura 82	Quantitativo de animais enviados das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	220
Figura 83	Grupos de animais remetidos das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para Lisboa durante o século XVIII	225
Figura 84	Os “Periquitos especiáes”, uma das espécies mais representativas da fauna amazônica enviadas da Capitania do Grão-Pará	226
Figura 85	*Status* dos exemplares citados nas remessas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro	226
Figura 86	Possíveis espécies associada ao termo “Quereruz”	227
Figura 87	Análise da nomenclatura dos Ciconiidae amazônicos citados nas remessas do Grão-Pará, com base nas informações contidas nos manuscritos consultados	229
Figura 88	Famílias de Répteis presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII	230
Figura 89	Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as	231

	Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	
Figura 90	Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII	231
Figura 91	Problema de identificação no manuscrito	232
Figura 92	Posição de São Gabriel da Cachoeira no alto do Rio Negro, Forte de São Joaquim do Rio Branco e da Vila de Barcelos	234
Figura 93	Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes da Capitania de São Paulo durante o século XVIII	234
Figura 94	Quantitativo de animais enviados da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	237
Figura 95	Animais que comprovadamente chegaram a Lisboa provenientes da Capitania do Maranhão	238
Figura 96	Animais remetidos da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Reais Vivas Portuguesas durante o século XVIII	240
Figura 97	Famílias de aves que constam nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	240
Figura 98	Anatidae registrados para o atual Estado do Maranhão	241
Figura 99	Famílias de mamíferos que constam nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	242
Figura 100	*Status* dos exemplares citados nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão	242
Figura 101	Mapa da Capitania de Mato Grosso e sua relação com as cidades de Santos e do Grão-Pará	244
Figura 102	Quantitativo de animais enviados da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	246
Figura 103	Grupos de animais remetidos da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Reais Vivas em Lisboa durante o século XVIII	247
Figura 104	*Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania da Paraíba	248
Figura 105	Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa durante o século XVIII	248
Figura 106	Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	248
Figura 107	Frans Post - Vista do Rio São Francisco com o Forte Mauricio e uma capivara, 1639	250
Figura 108	Quantitativo de animais enviados da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	255
Figura 109	Espécies associadas ao termo “Jacanã”	256

Figura 110 Grupos de animais remetidos da Capitania de Pernambuco para Lisboa durante o século XVIII 258
Figura 111 Grupo de Répteis presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 259
Figura 112 *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania de Pernambuco 259
Figura 113 Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII 260
Figura 114 Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 260
Figura 115 Comparação dos Cervidae europeus e americanos 262
Figura 116 Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes da Capitania de Pernambuco durante o século XVIII 264
Figura 117 Quantitativo de animais enviados da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 271
Figura 118 Grupos de animais remetidos da Capitania do Rio de Janeiro para Lisboa durante o século XVIII 272
Figura 119 *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania do Rio de Janeiro 272
Figura 120 Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII 273
Figura 121 Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII 273
Figura 122 Espécies de Primatas, atualmente encontrados na região outrora ocupada pela Capitania do Rio Grande 276
Figura 123 Vila de Rio Grande de São Pedro, autor desconhecido. Manuscrito depositado na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Portugal 277
Figura 124 Villa e praça de Santos, *ca*. [1775] 280
Figura 125 Anexo do ofício do governador da Capitania de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, descrevendo o “Modo de tratar os Guarazes” 281
Figura 126 Mapa de carga Galera Nossa Senhora da Vitória Princesa Divina 282
Figura 127 Quantitativo de animais enviados da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 284
Figura 128 Grupos de animais remetidos da Capitania de São Paulo para Lisboa durante o século XVIII 286
Figura 129 *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania de São Paulo 286
Figura 130 Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII 287

Figura 131 Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 287
Figura 132 Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes da Capitania de São Paulo durante o século XVIII 288
Figura 133 Documento, em sânscrito e português, dirigido a Martinho de Mello e Castro 289
Figura 134 "Relação das produções naturais de Goa que se quer para este Real Gabinete da Ajuda" 290
Figura 135 Planta de Macau do "Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações da Índia Oriental" de António Bocarro 292
Figura 136 Possíveis espécies que integraram a remessa realizada de Timor para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 294
Figura 137 "Bruma" - Casuar (*Casuarius casuarius*) 295
Figura 138 Total de animais enviado das colônias portuguesas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais durante o século XVIII 298
Figura 139 Quantitativo de animais remetidos dos territórios dominados por Portugal durante o século XVIII, por continente 299
Figura 140 Classes de animais identificadas nas remessas para Lisboa durante o século XVIII 299
Figura 141 Família de Aves enviadas da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 300
Figura 142 Família de Aves enviadas da África para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 301
Figura 143 Famílias de Aves enviadas de Macau e Timor para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 302
Figura 144 Famílias de Mamíferos integrantes das remessas realizadas da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 302
Figura 145 Famílias de Mamíferos integrantes das remessas realizadas da África para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 303
Figura 146 Grupos de Répteis remetidos da África e da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 303
Figura 147 Gráfico comparativo das remessas animais realizadas da África e da América para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 305
Figura 148 Maracachão-de-asa-verde (*Ptylia melba*) 375
Figura 149 Lagarto (*Mabuya vaillanti*) 397
Figura 150 Gato-de-algália (*Civettictis civetta*) 399
Figura 151 Papagaio-do-Congo (*Psittacus erithacus*) 403
Figura 152 Garça-branca-pequena (*Egretta thula*) 407
Figura 153 Arara-azul-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) 425
Figura 154 Cobra-coral (*Micrurus corallinus*) 441
Figura 155 Galo-da-serra (*Rupicola rupícola*) 443
Figura 156 Queixada (*Tayassu pecari*) 459
Figura 157 Onça (*Panthera onca palustris*) 463

Figura 158 Ema (*Rhea americana*) 465
Figura 159 Mutum-de-Alagoas (*Mitu mitu*) 467
Figura 160 Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) 481
Figura 161 Anta (*Tapirus terrestris*) 487
Figura 162 Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) 489
Figura 163 Jacutinga (*Pipili jacutinga*) 491
Figura 164 Faisão-dourado (*Chrysolophus pictus*) 495
Figura 165 Lóris-de-nuca-roxa (*Lorius domicella*) 497
Figura 166 Retrato dos Infantes Pedro e Luís, futuros reis D. Pedro V e D. Luís I de Portugal 501
Figura 167 Chirico (*Crithagra mozambicus*) 503

LISTAS DAS TABELAS

Tabela 1	Evolução das Coleções Zoológicas Vivas	43
Tabela 2	Diferenças entre quatro Coleções Zoológicas Vivas	44
Tabela 3	Relação das Aves de rapina recebidas por D. Manuel I	78
Tabela 4	Relação das criações existentes nas Reais Quintas de Queluz em 5 de agosto de 1833	102
Tabela 5	Animais enviados pelo governador de Angola	108
Tabela 6	Remessas animais realizadas pelos capitães-mores das Vilas da Capitania da Bahia	125
Tabela 7	Valores de alguns exemplares de pássaros adquiridos em Angola	134
Tabela 8	Comparação da taxa de mortalidade observada nos viveiros de arame e de cana	135
Tabela 9	Valores dos viveiros e bebedouros utilizados na remessa dos pássaros provenientes de Angola	138
Tabela 10	Valor da ração (sementes) utilizada na alimentação dos pássaros	139
Tabela 11	Mortandade dos animais ocorrida em terra antes do embarque em Angola	144
Tabela 12	Mortandade de animais observada durante a travessia marítima entre Angola e o Brasil	145
Tabela 13	Mortandade de animais africanos ocorrida em solo brasileiro	146
Tabela 14	Remessas nas quais as taxas de mortalidade ocorridas no mar e em terra não puderam ser dicriminadas	147
Tabela 15	Territórios sob domínio português no Continente Africano, durante o século XVIII	149
Tabela 16	Governadores de Angola durante o período onde foram observadas remessa de animais para Lisboa	151
Tabela 17	Desastre naturais ocorridos em Angola no período de 1782 a 1792	171
Tabela 18	Relação dos animais enviados de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	172
Tabela 19	Animais enviados de Cabo Verde para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	181
Tabela 20	Relação dos animais enviados da Guiné para Lisboa durante o século XVIII	186
Tabela 21	Animais de São Tomé e Príncipe remetidos para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	195
Tabela 22	Movimentação de navios nos portos do Brasil durante o século XVIII	198
Tabela 23	Relação dos animais enviados da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	203
Tabela 24	Quantidade de Araras enviadas do Brasil para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	208
Tabela 25	Testudinidae do Estado da Bahia	212
Tabela 26	Relação dos animais envidos da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII	216

Tabela 27 Relação dos animais enviados das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 221
Tabela 28 Nomes populares de três espécies de Ciconiidae encontrados no Brasil 228
Tabela 29 Relação dos animais enviados da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 238
Tabela 30 Relação dos animais enviados da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 247
Tabela 31 Relação dos animais enviados da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 251
Tabela 32 Cervidae enviados do Brasil para Portugal durante o século XVIII 263
Tabela 33 Discrepância nos registrados dos animais embarcados em Pernambuco e recebidos em Lisboa 264
Tabela 34 Relação dos animais enviados da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 268
Tabela 35 Relação dos animais enviados da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 284

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

AHM	Arquivo Histórico da Marinha
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino
ANRJ	Arquivo Nacional do Rio de Janeiro
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
BNL	Biblioteca Nacional de Lisboa
BNPA	Biblioteca Nacional do Palácio da Ajuda
ICOM	The International Council of Museums
RIOZOO	Fundação Jardim Zoológico da Cidade do Rio de Janeiro
WAZA	World Association of Zoological Gardens and Aquariums

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1 - DO COLETAR AO COLECIONAR 9
1.1 Objeto 12
1.1.1 O conceito de objeto 12
1.1.2 O Objeto de coleção 14
1.2 Coleção 19

CAPÍTULO 2 – O NATURAL DESNATURALIZADO 25
2.1 O animal como objeto de coleção 27
2.2 As coleções zoológicas vivas 35
2.2.1 Terminologia 35
2.2.2 As Coleções Zoológicas Vivas no contexto social 44
2.2.2.1 Proto-coleções 44
2.2.2.2 Coleções Zoológicas Vivas como manifestação do sagrado. 45
2.2.2.3 Coleções Zoológicas Vivas como representação de poder .. 45
2.2.2.4 Coleções Zoológicas Vivas destinadas ao entretenimento ... 47
2.2.2.5 Coleções Zoológicas Vivas utilizadas para a pesquisa 49
2.2.2.6 Coleções Zoológicas Vivas com objetivos educativos 50
2.2.2.7 Coleções Zoológicas Vivas com objetivos conservacionistas. 50

CAPÍTULO 3 – AS COLEÇÕES ZOOLÓGICAS VIVAS REAIS EM PORTUGAL 53
3.1 Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas - Período pré-colonialista 58
3.1.1 Coleção Zoológica Viva de D. Dinis I 58
3.1.2 Coleção Zoológica Viva de D. Fernando I 60
3.2 Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas - Período colonialista 63
3.2.1 Primeira fase – Ascenção 63
3.2.1.1 Coleção Zoológica Viva de D. Afonso V 63
3.2.1.2 Coleção Zoológica Viva de D. João II 66
3.2.1.3 Coleção Zoológica Viva de D. Manuel I 68
3.2.1.4 Coleção Zoológica Viva de D. João III 78
3.2.1.5 Coleção Zoológica Viva de D. Sebastião I 81
3.2.2 Segunda fase – Declínio 85

3.2.2.1 Coleção Zoológica Viva de D. Pedro II 85
3.2.2.2 Coleção Zoológica Viva de D. João V 86
3.2.2.3 Coleção Zoológica Viva de D. José I 89
3.2.2.4 Coleção Zoológica Viva de D. Maria I 93
3.2.2.5 Coleção Zoológica Viva de D. João VI 100
3.2.2.5 Coleção Zoológica Viva de D. Maria II 103

CAPÍTULO 4 – DAS POBRES COLÔNIAS RICAS À RICA METRÓPOLE POBRE 111
4.1 O mundo português 113
4.2 Os animais d'além mar 116
4.2.1 Terminologia 117
4.2.2 Demanda por determinadas espécies 121
4.2.3 Coleta 128
4.2.4 Aquisição de animais 132
4.2.5 Acomodação 134
4.2.6 Transporte 140
4.2.7 Mortalidade 143
4.3 Remessas animais realizadas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII..... 149
4.3.1 África 149
4.3.1.1 Angola 149
4.3.1.2 Cabo Verde 177
4.3.1.3 Guiné 181
4.3.1.4 Moçambique 189
4.3.1.5 São Tomé e Príncipe 193
4.3.2 América (Brasil) 197
4.3.2.1 Capitania da Bahia 199
4.3.2.2 Capitania do Espírito Santo 214
4.3.2.3 Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro 217
4.3.2.4 Capitania do Maranhão 234
4.3.2.5 Capitania do Mato Grosso 242
4.3.2.6 Capitania da Paraíba 244
4.3.2.7 Capitania de Pernambuco 249
4.3.2.8 Capitania do Rio de Janeiro 265
4.3.2.9 Capitania do Rio Grande 274
4.3.2.10 Capitania do Rio Grande de São Pedro 276
4.3.2.11 Capitania de São Paulo 278

4.3.3 Ásia 288
4.3.3.1 Índia 288
4.3.3.2 Macau 289
4.3.3.3 Timor 292
4.4 Considerações 295

CONSIDERAÇÕES FINAIS 307

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 315

APÊNDICES 373
Apêndice I Remessas realizadas de Angola 375
Apêndice II Remessas realizadas de Cabo Verde 397
Apêndice III Remessas realizadas da Guiné 399
Apêndice IV Remessas realizadas de São Tomé e Príncipe 403
Apêndice V Embarcações que realizaram o transporte de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII 407
Apêndice VI Remessas realizadas da Capitania da Bahia 425
Apêndice VII Remessas realizadas da Capitania do Espírito Santo 441
Apêndice VIII Remessas realizadas das Capitanias do Grão-Pará e São José do Rio Negro 443
Apêndice IX Remessas realizadas da Capitania do Maranhão 459
Apêndice X Remessas realizadas da Capitania do Mato Grosso 463
Apêndice XI Remessas realizadas da Capitania da Paraíba 465
Apêndice XII Remessas realizadas da Capitania de Pernambuco 467
Apêndice XIII Remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro 481
Apêndice XIV Remessas realizadas da Capitania do Rio Grande 487
Apêndice XV Remessas realizadas da Capitania do Rio Grande de São Pedro 489
Apêndice XVI Remessas realizadas da Capitania de São Paulo 491
Apêndice XVII Remessas realizadas de Macau 495
Apêndice XVIII Remessas realizadas de Timor 497

ANEXOS 499
Anexo I Cronologia dos Monarcas Portugueses 501
Anexo II Poemas de autores moçambiquenhos inspirados no Chirico (*Crithagra mozambicus*) 503

Anexo III Navios que integraram a frota da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão 509

INTRODUÇÃO

Foto: *Project Nightjar*

O estudo dos processos que resultam na formação das coleções é um tema de suma importância, não só para conhecermos os padrões culturais e estéticos das sociedades que se utilizam das práticas de colecionismo, mas também para podermos traçar o percurso realizado pelos exemplares desde a sua origem até o momento em que passam a integrar a coleção onde estão inseridos.

Dentre os diferentes tipos de coleções mantidas pelas sociedades ao longo da história, aquelas constituídas por espécimes oriundos diretamente da natureza - animais, vegetais e minerais - ganharam um espaço de destaque, pelo menos no que tange à quantidade de itens que abrigam. Apesar de estes exemplares aguçarem a curiosidade dos indivíduos desde o primórdio da civilização humana, estas coleções se projetaram com as grandes viagens marítimas, intensificadas a partir do século XV, que culminaram com o estabelecimento do colonialismo europeu sobre grande parte do mundo.

Quando nos reportamos às Coleções Zoológicas Vivas em especial, nos deparamos com um cenário completamente peculiar. O animal vivo exerce um grande fascínio sobre o ser humano, independentemente de seu padrão cultural e social, fazendo das instituições que abrigam este tipo de coleção um grande polo atrativo de público na atualidade. Estranhamente estas coleções, assim como os espaços que as abrigam, os Museus Tradicionais com Coleções Zoológicas Vivas, amplamente denominados Jardins Zoológicos[1], são relativamente pouco abordados nos estudos acadêmicos de Museologia.

Com as viagens marítimas de exploração, iniciadas por Portugal e Espanha no século XV, a revelação de novos animais nas Américas, recém-descoberta, assim como nas regiões inicialmente inexploradas da África e Ásia, proporcionou uma verdadeira revolução no estudo das Ciências Naturais, culminando com a reestruturação dos padrões de classificação dos seres vivos, proposto por Lineu em 1758 e, posteriormente, com a elaboração da teoria da evolução por Darwin e Wallace, no final do século XIX.

Entre os séculos XV e XX, período em que perdurou o colonialismo europeu sobre grande parte dos territórios situados nos quatro continentes, sob a influência político-econômica de um reduzido grupo de nações europeias, as Coleções Zoológicas Vivas passaram por diferentes denominações e tratamento no tocante a seus objetivos

[1] Os Jardins Zoológicos constituem um dos exemplos de instituições que abrigam Coleções Zoológicas Vivas. Vale ressaltar que os Museus de História Natural, principalmente a partir do final do século XX começaram a incorporar ao seu acervo exemplares vivos, normalmente insetos, anfíbios e répteis. Uma descrição mais detalhada sobre as diferentes instituições que têm o animal vivo como foco principal de suas coleções pode ser encontrada em PAIS (2013).

e padrões expositivos. Durante esse período, as *Ménageries*[2] constituíram o modelo predominante para a manutenção deste tipo de coleção.

Desde o século XVII já existiam informações detalhadas que orientavam a coleta, a preservação e o transporte de material para os gabinetes de curiosidade (animais preservados, peles, esqueletos, vegetais); entretanto, não existiam, nesse período, metodologias padronizadas que tratassem da manutenção dos espécimes zoológicos vivos, em parte, devido à grande diversidade de exigências requeridas pelas diferentes espécies associadas ao próprio desconhecimento da biologia destes exemplares recém-descobertos. Devido às grandes dificuldades e ao alto custo para se capturar, transportar e manter animais vivos em cativeiro, estas coleções estavam restritas aos governantes e a algumas pessoas da aristocracia. Os gabinetes de curiosidade, que posteriormente deram origem aos Museus de História Natural, por manterem exemplares fixados, ou parte destes, eram instituições mais frequentes que as *Ménageries*.

Durante o período no qual Portugal manteve territórios em regiões d'além mar, as Coleções Zoológicas Vivas presentes neste país foram muito pouco documentadas quando comparado com as outras nações europeias que, a partir do século XVII, começaram a ampliar seus domínios sobre o mundo. Países como a Inglaterra e a França, e mesmo alguns cujos domínios coloniais não atingiram a extensão alcançada por Portugal, como a Bélgica e a Alemanha[3], apresentam uma documentação mais consistente sobre as Coleções Zoológicas Vivas que existiram em seus territórios.

O trabalho de Gustavo Loisel, intitulado *Histoire de Ménageries de L'Antiquite a Nos Jours*, um tratado em três volumes publicado em 1912, é uma das fontes mais detalhadas já produzidas sobre as Coleções Zoológicas Vivas que existiram até o início do século XX. Nesse trabalho Loisel descreve, para o território português, sete *Ménageries* Reais, número este que não reflete a realidade das coleções que existiram em Portugal, como veremos ao longo desta Tese.

Ao analisarmos a obra de Loisel (1912), verificamos que os registros referentes aos animais exóticos que chegavam não só a Lisboa, provenientes das colônias portuguesas, mas também às coleções localizadas nos demais países, são documentados de forma generalizada. Termos como "aves", "gazelas" e "macacos" não definem as espécies que efetivamente fizeram parte das Coleções Zoológicas Vivas Reais; igualmente temos uma carência de registros precisos sobre as localidades de onde estes espécimes eram provenientes, o que dificulta sua identificação.

---

[2] O termo *Ménagerie*, amplamente utilizado para designar as Coleções Zoológicas Vivas anteriores a 1825, é utilizado para designar um espaço destinado à manutenção de um grupo de animais vivos com a finalidade básica de proporcionar entretenimento e lazer a seus proprietários (PAIS, 2013). No Capítulo 2 desta Tese, diferenciamos este espaço dos demais locais destinados à manutenção de animais vivos.

[3] Não considerando o domínio alemão durante o período das duas grandes guerras mundiais no século passado (XX).

O estudo da formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais presentes em Portugal ao longo dos quase seis séculos em que perdurou o Império Português, iniciado com a conquista de Ceuta, em 1415, e findo em 2002 quando Portugal reconheceu oficialmente a soberania de Timor-Leste, é um tema pouco explorado merecendo maior atenção por parte dos estudiosos. Certamente as informações que se encontram publicadas sobre estas coleções não refletem a grandeza que devem ter alcançado.

A presente Tese, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), inserida na linha de pesquisa 02 - Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento, do projeto de pesquisa intitulado “Construção e Formação de Coleções Museológicas”, tem por propósito suprir, em parte, a deficiência sobre este tema.

Esta pesquisa, apresentada ao referido Programa como procedimento para a obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio, tem por objetivo realizar uma análise dos processos e dos padrões que resultaram na formação das Coleções Zoológicas Vivas de propriedade dos monarcas portugueses e o levantamento das espécies que integraram tais coleções. Devido à complexidade do tema, foi efetuado um recorte temporal, restringindo este estudo às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas mantidas durante o século XVIII.

Para atingir este objetivo, foram elaboradas as seguintes questões:

- Quais foram as espécies biológicas que integraram as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII e de que colônia estes exemplares foram enviados?
- As espécies endêmicas, presentes nas áreas colonizadas por Portugal, podem auxiliar na identificação dos espécimes enviados às coleções portuguesas?
- Qual o perfil das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas ao longo do século XVIII?

A metodologia empregada foi estruturada na pesquisa documental, por meio do levantamento e da análise de fontes primárias - documentos históricos - relativos aos espécimes vivos transportados das colônias portuguesas para a metrópole.

Iniciamos este levantamento com uma pesquisa às fontes digitais, a qual foi posteriormente estendida para visitas presenciais às bibliotecas e arquivos que retêm a guarda desta documentação, não só em instituições no Brasil, como o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ), mas também àquelas localizadas em Portugal. Devido ao restrito tempo disponível para a realização desta pesquisa no exterior, limitado aos

meses de julho a setembro de 2016, agravado pelo fato de esta documentação não se encontrar catalogada, as visitas se restringiram a cinco instituições, todas localizadas na cidade de Lisboa, sendo três arquivos e duas bibliotecas.

No Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), tivemos acesso a uma vastíssima coleção de documentos referentes a todas as colônias portuguesas durante o período estabelecido para esta pesquisa. Apesar de a documentação referente ao Brasil, encontrada no AHU, estar disponibilizada digitalmente pelo Centro de Memória Digital da Universidade de Brasília, por meio do Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco, o mesmo não se aplica à documentação das demais colônias portuguesas. Contudo, mesmo em relação ao material relativo ao Brasil, foi de muita valia a pesquisa dos manuscritos *in loco*, pois várias referências que relatam a remessa de animais do Brasil para Lisboa, por questões técnicas, estavam inacessíveis no sítio eletrônico do Projeto Resgate.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), por questões de ordem prática, optou-se pela coleta de material digitalizado, principalmente aquele concernente às remessas animais realizados nos períodos iniciais do processo de expansão marítima portuguesa, em especial aqueles provenientes da Índia, ficando a pesquisa *in situ* direcionada para a coleta de dados sobre a Coleção Zoológica Viva Real mantida no Palácio de Queluz.

Finalmente, no Arquivo Histórico da Marinha (AHM) recolhemos alguns parcos dados sobre o transporte de animais realizado durante o século XIX pelos navios portugueses.

Em relação às bibliotecas visitadas na cidade de Lisboa, a pesquisa se restringiu à Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda (BNPA) e à Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL).

Vale ressaltar que o tema abordado nesta Tese teve sua concepção inicialmente estruturada ainda durante o processo de elaboração da minha Dissertação de mestrado - Jardim Zoológico: Desafios para a aplicação do conceito de Museu aos espaços de exposição de organismos vivos - apresentada ao mesmo Programa e defendida em Janeiro de 2013. Ao longo da pesquisa documental realizada para a elaboração dessa Dissertação, constatamos uma carência de informações, no âmbito museológico, relativo aos Jardins Zoológicos como museus tradicionais e, de modo ainda mais marcante, do animal vivo como objeto de coleção. Assim, durante o ano de 2013, foi elaborado um projeto de pesquisa o qual foi submetido ao processo seletivo do Doutorado em Museologia da UNIRIO/MAST, que originou a Tese que agora apresentamos, na qual foi mantido este tema pouco abordado pelo Campo: a formação das Coleções Zoológicas Vivas no âmbito museológico. Este desafio foi intensificado

pela opção de se pesquisarem as Coleções Zoológicas Vivas Portuguesas em um tempo pretérito, o século XVIII.

Utilizamos, para a elaboração desta Tese, fragmentos da Dissertação realizada pelo autor, acima citada, principalmente aqueles referentes às informações históricas.

Como esta pesquisa se propõe, em sua essência, ao estudo das Coleções Zoológicas Vivas, não abordaremos nas nossas discussões as demais coleções biológicas desta natureza, tais como as coleções botânicas e microbiológicas, para citarmos algumas, assim como aquelas formadas por animais taxidermizados normalmente depositadas nos Museus de História Natural. Apesar de termos recolhido, durante o levantamento das fontes primárias, documentos que tratam da coleta e do envio de animais preparados e fixados, este material, de um modo geral, não foi utilizado, assim como também não o foram as referências que retratam as remessas compostas por animais vivos realizadas fora do recorte temporal estabelecido, exceção feita ao material empregado na reconstituição histórica da última Coleção Zoológica Viva mantida pela monarquia portuguesa, a *Ménagerie* do Palácio das Necessidades, já no século XIX, abordada no Capítulo 3.

A opção de excluirmos desta análise os exemplares taxidermizados depositados nas Coleções de História Natural, mesmo ciente de que muitos destes exemplares foram oriundos de Coleções Zoológicas formadas por exemplares vivos, se respalda, unicamente, na falta de tempo disponível para a realização deste levantamento nas instituições lisbonenses.

Para a identificação dos espécimes zoológicos levantados, principalmente aqueles provenientes da fauna brasileira, os trabalhos de Papavero e Teixeira (2013 e 2017) e Almeida, Papavero e Teixeira (2014) foram de grande importância.

Toda a nomenclatura científica utilizada para a descrição das Aves segue a classificação proposta pelo *Handbook of the Birds of the World* (Lynx Edicions) e das espécies de Mamíferos o *Handbook of the Mammals of the World*, da mesma editora; para a descrição dos Répteis, nos baseamos nas publicações dos Grupos de Trabalhos Taxonômicos da UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza) relativas a este grupo animal.

A presente Tese foi estruturada em quatro capítulos, a saber:

Capítulo 1, intitulado “Do coletar ao colecionar”, onde são trabalhados os conceitos de objeto, objeto de coleção e de coleção propriamente ditos, utilizando-se, como linha condutora para a sua estruturação, os pensamentos desenvolvidos por Krzystof Pomian e Jean Baudrillard;

No Capítulo 2, designado “O natural desnaturalizado”, realizamos uma análise do animal vivo como objeto de coleção. Apesar de este tema ser pouco abordado pelo campo museológico, alguns princípios estabelecidos por Peter van Mensch e Soichiro

Tsuruta foram importantes para este embasamento teórico. Nesse capítulo apresentamos, ainda, tópicos que norteiam as Coleções Zoológicas Vivas ao longo da história, dentre os quais a numerosa nomenclatura utilizada para a denominação deste tipo peculiar de coleção, assim como os diferentes usos que tais coleções adquiriram ao longo do tempo para as sociedades.

O Capítulo 3, denominado “As coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal”, foi reservado para descrevermos as Coleções Zoológicas Vivas mantidas pela monarquia portuguesa ao longo da história de Portugal, ficando clara a carência de dados sobre estas coleções disponibilizadas na literatura, não só no que diz respeito às instalações onde os espécimes eram mantidos mas, principalmente, à falta de informação sobre as espécies efetivamente mantidas, assim como sua origem. Durante o desenvolvimento desse capítulo, podemos constatar o efeito direto das relações de poder estabelecidas entre o governo central de Lisboa e suas colônias, o qual influenciou diretamente a formação de tais Coleções presentes em Portugal.

No capítulo final desta Tese, “Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre”, é analisado e discutido o material recolhido durante a pesquisa, com o propósito de se traçar o perfil das Coleções Zoológicas Vivas Reais presentes em Portugal durante o recorte temporal proposto, o século XVIII.

Com esta pesquisa pretendemos, a partir da perspectiva do campo museológico, contribuir para ampliar o conhecimento sobre o papel simbólico destas Coleções.

CAPÍTULO 1

Do coletar ao colecionar

Foto: Peter Reese

A evolução da espécie humana foi consequência direta das pressões ambientais sobre nossos antepassados antropoides. No início, a natureza exercia total influência sobre a vida destes indivíduos. Os fenômenos naturais - tempestades, raios ou mesmo a alternância entre o dia e a noite, criavam nestes humanos primitivos reações de medo e respeito. À medida que desenvolviam suas qualidades intelectuais, distanciando-se evolutivamente de seus parentes irracionais, começavam a perceber melhor os ciclos naturais e a reconhecer a fauna e a flora, fontes de alimentos e de perigos. Esta familiarização com os elementos naturais, principalmente no tocante ao mundo animado e mais especificamente aos animais, fez com que as reações de medo e respeito, inicialmente desenvolvidas no imaginário dos indivíduos, se transformassem em sentimentos de admiração e identidade (LOISEL, 1912, p. 9).

Durante seus incessantes deslocamentos para suprir suas necessidades básicas de alimentos e abrigo, entravam em contato com fragmentos do mundo natural - rochas, sementes, conchas, vértebras e dentes de animais – os quais aguçavam sua curiosidade. Atraídos por determinados padrões específicos que conseguiam diferenciar alguns destes fragmentos dos demais componentes do ambiente, começam a coletar e manter estes testemunhos naturais como itens de curiosidade. Posteriormente, à medida que desenvolviam suas habilidades criativas, passaram a utilizar estes itens para a elaboração de adornos corporais, possivelmente como portadores de propriedades mágicas (STAGGEMEIER et al., 2011, p. 2).

> As curiosidades naturais reúnem assim dois traços: por um lado, “saltam aos olhos”, atraem o olhar e provocam o espanto; por outro lado, a sua presença não pode ser explicada sem que se faça referência ao invisível (POMIAN, 1984, p. 71).

1.1 OBJETO

1.1.1 O conceito de objeto

A incorporação de uma utilidade prática, funcional ou simbólica, aos fragmentos naturais coletados por nossos antepassados fez com que estes elementos, agora imbuídos com os padrões culturais emergentes dos grupamentos humanos pré-históricos, se transformassem de meros itens naturais em coisas, diferenciando-os dos demais componentes do ambiente.

Segundo Pomian (1984, p. 70), os hominídeos são desde a sua origem produtores de coisas, e seu grande sucesso evolutivo decorre, basicamente, desta habilidade para escolher, coletar e principalmente fabricar utensílios e ferramentas. Pomian (1984, p.70) ressalta ainda que o interesse de nossos antepassados por objetos, itens que extrapolam o conceito geral das coisas por ter sido a eles incorporado um valor cultural, apesar de antigo, é uma prática muito mais recente. Desta forma, os grupamentos humanos passaram a conviver, principalmente a partir do Paleolítico Superior[1], com dois tipos distintos de itens: por um lado, os itens funcionais, as coisas, que serviam basicamente como bens de subsistência e, por outro, os objetos, itens simbólicos ou semióforos, que não apresentavam uma utilidade prática imediata sendo, contudo, dotados de significados por representarem o invisível (POMIAN, 1985, p. 71).

A distinção entre coisas e objetos é ressaltada por Stránský (1994, p. 47), para o qual o termo “objeto”, elemento percebido em oposição a um sujeito e deste isolado, pode abranger, também, os elementos não materiais[2], enquanto as coisas são, obrigatoriamente, itens que apresentam existência material fazendo parte da realidade visual dos indivíduos.

O termo “objeto” adquiriu, ao longo do tempo, várias definições e interpretações. Mensch (1992), por exemplo, considera objeto como sendo o menor elemento da cultura material que encerra, em si próprio, uma identidade reconhecível ou perceptível pela mente humana. Burcaw (1997, p. 13), por sua vez, o define como “qualquer coisa material e tridimensional que apresenta certa significância”. Apesar de estes dois autores proporem definições amplas para o termo em questão, estas estão sujeitas a

[1] Período compreendido entre 30.000 e 10.000 anos a.C., no qual a espécie humana (*Homo sapiens sapiens*) apresentou um acentuado desenvolvimento em relação à produção de ferramentas, estruturação social, elaboração de pinturas rupestres e o início do processo de domesticação de animais. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/A_evolu%C3%A7%C3%A3o_tecnol%C3%B3gica/Os_primeiros_instrumentos_e_o_fogo>. Acesso: 14 Mar. 2016.

[2] Stránský (1974 *apud* MENSCH, 1992) sugere o emprego do termo “mentefatos” para os dados abstratos, que não são apoiados por um suporte material.

questionamentos por não incluírem, em seu escopo, os elementos não materiais de uma cultura material.

Os objetos são classificados, tradicionalmente, em dois grupos distintos: os *artificialia*, compostos pelos elementos superorgânicos[3] da cultura material e os *naturalia*, formados por elementos orgânicos e inorgânicos oriundos da natureza; uma prática que pode ser observada nas metodologias empregadas, desde o século XVI, nos antigos gabinetes de curiosidade (MENSCH, 1992). Rangel (2013, p. 410) ressalta que os itens incorporados a estes gabinetes eram selecionados por um processo de escolha baseado em suas qualidades artísticas, antiguidade e preciosidade.

Entretanto, notamos que diferentes autores fazem uso de uma ampla variedade de termos empregados para classificar os objetos, os quais podem ser enquadrados em várias categorias: *artificialia* (artefatos produzidos pelo homem), *naturalia* (manifestações de fauna, flora e minerais), *scientifica* (instrumentos para o estudo do mundo e do universo), *memorabilia* (coisas dignas de serem lembradas), *mirabilia* (coisas admiráveis, maravilhas que devem ser olhadas) e *exotica* (objetos vindos ou produzidos em terras e civilizações longínquas).

Para Baker (2008, p.3) a *artificialia* seria formada por objetos intencionalmente elaborados para servirem a algum propósito, enquanto a *naturalia*, mesmo apresentando uma utilidade, teria sua existência independente da intervenção humana.

Baudrillard (2012, p. 15) argumenta que a *artificialia* é composta por objetos produzidos por meio dos processos tecnológicos que refletem os padrões culturais desenvolvidos pelas diferentes sociedades ao longo do tempo, desde um plano mais simples, empregado pelas sociedades pré-históricas, até um plano extremamente elaborado, presente nas sociedades do século XXI. Para este autor, entretanto, os objetos do nosso cotidiano, produzidos por meio de tecnologias simples ou complexas, são efetivamente vivenciados dentro de uma realidade psicológica e sociológica que acaba por camuflar a coerência do sistema tecnológico que os produziu, fazendo com que este sistema de significações se sobreponha ao sistema tecnológico.

A distinção entre *artificialia* e *naturalia*, contudo, nem sempre é clara. Podemos citar como exemplo um espécime taxidermizado que, apesar de ser um elemento originalmente oriundo da natureza, por ter sido trabalhado tecnicamente por um artista, pode ser considerado um artefato. Os animais domesticados e as paisagens[4] também

[3] O termo “superorgânico” foi utilizado por Alfred Kroeber (1876-1960), antropólogo americano, em sua obra “*The Superorganic*”, publicada, em 1917, no *American Antrhopologist.* Segundo Kroeber (1917, p. 163) o mundo está estruturado segundo três níveis de complexidade: o inorgânico, nível mais elementar; o orgânico, compreendendo os seres vivos; e o superorgânico, abrangendo o sistema sociocultural e seus produtos.

[4] Espaço físico enquadrado em um campo de visão.

estão sujeitos a este mesmo questionamento, considerados, por alguns autores, como artefatos, produtos da cultura material (DEETZ, 1977 *apud* MENSCH, 1984, p.18).

Quando nos reportamos ao termo “objeto”, as imagens que prontamente surgem em nossa consciência são:

> casas, mobílias, roupas, ornamentos corporais, joias, armas, moedas, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, variadas espécies de alimentos e bebidas, meios de transporte, meios de comunicação, [itens] sagrados, imagens materiais de divindades, substâncias mágicas, [itens] cerimoniais, de arte, monumentos, todo um vasto e heteróclito conjunto de [itens] materiais [que] circulam significativamente em nossa vida social (GONÇALVES, 2007, p. 14).

Entretanto, onde se situa neste universo o mundo animado? Os seres vivos, dentre eles os animais e as plantas, assim como seus fragmentos - uma folha, uma semente, um pólen, um dente, um ovo, um pedaço de tecido, uma molécula de DNA, os animais de estimação, além do próprio ser humano - também fazem parte do nosso cotidiano, podendo adquirir o *status* de objetos. Contudo, quase nunca os imaginamos como tais e, raramente, são discutidos e analisados como objetos no seu sentido mais restrito. Este assunto será abordado no Capítulo 2 desta Tese.

1.1.2 Objeto de coleção

A caracterização do termo “objeto” é de vital importância para o conceito de coleção, assim como para a própria definição dos espaços reservados à guarda destes itens, normalmente denominados museus, pelo menos naqueles identificados como “clássicos”, onde os objetos constituem os elementos primordiais das coleções e, consequentemente, da própria existência destas instituições.

O estudo dos objetos por si é um assunto complexo e quando tratamos do estudo e da definição de objetos musealizados o problema se potencializa já que “um objeto musealizado não é simplesmente um objeto em um museu” (MENSCH, 1992).

Um objeto de coleção, independentemente da sua classificação, se caracteriza por ser um item que foi retirado do seu contexto original, suspendendo-lhe suas funções em prol da sublimação de seu valor simbólico. Tais objetos não conseguem portar nem transmitir de maneira integral sua realidade primitiva podendo, apenas, representar parte desta.

Para Chatwin (1990, p. 19),

> um objeto [depositado] em um museu sofre a destituição de sua essência como um animal no zoológico. No Museu o objeto “morre”, de asfixia e do olhar do público, ao passo que a propriedade privada confere ao proprietário o direito e a necessidade do toque. Assim como uma criança estende a mão para pegar um objeto, um colecionador

> apaixonado, os olhos em harmonia com as mãos, devolve ao objeto o toque vivificante de seu criador.

Muitos autores do campo da Museologia argumentam que esta anulação da "vida" de um objeto não acarretaria sua "morte", mas sim seu "renascimento" como um objeto de coleção dentro de um novo universo de significações[5].

Pomian (1985, p. 53) já aponta para as diferenças existentes entre os objetos depositados nas coleções particulares daqueles pertencentes às instituições públicas, dentre estas os museus.

Esta diferença pode ser observada, também, na seguinte colocação apresentada por Rangel (2005, p. 83):

> No Jardim Botânico [bairro da cidade do Rio de Janeiro] existe um casal que possui uma coleção de imaginária, [...] sua coleção é muito requisitada para exposições no exterior e em outros estados. Certo dia, devolvi uma imagem de Santa Luzia que estava no Maranhão, quando acabamos de desembalar a proprietária exclamou: "Ah, meu Deus! Que saudades eu estava da minha Santa Luzia, quanto tempo, quanto tempo que eu não converso com ela, ela fica ali olhando pra mim.

Tanto Rangel quanto Chatwin, anteriormente citados, mencionam dois pontos extremamente importantes para a análise do animal como objeto de coleção: o olhar e o toque, este último tendo um efeito completamente antagônico daquele observado para um objeto inanimado, como verificaremos no Capítulo 2.

O uso é um dos parâmetros adotados por Pomian para caracterizar um objeto de coleção. Segundo este autor, um objeto ao ser depositado em uma coleção e consequentemente retirado do seu contexto original, perderia para sempre sua utilidade, adquirindo, a partir de então, como única finalidade ser contemplado pelo olhar (POMIAN, 1984, p. 51). Esta característica estabelecida por Pomian aos objetos de coleção, pode ser questionada. Os objetos mantidos pelos museus exploratórios e pelos centros de ciências, por exemplo, estão constantemente sendo manuseados pelos visitantes, os quais interagem com as peças expostas que, pelo uso constante, necessitam ser frequentemente reparadas ou mesmo repostas. Em alguns museus clássicos, como o Museu de Arte Sacra de Paraty, os objetos mantidos em seu acervo são periodicamente utilizados, com suas simbologias originais, pela população durante as festividades religiosas[6].

---

[5] A utilização metafórica dos termos "vida" e "morte" empregada aos objetos inanimados amplamente utilizada pelo Campo da Museologia, pela lógica deve ser estendida, também, ao termo "renascimento" que, por definição, significa nascer novamente após, evidentemente, ter sido submetido a um estágio simbólico de morte. Logo, se existe um renascimento está subentendido que existiu um estado de morte.

[6] Neste caso específico, entretanto, podemos considerar a cidade de Paraty, em um todo, concebida como um museu de território, no qual o foco dos processos de conservação está direcionado para as relações socioculturais realizadas neste espaço; funcionando o Museu de Arte Sacra desta cidade, desta forma, como um espaço temporário, para a guarda da coleção das coisas/objetos utilizados nas atividades desenvolvidas pela comunidade.

Este mesmo questionamento poderia ser aplicado às áreas naturais musealizadas, onde a contemplação dos seus exemplares biológicos é um fator que poderíamos considerar “secundário” perante a importância que apresentam para o ambiente no qual estão inseridos; o mesmo se pode dizer sobre a coleção de objetos nos Ecomuseus que, apesar de percebida como um conjunto de bens coletivos (patrimônio) da comunidade[7], são de uso frequente no cotidiano dos indivíduos.

Apesar de o objeto de coleção não retratar a totalidade da realidade ambiental, temporal ou social, da qual foi suprimido, sua presença, na maioria das vezes, deflagra no observador um processo de reconhecimento, o qual identifica neste objeto/coisa sua função/utilidade inicial. Isto ocorre, por exemplo, com os espécimes taxidermizados, que, apesar de apresentarem como parte tangível somente uma pele curtida, são reconhecidos como animais em sua totalidade (TSURUTA, 1984, p. 30), mesmo se a pele utilizada for constituída por material sintético.

Esta colocação nos leva a um conceito que permeia os objetos de coleção, principalmente no tocante à *Musealia*[8], que dá margem a muita discussão: o conceito de originalidade, ao qual está intimamente associado o conceito de autenticidade.

Desvallées (1985, p.29) argumenta que essa discussão seria uma tentativa de caracterizar uma singularidade presente nos objetos; singularidade esta que faz com que tais itens sejam considerados elementos únicos. Podemos ainda nos reportar a outras denominações de uso frequente no âmbito da Museologia utilizadas para designar esta “qualidade”, que para muitos autores é essencial aos objetos de coleção, como “genuíno” e “real”.

A questão levantada nessas discussões está centrada na utilização, ou não, de objetos classificados como cópias, réplicas e reproduções, como parte integrante das coleções.

O emprego de substitutos, objetos que exerceriam a função de outro numa determinada coleção, é defendida por alguns autores. Entretanto, essa prática, para a maioria deles, não deveria ser generalizada, devendo ser utilizada com certa cautela e em determinadas circunstâncias especiais como, por exemplo, para salvaguardar um objeto “original” que se encontra em estado precário e cuja exposição comprometeria seu estado geral de conservação[9] (BRO-JØRGENSEN, 1985, p. 157).

Schreiner (1984, p. 24) é mais radical em sua colocação, defendendo que a *Musealia* deveria ser formada, exclusivamente, por objetos autênticos, pois, segundo

---

[7] Ecomuseu de Santa Cruz. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/oquefaz.html>. Acesso: 20 Mai. 2017.

[8] Termo empregado pela primeira vez por Stránský, em 1969, para designar os objetos depositados nos museus.

[9] Ressaltamos que retornaremos a esta discussão no Capítulo 2, ao analisarmos o emprego dos termos reprodução, cópia e substitutos em relação aos animais como objetos de coleção.

esse autor, o acesso às evidências irrefutáveis e concretas dos processos naturais e sociais somente podem ser inferidas através da autenticidade.

Desvallées (1985, p. 28) ressalta que a discussão[10] em torno do uso ou não de substitutos como objetos de coleções é, em parte, decorrente de dois pontos de vista distintos: por um lado a visão estabelecida pelos historiadores da arte, os quais "toleram" a utilização de substitutos em casos excepcionais, como a fragilidade do "original"; e, por outro, a visão dos antropólogos, que defendem seu uso, até de forma sistemática, pelos museus por seu potencial educativo.

Os objetos produzidos ao longo da história, indiscutivelmente, refletem as ideias e os fazeres que caracterizaram, e continuam caracterizando, os diferentes grupos sociais, em diferentes épocas. Entretanto, Mensch (1985, p. 45) ressalta que a preocupação com a preservação dos objetos, em especial, é uma característica da cultura ocidental e que se o foco fosse direcionado para a preservação das ideias e das tradições, e não para os objetos em si, a discussão sobre o uso de substitutos não seria um critério tão preponderante para a seleção dos itens de uma coleção.

Para Mench (1985, p. 46) a

> preservação das tradições é até certo ponto comparável à conservação dos animais pelos zoológicos: não são os animais individualmente que são conservados (pois todos os indivíduos têm uma finitude) mas sim as espécies.

Dentre as diversas conotações para o termo "original"[11] está aquela que o associa diretamente a uma origem, seja esta referente a um local, tempo ou mesmo a um determinado agente. Sob este aspecto, podemos considerar que todos os objetos são itens originais, ou seja, têm uma origem determinada, apesar de em alguns casos esta poder ser desconhecida. Os objetos classificados como substitutos, dentre eles as cópias, não deixam de ser documentos que refletem os fazeres de uma época, de uma prática ou mesmo das características de um determinado tipo de maquinária que as produziu. Uma "cópia" de hoje será um documento de época no futuro, faltando-lhe, para ser considerada como tal, apenas uma carga temporal. Se subtrairmos desta análise o tempo, poderemos considerar que a questão central que está por trás desta discussão, na prática, é o conceito de autenticidade.

Entende-se por autenticidade a constatação, por parte de um agente ou de uma instituição, de que a origem atribuída a um dado objeto foi confirmada como verdadeira.

---

[10] Esta discussão está relacionada à análise realizada, por Desvallées, dos trabalhos enviados ao Simpósio do ICOM (*International Committee for Museology*), realizado em outubro de 1985, ocorrido em Zagreb, que teve como tema o emprego de "Originais e Substitutos nos Museus".

[11] Termo derivado do latim *originalis*, de *originem* (nominativo *origo*) com o sentido de começo. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=original>. Acesso: 07 Mai. 2017.

A autenticidade é assim, mesmo em muitos casos respaldada por análises científicas, um julgamento subjetivo.

Para Desvallées (1985, p. 30), a discussão em torno de um objeto de coleção, como já mencionamos anteriormente, está associada a uma singularidade, ou seja, o item em questão deve ser um objeto original e autêntico e, dependendo do caso, ter também a característica de um objeto único.

Para Benjamin (1936, p. 13), a singularidade de um objeto (obra de arte) recai no fato de esta apresentar uma aura, que a conectaria, diretamente, a um "aqui e agora", peculiaridade inexistente nos substitutos[12]. Esta "aura" preconizada por Benjamin teria, na prática, o poder de reforçar o conceito ocidental de supervalorização dos objetos, fato não preponderante nas culturas orientais e tradicionais, para as quais os objetos, mesmo os portadores de representações simbólicas utilizados em determinados rituais, são periodicamente substituídos à medida que, pelo uso, se degradam. O que diferencia, segundo Konarè (1985, p.57), os substitutos nas culturas tradicionais daqueles presentes nas culturas ocidentais é o fato de os

> objetos removidos [nas culturas tradicionais] serem imediatamente destruídos de acordo com as regras das tribos. Uma cópia e seu original não podem existir ao mesmo tempo. A cópia tira sua vida, seu poder, do original falecido, [e] a utilização em cerimoniais confere o caráter "original" ao novo objeto criado. "O rei está morto, viva o rei".

A passagem descrita por Konarè nos remeteria, inicialmente, à ideia de que uma "cópia" e seu "original" não poderiam coexistir; entretanto, esta conclusão é errônea. Quando uma "cópia" (substituto), que não é necessariamente o retrato fiel do seu "original", "tira sua vida, seu poder, do original falecido", sendo-lhe, assim, conferido o *status* de original, seguindo o raciocínio de Konarè, o que realmente está sendo colocado é a impossibilidade da coexistência de dois "originais" e não de uma "cópia" e "seu original"[13]. Todo objeto é, como já colocamos anteriormente, original, apresenta uma origem determinada e uma singularidade que o diferencia de todos os demais. Podemos inclusive aplicar esta definição aos objetos ditos "em série" e mesmo, de um modo muito simplista, aos organismos vivos, apesar de, em muitos casos, devido a limitações biológicas ou tecnológicas, não sermos capazes de discernir diferenças significativas entre eles.

Lira (1998, p. 165), a meu ver, resume de maneira primorosa a controvérsia existente em torno deste tema:

> O *autêntico* assume então um outro valor: peça idêntica à realmente usada, manufacturada por processo e em condições em tudo idênticos

[12] Vale ressaltar que mesmo um substituto é um documento que encerra, em si, um "aqui e agora" que, obviamente, é diverso daquele apresentado por qualquer outro objeto.
[13] Fato este corroborado pela Física Quântica que estabelece a impossibilidade da existência de dois originais simultaneamente (PIQUEIRA, 2011).

> à peça genuína (a utilizada para a sua primitiva e verdadeira função), saída até das mesmas mãos de tantas outras que não encontraram o estatuto de "peça de museu", pode ser considerada não uma réplica desprezável mas sim uma peça autêntica. Curiosamente, pelas circunstâncias excepcionais em que foi encomendada, manufacturada, marcada e exposta, ela é, também, uma peça única, mas que não reivindica esse estatuto, muito pelo contrário: pretende ser uma entre muitas, e, por isso mesmo, representativa.

O mundo seria, sob este aspecto, povoado por objetos originais, sendo os seres vivos, mesmo os clones naturais (gêmeos), seus exemplos típicos.

Essa discussão está longe de ser solucionada, principalmente quando o objeto em questão é uma obra de arte. Entretanto, quando nos reportamos aos seres vivos como objetos de coleção esse assunto adquire uma outra dimensão, como veremos no Capítulo 2.

1.2 COLEÇÃO

Apesar de os assuntos relacionados aos hábitos e costumes dos nossos antepassados pré-históricos serem alvo de muita especulação, o ato de coletar, desenvolvido por nossos ancestrais, teve como consequência direta o aparecimento do ato de colecionar.

> Pelo menos desde o início do Paleolítico Médio há ampla evidência de objetos não utilitários (cristais, minerais, fósseis, substâncias orgânicas) coletados e preservados pelo homem que podem ter tido o mesmo significado que têm hoje. [...] Coleções de pedras com formas estranhas ou de conchas fósseis foram encontradas em sítios Neandertais, atestando o interesse e a atenção (para objetos) não relacionados às necessidades meramente materiais, precedendo o interesse em colecionar [...] verificado no Paleolítico Superior (SCHAEFER *apud* FACCHINI, 2000, p.550).

O processo que levou à domesticação de animais e plantas, ocorrido basicamente no Holoceno[14], pode ser relacionado à formação das Coleções Zoológicas Vivas[15] visto que, mesmo tendo ocorrido de maneira não intencional, se deu pela escolha de determinados seres vivos que apresentavam certas características em comum, dentre elas sua facilidade em se submeter ao controle da espécie humana, que, segundo alguns autores, seria, na prática, uma facilidade de criar relações de comensalismo com a nossa espécie (VIGNE, 2010, p.173). Com o domínio do processo de domesticação, as populações humanas, antes nômades, passaram a ter uma vida

[14] Escala do tempo geológico que se iniciou a aproximadamente 11.500 anos, após o fim do último período glacial.
[15] Vide o tópico "Proto-coleções" no Capítulo 2 desta Tese.

sedentária, cujos primeiros assentamentos, surgidos a partir do sexto milênio a.C.[16], resultaram no surgimento das primeiras grandes civilizações da Antiguidade.

Desde então, a prática de colecionar objetos esteve presente em todas as sociedades, não só nos grupos dominantes, cuja coleção tinha como finalidade representar o *status* social e de poder de seus representantes, mas também nas classes menos favorecidas, espelhando a curiosidade e a atração dos humanos por itens pouco comuns ou ligados, de alguma forma, às representações simbólicas que faziam referência a seus antigos donos.

Entretanto, foi durante a renascença europeia que o colecionismo se desenvolveu como uma atividade diferenciada e organizada, baseada nos padrões estéticos e científicos que surgiram a partir da Era Moderna, fortemente influenciados pelos Humanistas, pela descoberta de novos mundos e pela intensificação do comércio com povos culturalmente diferentes dos padrões europeus.

Baudrillard (2012, p.111) considera a acumulação de objetos um estágio inferior de um processo cultural que, em determinados casos, pode evoluir para uma coleção propriamente dita. Essa transmutação ocorrerá sempre que um dado conjunto de objetos adquirir uma sistemática interna, um significado implícito.

Apesar de uma coleção apresentar, como característica principal e determinante, coerência e significado entre seus diversos componentes (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.32), estabelecidos pela escolha direcionada dos objetos que farão parte da coleção, diferenciando-a de um mero conjunto, depósito ou acumulação de objetos, em determinados casos, esta coerência pode não se apresentar claramente evidenciada, como revela, a princípio, Rangel (2011, p. 150), ao analisar a coleção museológica de propriedade do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, ao comentar que

> a falta de uma concepção clara do que possui valor histórico, artístico e científico, do que pode ser considerado patrimônio, [...] deve ser vista como um elemento determinante na heterogeneidade de algumas coleções.

Contudo, esta heterogeneidade aparentemente observada em determinadas coleções deve-se ao fato de tentarmos analisar um dado conjunto de objetos aos olhos da atualidade e não à luz do momento histórico, cultural, social ou mesmo psíquico, segundo o qual uma dada coleção foi criada.

> O que realmente define a existência de qualquer coleção não é tanto o conjunto de objetos que a forma ou como estes se distribuem e se expõem à vista dos demais [objetos], mas sim as relações que seus proprietários sustentam sobre eles (HERRERA *apud* JIMÉNEZ, 2009, p. 184).

[16] Um dos primeiros assentamentos humanos de que se tem registro é *Çatalhöyük*, localizado no platô da Anatólia, atual Turquia. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1405>. Acesso: 12 Mai. 2014.

Um artigo amplamente utilizado como referência, quando o tema aborda o conceito de coleção, é o trabalho de Krzysztof Pomiam, no qual o autor preconiza que uma coleção é formada por

> qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado para este fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1984, p.53)[17].

A definição de coleção, entretanto, tem variado no decorrer do tempo, principalmente por estar diretamente associada ao conceito de objeto; entretanto, todas têm em comum a ideia de conjunto.

A Unesco, por exemplo, propõe uma das definições mais abrangentes para o termo. Segundo esta organização, uma coleção seria constituída por "um conjunto de propriedades culturais e naturais, tangíveis e intangíveis, passadas e presentes"[18], ficando seus Estados Membros livres para definir o cerne deste conceito nos termos de seus próprios quadros normativos.

Tsuruta (1984, p. 36) levanta uma questão interessante em relação a este assunto: existe um número mínimo necessário de objetos para se estruturar uma coleção?

Sabemos que, pelo ramo da Matemática denominado Teoria dos conjuntos, um conjunto pode ser constituído por apenas um elemento; logo, uma coleção poderia ser formada por apenas um objeto. Tsuruta cita, como um destes exemplos, o Museu do Convento de *Santa Maria delle Grazie*, em Milão, que, apesar de ser um caso raro, possui uma coleção formada por apenas uma obra, o mural "A última ceia", pintado por Leonardo da Vinci[19]. A ideia de um conjunto unitário, uma coleção formada por apenas um elemento, vai de encontro à definição normalmente estabelecida de que uma coleção é uma organização mais ou menos complexa de objetos que se relacionam uns com os outros (BAUDRILLARD, 2012, p. 95). Numa coleção unitária o objeto que a integra, "dialogaria" com ele mesmo[20].

---

[17] É importante ressaltar que nem todos os objetos que integram uma coleção estão expostos e acessíveis ao olhar do público. Os objetos depositados nas reservas técnicas, ou nos chamados setores extras das instituições mantenedoras de seres vivos, estão parcialmente, ou mesmo totalmente, fora do circuito de visitação.

[18] Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49357&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso: 28 Abr. 2017.

[19] Por outro lado, podemos considerar que a própria arquitetura e demais elementos estruturais que integram esta igreja constituem parte dos elementos que estabelecem o conjunto de objetos do Museu do Convento de Santa Maria dele Grazie.

[20] Seguindo este raciocínio, poderíamos ter, teoricamente, coleções sem objetos, formadas por um conjunto vazio de elementos; isto, contudo, não significa dizer que o conjunto vazio seja inexistente, ele tem uma existência, em si, como conjunto. Este fato, tecnicamente, não iria de encontro à premissa estabelecida por Brain (*apud* DILLENBURG, 2011, p.10), para o qual "os museus existem em virtude de suas coleções, se privarmos um museu de suas coleções ele deixará de existir". Assim, um museu "sem objetos" continuaria sendo uma instituição que apresenta uma coleção caracterizada pela ausência destes, por mais estranho que pareça. Sob este aspecto, podemos distinguir duas características distintas de museus, a primeira

Independentemente das questões filosóficas envolvendo a quantidade de itens em uma dada coleção, que por si só é um tema merecedor de análise,

> de modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada (DESVALLÉES; MAIRESSE at all., 2013, p. 32).

À medida que estes itens, individuais ou reunidos em um conjunto (coleção), sejam valorados por uma dada sociedade, eles podem ser submetidos a um processo de musealização, iniciando-se, assim, uma nova fase de sua história[21], agora como parte integrante do acervo de um museu.

Apesar de os museus serem espaços destinados à preservação, documentação, conservação e salvaguarda do testemunho material e imaterial da humanidade, podendo abrigar uma miríade de itens que direcionam a formação de inúmeras coleções museológicas com características e estilos diferenciados, podemos distinguir, nesta aparente multiplicidade de instituições, três modelos conceituais básicos que os norteiam.

O modelo mais difundido de instituição que abriga coleções é denominado Museu Tradicional ou Clássico, que tem sua base conceitual estruturada nos objetos, cuja ausência, segundo Brian, anteriormente citado, acarretaria a inexistência da coleção e consequentemente do próprio museu; premissa esta que, teoricamente, pelo que já apresentamos, não seria de todo verdadeira.

Nos estabelecimentos estruturados segundo este modelo, os objetos expostos são obrigatoriamente retirados de seus contextos originais. Os museus tradicionais, desta forma, “cria[m] e recria[m] realidades a partir desses elementos arbitrariamente selecionados do mundo, desenhando metáforas com a intenção específica de provocar no observador determinadas emoções” (SCHEINER, 1999, p. 147). Encontramos, entretanto, dentro desta categoria, instituições que apresentam comportamentos díspares no tocante à exposição de seus objetos, que vão da total inacessibilidade física, por parte dos observadores (público) até a sua total manipulação pelos visitantes, nos chamados Museus Exploratórios. As instituições que mantêm coleções de

---

englobando os museus que não apresentam acervo próprio, porém realizam exposição com objetos oriundos de outras instituições e na segunda teríamos os museus que não apresentam coleções formadas por objetos tangíveis. Paradoxalmente no primeiro exemplo estariam inseridos os museus constituídos por coleções vazias de objetos, enquanto os museus classificados na segunda categoria, apesar de possuírem uma coleção formada por um conjunto de objetos intangíveis, imagens, sons e demais efeitos sensoriais apresentados em suas galerias de exposição, seriam enquadrados na categoria de museus com coleções.

[21] Evitamos propositalmente aqui empregar o termo “vida” conforme discutido anteriormente no tópico sobre objeto de coleção.

organismos vivos, comumente denominadas Jardins Zoológicos e Jardins Botânicos[22], são consideradas museus que seguem o modelo tradicional, segundo os estatutos do ICOM.

O segundo modelo conceitual de museu (SCHEINER, 1998) começou a ser estruturado em meados do século XIX, tendo como inspiração as exposições universais realizadas na Europa (RIBEIRO, 2002, p. 32). Dentro desta nova perspectiva, o Museu Nórdico de Skansen, inaugurado em 1891, em Estocolmo, é uma das primeiras manifestações deste novo padrão conceitual, inicialmente conhecidos pela nomenclatura "Museus a céu aberto" e, atualmente, amplamente conhecidos como Museus de Território. A filosofia por trás deste padrão não tem seu foco no objeto, mas sim na preservação do "*modus vivendi* das comunidades humanas, nas completas teias entre os seus membros e entre estes e o meio ambiente circunjacente" (RIBEIRO, 2002, p. 34). Segundo Scheiner (1999, p. 156), nos Museus de Território, que englobam, entre outros exemplos, os Ecomuseus, os Parques Nacionais e os Sítios Arqueológicos e Etnográficos,

> já não existe a vinculação absoluta entre museu e passado, entre museu e coisa acabada: pois Museu é tudo o que se dá no presente, e também no passado e na projeção de futuro [...] e onde não se imagina que um objeto possa efetivamente representar mais que a síntese do seu próprio universo relacional, do seu próprio sentido.

O terceiro padrão conceitual, surgido nas últimas décadas do século XX, fruto dos novos paradigmas que assolaram o mundo contemporâneo, é o museu virtual[23].

Para Scheiner (1999, p. 159), estes museus "representa[m] (e interpreta[m]) o mundo sem que para isto se conte com a presença daquilo que a convenção havia consagrado como 'objeto de museu'". Apesar de os Museus de Território também não se apoiarem no objeto como essência para sua existência, os Museus Virtuais se diferenciam destes por se expressarem em um suporte digital. Estes museus se caracterizam por apresentar uma existência exclusivamente física, nas telas dos computadores, constituindo-se em entidades desterritorializadas, sendo "simultaneamente de todos os lugares, pois entra em rede e alcança o mundo em tempo real" (SCHEINER, 1999, p. 160). Scheiner ressalta ainda que a utilização, pelos Museus Tradicionais e de Território, dos recursos multimeios e das novas tecnologias, não os torna virtuais, pois ainda continuam utilizando-se de espaços físicos definidos para a

[22] Os Jardins Zoológicos, Jardins Botânicos, Aquários, assim como as Reservas e Parques Naturais, Arqueológicos e Geológicos são referidos muitas vezes como "Museus de Natureza"; entretanto, estes espaços são classificados, segundo os padrões conceituais de museus, em categorias distintas. Enquanto os Jardins Zoológicos e Botânicos seguem o modelo tradicional, as Reservas e Parques são enquadrados em uma categoria denominada "Museus de Território".

[23] Os museus virtuais podem ser denominados também de: Museu *on line*, Museu eletrônico, Hipermuseu, Museu digital, Cibermuseum ou Museu na *web* (SCHWEIBENZ, 2004, p. 1).

expressividade dos seus objetos ou das relações naturais e sociais que exibem (SCHEINER, 1999, p. 160).

Lima (2009, p. 14) identifica, dentro da categoria intitulada Museus Virtuais, três padrões distintos diferenciados pelo uso que fazem do espaço digital: o “Museu Virtual Original Digital”, onde tanto o museu quanto a coleção apresentada não possuem correspondentes no mundo físico; o “Museu Virtual Conversão Digital”, que se opõe ao primeiro por ter o museu e sua coleção representadas tanto no espaço físico quanto no espaço virtual e o “Museu Virtual Composição Mista”, o qual, apesar de não possuir uma existência física, apresenta uma coleção formada por objetos tangíveis que foram convertidos digitalmente.

Apesar de o ICOM, em sua definição de museu, não incorporar oficialmente o termo Museu Digital, este reconhece que tanto o patrimônio tangível quanto o intangível fazem parte dos processos de preservação e valorização destas instituições.

As Coleções Zoológicas Vivas, base constituinte da formação de mais de 10.000 instituições espalhadas por todo o mundo, das quais os Jardins Zoológicos são seus representantes mais conhecidos, recebendo mais de 600.000.000 visitantes por ano (PAIS, 2013, p. 7), integram um tipo peculiar de coleção ainda pouco explorada e discutida, de forma consistente e ampla, pelo Campo da Museologia. O estudo do ser vivo, dentro deste âmbito, contudo, é um tema que levanta inúmeros desafios sobre questões relativas não só aos processos de musealização da vida, mas também pela sua apreensão como artefatos da cultura material, tema que abordaremos no Capítulo 2, que a seguir passaremos a apresentar.

CAPÍTULO 2

O natural desnaturalizado

Fonte: http://www.sadanduseless.com

2.1 O ANIMAL COMO OBJETO DE COLEÇÃO

Independentemente da discussão que possa ser levantada em torno dos objetos de coleção, a principal característica que diferencia as coleções tradicionais ou clássicas, compostas por itens inanimados, das coleções formadas por seres animados é, indiscutivelmente, a natureza do objeto que as compõe, o ser vivo, e a presença, neste, do fenômeno da vida.

Vale ressaltar que vida é um conceito que não possui uma definição precisa e aceita universalmente, como podemos perceber na colocação de Sagan (2012, p. 303):

> Apesar da enorme quantidade de informação fornecida pelos diversos especialistas da área da Biologia, é evidente que não existe um consenso geral do que está sendo estudado. Não existe nenhuma definição de vida aceita universalmente. Há uma clara tendência não só dos especialistas, mas também das pessoas em geral, em definir vida baseados em seus próprios princípios.

O termo “vida” normalmente está associado ao termo “vivo”, aquele que vive, que apresenta vida, sendo vinculado diretamente ao conceito de "ser vivo"; entretanto, pode também apresentar o significado de ter atividade, de ser ativo, no sentido de atuante. Por esta razão, a nomenclatura “museu vivo”, muitas vezes empregada para designar as instituições que apresentam acervos compostos por seres vivos, não seria adequada, pois uma instituição composta por objetos inanimados pode ser designada como “viva”, no sentido e atuar ativamente com a sociedade na qual está inserida. As instituições que abrigam coleções biológicas (zoológicas, botânicas ou microbiológicas) vivas são, por esta razão, adequadamente denominadas quando desiganadas como instituições (museus) com coleções biológicas constituídas por exemplares vivos.

Outra questão que merece destaque em relação à palavra “vida” consiste no fato de que, no âmbito da Biologia, ela não se opõe ao conceito de morte, mas sim ao de "bruto". Sob este enfoque, a natureza está dividida em dois grupos distintos de seres: os seres vivos, abrangendo todos aqueles que apresentam ou apresentaram, em algum momento de sua existência, o que denominamos de vida; e os seres brutos, que nunca possuíram e que, pelas evidências científicas atuais, nunca deverão apresentar as propriedades que caracterizam a vida. O que não é vivo é, assim, classificado como bruto. Um ser vivo, que por alguma razão deixou de apresentar as características que o definem como vivo é designado como um "ser vivo morto", ou simplesmente um "ser morto", não sendo nunca referido como um "ser bruto". Podemos observar que, em determinados casos, a vida pode retornar ao ser morto, processo denominado ressuscitação[1], mas nunca se fará presente em um ser bruto. Tecnicamente, todo ser

[1] Derivado do latim *resurgere* (re - "outra vez" + *surgere* "surgir"). Online Etymology Dictionary (http://www.etymonline.com/index.php?term=resurgent&allowed_in_frame=0). Apesar de esta prática ser

morto é um ser vivo que, em dado momento, deixou de apresentar as propriedades que o definiam como vivo.

Feito estes esclarecimentos, vamos analisar, agora, os seres vivos como objetos de coleção.

Existem alguns parâmetros que diferenciam os seres vivos dos demais objetos inanimados de uma coleção. Dentre estes, podemos citar a insubstituibilidade, um fator normalmente considerado inerente aos objetos inanimados depositados nas coleções, principalmente àqueles formados por objetos artísticos ou históricos. Para Mullan (1987, p.122), os exemplares incorporados às Coleções Zoológicas Vivas, por não serem considerados itens únicos, não seriam enquadrados na categoria de itens insubstituíveis. Apesar de a colocação apresentada por Mullan poder ser aplicada à maioria dos espécimes que integram tais coleções, este conceito não pode ser generalizado para o mundo biológico, existindo, pelo menos, dois casos nos quais ela não se aplica.

Muitos exemplares vivos mantidos nas coleções biológicas podem, sim, apresentar esta característica; entretanto, não seria uma insubstituibilidade no tocante ao campo biológico, a que Mullan certamente estaria se referindo, mas sim em relação à carga cultural que tal organismo adquire ao longo de sua trajetória na coleção.

Dentre os diferentes exemplos de animais que apresentam uma biografia cultural[2] que os tornam, ou tornaram, itens insubstituíveis de uma coleção zoológica, podemos citar o caso do Macaco Tião (LOUREIRO, 2015, p. 128), exemplar pertencente à Coleção Zoológica Viva da Fundação RIOZOO[3], no final do século XX. Um outro exemplo ao qual podemos aplicar o conceito de insubstituibilidade a um espécime, tendo este adquirido *status* cultural ou não[4], ocorre quando uma instituição mantém, como parte integrante de seu acervo, o último exemplar vivo conhecido de uma determinada linhagem biológica. Nestes casos, estes exemplares seriam classificados como itens

---

amplamente utilizada pela medicina (ressuscitação cardiopulmonar), com o objetivo de reviver, especificamente, um indivíduo cientificamente determinado como morto, o termo tem sido empregado, também, nos estudos que visam a restabelecer uma espécie extinta.

[2] O livro *The Afterlives of Animals: A Museum Menagerie*, organizado por Samuel J. M. M. Alberti (*University of Virginia Press*, 2003), apesenta a biografia de vários animais icônicos que foram integrados às Coleções Zoológicas Vivas durante o século XIX.

[3] O chimpanzé (*Pan troglodytes*) denominado “Macaco Tião” (1963 - 1996), foi o espécime mais emblemático do Jardim Zoológico da Cidade do Rio de Janeiro (atual Fundação RIOZOO), tendo sido decretado, pelo prefeito da cidade, Cesar Maia, luto oficial de três dias assim como o hasteamento das bandeiras da Fundação RIOZOO, a meio-mastro, pela sua morte. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20060506004446/http://rio.rj.gov.br/riozoo/tiao.htm>. Acesso: 27 Abr. 2016.

[4] Segundo Heliger (*apud* KISLING Jr., 2001, p. 308), “*Today the wild animal is considered to have cultural value; it is regarded as part of our heritage, to which the whole mankind and particularty future generations, has a legitimate claim*” (Hoje considera-se que o animal selvagem apresenta um valor cultural, constituindo parte integrante de nosso patrimônio, sobre o qual toda a humanidade e particularmente as gerações futuras têm uma reivindicação legítima (Tradução nossa)). A meu ver, entretanto, um dos grandes problemas que afeta o ambiente, e consequentemente os seres vivos que o integram, é justamente esta noção de posse (“nosso patrimônio”, “reivindicação”) legitimada pela espécie humana, a qual acaba vinculando o destino de seus membros a julgamento de valores sociais e não de valores naturais, os quais predominariam se a relação entre a espécie humana e o ambiente fosse de pertencimento.

únicos; logo, insubstituíveis. Podemos citar como exemplos de instituições que abrigaram os últimos exemplares de uma determinada linhagem biológica conhecida, o Jardim Zoológico de Cincinnati, nos Estados Unidos da América, depositário de "*Martha*", último Pombo-passageiro (*Ectopistes migratorius*), e de "*Incas*", o último Periquito-da-Carolina (*Conuropsis carolinensis*), extintos, respectivamente, em 1914 e 1918; o Jardim Zoológico de Hobart, na Austrália, que abrigou, até 1936, "*Benjamin*", último remanescente vivo do Lobo-da-Tasmânia (*Thylacinus cynocephalus*) e a Estação Científica Charles Darwin, nas Ilhas Galápagos, que manteve "*El solitario George*", de dezembro de 1971 a 24 de junho de 2012, como o último representante de sua subespécie (*Chelonoidis nigra abingdoni*), originalmente habitante da Ilha de Pinta, dentre outras (Figura 1).

É importante ressaltar que, mesmo nos Museus de História Natural que exibem espécimes taxidermizados, tais exemplares não apresentam a "aura" do insubstituível, salvo quando estes exemplares pertencem a alguma espécie já extinta, quando fazem parte de um processo histórico-cultural (Figura 2), quando relacionados a um determinado artista (taxidermista) renomado ou quando a instituição mantém em seu acervo holótipos, parátipos, síntipos, lectótipos, paralectótipos e neótipos[5]. Nestes três últimos casos, entretanto, esta qualidade de objeto único não é inerente ao objeto *per se*, mas decorrente de um processo cultural que justifica e legitima os objetos assim nomeados nestas coleções.

Mais raramente, temos o caso de uma Coleção Zoológica Viva expor um organismo *tipo* vivo, o qual apresentaria a qualidade de representante único, insubstituível, e que seria depositado, após sua morte, em algum Museu de História Natural. Recentemente, entretanto, temos observado uma prática adotada por alguns pesquisadores, mas combatida por muitos taxonomistas (NEMESIO, 2009, p.21-25), que consiste na descrição de uma nova espécie ou subespécie de ser vivo sem sua deposição em uma coleção, seja ela viva ou não (GENTILE, 2009, p.10).

[5] Holótipo - exemplar único, designado ou indicado como espécime-tipo de um táxon nominal do grupo da espécie, por ocasião da publicação original; Parátipo - todo espécime de uma série-tipo além do holótipo. Síntipo - cada exemplar de uma série-tipo da qual não se designou um holótipo; Lectótipo - um, dentre os vários síntipos, designado como espécime-tipo de um táxon nominal do grupo da espécie quando da ausência ou perda de um Holótipo; Paralectótipo - cada um dos síntipos originais remanescentes após a seleção de um lectótipo; Neótipo - exemplar único designado como o espécime-tipo de um táxon nominal do grupo da espécie, nos casos em que o holótipo, parátipos, lectótipo e sintipos, foram perdidos ou destruídos (*International Commission on Zoological Nomenclature*).

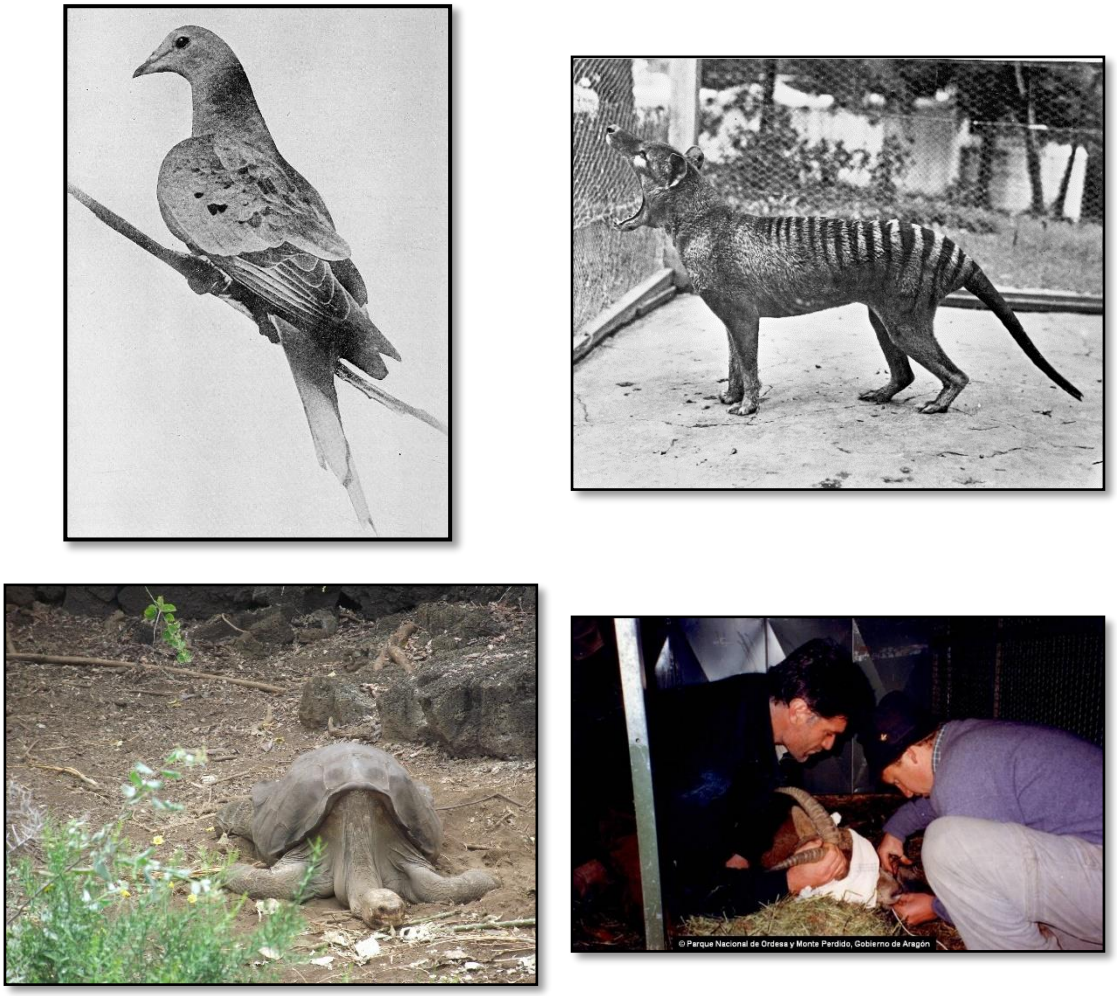


Figura 1: Animais únicos mantidos em Coleções Zoológicas Vivas. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: "*Martha*" - último Pombo-passageiro (*Ectopistes migratorius***)**, Jardim Zoológico de Cincinnati, Ohio, Estados Unidos da América[6]; "*Benjamin*" - último Lobo-da-Tasmânia (*Thylacinus cynocephalus*), Jardim Zoológico Beaumaris, Hobart, Austrália[7]; "*Lonesome George*" - última Tartaruga-da-ilha-Pinta (*Chelonoidis nigra abingdonii*), Estação de Pesquisa Charles Darwin, Puerto Ayora, Galápagos, Equador[8] e "*Célia*" - último Ibex-dos-Pirineus (*Capra pyrenaica pyrenaica*), Parque Nacional de Ordesa, Espanha[9].

A fundamentação para tal procedimento estaria baseada no real desconhecimento do *status* populacional deste indivíduo na natureza, justificando, assim, sua liberação após a descrição. Esta prática, contudo, não garante a futura preservação do exemplar *tipo* em uma coleção.

[6] Disponível em: <http://ebird.org/content/pa/news/remembering-martha-the-last-passenger-pigeon-lessons-from-the-past/>. Acesso 20 Mai. 2016.
[7] Disponível em: <https://allyouneedisbiology.files.wordpress.com/2015/09/lobo-de-tasmania-boca.png>. Acesso: 20 Mai. 2016.
[8] Foto do autor, Novembro de 2011.
[9] Disponível em: <http://esmateria.com/2013/04/04/siete-obstaculos-que-frenan-la-resurreccion-de-especies-extinguidas/>. Acesso: 20 Mai. 2016.

Figura 2: Casal de Eider-de-Steller (*Polysticta stelleri*). Oferta do Rei Eduardo VII, da Inglaterra, ao Rei D. Carlos I, de Portugal. Aquário Vasco da Gama, Lisboa. Foto do autor, 2016.

A discussão abordada no Capítulo 1, sobre o conceito de “original” e “cópia” merece ser retomada, agora sob o enfoque do exemplar vivo como objeto de coleção.

A característica intrínseca dos seres vivos, essencial para a perpetuação do fenômeno da vida através do tempo, é sua capacidade reprodutiva. Este fenômeno é conseguido por um processo, a nível molecular, denominado “replicação”, no qual o material genético presente nos seres vivos, ao se autoduplicar, gera cópias de si mesmo[10]. Como em qualquer processo de reprodução, biológico ou não, mas principalmente nos primeiros, a produção de novos exemplares nunca é perfeita, fazendo com que os exemplares produzidos possam ser individualizados, de uma forma ou de outra. Vale ressaltar que, no caso biológico, a matriz inicial que molda a produção de novos exemplares é o padrão gênico selecionado naturalmente ao longo do tempo, que caracteriza e individualiza um dado grupo biológico.

Como já comentamos no Capítulo 1, Benjamin (1936 p.13) considera que toda reprodução (cópia) carece de um detalhe essencial o “aqui e agora”, que torna a obra

[10] Nem todo processo de reprodução observado nos seres vivos envolve a participação direta do material genético. Nas chamadas reproduções assexuadas, como o brotamento e a fissão corporal, novos indivíduos são produzidos sem a participação da molécula de DNA (Ácido desoxirribonucleico), ou, em alguns casos, do RNA (Ácido ribonucleico).

de arte um objeto único quando de sua criação, conferindo-lhe autenticidade. As reproduções de objetos de arte e de seres vivos, contudo, se diferenciam unicamente pela linhagem genealógica que mantém com seus exemplares ancestrais; enquanto os segundos mantêm, obrigatoriamente, uma continuidade direta com seu ancestral, os primeiros apresentam uma total descontinuidade com este, apesar de ambos, artefatos e seres vivos, serem simultaneamente semelhantes e diferentes dos ancestrais que os moldaram (Figura 3).

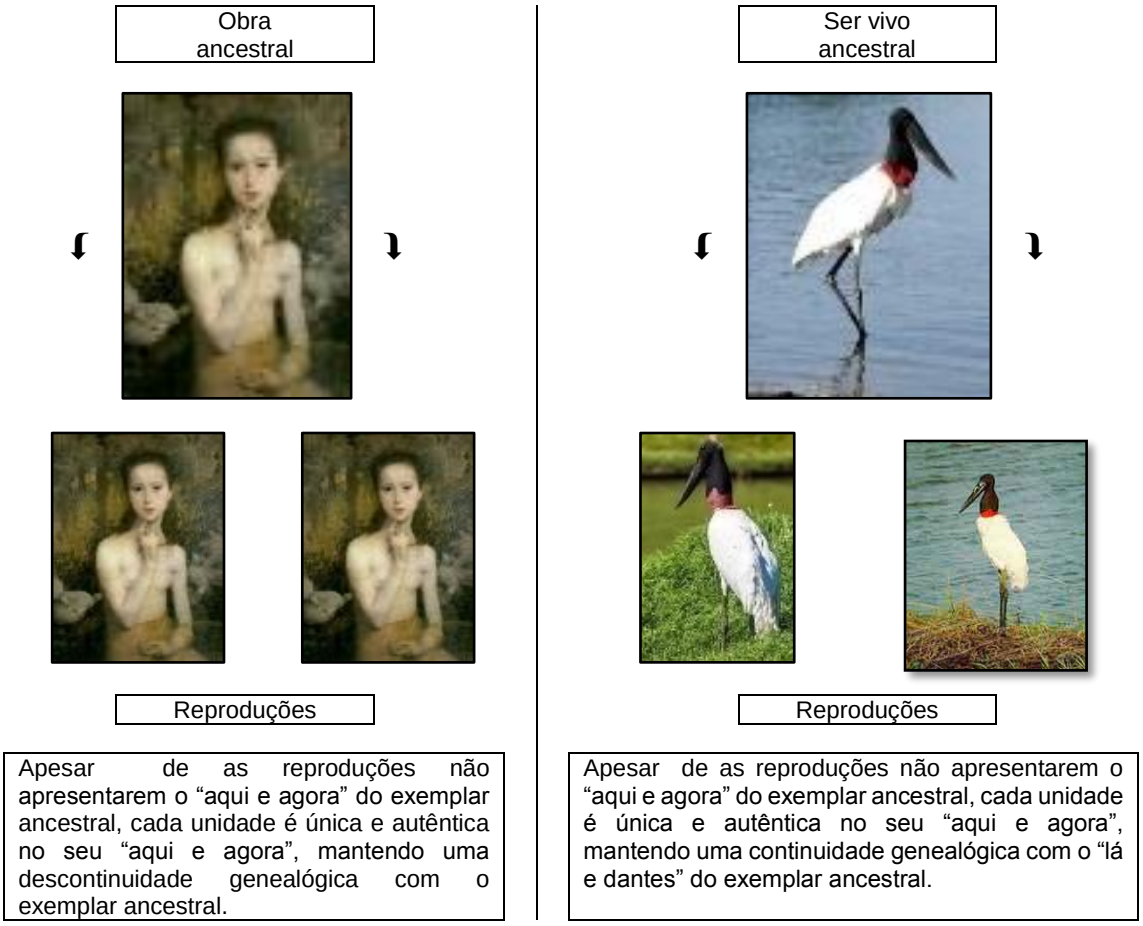


Figura 3: A obra de arte, o ser vivo e o conceito de "aqui e agora" de Walter Benjamim. À esquerda: Gioventú de Eliseu Visconti, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.
Fonte: <http://www.eliseuvisconti.com.br/obras_visconti/0761.htm>. Acesso: 03 Dez. 2017; à direita: Tuiuiú (*Jabiru nycteria*).
À direita, de cima para baixo da esquerda para a direita:
<http://www.imagensviagens.com/us_br_pantanal.htm>, Joao Carlos Medau;
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaburu#/media/File:Tuiui%C3%BA_(8496798280).jpg> e
<http://www.corumba.com.br/pantanal/tuiuiu.html>. Acessos: 02 Dez. 2017.

A autenticidade, relatada por Benjamin, é uma questão de valor atribuído a um determinado objeto não sendo uma característica inerente deste; todo artefato, assim como todo ser vivo são unidades reais, genuínas e legítimas. Quando nos referimos aos seres vivos, entretanto, este termo (autenticidade) pode adquirir outra conotação. Os seres vivos mantidos nas coleções *ex situ*, com o objetivo de suprir os programas de reintrodução de espécies, precisam apresentar uma linhagem genética considerada

“pura”, ou seja, livre dos processos de hibridização com outras subespécies ou populações. Esta miscigenação desestabiliza o genoma selecionado naturalmente, sendo exatamente este genoma não mesclado (puro) que estabelece o valor de um ser vivo para fins conservacionistas. Evita-se, assim, a utilização de indivíduos híbridos considerados não representativos de uma determinada linhagem genética, para tais procedimentos, em prol dos indivíduos identificados como representantes típicos de uma dada população evolutiva. Contudo, mesmo os exemplares híbridos não deixam de ser itens únicos e autênticos representados por seu “aqui e agora”.

A utilização de substitutos é uma prática também realizada no âmbito das coleções biológicas vivas, mas nem sempre com um mesmo enfoque dado àqueles utilizados nas coleções compostas por objetos inanimados. Os seres vivos, por apresentarem um período de existência limitado, normalmente são permutados por outros em uma coleção, uma prática que poderíamos comparar às substituições dos objetos mantidos pelos Museus Interativos.

Um procedimento que vem sendo empregado nas atividades de reconstituição de ambientes degradados, que vale aqui registrar, é a utilização de um “substituto biológico”, exemplares que, por apresentam similaridades ecológicas com uma dada espécie nativa levada à extinção, são introduzidos no ambiente. Este procedimento, entretanto, pode ser questionável pois uma espécie se assemelha muito ao conceito de monumento arquitetônico, proposto por Cesare Brandi. Segundo este autor, um monumento é uma estrutura coexistente ao espaço no qual foi concebido, passando a ser parte integrante de sua espacialidade, sendo, portanto, sem propósito sua salvaguarda sem a devida extensão ao sítio no qual está inserido (BRANDI, 2000, p.132). Desta mesma forma, uma espécie é o resultado dos processos evolutivos que agiram, e continuam a atuar, sobre um determinado conjunto gênico, adaptando-o a um determinado ambiente. Por esta razão, a introdução de um substituto biológico vai de encontro a esta premissa, já que a espécie substituta utilizada para os procedimentos de reconstituição ambiental perde completamente seu sentido quando suprimida de seu contexto ambiental original.

Para muitos autores, a própria manutenção de Coleções Zoológicas Vivas *ex situ* só teria fundamento se seus exemplares fossem utilizados para suprir os projetos de reintrodução dos indivíduos em seus ambientes naturais primitivos, perdendo completamente seu sentido quando estes, devido às alterações antrópicas, não mais existirem.

A retirada das “coisas” dos seus sítios originais, onde exerciam determinadas funções, para o ambiente de uma coleção, as destitui de parte de sua essência. No tocante aos seres vivos, isto fica evidente nos exemplares expostos. Algumas de suas características, que só se manifestariam na natureza, são totalmente perdidas. Padrões

ecológicos e comportamentais, tais como hibernação e migrações, que constituem parte integrante de sua biologia quando mantidos em estado natural, são completamente suprimidos quando da integração dos animais a uma coleção, fazendo com que todo espécime cativo sofra um processo de desnaturalização do seu papel biológico e ecológico, com posterior reestruturação como um animal de coleção. Um Elefante, quando mantido em um Jardim Zoológico, por exemplo, é muito mais do que aquilo que os visitantes contemplam nesta instituição. Craig (2002) chega ao extremo de considerar que os animais que integram estas coleções, por terem sofrido um processo de alteração do seu estado natural, não poderiam ser considerados representantes de uma determinada espécie em particular.

Valendo-se deste questionamento levantado por Craig, os animais que integram as Coleções Zoológicas Vivas da maioria das instituições poderiam ser enquadrados em uma nova categoria, seres vivos desnaturalizados, os quais não seriam considerados representantes biológicos, nem ecológicos dos seus “similares” naturais por terem sido destituídos de sua essência como animais selvagens naturais.

Quando definimos e analisamos os objetos de coleção no Capítulo 1, citamos o poder do olhar e do toque sobre uma obra de arte. Estes dois fatores merecem, agora, ser analisados à luz dos seres vivos como objetos de coleção.

Ao citarmos Chatwin, no capítulo precedente, mencionamos que um objeto exposto à visitação “morre” de asfixia pelo olhar excessivo do público (CHATWIN, 1990, p. 19). Apesar de o autor utilizar uma linguagem metafórica para descrever o “comportamento” de um objeto inanimado perante o olhar dos visitantes, quando nos reportamos a um ser animado isto torna-se evidente. Os animais selvagens capturados e mantidos sob a apreciação contínua do olhar humano, principalmente quando exibidos em espaços restritos de confinamento comuns, mas não exclusivos, nas coleções anteriores ao século XX, ficam totalmente destituídos de seus momentos de paz.

Berger (2009, p. 26) acrescenta que nos exemplares selvagens cativos jamais o olhar humano “encontra [o] do animal [não humano]. No máximo o olhar do animal treme e passa. Eles olham para os lados. Eles olham cegamente o infinito. Eles esquadrinham mecanicamente”; acrescentando ainda que toda Coleção Zoológica Viva “é, na verdade, um monumento à impossibilidade de tais encontros" (Berger, 2009, p. 19). Desta forma, podemos concluir que o animal *ipsis verbis* “morre”, como o objeto inanimado de Chatwin, de sufocamento pelo olhar. Acampora (2005, p. 71) chega ao extremo de considerar a exposição de um animal vivo em condição de confinamento, em muitas instituições, “uma forma paradoxal de pornografia fundamentada em uma violência gerada pelo olhar, na medida em que efetivamente [o] obriga a uma superexposição que degrada sua real natureza” (Figura 4).

Figura 4: Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Foto: Rubens Moreno Mazzola, sem data (anterior à década de 80 do século XX). Fonte: IBGE RJ 17518. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=417518&view=detalhes>. Acesso: 17 Out. 2015.

O segundo fator que merece nossa consideração é o toque que, para Chatwin (1990, p. 19) teria a propriedade de restituir a "vida" a uma obra de arte. Entretanto, quando nos referimos aos organismos vivos, e mais precisamente aos mamíferos e aves mantidos nas diversas Coleções Zoológicas Vivas, é precisamente o toque o fator que marca a morte simbólica destes seres como entidades naturais e seu enquadramento como entidades desnaturalizadas, não mais identificados como representantes de uma categoria selvagem, por não portarem as características ecológicas e comportamentais que os definem como tal.

2.2 AS COLEÇÕES ZOOLÓGICAS VIVAS

2.2.1 Terminologia

As Coleções Zoológicas Vivas receberam, ao longo da história, diferentes denominações. Muitos autores atuais, utilizando os termos "Jardim Zoológico" e *Ménagerie*, passaram a nomear indiscriminadamente estas coleções. Contudo, esta prática deve ser adotada com uma certa cautela, evitando o emprego destes termos de forma generalizada pois tal prática tem como consequência a uniformização das diferentes coleções que, na sua essência, apresentam objetivos e características singulares.

Apesar de constatarmos uma certa padronização em relação ao uso dessas duas acepções, com o termo *Ménagerie* sendo empregado para designar as Coleções

Zoológicas Vivas mantidas até meados do século XIX e “Jardim Zoológico” para aquelas surgidas a partir de então, este procedimento, contudo, não é uma regra. Em alguns casos, observamos a utilização do termo “Jardim Zoológico” para nomear qualquer coleção zoológica formada por organismos vivos, seja antiga ou atual; entretanto, o emprego do termo *Ménagerie* para designar uma Coleção Zoológica Viva dos dias atuais gera um certo desconforto, por uma razão que esclareceremos mais adiante.

Nossa intenção ao redigir este tópico não é realizar um estudo aprofundado das nomenclaturas utilizadas para nomear as Coleções Zoológicas Vivas que existiram ao longo do tempo, mas sim levantar os termos mais comumente utilizados entre o século XII e o início do século XX, período que abarca a história de Portugal desde seu surgimento como nação independente, até a queda do regime monárquico, já que o tema central desta Tese é o estudo das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas e mais especificamente o século XVIII, recorte temporal proposto; para não incorrermos na aplicação generalizada, ou aleatória, de uma nomenclatura empregada para sua designação.

Entretanto, iniciaremos nossa discussão realizando uma breve incursão pelo período anterior ao que acabamos de relatar.

Como a manutenção de grupos de animais selvagens cativos é uma prática realizada desde os primórdios da civilização humana, é provável que muitos termos utilizados para a designação destas coleções tenham se perdido no tempo por falta de registro, acarretando um total desconhecimento da sua existência. Por outro lado, mesmos os termos que sobreviveram até nossos dias, por terem sido submetidos a traduções quando de sua conversão para os idiomas contemporâneos, podem ter sofrido descaracterização de seus significados originais.

Um exemplo de tradução que não reflete exatamente o sentido original empregado para a designação de um espaço destinado à manutenção de uma Coleção Zoológica Viva é representado pela palavra grega latinizada, *Therotrophium*.

As traduções modernas associam estes espaços aos atuais Jardins Zoológicos, ou mesmo às *Ménageries*, como podemos observar na citação de Knight (1805, p. 227): “existia um *Therotrophium*, ou *Ménagerie*, construído com o intuito de divertir os visitantes”. Vale ressaltar que o emprego da palavra *Ménagerie* por esta autora deve-se ao fato de seu trabalho ter sido publicado em 1805; portanto, anterior ao surgimento do termo “Jardim Zoológico”.

O filósofo romano Varro (116 a.C. - 27 a.C.) descreve a propriedade de seu amigo, Quintus Hortensius, como sendo formada por:

> uma floresta (*silva*) com mais de cinquenta acres cercada por um muro a qual ele não denominava seu parque de caça (*Leporarium*) mas seu rancho selvagem (*Therotrophium*). […] [neste] existia uma colina onde foi construída uma sala, onde jantamos. Hortensius ordenou que Orpheus fosse chamado. Quando este apareceu, vestido com uma

> estola e começou a tocar a sua harpa, uma infinidade de veados, javalis e outros animais quadrúpedes apareceram a nossa volta. (VARRO *apud* STACKELBERG, 2009, p.20,83).

A descrição de Varro nos remete à ideia de que um *Therotrophium* seria um espaço de manutenção de animais vivos mais próximo dos *Paradeisos*[11], existentes nas sociedades árabes do século IV a.C., do que dos espaços reservados para a exposição de animais vivos, que conhecemos hoje, denominados de Jardins Zoológicos ou mesmo das *Ménageries*.

Outro termo de uso frequente nas sociedades romanas e gregas da Antiguidade Clássica, e que continua sendo empregado na atualidade, mas com um significado diverso daquele inicialmente utilizado para sua designação, é o termo *Vivarium*. Na época romana, este termo era empregado para designar o local onde era mantida uma série de jaulas contendo animais que seriam, posteriormente, transferidos para as arenas de combate. Por volta do ano 1.600 d.C., esse termo passa a designar um local onde os animais eram mantidos soltos com o propósito de servirem às práticas de caça (parque de caça), aos moldes das *Paradeisos*, anteriormente citados. Em 1853, ocorre nova alteração de significado, e o termo passa a designar - recinto, normalmente de vidro, onde são recriados ambientes para a manutenção de pequenos animais[12].

Fato é que, até os séculos finais do período histórico denominado de Idade Média, que coincide com o início da história de Portugal, identificamos uma profusão de nomes associados às Coleções Zoológicas Vivas como: *Fossa feraricia*, *Pardarium*, *Leopardarium*, *Fossa leonum*, *Ferarium*, *Bestiarum*, *Parcum*, *Claustrum*, *Spiracium*, *Enclos de chasse*, *Réserves à gibier*, *Broglius*, *Roborarium*, *Cerveia* (BUQUET, 2013, p.101-102), além de *Hostel* e *Maison de lions* (LOISEL, 1912, v.1, p.6).

Entretanto, a partir do final do século XIV, um novo termo começa a ser utilizado para designar as Coleções Zoológicas Vivas, mais especificamente aquelas destinadas à manutenção de animais predadores, o *Serragli*.

Utilizado inicialmente na Península Itálica, este termo tem uma origem incerta, sendo atribuído, por alguns, à palavra turca *saray*, que por sua vez derivaria do persa *sara'i*, ambas significando "palácio". Outros autores, entretanto, associam esta palavra ao termo latino *sera* (porta com grades) e, subsequentemente, ao termo *serare* (fechar)[13]. Independentemente de sua etimologia, a palavra *serragli* foi incorporada ao

---

[11] Termo derivado do latim *paradisus*, através do grego *paradeisos* (παράδεισος). Tem sua origem a partir da palavra *Paridayda* (pairiḍaēza), do idioma Avestan, atualmente extinto, da família indo-araniana, falado na antiga Pérsia, significando um espaço murado: pairi = "em volta de" e daēza = "muro". Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=paradise>. Acesso: 09 Jun. 2014.

[12] Online Etymology dictionary.
Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=vivarium>. Acesso em: 01 Dez. 2014.

[13] Online Etymology Dictionary. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=seraglio>. Acesso: 20 Abr. 2011.

vocabulário de outras nações europeias, como podemos identificar pelos termos: Serralho (Portugal), *Serrallo* (Espanha), *Serrail* ou *Sérail* (França) e *Seraglio* (Inglaterra).

Durante quase duzentos anos, do século XVI ao século XVII, este vocábulo foi empregado para designar as Coleções Zoológicas Vivas formadas, basicamente, por animais destinados às práticas de combate à moda romana, porém em uma escala mais reduzida, pelas cortes europeias.

Curiosamente, esse termo praticamente não aparece na literatura que descreve as Coleções Zoológicas Vivas deste período. Uma justificativa para esta ausência deve-se ao fato de os registros que retratam tais coleções terem sido escritos e divulgados por autores do século XVIII, quando estava em voga outro termo utilizado para designar estas coleções, a *Ménagerie*.

Loisel, em sua "*Histoire des Ménageries de L'Antiquité à nos Jours*", cita a palavra Serralho apenas duas vezes, em toda a sua obra; na primeira, de uma forma generalizada, quando menciona que "na França, ainda falando de aviários, *viviaria*, *hostel* ou casa de leões, Serralho, etc." (LOISEL, 1912, v.1, p. 6) e na segunda, agora de modo mais específico, ao descrever o espaço destinado à Coleção Zoológica Viva do Palácio de *Vincennes* a qual "era composta, como ilustrado nos planos manuscritos da época: de três grandes pátios, dos quais um se chamava Serralho" (LOISEL, 1912, v.2, p. 97).

Uma publicação mais recente na qual o termo Serralho é empregado de uma forma mais sistemática e corretamente associado às Coleções Zoológicas Vivas do século XVI e XVII é a obra dos historiadores Eric Baratay e Elizabeth Hardouin-Fugier, intitulada "*Zoo: A History of Zoological Gardens in the West*". Neste trabalho, Baratay e Hardouin-Fugier citam que durante a renascença italiana existiram Serralhos em Nápoles, em Parma (na corte do duque de Ferrara), na *villa* em *Poggio Reale* (do duque de Calabria) assim como em muitas outras *villas* italianas. Estes autores se referem, também, às Coleções Zoológicas Vivas presentes em Portugal, em Sintra[14] e na Ribeira, durante a primeira metade do século XVI, como Serralhos Reais, procedimento este que se encontra totalmente em consonância com a nomenclatura de época, evitando o anacronismo da utilização do termo *Ménagerie*, surgido posteriormente e que na sua essência apresenta um significado adverso daquele empregado para a denominação destas coleções durante o século XVI. Estes autores ainda citam que, durante a segunda metade deste mesmo século (XVI), grandes Serralhos foram criados nas terras germânicas imitando os costumes das poderosas cortes italianas e portuguesas (BARATAY& HARDOUIN-FUGIER, 2002, p. 19 - 20).

[14] A indicação da existência de uma Coleção Zoológica Viva Real na cidade de Sintra é um fato curioso e controverso, que discutiremos no capítulo 3 desta Tese, quando nos reportarmos às Coleções Zoológicas Vivas mantidas pela realeza portuguesa no final do século XV.

O termo *Ménagerie* só vai surgir em meados do século XVII. A origem deste termo, contudo, remonta ao século XIII, estando ele associado à palavra francesa *ménage* (governante da casa dos nobres). Nos anos finais do século XIV, passa a ser utilizado para designar o responsável pela administração das fazendas e, mais tarde, por volta de 1580, seu sentido é ampliado englobando não só o administrador da casa de campo mas também os estábulos, incluindo os animais. No século XVII, uma nova alteração restringe seu significado às edificações externas onde eram mantidos e alimentados o gado e as aves domésticas, tendo adquirido, finalmente em 1664, sua definição mais utilizada, quando foi incorporado ao dicionário francês, em 1680, com a seguinte descrição: “um local, no castelo de *Versailles*, onde eram encontrados todos os tipos de espécies animais, necessário para fazer da vida no campo uma estada agradável e divertida” (BARATAY, 2002, p. 41-42). Desde então, esta nomenclatura passa a ser empregada, de maneira indiscriminada, para designar todas as Coleções Zoológicas Vivas anteriores ao século XIX, uma prática que, como observamos anteriormente, deve ser evitada.

Podemos notar, por exemplo, que os termos Serralho e *Ménagerie* coexistiram, sendo empregados para designar Coleções Zoológicas distintas, como descrito por Baratay e Hardouin-Fugier (2002, p. 40):

> Luis XIV (1638-1715) oficializou a distinção entre [as coleções] animais, separando os locais onde eram mantidas. Por volta de 1661, o rei possuía um Serralho para as bestas ferozes, construído em *Vincennes*, utilizado para as lutas. Em torno de um pátio rectangular, existia um prédio de dois andares com varandas permitindo aos espectadores apreciarem a cena. Os animais eram alojados no piso térreo, em compartimentos que margeavam um pátio e que apresentava pequenas áreas externas onde poderiam se exercitar. Em 1662-1664, Luís XIV estabeleceu uma *Ménagerie* em *Versalles* reservada para as criaturas exóticas, raras e curiosas.

Apesar de a *Ménagerie* de *Versailles* ser considerada o exemplo clássico para a exibição de uma Coleção Zoológica Viva Real, a partir da qual o próprio termo foi oficialmente cunhado, a concepção destes espaços nasce, na prática, nos jardins das *villas* italianas, no início do século XIV.

A villa de *Pratolino*, construída por Francisco I de Médici (1541-1587), por exemplo, possuía um jardim dividido em duas partes:

> um dedicado às glórias do passado e outro às maravilhas do presente. Nesta existiam teatros mecanizados, grutas imitando corais e minas de metal e de prata, órgãos hidráulicos e fontes, mecanismos que simulavam o canto dos pássaros, aviários com pássaros exóticos vivos, lagos de peixes e cercados repletos de lebres, cabras e perdizes (BARATAY e HARDOUIN-FUGIER, 2002, p.44).

Outras *villas* italianas, no início do século XVII, como *Babarigo*, *Lante*, *Montaldo*, *Borghese*, *Ludovici*, *Doria Pamphili*, apresentavam este mesmo padrão, com recintos

abrigando animais distribuídos pelos jardins. Algumas *villas* possuíam, inclusive, uma área destinada aos animais ferozes: leões, tigres, ursos, lobos e javalis, o Serralho (BARATAY, 2002, p. 44-46). Pela colocação de Baratay & Hardoin-Fugier, fica evidente a existência, nas vilas italianas, de um espaço distinto do jardim destinado à manutenção de animais ferozes, o Serralho, em uma época onde ainda não estava em uso o termo *Ménagerie*.

Apesar de a construção do Palácio de *Versailles* ter sido fortemente influenciada pelos padrões das *villas* italianas, o fator que diferencia os jardins de *Versailles* dos jardins italianos é justamente o posicionamento dos animais ao longo do referido palácio; enquanto nas *villas* a Coleção Zoológica Viva encontrava-se fragmentada no espaço, funcionando como mero elemento decorativo que ajudava a estruturar um todo, o jardim propriamente dito, em *Versailles* a coleção era concebida como um elemento isolado deste, apesar de ocupar uma área contígua ao mesmo, tendo uma importância primordial como área de entretenimento independente.

A *Ménagerie*, uma concepção tipicamente barroca estruturada segundo o gosto da aristocracia francesa, foi prontamente reproduzida em outros palácios da Europa, como no Belvedere, em Viena (Figura 5) e, mais tardiamente, no de Belém, em Lisboa.

No início do século XVIII, as lutas entre animais foram gradativamente abolidas como atividades de entretenimento por não estarem em consonância com os padrões de civilidade pregados pelas sociedades cultas da época. Esta medida fez com que Luís XIV desativasse seu Serralho de *Vincennes* transferindo os animais para a *Ménagerie* de *Versailles*, procedimento que contribui fortemente para o abandono do termo Serralho como espaço de manutenção de Coleções Zoológicas Vivas.

Com a queda dos regimes absolutistas, iniciado na França no final do século XVIII, as Coleções Zoológicas Vivas, preliminarmente de propriedade da aristocracia e amplamente denominadas *Ménageries*, passam a ser administradas pela burguesia sob tutela do Estado, tornando-se instituições públicas. As precárias condições de confinamento dos animais em muitas destas instituições, normalmente mantidos em jaulas à semelhança dos antigos Serralhos, fizeram com que o termo *Ménagerie* ficasse associado às instituições que expõem de forma deficiente sua Coleção Zoológica.

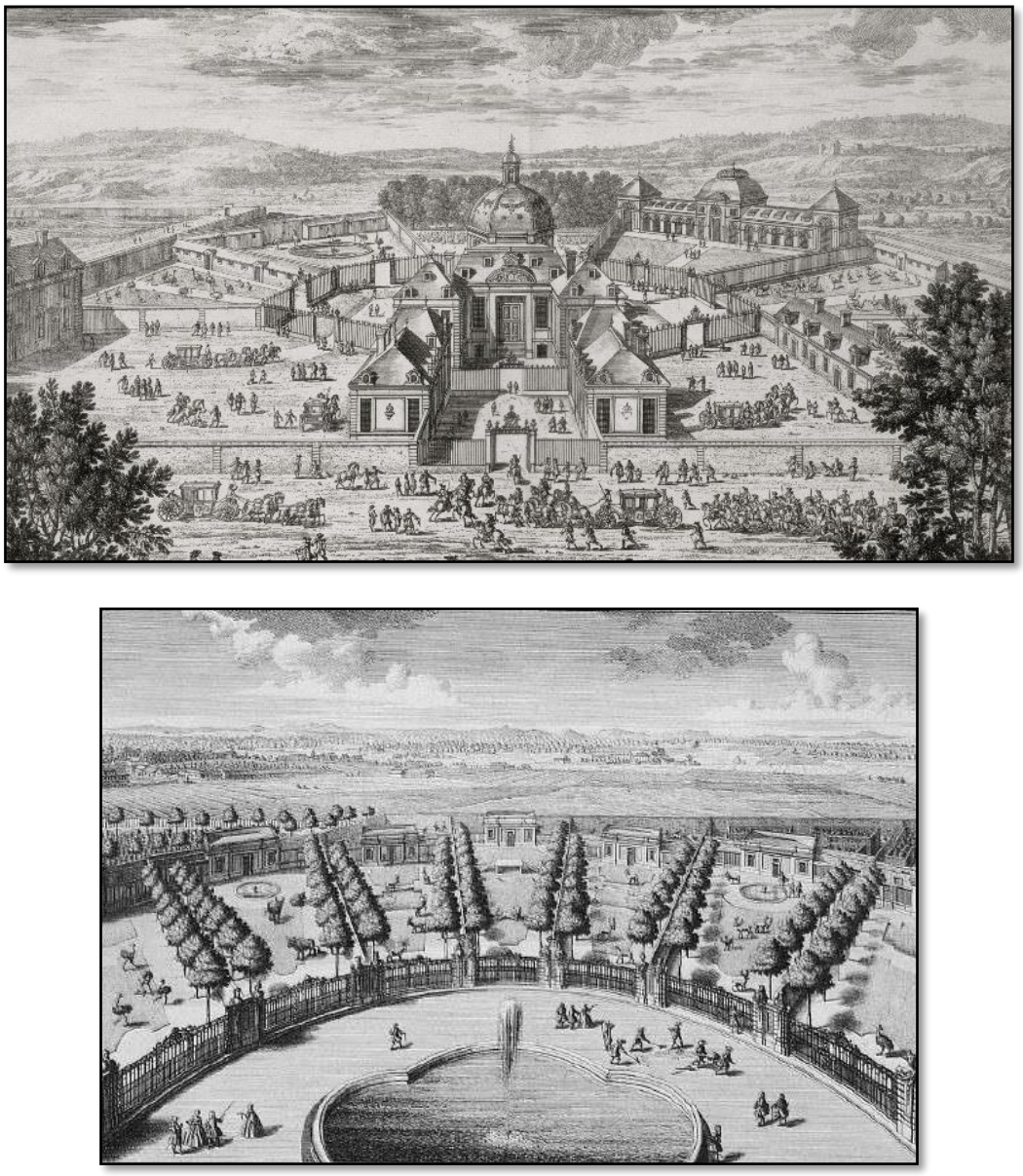


Figura 5: *Ménageries* Reais. Acima a *Ménagerie* do Palácio de Versailles. Disponíel em: <http://www.versailles3d.com/en/over-the-centuries/xviie/1664.html>, Acesso: 17 Set. 2017; abaixo a *Ménagerie* do Palácio Belvedere, em Viena. Disponível em: <http://ec-dejavu.ru/m/menagerie_3.html>. Acesso: 21 Set. 2017.

Este é o cenário que conduziu ao surgimento de uma nova concepção expositiva para as Coleções Zoológicas Vivas, surgida no início do século XIX na Inglaterra.

Indignada com as condições deficientes de acomodação dos animais, e questionando o próprio propósito das *Ménageries* como meros locais de exposição de organismos vivos destinados unicamente a sanar a curiosidade da população acerca do mundo natural, pois praticamente não eram utilizados para o estudo das Ciências Naturais (BARATAY, 2002, p.69), a Sociedade Zoológica de Londres propõe a criação de um novo espaço para abrigar sua Coleção Zoológica Viva, então mantida na Torre de Londres. Em 27 de março de 1828, foi inaugurado, em *Regent's Park*, este novo espaço de exposição para animais, tendo como objetivos primordiais o estudo e a pesquisa científica. Este novo conceito filosófico diferenciava, significantemente, a

Coleção Zoológica Viva londrina das demais coleções mantidas nas diversas *Ménageries* da Europa.

Para enfatizar esta diferença, foi proposta a criação de um novo termo para sua designação, o Jardim Zoológico[15].

Kisling Jr. ressalta que, após a criação do termo Jardim Zoológico, as instituições que mantinham Coleções Zoológicas Vivas passaram a se autodenominar Jardins Zoológicos, Parques Zoológicos ou simplesmente Zoos. Em muitos casos, entretanto, a mudança na nomenclatura não era acompanhada por uma alteração nos objetivos destas instituições (KISLING Jr., 2001, p.38). Este fato torna-se evidente, mas não necessariamente exclusivo, em muitas instituições, da atualidade, denominadas Jardins Zoológicos, localizadas em países economicamente menos favorecidos, cujos parcos recursos financeiros destinados à sua manutenção mal permitem manter a própria Coleção Zoológica de forma digna, muito menos investir em programas educativos e científicos. Estas instituições, por utilizarem os animais com meros objetivos de entretenimento são, tecnicamente, consideradas *Ménageries*.

Discordo de Kisling Jr. (2001, prefácio) quando este cita que, por não existirem definições precisas que diferenciem os termos *Ménagerie* de Jardim Zoológico, o simples fato de as *Ménageries* estarem associadas às atividades de recreação e entretenimento, e de os Jardins Zoológicos terem seu foco nas atividades de educação e de pesquisa, não implicaria diferenças significativas para considerar estes dois espaços como instituições distintas; para este autor, os "Jardins Zoológicos seriam simplesmente *Ménageries* sofisticadas".

A questão em torno do uso dos termos *Ménagerie* e "Jardim Zoológico" é, a meu ver, muito mais profunda, não se limitando ao simples fato de serem ou não instituições mais ou menos sofisticadas. O próprio emprego do termo sofisticado, por Kisling Jr., nos remete a algo mais requintado, no sentido de gosto mais refinado, além de apresentar um desenvolvimento e uma concepção geral mais elaborada e aperfeiçoada. Esta colocação, contudo, não é necessariamente verdadeira, pois podemos ter instituições extremamente apuradas em termos arquitetônicos que têm como objetivo ser espaços concebidos para o entretenimento; por outro lado, existem instituições que não apresentam uma sofisticação de suas instalações, mas que estão fortemente engajadas com os princípios que privilegiam a pesquisa e a educação.

Não podemos ignorar que o funcionamento das instituições sociais é consequência direta da filosofia adotada por estas entidades; filosofia esta que reflete o modo de ver e pensar o mundo de uma dada sociedade ou de um dado segmento social

[15] A abreviatura *Zoo*, atualmente utilizada por muitas instituições anglófilas, em substituição ao termo Jardim Zoológico (*Zoological Garden*), foi empregada pela primeira vez em 1847 para designar o local onde estava instalada a Coleção Zoológica Viva da cidade de Bristol (*Clifton Zoo*). Em 1869, quando Alfred Vance lança a música "*Walking in the Zoo on Sunday*" o termo passa a ser amplamente incorporado ao vocabulário.

responsável pela administração destes espaços mantenedores de Coleções Zoológicas Vivas. Por esta razão, a concepção filosófica adotada por uma instituição, que a irá definir como uma *Ménagerie* ou como um Jardim Zoológico, está muito além de como estes espaços se mostram ao público, extrapolando, assim, o conceito de meros espaços mais ou menos sofisticados, utilizando o termo empregado por Kisling Jr..

Concordo com Baratay & Hardouin-Fugier (2002, p. 80), quando ressaltam que a diferença entre estes dois espaços expositivos é uma questão puramente filosófica; a meu ver, é justamente este o fator essencial e determinante que estabelece o diferencial entre estas instituições, apesar de ambas serem espaços concebidos para a exposição de Coleções Zoológicas Vivas (Tabela 1).

Outra diferença fundamental que podemos estabelecer entre *Ménageries* e Jardins Zoológicos está diretamente associada a sua concepção espacial; enquanto as *Ménageries* são espaços concebidos como uma unidade independente de um jardim, onde os animais são apresentados de modo a despertar a curiosidade e admiração do público, seguindo um padrão puramente estético, nos Jardins Zoológicos os recintos onde são exibidos os animais estão distribuídos por todo o jardim e a este integrados.

Tabela 1: Evolução das Coleções Zoológicas Vivas.

	Ménagerie	**Jardim zoológico**
Século	Século XVIII / XIX	Século XIX / XX
Instituição	Gabinete de História Natural	Museu com Coleções Zoológicas Vivas
Tema	Taxonômico	Ecológico (indivíduos)
Padrão expositivo	Jaulas	“Dioramas”

Fonte: Adaptado de George Rabb. *In*: Koebner (1994, p. 63).

Vale ressaltar que o que diferencia o padrão adotado pelos Jardins Zoológicos daquele dos jardins renascentistas das *villas* italianas do século XVII é exatamente a finalidade que os animais adquirem nestes espaços; enquanto nos Jardins Zoológicos o objetivo é despertar o interesse dos visitantes para o estudo dos animais, nas *villas* renascentistas italianas os animais funcionavam como elementos que adornavam as mesmas.

Durante os séculos XIX e XX, observamos o desenvolvimento de uma série de novas instalações para a manutenção das Coleções Zoológicas Vivas e, com elas, o surgimento de termos específicos para sua designação (Tabela 2). Como esta nomenclatura é posterior ao período estabelecido para esta pesquisa, estes não serão abordados nesta pesquisa.

Tabela 2: Diferenças entre quatro Coleções Zoológicas Vivas.

Coleção Zoológica Viva	Século	Recinto	Barreira	Domínio	Característica
Ménagerie	XVIII	Jaula	Física visível (Grades / cercas)	Humano	Animal como objeto
Jardim zoológico	XIX	Naturalista	Física visível (Rocha / madeira)	Humano	Zoológico como Museu
Centro de conservação da vida silvestre	XX	Imersão	Física invisível	Humano	Natureza como modelo
Unzoo	XX	Ausente	Física, para os humanos	Animal	Animais em seu ambiente natural, atraídos e não confinados

Fonte: Adaptado de Jon Coe (2012).

2.2.2 AS COLEÇÕES ZOOLÓGICAS VIVAS NO CONTEXTO SOCIAL

2.2.2.1 Proto-coleções

Apesar de não existir um consenso em relação ao termo domesticação (RUSSELL, 2002, p.286), a manutenção de animais selvagens em cativeiro está diretamente associada à fixação das populações humanas, ocorrida há cerca de 12.000 anos.

Um dos primeiros animais, identificado pelos arqueozoologistas como tendo sofrido o processo de domesticação foi o lobo (*Canis lupus*) (VIGNE, 2011, p.171; KISLING Jr., 2001, p.7). Entretanto, foi com a domesticação de exemplares da Família Bovidae (cabras, ovelhas e bois) e Suidade (porcos), provavelmente ocorrida na Mesopotâmia (ZEDER, 2008, p. 11598), que uma transformação profunda no modo como os diferentes grupos sociais exploravam os recursos naturais acabou influenciando diretamente a própria evolução da humanidade.

A domesticação é um processo lento que requer a manutenção de um grupo de animais selvagens cativos, isolados das demais populações naturais, por várias gerações, para que determinados padrões comportamentais e morfológicos, diferentes dos apresentados pelos espécimes selvagens, sejam fixados (BÖKÖNYI, 1986). Como a modificação destes padrões não pode ser prognosticada, a manutenção de grupos de animais selvagens cativos por diferentes grupos sociais durante sucessivas gerações foi responsável pela criação das primeiras Proto-coleções de animais mantidas pelos humanos (KISLING Jr., 2001, p.7).

2.2.2.2 Coleções Zoológicas Vivas como manifestação do sagrado

Para Durkheim (1912, p. 38), o que estabelece o *status* de sagrado a um determinado item, animado ou inanimado, não é exatamente a sua conexão com o divino, mas sim sua vinculação com o fato de ser um item proibido e, consequentemente, mantido protegido da esfera profana; pensamento também adotado por Pomian para os objetos depositados nos templos (1984, p. 57).

Para Loisel as primeiras Coleções Zoológicas Vivas, compostas por animais selvagens, durante o período histórico, tiveram um propósito de cunho religioso e não utilitário (LOISEL, 1912, v.I, p.10), estando vinculadas às práticas de adoração e culto, conferindo, a determinados espécimes, uma aura sagrada.

Durante o período medieval[16], a Europa passou por um profundo processo de fragmentação política, caracterizado por uma intensa religiosidade. As três religiões dominantes no ocidente durante esse período, o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo, utilizando-se igualmente dos textos do Antigo Testamento, tinham nos animais o elo entre a esfera terrena e a divina. Apesar de a representação gráfica destes seres, durante esse período, beirar o fantástico, apresentava como propósito ilustrar as histórias de cunho religioso, numa forma de linguagem visual acessível à maioria da população iletrada (BADKER, 2010). As coleções zoológicas vivas mantidas nos monastérios, apesar de servirem, basicamente, como fonte de suprimentos, também eram utilizadas como elementos estéticos e ornamentais (KISLING Jr., 2001, p. 22), como uma forma de veneração à grandeza e beleza da criação divina.

As Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, que passaremos a descrever no Capítulo 3, assim como as outras de propriedade das demais cortes europeias, mantidas durante o período medieval, não apresentavam este cunho religioso.

2.2.2.3 Coleções Zoológicas Vivas como representação de Poder

A história evolutiva da espécie humana, desde muito cedo, é moldada por relações de força, dominância, submissão, resistência, lutas, subornos, traições, acordos, controle, regras, leis, além de uma miríade de outras manifestações sociais que refletem as “interseções, múltiplas e sobrepostas, de redes de poder socioespaciais” (MANN, 1986, p. 1) que formataram, e ainda formatam, as diferentes sociedades ao longo da história.

Segundo Mann (1986, p. 14), apesar de a espécie humana ser basicamente uma espécie social, isso não significa dizer que os indivíduos necessitem viver em uma

[16] Construção temporal baseada na história europeia compreendida entre os séculos V e XV.

estrutura socialmente limitada e modelada denominada sociedade. Entretanto, é essencial que os indivíduos estabeleçam relações de poder social necessárias para a manutenção dos diferentes grupos sociais coesos e funcionais[17].

Apesar de Mann afirmar que nem a história nem o poder estavam presentes nos primeiros grupamentos humanos, pela ausência de relações de poder institucionalizadas (MANN, 1986, p. 34), podemos considerar o poder, em sua essência, um fenômeno natural, o qual, revelando-se por diferentes meios, químico, etológico, cultural, age sobre os organismos moldando os processos evolutivos naturais.

Indiscutivelmente, entretanto, o poder como construção social vai atuar de maneira decisiva na estruturação das relações entre os humanos e entre estes e os animais não humanos.

Desde o estabelecimento das primeiras civilizações, na Antiguidade, a utilização de animais como demonstração do exercício de poder, por parte dos governantes, foi uma prática constante. Esta prática atinge seu auge nos processos que subjugam os grandes mamíferos, principalmente os da família Felidae[18], considerados, desde tempos remotos, os representantes máximos do reino animal, dentre eles o leão (*Panthera leo*), seu monarca absoluto.

De um modo geral, os vegetais e todos os animais classificados como “inferiores” na escala evolutiva não são utilizados como entidades simbólicas para expressar o exercício do poder dos humanos sobre os seres vivos, já que, efetivamente, não exercemos poder sobre eles. Os mamíferos, por outro lado, reagem às nossas ações, respondendo e, acima de tudo, resistindo. É justamente esta resistência e, principalmente, a sua anulação perante aos atos que submetemos estes animais a agir contra sua vontade, subjugando-os, que distingue a aplicação do poder social do conceito de força meramente física (BUJOK, 2013, p. 41).

Outro uso atribuído aos animais e utilizado como símbolo de poder pelos governantes é o valor que atingem como mercadoria (*commodity*), podendo tal valor ser convertido em capital simbólico de troca, conferindo a seus proprietários grande prestígio e *status* social (BUJOK, 2013, p.41).

A utilização de animais como presentes diplomáticos é uma prática comum observada nas sociedades humanas em todos os períodos históricos, inclusive na atualidade, tendo como principal função materializar os acordos e alianças firmados entre os diferentes governos.

---

[17] Michael Mann rejeita o conceito de nação assim como o conceito de sociedade. Para este autor as relações de poder são decorrentes de uma linguagem abstrata que abrange as dimensões política, econômica e ideológica que regem a vida social dos grupamentos humanos (Mann, 1986, p.2).

[18] Os Felidae constituem uma família de animais que integra a Ordem Carnivora. Esta família, que abrange na atualidade 37 espécies diferentes, é subdividida em duas Subfamílias: Pantherinae abrangendo, de um modo geral, os grandes felinos (leão, tigre, onça e leopardo) e Felinae constituída por representantes de menor estatura (gatos, jaguatirica, lince, dentre outros) (WILSON & MITTERMEIER, 2009, p. 54-55).

A prática de utilizar animais selvagens exóticos como presentes diplomáticos associados a outros artigos de luxo, como joias e tapetes, intensifica-se, com as grandes viagens marítimas realizadas durante os séculos XV e XVI, assim como os combates entre animais, revivendo em menor escala, as *venationes* da época romana. Estes combates constituíam uma forma de demonstração do poder monárquico, não só pelo aprisionamento dos animais selvagens, mas também pela redução destes a meros objetos de entretenimento para satisfazer os prazeres e desejos voyeuristas de uma sociedade que mantinha (e ainda mantém) enraizada em sua essência os princípios bélicos dominadores (BARATAY, 2002, p. 25 - 26).

2.2.2.4 Coleções Zoológicas Vivas destinadas ao Entretenimento

A maioria da população percebe as Coleções Zoológicas Vivas, mesmo na atualidade, como uma forma de entretenimento; entretanto, é bom registrarmos um pequeno esclarecimento sobre os princípios de lazer e de recreação como formas de entretenimento, já que “o entendimento do lazer não pode ser efetuado “em si mesmo”, mas como uma das esferas de ação humana historicamente situada” (MARCELLINO, 2007, p.4).

De um modo geral, os termos lazer, recreação e entretenimento estão intimamente ligados ao conceito de “tempo livre” em oposição à noção de trabalho, sendo, por essa razão, “impossível abordar as questões do lazer isoladas das questões do trabalho” (MARCELLINO, 2007, p. 4).

Apesar da noção, culturalmente estabelecida, de que o conceito de tempo livre se opondo ao de trabalho é um fenômeno decorrente da Revolução Industrial, alguns autores consideram que o “trabalho” sempre esteve presente na vida dos indivíduos e, consequentemente, o tempo não empregado nesta atividade estaria sendo ocupado por alguma atividade de “lazer” (MARCELLINO, 2007, p. 4).

Sob este enfoque, Cutten (1929 *apud* TORKILDSEN, 2005, p.11) considera que os povos primitivos apresentavam alternância entre “trabalho” e “tempo livre”, e que foi “a partir destes dias ou horas de lazer primitivo, que muitos começos [que moldaram a civilização atual], ainda que rudes mas reais, foram realizados”.

Alguns autores consideram que a ideia da dicotomia trabalho-lazer já estava presente nos pensamentos dos filósofos gregos, dentre eles Platão e Aristóteles. Torkildsen (2005, p.13-14) ressalta que, para Aristóteles, o trabalho e a guerra são opostos às ideias de lazer e de paz, sendo destituída do lazer qualquer atividade que vincule uma ocupação. Este autor coloca, ainda, que “o ideal de lazer morreu com os gregos antigos e pouca evidência de sua ressurreição pode ser encontrada na Europa até o nascimento da universidade e do Renascimento”.

Durante a Idade Média, com o controle da igreja católica sobre grande parte da Europa, as atividades relacionadas com a ocupação do tempo livre por parte da população, era, de certa forma, reprimida. A igreja, tendo como propósito convencer os indivíduos para a importância da vida após a morte, pregava o conceito de que o trabalho glorificava, enquanto a ociosidade, vinculada ao demônio, levava à degradação da alma, afastando-os da vida eterna.

Nesse período, as Coleções Zoológicas Vivas tornaram-se escassas, ficando reduzidas às coleções mantidas por alguns monarcas, religiosos e governantes de municipalidades (BARATAY, 2004, p. 18). O contato da maioria dos cidadãos com espécimes exóticos, e mesmo com a fauna nativa da Europa, raramente acontecia. O cidadão comum só tinha a chance de apreciar animais cativos quando da chegada de algum grupo itinerante de artistas, alguns utilizando animais em suas performances, ou, quando a municipalidade mantinha exemplares expostos, normalmente o animal que adornava o brasão da cidade (KISLING Jr., 2001, p.23).

Existem raros relatos de Coleções Zoológicas Vivas, parcialmente abertas à visitação pública durante o período medieval. Como exemplo temos a coleção do rei Henrique III, que reinou na Inglaterra de 1216 a 1272, mantida na Torre de Londres, onde os cidadãos londrinos poderiam apreciar alguns animais, dentre eles um elefante e um urso polar; esta permissão, contudo, era uma forma de amenizar as pressões causadas pela cobrança de impostos, em parte, para a manutenção da própria coleção zoológica (HOAGE, 1996, p.13).

A partir do século XVI, o incremento do aporte de animais para a Europa, facilitado pelas novas rotas marítimas recém-descobertas, fez com que os combates entre animais voltassem a ser uma prática frequente em muitas cortes europeias. Entretanto, foi com a criação das *Ménageries*, no século XVII que a utilização das Coleções Zoológicas Vivas atingiu seu auge como espaços de entretenimento. Baratay & Hardouin-Fugier (2002, p. 110) apontam, entretanto, que foi somente com o surgimento das *Ménageries* ambulantes, coleções animais itinerantes, e com o surgimento dos circos modernos, ambos ocorridos na segunda metade do século XVIII, na Europa, que o público em geral teve acesso às coleções de animais exóticos, até então privilégio dos poucos que tinham acesso às *Ménageries* de propriedade da aristocracia.

No século XIX, a atividade de entretenimento, envolvendo animais, esteve fortemente associada às *Ménageries* ambulantes e aos Circos com os quais, inicialmente, os Jardins Zoológicos mantinham uma íntima relação. Muitos Jardins Zoológicos recebiam destas instituições os animais que não eram mais utilizados nos *shows* e, em alguns casos, a própria criação de um “Jardim Zoológico” poderia ocorrer quando da fixação permanente de uma *Ménagerie* ambulante (BARATAY, 2002, p.109).

Indubitavelmente, como registramos no começo deste capítulo, as *Ménageries* são as instituições que, por definição, utilizam suas coleções animais para tal fim.

2.2.2.5 Coleções Zoológicas Vivas utilizadas para a Pesquisa

Os estudos de anatomia, fisiologia e medicina, iniciados e desenvolvidos com a utilização de animais pelos filósofos gregos, foram abolidos durante praticamente toda a Idade Média, pois

> em uma Europa cada vez mais cristianizada, havia pouca motivação para prosseguir o avanço científico do conhecimento, à medida que as pessoas, tornando-se mais preocupadas com a vida eterna do que com a vida mundana, retornavam ao período Pre-Hipócrates acreditando nas doenças como causas sobrenaturais e no poder curativo pela fé e pela superstição (FRANCO, 2013, p. 240).

Os estudos científicos realizados com animais vão ressurgir a partir do século XVI, tendo como um dos seus seguidores Francis Bacon (1561 - 1626), responsável pelo estabelecimento das metodologias científicas modernas, defendendo os métodos de vivissecção para a compreensão do funcionamento dos organismos (FRANCO, 2013, p. 240). Entretanto, é a partir do século XVII, com o surgimento do pensamento cartesiano, proposto por René Descartes (1596 - 1650), que o estudo da anatomia e fisiologia animal passa a ganhar projeção.

Apesar de Mehos (2006, p. 153) afirmar que nenhuma Coleção Zoológica Viva teve ligação direta com a pesquisa científica até o final do século XVIII, temos registros de estudos zoológicos desenvolvidos em algumas *Ménageries* e Serralhos, durante esse período; dentre estes podemos citar, como exemplo, os trabalhos realizados por Claude Perrault (1613 - 1688) com os exemplares mantidos em *Vincennes* e *Versailles*, Francesco Redi (1626 - 1697), que estudou os parasitas de leões, ursos e focas nas *Ménageries* italianas e Arnout Vosmaer (1720-1799) e Petrus Camper (1722 - 1789), com a observação dos animais de Het Loo[19] (BARATAY, 2002, p. 66 - 67), assim como Domingos Vandelli (1735-1816) e Felix de Avelar e Brotero (1744-1828), que se utilizaram da *Ménagerie* de Belém, mantida pelo Rei D. José I, para a elaboração dos primeiros trabalhos de história natural realizados em Portugal (MULLAN, 1987, p.108).

[19] O Castelo do Bosque (Het Loo), localizado na província de Gelderland, nas cercanias da cidade de Apeldoorn, nos Países Baixos, mantinha, desde o final do século XVII, uma *Ménagerie*. Sua coleção zoológica, amplamente enriquecida durante o século XVIII, foi descrita por Allamand como "a mais interessante da Europa para uma naturalista, dado o grande número de animais raros enviados, todos os anos, das Índias Orientais, da África e da América" (LOISEL, 1902, v. 2 p. 36). Baratay & Hardouin-Fugier citam que Aernout Vosmaer, utilizando animais mantidos em Het Loo, realizou estudos sobre seus hábitos alimentares, comportamento, reações e poder de adaptação aos humanos, assim como Petrus Camper, que observou os movimentos da boca, lábios e nariz, realizados por um orangotango, além da sua maneira de andar, balançar os braços, mexer os dedos, indicando qualidades desenvolvidas para viver em árvores, conclusões estas “que uma pessoa jamais poderia suspeitar observando um animal morto” (BARATAY & HARDOUIN-FUGIER, 2004, p. 66-67).

Entretanto, mesmo com os exemplos acima citados, podemos afirmar que, de um modo geral, a utilização das Coleções Zoológicas Vivas, mantida pela realeza até o final do século XVIII, foi muito pouco explorada pelos cientistas da época. Estes utilizavam mais frequentemente, como fonte de pesquisa, o material taxidermizado ou fixado, depositado nos gabinetes de curiosidade, como Carolus Linnaeus (1707-1778) e mesmo Louis Daubenton (1716-1800) que, apesar de trabalhar no *Jardin de Plantes*, para onde foi transferida a Coleção Zoológica Viva de *Versailles* após a Revolução Francesa, preferia fazer seus estudos utilizando animais mortos.

Podemos, assim, afirmar que, de um modo geral, “os animais vivos eram reservados para a glorificação dos príncipes, enquanto os mortos eram deixados para aqueles que desejassem estudá-los” (BARATAY, 2002, p. 67).

A incorporação da pesquisa aos objetivos da Sociedade Zoológica de Londres aplicada a sua nova coleção zoológica, criada no *Regent Park*, em 1828, estabelece o ponto central de mudança de paradigma em relação a estas coleções, resultando na transformação das *Ménageries* nos recém-criados Jardins Zoológicos.

Sob esta nova perspectiva a Sociedade Zoológica de Londres propõe a formação de

> uma coleção de animais, como jamais existiu nos tempos passados ou atuais [...] trazidos de todas as partes do mundo que possa ser utilizada com o propósito científico, e não somente para a admiração (MITCHELL, 1929 *apud* KISLING Jr., 2001, p.38).

2.2.2.6 Coleções Zoológicas Vivas com objetivos educativos

Salvo raras exceções, podemos considerar que o uso das Coleções Zoológicas Vivas no âmbito da esfera educativa, como concebido na atualidade, começa a ser estruturado de maneira mais sistemática, só a partir do início do XIX, impulsionado, em parte, pelo surgimento dos Jardins Zoológicos assim como pelas modificações sociais, econômicas e políticas que moldaram este século em especial.

2.2.2.7 Coleções Zoológicas Vivas com objetivos conservacionistas

Apesar de a conservação ambiental ser um dos principais problemas da atualidade, esse tema pode ser considerado “antigo”, tendo sido abordado já no século XVII no trabalho de John Evelyn, *Sylva, or a Discourse of Forest-Trees and the Propagation of Timber in His Majesty’s Dominions*[20], publicado em 1664. Esta

[20] “Madeira, ou um discurso sobre as árvores da floresta e a difusão da madeira nos domínios de sua Majestade”.

preocupação com a vulnerabilidade dos recursos naturais continua no século XVIII, como podemos verificar no requerimento de Geraldo Devisme[21], encaminhado à rainha Dona Maria I, de Portugal, solicitando providências para a conservação das matas de pau-brasil no nordeste brasileiro e a regulamentação de sua exploração[22], assim como na carta régia, expedida por D. Maria I, datada de 13 de março de 1797, endereçada ao governador da Paraíba, Jerónimo José de Melo e Castro, na qual discrimina os procedimentos para a proteção das matas, evitando a sua destruição[23].

Estas e outras iniciativas concernentes à proteção ambiental anteriores ao século XIX, entretanto, tinham como meta proteger a floresta, ou mais especificamente um determinado tipo de árvore, visando a assegurar a exploração dos seus recursos naturais por parte de uma dada nação colonizadora. Em nenhum momento, durante esse período, observamos uma preocupação com a conservação dos representantes do reino animal.

No início do século XIX, a explosão demográfica e a degradação ambiental, acelerada pela demanda elevada de recursos naturais requisitados pela revolução industrial, começam a afetar, de forma mais acentuada e direta, a vida dos habitantes das próprias nações colonizadoras, acarretando o surgimento de uma preocupação com a proteção ambiental de um modo mais amplo. Em 1815, por exemplo, José Bonifácio de Andrada e Silva, então encarregado da superintendência das obras de reflorestamento em Portugal, em suas "Memoria sobre a necessidade e utilidades do plantio de novos bosques em Portugal" alerta para o fato de que

> todos os que conhecem por estudo a grande influencia dos bosques e arvoredos na Economia geral da Natureza, sabem que os Paizes, que perdérão suas matas, estão quasi de todo estereis, e sem gente. Assim succedeo á *Syria*, *Phenicia*, *Palestina*, *Chypre*, e outras terras, e vai succedendo ao nosso Portugal (SILVA, 1815, p. 10).

No preservacionismo, corrente filosófica criada por John Muir[24], o ambiente deveria manter-se intocável, pois o ser humano é a razão da sua destruição. A natureza e todos os seus elementos, excluindo obviamente a espécie humana, deve ser protegida pelo seu valor intrínseco, independentemente dos interesses da humanidade. Os

---

[21] Gerard Devisme, assim como seu sócio David de Purry, eram empresários ingleses que mantinham contratos com o governo português, para a exploração do pau-brasil nas terras brasileiras (ARAÚJO, 2003, p. 109).
[22] Devisme, G. AHU, AHU_CU_015, Cx. 160, D. 11531.
[23] D. Maria I, 1797 (13 de Março). AHU, AHU_CU_014, Cx. 33, D. 2380.
[24] John Muir (1838-1914) foi um defensor acirrado da preservação ambiental, tendo escrito centenas de artigos e alguns livros defendendo suas ideias. Foi fortemente influenciado pelo movimento romântico do início do século XIX, apesar de discordar, em certos pontos, do dualismo e da artificialidade da filosofia de natureza defendida por John Ruskin. Para Muir, "Ruskin é brilhante, mas não um grande homem — apenas um broto pronto para desabrochar em um grande homem" (BADÈ, 1924, p. 125). Muir considerava a natureza extremamente bela e carregada de valor espiritual e religioso, que deveria ser protegida de maneira radical da influência negativa do homem. O dia 21 de abril é comemorado, na Califórnia (USA), o "dia de John Muir". Disponíel em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Muir>. Acesso: 11 Abr. 2014.

seguidores desta vertente de pensamento são radicais quanto à utilização dos espaços protegidos não viabilizando o uso dos

> recursos naturais pelas populações não-industriais, [...] critica[ndo] e recrimina[ndo] os modelos que aceitam o ser humano como elemento integrador das áreas naturais e defende[ndo] o desalojamento desses grupos, de modo a imprimir a intangibilidade a esses refúgios naturais (BACELAR, 2008, p.146).

Bacelar, entretanto, prossegue em seu artigo, criticando este radicalismo empregado pelos preservacionistas, alegando que

> se antes os desbravadores [...] dizimaram populações e grupos inteiros de povos da floresta em prol da exploração econômica dos recursos naturais, hoje, em alguns casos, utiliza-se das mesmas estratégias para o caminho inverso [...] sua preservação (BACELAR, 2008, p.146).

Encerramos este capítulo afirmando que as Coleções Zoológicas Vivas mantidas pela realeza europeia durante o século XVIII eram basicamente utilizadas para o entretenimento e como elementos de demonstração de poder de um monarca perante os soberanos das demais nações. Os animais, provenientes de diferentes partes do mundo, mantidos nestas coleções, representavam o subjugamento simbólico dos territórios sob controle de uma dada nação.

CAPÍTULO 3

As Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal

Foto: Felipe Paniagua

As Coleções Zoológicas Vivas anteriores ao século XIX são normalmente referidas como *Ménageries* e, em alguns casos, até mesmo como Jardins Zoológicos como relatamos no Capítulo 2. Entretanto, os termos "Coleção Zoológica Viva" e "*Ménagerie"* encerram, na prática, ideias bem distintas. Quando utilizamos o vocábulo "*Ménagerie"*; estamos nos reportando a um espaço físico utilizado para a exposição de animais vivos, normalmente dentro de um jardim, mas em espaço independente; por outro lado, quando nos referimos ao termo "Coleção Zoológica Viva" tratamos de um conceito muito mais abrangente, que pode incluir vários grupos de animais mantidos em espaços distintos e até mesmo englobar uma *Ménagerie*. Por esta razão, adotaremos, nesta Tese, a expressão "Coleção Zoológica Viva Real" quando nos referirmos aos animais mantidos pela monarquia.

Nosso objetivo ao escrevermos este capítulo é de reunir dados sobre as Coleções Zoológicas Vivas Reais mantidas pelos monarcas portugueses (Anexo I), dados esses que se encontram dispersos na literatura; nossa proposta consiste em traçarmos um panorama da fauna citada para estas coleções. Não é nossa intenção realizar um levantamento exaustivo destas coleções, que por si só justificaria uma Tese, mas, como mencionamos, realizar um levantamento preliminar deste material visando a proporcionar subsídios aos futuros trabalhos, suprindo, assim, a carência apresentada pelo trabalho de Loisel no que se refere às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas.

Para tal, tomamos como base justamente a "*Histoire des Ménageries de L'Antiquité à nos Jours*", de Loisel, publicada em 1912; uma das fontes mais acuradas já produzidas sobre o estudo destas coleções ao longo da história da humanidade.

Este autor descreve, para o território português, sete *Ménageries* Reais. Apesar do estudo minucioso realizado por Loisel, que culminou com a produção de um tratado em três volumes, o espaço reservado às Coleções Zoológicas Vivas Reais presentes em Portugal atinge a insignificante marca de apenas 10 páginas.

As grandes viagens de navegação iniciadas no final do século XV, responsáveis pela ampliação das fronteiras do mundo conhecido e pelo encurtamento do caminho para a comercialização de produtos entre a Europa e o Oriente, tiveram como consequência o incremento do aporte de animais exóticos para o "Velho Mundo". Estes exemplares aguçavam a curiosidade e o interesse pelas novas terras descobertas e alcançadas. Durante esse período, as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal possivelmente não tiveram paralelo com nenhuma outra coleção europeia, pelo menos no que tange à diversidade de animais que as formavam.

Indubitavelmente, a Coleção Zoológica Viva mantida pela realeza portuguesa mais amplamente referida foi aquela que pertenceu ao rei D. Manuel I, um dos monarcas mais poderosos da Europa no início do século XVI. Apesar de esta coleção ter abrigado

uma gama de animais provenientes da África, Ásia e América, ela é lembrada, basicamente, pela presença de dois espécimes ilustres: o Elefante “Hanno” e o Rinoceronte “Ganda”, ambos presenteados ao Papa Leão X.

Ao longo deste capítulo, veremos que as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas extrapolam, em muito, as sete inicialmente citadas por Loisel. Dentre estas, quatro serão alvo direto do estudo desta Tese por receberem, durante o recorte temporal proposto para esta pesquisa, o século XVIII, animais provenientes dos territórios sob domínio português.

A inclusão neste capítulo da Coleção Zoológica Viva mantida no Paço das Necessidades, apesar de criada no século XIX, portanto fora do período temporal proposto para esta pesquisa, é justificada por ser a última Coleção Zoológica Viva mantida pela realeza portuguesa e a única efetivamente criada nesse período, sendo, por esta razão, importante para entendermos a história destas coleções em Portugal.

De uma maneira simplista, podemos dividir estas coleções em dois grupos distintos: o primeiro abrangendo aquelas formadas antes da investida marítima portuguesa, constituídas por animais nativos de Portugal ou por exemplares oriundos de outras regiões da Europa incorporados às coleções portuguesas; o segundo englobando as coleções que abrigaram espécimes exóticos provenientes dos diferentes territórios incorporados à Coroa portuguesa, durante o período de expansionismo que projetou Portugal como nação dominante do comércio mundial em um dado momento da história.

É importante salientarmos que a manutenção de uma Coleção Zoológica Viva requer uma soma considerável de recursos, não só financeiros, mas também de pessoal, pois esta necessita de cuidados diários essenciais à sobrevivência dos seus exemplares. Quando nos reportamos às Coleções Reais, recursos financeiros e humanos não seriam, a princípio, um problema. Contudo, existe outro fator essencial para a implantação destas coleções: o relativo estado de paz interno de um governo. Este fato, em parte, justificaria a carência de registros de tais coleções associada aos monarcas no início da história de Portugal, os quais estariam envolvidos nas constantes lutas pela conquista, ampliação e manutenção do Reino, não se dando “ao luxo” de usufruirem de longos períodos de lazer e contemplação necessários para a formação deste tipo específico de coleção. Contudo, por se tratar de um assunto relativo aos primórdios da história de Portugal, necessitaríamos realizar um levantamento minucioso dos manuscritos preservados dessa época, a fim de comprovarmos esta colocação, o que não foi realizado para esta pesquisa.

Vale ressaltar que a manutenção de Coleções Zoológicas Vivas, utilizadas não só para o entretenimento mas, principalmente, para demonstração de poder por parte dos soberanos, foi uma prática constante ao longo da História. Estas coleções, contudo,

foram significantemente reduzidas durante a Idade Média[1], período no qual a Europa passou por um profundo processo de fragmentação política com o controle da Igreja Católica sobre grande parte dos novos Estados emergentes, dentre eles Portugal.

Durante esse período, as atividades de entretenimento da aristocracia estavam restritas às práticas de caça, falcoaria e à realização de torneios, em parte, como um exercício de preparação dos nobres para a guerra (TORKILDSEN, 2005, p.16).

Com as rotas marítimas abertas pelos portugueses e espanhóis, a partir do século XV, começou a chegar à Europa uma grande quantidade de animais, alguns nunca antes vistos, como os psitacídeos americanos[2], assim como os grandes Mamíferos, entre os quais os Elefantes e Rinocerontes, estes últimos ausentes das Coleções Zoológicas Vivas europeias desde a época romana, e que passaram a ser vistos com mais frequência nas coleções dos monarcas europeus.

[1] Uma das raras exceções foi a coleção de Frederico II (1194-1250), um dos imperadores mais poderosos do Sacro Império Romano, cujo reinado coincidiu com o de três monarcas do início da história de Portugal: D. Afonso II, D. Sancho I e D. Afonso III, em relação aos quais não encontramos registros da existência de coleções desta natureza. A Coleção Zoológica Viva mantida por Frederico II foi relevante não só por ser uma grande coleção zoológica mantida nesse período, mas principalmente pelo uso que este monarca destinou a esta coleção como demonstração de grandeza e poder de seu reinado, conduzindo-a nas diversas peregrinações que fazia pelos seus domínios. Coroado Imperador em 1220, Frederico II entrava continuamente em atrito com os pontífices por sua afinidade com a cultura árabe, sendo diversas vezes excomungado. Esta aproximação com os árabes fez com que apreendesse e adotasse práticas públicas de liderança amplamente utilizadas em suas campanhas para manter unido seu vasto domínio. Entre os presentes diplomáticos recebidos dos árabes estava um Elefante presenteado pelo sultão *al-Kamil* (1177-1238) pelos acordos firmados entre os dois Reinos, que foi prontamente retribuído pelo envio, ao sultão, de um urso polar (KANTOROWICZ, 1957, p.196).
Kantorowicz (1957, p. 311) descreve ainda que “uma coleção zoológica completa ia em sua caravana [de Frederico II], fazendo o povo aglomerar-se milhas de distância: estranhas bestas, que não eram vistas desde então, algumas das quais eram úteis na caça, tinham como função principal adicionar *glamour* e mistério à sua majestade imperial. Equipes de caros cocheiros conduziam sua poderosa caravana carregada de tesouros, com camelos ricamente ornamentados escoltados por incontáveis escravos vestidos com túnicas de seda e de linho. Leopardos e linces, macacos e ursos, panteras e leões, eram conduzidos em jaulas pelos escravos. O Imperador possuía ainda uma girafa. Adicionado a estes, inúmeros cães, falcões, corujas de celeiro, corujas orelhudas, águias e abutres, pavões brancos e coloridos, raras pombas sírias, periquitos indianos brancos coroados com tufos de penas amarelas, avestruzes africanos, e, finalmente, o elefante com sua torre de madeira nas costas, na qual viajavam, sentados, soldados muçulmanos e trompetistas. Em ocasiões triunfais, como em Cremona, por exemplo, o próprio imperador cavalgou à frente desta procissão: o Deus-homem, visivelmente elevado acima de todas as criaturas do mundo”.
É muito interessante esta descrição da coleção zoológica viva de Frederico II realizada por Kantorowicz por englobar animais nativos da Europa e importados da África e da Ásia. Entretanto, dois exemplares despertam nossa atenção: a girafa, presenteada pelo sultão al-Kamil, que seria o primeiro registro desta espécie em solo europeu desde a época romana (LYONS, 2011, p. 208) e os periquitos indianos brancos coroados com penas amarelas. A referência a estes periquitos, que pela descrição realizada podemos concluir que eram Cacatuas (aves que integram a fauna da região biogeográfica oriental-australiana, que devem ter chegado à Europa pela antiga rota de comércio com o oriente através do mar Mediterrâneo), antecederia em mais de 250 anos o intrigante registro desta ave representada no quadro “Madonna della Vittoria” de Andrea Mantegna, uma obra de 1496.
A utilização, por parte de Frederico II, de uma simbologia marcantemente influenciada pelos padrões orientais tinha como objetivo demonstrar sua aliança intelectual, diplomática e econômica com seus aliados muçulmanos, impressionando seus subordinados, intimidando seus inimigos e, principalmente, enfurecendo a igreja (REFLING, 2005).

[2] A Família Psitacidae, uma das três famílias de aves que integram a ordem Psitaciformes, englobam representantes icônicos da fauna como os Periquitos, Papagaios e Araras.

3.1 Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas – período pré-colonialista

Os 272 anos iniciais, dos 767 em que perdurou o regime monárquico português, caracterizam-se pela ausência de territórios sob o domínio português em regiões d'além mar. Durante esse período, conhecido como Dinastia Afonsina, encontramos subsídios que corroboram a existência de Coleções Zoológicas Vivas mantidas por dois dos nove reis portugueses desta dinastia, D. Dinis I e D. Fernando I. Estas coleções, apesar de serem constituídas por exemplares da fauna europeia, apresentam características bem distintas, como veremos a seguir.

3.1.1 Coleção Zoológica Viva de D. Dinis I

Segundo Barbosa (1885, p. I), a origem das Coleções Zoológicas Vivas Reais, em Portugal, inicia-se no final do século XIII com o primeiro registro, para o território português, de uma coleção desta natureza. A história por trás da formação desta coleção, a cargo do rei D. Dinis I (1261-1325), assim como de muitos outros acontecimentos ocorridos durante a Idade Média, está envolta em mistérios e lendas.

Documentos dionisinos[3], datados de 1310, atestam que na região de Frielas, localizada a onze quilômetros ao norte de Lisboa, existia um Paço Real adquirido por D. Dinis constituído por um conjunto singelo de casas (GASPAR, 2012, p. 5). Machado (1965, p. 190) ressalta que este Paço "podia não ser um palácio grandioso, como não o eram os paços reais de Lisboa, dada a modéstia em que viviam os nossos reis afonsinos", entretanto, era frequentemente utilizado pela corte durante seus habituais deslocamentos ao campo, hábito comum para a prática da caça, atividade muito apreciada pela realeza.

A formação da Coleção Zoológica Viva de D. Dinis surge como consequência de uma dessas investidas ao campo.

Conta a lenda que D. Dinis, em 1294,

> indo um dia montear para uma serra muito distante da cidade, affastou-se da sua comitiva attraído por uma peça de caça. Porém, quando lhe ía na pista, avistou na sua frente um grande urso. Destemido por condição, e já affeito a affrontar esses terriveis inimigos, em vez de fugir, correu para elle. Embrenhou se no matto o animal, parecendo esquivar-se ao combate. Mas, no momento em que o monarcha passava, correndo, junto da moita, onde o urso se occultára este investiu o intrépido caçador, assaltando-o com tal furia e tão d'improviso, que o derrubou do cavallo, sem lhe dar tempo a servir-se da lança, que elle sabia manejar com admiravel destreza e vigor.

[3] Documentos datados da época do reinado de D. Dinis. O arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, possui um fundo denominado "Chancelaria Régia", em cuja seção intitulada "Chancelaria de D. Dinis (1279 - 1324)" encontramos uma série de 6 livros de registros, contendo centenas de documentos (Doações, ofícios e mercês) emitidos por este monarca. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=3813585>. Acesso: 04 Abr. 2015.

> Vendo se el-rei lançado por terra, sob as garras da féra enfurecida, sem possibilidade de soccorro humano, invoca o auxilio do céo, ao mesmo tempo que arranca do cinto o punhal, e crava-o até ao cabo no peito do urso com tanta força e fortuna, que lhe atravessa o coração, matando-o instantaneamente (BARBOSA, 1885, p.1-2).

O palco do desenrolar desta história é um assunto questionável: enquanto Sousa (2010, p. 12) situa tal episódio na freguesia de Amor, no Concelho de Leiria, Fernandes (2011, p. 90) transporta o combate para o Concelho de Belmonte, 143 km a noroeste de Amor, e Loisel (1912, p. 215) descreve tal fato como tendo ocorrido na cidade de Beja, 217 Km a sudeste do primeiro relato. Independentemente da localidade onde possa ter ocorrido tal episódio, nada impede que D. Dinis tenha escolhido seu Paço Real de Frielas para instalar sua coleção zoológica, inicialmente formada por apenas um indivíduo, com o intuito de exaltar seu feito heroico. Assim, o rei ordenou que se capturasse um urso[4] vivo "para que melhor o comprehendessem, e com mais exactidão podessem ajuizar da sua coragem n'aquelle acto as pessoas, que nunca tinham visto tão possante e feroz animal" (BARBOSA, 1885, p. 3). Este animal foi mantido em uma jaula próximo a um pequeno pavilhão de caça (LOISEL, 1912, p. 215), onde, mais tarde, foi adicionado um segundo recinto que abrigou um lobo[5], servindo estes animais para o entretenimento da família real (LOISEL, 1912, p. 215-216).

Apesar de D. Dinis ter sido um grande trovador, não encontramos nenhum poema que exaltasse sua proeza em sobreviver ao ataque de um urso. Contudo, a inexistência de documentação escrita que corrobore este relato é suprida pela existência de um testemunho em pedra, seu túmulo sepulcral, localizado no Mosteiro de São Dinis de Odivelas, que ostenta, em uma de suas bases de sustentação (Figura 6), a figura de um urso atacando um homem com uma armadura (FERNANDES, 2011, p. 90); um forte indício de que a história da formação da primeira Coleção Zoológica Viva Real em Portugal pode ter algum fundamento.

---

[4] O Urso-pardo-europeu (*Ursus arctos arctos*) está extinto em Portugal desde 1650. Entretanto, estudos recentes indicam a sobrevivência destes exemplares, em território português, em um período posterior a essa data. Na Península Ibérica o Urso está restrito a duas regiões da Espanha: na Cordilheira da Cantábrica, que abriga aproximadamente 100 indivíduos e nos Pirineus, cuja população não passa de uma dezena de exemplares (ÁLVARES & DOMINGUES, 2010, p. 4).

[5] O Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), apesar de abundante na época de D. Dinis, teve sua população reduzida drasticamente em Portugal. Atualmente, sua população está restrita a algumas áreas ao Norte e no Centro do País, existindo aproximadamente 300 exemplares no território português. Estes indivíduos estão divididos em duas populações distintas, separadas pelo Rio Douro: a população ao norte, composta por aproximadamente 50 alcateias, consegue manter contato com as populações espanholas, contudo, a população ao sul do Douro, constituída por, aproximadamente, 10 alcateias, encontra-se isolada geograficamente das demais populações correndo iminente risco de extinção (PIMENTA et al., 2005).

Vale ressaltar que na época da formação desta coleção, composta por um urso e um lobo, Portugal ainda não possuía territórios em regiões d'além mar, sendo os animais expostos integrantes da fauna Paleártica[6] e, portanto, autóctones[7] da região.

Figura 6: Pormenor da base do túmulo de D. Dinis I, ilustrando um urso atacando um homem. Mosteiro de São Dinis de Odivelas, Odivelas. Disponível em: <http://capeiaarraiana.pt/2014/03/09/73057/>. Acesso: 12 Nov. 2013.

3.1.2 Coleção Zoológica Viva de D. Fernando I

Apesar de o estudo das Coleções Zoológicas Vivas em Portugal iniciar, tradicionalmente, pela coleção do rei D. Dinis I, se considerarmos a manutenção das aves de rapina para a prática da falcoaria como parte integrante deste tipo de coleção, poderemos deslocar este início para os primórdios da nação portuguesa.

Segundo Grilo (2012), entre o reinado de D. Sancho I (1185-1211) e de D. Fernando I (1367-1383), já existiam os cargos de falcoeiro e açoreiro[8] reais. Tavares (2015, p. 270) ressalta, inclusive, que esta prática já era desenvolvida na Península Ibérica mesmo em época pretérita à presença muçulmana na região; portanto, anterior ao século VIII d.C.

A falcoaria ou cetraria, como também é conhecida, é uma arte milenar cuja origem, tanto geográfica quanto cronológica, ainda suscita questionamentos e debate por parte dos historiadores (EPSTEIN, 1943, p. 497).

Apesar de a utilização de aves treinadas para a captura de presas ter tido, muito provavelmente, um propósito inicial de se obter, de forma mais prática, a preciosa fonte

[6] A região Paleártica é uma das seis regiões biogeográficas adotada por Wallace em seu tratado sobre zoogeografia, abrangendo a Eurásia (Europa e Ásia) além do norte da África (BROWN, J. H. & LOMOLINO, M V., 2006, p. 303).
[7] Autóctone, nativo de uma determinada localidade.
[8] Pessoa responsável pela manutenção dos falcões e dos açores, respectivamente.

proteica necessária à alimentação, funcionando estas aves como instrumentos de trabalho dos caçadores (TAVARES, 2015, p. 268), esta prática, ao longo do tempo, adquiriu novas utilidades passando a constituir uma "atividade lúdica para determinadas camadas populacionais, constituindo um divertimento e uma espécie de 'desporto' para reis, príncipes e membros da nobreza" (TAVARES, 2015, p. 269).

Ferreira (1616, p. 4v) afirma que esta atividade adquiriu uma importância primordial para os governantes, pois "os Reys, & monarchas do mũdo, Chriftãos, Barbaros, & Gẽtios, tẽ caça & a fuftẽtaõ por razão de eftado cõ grande aparato e despeza [...] por fer arte neceffria nas republicas tanto como as armas & humanas letras"[9]. Estranhamente, estas coleções não são, tradicionalmente, citadas e descritas como parte integrante das Coleções Zoológicas Vivas mantida pelos diferentes monarcas ao longo da história.

Apesar da existência de documentos comprobatórios desta prática, e consequentemente de uma coleção de aves para este fim, durante o reinado de D. Dinis I[10] (BEIRANTE, 2006, p. 249), a manutenção de tais coleções é mais amplamente documentada a partir da época de D. Fernando I (1345-1383). Este monarca mantinha uma coleção constituída por "trezentos Falcões, cento que caçauam grous & cento que herão garceiros, & outro cento altanejros, que he toda a voaria"[11] (FERREIRA, 1616, p. 4). Um dado interessante que chama nossa atenção é como Ferreira contabiliza a coleção de D. Fernando, empregando o termo "Falcões" para designar os exemplares deste soberano em vez de utilizar uma nomenclatura geral como, por exemplo, "passaros". O próprio Ferreira, em seu trabalho, comenta que as rapineiras abrangem "varios generos & differentes forte de plumagens[, sendo que] as eftimadas dos grandes fenhores fão Falcoens & Affores, Gauiaes, & Efmirilhoens, & Ogeas"[12] (FERREIRA,

[9] "os Reis, e monarcas do mundo, Cristãos, Bárbaros, e Pagãos, realizam a caça e a sustentam por razão de estado com grande aparato e despesa ... por ser arte necessária nas repúblicas tanto com o são as armas e as humanas letras" (Tradução nossa). Esta visão da falcoaria como forma estratégica de manutenção do poder monárquico pode ser evidenciada durante o reinado de Frederico II (1194-1290), imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Amante e grande conhecedor da falcoaria, Frederico II escreveu um livro intitulado "A arte de caçar com aves" (*De arte venandi cum avibus*), em cuja introdução para a edição contemporânea desta obra (Editora Laterza, 1999), realizada pela professora do Departamento de história, cultura e civilização da Universidade de Bologna, Anna Laura Trombetti Budriesi, é levantada a hipótese de que "os métodos recomendados por Frederico para treinar um falcão a ser tolerante a sua domesticação podem servir de metáfora para as relações de poder em outros contextos" (BUDRIESI, 2005 *apud* REFLING, 2005).

[9] Maria Ângela Beirante aponta para a existência de documentação datada de 1290, que atesta Rui Pais Bugalho como sendo o açoreiro do rei D. Dinis. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Dinis, livro 1.º, fl. 283v.

[10] Maria Ângela Beirante aponta para a existência de documentação datada de 1290, que atesta Rui Pais Bugalho como sendo o açoreiro do rei D. Dinis. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Dinis, livro 1.º, fl. 283v.

[11] "trezentos Falcões, cem que caçavam grous e cem que eram garceiros, e outro cento altaneiro, que voam a grande altura" (Tradução nossa).

[12] "vários gêneros e diferentes tipos de plumagens. As estimadas dos grandes senhores são os Falcões e Açores, Gaviões, Esmerilhões e Ógeas" (Tradução nossa). O termo "Falcão" é normalmente empregado para designar vários representantes do Gênero *Falco*, família Falconidae, a qual abrange também o Esmerilhão (*Falco columbarius) e a* Ógea (*Falco subbuteo*), enquanto o termo "Açor" é utilizado, em Portugal, para designar o *Accipiter gentilis*, representante da Família Accipitridae; por outro lado, "Gavião" é um termo geral que pode ser empregado tanto para designar representantes da Família Falconidae como da Família Accipitridae.

1616, p. 5), variedades estas que deveriam estar representadas na coleção deste monarca.

Uma coleção de aves destinadas à prática da falcoaria não era composta somente por rapineiras diurnas abrangendo, também, exemplares da Ordem Strigiformes (Mochos, Corujas e Bufos). Estas aves eram utilizadas para atrair as rapineiras diurnas as quais eram então capturadas utilizando-se laços e redes nas árvores, pois “a eftes acodem todos os Falcões, & Affores, & Gaviães, & Efmerilhões, & todas as mais aues que de rapina fe mantem decendo a elle com furia, dandolhe rapellões & golpes”[13] (FERREIRA, 1616, p. 80v).

Apesar de não existirem registros que atestem o local da instalação para a guarda e manutenção das aves da coleção de D. Fernando I, esta, muito provavelmente, se localizava na região de Santarém, pois durante suas caçadas o rei levava consigo “quaremta e cimquo falcoeiros de befta, afora outros de pee e moços de caça, e dizia que nom avia de follguar ataa que poboaffe em Santarem huuma rua, em que ouveffe çem falcoeiros”[14] (LOPES, 1816, p. 124).

Ferreira (1616, p. 4v) afirma que, apesar de a falcoaria ter sido uma prática comum dos monarcas desde o início da história de Portugal, esta entra em declínio durante o reinado de D. Sebastião I (1554-1578); tal prática vai ressurgir, como atividade real regular, somente no século XVIII, quando o rei D. José I (1714-1777) estabelece no Paço de Salvaterra de Magos, localizado na região de Santarém, um centro de falcoaria real.

Ao descrevermos a Coleção Zoológica Viva mantida por D. Fernando, assim como aquelas dos demais monarcas para a prática da falcoaria, esbarramos com a clássica definição de coleção estabelecida por Pomiam.

Diferentemente da coleção do rei D. Dinis I, criada com a finalidade de ser contemplada em prol da exaltação dos feitos reais, as coleções de cetraria têm, como objetivo principal, sua utilidade prática. Não podemos negar que os proprietários de tais coleções são extremamente seletivos em relação aos animais que as integram, não sendo estas, portanto, meros depósitos ou acúmulo de animais.

Um conjunto de aves de rapina é uma coleção que apresenta uma coesão interna na qual seus membros formam um todo funcional. Eventualmente poderemos observar, por parte de um monarca, certa preferências e admiração por determinados exemplares, os quais podem ser privados de sua utilidade prática de caça com o intuito de serem preservados contra possíveis injúrias, adquirindo uma função meramente

[13] “a estes acodem todos os Falcões, Açores, Gaviões, Esmerilhões e todas as demais aves de rapina que voam em sua direção com fúria, dando-lhes rasantes e investidas” (Tradução nossa).
[14] “quarenta e cinco falcoeiros a cavalo, além de outros a pé e moços de caça, e dizia que não descansaria até que povoasse uma rua de Santarém com cem falcoeiros” (Tradução nossa).

contemplativa, se transformando, inclusive, em itens de veneração por parte de seu colecionador.

A contemplação, preconizada por Pomiam como requisito necessário e mesmo imperativo para a definição de coleção, que suplantaria e anularia seu uso, no caso das coleções para cetraria, pode ser interpretada sob um outro ângulo. Estas coleções só poderão ser apreendidas, como tal, em sua plenitude, quando seus exemplares não são exibidos de uma forma "estática", repousando sob um poleiro, mas sim quando estes, embebidos pelos padrões culturais que os moldaram como itens merecedores de integrarem tais coleções, exibem, pelo ato da caça, suas qualidades, deixando perplexos e admirados os seus proprietários. As coleções zoológicas para a cetraria só adquirem sentido quando efetivamente utilizadas.

3.2 Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas – período colonialista

As explorações marítimas portuguesas, iniciadas no século XV, além de ampliarem as fronteiras do mundo conhecido, possibilitaram o contato direto com uma fauna e uma flora totalmente desconhecida para a época. A posse e a exibição destes exemplares exóticos outorgavam grande *status* e poder aos monarcas que os possuíssem, uma forma simbólica de demonstrar, às demais nações, seus domínios sobre as novas terras conquistadas.

Nesta Tese, vamos dividir a história das Coleções Zoológicas Vivas Reais presente em Portugal, a partir do século XV, em duas fases, reflexo direto da ascensão e do declínio desta nação como potência expansionista mundial.

3.2.1 Primeira fase – Ascensão

A índole expansionista sempre esteve presente no povo português e foi justamente este caráter "nidífugo" responsável por moldar a história de Portugal. Esta característica, contudo, aflora definitivamente com a tomada de Ceuta, primeiro território descontínuo a integrar o Reino Português, realizado em 1415, durante o reinado de D. João I (1357-1433). Este período, que coincide com a ascensão da Dinastia Aviz ao trono de Portugal, se estenderá até 1581 quando Portugal perde sua autonomia política ficando submetido ao controle de Castela (Dinastia Filipina).

3.2.1.1 Coleção Zoológica Viva de D. Afonso V

A conquista de Ceuta, um novo território não contíguo ao Reino de Portugal incorporado à Coroa Portuguesa e separado desta por uma porção de oceano abriu

caminho para a exploração de novas regiões, começando pela costa noroeste do Continente Africano. Foi justamente neste cenário que se estabeleceu a Coleção Zoológica Viva do rei D. Afonso V (1432-1481), a primeira que efetivamente refletiu o expansionismo marítimo português, e considerada por Loisel (1912, v. I, p. 216) como sendo a segunda grande coleção[15] desta natureza, em Portugal.

Segundo Loisel (1912, v. I, p. 216), esta coleção era mantida na cidade de Sintra, onde "O rei Afonso V passou a maior parte de sua vida, em um dos castelos, o da Peña, onde nasceu e para onde retornou, para morrer". Apesar de esse monarca ter nascido e morrido em Sintra, Loisel comete um equívoco ao identificar o Palácio da Pena[16] como sua residência[17].

Com excessão das citações realizadas por Loisel e por Baratay / Hardouin-Fugier, mencionada no Capítulo 2, durante esta pesquisa, nos deparamos com apenas mais uma referência à existência, na cidade de Sintra, de uma Coleção Zoológica Viva mantida pela monarquia portuguesa[18]. Excluindo estes autores, não encontramos nenhuma outra referência que apoie a existência de uma coleção de animais vivos associados ao Paço de Sintra.

Nicolau Lanckman de Valckenstein, capelão imperial de Frederico III, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, apresenta um relato interessante ao descrever a suntuosa festividade, ocorrida de 13 a 24 de outubro de 1451, em homenagem ao casamento de Leonor de Portugal, irmã do rei Afonso V, com o imperador Frederico III.

> No dia 13 de outubro, [...] acabada a ceia, [...] vieram [os] africanos e mouros com danças e aparatos segundo seu costume. [...] A seguir vieram homens das selvas, nascidos em qualquer recanto do mundo, [...] e executaram uma dança especial de maravilhar, à maneira do que fazem numa ilha chamada Canária. [...] No dia quatorze do mês de outubro, a senhora despojada [Leonor], foi conduzida com grande solenidade e aparato, do castelo real, até baixo, à cidade de Lisboa, a um palácio situado no meio da cidade [onde foram realizados] representações e espetáculos. [...] Descendo em direcção à praça, havia uma fonte artificial, vertendo uma água rósea, para refrigério e deleite dos homens. Havia aí um horto com diversos animais selvagens. [...] a senhora despojada veio com o rei e a rainha, os irmãos e as irmãs, e os embaixadores [de Frederico III] e com toda a corte, de local em local; seguia-a todo o povo, [...] mais de vinte mil pessoas. [...] No dia 17 do mês de outubro [...] veio um elefante, de grande corpulência, e havia um engenho que trazia em cima uma torre com pequenas guaritas, construída de madeira; nela vinham de pé quatro tocadores de trombeta, e quatro meninos africanos. [...] No dia 20 do mês de outubro [...] vieram uns caçadores, com grandes cães,

[15] Podemos interpretar o emprego do termo "grande", aplicado por Loisel à Coleção Zoológica Viva de D. Dinis I, não pelo número de animais que a constituía, mas sim pelo fato heroico que justificou sua criação.
[16] A construção do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, em Sintra, deve-se ao rei D. Manuel I, em 1503, logo posterior ao reinado de D. Afonso V. Foi somente no século XIX que D. Fernando II edificou, utilizando parte da estrutura do antigo mosteiro, o Palácio da Pena.
[17] D. Afonso V, na realidade, passou parte de sua vida no Paço de Sintra.
[18] Lach (1970, p. 12) relata um fato curioso quando menciona que D. João de Castro (1500-1548), após exercer seu mandato como vice-rei da Índia, retorna a Portugal, construindo uma Quinta na cidade de Sintra, em uma localidade denominada "Penha Verde", onde se localizava uma antiga *Ménagerie* Real. A descrição desta Quinta já foi mencionada no Capítulo 2 desta Tese.

> trazendo um leão, um urso, um grande porco selvagem, e fizeram uma caçada de espantar (VALCKENSTEIN *apud* NASCIMENTO, 1992, p. 33-43).

A descrição de Valckenstein exemplifica bem o reinado de Afonso V, uma profusão de imagens relativas à África, primeiro continente a integrar os domínios d'além-mar de Portugal e, evidentemente, a presença de animais exóticos da fauna africana na corte portuguesa. Durante seu reinado, registramos, ainda, dois episódios envolvendo a oferta de animais a monarcas estrangeiros, possivelmente vinculados à troca de presentes diplomáticos[19] com o objetivo de se alcançar privilégios políticos.

Em 1475, em meio às disputas sucessórias ao trono de Castela, D. Afonso V se autoproclama rei de Castela, iniciando uma campanha com o intuito de legitimar este feito. Coincidentemente, nesse mesmo ano este monarca presenteia o rei Luís XI, da França, com uma grande coleção de animais provenientes da Guiné (MULLAN, 1999, p. 99) e, dois anos mais tarde, em 1477, remete a René d'Anjou, rei de Nápoles, "um elefante, dois camelos, civetas, macacos comuns, macacos brancos e marmotas" (LOISEL, 1912, v. I, p. 255).

Apesar de não encontrarmos relatos na literatura que apoiem a vinculação destes presentes como atos diplomáticos, muito provavelmente o envio de animais exóticos aos reis da França e de Nápoles estava diretamente associado à tentativa de D. Afonso em formar alianças políticas que apoiassem sua pretensão ao trono castelhano.

Ainda que não tenhamos uma descrição dos animais enviados ao Rei D. Luís XI, dos animais presenteados a René d'Anjou dois merecem destaque, o Leão e o Elefante. O felino, citado por Valckenstein, certamente era um Leão-do-atlas (*Panthera leo leo*), subespécie atualmente extinta que habitava originalmente o norte da África e que deve ter chegado a Lisboa através das colônias em solo marroquino; contudo é a presença de um Elefante na corte de D. Afonso V que mais chama nossa atenção, pois este seria o primeiro registro deste animal em uma Coleção Zoológica Viva Real em território

---

[19] A utilização de animais como presentes diplomáticos, já mencionado no Capítulo 2, foi uma prática comum observada nas sociedades humanas em todos os períodos históricos, inclusive no atual, tendo como principal propósito materializar os acordos e alianças firmados entre os diferentes governos. As três coleções zoológicas estabelecidas por Carlos Magno (742 - 814 d.C.) em diferentes regiões de seu vasto domínio (HANCOCKS, 2001, p.13), por exemplo, foram, em grande parte, fruto de doações como forma de reconhecimento e alianças firmadas com os diferentes governantes dos territórios incorporados a seu domínio (HOAGE, 1996, p.13; KISLING Jr., 2001, p. 22). Dentre os animais recebidos, por Magno, havia um Elefante branco denominado "*Abu'l-Abbas*", enviado por *Harun al-Rashid*, califa da Abássida (Bagdá) como retribuição aos animais recebidos, dentre estes um grupo de Cães de caça alemão, pelo acordo firmado contra Veneza, inimiga comum que detinha o monopólio do Império Bizantino (BEAUDRY, 2010, p.7).
Em 1678, durante o reinado de D. Afonso VI (1643-1683), foi enviada à China uma embaixada portuguesa, chefiada por Bento Pereira de Faria, que ofertou, dentre outros presentes, ao imperador chinês um leão africano proveniente de Moçambique (BERTUCCIOLI, 1976, p. 223).
Mais recentemente, o governo da República Popular da China, entre os anos de 1958 e 1982, enviou a governantes de nove países um total de 23 Pandas-gigantes (*Ailuropoda melanoleuca*) como presentes diplomáticos.

português. Um fato extremamente importante para a história destas coleções que passa despercebido pelos autores que tratam do estudo dos animais vivos exóticos como parte das coleções reais. Como nessa época Portugal só mantinha seu domínio sobre possessões no Continente Africano este exemplar, certamente, era um Elefante-da-savana[20] (*Loxodonta africana*), diferentemente dos elefantes do gênero *Elephas*, muito presentes na coleção do rei D. Manuel I, provenientes da Índia, como veremos mais adiante. Este Elefante, citado por Loisel, muito provavelmente, é o mesmo exemplar relatado por Valckenstein.

A Coleção Zoológica Viva de D. Afonso V assume um papel ímpar na história de Portugal, inicialmente por ter sido a primeira a abrigar animais importados dos territórios conquistados na costa ocidental da África e por consistir no primeiro registro, para este Reino, da utilização de animais exóticos vivos como presentes diplomáticos para a obtenção de vantagens políticas.

3.2.1.2 Coleção Zoológica Viva de D. João II

As poucas referências encontradas na literatura sobre a Coleção Zoológica Viva mantida por D. João II (1455-1495), filho e sucessor de D. Afonso V, vão apresentar uma certa confusão no tocante à origem de determinados fatos. Esta imprecisão nos dados é, em parte, consequência das expedições de Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã à Ásia menor, financiadas por este monarca, com a finalidade de recolher informações sobre o lendário Reino de Preste, na atual Etiópia, assim como sobre o comércio de especiarias provenientes da Índia pelos muçulmanos, dados estes importantes para o planejamento da busca por um possível caminho marítimo para o Oriente, ainda inexplorado. As expedições de Paiva e Covilhã se confundem com a exploração da costa ocidental africana, basicamente da região da Guiné, como veremos mais adiante.

Como já mencionamos anteriormente, as informações sobre as Coleções Zoológicas Vivas presentes em Portugal, descritas na *Histoire des Ménageries*, de Gustavo Loisel, são extremamente sucintas, além de nem sempre estarem acompanhadas das fontes por ele utilizadas devendo, desse modo, ser utilizadas com certa cautela. Em relação à coleção de D. João II, por exemplo, Loisel foi bem econômico descrevendo-a em apenas cinco linhas.

> *Le règne suivant, celui de Jean II (1481-1495), fut / l'époque où l'on vit venir pour la première fois, à Lisbonne, / des nègres africains et où les envois de singes et d'oiseaux / aux beaux plumages devinrent les*

[20] Atualmente são reconhecidas duas espécies de Elefantes africanos, o Elefante-da-savana (*Loxodonta africana*) e o Elefante-da-floresta (*Loxodonta cyclotis*) restrito às florestas da região da bacia do Congo. A diferenciação entre estas duas espécies depende da análise de uma série de características morfológicas, nem sempre fáceis de ser detectadas.

> *cadeaux obligés de / grand seigneur à grande seigneur*[21] (Loisel, 1912, v. I, p. 216-217).

Além da escassez de dados no relato de Loisel, sua colocação sobre os negros africanos é um dado questionável, já que existem registros que comprovam a chegada de africanos a Portugal em data anterior ao reinado de D. João II, mais precisamente na época de D. Afonso V (AZURRARA, 1493, p. 71). Sobre os animais enviados, o autor não fornece detalhes sobre a região geográfica de onde provinham nem uma descrição mais minuciosa dos exemplares remetidos, restando-nos apenas imaginar que macacos e pássaros de belas plumagens poderiam ter sido estes.

As informações mais consistentes sobre os animais mantidos por D. João II foram realizadas pelo médico Jerónimo Münzer (1437-1508), durante sua peregrinação pela Europa, entre os anos de 1495 e 1496. Suas anotações, elaboradas durante os dez dias em que permaneceu em Évora e dos seis em que esteve em Lisboa, nos revelam dados importante sobre a Corte Portuguesa e a Coleção Zoológica Viva de propriedade de D. João II, pois este médico esteve pessoalmente com o rei, em Évora, onde residia (MOLINA, 1013, p. 323). Münzer cita que se sentou "*cuatro veces a su mesa, y [hablaran] de variados asuntos, mostrándose muy amable ... donde fuimos informados por su majestad real acerca de los asuntos de Etiopía y de las tierras del sur"*[22] (CALERO, 1996, p. 288).

Münzer descreve o Paço de Évora como um "*hermoso palacio real*", onde pode observar "*un camello*[23] *joven y hermoso en el patio del rei, que hizo traer de África, donde abundan*" (MOLINA, 2013, p. 328-329). Ainda em Évora, ao visitar a Igreja de São Brás, ficou espantado com *"parte de la piel de una serpiente traída de Guinea de Etiopía*[24]*, que era de treinta palmos de longitud y del grosor de un hombre, y que fue muerta con flechas de fuego… y aseguraron que devoraba a dos hombres sujetándolos con las espirales de su cola, y que luchaba con los elefantes"*[25] (MOLINA, 2013, p. 328).

Sua descrição de Lisboa não é menos interessante. Durante sua visita aos mosteiros da cidade, observou, em um deles, localizado na colina oposta ao castelo,

---

[21] "O reinado seguinte, foi de João II (1481-1495), época que chegaram pela primeira vez a Lisboa os negros africanos, quando o envio de macacos e pássaros de belas plumages constituiu-se em presentes obrigatórios entre os grandes senhores (Tradução nossa).

[22] "quatro vezes à sua mesa, conversando sobre assuntos variados, mostrando-se muito amigável [...] onde fomos informados, por sua majestade real, sobre os assuntos da Etiópia e das terras do sul" (Tradução nossa).

[23] Certamente o animal descrito era um Dromedário (*Camelus dromedarius*) e não um camelo (*Camelus bactrianus*), já que estes são nativos da Ásia Central.

[24] O emprego do termo "*Guinea de Etiopía*" utilizado por Münzer em seus relatos, provavelmente deve-se à confusão feita pelo médico pelas diversas históricas que ouviu sobre as conquistas portuguesas durante sua estada em Portugal, em parte relatada pelo próprio D. João II. Nessa época, as regiões da Guiné, na costa ocidental da África e a Etiópia, na costa oriental, faziam parte do imaginário dos portugueses.

[25] "parte de uma pele de cobra, trazida da Guiné na Etiópia, que possuía trinta palmos de comprimento [aproximadamente 6,60 metros] e a espessura de um homem, e que foi morta com flechas de fogo ... nos asseguraram que ela teria devorado dois homens que foram presos enrolados com sua cauda , e quem lutou com elefantes" (Tradução nossa).

"*un enorme cocodrilo colgado en el coro, y un gran árbol llamado dragón*"[26] (MOLINA, 2013, p. 332), e, em outro, ficou surpreso com o pequeno gabinete de curiosidades, que constava de

> *un pico de pelícan* [...] *abundan en Guinea, unas cañas de las que las tormentas marinas arrojan desde oriente a las islas de Madera y Fayal; una de ellas medía dieciséis palmos* […] *vimos también pequeñas lanzas hechas de cañas, con agudísimas puntas, que los etíopes llaman azagayas* […] *también un pequeño cocodrilo y unas sierras, que son los picos de unos peces enormes*[27] (MOLINA, 2013, p. 332).

Entretanto, foi no castelo de Lisboa, "*un castillo verdaderamente regio, con sus pabellones, estancias y demás cosas*"[28], que encontramos o único relato da presença de animais exóticos vivos pertencentes ao rei D. João II, nesta cidade: "*dos bravísimos leones, tan bellos como nunca vi otros*"[29]. Münzer destaca, também, a existência, neste castelo, de *"un mapa del mundo muy bien pintado, en una tabla muy grande y dorada, cuyo diámetro era de catorce palmos"*[30] (MOLINA, 2013, p. 332).

Durante o reinado de João II, Lisboa começava a se firmar como um grande centro de comércio e entreposto europeu, por onde circulavam mercadorias, escravos, animais e plantas vindos da costa ocidental da África, o que nos leva a concluir que a Coleção Zoológica Viva de propriedade do rei D. João II, certamente, não se restringia a um Dromedário, mantido no Paço Real de Évora, e a dois Leões presentes no Castelo de Lisboa.

3.2.1.3 Coleção Zoológica Viva de D. Manuel I

Foi durante o reinado de D. Manuel I (1469-1521) que as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal atingiram seu clímax. Nesse período, começou a chegar a Lisboa uma grande quantidade de animais de diferentes regiões, dentre eles os Elefantes, tributo máximo digno da grandeza de um monarca como D. Manuel. Apesar de Costa (2009, p. 60) apontar para a chegada de "outros animais jamais vistos na Europa, tais como o emu e o dodo", não encontramos dados que confirmassem a

[26] "um enorme crocodilo pendurado no coro, e uma grande árvore chamada dragão" (Tradução nossa).
[27] "um bico de pelicano [...] que abundam na Guiné, alguns troncos que as tempestades marinhas trouxeram do leste para as ilhas da Madeira e Fayal; um deles medindo 16 palmos [3,52 metros] [...] vimos também pequenas lanças feitas de juncos, com pontas agudas, que os etíopes chamam de azagaias [lanças]... além de um pequeno crocodilo e umas serras, que são os bicos de uns peixes enormes[...]" (Tradução nossa).
[28] "um castelo verdadeiramente régio, com seus pavilhões, acomodações e outras coisas" (Tradução nossa).
[29] "dois leões bravíssimos, tão belos como nunca antes vistos" (Tradução nossa).
[30] um mapa do mundo muito bem pintado, em uma tábua muito grande e dourada, cujo diâmetro era de catorze palmos [4,18 metros]" (Tradução nossa).

presença destas espécies nas Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal durante esse período[31].

Na primeira década de seu reinado, D. Manuel habitou o Paço da Alcáçova, entretanto, "depois que começou conquiftar ha India mandou [...] fazer hos magnificos, & fumptuofos Paço da Ribeira de Lisboa, pera onde fe foi dos Dalcaçova, fem mais tornar a viuer nelles"[32] (GOES, 1566, p. IV, p. 109v). Com a construção do novo Paço, D. Manuel transfere simbolicamente "o centro de poder do ancestral paço fortificado da Alcáçova para junto dos cais e armazéns nas margens do Tejo, associando ainda mais a coroa ao ideal de um império ultramarino e mundial" (SILVA, 2010), de onde passa a emanar "as ordens que faziam mover o mundo" (SENOS, 2000, p. 7).

Deste paço muito se fala, como se este fosse uma edificação amplamente estudada e da qual não necessitasse maiores pormenores, assim como o espaço a ela associado, a "*Menagérie*" da Ribeira, onde D. Manuel mantinha sua Coleção Zoológica Viva. Entretanto, poucos autores efetivamente se dedicaram ao estudo deste Palácio na tentativa de entender sua estrutura arquitetônica, completamente desaparecida após o terremoto de 1755.

A descrição realizada por Senos do Paço da Ribeira[33], a princípio, não é condizente com um local onde pudesse ser mantida uma grande coleção de animais exóticos. Baseando-se na documentação depositada na Torre do Tombo, Senos aponta para a existência de dois jardins murados associados diretamente aos aposentos do rei e da rainha (SENOS, 2000, p. 154). Sua conclusão sobre estes espaços se apoia nos relatos das obras realizadas no Paço, como "hum muro que cayo [...] defronte do pomar del Rey" o qual também era referido como o "larangall del Rey noso senhor" (SENOS,

---

[31] Não é de todo improvável a presença de Dodôs (*Raphus cucullatus*) e mesmo do Solitário-de-rodrigues (*Pezophaps solitaria*) em Portugal, já que as ilhas Mascarenhas (Maurício, Reunião e Rodrigues) de onde estas espécies eram endêmicas, já eram conhecidas dos navegadores portugueses desde 1507, quando da chegada de Diogo Dias a Maurício e de Pedro Mascarenhas, em 1512, às demais Ilhas Mascarenhas. HUME (2006, p. 79) cita, entretanto, que a observação de Dodôs vivos, fora de sua área de origem, a Ilha Maurício, se restringe a apenas três registros fidedignos, dois para a Europa, durante os anos de 1620 a 1630 e o terceiro relacionado à observação de exemplares por Peter Mundy, quando da visita à Coleção Zoológica Viva do imperador mongol Jahangir (1569-1627), exemplares estes que serviram de modelo para a ilustração mais realista conhecida desta espécie, realizada por Mansur provavelmente no ano de 1625. Em relação a outra espécie citada por Costa, o Emu (*Dromaius novaehollandiae*), é muito improvável a chegada destes exemplares a Lisboa durante o reinado de D. Manuel I, pois estas aves, autóctones da Austrália, só conseguiriam chegar à Europa através de um comércio "indireto" com os negociantes da atual Indonésia, já que o território australiano iria ser oficialmente descoberto pelo navegador holandês Willem Janszoon em 1606, desse modo, posterior ao reinado de D. Manuel I. Peter Trickett, em seu livro *Beyond Capricorn* (Para além de Capricórnio, Ed. Caderno, 2008), levanta a hipótese de o navegador português Diogo Pacheco, em 1520, ter atingido a costa do continente australiano em sua busca pela "Ilha do Ouro", baseando sua análise em uma coleção de mapas (*Atlas Valard*) compilados em 1547. Esta descoberta, contudo, não é reconhecida oficialmente.

[32] "depois que começou sua conquista da Índia mandou [...] fazer o magnífico e suntuoso Paço da Ribeira de Lisboa, para onde se transferiu, não voltando mais a viver no Paço de Alcáçova" (Tradução nossa).

[33] Nuno Senos realizou, em sua Tese de doutoramento, um estudo minucioso do Paço da Ribeira na tentativa de reconstruir sua estrutura física. Seu trabalho, "O Paço da Ribeira (1501-1581)", está disponível para consulta no site:
<https://www.academia.edu/19397934/Nuno_Senos._O_Pa%C3%A7o_da_Ribeira_1501-1581._Lisboa_Editorial_Noticias_2002>. Acesso: 03 Jun. 2017.

2002, p. 155), e no “ladrylhamento das Ruas do jardim” (SENOS, 2002, p. 156). A presença do segundo jardim é inferida a partir da documentação referente ao pagamento de salário ao jardineiro da rainha, que, segundo Senos (2001, p. 157), “se existe um jardineiro da rainha, também tem de existir, por maioria de razão, um jardim da rainha, distinto daquele a que as fontes chamam do rei”, e cuja documentação por ele analisada cita como sendo o “jardim de cima”. Deste, ao contrário do primeiro, não existem registros iconográficos.

Um ofício, datado de 1515[34], comprova que no “jardim de cima” existiam coelhos e pássaros, pois neste documento D. Pedro de Castro solicita ao almoxarife do reguengo de Algés a entrega de um moio[35] de cevada a Filipe Barreira, jardineiro da Rainha, para a alimentação destes animais.

As raras iluminuras de época, que retratam o Paço e seu jardim (Figura 7), não relevam a presença de instalações, jaulas e viveiros, para a manutenção de animais. Apesar da carência destes registros, Barbosa (1885, p. V) afirma que os animais enviados a Lisboa eram “recolhidos [...] no pavimento terreo dos paços da Ribeira, em casas transformadas em jaulas, com as janellas e portas resguardadas com grades de ferro, ou nos pateos, conforme a natureza dos referidos animaes”.

Figura 7: Iluminura das Chronicas de Dom Afonso Henriques de Duarte Galvão retratando Lisboa, c. 1500 -1510. À esquerda da gravura, representação do jardim do Paço da Ribeira (jardim do Rei).

Ao tentarmos elucidar a Coleção Zoológica Viva mantida por D. Manuel I, esbarramos, inicialmente, com a problemática acerca do local onde este monarca mantinha sua coleção, uma questão por nós já levantada para as coleções dos reinados

[34] CASTRO, P.,1515. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 60, nº 25.
[35] O moio foi uma antiga unidade de medida utilizada para aferir tanto valores de capacidade (sólidos e líquidos) quanto de superfície; na época de D. Manuel I um moio correspondia a 790 litros. Fonte: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Moio>. Acesso: 15 mai 2017.

anteriores. Entretanto, em se tratando da coleção de D. Manuel, este questionamento se amplifica já que este rei chegou a ter uma manada formada por cinco Elefantes (GOES *apud* COSTA, 2009, p. 71).

Muito curiosa é a descrição feita por Loisel desta "*Ménagerie*". Segundo este autor, "*une troisième ménagerie royale* [de D. Manuel I]*, celle de Ribeira, fut construite, à cette époque, à un kilomètre au nord de Cintra pour ces grands animaux*"[36] (LOISEL, 1912, p. 217). Assim, pelo menos no que tange aos animais de grande porte, estes eram mantidos, segundo Loisel, em uma propriedade localizada a um quilômetro ao norte da cidade de Sintra e não no Paço da Ribeira, ou em qualquer outro local em Lisboa, como normalmente é referido e imaginado. Esta descrição, contudo, não seria de todo absurda, já que a aproximadamente um quilômetro ao norte de Sintra existe uma localidade denominada Ribeira de Sintra, de onde poderia ter originado o nome "*Ménagerie*" da Ribeira. Se assim o for, teria este espaço, destinado à manutenção de animais vivos durante o reinado de D. Manuel, relação com o espaço citado tanto por Loisel quanto por Lach para a "*Menagérie*" de D. Afonso V, anteriormente descrita? Esta questão merece um estudo mais aprofundado que, entretanto, foge ao recorte temporal proposto para esta Tese, o século XVIII.

Mais interessante, e plausível, é a descrição feita por Kisling Jr.:

> *By the time of King Dom Manuel I, the royal palace menagerie at Ribeira, Lisbon included birds, gazelles, antelope, lions, and a trained cheetah, and the royal palace menagerie at Estãos maintained a herd of elephants and other large animals*[37] (KISLING Jr., 2001, p. 29).

Segundo este autor, a coleção de D. Manuel estaria dispersa em pelo menos dois espaços descontínuos, o Paço da Ribeira, situado em Lisboa e não em Sintra, como proposto por Loisel, e, em um segundo espaço, o Palácio Real de Estãos (Estaus) (Figura 8), também em Lisboa, onde eram mantidos os animais de grande porte.

Se do Paço da Ribeira temos uma carência de informação a respeito das possíveis áreas onde estaria instalada a Coleção Zoológica Viva de D. Manuel I, quando nos referimos ao Paço de Estãos o assunto não fica menos problemático, já que são parcos os estudos que descrevem sua estrutura física onde, segundo Kisling Jr., era mantida uma manada de Elefantes.

Damião de Goes (1566, tomo IV, p. 25v) ao relatar o famoso episódio da luta entre um Elefante e um Rinoceronte, realizada pelo monarca português, descreve que "saido afsi ho Elephante do pateo tomou ho caminho dos eftáos, onde era fua

[36] "uma terceira *Ménagerie* real [de D. Manuel I], denominada da Ribeira, foi construída nessa época, a um quilômetro ao norte de Sintra para abrigar os animais de grande porte" (Tradução nossa).
[37] "Na época do rei Dom Manuel I, a *Ménagerie* do palácio real na Ribeira, em Lisboa, incluía aves, gazelas, antílopes, leões e uma cheeta treinada e na *Ménagerie* do Palácio Real em Estãos era mantida uma manada de elefantes e outros animais de grande porte" (Tradução nossa).

poufada”[38]. Por esta citação, Goes deixa claro que, pelo menos em relação aos Elefantes, mas certamente extensível aos demais animais de grande porte, o Paço de Estãos era o local onde eram mantidos estes animais.

Rijo (2016, p. 19) descreve este Paço como

> uma construção dimensionada para acolher embaixadores estrangeiros, fidalgos e episodicamente a corte ... [onde] ao sul, no exterior da cerca, localizavam-se as cavalariças d’el rei, que complementavam a função do Estaus, aí se recolhendo os animais de cela dos viajantes e suas comitivas.

Pudemos corroborar a afirmação deste autor pela documentação encontrada na Torre do Tombo, tanto no uso deste Paço pela corte, pelo registro do custeio da mudança do fato da camareira-mor do Paço dos Estãos para Almeirim, na região de Santarém[39], como sua utilização pela cavalariça real, confirmado pela existência de um alvará, emitido por D. Manuel, que descreve as obras necessárias na estribaria de Estãos[40], assim como as intervenções realizadas em suas manjedouras[41].

Figura 8: *Civitates orbium terrarum*, Pormenor de Lisboa, 1572, tendo no canto superior direito o Paço de Estão, e embaixo à esquerda o Paço da Ribeira com o Jardim do Rei.

Contudo, é de se estranhar como em um Paço frequentado pela corte e por estrangeiros de passagem por Lisboa passaria despercebido, nos relatos existentes sobre este Paço, um grupo de Elefantes e de outros animais exóticos d’além mar.

Independentemente das dúvidas que pairam sobre o local da instalação de sua Coleção Zoológica Viva, D. Manuel I possuía, mesmo antes das descobertas do

[38] “o Elefante saindo do pátio tomou o caminho dos Estãos, onde era sua morada” (Tradução nossa).
[39] ANTT, Corpo Cronológico, parte I, mç. 87, n.º 96, datado de 11 de fevereiro de 1552.
[40] ANTT, Corpo Cronológico, parte I, mç. 20, n.º 30, datado de 13 de maio de 1516.
[41] ANTT, Corpo Cronológico, parte II, mç 93, nº 138, datado de 10 de janeiro de 1521.

caminho marítimo para as Índias e do Brasil, uma coleção de animais herdadas de seu primo, o rei D. João II, instalada no Paço da Alcáçova[42].

Vale ressaltar, ainda, que a manutenção de animais exóticos era uma prática comum entre os grandes aristocratas e representantes da corte que mantinham exemplares "de estimação" nas dependências internas de suas residências. A própria mãe do monarca, Beatriz de Portugal, ao morrer, em 1505, tinha consigo "dois Gatos-da-Algália [*Civettictis civetta*] ricamente ornamentados com colares de ouro e pedras preciosas, dois papagaios [possivelmente *Psittacus erithacus*] e vários escravos, muitos deles brancos" (SÁ, 2009, p. 594). Pedro Álvares Cabral também carregava animais exóticos durante suas viagens; ao receber um grupo de indígenas a bordo de sua nau, logo após sua chegada ao Brasil, Cabral lhes mostra um Papagaio pardo que trazia consigo (CAMINHA, 1500); certamente, também, um Papagaio-do-congo (*Psittacus erithacus*).

Um dos primeiros relatos do envio de animais das terras de Pindorama, recém-descobertas por Cabral, para Portugal, é encontrado nas "Lendas da Índia" de Gaspar Correa (1496-1563). Correa (1858, Tomo I, parte I, p. 152) descreve que, antes de seguir para a Índia, Cabral "d' aqui [Porto Seguro] tornou a mandar ao Reyno o nauio de André Gonçalues, com a noua a ElRey desta noua terra que descobrira; e mandou homens, e molheres, e moços, e suas redes e vestidos, e dos papagayos grandes, e d' outros mais pequenos"[43].

O retorno das naus da esquadra de Cabral a Lisboa, em 1501, despertou a atenção de observadores italianos do "bem organizado sistema de espionagem mantido pelas autoridades italianas em solo português" (SEGISMUNDO, 1948/1949, p. 39). Pereira (1979, p. 105) cita duas cartas que relatam a chegada da nau Nossa Senhora Anunciada, na primeira, datada de 26 de junho de 1501, Giovanni Matteo Crético informa o Doge de Veneza, Agostinho Barbarigo, sobre o descobrimento de "uma terra nova a que chamam Papagá, por ai haverem exemplares de braço e meio de comprimento, de várias cores; deles vimos dois", na outra, Bartolomeu Marchioni cita que foram trazidos do Brasil dois Papagaios coloridos de côvado e meio [um metro] de tamanho, possivelmente os mesmos observados por Crético. Esses exemplares, possivelmente duas araracangas (*Ara macao*), devem ter servido de inspiração para a ilustração do planisfério de Cantino, datado de 1502 (TEIXEIRA, 2016, p. 4) (Figura 9).

Damião de Goes relata ainda que, em 1503, D. Manuel

> mandou Gõçalo coelho com feis naos á terra de fanƐta Cruz, cõ que partiu do porto de Lisboa ahos dez dias do mes de Iunho, das quaes por ainda terem pouca notiçia da terra, pdeo quatro, & has outras duas

[42] Que, como colocado no tópico referente ao rei D. João II, estava restrita a, pelo menos, dois Leões.
[43] " de Porto Seguro fez retornar ao Reino o navio de André Gonçalves, para que este informasse ao Rei a descoberta de novas terras, enviando nativos, homens, mulheres e crianças, com suas redes e vestimentas, além de dois papagaios grandes e de outros menores" (Tradução nossa).

> trouxe aho Regno, com mercadorias da terra, que entam nam eram outras, q pao vermelho, a que chamão Brafil, bogios e papagaios[44] (GOES, 1566, p.65).

Observamos, pelas descrições citadas, que os animais exóticos despertavam grande atenção e interesse dos navegadores, e aqueles que mais aguçavam a curiosidade eram os Primatas (Macacos) e os Psitacídeos (Papagaios). Apesar de estes exemplares estarem representados na Coleção Zoológica Viva de D. Manuel, podemos supor que esta certamente abrangia uma diversidade muito maior de grupos animais provenientes do vasto mundo português. Contudo, a coleção de D. Manuel é amplamente conhecida e lembrada por abrigar dois animais em especial, Elefantes e um Rinoceronte.

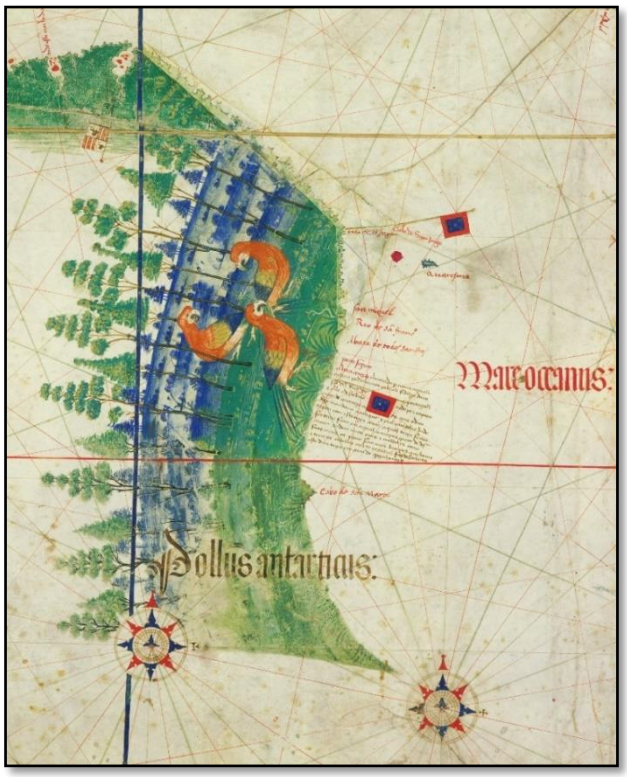


Figura 9: Detalhe do Planisfério de Cantino (1502), ilustrado com três Araras.

Os Elefantes, sem sombra de dúvida, são os representantes do reino animal que mais expressam o poder simbólico de um monarca sobre as terras conquistadas, e D. Manuel I foi o rei europeu que mais se utilizou destes exemplares com esta finalidade apresentando, como já mencionamos anteriormente, uma manada constituída por cinco exemplares mantidos no Paço de Estãos.

[44] "enviou Gonçalo Coelho com seis naus à terra de Santa Cruz, o qual partiu do porto de Lisboa no dia 10 de junho; por terem ainda pouco conhecimento da terra, quatro naus naufragaram, retornando ao Reino somente as duas restantes, as quais trouxeram mercadorias da terra, basicamente constituídas por pau vermelho, chamado Brasil, bugios e papagaios" (Tradução nossa).

D. Manuel realizava, frequentemente pelas ruas de Lisboa, seus cortejos régios, em uma explícita demonstração de poder. Durante estas paradas eram exibidos muitos elementos e imagens relativos às longínquas terras conquistadas, pessoas de diversas etnias, indumentárias exóticas e, naturalmente, animais, dos quais seus representantes máximos eram o Elefante "Hanno" e o Rinoceronte "Ganda" (ALVES *apud* FURTADO, 2008, p. 152).

Lanch (*apud* Costa, 2009, p. 60) relata que, durante o século XVI, foram trazidos à Europa treze Elefantes asiáticos pela Carreira da Índia[45]. Em 1512, por exemplo, pelo menos três exemplares foram despachados de Goa[46] e, em 25 de janeiro de 1514, outro exemplar seguiu para Lisboa[47]. De todos estes exemplares o mais famoso, sem sombra de dúvidas, foi o Elefante Hanno[48] (Figura 10), um exemplar albino presenteado ao Papa Leão X, em 1514, juntamente com a suntuosa embaixada chefiada por Tristão da Cunha. Dentre os presentes ofertados, além de Hanno, constavam

> joias đ grãde valor, & hũa Onça de caça com hũ cauallo Perſio q lhe mandara el Rei de Ormuz cõ hũ caçador da meſma prouinçia q trazia a Onça ſobelas ãcas do cauallo, poſta em hũa cuberta neruada, & dourada muito bẽ feita[49] (GOIS, 1566, v. III, p.99).

O segundo animal que projetou a Coleção Zoológica Viva de D. Manuel I como uma das mais famosas da Europa foi um Rinoceronte indiano (*Rhinoceros unicornis*) que desembarcou em Lisboa no dia 20 de maio de 1515 proveniente de Goa, transportado pela Nau Nossa Senhora da Ajuda[50] (CLARKE, 1986, p. 16). Este exemplar, conhecido pelo nome de Ganda[51], foi uma oferta do Sultão Muzafar II (1511-1526) ao Vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque (1509-1515), pela aliança firmada entre os dois Reinos (CLARKE, 1986, p. 19). Ganda foi eternizada pelo próprio D. Manuel, ao representá-lo na Torre de Belém (Figura 11), na época em construção, quando da chegada deste animal a Lisboa.

---

[45] A Carreira da Índia era o nome dado à ligação marítima entre Lisboa e Goa; esta rota perdurou do século XV até o início do século XIX.

[46] Dois no dia 01 de dezembro, pelas Naus Santo António e Santa Maria da Conceição (MORENO, 1512. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 35, nº 186) e um no dia 10 de dezembro, transportado na Nau Santa Maria da Ajuda (MORENO, 1512. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 35, nº 262).

[47] ALBUQUERQUE, 1514. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 44, n.º 99.

[48] Hanno foi o animal favorito do papa Leão X. Quando de sua morte, ocorrida em 1518, o Papa ordenou que fosse enterrado no Vaticano. Seu esqueleto foi redescoberto, em 1962, em uma área do Pátio do Belvedere (Lewis, 2015).

[49] "joias de grande valor e uma Onça [Chita - *Acinonyx jubatus*] de caça com um cavalo Persa enviado pelo Rei de Ormuz junto a um caçador da mesma província que trazia a Onça [Chita] nas ancas do cavalo, apoiada sobre um pano dourado bordado, muito bem executado" (Tradução nossa).

[50] As naus da Carreira da Índia, levavam, aproximadamente, 18 meses para realizar uma viagem circular, Lisboa-Goa-Lisboa. Desta forma, o Rinoceronte, assim como os demais animais transportados da Índia para Portugal permaneciam, em média, de 8 a 9 meses embarcados.

[51] Ganda é o nome dado, na língua Gujarati do oeste da Índia, ao Rinoceronte.

Figura 10: Desenho de Hanno, escola de Raffaello Sanzio, 1516. Kupferstichkabinett, Staatliche Museen zu Berlin. Disponível em: <https://www.google.com/culturalinstitute/beta/asset/the-elephant-hanno/zQHcX5AvA-ISjA?hl=en>. Acesso: 12 Fev. 2017.

Entretanto, a imagem que o projetou mundialmente, foi a gravura realizada por Albert Dürer (Figura 12) executada a partir de um desenho de um artista português anônimo.

A presença simultânea, em Lisboa, de dois animais monumentais, um Rinoceronte e um Elefante, fez com que D. Manuel colocasse à prova a antiga crença de que estas espécies eram grandes rivais na natureza. Para testar tal façanha, o rei construiu um pátio cercado próximo à Casa da Índia e da Guiné, na região do Paço da Ribeira, colocando estes dois exemplares frente a frente (GOES, 1566 v. IV, p. 25), aos moldes das lutas realizadas na antiga Roma. D. Manuel I foi o único rei da época moderna que realizou o combate entre dois animais extremamente valiosos, correndo o risco de perdê-los, pelo simples prazer de apreciar a luta. Este combate, contudo, não se concretizou pois o Elefante, derrubando a cerca da arena, fugiu em direção ao Paço de Estãos, como relatado por Goes, anteriormente citado, sendo declarado vencedor o Rinoceronte.

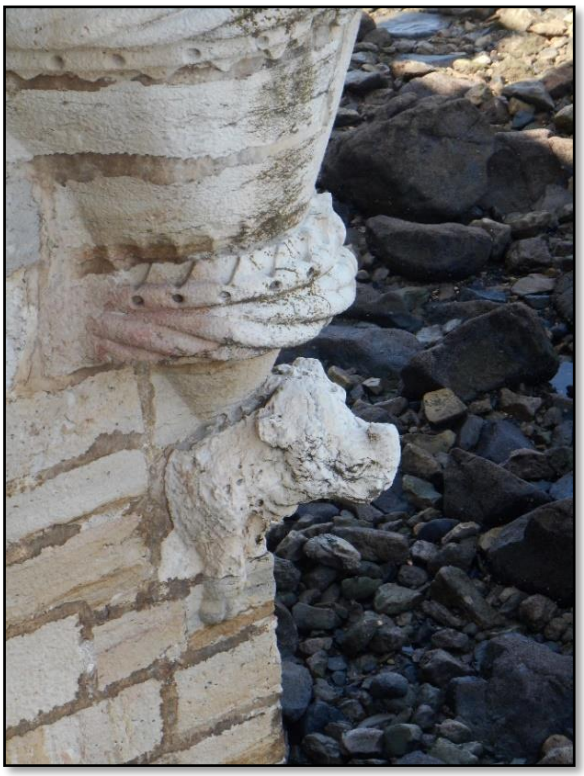


Figura 11: Representação do Rinoceronte “Ganda” na Torre de Belém. Foto do autor, 2016.

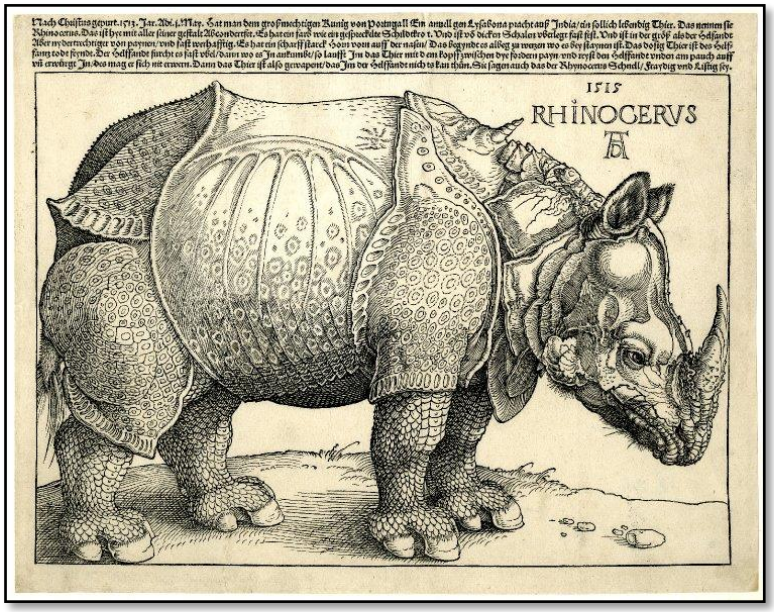


Figura 12: Rinoceronte de Albert Dürer, 1515. Fonte: *British Museum*, number 1895, 0122.714.

Como um bom estrategista político, D. Manuel I decidiu enviar Ganda ao Papa Leão X, como já havia feito com Hanno, com o intuito de fortalecer o apoio da Igreja Católica sobre os domínios de Portugal nas terras do Oriente. Porém, ao contrário do Elefante, o Papa não chegou a apreciar este raro exemplar devido ao naufrágio da embarcação que transportava esta preciosa carga.

Podemos constatar nas descrições encontradas na literatura, uma ausência de detalhamento dos animais efetivamente enviados à Coleção Zoológica Viva de D.

Manuel I, com exceção, é claro, dos Elefantes e do Rinoceronte. As informações disponíveis não expressam a grandeza que esta coleção deve ter alcançado, principalmente no que tange à diversidade de animais que a constituía.

Este soberano, aos moldes de seus antecessores, era defensor e praticante da arte da falcoaria, como demonstrado pela existência de diversos documentos acusando o recebimento e pagamento por estas aves, envolvendo os moradores de Santarém e regiões circunvizinhas (Benevente e Muge) (Tabela 3). Este fato comprova a importância desta região para a prática de caça desde a época do rei D. Fernando I.

O rei negociou, também, a compra de 20 falcões e açores, com as cortes do norte da Europa, Flandres e Dinamarca, as quais possuíam as melhores aves para a prática desta atividade[52] (D. MANUEL, 1520).

Tabela 3: Relação das Aves de rapina recebidas por D. Manuel I.

Ano	Nome do caçador	Identificação	Ave entregue	Valor da compra
1510	João Luís	Morador de Benevente	01 Falcão prima[53]	?
1510	João Tomás	?	01 Esmerilhão	?
1510	Fernando	Moço	01 Gavião	?
1510	João Luís	Morador de Benevente	01 Falcão	?
1511	João de Muge	[Morador de Muge]	01 Falcão	800 reis
1511	João Luís	Passareiro [de Benevente]	01 Falcão de 2 mudas	?
1511	João Tomás	?	01 Falcão	?
1512	João de Muge	[Morador de Muge]	01 Falcão	?
1518	João Lopes	?	01 Falcão prima	500 réis
1519	Gabriel Lopes	Passareiro	01 Falcão	?
1519	João Fernandes	Passareiro	01 Falcão	?
1519	João Fernandes	Caçador	01 Falcão	300 réis

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa[54].

3.2.1.4 Coleção Zoológica Viva de D. João III

D. João III (1502-1557), herdou de seu pai, o rei D. Manuel I, um império global jamais visto e conquistado por nenhuma outra nação europeia, “cujo eixo central [era] o mar” (DOMINGUES & GUERREIRO, 1988, p. 186).

Durante seu reinado, entretanto, ocorreram algumas mudanças estratégicas em relação à política adotada para a exploração das colônias que vão influenciar diretamente o comércio, e consequentemente o transporte de animais para Portugal.

[52] Documento: ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 26, n.º 27.
[53] Nome dados às fêmeas. Estes exemplares por serem maiores que os machos eram mais apreciados na falcoaria.
[54] Documentos: ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 20, n.º 12; ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 9, n.º 69; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 23, n.º 180; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 23, n.º 105; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 27, n.º 24; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 27, n.º 8; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 29, n.º 63; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 30, n.º 104; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 78, n.º 24; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 82, n.º 14; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 83, n.º 33; ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 85, n.º 78.

Dentre as medidas tomadas por D. João III, podemos citar a abdicação de alguns territórios na costa do Marrocos e a adoção de ações mais efetivas para a exploração em áreas antes subexploradas, como o Brasil. A Carreira da Índia, entretanto, ainda contribuía com uma parcela significativa do comércio português, assim como os cuidados dispensados com a manutenção dos Elefantes nas possessões indianas[55].

Um fato marcante, que influenciou de maneira substancial o transporte de animais para Lisboa, foi o casamento de D. João III com D. Catarina de Áustria (1507-1578).

Apesar de D. João III ter herdado a Coleção Zoológica Viva de seu pai, a manutenção e ampliação desta coleção foi fortemente influenciada e orientada pela rainha D. Catarina, a qual exercia grande influência política e econômica nas decisões de Estado. Apreciadora de aves exóticas, com predileção pelos Papagaios, D. Catarina mantinha vários animais em seus aposentos privados, como demonstram os documentos que comprovam a aquisição de gaiolas e de espécimes vivos entre 1554 e 1556[56].

A relação de D. Catarina com o comércio de animais não se restringia apenas à manutenção de uma coleção real, para mero deleite. A rainha apreciava ofertar exemplares a seus familiares, na Espanha, na Europa Central e nos Países Baixos (GSCHWEND, 2009, p. 39). Gschwend (2009, p. 36) reforça, ainda, que para atingir tais propósitos

> a rainha estabeleceu uma vasta rede de agentes ao longo da costa ocidental da África, e na Ásia portuguesa (Goa, Cochin e Malaca), que tinham como objectivo recolher animais invulgares, de forma a satisfazer os frequentes pedidos dos seus familiares [da casa de] Habsburgo [com exemplares da] flora e fauna importados de além-mar [...] onde foi empregado muito tempo e dinheiro.

Da feitoria de São Jorge da Mina, localizada no oeste africano, atual Ghana, por exemplo, foram enviados, a pedido da rainha, Bugios-com-barba, possivelmente *Cercopithecus roloway*, endêmicos desta região (MELO et all, 2017, p. 154), Periquitos e Papagaios, além dos cobiçados Gatos-de-algália (RODRIGUES, 1557)[57], pelos quais a rainha tinha especial predileção, chegando a possuir dez exemplares, que ficavam aos cuidados do espanhol Cristóvão Carmones, especialista no trato destes animais (D. CATARINA, 1552) [58].

---

[55] LOURENÇO, C., 1522 (13 de janeiro). ANTT, Colecção de cartas, Núcleo Antigo 876, n.º 15; NUNES, P., 1523 (15 de junho). ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 108, n.º 82; MEXIA, A., 1525 (23 de fevereiro). ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 124, n.º 12; VALE, M. do, 1526 01 de outubro). ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 136, nº 34; VALE, M. do, 1526 07 de novembro). ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 137, nº 28; PEREIRA, F., 1549 (26 de novembro). ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 25, n.º 72.
[56] ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 92, n.º 95 / ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 100, n.º 9.
[57] RODRIGUES, 1557. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 101, nº 18.
[58] CATARINA, 1552. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 88, n.º 71.

Contudo, foram os animais de grande porte, em especial os Elefantes asiáticos, utilizados como presentes diplomáticos, que continuavam representando a expressão máxima do poderio de Portugal perante as demais nações europeias. O exemplo mais icônico, ocorrido durante o reinado de D. João III, foi, sem dúvida, a oferta de um Elefante, ao sobrinho da rainha, Maximiliano II (1527-1576), futuro imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Salomão, como era denominado este animal, nasceu na Coleção Zoológica Viva mantida pelo rei de Kotte, no Ceilão, Bhuvanaikabahu VII (1468-1550), chegando a Lisboa, em 1542, ainda jovem, como parte da missão diplomática enviada a Portugal chefiada pelo embaixador Sri Ramaraska Pandita. Sua transferência de Lisboa até Viena envolveu travessias terrestres, marítimas e a subida dos Alpes até, finalmente, atingir seu destino final, a cidade de Viena, no dia 06 de março de 1552. Quando de sua morte, no final de 1553, Salomão foi taxidermizado e sua pele sobreviveu até meados da década de 50 do século XX (Rocha, 2011, p. 844). Atualmente o único vestígio preservado deste famoso exemplar é o tamborete de Salomão (Figura 13), um banco formado com os ossos de sua pata anterior direita, que apresenta inscrições relatando sua trajetória de vida. Este objeto integra o acervo da coleção de arte da Abadia de Kremsmünster, na Áustria.

Figura 13: Tamborete de Salomão. Ossos de Elefante, 82x90x55 cm, 1554. Stift Kremsmünster, Viena, Áustria. Disponível em: <http://queridobestiario.blogspot.com.br/2009/09/o-tamborete-de-salomao.html>. Acesso: 09 Mai. 2017.

A atuação de D. Catarina, na condução da formação da Coleção Zoológica Viva de seu marido, vai totalmente de encontro ao que descreveremos para os governos das duas rainhas de Portugal, D. Maria I e D. Maria II, nos séculos XVIII e XIX, respectivamente, como veremos mais adiante. Durante esses reinados, as Coleções

Zoológicas Vivas Reais ficariam, basicamente, a cargo dos reis consortes, D. Pedro III e D. Fernando II.

3.3.1.5 Coleção Zoológica Viva de D. Sebastião I

Já registramos que o estabelecimento de uma Coleção Zoológica Viva é facilitado durante os períodos onde se observa uma relativa estabilidade política favorável à manutenção deste tipo de coleção e do seu uso, como entretenimento, pela corte. Este modo de vida, definitivamente, não se enquadrava ao jovem rei D. Sebastião I (1554 - 1578) que, desde sua ascensão ao trono de Portugal, demostrava um gosto pelas campanhas militares, base política de seu governo.

Entretanto, foi justamente durante seu curto reinado que ocorreu um fato inusitado para a história destas coleções não só em Portugal mas também na Europa, a chegada, a Lisboa, do segundo Rinoceronte vivo desde a época romana.

Clarke ressalta que a presença deste animal em solo europeu foi praticamente ignorada não só pelos atuais especialistas que estudam este grupo zoológico, mas também pelos historiadores que abordam a representação de animais nas artes (CLARKE, 1986, p. 28).

Um dos primeiros registros sobre este animal é encontrado na carta do comerciante florentino Filippo Sassetti enviada a Francesco Bonciani, datada de 19 de fevereiro de 1579. Neste documento Sassetti cita que o animal ficava aos cuidados de um negro – *il Nero che la governa* – e que tinha sido responsável pela morte de uma pessoa poucos dias antes de a ter visto pessoalmente – *ella ne ammazzò uno con calci, non ha molti giorni*[59] (*apud* MARCUCCI, 1855, p. 133).

Juan González de Mendonça (1540-1617) também descreve este animal em sua "*Historia de las Cosas mas notables, ritos y costvmbres del grand Reyno de la China"*. Neste trabalho, de 1585, mas publicado em 1596, Mendonça cita que as Abadas

> *fon vnos animales de gradeza de dos grandes toros, y tienen fobre el oxico, vn cuerno pequeño: de los quales vi yo vno en Lisboa, que fue trayado de la India a fu Mageftad, y efta agora en Madrid donde lo van a ver por cofa muy eftraña, y nunca vifta en nueftra Europa ... An querido dezir algunos que es Vnicornio, pero yo lo tengo por falfo, y son de mi opinion cafi todos los que an eftado en aquellas partes [Camboja] y visto el verdadero vnicornio.*[60] (MENDONÇA, 1596, p. 357).

[59] "ela matou uma pessoa com chutes, há poucos dias". (Tradução nossa).

[60] "São animais do tamanho de dois grandes touros, que apresentam sobre o focinho um pequeno chifre: eu pessoalmente observei um em Lisboa, que foi trazido da Índia por sua Majestade, e que se encontra agora em Madri sendo muito apreciado por ser um animal muito estranho, e nunca antes visto na Europa [...] Alguns acham que é um unicórnio, entretanto, eu não acredito neste fato, sendo da mesma opinião todas as pessoas que já estiveram naquela região [Camboja] e observaram o verdadeiro unicórnio." (Tradução nossa). A citação do unicórnio para uma espécie presente no sudeste asiático talvez seja uma referência ao Saola (*Pseudoryx nghetinhensis*), espécie da Família Bovidae, habitante das florestas do Vietnam, descrita pela primeira vez em 1992.

Apesar de Mendonça mesclar ficção com realidade, uma prática comum na literatura da época, seu relato sobre a presença de um Rinoceronte em Lisboa merece nossa consideração.

A data exata da chegada deste espécime à Europa é ainda uma questão em aberto. No manuscrito "*Sumario dos Reis de Portugal*", atribuído a Pero Andrade de Caminha (1520-1589), o autor cita que no ano de 1577 um Rinoceronte fêmea foi enviado da "Ethiopia" para o rei D. Sebastião I e como "tem-na El-Rei em grande estima qui la aqui desenhar por ser cousa nova a nós e muito estranha a dar fim a este livro pois neste tempo veio" [61] (*apud* ALMEIDA & RODRIGO, 1992, p. 62). A vinculação deste animal à Etiópia, com certeza, é um equívoco, já que a ilustração apresentada no trabalho atribuído a Caminha (Figura 14), uma das raras imagens existentes deste animal, nos mostra claramente um Rinoceronte com apenas um corno, típico das espécies asiáticas. Costa (COSTA, 2006, p. 249) também se equivoca ao citar que o emprego do termo *abada* para sua designação indica uma origem africana, o que não é verdade, pois esta terminologia tem sua origem no vocábulo malaio *badaq*, e portanto asiática (VIANA, 1906, p. 3-4). Entretanto, concordo com Costa quando afirma que, independentemente do significativo grau de realismo da ilustração, esta praticamente não teve nenhum impacto na difusão deste espécime devido ao limitado acesso ao trabalho de Caminha (Costa, 2006, p. 250).

Figura 14: Abada de D. Sebastião I (Caminha, P.A., 1577. Manuscrito: Sumario dos Reis de Portugal. Coleção privada. In: Almeida & Rodrigo: Pagadas na Torre, Belém, 1992, p. 62).

[61] O rei tem uma grande estima por este animal que, para finalizar este livro que vos trago, aqui a desenho por ser uma novidade para todos, e muito estranha (Tradução nossa).

Abada ou Bada, como é denominada, desfrutou pouco da companhia e admiração de seu monarca, já que no ano seguinte à sua chegada a Lisboa, D. Sebastião I veio a falecer em sua campanha no Marrocos.

Depois de um breve e conturbado período da história portuguesa, o rei D. Filipe II, da Espanha, assume, em 1581, o controle do país e consequentemente da Coleção Zoológica Viva Real Portuguesa. Por esta razão, o Rinoceronte de D. Sebastião I, quando citado na literatura, é normalmente referido como o "Rinoceronte de Madri", por ter sido transferido para esta cidade durante a ocupação espanhola de Portugal.

A coleção animal, confiscada por D. Felipe II, certamente não era composta por apenas um Rinoceronte. Em 1583, por exemplo, quando o rei decide retornar a Madri, carrega consigo não só o rinoceronte mas também um Elefante. Este animal, contudo, não fazia parte da primitiva coleção de D. Sebastião, como podemos constatar pela carta enviada por D. Felipe a suas filhas, em 30 de julho de 1582, na qual relata que

> *ha llegado, cuarenta leguas de aquí, a un puerto una nao de las que vienen de la India, que por ser vieja vino primera que las demás. Creo que vendrá aquí presto. No sé o que traerán: sólo he sabido que viene en esta nao un elefante que envía a vuestro hermano*[62] *el visorrey que envié a la India desde Tomar, que era ha llegado allá y llegó a buen tiempo, porque era muerto el que allá estaba*[63] (BOUZA, 1998, p.88).

Podemos concluir que, quando da chegada de D. Felipe II a Lisboa, para assumir o trono de Portugal, não existia nenhum Elefante na Coleção Zoológica do falecido rei D. Sebastião I, sendo o último exemplar desta espécie mantido em uma coleção real portuguesa, o elefante "Salomão" presenteado por D. João III a Maximiliano da Áustria.

O Escorial foi, muito provavelmente, o local que serviu de palco para a produção da segunda representação iconográfica deste rinoceronte, agora integrado à Coleção Zoológica Viva de Fellipe II. Esta ilustração, atribuída a Philippe Galle (1537-1612) (Figura 15), difere significantemente da ilustração do Rinoceronte de D. Manuel I, realizada, em 1515, por Dürer, assim como da ilustração de Caminha, particularmente em relação a seu corno, estranhamente longo e fino.

A forma incomum deste apêndice na representação de Galle poderia ser justificada pelo crescimento secundário do mesmo, fato esse que estaria de acordo com o relato realizado por Lerín, o qual afirma que, quando a Abada foi conduzida de Lisboa para Madri, em 1581, teve seu corno cortado, e que o animal estaria cego; uma forma

---

[62] O Elefante enviado por Francisco de Mascarenhas era um presente do vice-rei da Índia para o príncipe D. Diego da Áustria, filho de D. Felipe II. A carta enviada pelo rei a suas filhas, Isabella e Catherine, relatando a chegada deste exemplar a Lisboa está datada de 30 de julho de 1582, meses antes da morte de D. Diego, ocorrida no dia 21 de novembro de 1582, então com sete anos. D. Diego não pode, assim, usufruir seu raro e exótico tesouro.

[63] a chegada a um porto, a quarenta léguas daqui, de uma nau procedente da Índia, que por ser velha veio primeiro, antes das outras. Acho que chegará aqui [em Lisboa] em breve. Não sei o que trazem: só sei que nesta nau vem um elefante para seu irmão, enviado pelo vice-rei que designei de Tomar para a Índia, o qual chegou lá em boa hora, pois o antigo vice-rei havia morrido (Tradução nossa).

de prevenir possíveis acidentes com seus tratadores (LERIN, 2007 *apud* ALBORÉS & FUENTES, 2015).

Sasseti, em 1579, já citara a morte de uma pessoa por este animal, assim como Juan de San Geronimo, em 1583, disserta sobre seu comportamento agressivo (CLARKE, 1986, p. 30). É interessante notar que a descrição de Sasseti foi realizada pela observação do animal em Lisboa, enquanto Geronimo descreve o mesmo animal agora já no Escorial.

Se o relato de Lerin for realmente verídico, e assumindo que o corno do animal tivesse sido cortado logo após a descrição de Sasseti, teríamos um intervalo de 7 anos entre a observação deste animal em Lisboa e a ilustração de Galle, realizada a Espanha. Pesquisas recentes demonstram que o crescimento médio do corno de um Rinoceronte é de 50 mm por ano (PIENAAR, 1991, p. 104); sendo assim, ao final de 7 anos, o animal teria um novo apêndice de aproximadamente 350 mm (35 cm). Piennaar cita, ainda, que muitas fêmeas possuem cornos mais longos e finos, dados estes compatíveis com a ilustração de Galle, já que a literatura confirma que o exemplar enviado para D. Sebastião I era uma fêmea (Almeida & Rodrigo, 1992, p. 62). Entretanto, o relato sobre sua cegueira continua um mistério, pois o exemplar retratado por Galle tem os olhos aparentemente normais.

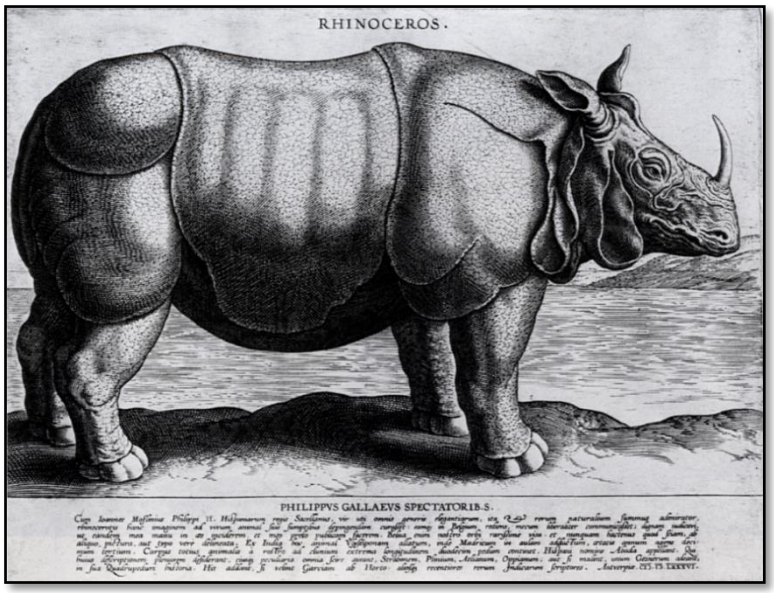


Figura 15: Philippe Galle, gravura Rhinoceros, 1586. Antuérpia. Fonte: Rhino Resource Center. Disponível em: <http://www.rhinoresourcecenter.com/images/Galle-1586_i1182593999.php?type=sub_images&subject1=&subject2=59&sort_order=desc&sort_key=year>. Acesso: 21 Mai. 2017.

Um dos últimos registros que comprovam a permanência do Rinoceronte de D. Sebastião I, ainda vivo, na corte de D. Felipe II é realizado por Pêro Pais, em sua "Historia da Ethiopia". Ao descrever as Abadas, Pais afirma que "só me faz duvida se

são Abbadas, porq tem dous cornos hu sobre os narizes; e outro na testa; e a Abbada, q eu vi em Madrid no anno de 1587, não me lembra se tinha mais q hu aserrado. Os de quá tem dous" (PAIS, 1945, v. I, p.197 *apud* RODRIGUES, 2008, p. 215). A partir desta data, Abada, o único animal comprovadamente integrante da Coleção Zoológica Viva de D. Sebastião I, desaparece dos documentos históricos depois de ter percorrido, durante 10 anos, as Coleções Zoológicas Vivas Reais de quatro governantes[64].

3.2.2 Segunda fase – Declínio

3.2.2.1 Coleção Zoológica Viva de D. Pedro II

O século XVIII começa, em Portugal, com os anos finais do reinado de D. Pedro II (1648-1706), que assumiu o trono em 12 de setembro de 1689 permanecendo até 09 de dezembro de 1706, quando faleceu. Apesar de a literatura consultada não citar nenhuma referência à existência de uma Coleção Zoológica Viva associada ao seu reinado, nossa pesquisa identificou um documento que trata da remessa de animais para D. Pedro II que, apesar de anterior a 1701, fora, portanto, do recorte temporal proposto para esta Tese, vale aqui seu registro por ser esta a primeira referência comprovadamente encontrada da remessa de animais vivos realizada em seu reinado.

Neste documento o secretário de Estado, Mendo de Fóios Pereira, informa ao governador de Mazagão[65], João de Saldanha de Albuquerque, que "SM[de] estimou a gazella e quer que VM lhe remeta maes alguás se as achar ... como tambem o tourinho que agora veyo q he muito bonito"[66].

Na região de Mazagão, assim como no Marrocos, atualmente são encontradas duas espécies de gazelas, a rara Gazela-de-cuvieri (*Gazella cuvieri*) e a relativamente comum Gazela-dorcas (*Gazella dorcas*); contudo uma terceira espécie, a Gazela-addra (*Gazella dama*), habitava também esta região, mas atualmente está praticamente extinta na maior parte de sua distribuição geográfica original (Figura 16). A Gazela-addra, a maior dentre todas as espécies de gazelas, encontra-se em processo de

[64] D. Sebastião I foi o primeiro senhor de Abada. Com sua morte, em 1578, Portugal passa por um período sucessório conturbado, assumindo o trono Henrique, tio em segundo grau de D. Sebastião I, do qual já tinha exercido o cargo de regente. D. Henrique I torna-se, assim, o segundo proprietário deste exemplar, durante seu reinado que durou de 1578 a 1580, quando faleceu. António, neto do rei D. Manuel I, que tinha acompanhado D. Sebastião I à fatídica batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, onde o rei veio a falecer, já reclamara o trono português desde a morte de D. Sebastião I. Entretanto, por ser considerado um filho bastardo o trono lhe fora negado. Com a morte de D. Henrique I, António é proclamado rei (D. António I) pelo povo, em 1780, porém seu reinado dura, oficialmente, apenas um mês, passando a ser o terceiro senhorio do Rinoceronte e, finalmente, D. Felipe I, que se torna rei de Portugal, de 1581 a 1598, e último proprietário deste animal.

[65] Mazagão foi uma possessão portuguesa localizada na costa do Marrocos, permanecendo sob domínio da Coroa até 1769, tendo sido, assim, a última possessão de Portugal em solo marroquino.

[66] PEREIRA, M. de F., 1693 (19 de agosto). AHU-CU-Reino, Cx. 60, pasta 33.

reintrodução no Marrocos. A Gazela enviada ao rei D. Pedro II, em 1693, poderia ter sido um exemplar de uma destas três espécies.

3.2.2.2 Coleção Zoológica Viva de D. João V

Talvez a principal falha da "*Histoire des Ménageries*" de Gustavo Loisel, em relação às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, esteja exatamente na descrição realizada da coleção que existiu no Palácio de Belém, ou, para sermos mais precisos, a carência de informação sobre esta coleção zoológica.

Apesar de Loisel (1912, v. II, p. 19) considerar essa coleção como sendo "o primeiro jardim zoológico verdadeiro de Portugal" [67], seu relato sobre esse espaço se restringe a apenas dois comentários. O primeiro diz respeito a sua criação pelo rei D. João V e o segundo uma infeliz associação dos naturalistas Domingos Vandelli (1735-1816) e Felix de Avelar Brotero (1744-1828) a este monarca[68].

A história do Palácio de Belém, assim como de sua Coleção Zoológica Viva inicia-se no dia 19 de outubro de 1726, quando o rei João V (1689-1750) adquire uma Quinta às margens do Rio Tejo[69]. Dentre as várias melhorias realizadas nesta propriedade, a cargo do arquiteto Filippo Juvarra (1678-1736), destaca-se a construção de uma série de jaulas, ao longo da ala norte do pátio de entrada, que passou a ser denominado como "Pátio dos Bichos" (Figura 17).

Bernardo (2013, p. 133) relata que D. João V mantinha no Paço da Ribeira uma coleção de aves exóticas em seus jardins; contudo, as informações sobre os exemplares de sua propriedade, não só no Paço da Ribeira, mas também no de Belém, são ainda muito escassas.

Nos documentos analisados para esta Tese não encontramos referência à remessa de animais realizada durante o reinado de D. João V. Apesar de as jaulas presentes no Pátio dos Bichos terem sidos construídas durante seu reinado, os espécimes a ele associados se referem, em grande parte, às aves de rapina, as quais, muito provavelmente, não eram mantidas nos Paços de Belém nem no da Ribeira, mas sim no Paço de Salvaterra de Magos, destinado à prática da falcoaria.

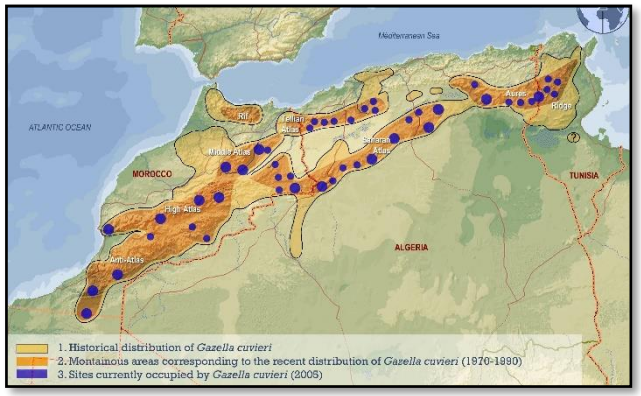
---

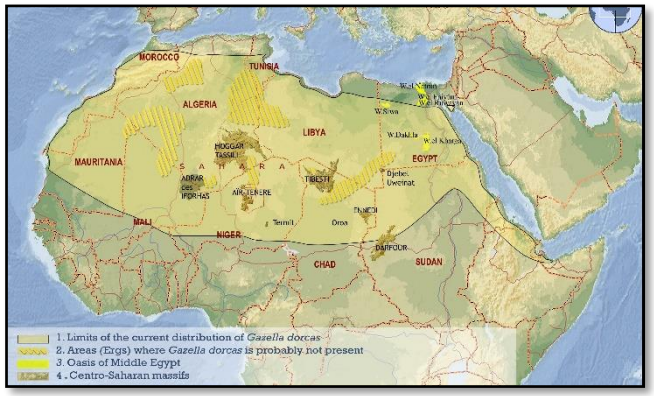
[67] Gustavo Loisel começa a empregar o termo "jardim zoológico" para designar as Coleções Zoológicas Vivas que existiram a partir do início do século XIX. O autor não apresenta nenhuma explicação que justifique a denominação de jardim zoológico para a coleção mantida por D. José I, em Belém. Esta coleção, entretanto, é a primeira, em solo português, que se enquadra nos padrões técnicos que definem uma autêntica "*Ménagerie*", como definido no Capítulo 2.

[68] Tanto Vandelli quanto Brotero são naturalistas ligados ao reinado de D. José I e não de D. João V.

[69] Biblioteca do Palácio de Belém, cota: Mosteiro de Santa Maria de Belém, L. 41, f. 30. Disponível em: <http://www.museu.presidencia.pt/arquivo_fotos.php?id=12544>; <http://www.museu.presidencia.pt/expo_detail.php?id=8&ID=122>. Acesso: 03 Nov. 2017.

Gazella cuvieri | *Gazella dorcas* | *Gazella dama*





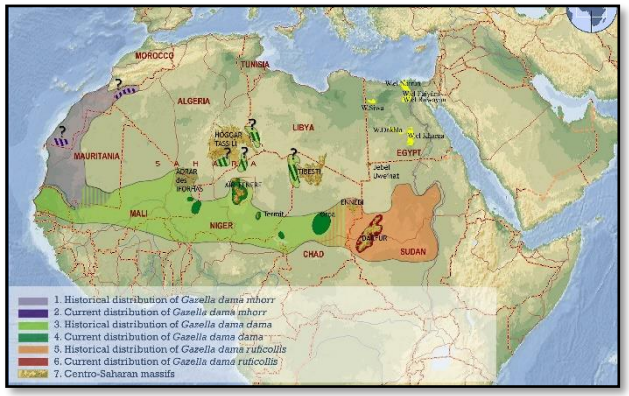


Figura 16: Mapa da distribuição geográfica histórica das Gazelas presentes na região de Marzagão.
Fonte: Mapas (http://cb.naturalsciences.be/antelopes/distribution_maps_/distribution_maps.htm);
Fotos: Gazela-de-cuvier (http://farm5.static.flickr.com/4087/4843214360_870e474e0e.jpg); Gazela-dorcas (https://www.biolib.cz/en/image/id171740/);
Gazela-dama (https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Mhorrgazelle_Nanger_dama_Tierpark_Hellabrunn-11.jpg). Acesso: 22 nov 2017.

Figura 17: Pátio dos Bichos, Palácio de Belém, com as jaulas na sua ala norte. Foto do autor, 2016.

A chegada dos falcões ofertados pelos Cavaleiros da Ordem de Malta[1] ao rei D. João V foram notificadas pela *Gazeta de Lisboa*, como podemos evidenciar nos relatos abaixo:

> Na quinta feyra aprefentou a S. Mageftade que Deos guarde, os falcoens em nome do Graõ Meftre de Malta, D. Francifco de Amorim. Commendador do Chavaõ na mefma Ordem, e o Monteiro mor os recebeu na fórma coftumada" (FERREIRA, 1730, p. 71).

> Quinta feira 15 do corrente [março de 1742] deu ElRey noffo Senhor audiencia a Duarte de Souza Coutinho, Cavaleiro da Ordem de Malta, e irmam do Correyo Mór do Reyno, que da parte do Gram Meftre da fua Religiam trouxe a Sua Mageftade o coftumado prefente dos Falcoens, fendo feu conduƈtor D. Joam de Souza recebedor da mefma Religiam, que teve a honra de o aprefentar a Sua Mageftade, como fe pratica. Efte Fidalgo havendo desembarcado em hum dos portos de Provença, continuou a fua viagem por terra até efte Reyno" (LEMOS, 1742, n.º 12, p. 144).

Podemos observar, nas notícias publicadas pela *Gazeta de Lisboa*, que esta prática era uma atividade frequente, como constatamos pelos termos "recebeu na forma costumada" e "o costumado presente dos Falcões". Contudo, a Ordem não se restringia a presentear os monarcas com Falcões, como podemos constatar na notícia publicada pela *Gazeta* em 14 de Agosto de 1742 - "O Gram Meftre da Religiam de Malta mandou

[1] Esta prática, conhecida como "Tributo do falcão", iniciou-se em 1530, quando o rei Carlos I da Espanha (imperador Carlos V, do Sacro Império Romano-Germânico) estabeleceu como pagamento simbólico pela cessão da Ilha de Malta aos integrantes da Ordem dos Cavalheiros do Hospital de São João, após sua expulsão da Ilha de Rodes pelo Imperador Otomano, a oferta anual de um falcão maltês para a prática da falcoaria. Esta prática foi estendida aos reis de Portugal, principalmente durante a gestão dos Grão-Mestres portugueses, António Manuel de Vilhena, que governou a Ordem de 1722 a 1738, e Manuel Pinto da Fonseca, de 1741 a 1773.

[de Nápoles no dia 19 de junho de 1742] a Sua Mag. de prefente dous Gatos da Perfia de huma beleza extraordinária (LEMOS, 1742, n.º 33, p. 386).

A carência de informação sobre os animais mantidos na Coleção Zoológica Viva de D. João V é certamente decorrente de uma pesquisa pouco acurada dos documentos depositados nas diversas instituições, pois as jaulas que formam o Pátio dos Bichos, construídas em seu reinado, são uma prova de que este monarca mantinha feras e, muito provavelmente, outros animais exóticos no Paço de Belém.

3.2.2.3 Coleção Zoológica Viva de D. José I

Os registros sobre os animais exóticos mantidos em Belém são mais amplamente documentados após o terremoto de 1755, já no então reinado do rei D. José I (1714 - 1777).

Durante o reinado deste soberano, o espaço destinado aos animais não se restringia apenas ao Pátio dos Bichos, abrangendo uma área muito mais ampla, hoje não mais preservada, como atestam os documentos que fazem referências ao Pátio das Zebras e ao Pátio do Elefante (Figura 18). Em 1762, por exemplo, foi realizada uma grande obra neste último, durante a qual foram refeitas as paredes da "varanda dos elefantes" e de toda a escadaria que dava acesso a ela, com a colocação de lajedos na escada, além da construção de um "portal rústico" na entrada de acesso a esse Pátio. A edificação que abrigava os animais das intempéries foi, também, submetida a reformas com o assentamento de um telhado, em estilo mourisco, e a instalação de pias para comida em seu interior[2].

Oliveira (*apud* ARAÚJO, 2010, p. 66) cita que D. José chegou a manter, nesse recinto, dois elefantes, existindo documentação que atesta a presença de pelo menos um animal, em Belém, até o ano de 1788[3], já durante o reinado de D. Maria I.

Muita informação sobre o Palácio de Belém pode ser levantada nos relatos de visitantes estrangeiros que deixaram suas impressões sobre esse Palácio; e sua Coleção Zoológica Viva não passou despercebida. Richard Twiss (1747-1821), por exemplo, descreveu, em 1772, a presença de

> *A very large elephant, being no lefs than twenty-two feet in height, [...]. The reft of the menagerie confifts of two lions, a leopard, and ten fine zebras, or wild affes; thefe latter are in one ftable: fome of them were brought from Angola, the others are natives of this place*[4] (TWISS, 1775, p. 13).

[2] Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Real/Cx.3585/M.último/avulso.
[3] Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Real/Cx.3594/M.1/n.8.
[4] "um elefante muito grande, com no mínimo vinte e dois pés de altura, [...]. Os outros animais da *Ménagerie* consistiam de dois leões, um leopardo, e dez lindas zebras, ou cavalos selvagens; estas últimas mantidas em um estábulo: algumas trazidas de Angola, e outras nascidas neste local" (Tradução nossa).

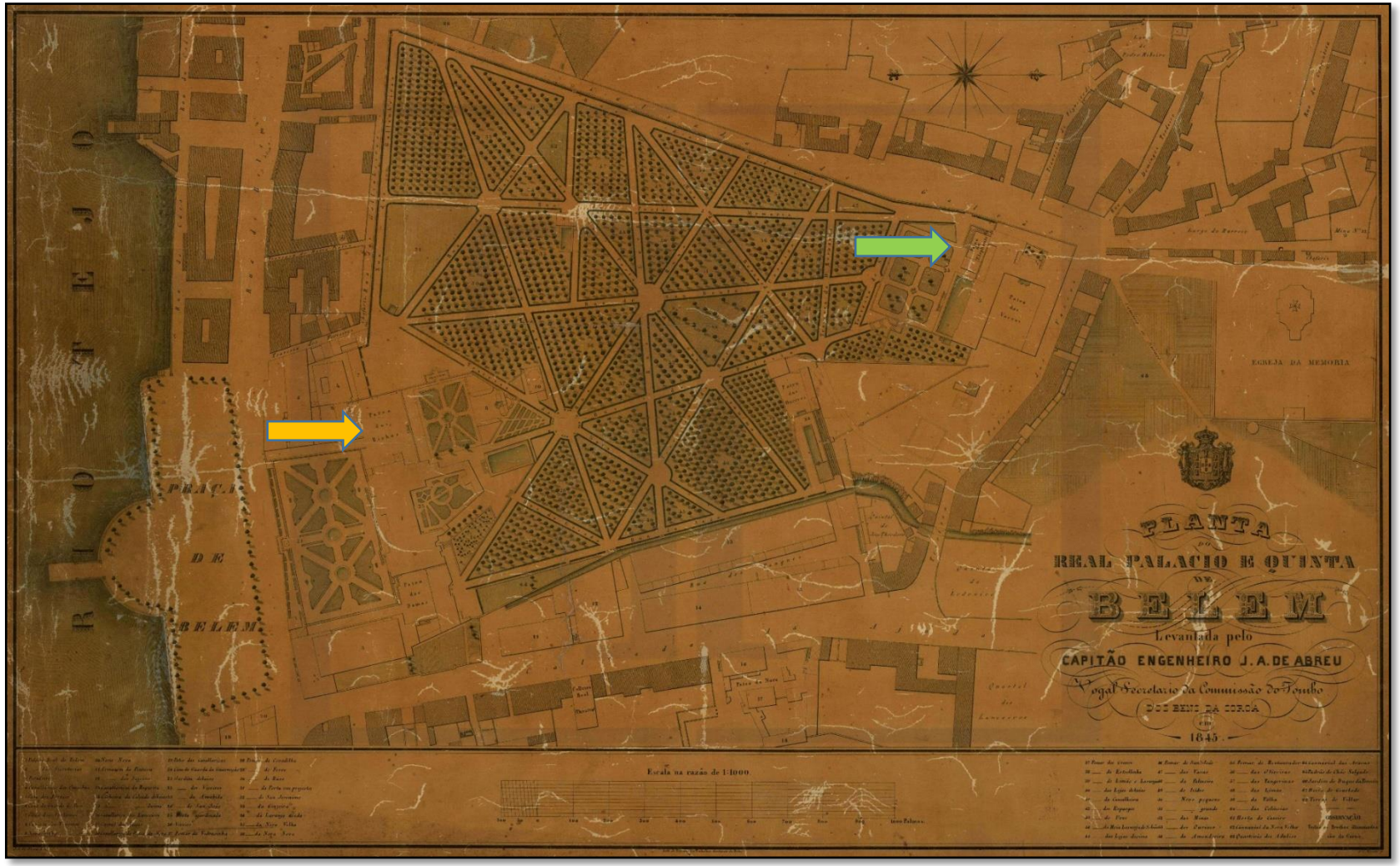


Figura 18: Planta do Palácio de Belém com indicação do Pátio dos Bichos (seta inferior) e do Pátio dos Elefantes (seta superior), 1845. Fonte: Torre do Tombo, PT/TT/CR/007-003/00131.

Oliveira (*apud* ARAÚJO, 2010, p. 66) ainda descreve a chegada de vários animais a Belém, durante o reinado de D. José, tais como Camelos, em 1770; um Leão, um Tigre e outros 'bichos' de Angola, em 1772; de dez Zebras instaladas em um pátio próprio [Pátio das Zebras], entre 1770 e 1775, além de uma Onça e vários Pássaros vindos do Rio de Janeiro, de um Urso e Porcos enviados de Angola, e de uma Anta, Papagaios, Araras, um Pelicano, Veados e um Porco-espinho, todos recebidos em 1775. Certamente, como veremos no capítulo seguinte, esta coleção foi enriquecida com inúmeros animais enviados de diversas colônias portuguesas, sendo parte oriunda do Brasil[1].

Normalmente quando a Coleção Zoológica Viva de D. José I é citada, na literatura, esta se restringe aos animais mantidos em Belém; entretanto, este monarca tinha uma importante coleção para a cetraria, com vários exemplares importados. Como observado para os monarcas do século XVI e XVII, cujos animais estavam distribuídos por diversos espaços descontínuos, a coleção de aves de rapina de D. José ocupava um espaço distinto no Paço de Salvaterra de Magos. Este Paço, apesar de frequentado por diversos monarcas desde o ano de 1383[2], vai atingir sua fase áurea durante o reinado de D. José I, recebendo a corte por longos períodos, consequência direta de sua localização privilegiada em meio a uma excelente área de caça, com várias coutadas[3], repleta de animais, onde o rei "costumava caçar [durante] seis a oito horas, todos os dias, em qualquer condição climatérica e em todas as estações" (ROBERTS, 2012, p. 82).

Com D. José a falcoaria atinge um novo estágio em Portugal com a chegada, a Salvaterra, em 1752, de 10 falcoeiros holandeses de Valkenswaard[4], que vão reintroduzir a arte de caça com a técnica da altanaria[5]. Desde então, é frequente a chegada de aves de rapina a essa localidade (MENESES, 1767; MENESES, 1765; MENESES, 1767; GRAM, 1775; CUNHA, 1775 (05 de dezembro); CUNHA, 1775 (19 de dezembro); COUTINHO, 1779). Em uma destas remessas chegaram, da Dinamarca, 60 falcões da Dinamarca (MENESES, 1764). Apesar de estes exemplares terem sido

---

[1] PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M. Animais enviados do Grão-Pará para as Quintas Reais de Belém (Portugal) no século XVIII. Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, V. 44 (2), pp. 121-169, 2013 e PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M. Animais enviados para Portugal entre 1754 e 1805, pelos governadores da capitania de Pernambuco. Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, V. 2, pp 1-72, 2014.

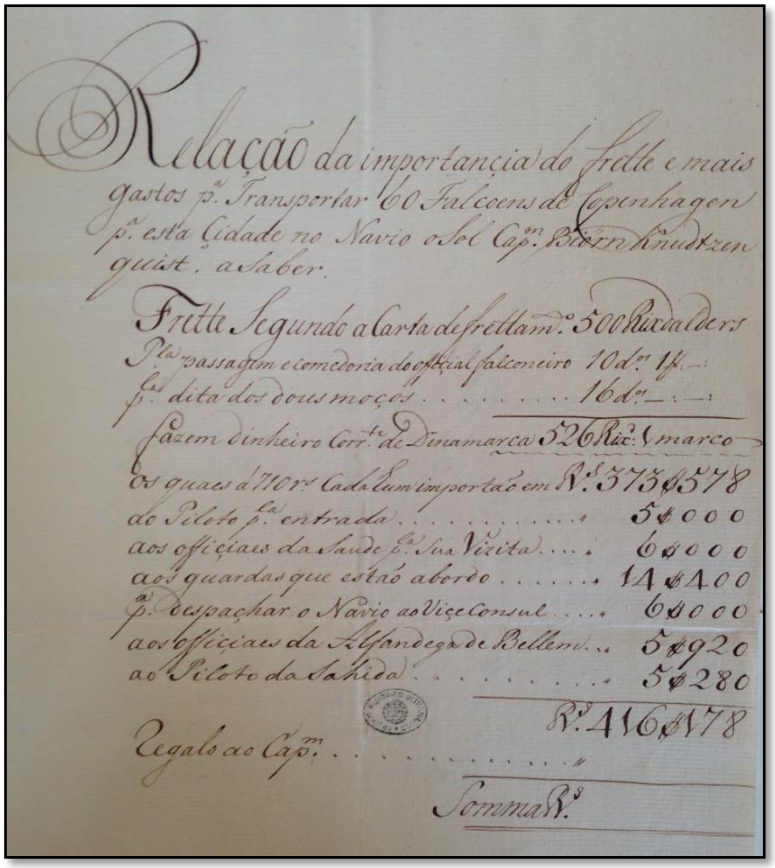
[2] SIPA – Sistema de Informação Para o Patrimônio Arquitetônico, IPA 00007942. Falcoaria do Paço Real de Salvaterra de Magos, 2011. Disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7942>. Acesso: 19 Out. 2016.

[3] Terras de propriedade da monarquia onde a caça era proibida para as pessoas comuns.

[4] SIPA – Sistema de Informação Para o Patrimônio Arquitetônico, IPA 00007942. Falcoaria do Paço Real de Salvaterra de Magos, 2011. Disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7942>. Acesso: 19 Out. 2016.

[5] A falcoaria emprega duas técnicas básicas de caça: o voo-alto e o voo-baixo. A altanaria é um tipo de técnica de voo-alto na qual a ave de rapina é solta antes de a presa levantar voo, ficando à espreita a centenas de metros de altura esperando suas presas aparecerem. Disponível em: <http:///www.cm-salvaterrademagos.pt/concelho/falcoaria>. Acesso: 12 Fev. 2017.

presenteados pelo rei Cristiano VII, toda a despesa relativa ao transporte das aves de Copenhague até Salvaterra de Magos foi custeada pelo rei D. José I (Figura 19).


Relação da importância do frette e mais
gastos pr. Transportar 60 Falcoens de Copenhagen
pr. esta Cidade no Navio o Sol Capm. Biorn Knudtzen
guist.. a saber.

Frette Segundo a Carta de frettam.to 500 Rixdalers
Pra passagem e comedoria do official falconeiro 10 dr. 1$
Cad. pr. dita dos dous moços . . . . . 16 dr. — —

fazem dinheiro Corr.te de Dinamarca 526 Rix.s 1 marco
os quaes á 710 rs. Cada hum importão em Rs. 373$578
do Piloto pr.a entrada . . . . . 5$000
aos officiaes da Saude pr.a sua Vizita . . . . 6$000
aos guardas que estão abordo . . . . . 14$400
pr. despachar o Navio ao Vice Consul . . . . 6$000
aos officiaes da Alfandega de Belem . . . 5$920
ao Piloto da Sahida . . . . . 5$280

Rs. 416$178

Regalo ao Capm. . . . . "

Somma Rs.

Figura 19: Despesas referente ao transporte de 60 falcões de Copenhague a Salvaterra de Magos.

Apesar de o Paço de Salvaterra de Magos ter sido muito utilizado pela Corte até meados do final do século XVIII, o completo abandono a que foi submetido a partir do início do século XIX, agravado por dois grandes incêndios, levou à perda total de sua estrutura. Hoje, só restam deste Paço a capela e duas construções associadas à manutenção da Coleção Zoológica Viva, o prédio da falcoaria (Figura 20) e o pombal, que passaram por uma profunda restauração[6].

[6] Disponível em: <http://cmsm-paco-real-salvaterrademagos.blogspot.com.br/p/paco-real_28.html>. Acesso: 15 Mai. 2016.

Figura 20: Pátio interno da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos, após a restauração, 19 de setembro de 2009. Foto: Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, disponível Em: <http://www.cm-salvaterrademagos.pt/concelho/falcoaria>. Acesso: 20 Mar. 2017.

3.2.2.4 Coleção Zoológica Viva de D. Maria I

O reinado de D. Maria I (1734-1816), não pode ser dissociado de outro palácio que marcou a história das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal – o Palácio de Queluz. Este palácio, resultado da transformação de uma antiga Quinta, um Velho Paço e um pequeno Pavilhão de Caça dos Cortes Reais, que resultou no mais luxuoso e suntuoso palácio português, ao estilo de Versalhes, foi a obra máxima de D. Pedro III (1717-1786), presenteado a sua sobrinha e futura esposa, a princesa D. Maria, com quem se casou em 1760.

A Coleção Zoológica Viva mantida neste palácio constitui, segundo Loisel (1912, v. II, p. 19), a última *Ménagerie* real de Portugal; entretanto, como veremos mais adiante, este mérito deve ser concedido à coleção mantida no Paço das Necessidades, durante o reinado de D. Maria II e de seu marido, D. Fernando II.

Como as demais coleções zoológicas desta natureza, em Portugal, a coleção de Queluz está envolta em sombras. Segundo Rodrigues (2011, p. 92), é necessária muita imaginação por parte dos visitantes, e mesmo dos estudiosos, para identificar algumas das estruturas históricas que existiram em seus jardins, pois muitas delas desapareceram completamente, entre as quais o espaço onde era mantida sua Coleção Zoológica Viva.

Ao tentamos reconstituir a história desta coleção, constatamos que sua fase áurea esteve diretamente associada ao rei-consorte, D. Pedro III. Pires (1925, v. 1, p. 399) admite que “Queluz morreu, com o último sôpro de vida de D. Pedro”, ocorrido em

1786. A partir de então, o palácio, e consequentemente os jardins e sua coleção zoológica, entrariam em uma fase menos glamorosa, inicialmente sob a administração direta da rainha D. Maria I e posteriormente sob a tutela de D. João VI até 1807, quando da transferência da Família Real para o Brasil.

Loisel (1912, v.II, p. 19) afirma que o início desta coleção zoológica se deu com a chegada de um grupo de zebras, vindas do Congo, com o intuito de serem domesticadas para servir à carruagem real. Essa colocação, entretanto, não pode ser assumida como conclusiva, já que a data da construção de um espaço destinado à manutenção de animais exóticos nos palácios reais é um assunto de difícil caracterização; muito menos se pode afirmar que foi exatamente um grupo de zebras a origem de uma dada coleção zoológica, no caso a de Queluz.

Entretanto, a presença de zebras nesta coleção foi um dado concreto, já que, desde 1765, ainda durante o reinado de José I, estes animais começam a ser enviados, com grandes dificuldades, para Lisboa, tendo sido embarcados, em 1769, seis casais[7]. Loisel cita, ainda, que numerosas gaiolas para cervos e pássaros vindos da África, do Brasil e da Índia, foram colocadas na área do jardim botânico desse Palácio.

Os registros dos animais mantidos em Queluz, na época de D. Pedro III, são escassos, assim como dos espaços a estes destinados. Muito do que sabemos atualmente são informações inferidas dos relatos de viajantes que passaram pelo Palácio.

Quando da visita de William Beckford[8], o próprio rei convida-o a "ver os pássaros e as flores curiosas recém-enviados do Brasil, [e que] embora os jardins estivessem acessíveis a poucas pessoas, estariam abertos para ele" (BECKFORD, 1835, p. 201). Em outra passagem, Beckford descreve que

> o entardecer estava agora se desenhando para o seu desfecho final, os bosques, pavilhões e aviários afundando em ritmo acelerado na sombra: algumas luzes vagas brilhavam entre os arvoredos mais distantes, pirilampos talvez – talvez meteoros; mas eles não perturbaram os devaneios em que eu estava totalmente absorto (BECKFORD, 1835, P. 203).

Pela descrição de Beckford fica evidente que na época de D. Pedro III existia um espaço reservado, onde o monarca mantinha um aviário para sua coleção de aves. Entretanto, em nenhum momento este autor tece algum comentário sobre os exemplares que ocupavam tal espaço.

Silva (2011, p. 92) relata que os jardins de Queluz possuíam muitas plantas, árvores e animais exóticos trazidos dos quatro cantos do mundo; entretanto,

---

[7] A análise dos animais enviados das colônias para a metrópole, durante o século XVIII, tema central desta Tese, será discutida detalhadamente no capítulo IV.

[8] William Thomas Beckford (1760-1844) foi romancista inglês e escritor de viagens. Dentre seus escritos podemos citar "*Italy; with sketches of Spain and Portugal*" (1834) e "*Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha*" (1835).

praticamente nada de sua estrutura original sobreviveu até os dias atuais, estando a área das coleções botânica e zoológica atualmente ocupada pela Escola Portuguesa de Arte Equestre, outrora localizada no extremo norte do jardim (Figuras 21 e 22).

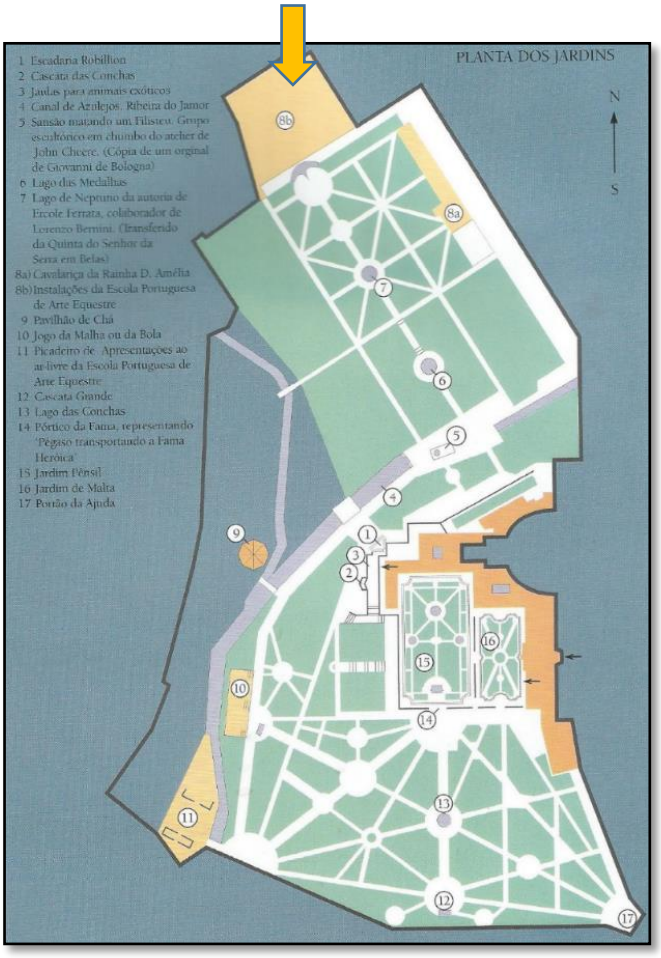


Figura 21: Planta dos jardins do Palácio de Queluz, com indicação da Escola Portuguesa de Arte Equestre (8b), Ferro (2009, p. 8).

Figura 22: Vista atual da área ocupada pela Escola Portuguesa de Arte Equestre, onde, segundo Silva, situava-se a coleção zoológica mantida em Queluz. Foto do autor, 2016.

Além dos aviários distribuídos ao longo do jardim, era frequente a manutenção de gaiolas de pássaros (Figura 23) no interior dos aposentos reais.

Pires (1925, v. I, p. 191-192) descreve, com detalhes, duas gaiolas, executadas em 1759 pelo entalhador Silvestre de Faria Lobo e pintadas e douradas por José dos Santos Carvalho, para serem utilizadas no Palácio de Queluz.

> Huma Gayola de Madeira, armada de Archytectura, con Pilares, e termos sobre-postos nelles, guarnecidos de fastoes de Flores con sua Baze, e Simalha de Moldurejes, e sobre os Pilares vazos de Flores emtalhados, e sobre a Simalha Real a Cuppula, ornada de Pilares, ornados de talha, emlinhada de Palmas, tudo dourado pela p.te interior, e exterior; e sette poleiros pintados de verde e doirados, dous cestinhos deverga, doirados pelo seu exterior, dous bebedoiros de cristal, dourados pelo seu interior; huma jarra lavrada de oiro, hũ comedoiro, con filettes doirados, e fingido Pedra Lazoli; e hũ pé em forma de Pianha, toda transparente, e doirada, menos a taboa da p.te superior dopé, por ser fingida de Pedra da Salema, pintado e doirado con toda aperfeição, con huma pintura de Payz xinez nas costas da Gayola.
>
> Outra Gayola damesma grandeza, mas menos ornadda de talha con os seus Pilares moldurados, enos rebaichos delles fingidos Pedra Lapiz Lazoli e as costas della, pintaddas de Payz Xino, eos outros trez Lados, fingidos cor de Perola, e trez poleiros pintados de verde, dous Cestinhos deverga, doirados pelo seu exterior, dous bebedoiros fingidos Louça da India, Lavrados de oiro; huma Jarra Lavrada de oiro, Quatro pratinhos de cristal, confilettes doirados, hũ comedoiro, pintado cor de Perola e filettes doirados, hũ Rallador con seu pé torneado todo doirado; e ambas as Gayolas emvirnizadas e muito ben trabalhadas.

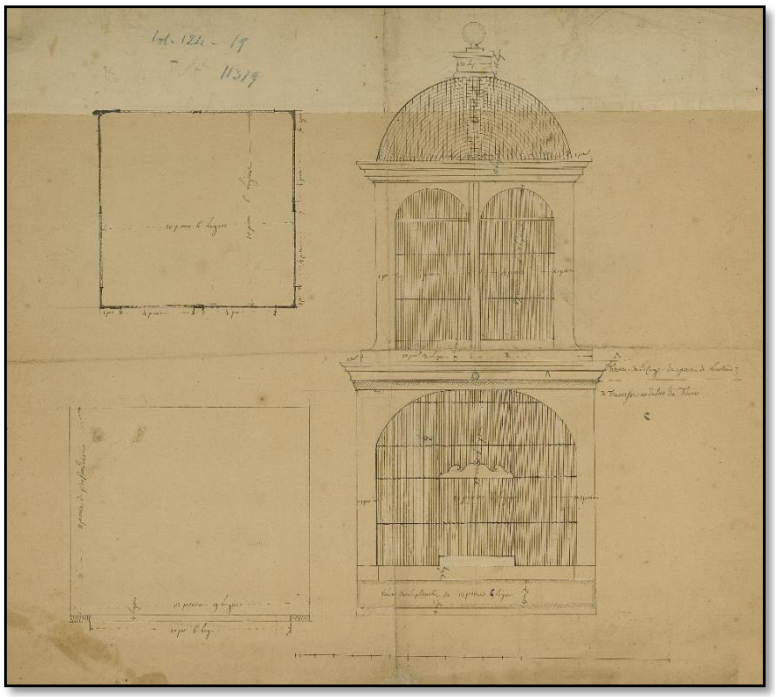


Figura 23: Estudo para uma gaiola de pássaros. Desenho a tinta da china com aguadas. Não assinado, não datado. 554 x 520, França. Biblioteca Nacional de Lisboa, cota: BNL D. 7R.

Apesar de as duas gaiolas, descritas por Pires, serem verdadeiras obras de arte, extremamente elaboradas, não existem informações sobre em que cômodo eram mantidas, nem dos exemplares que abrigavam (PIRES, 1925, v. I, p. 192).

A própria estrutura arquitetônica do Palácio de Queluz encerra alguns segredos sobre a Coleção Zoológica Viva Real que existiu neste local. Um dado curioso nos é revelado pelo nome de um de seus pátios internos, o Pátio da Lontra, apresentando em seu interior um pequeno lago (Figura 24). Ferro (2009, p. 73) levanta a hipótese que este espaço deveria ter abrigado, em alguma época, este animal - justificando, assim, o emprego desta nomenclatura.

Uma passagem interessante, apresentada por Pires (1925, v. 1, p. 334-335), nos faz refletir sobre a composição das Coleções Zoológicas Vivas normalmente descritas na literatura. Em seu relato, Pires expõe as reclamações feitas pelo Administrador das Quintas Reais de Queluz, Alexandre Rodrigues Ferreira, sobre o trabalho realizado pelas lavadeiras do Paço que, ao utilizarem a água dos lagos, acabavam provocando a morte dos peixes, envenenados pelo sabão. Os animais que tradicionalmente integram as Coleções Zoológicas Vivas citadas na literatura incluem, como seus representantes típicos, as aves e os mamíferos e muito mais raramente répteis. Pela descrição de Pires, verificamos que os peixes que povoavam os lagos eram parte integrante da fauna mantida no Palácio com o intuito de serem apreciados. Estes, entretanto, são completamente ignorados quando da contabilização dos exemplares que integram uma Coleção Zoológica Viva Real. Seriam os exemplares mantidos nos lagos de Queluz representantes da fauna nativa ou exótica?

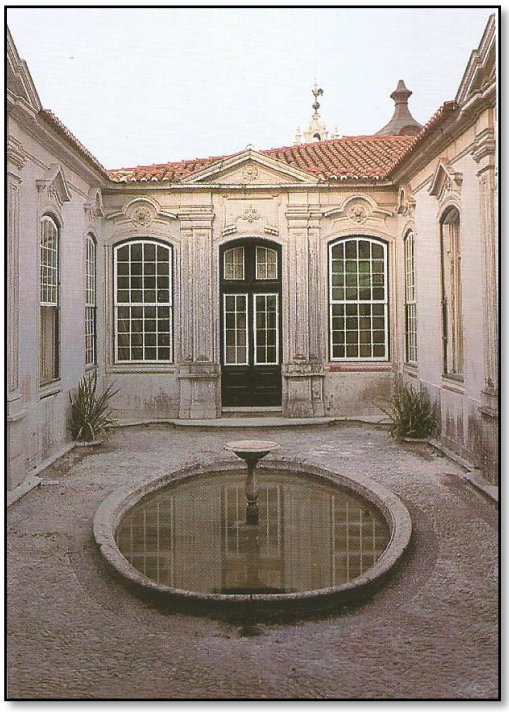


Figura 24: Pátio da Lontra. Palácio de Queluz. Fonte: Ferro (2009, p, 73).

Queluz apresentava uma profusão de lagos distribuídos pelos jardins, alguns deles desativados ainda no século XVIII, quando da reforma do Palácio por Robillion, como o que existia defronte à Sala do Trono, hoje ocupado pelo Jardim de Malta.

Pires (1925, v. I, p. 281) relata que existiram ainda o

> Jardim do Embrechado, com quatro lagos; o Jardim Novo, mandado fazer no tempo do Príncipe D. João, em 1790, com treze lagos; o Jardim Grande, que ficava no fim da quinta e tinha sete lagos, e da Galeria, também com um lago, tudo despareceu, estando a maioria dos lagos entulhados[9],

e que muitos lagos "que guarneciam os jardins, dali foram retirados por ordem de el-rei D. Fernando [durante o século XIX] para as Necessidades e Alfeite. Enfim não levaram as paredes, porque essas eram de difícil transporte!" (PIRES, 1926, v. II, p. 338).

Os lagos, além de abrigarem peixes, também eram povoados por cisnes, que ficavam aos cuidados do "guarda dos cisnes", o Sr. Manuel do Boi. Quando da transferência da corte para o Brasil, Manuel do Boi tinha sob sua guarda 183 exemplares, dentre brancos[10], pretos[11] e crias[12] (PIRES, 1925, v. I, p. 299) e possivelmente répteis, como podemos observar no ofício de Figueiroa[13] que, ao remeter uma tartaruga grande da Bahia para Lisboa, relata que esta "poderá conservar-se no lago da mesma Quinta [de Queluz], em q' achará pequenos peixes, de q' ela se sustenta".

Pires (1925, v. 1, p. 297) aponta para outra questão que merece comentário, a manutenção de insetos, como o Bicho-da-seda (*Bombyx mori*), pela princesa Carlota Joaquina, que os mantinha em grande quantidade em seu quarto, alimentados com as folhas das amoreiras que margeavam a ribeira do Jamor[14]. Este é outro grupo animal que, mesmo na atualidade, raramente aparece como parte integrante de uma Coleção Zoológica Viva.

---

[9] Entre Agosto de 2009 e Julho de 2010 os Jardins do Palácio de Queluz passaram por um processo de conservação por meio do qual 14 fontes e lagos foram recuperados (PROENÇA & RAPOSO, 2012, p. 99).
[10] Pires (1925, v. I, p. 299) cita que a Rainha D. Maria I mantinha um cisne branco nos seus aposentos, no interior do palácio, acariciando-o nos momentos de lucidez e maltratando-o nos momentos de desespero.
[11] Apesar de o Cisne-branco (*Cygnus cygnus*) ser nativo da Europa, presente inclusive em Portugal, um dos primeiros relatos sobre a existência de Cisnes-negro (*Cygnus atratus*), nativos da atual Austrália, data de 1698. Apesar de essa espécie ter sido cientificamente descrita por Latham em 1790, o primeiro registro de exemplares vivos fora da sua região de origem data de 1726: dois espécimes vivos que chegaram à Batávia. Os primeiros exemplares chegaram à Europa, inicialmente para a Inglaterra e depois para a França, em 1791. (LATHAM, 1824, v. X, p. 224). Na citação de Pires, quando a Família Real se transfere para o Brasil, em 1807, estes exemplares já povoavam os lagos de Queluz; apenas 16 anos após a chegada dos primeiros cisnes negros à Europa. Qual deve ter sido a origens destes raros exemplares, para a época, na Coleção Zoológica Viva Real mantida em Queluz?
[12] Um documento que descreve as despesas realizadas nas Quintas de Queluz e Caxias em Março e Maio de 1808 cita o pagamento de 41$800 a dois trabalhadores que trataram dos Veados de 09 de dezembro de 1807 a 13 de março de 1808 e de 13$640 com a compra de comida para os Cisnes e Canários no mês de maio de 1808 (CHRISOSTOMO, 1808).
[13] FIGUEIROA, J. B., 1779 (03 de Novembro). AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10432.
[14] O rio Janor, ao atravessar a Quinta de Queluz, forma o famoso canal azulejado de 130 metros, apresentando um sistema de comportas que permitia o seu enchimento, para os passeios de barco.

Com a fuga da Família Real para o Brasil, Queluz entra em um período de declínio, fato este estendido, também, à sua coleção zoológica. Um comunicado do comandante do exército francês em território português, Jean-Andoche Junot, solicita a João Crisóstomo, administrador de Queluz, que mantenha os jardins do palácio em perfeito estado de conservação com “toda a vigilancia no Jardim Botanico, tosquia dos Buxos e limpeza das ruas”, designando para tal serviço um jardineiro e dois trabalhadores. Entretanto, em relação à Coleção Zoológica Viva, observamos um tratamento inverso, já que este general ordenou que se vendessem “logo os passaros, viados, e porcos de que ha grande abundancia nas coutadas e viveiros” (PIRES, 1925, v. II, p. 244).

A Coleção Zoológica Viva de D. Maria I não se restringia aos exemplares mantidos no Palácio de Queluz; a rainha possuía também muitos animais no Palácio de Belém; desta forma, a história da Coleção Zoológica Viva mantida no Palácio de Belém não pode ser analisada somente sob o olhar do reinado de D. José I, apresentada no tópico anterior. D. Maria I, filha e sucessora de D. José, realizou várias interferências que intensificaram a remessa de exemplares das colônias para esta coleção. Durante seu reinado (1777-1816), foram construídos dois viveiros[15] monumentais em seus jardins (Figuras 25 e 26), sendo exatamente esse núcleo formado pelo Pátio dos Bichos, construídos durante o reinado de João V e os viveiros construídos por D. Maria I que estabelecem a unidade expositiva a qual vai caracterizar, pela primeira vez em Portugal, um espaço que podemos denominar de uma autêntica *Ménagerie*.

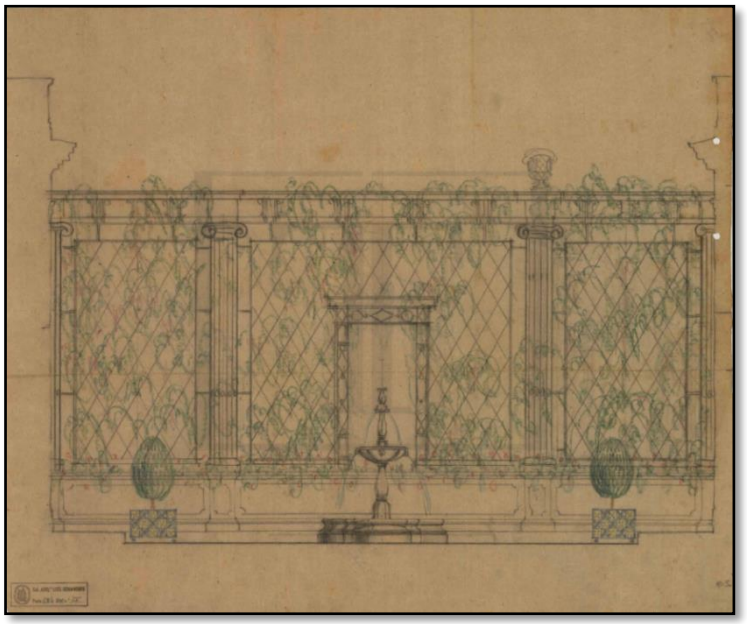


Figura 25: Projeto para o viveiro de Belém. Fonte: ANTT, Luís Benavente, c, pt. 284, nº 25.

[15] Conseguimos levantar nesta pesquisa quatro documentos, depositados na Torre do Tombo, que relatam as despesas realizadas na construção destes viveiros, entre 1780 e 1785: ANÔNIMO, 1780 (25 de março). ANTT, Casa Real, nº 3635; ANÔNIMO, 1782 (29 de junho). ANTT, Casa Real, nº 3637 e os documentos ANÔNIMOS, 1785 (05 e 12 de fevereiro) que relatam o assentamento dos lajedos no piso dos Viveiros.

Figura 26: Viveiros do Palácio de Belém construídos por D. Maria I. Foto do autor, 2016.

William Withering (1741-1799), durante sua visita ao Palácio, realizada entre 1793-1794, descreve esta coleção zoológica sendo constituída por

> faisões dourados, prateados, chineses e ingleses, bem como pombas raras e alguns periquitos; há um pequeno lago com dois belos cisnes e alguns patos americanos; após descer um lanço de escadas vê mais periquitos amarelos e vermelhos, uma avestruz, quatro garças das Baleares e dois pelicanos. Dirige-se, então, para um estábulo, algo distante, onde se encontram zebras, touros e veados brasileiros (WITHERING *apud* PAPAVERO & TEIXEIRA, 2013, p. 126).

Southey (1797, p. 403) poucos anos mais tarde, vai constatar outra realidade, relatando que a Coleção Zoológica Viva de Belém estava muito mal administrada e formada por poucos animais, dentre estes, três zebras, todas machos.

Com a ocupação francesa, em 1806, o general Junot retira os animais que ainda existiam no Paço que, segundo Stothert (1812, p. 12) estavam restritos a poucos pássaros raros.

3.2.2.5 Coleção Zoológica Viva de D. João VI

Quando do retorno de D. João VI a Portugal, em 1821, Queluz volta à cena política, apesar de o rei, por questões familiares, preferir frequentar mais ativamente o Palácio da Bemposta, tornando-se Queluz a residência oficial da rainha D. Carlota Joaquina. Nesse período, D. João realiza alguns melhoramentos no palácio, dentre eles a construção das jaulas sob o terraço do Pavilhão *Robillion* (Figuras 27 e 28) [16]. Estas

[16] Um documento que relata as receitas e despesas efetuadas nas Reais Quintas de Queluz, Caxias e Bemposta, durante o ano de 1825, descreve os seguintes gastos envolvendo animais: Janeiro: "2 gaiolas de arame com bebedoiros de Vidro q.' foraõ com Canarios p.ª a Bemposta de Ordem da Ser.ma S.ra Infanta D. Izabel Maria, 1.500 r.s"; Julho: "16 ½ dúzias de Ovos p.ª os Canarios dos Vivr.os, a 140 - 2:310"; Agosto:

estruturas, executadas em 1822, são, atualmente, os únicos remanescentes que atestam a existência da uma Coleção Zoológica Viva nesse Palácio.

Com a morte de D. João VI, em 1826, tanto a Rainha D. Carlota Joaquina quanto suas infantas possuíam “grandes viveiros repletos de aves”, nos quais existiam “157 pombos e pombas de várias raças, 26 rolas bravas e 30 mansas, 73 canários e canárias, 6 codornizes, 5 araras, 7 papagaios, 3 cacatuas, 3 águias, 17 pavões, 2 mochos, 1 coruja e muitos coelhos” (PIRES, 1925, v. I, p. 299).

Figura 27: Vista geral do Pavilhão *Robillion* com as jaulas construídas por D. João VI, em 1822. Foto do autor, 2016.

Figura 28: Interior das jaulas do Pavilhão *Robillion*. Foto do autor, 2016.

“9 duzias de Ovos p.ª os Canarios dos Vivr.os, a 140 - 1:260”, “carne para o bicho bravo 1.200”; Setembro: “carne p.ª sustento da Onça, ou Gato bravo, a 100 r.s pr dia – 3.000”; Outubro: “Carne p.ª a Onça ou gato bravo – 3.255”; Novembro: “Carne p.ª sustento da Onça, ou Gato bravo -3.150”, “Remedio p.ª o Porco Espinho - :150”; Dezembro: “Carne p.ª sustento da Onça, ou Gato bravo (2.205)”. Por este rol de despesa, a Onça chegou a Queluz em Agosto de 1825.

As jaulas do Pavilhão *Robillion* abrigavam, em 1831, mesmo depois da morte da rainha Carlota Joaquina, Leões, Onças, Tigres, Lobos, Javardos, Gato maricutir, Cães de fila e galgos (PIRES, 1925, v. I, p. 299)[17] e, em 1833, já em sua fase final como morada real, a coleção zoológica era composta por duas Leoas, dois Tigres e alguns Macacos mantidos nas jaulas deste Pavilhão (FERRO, 2009, p. 115).

Guedes (1971, p. 323-324) entretanto, amplia, em muito, a coleção zoológica presente no Palácio. Uma descrição de 5 de agosto de 1833 (Tabela 4) enumera mais de 400 espécimes mantidos na Quinta. Contudo, um inventário dos móveis do palácio, realizado em 04 de novembro desse mesmo ano, contabiliza a existência, na casa do viveiro do jardim, dos seguintes exemplares: três Águias, três Rolas, uma Cacatua, doze Pombos e uma porção de Canários, além de vinte e três Pavões, entre machos e fêmeas e quatro Galinhas-de-Angola, mantidos na mata, assim como Cabras e Carneiros de Angola e Búfalos africanos[18]. Podemos observar por este inventário que, no final do ano de 1833, ainda existia, em alguma parte dos jardins do palácio, um viveiro para pássaros.

Tabela 4: Relação das criações existentes nas Reais Quintas de Queluz, em 5 de agosto de 1833.

Animais	**Quantidade**
Cannarios	?
Rolas Pombas	21
Pombas de todas as qualidades	50
Pavoens machos e femeas	23
Galinhas de Angola	4
Cysnes de fora (cazal)	1
Pattos (cazal)	1
Buffalos de Affrica	8
Rollas bravas	26
Cattatua	1
Passaros diferentes da Índia	9
Pombos bravos	24
Leoas e Tigres	4
Macacos	2
Matilha de cães, sendo de fila	4
Aguias	3
Falcão	1
Ganços	3
Piruns	1
Gallos do Már	1
Hum Pombal de Pombas que se não podem contar por andarem soltos	?
Piruns	23
Corsas, Gamos e Viado	27
Porcos grandes muito gordos	9
Ditos de vários tamanhos	23
Pattos reaes	48

[17] Três documentos depositados na Torre do Tombo relatam as despesas realizadas em Novembro e Dezembro de 1830 com os Búfalos, provenientes de Goa, das Leoas, da Onça, do Gato-maricutú e de outros animais existentes na Real Quinta de Queluz, além dos Lobos mantidos na Real Mata de Queluz. (ANÔNIMO, 1830, ANTT, Casa Real, nº 3691).

[18] CARVALHO, J. J.; ANJOZ, J. M. dos; SILVA, C. J. M. de G. e, 1833 (04 de novembro). ANTT, Casa do Infantado, mç. 1381, mct. 1, mf. 7563, item 1.

Ditos marrecos	5
Piru	1
Jumentos de leite e suas crias	10
Jumentos	4
Egoa	1
Cavalinho pequeno de serviço	1
Carneiros de Angola	3
Cabras de Angola	82

Fonte: Guedes (1971).

3.2.2.5 Coleção Zoológica Viva de D. Maria II

A última Coleção Zoológica Viva Real, em Portugal, não foi, como colocado por Loisel, a coleção presente no Palácio de Queluz (LOISEL, 1912, v. II, p. 19), mas sim aquela existente no Paço das Necessidades, quase meio século mais tarde. Esta coleção foi por muito tempo ignorada pelos estudiosos; entretanto, mais recentemente começou a ganhar a devida atenção, ainda que de modo tímido, por parte de alguns autores, dentre eles Carreiras (2001).

O Paço das Necessidades adquiriu, logo após sua construção iniciada por D. João V (1689-1750), uma posição secundária para a monarquia, já que D. José I, ao assumir o trono português, em 1750, opta por se instalar no Palácio de Belém. Por esta razão, seus jardins e tapada[19], com seus "longos caminhos traçados a régua e esquadro", ao tradicional gosto barroco, mantiveram sua estrutura básica praticamente inalterada até meados de 1830 (CARREIRAS, 2001, p. 100).

Esse Palácio vai entrar definitivamente para a cena política portuguesa quando a rainha D. Maria II (1819-1853) o escolhe como residência oficial, em 1834, passando, desde então, a ser o derradeiro palco da história de Portugal até a queda da monarquia, no início do século XX.

A Coleção Zoológica Viva mantida neste Paço inicia-se com D. Fernando II (1816-1885), o rei-consorte, que, como a rainha, apreciava o contato com a natureza. O próprio D. Fernando fazia questão de partilhar com os filhos, dentre eles os infantes Pedro e Luís, futuros reis de Portugal, esta vivência, aos "quais lhes ensinava classificar as plantas e os insetos" (TEIXEIRA, 1986, p. 94). O contato com os animais era, assim, uma prática constante na vida da família real.

Uma carta da infanta D. Maria Ana, na época com apenas 10 anos, faz referência aos lindos pássaros mantidos por seu irmão D. Luís, dentre eles um "incarnado com azas pretas[20] [...] e dous montemarteis[21] que vieram do Brazil"[22]. D. Fernando retratou

[19] Mata cercada por muros que fazia parte do complexo das Necessidades.
[20] Possivelmente uma referência ao Tiê-sangue (*Ramphocelus bresilius*).
[21] Exemplares não identificados.
[22] BPA, BA-54-VI-14, nº 59.

em suas pinturas o cotidiano da família real na presença de aves ornamentais (Figura 29).

A manutenção de pássaros pelos integrantes da monarquia é reforçada pelas faturas[23] que atestam "diversos fornecimentos de pássaros, bem como gaiolas de arame amarelo, em malha miúda, outras ditas de "viúva", ou de canas, [além de] bebedoiros, fabricados por João Alberto de Morais", para o Paço das Necessidades (TEIXEIRA, 1986, p. 106). O levantamento dos bens do Paço das Necessidades, assim como dos demais Paços Reais, realizado em 1911, logo após a queda da monarquia portuguesa, identificou a presença de "Trinta e dois Ganchos de ferro dourado, uns para sustentar os cordões descriptos, outros para Gaiolas de pássaros que ja não teem" (MAGALHÃES & SAMPAIO, 1911).

Figura 29: Água-forte do rei D. Fernando II, 1840 (pormenor), "Um dos infantes dá de comer a um papagaio numa das salas do Paço das Necessidades" (TEIXEIRA, 1986, p. 106).

Apesar de as remessas de animais para a coleção zoológica mantida neste Palácio terem ocorrido em um período relativamente recente da história, o final do século XIX, estas são acometidas por certa confusão nas informações, pairando dúvidas se alguns exemplares enviados eram espécimes vivos ou mortos. Esta incerteza é decorrente da existência de dois espaços distintos no Paço, um reservado à exposição de animais vivos e outro aos animais taxidermizados, mantidos em um museu de história natural. Por esta razão, é imprescindível a realização de um estudo minucioso da documentação de época referente às remessas de animais realizadas para o Paço das

[23] Arquivo da Casa de Bragança, Casa Real – Sec. XIX, Palácio das Necessidades, Facturas de 23.VIII.1848 e de 18.II.1851 (TEIXEIRA, 1986, p. 111).

Necessidades, para que se possa traçar o perfil de suas coleções zoológicas, vivas ou mortas[24].

Teixeira (1986, p. 171) cita, por exemplo, que "em maio de 1839 havia chegado do Brasil, depois de arratada expectativa, uma remessa de macacos e de aves raras que D. Fernando mandou destinar aos Jardins das Necessidades". Inicialmente, poderíamos supor que esta remessa fosse constituída por animais vivos; entretanto, em uma correspondência de D. Fernando a Sá de Bandeira, datada de 17 de maio de 1839, o rei relata que "chegarão hontem do Pará dous caixões com vários macacos e aves muito raras"[25] (TEIXEIRA, 1986, p. 175), donde podemos perceber que esta carga era constituída por espécimes preservados.

Entretanto, o envio de animais vivos para o rei também era uma prática comum, como constatamos no documento de Francisco d'Assis e Silva, comandante do Bergantim São Boa Ventura que, em 1842, ao retornar da Guiné, trazia a bordo uma coleção de animais, composta por "huma onça[26], dois gattos bravos, dois caxorros de mangue, hum pelicano, hum flamengo, tres patos ganços, huma ganga, huma ovelha, dois macacos fidalgos, dois macacos gous, huma tritamba e huma cobra" (PT/BCM-AH/Bergantim São Boa Ventura, cx. 468). Esta remessa é um dos primeiros documentos encontrados, em nossa pesquisa, que efetivamente atestam o envio de animais vivos para o Paço das Necessidades, comprovando a existência, em seus jardins, de uma *Ménagerie*.

Teixeira relata, ainda, que

> no final de 1850 foi enviada de Paris para Lisboa boa variedade de aves, reservada por certo para o mesmo jardim [das necessidades], entre elas um "*canard à tête de quise de Terre Neuve*", um '*gypaête barbu male des Pyrenées*', o mais belo da espécie que recebeu a medalha de ouro da exposição [anual de aves na capital francesa], um '*sécretaire jeune du Cap*', etc. [...]"[27]. (TEIXEIRA, 1986, p. 171).

Novamente paira dúvida sobre se os animais exibidos na exposição de Paris seriam exemplares taxidermizados ou não. Apesar de não termos tido acesso à documentação depositada no Arquivo da Casa de Bragança[28], muito provavelmente estes animais eram taxidermizados pela natureza das espécies citadas.

---

[24] Pelo restrito tempo para a realização da pesquisa dos manuscritos em Portugal, associado ao fato de esta coleção ter sido formada no século XIX, não foram pesquisados os documentos depositados na Fundação Casa de Bragança, em Vila Viçosa, onde devem existir documentos relativos aos animais presentes na *Ménagerie* do Paço das Necessidades.

[25] Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, MB-CB, Reservados, Correspondência do rei D. Fernando II com Sá da Bandeira, doc. 14, carta de 17.V.1839. Citado por Teixeira, 1982, p. 175.

[26] Certamente um Leopardo (*Panthera pardus*).

[27] *Canard à tête de quise de Terre Neuve*, provavelmente um *Eider à tête grise*, ou Eider Real (*Somateria spectabilis*); *gypaête barbu*, Abutre-barbado (*Gypaetus barbatus*) e *Sécretaire jeune du Cap*, Secretário (*Sagittarius serpentarius*).

[28] Arquivo da Casa de Bragança, Casa Real – Séc. XIX, Palácio das Necessidades, factura de 30.XII.1850, do fornecedor Adolpho Mathias, agente de compras da Casa Real (TEIXEIRA, 1986, p. 175).

Entre 1850 e 1852, ocorreram várias remessas de animais para as Necessidades, visivelmente englobando exemplares vivos e taxidermizados, dentre eles:

> um veado de três anos, uma corça, um canguru, um canguru fêmea e uma gaiola para animais[29]; duas caixas de falcões, uma caixa de faisões, uma caixa de veados, uma caixa de cangurus[30]; três veados, dois corços e duas gaiolas[31]; um periquito de Malabar[32]; uma catatua e uma gaiola[33]; um *Crested Parrakeet*[34], e um papagaio *Nymphiens* e uma gaiola[35] (CARREIRAS, 2001, p. 27).

Podemos observar, em algumas Ilustrações de época, a presença de animais soltos pelos jardins (Figura 30); entretanto, o registro mais antigo encontrado que retrata uma edificação da *Ménagerie* é uma fotografia publicada na revista *Illustração Portugueza*, de 1904 (Figura 31), de "uma corsa, muito elegante e mansa, mantida em um recinto reservado" (CHAVES, 1904, p. 791).

Chama-nos a atenção uma carta, datada de 1862, do governador de Angola, Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses, informando o envio de um grupo de animais destinados ao rei D. Luís I e a seu pai, D. Fernando (Tabela 5) (MENESES, 1861). Ao assumir o trono de Portugal, em 1861, D. Luís decide fixar residência no Palácio Nacional da Ajuda, enquanto seu pai, D. Fernando, continuou habitando o Paço das Necessidade. Apesar de o Palácio da Ajuda ser famoso por seu jardim botânico, no qual trabalhou, na época de D. José I, o botânico Domingos Vandelli, nossa pesquisa não encontrou nenhuma referência que ateste a existência, nesse Palácio, de uma área destinada à manutenção de uma Coleção Zoológica Viva. Assim, qual teria sido o destino dos exemplares ofertados ao rei D. Luís I?

---

[29] Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1850, 15 de junho de 1850 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[30] Despachados de Londres, pelo navio Pacha, in: Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1850, 17 de junho de 1850 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[31] Despachados de Madrid, pelo navio Iberia, in: Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1850, 27 de agosto de 1850 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[32] Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1852, 7 de julho de 1852 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[33] Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1852, 18 de outubro de 1852 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[34] Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1852, 26 de novembro de 1852 (CARREIRAS, 2016, p. 27).
[35] Arquivo da Casa de Bragança, Documentos não catalogados, ano de 1852, 6 de dezembro de 1852 (CARREIRAS, 2016, p. 27).

Figura 30: Detalhes dos jardins do Paço das Necessidades. À esquerda uma ave pernalta (grou?) andando livremente pela tapada, tendo em primeiro plano, o chafariz do leão e ao fundo a cúpula da estufa construída pelo rei D. Pedro V (desenho de Barbosa Lima, 1862); à direita um pavão sobre um vaso em um muro da tapada (Desenho a lápis de D. Fernando, 1867).

Figura 31: Casa dos Antílopes no Paço das Necessidades[36], *Illustração Portugueza* (CHAVES, 1904, p. 758).

[36] A construção da "caza para os antílopes" foi realizada por J. B. Colomb, da "Officina de Carpinteiro de Casas e Marceneiro", com sede na Rua da Torre da Pólvora, nº 7, localidade da Pampulha, em Lisboa, conforme documento existente no Arquivo da Casa Real – Séc. XIX, Palácio das Necessidades, doc. nº 52, das despesas realizadas em março de 1867 (TEIXEIRA, 1986, p. 175).

Tabela 5: Animais enviados pelo governador de Angola, Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses, pela corveta Estephanea.

Ao rei D. Luís	
01 Antílope (Conhecido no país como egire)	Um animal "elevado, bonito e muito manso". Possivelmente um Ungiro (*Tragelaphus strepsiceros*).
01 Animal (conhecido no pais como almiscar)	Possivelmente um Gato-de-algália (*Civettictis civetta*).
01 Pequena águia coroada	Animal não identificado.
01 *Buceros abyssinica*	Cuja nota inclusa diz que é desconhecido nos museus da Europa.
02 Corsas (Oferta do comandante da corveta)	Animal não identificado.
A D. Fernando	
02 Corsas (macho e femea) (enviada por Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses)	Pode se reproduzir na Europa, a dois anos mandei 01 de Cabo verde, semelhante a elas mas não da mesma variedade, que consta-me que ainda existi aí. Animal não identificado.

Fonte: Biblioteca do Palácio da Ajuda, Documento BA, 54-X-32, nº 289-289a.

Apesar de não sabermos exatamente quando D. Fernando II iniciou a construção da *Ménagerie* do Paço das Necessidades, as plantas dos jardins, apresentadas por Carreiras, demonstram sua existência já no ano de 1856 (CARREIRAS, 2001, p.109), sendo "um dos elementos que mais interesse desperta nesta tapada" (CARREIRAS, 2001, p.105).

Este espaço de exposição para animais vivos, como hoje se apresenta, mais de um século depois de concebido, ainda é um espaço impressionante, sob dois aspectos; primeiramente pela sua estrutura física onde podemos visualizar o planejamento arquitetônico, os recintos edificados e seu gradeamento (Figura 32), apesar de notamos a presença de intervenções executadas ao longo do tempo, como acréscimos de estruturas, evidenciado pela utilização de diferentes tipos de materiais e mesmo reduções, como a construção de um campo de tênis, pelo rei D. Carlos I (1863-1908), em um local onde existia um aviário (CARREIRAS, 2001, p. 106).

O segundo aspecto que desperta nossa atenção é o lastimável estado de conservação em que se encontra este importante espaço expositivo, talvez um dos últimos remanescentes de uma construção real destinada à manutenção de Coleções Zoológicas Vivas, não só em Portugal mas no mundo.

Curiosamente, esta *Ménagerie* não é citada no trabalho de Loisel, apesar de este autor associar a figura de D. Fernando II à criação do Jardim de Aclimatação de Lisboa (LOISEL, 1912, v. III, p. 92).

Figura 32: Vista parcial da *Ménagerie* do Paço das Necessidades. Foto do autor, 2016.

O estudo desse interessante espaço expositivo, onde foi mantida a última Coleção Zoológica Viva Real de Portugal, merece uma abordagem mais cuidadosa e aprofundada; contudo, o período histórico definido para esta Tese, o século XVIII, não contemplaria esta análise.

CAPÍTULO 4

Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre

Foto: Art Wolfe

4.1. O mundo português

Desde cedo na história de Portugal, o oceano foi percebido como a única possibilidade de expansão territorial, pois por terra esta ação era coibida pela rival Castela.

Apesar de os monarcas portugueses estarem familiarizados com o mar desde o início de sua história[1], foi somente com a conquista de Ceuta, em 1415, durante o reinado de D. João I (1357-1433), que podemos estabelecer, de forma categórica, o início da investida portuguesa em desbravar o oceano, o que resultou na ampliação de seu domínio territorial. A descoberta do caminho marítimo ligando a Europa à Índia realizada por Vasco da Gama, em 1498, quase um século após a anexação de Ceuta, foi o triunfo derradeiro desse empreendimento, materializando o sonho, a esperança e a perseverança de vários monarcas portugueses.

A abertura da rota marítima entre Lisboa e a Índia conduziu Portugal ao estabelecimento do primeiro império global da história fazendo com que, durante o século XVI, este pequeno reino europeu atingisse sua máxima expansão territorial (Figura 33), tornando-se a nação mais poderosa do Ocidente.

Durante o século XVIII, recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, Portugal possuía vinte e sete territórios em regiões d'além mar, alguns destes, como veremos ao longo deste capítulo, importantes centros fornecedores de animais que proviam as Coleções Zoológicas Vivas Reais dos quatro monarcas portugueses que reinaram durante esse período: D. Pedro II, D. João V, D. José I e D. Maria I.

Estes territórios, distribuídos por quatro continentes, eram formados por duas possessões na Europa Atlântica, Açores e Madeira; quatro na América, Brasil, Cisplatina, Colônia do Sacramento e Sete Povos das Missões; doze na África, Angola, Ano Bom, Cabinda, Cabo Verde, Fernando Pó, Guiné, Mazagão, Moçambique, Mombaça, São João Baptista de Ajudá, São Tomé e Príncipe e Zinguichor; e por nove colônias na Ásia, Baçaim, Chaul, Damão, Diu, Goa, Salsette e São Tomé de Miliapore, que consituíam a Índia Portuguesa, além Macau e de Timor (Figura 34).

[1] A primeira batalha naval citada na história de Portugal ocorreu em 1180, durante o reinado de D. Afonso Henriques (1109-1185), quando Fuas Roupinho derrotou a esquadra moura na batalha do Cabo Espichel (GALVÃO, 1726, p. 72); entretanto, deve-se a D. Dinis I (1279-1325) a estruturação da marinha portuguesa, realizada em 1317 (CORTESÃO, 1975, p. 94).

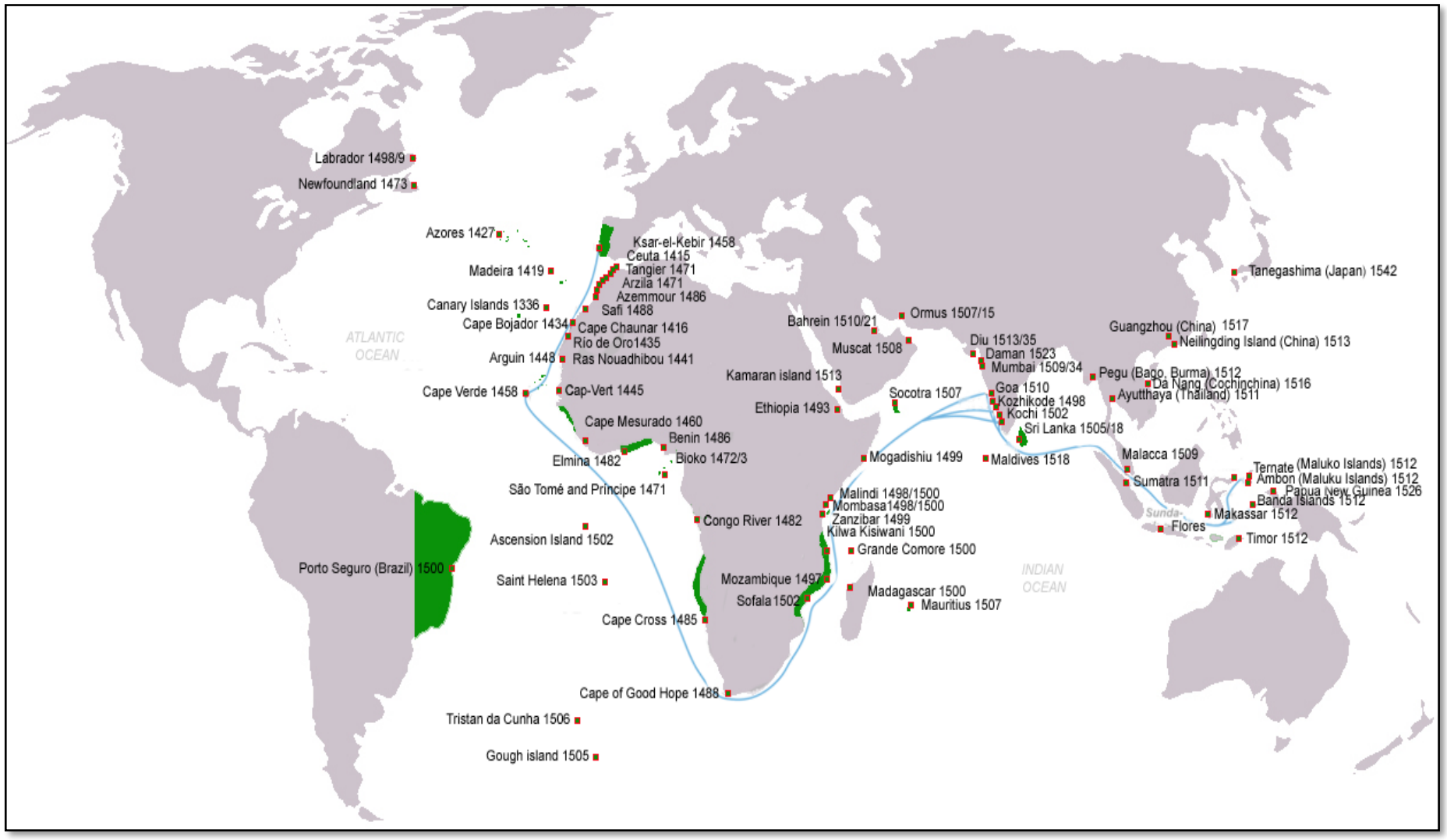


Figura 33: Expansão marítima portuguesas durante os séculos XV e XVI. Fonte: Wikipedia.

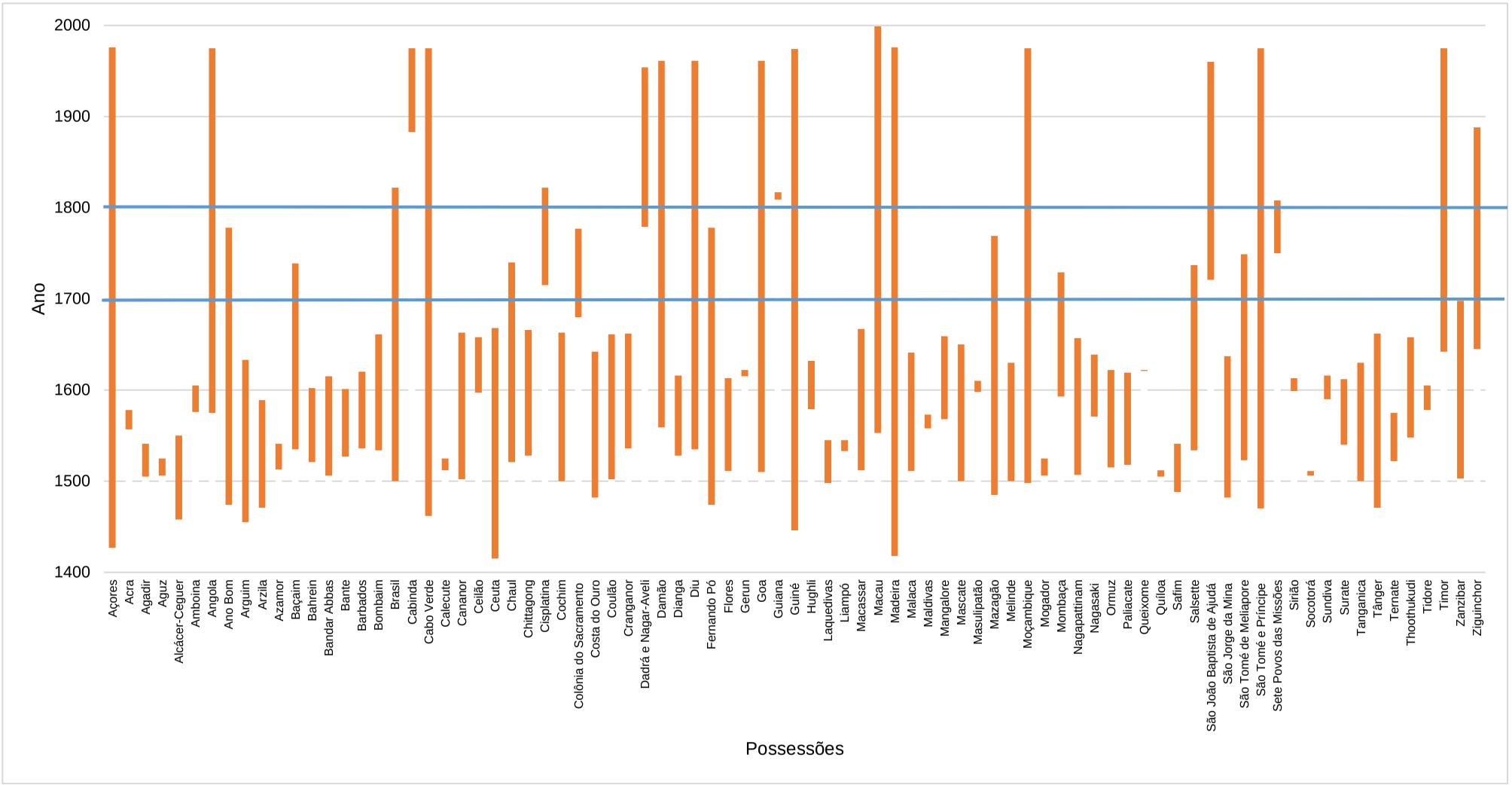


Figura 34: Possessões portuguesas em regiões d'além mar durante o século XVIII. Fonte: do autor.

4.2 Os animais d'além mar

As grandes viagens marítimas financiadas pelos reis de Portugal proporcionaram aos navegadores lusos a façanha de atingirem quase todos os Continentes da Terra. Portugal só não conseguiu estabelecer posseções na Oceania e no Continente Antártico, apesar de estas regiões terem sido alcançadas por Fernão de Magalhães, comandante português durante a primeira viagem de circum-navegação financiada pelos reis de Aragão e Castela.

Este feito fez com que os portugueses entrassem em contato direto com espécimes da fauna representativa de todas as seis grandes regiões zoogeográficas[1] da Terra (Figura 35).

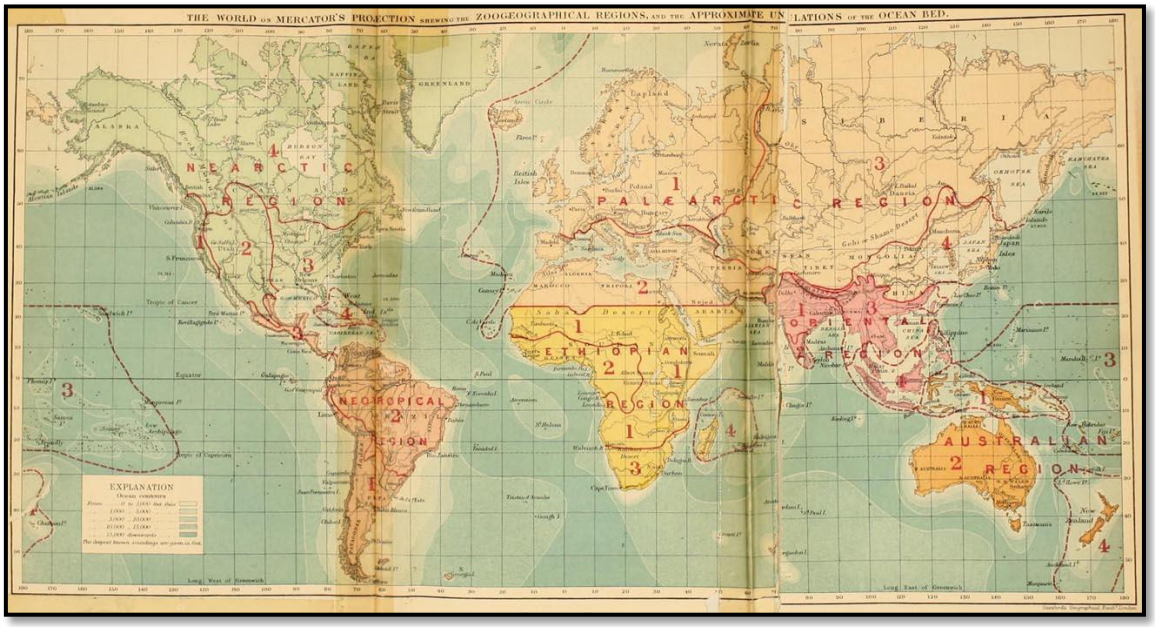


Figura 35: Regiões zoogeográficas. Fonte: Alfred Russel Wallace (1876).

.

Durante o século XVIII, apesar de Portugal ter reduzido a quantidade de territórios sob seu domínio, esta perda praticamente não alterou o acesso direto à fauna que mantinha no auge de sua expasão territorial, alcançada no século XVI. Vamos verificar, contudo, durante a análise dos dados recolhidos que apresentamos no último tópico deste capítulo, um predomínio de exemplares provenientes das regiões zoogeográficas Etiópica e Neotrópica.

[1] Alfred Russel Wallace (1823-1913) foi um naturalista inglês, que, juntamente com Charles Darwin elaborou os princípios básicos da Teoria da Evolução. Em seu trabalho "*The Geographic Distribution of Animals*", de 1876, Wallace divide o mundo em seis regiões zoogeográficas: Paleártica, Neoártica, Neotropical, Etiópica, Oriental e Australiana.

4.2.1 Terminologia

Um dos empecilhos encontrados durante a análise da documentação levantada para esta Tese foi o fato de muitos termos utilizados para a designação dos espécimes vívos enviados para Lisboa não corresponderem àqueles utilizados na atualidade.

O emprego de nomenclaturas regionais de época, pelo fato de terem caído em desuso, dificultou e, em muitos casos, impossibilitou a identificação dos exemplares remetidos pelas ferramentas de pesquisa utilizadas. Vale ressaltar que muitos termos que apresentam correspondência com a nomenclatura utilizada na atualidade, como, por exemplo, “cardiais”, podem não ter relação com os indivíduos hoje assim denominados.

Conseguimos, entretanto, comparando documentos relativos à mesma remessa de animais emitidos de diferentes localidades do Império, decodificar pelo menos uma das antigas nomenclaturas empregadas - o termo “sexe” utilizado para designar um pássaro africano mencionado em vários documentos.

Comparando um ofício emitido em São Pedro da Assumpção de Luanda[2] com outro expedido em Pernambuco[3], ambos referentes à mesma remessa de pássaros realizada para Lisboa, foi possível decodificar o termo “sexe”, pois o documento africano utiliza a nomenclatura regional para designar os animais despachados deste continente, enquanto a documentação que descreve o reenvio destes exemplares do Brasil para Lisboa faz uso da descrição física de tais exemplares. A comparação destes dois registros permitiu associar o termo “Sexe” à descrição “passaro pardo pelas costas e peito e rabo azul”, possibilitando, assim, a identificação desta espécie, a qual é designada, atualmente, pelo nome de Peito-celeste (*Uraeginthus angolensis*)[4] (Figura 36).

Outro caso que merece ser comentado diz respeito ao emprego dos termos *Benguelinha* e *Negral*, ambos aplicados a pássaros que também aparecem nas remessas realizadas de Angola, existindo uma certa confusão na identificação destes exemplares.

O naturalista inglês George Edwards (1694 - 1773) foi um dos primeiros autores a citar e ilustrar estes dois pássaros em seu trabalho de 1750 (Figura 37), apesar de estes exemplares já estarem presentes, por longa data, nas Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas.

---

[2] VASCONCELOS, A. de, 1763 (10 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 47.
[3] MENESES, A. de S. M. de, 1764 (10 de Março). AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7838.
[4] George Edwards (1750, p. 131) cita, baseado nas informações fornecida por Paul Martyn, que este pássaro é chamado, pelos portugueses da costa da África, de “azulinha”. Encontramos remessas provenientes de Angola que utilizam a nomenclatura “Azulão” para designar estes exemplares.

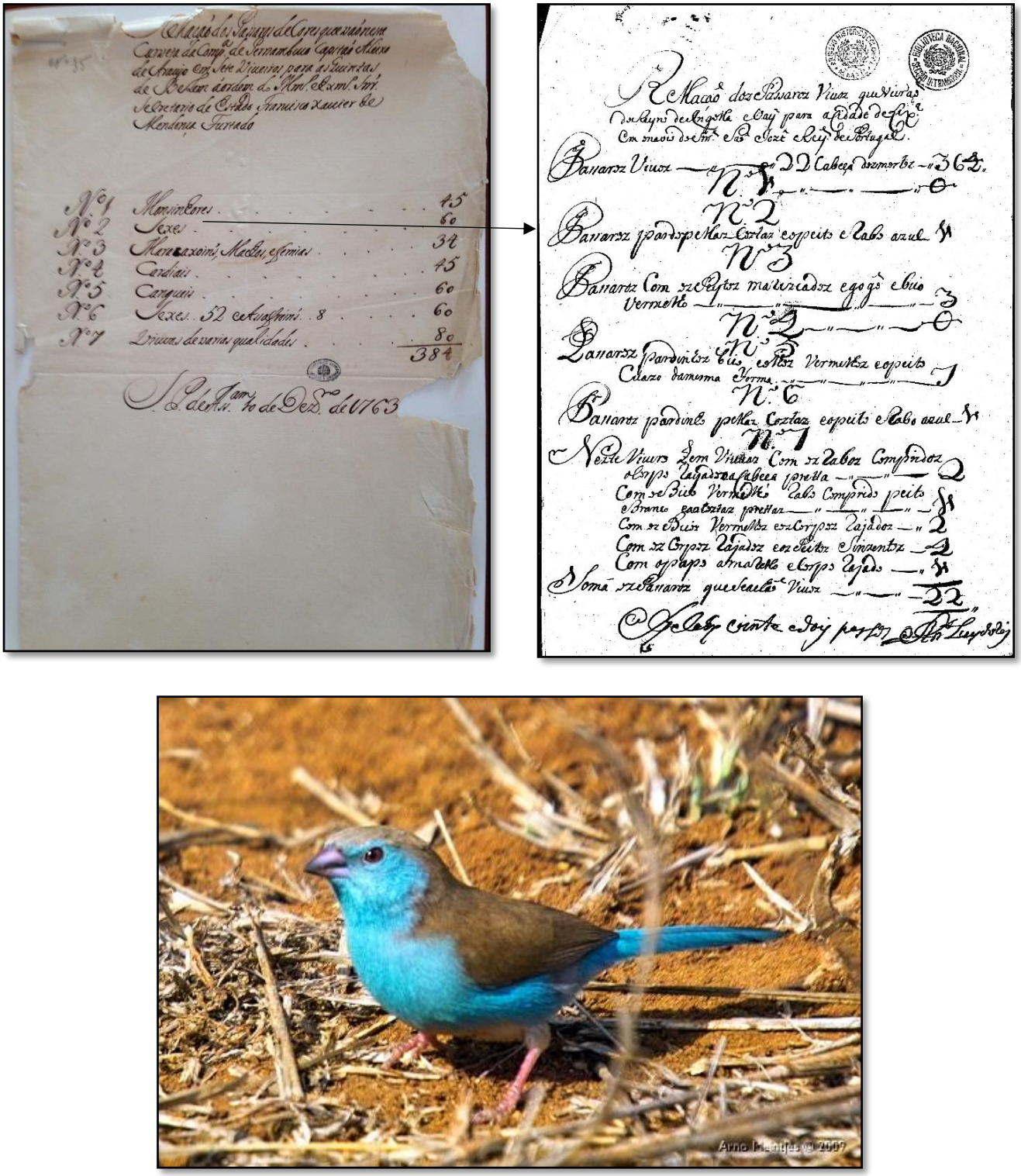


Figura 36: Decodificação do termo “Sexe”. De cima para baixo, da esquerda para a direita. Documento emitido pelo governador de Angola descrevendo a relação de pássaros enviados a Lisboa (VASCONCELOS, A. de, 1763 (10 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 47); documento emitido da Capitania de Pernambuco reenviando os pássaros provenientes de Angola (MENESES, A. de S. M. de, 1764 (10 de Março). AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7838); Sexe ou Peito-celeste (*Uraeginthus angolensis*) espécie identificada a partir da análise dos dois ofícios acima citados. Foto: Arno Meintjes.

Figura 37: *Linnet* de Angola, ilustração de George Edwards (1750, p. 129). Acima desenho de Edwards representando o "*Negral*" (superior), e o "*Benguelinha*" (inferior); Abaixo a esquerda, Benguelinha (*Serinus atrogularis*) a direita, Negral (*Serinus mozambicus*). Fotos: Flutterby (Benguelinha) **e** Myron Tay (Negral).

Edwards (1750, p. 129), baseado nas informações fornecidas por Paul Martyn, relata o seguinte, em relação a sua ilustração sobre os *Linnet* de Angola:

> o pássaro de baixo é chamado *Benguelinha*, muito apreciado por seu canto agradável sendo considerado, pelos Portugueses, como um dos melhores pássaros provenientes da costa de Angola, na África. O pássaro acima deste é chamado *Negral* ou *Tobaque* também proveniente da costa de Angola e muito apreciado por seu canto, imitando o canto do *Benguelinha*. Pela grande semelhança entre estas duas aves eu os considero macho e fêmea, mas *Paul Martyn*, que trouxe estes pássaros vivos de Lisboa, não é da mesma opinião, porque ambos cantam em suas gaiolas, em Londres.

A descrição do benguelinha realizada por Edwards vai influenciar fortemente os autores do final do século XVIII e início do XIX. Mallent (1788, p. 411), ao citar Edwards, utiliza a nomenclatura "venguelinha", provavelmente, baseado no termo francês "vengoline" utilizado por Daines Barrigton, em 1773 (MONTBEILLARD, 1796, p. 40).

Buffon (1812, p. 129) ao descrever o "vengoline" considerou os dois exemplares ilustrados por Edwards machos da mesma espécie oriundos de regiões climáticas distintas ou mesmo provenientes da mesma região, apresentando o exemplar denominado Negral a plumagem nupcial.

Pela descriçao e ilustração fornecida por Edwards, podemos associar o termo *Benguelinha* ao Canário-de-garganta-preta (*Crithagra atrogularis*) e o termo *Negral* ao Canário-de-testa-amarela (*Crithagra mozambica*), este último constando em uma única remessa realizada de Angola[5] e com apenas um exemplar. Entretanto, os exemplares denominados *Negral* vão aparecer com outras denominações, tais como Bigode e Chirico.

A descoberta de documentos que tratam da mesma remessa é importante para detectarmos sutilezas na descrição feita dos animais remetidos, muitas vezes importantes para conseguirmos identificar as espécies em questão. Esta situação pode ser exemplificada comparando-se um documento depositado no AHU com um outro pertencente ao acervo do ANRJ, que relatam a mesma remessa constituída de tartarugas e javalis da Capitania do Grão-Pará para Lisboa (Figura 38). No ofício de Cunha, de propriedade do AHU, os animais são citados de forma genérica, "huma Gaÿolla com Tartarugas vivas, e dous Javalis vivos" enquanto o documento encontrado no ANRJ apresenta uma descrição detalhada dos espécimes enviados: "Huma Gaÿolla com Dous Mattá-mattas, Hum Tracajá, Hum Jabotÿ-aperema [...] Hum Taÿassu Caápora, Hum Taÿtitú", possibilitando, assim, a identificação dos exemplares a nível de espécie.

[5] MENESES, 1773 (08 de junho), AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.

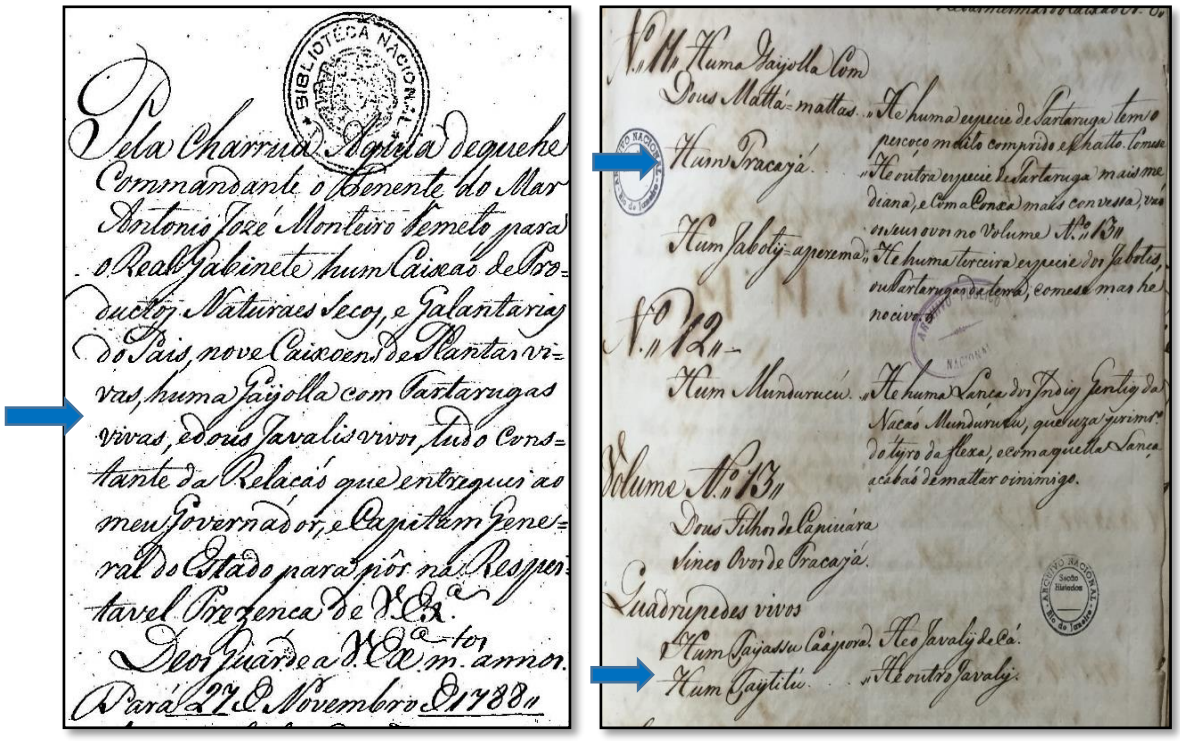


Figura 38: Documentos do Pará. A esquerda, CUNHA, L. P. da, 1788 (27 de novembro). AHU_CU_013, Cx. 98, D. 7785; a direita, CUNHA, L. P. da, 1788 (27 de novembro). AN Fd 89 Cod 99 V 9 Fl 157 e 158.

Por vezes observamos o emprego de termos de uso frequente em Portugal para designar exemplares das faunas africana e americana que se assemelham aos espécimes da fauna europeia, como, por exemplo, Melro, Pega, Corça, Javali, dentre outros.

4.2.2 Demanda por determinadas espécies

A solicitação para a remessa regular de pássaros, grandes e pequenos, assim como de animais quadrúpedes das colônias para a metrópole, dando-se preferência para os espécimes vivos, começa a ser mais evidente a partir dos ofícios de 16 de abril e de 05 de Outubro de 1773[6], consequência direta da política adotada pelo governo, supervisionada pelo secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, visando ao levantamento e ao estudo sistemático da história natural das colônias. O resultado desta política se materializou com a realização das expedições científicas, as chamadas “viagens filosóficas”, financiadas pela Coroa, que exploraram quatro regiões distintas do Império: Brasil, sob a supervisão do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira; Angola, pela qual ficou responsável Joaquim José da Silva; Ilhas de

[6]LOBO, J. S. de S., 1774 (23 de Fevereiro). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 67.

Cabo Verde, chefiada por João da Silva Feijó; e a do Oriente, englobando Moçambique e a Índia portuguesa, a cargo de Manuel Galvão da Silva. Entre os exemplares vivos discriminados nos documentos encaminhados aos administradores coloniais constava, em especial, a solicitação para a remessa de Picaflores[7], Granadeiros[8], Antas[9] e Tamanduás[10].

É interessante notar que estes ofícios foram encaminhados, indiscriminadamente, para diversas colônias do Império, em uma aparente demonstração de desconhecimento das regiões de origens de determinados animais.

Contudo, Joaquim Salema de Saldanha Lobo[11], governador das Ilhas de Cabo Verde, relata o recebimento de dois documentos, datados de 04 de Maio e 16 de Julho de 1774, nos quais lhe é solicitado o envio de exemplares específicos desta região da África, como os "mais raros Passaros e Animais quadrupedes dos q.' há em Guiné" [...] principalm.te do chamado Pelicano grande, Pombas verdes, e pequenos Papagayos ou Periquitos", além dos "Lynx, ou Azuloins", presentes nas Ilhas de Cabo Verde[12].

---

[7] O termo "Picaflores" pode ser empregado para designar os exemplares que integram duas Famílias de aves: Trochilidae, encontrada exclusivamente nas Américas e Nectariidae, com representantes nos Continentes Africano e Asiático. Apesar de os Beija-flores americanos constituírem um grupo de aves muito requisitadas, os primeiros exemplares vivos só vão chegar à Europa no final do século XIX e início do século XX. Segundo Palmer (1917, p. 168), Adolphe Boucard, naturalista e ornitólogo francês, coletou várias espécies de aves durante sua estada em San Francisco, EUA, no final do século XIX, entre as quais os Beija-flores, principalmente das espécies *Calypte anna* e *Selasphorus rufus*, que eram retirados dos ninhos ainda jovens, durante os meses de Março e Abril. Palmer cita que Boucard chegou a manter sessenta exemplares vivos, em uma grande gaiola construída para este fim, alimentando-os com flores frescas e pequenos insetos; entretanto, à medida que se tornavam adultos e começavam a brigar, eram separados, aos pares, em gaiolas independentes. Sua intenção de remetê-los vivos para a Europa, contudo, fracassou. Palmer cita, ainda, que, desde 1852, foram realizadas várias tentativas de se enviar Beija-flores para o Velho Continente, todas sem êxito, apesar de alguns exemplares, provenientes da Colômbia, terem chegado vivos a Paris, morrendo logo após a sua chegada. Meio século mais tarde, em 27 de maio de 1907, cinco espécies de Beija-flores foram enviadas com êxito da Venezuela para a Sociedade Zoológica de Londres, na Inglaterra. Das 50 aves inicialmente capturadas, 35 conseguiram ser embarcadas e 20 chegaram vivas a Londres.

[8] Referência a alguma ave vermelha não identificada. Se considerarmos que esta solicitação se refere a exemplares provenientes do Brasil, levando-se em consideração os demais animais solicitados, três espécies poderiam, a princípio, se enquadrar nesta descrição: o Guará (*Endocimus ruber*), o Tié-sangue (*Ramphocelus bresilius*) e as araras vermelhas, dentre estas a *Ara chloropterus*. Entretanto, o primeiro registro relativo ao embarque de Guarás para a Corte data de 27 de junho de 1775, provenientes do Grão-Pará; de Tié-sangue, bem depois da anterior, datada de 16 de Fevereiro de 1782, oriundos da Bahia; e de arara, 08 de Junho de 1773, também remetida do Grão-Pará.

[9] Vale frisar aqui que, apesar de estes ofícios terem sidos expedidos no ano de 1773, encontramos dois registros que relatam o embarque de Antas (*Tapirus terrestres*) para Europa, anteriores a esta data, o primeiro informando a remessa de um exemplar a partir do porto de Pernambuco (SÁ, L. J. C. de, 1754 (27 de Maio). AHU_CU_015, Cx. 76, D. 636) e o segundo (CUNHA, A. A. da, 1764 (14 de Julho). AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6576) relatando o embarque de dois exemplares remetidos do Rio de Janeiro. Apesar de não termos encontrado registros que atestem a chegada destes animais vivos a Lisboa, a inclusão desta espécie nos ofícios de 1773 talvez seja decorrência da chegada de algum destes exemplares à Corte.

[10] É muito interessante esta solicitação para o envio de Tamanduás, pois os registros mais antigos que relatam a remessa destes animais vivos para a Europa, durante o século XVIII, são posteriores aos ofícios de 1773 (CALDAS, J. P., 1774 (09 de Agosto). AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120 e CALDAS, J. P., 1776 (15 de Agosto). AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6338), uma indicação de que o interesse por estes animais, assim como pelas duas aves citadas nestes ofícios (Picaflores e Granadeiros), pode ter sido decorrente da observação de suas peles.

[11] LOBO, J. S. de S., 1775 (15 de Março). AHU-Cabo Verde, Cx. 34, D. 19.

[12] Uma descrição mais detalhada sobre estas aves é apresentada no tópico referente ao território de Cabo Verde.

Estas solicitações eram frequentemente reiteradas em vários documentos emitidos pela Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. Um destes documentos, despachado em 31 de outubro de 1781[13], solicitando a remessa de pássaros, em especial os "Picaflores", foi encaminhado ao Vice-rei no Rio de Janeiro, o qual prontamente o reenviou aos governantes das demais Capitanias.

Em resposta a este documento, o governador da Bahia, Afonso Miguel de Portugal e Castro, alega que é a terceira vez que escreve a seus subordinados "a este respeito com as maiores recomendaçoens, e entimidando-os com castigo no cazo de ser sciente de que neles ha omissaõ no que lhes está intimado"[14].

Entretanto, podemos perceber, pelas periódicas solicitações de Lisboa, que a chegada de animais vivos à Corte não correspondia às expectativas Reais. Esta carência se estendia, também, aos demais produtos da história natural, o que levou a Academia de Ciências de Lisboa, em colaboração com a Universidade de Coimbra e com o Jardim Botânico da Ajuda - cujo diretor era o renomado naturalista Domingos Vandelli - a elaborar um manual com instruções acerca da coleta e do transporte dos produtos naturais que deveriam ser enviados à metrópole.

Estes manuais, que não tratavam da metodologia que deveria ser utilizada para a captura de espécimes vivos, foram recebidos pelo governador da Bahia, como podemos identificar no documento de Castro, no qual o governador acusa o recebimento

> dos Exemplares das Instrucçoẽs que a Academia de Sciencias de Lisboa imprimio sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes a Historia Naturál, e em virtude da ordem de oito de Março deste prezente Anno, que veio com os mesmos Exemplares, os reparti pelas pessoas que me pareceraõ mais inteligentes, para poderem uzár delles; ordenando-lhes, que tudo que podessem achár para ornár o Muzeu particulár de Sua Magestade, e o que a mesma Academia tem principiado a formár, me mandassem para eu remetter a V. Ex.ª juntamente com o que podesse descobrir pertencente a mesma Historia Naturál[15].

A análise dos dados recolhidos demonstram que, entre os anos de 1780 e 1785, a quantidade de exemplares remetidos do Brasil, por exemplo, atingiu um dos patamares mais baixos, a ponto de serem enviados da Capitania da Bahia quatro exemplares durante o ano de 1784 e cinco no ano de 1785, os menores valores identificados para esta Capitania em todo o século XVIII.

Em 1786, indignado com a acusação de não remeter os pássaros e animais quadrúpedes solicitados para as Quintas Reais, Rodrigo José de Menezes e Castro,

---

[13] CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (31 de Janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10943.
[14]CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (31 de Janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10943.
[15] CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (11 de maio). AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 11005-11009.

governador da Capitania da Bahia, informa que tinha enviado cartas a todos os Capitães-mores das Vilas da Capitania da Bahia requisitando a captura de animais. Nestas cartas o governador relata, aos administradores locais

> a falta de inteira execuçaõ que tem encontrado as Repetidas ordens, que se expediraõ em observancia das de Sua Magestade para a Remessa dos Animaes – quadrupedes, e passáros que a mesma Senhora quer para os Viveiros das Suas Reaes Quintas deu motivo a que se tenha feito juntam.e Reparavel o grande esquecimento em que se tem posto estas Regias determinaçoẽns ordenandose me ultimamente por carta datado de vinte e nove de julho do anno corrente, que faça com a maior efficasia dar execuçaõ a estas ordens,mandando homens peritos do Certaõ desta Capitania para o apanho dos ditos Passaros, e Animais quadrupedes, a excepçaõ dos Macacos, Cutias, Araras, e Papagayos que naõ tenhaõ alguá Raridade, e que se satifaçaõ da despezas que se fizeré no dito apanho como Vm.ce verá da Copia dos §§ da dita Carta que os Remeto a vm.ce para que naõ possa alegar ignorancia, e menos se desculpar de que a falta de satisfaçaõ do trabalho e Remessas o impossibilitaraõ a fazer hum serviço tanto do agrado de Sua Magestade. Esta ultima recomendaçaõ, faz a vm.ce e deste Governo persuadido de q' será bastante para despertar a actividade e zelo com que se deve empregar nesta deligencia e quando della senaõ consiga maiz que huá extranhavel omissaõ já desde agora pode citar perssuadido de que se procedera asperámente contra VM.ce para que conheça Raynha Nossa Senhora procede esta froxidaõ dos executores da Ordens.
>
> Advertese a VM.ce que dos Animaes Quadrupedes, e Passaros que me há-de remeter deve acompanhar huá Lista asinada, na qual se declararaõ os seus nomes e o alimento de que uzaõ, e que deve participar me os Sugeitos que se encarregaraõ de os apanhar e que os entregaraõ para se lhes satisfazer logo o producto, que elles mereceré pelo trabalho, e Remessa na Junta da Fazenda desta Capitania. A Camara faço també Recomendaçaõ para que procuré fazer me igual Remessa naõ obstante a que vm.ce em observancia desta minha ordem deve fazer por si, poiz quero que se conheça qual dos executores se empenha maiz em servir a Raynha Nossa Senhora com efficasia[16].

O resultado desta "intimação" é prontamente colhido como demonstram os diversos documentos despachados em 1786 e 1787 pelos capitães-mores das vilas da Bahia. Nestes documentos são encaminhados, ao governador, um total de 182 animais (161 Aves, 16 Mamíferos e 05 Répteis) (Tabela 6).

[16] CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (17 de janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12055-12057.

Tabela 6: Remessas de animais realizadas pelos capitães-mores das Vilas da Capitania da Bahia entre 1786 e 1787.

Vila da Capitania da Bahia	Animais remetidos com os nomes e alimentos que utilizam (conforme solicitado)
Jacoruna[17]	10 Rôllas (come milho - arros, e farinha); 05 Perequitos (comem piraõ); 02 Suias (comem o mesmo [piraõ]); 06 Coriôs (comem arros com casca); 01 Pega (come piraõ); 03 Cagados (q.' uzaõ do mesmo alim.to [piraõ]); 01 Pomba Jurutý (q.' uza do mesmo alim.to das Rollas); 01 Tapiranga (come bananas)
Jacoruna[18]	01 Caitetu (Come mandioca, a folha da mesma, Milho, e Bananas); 02 Saguins (Come Bananas, Araçás, e Piraõ); 03 Periquitos (Come Milho verde, Bananas, e Piraõ); 01 Cagado (usa do mesmo alimento)
Vila de Boipeba[19]	01 Passaros a q' chamaõ Jacupemas (o sustento delhes he todo o commum das creaturas rasionaes)
Camamú[20]	06 Jacupémas; 01 Saracúra; 03 Súyas; 02 Periquitos; 11 Periquitos Coyúbas; 02 Pombas Pararíz; 01 Pereã; 01 Kágado (As jacupémas se sustentaõ com frutas, assim como bananas, e mamoens, e a farinha de mandioca botada em agoa a fazer pirãm. A Saracúra se sustenta com o mesmo. As Súyas, Periquitos, e Coyúbas comem arrós, milho, e pirãm de farinha e as Pombas arroz sómente. A pereã, animal quadrupede come pirãm de far.a de mandioca, e milho. O Kágado cóme quanto se lhe lança)
Cayrú[21]	11 Perequitos Verdadeiros; 10 Perequitos de testa amarela (Comestivo dos d.os hé f.a molhada e árróz)
Jerumuabo[22]	05 Jacus (que comem todo alimento); 01 Arara (que come todo alimento); 01 Caetetú (que da mesma sorte se sustenta); 01 Pomba (que come arros com cascá)
Olho d'Água de Santa Quitéria[23]	03 Emas sendo 01 mais pequena (Estas comé tudo q.to se lança); 01 Caititú (Este come milho, abobora, mandioca, e tudo o mais q.' lƐe quizerē dar, p.r ser criado em caza, e m.to manço); 01 Cuati (Este come banana, carne, piraõ); 01 Jacú (Este come milho, piraõ, banana, feijaõ); 02 Preguiças (Este comé milho, banana, piraõ)
Jacoruna[24]	16 Coriôs (comem milho, e arros); 04 Papas capims (uzaõ do mesmo [milho, e arros]); 03 Cabocolinhos (uzaõ do mesmo [milho, e arros]); 03 Canarios (uzaõ do mesmo [milho, e arros]); 03 Sainhassos (uzaõ do piraõ); 04 Jurutîs (comem farinha, e arros); 01 Pega (come piraõ); 01 Tapiranga, ou berne (o mesmo [come piraõ]); 02 Sabîas (o mesmo [come piraõ]); 03 Perequito (o mesmo [come piraõ] e milho); 02 Cotias (comem piraõ)
Jacoruna[25]	08 Passaros, entre Coriós; Papa Capinz, e Ourutîz
Jacoruna[26]	12 Canarios (comem milho); 04 Coriós (uzaõ do arrôz); 01 Azulaõ (o mesmo [uzaõ do arroz]); 06 Perequitos (comem tudo); 02 Ourûz (o mesmo [comem tudo]); 01 [ilegível] (come bananas); 05 Cotias (comem piraõ)

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos analisados.

[17] EÇA, J. C. de S. e, 1786 (26 de Fevereiro). BNRJ, mssp 0000046.
[18] EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (24 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12249-12250.
[19] LEÇA, B. de S., 1786 (25 de Abril). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12251-12252. Este capitão relata que, "Por carta datada de 25 de Dezbr.o do anno proximo preterito a resp.to, dos pássaros, e animaes quadrupedes tenho mandado fazer exacta delig.ca p.a homens mateiros e já mais se pode conseguir o apanho de animal algum, né ainda de pássaro algum esquezito, p.a deficuld.e da braveza dos mesmos, q.' só a tiros de espingardas se levaõ, e no cazo de se apanhar algú morre emperriado, e juntam.e p.r se ignorar o sustento dos mesmos, q.' só se poderaõ conservar vivos lhé chegarem a esclarecida Prez.ca de V. Ex.a acontecendo p.r acazo ápanhar-se algum q.' seja novo p.r se sugeitar milhor ao commú sustento".
[20] COSTA, M. F. da, 1786 (04 de Junho). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12257-12258.
[21] TEIXEIRA, J. B., 1786 (18 de Julho). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12255.
[22] CARVALHO, L. F. de, 1786 (22 de Setembro). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12253-12254.
[23] MELLO, P. A. da F. e, 1786 (24 de Setembro). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12259-12260.
[24] EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (29 de Novembro). BNRJ, mssp 0000046.
[25] EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (16 de Dezembro). BNRJ, mssp 0000046. O capitão-mor informa que "irei continuando nas mesmas remessas todas as veses q.' se forem apanhando".
[26] EÇA, A. J. C. de S. e, 1787 (04 de Janeiro). BNRJ, mssp 0000046.

Contudo, alguns administradores apesar de cientes da ordem do governador, não conseguiram remeter exemplares, como justifica o capitão-mor de Villa Nova, Manuel José Soares

> Fui emtregue da devossa Ex.ª de 23, do corr.te do anno preterito, sobre as veneradas Ordeñs de Sua Mag.e p.ª remesas dos animais quadrupedês, e pássaros, o que tenho dado vários expedientes p.ª se apegarem algúns que se tem alcançado morrem por serem bravos, e se ignorar o alimento de sua sustentaçaõ alem da gr.de dificuld.e que há em se apanharem, e descobrirem, neste Continente, naõ sendo no comum, nem há Saguiñs br.os nem Cor de perola. Fico sempre na delig.ca de fazer serto na prez.ca de V. Ex.ª a m.ª deliberada [ilegível] de comprir com a execuçaõ desta delig.ca e no que respeita os perequitos só p.ª o mes de Junho que no tempo dos legumes dos milhares [ilegível] aparesem, milhor se poderaõ adequerir[27].

Após o recebimento destes animais, o governador prontamente informa ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro que já possui

> alguñs Passaros e produçoeñs, que com bastante trabalho adquirí, porque algúns Capitaeñs mores se disculpaõ, e outros remetem sómente aqueles Passaros, e Animaes, que dessa Córte se naõ procuraõ, como V. Ex.ª verá das próprias Cartas dos mesmos Capitaeñs mores q.' remeto, a excepçaõ do Capitaõ mor Christovaõ da Rocha Pitta das ordenanças da parte do Norte desta cidade, que se tém distinguido muito nestas remessas; e para que naõ venha a perder os ditos Passaros, e produçoeñs, deixo de remeter nesta occaziaõ a V. Ex.ª, pelo receio do rigorozo inverno dessa Costa, e pouca acomodaçaõ, que tém o Navio[28].

Notamos nos documentos despachados por Castro que a requisição de animais excluía determinados exemplares como Macacos, Cutias, Araras, e Papagayos "que naõ tenhaõ alguá Raridade", em uma demonstração de que estes animais já eram abundantes nas Coleções Reais, ou que não despertavam mais tanto interesse por parte da Corte.

Sabemos que a requisição realizada pelos monarcas para o envio de determinadas espécies, em particular, nem sempre era atendida, mesmo com o emprego excessivo de empenho e dinheiro; uma demonstração explícita de que as necessidades biológicas, inerentes a determinadas espécies, estão acima dos desejos Reais.

Por esta razão, os monarcas não possuíam um total domínio sobre a escolha dos animais que integravam suas Coleções Zoológicas Vivas (Sahlins, 2012, p. 250), sendo exibidos aqueles espécimes que conseguiam ser capturados e, superando todas as condições adversas, conseguiam sobreviver à longa jornada até a Europa.

---

[27] SOARES, M. J., 1786 (18 de abril). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12256.
[28] CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (09 de outubro). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12248.

O governador de Angola, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, por exemplo, realizou várias tentativas frustradas para remeter um Rinoceronte, espécie requisitada pela rainha consorte D. Mariana Vitoria de Bourbon.

Em um documento datado de 06 de março, Coutinho comenta que

> já t[e]ve huma [Abada], que nem viva, nem morta a podéraõ canservar os Negros, inuteis á toda a obra nas distancias em q' estes Animáes se aprehendem, e a que naõ chegaõ Brancos: Póde V. Ex.ª livremente segurar a S. Magestade, que naõ descanço, em quanto naõ consigo a honra de executar as Suas Reais Ordens, e que se tiver este gosto, imediatamente despacho hum Official a conduzir a referida Abáda[29].

Entretanto, em 17 de agosto, o governador se justifica por não ter conseguido remeter este animal vivo, apesar de ter

> há muito tempo huma Péle de Abáda, esperando o Navio, que em direitura a póssa levar, e ainda que imperfeitamente tirada, como obra de Negros, mostra á Raynha nossa Senhora, que fiz toda á diligencia por conseguila viva, o que hé impossível, primeiro pela sua braveza, depois, porque sendo estas Féras todas de corso, mudaõ tam depréça de Lugar, e em taõ enormes distáncias, que fizéraõ baldadas as diligencias, que havia comunicado a V. Ex.ª [30].

Finalmente, em um terceiro ofício, agora datado de 05 de dezembro, Coutinho assume seu fracasso em tentar enviar um Rinoceronte vivo declarando que esperava que "fosse a Abáda, como disse a V. Ex.ª em outra carta; mas hé certo, que nem a hera, nem podia ser, suposta a sua desmedida braveza"[31].

A solicitação para a remessa de determinados animais não era exclusiva dos integrantes da monarquia; observamos a remessa de exemplares para os membros da aristocracia, como pode ser evidenciado na carta da Sr.ª Maria Guidotti in Guidotti solicitando a compra de um papagaio que falasse italiano[32], e no ofício de Caetano José Ribeiro[33] endereçado ao ministro de Portugal em Londres, D. João de Almeida e Melo e Castro, informando o envio de um viveiro com vinte e cinco pássaros despachado na Fragata Cisne seguindo, a encomenda do ministro, aos cuidados do segundo piloto Manoel Caetano de Lima.

---

[29] (COUTINHO, 1769 (06 de Março). AHU-CU-001, Cx. 53, D. 17).
[30] COUTINHO, 1769 (27 de Agosto). AHU-Angola, Cx. 53, D. 51)
[31] COUTINHO, F. I. de S., 1768 (05 de Dezembro). AHU- Angola, Cx. 53, D. 85.
[32] GUIDOTTI, M. G. in, 1773 (13 de Janeiro). BNRJ, mss1435319, I-4-25-76. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1435319/mss1435319.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.
[33] RIBEIRO, C. J., 1798 (28 de setembro). AHU_CU_Reino, Cx. 252, pasta 43.

4.2.3 Coleta

Robbins (2002, p. 10-11) já menciona que

> A prática de coletar animais vivos é de difícil rastreamento devido à escassa documentação. Para a maioria dos navios mercantes que singravam os mares no século XVIII, os registros preservados limitavam, na maioria das vezes, aos dados de navegação. Nas viagens em que eram mantidas memórias ou diários de bordo, a aquisição de animais, normalmente aves, aqui e ali pode ter sido uma rotina corriqueira para justificar uma anotação nestes documentos, mesmo quando os números giravam em torno de centenas. [...] Reconstruir este comércio requer vasculhar fragmentos dispersos em uma variedade de fontes.

As informaçõs sobre as espécies animais mantidas não só pela monarquia mas também pelos integrantes da aristocracia europeia, trazidas das diferentes colônias, assim como pela população em geral, capturadas nas redondeza das cidades e vilas, ainda são muito restritas, como constatado por Robbins, acima mencionado. Contudo, esta carência é, em parte, consequência do desestímulo dos pesquisadores em vasculhar os infindáveis documentos de época, depositados nos arquivos e bibliotecas, em sua grande maioria não catalogados, na tentativa de levantar dados sobre este tema específico - a manutenção de animais vivos, não domésticos, pelas diferentes sociedades.

Quando nos reportamos aos métodos empregados para a captura destes exemplares, nos séculos passados, o assunto não fica menos problemático.

A captura de animais vivos, sua manutenção e transporte requerem conhecimentos e cuidados específicos a fim de se preservar sua integridade físicas, diferentemente dos epécimes preservados que supriam as coleções zoológicas, inicialmente, dos gabinetes de curiosidades e, posteriormente, dos museus de história natural que, apesar de exigirem cuidados especiais para sua manutenção e transporte, estes não se comparam aos requeridos pelos exemplares vivos.

Em 1781, foi publicado o manual “Breves instrucções aos correspondentes da Academida de Sciencia de Lisboa sobre a remessa dos produtos, e noticias pertencentes à Historia da Natureza, para formar um Museo Nacional”[34] e, apesar de em 1805, portanto já no século XIX, José Mariano da Conceição Velloso ter publicado as “Instrucções para o transporte por mar de arvores, pantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturais”[35], não existiam, ainda, metodologias amplamente divulgadas aplicadas aos exemplares vivos pertencentes ao Reino Animal.

[34] Disponível em: <http://purl.pt/720>. Acesso: 09 Jan. 2018.
[35] Disponível em: <http://purl.pt/24763>. Acesso: 09 Jan. 2018.

Nos documentos analisados[36], a descrição dos métodos empregados para a captura de animais com o objetivo de suprir as Coleções Zoológicas Vivas Reais europeias são raramente citados.

Alguma informação sobre este assunto pode ser recolhida observando-se as ilustrações de época, como, por exemplo, a gravura realizada por Jakob van Schley, em 1755, que retrata a captura de Elefantes no Ceilão (Figura 39). Nesta ilustração podemos identificar um sistema composto por um conjunto de cercas de madeira, dividida em compartimentos que reduziam de tamanho à medida que a estrutura ia se estreitando, fazendo com que os animais, depois de permanecerem algum tempo nessas áreas restritas, ficassem amansados.

Este mesmo princípio, utilizado para a captura dos Elefantes, era utilizado, durante os séculos XV e XVI, em Portugal, nos “fojos”, armadilhas para a captura do Lobo (Figura 40). Álvares et al (2000, p. 2), entretanto, mencionam que essas estruturas, por serem normalmente construídas com pedras, necessitavam do esforço de um grande número de pessoas fazendo destas, na atualidade, “verdadeiros monumentos de elevado valor etnográfico, cultural e científico”.

Figura 39: *Chasse aux Elephants dans L' Isle de Ceylon* (Caça ao elefante na ilha do Ceilão), Gravura de Jakob van Schley,. [Haia, 1755]. AHU_ICONi_099_I, D. 1077.

[36] ARAÚJO, A. V. de, 1776 (04 de Março). AHU_CU_049, Cx. 10, D. 875.

Figura 40: Fojo do lobo de Fafião, Portugal. Disponível em: <http://www.portoenorte.pt/en/what-to-do/fojo-do-lobo-de-fafiao/>. Acesso: 11 Dez. 2017.

Contudo, observamos que a finalidade dessas duas instalações eram bem distintas; enquanto na primeira a preocupação era capturar os animais vivos, a fim de serem utilizados como força de trabalho, na segunda o intiuito era diminuir a população local desses Canídeos que atacavam e matavam os rebanhos de animais domésticos.

A estrutura descrita para a captura de Elefantes no Ceilão pode ter sido empregada para capturar um grupo de Zebras em Angola, uma das remessas mais importantes realizadas desta colônia, baseado na descrição fornecida pelo governador desta colônia, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho: "No dia 3 de julho, estando perfeita as obras, que havía mandado praticár p.ª aprehender as Zebras, se fes huma Montaría, na qual ficaraõ aprehendidas, e livres de todo o perigo seis formózos cazáis"[37].

Este mesmo governador[38] cita, ao relatar o episódio da captura de um Leão branco remetido ao rei D. José I, que mandou "fazer lhe huma caza de madeira similhante a huma Ratoeira", na qual foi colocado um bezerro, conseguindo-se, desta forma, capturar facilmente este animal.

A captura de aves normalmente era realizada pelo emprego de redes e de visgo, materiais que muitas vezes não estavam prontamente disponíveis, dificultando a captura destes exemplares. Este fato fica evidente no ofício do comandante da praça de Cacheu, na Guiné, António Vaz de Araújo[39], o qual informa que apesar de haver

[37] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (01 de Agosto). AHU, AHU-CU-001, Cx. 53, D. 41. A história deste grupo de animais será detalhadamente relatada no tópico referente a Angola.
[38] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (03 de abril). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 17.
[39] ARAÚJO, A. V. de, 1776 (04 de Março). AHU_CU_049, Cx. 10, D. 875.

“nesta terra infinitos paçaros, de varias qualidades, e muitas feras, há tambem muitas dificuldades p.ª se levarem alguns [...] [pela] deficuldade no apanhalhos vivos por naõ haver redes, nem visgo”.

O emprego do visgo (Figura 41) para a captura de pássaros provocava a morte de muitos exemplares, não só durante o processo de sua retirada desta substância pegajosa que, em muitos casos, acabavam perdendo as pernas ou as asas, mas, também, pelas feridas causadas pela retirada das penas durante este processo, como pode ser observado no relato de Melo:

> Separando os depenados e doentes levaõ os Sinco Viveiros 240 [pássaros] e o resto q’ fica hiraõ em aprom.ª Embarcaçaõ que deste porto sahir: E duas foram as razoens porque agora naõ foraõ todos a pouca Capacid.e da Embarcaçaõ e a moléstia delles[40].

Lima (1844, Liv. III, Pat. I, p. 20) cita que na cidade de Benguela, uma das regiões de Angola mais importantes para o fornecimento de pássaros para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, existiam

> corretores, que não viv[ivam] de outra ocupação, que de fornecer aos navios, que ali aporta[va]m, gaiolas destes passarinhos já domesticados, mais ou menos sortidas conforme o preço, bem como o massango — espécie de alpiste de que eles se sustentam: chegam ás vezes a encarecer muito por serem muito procurados. Não há[vendo] comtudo alli nenhum pássaro, que entoe o santo nome de Jesus Cristo, como escreveram Cavazzi, e Merolla: nem tão pouco os dragóes do tamanho de carneiros com azas verdes, de que Lopes escreveu ter visto muitos na capital do Congo !!! [...].

Foto 41: Ave capturada no visgo. Foto: SPEA (Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves).

[40] MELO, J. da C. G. A. de, 1769 (10 de Novembro) AHU_CU_005-01, Cx. 44, D. 8112.

Em relação ao Brasil, Souza (2008, p. 278-279) comenta que a captura de animais nos sertões de Minas Gerais era realizada por escravos negros e por indígenas especializados na arte da caça e que, na segunda metade do século XVIII, baseado nos Autos de Sequestro dos bens dos inconfidentes mineiros, dos 458 escravos confiscados constava o negro "Pedro Angola", um dos caçadores mais renomados dessa região, avaliado em 130$000 (cento e trinta mil réis), de propriedade de Alvarenga Peixoto[41].

4.2.4 Aquisição de animais

Os animais enviados das colônias para Lisboa, com a finalidade de integrar as Coleções Zoológicas Vivas Reais, apesar de apresentarem múltiplas origens, tinham em comum a dificuldade e o esforço excessivo empregados em sua captura, além do alto custo aos cofres Reais, não só relativo a sua aquisição mas, principalmente, a sua manutenção ao longo do trajeto marítimo até Portugal.

Durante esta pesquisa, encontramos seis documentos[42], todos provenientes de Angola, que atestam a compra de exemplares destinados às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas (Figura 42).

[41] Souza relata ainda uma passagem registrada por Debret, integrante da Missão Francesa que chegou ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX, na qual, ao registrar o dia a dia dos negros em suas pranchas este descreve que "é principalmente na roça que se criam os negros destinados à profissão de caçadores. Aí, preparados desde a adolescência para acompanharem as tropas, ou simplesmente o seu senhor, nas longas e penosas viagens, andam sempre armados de um fuzil, tanto para a sua segurança pessoal como para conseguir víveres durante as paradas indispensáveis, no meio das florestas virgens. Esse gênero de vida torna-se uma paixão tão forte no negro da roça que ele já não aspira à liberdade senão para entrar na floresta como caçador profissional e entregar-se sem reservas à atração de uma tendência que beneficia ao mesmo tempo seus interesses. Livre então, e já sem temor do chicote, o direito de raciocinar faz dele um fornecedor tão astuto quanto o homem branco cujo gosto conhece; e, perfeitamente consciente do valor de uma peça fina misturada à caça trazida para a cidade, vai oferecê-la de preferência aos cozinheiros de uma casa rica, que lhe pague bem; aliando a inteligência à operosidade ele torna assim sua profissão às vezes muito rendosa".

[42] SILVA, 1774 (10 de dezembro), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756; FONSECA, 1775 (18 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786; SILVA, 1775 (12 de outubro), AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966; SILVA, 1776 (30 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138; SILVA, 1777 (04 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9477-9479; SILVA, 1777 (24 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.

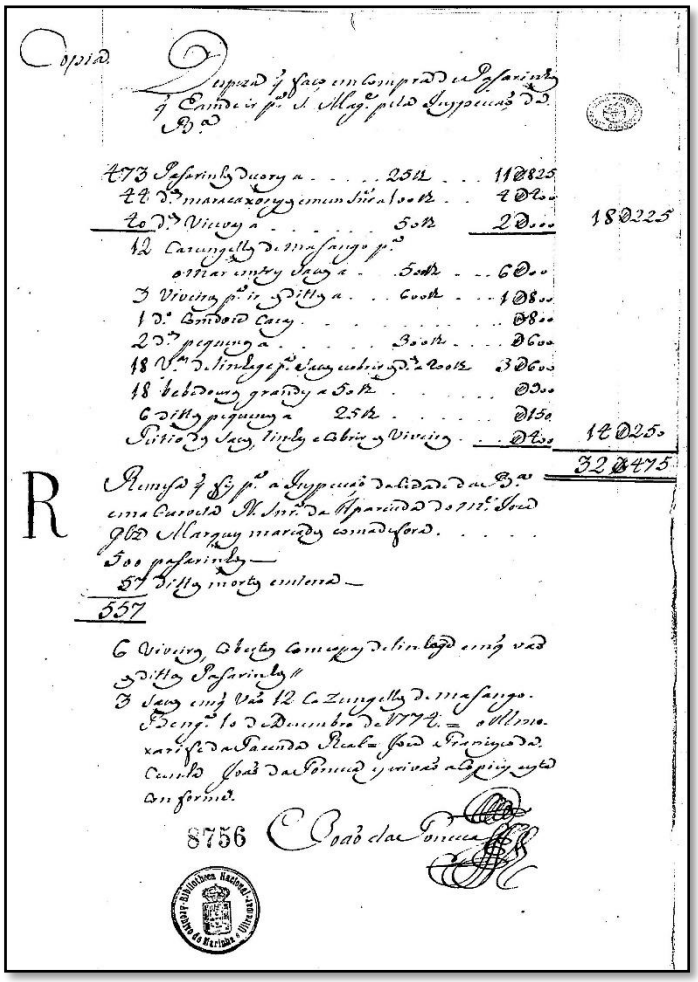


Figura 42: Despesa relativa à compra de passarinhos para Sua Majestade (SÁ, J. F. B. de, 1775 (03 de março). AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8753).

Apesar de estes documentos demonstrarem uma acentuada variação no custo dos pássaros adquiridos (Tabela 7), restritos a apenas oito variedades distintas, verificamos que, no período de 1774 a 1777, estes valores se mantiveram praticamente inalterados; um dado até certo ponto inesperado, já que as severas condições climáticas que costumavam assolar determinadas regiões fornecedoras de exemplares poderia acarretar na escassez de determinadas espécies, provocando, teoricamente, uma alteração dos valores cobrados para sua captura.

Excetuando os seis documentos, acima mencionados, não encontramos nenhuma outra fonte manuscrita que atestasse a compra de animais, durante o século XVIII, enviados às Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugal[43].

[43] Gustave Loisel (1912, V. II, p. 357-358) cita alguns valores referentes à aquisição de animais para a *Ménagerie* de *Versailles*, realizada em 10 de dezembro de 1701, assim como para a *Ménagerie* de *Chantilly*. O valor da venda de animais é mais amplamente difundido a partir do final do século XIX e início do século XX, com o estabelecimento das grandes empresas que se especializaram em fornecer animais para os Jardins Zoológicos, entre as quais podemos citar aquela criada por Carl Hagenbeck.

Tabela 7: Valores[44] de alguns exemplares de pássaros adquiridos em Angola

Ano	Passaros de cores	Maracachoens	Viuvas	Viuvas de rabo	Viuvas	Viuvas	Cardiais	Munsenhores
1774[45]	$25	$100	$50	-	-	-	-	-
1775[46]	$25	$100	-	$50	-	-	-	-
1775[47]	$25	$100	$50	-	-	-	-	-
1776[48]	$25	$100	$50	-	$200	$25	$200	-
1777[49]	$25	$100	$50	-	-	-	-	$100
1777[50]	$35[51]	$75	$50	-	-	-	-	-

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

4.2.5 Acomodação

Os animais que sobreviviam ao processo de captura eram transportados para Lisboa em viveiros e gaiolas confeccionados, normalmente, em arame e folhas de flandres ou mesmo executados com varas de cana, como podemos evidenciar no relato do governador de Pernambuco, José Cesar de Meneses[52], ao reclamar dos viveiros provenientes da África que por serem "de Cana, como sam todos, q.' d'aquele Reyno costumaõ vir", facilitavam a fuga dos pássaros neles transportados, principalmente através dos vários buracos abertos pelos ratos que infestavam os navios[53].

Coutinho[54], rebatendo as críticas que recebia decorrentes da elevada mortandade dos exemplares por ele enviados ao Brasil, e alegando "que todas as vezes q' mórrem com excésso, se lhe nam assistío, como deviaõ", providenciou que "se fizéssem os Remedios necessarios para extinguir os muitos Ratos, que tinha [nas embarcações]".

Esta prática, contudo, não era uma atividade frequente, fazendo com que, na maioria das vezes, homens, ratos, e a preciosa carga de animais exóticos, forçosamente convivessem no reduzido espaço das embarcações.

Coutinho[55] cita, ainda, que "algumas Pessoas diziaõ, que os Viveiros de cana eraõ melhores", e para averiguar a eficácia destes, em relação aos de arame,

[44] Os valores apresentados estão cotados em Real, unidade monetária portuguesa utilizada de 1430 a 1911 não só em Portugal continental mas também em todas as regiões do vasto império português, sob administração portuguesa; esta moeda também era referida pela denominação de Réis (r^{s}). Os valores apresentados na tabela correspondem ao preço unitário dos exemplares.
[45] SILVA, 1774 (10 de dezembro), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756.
[46] FONSECA, 1775 (18 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786.
[47] SILVA, 1775 (12 de outubro), AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966.
[48] SILVA, 1776 (30 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138.
[49] SILVA, 1777 (04 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9477-9479.
[50] SILVA, 1777 (24 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.
[51] O ofício relata que os 202 passarinhos que morreram em terra custaram aos cofres do governo 7$150, o que significa um preço unitário de aproximadamente $35.
[52] MENESES, J. C. de, 1777 (02 de Agosto). AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643.
[53] MENESES, J. C. de, 1783 (18 de Março). AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10714.
[54] COUTINHO, F. I. de S., 1768 (16 de Novembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 40.
[55] COUTINHO, F. I. de S., 1768 (16 de Novembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 40.

providenciou “que fossem huns, e outros, para que no Már se servissem dos que melhor provassem”.

A única situação encontrada nesta pesquisa que poderia elucidar a eficácia do transporte de exemplares realizado em viveiros de arame e de cana está em um par de documentos, ambos concernentes à mesma remessa, provenientes de Angola[56] e de Pernambuco[57] (Tabela 8). A análise destes dados, entretano, revelou-se inconclusiva (Figura 43)[58], não sendo possível identificar uma redução significativa do valor da taxa de mortalidade observada para os viveiros de cana em relação ao de arame conforme colocado por Coutinho.

O que fica evidente é a relutância por parte dos governadores das Capitanias no Brasil em remeter para Lisboa animais, principalmente pássaros, em viveiros de cana, como podemos observar na colocação realizada por Meneses[59] ao se referir a um destes viveiros recebidos de Angola, “q.’ naõ vay nesta ocaziaõ por ser de cana, e incapaz de os transportar [os pássaros] a esse Reyno; por essa razaõ mandei fazer hum de arame, e caixaõ, e logo q.’ elle estiver pronto o remeterei a V. Ex.ª com os ditos Passaros”.

Tabela 8: Comparação da taxa de mortalidade observada nos viveiros de arame e de cana.

Remessa proveniente de Angola		**Remessa reenviada de Pernambuco**		
Viveiros	Quantidade de Pássaros	Viveiros	Quantidade de Pássaros	Taxa de mortalidade (%)
nº 1 (de arame)	108	nº 1	**78**	27,78
nº 2 (de arame) *	95	nº 2	**10**	89,47
nº 3 (de arame) *	101	nº 3	**50**	50,50
nº 4 (de arame)	16	nº 4	**8**	50,00
nº 5 (de arame)	24	nº 5	**12**	50,00
nº 6 (de arame)	24	nº 6	**11**	54,17
nº 7 (de cana)	40	nº 7	**34**	15,00
nº 8 (de cana)	40	nº 8	**15**	62,50
nº 9 (de cana)	52	nº 9	**22**	57,69

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados. Nota: *Viveiros que apresentavam três compartimentos.

[56] VASCONCELOS, A. de, 1763 (22 de Janeiro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49.
[57] SILVA, L. D. L. da, 1763 (16 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758.
[58] Uma análise mais detalhada sobre a mortandade dos animais será apresentada em um tópico específico, mais adiante.
[59] MENESES, J. C. de, 1783 (03 de Maio). AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10742.

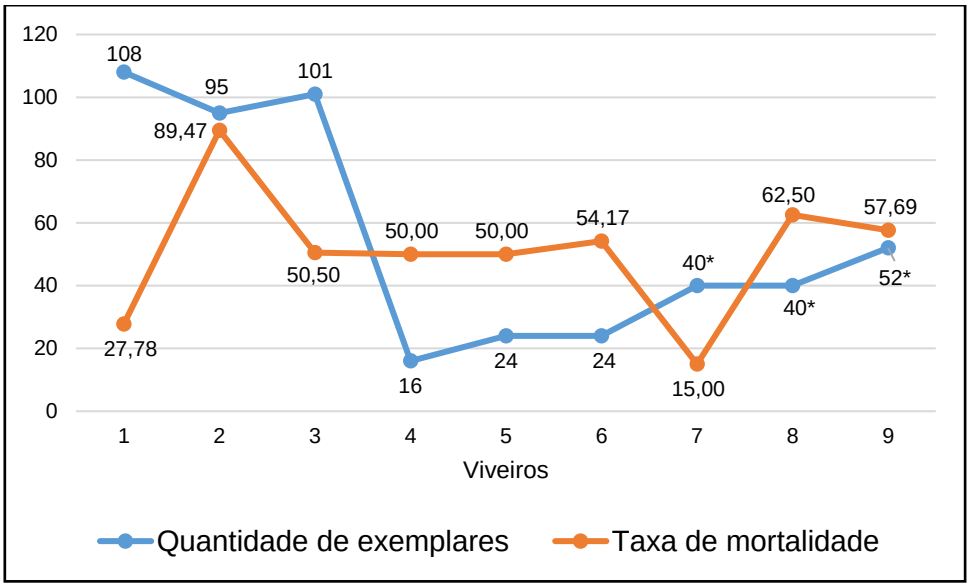


Figura 43 : Taxa de mortalidade observada para os viveiros de arame e de cana.
Nota: Os valores com asteriscos representam os viveiros de cana.

Nos documentos emitidos da Capitania do Rio de Janeiro consta que em muitas remessas os animais eram enviados em viveiros de vinhático com rede de arame de ferro e que, em alguns casos, poderiam apresentar um revestimento com folhas de flandres, caso o animal transportado fosse um roedor, evitando-se, assim, que o mesmo escapasse, como constatado na remessa de um grupo de cutias que além deste reforço realizado no viveiro apresentava, ainda, os comedores forrados de chumbo[60] [61].

Mais raramente temos a referência da construção de viveiros de cedro[62], assim como de um registro, citado por Sousa, de uma viveiro construído com madeira de canela[63].

Um viveiro poderia apresentar vários compartimentos; temos registros de remessas realizadas em viveiros com 9, 12, 14 e até mesmo 18[64] divisões, principalmente naqueles despachados da Capitania da Bahia. Contudo, existiam recomendações para que os viveiros, principalmente aqueles em que havia subdivisões, “apressentassem largueza suficiente” para evitar a morte dos animais.

A remessa de pássaros da África para Lisboa atingiu tal magnitude que Coutinho mandou construir, em alguns navios, viveiro fixos para facilitar o transporte de uma grande quantidade de exemplares. Em uma destas remessas o governador de Angola relata o embarque de “oito centos [pássaros em um viveiro fixo]; e alem daquele, mando tambem quatro Viveiros [não fixos] deles [de pássaros], p.ª que V. Ex.ª possa dizerme

[60] SOUSA, L. de V. e, 1781 (21 de Junho). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 113 e 114.
[61] SOUSA, L. de V. e, 1781 (06 de Agosto). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 166 e 167.
[62] SOUSA, L. de V. e, 1783(18 de Março). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 6 Fl. 36 e 37.
[63] SOUSA, L. de V. e, 1781 (28 de Agosto). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 231 e 232.
[64] CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (16 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13186-13187.

se conserváram melhor” [65]. Observamos aqui uma preocupação com a sobrevivência dos animais enviados na tentativa de se diminuir a grande mortandade ocorrida durante a viagem.

Outra nomenclatura de uso frequente nas remessas de pássaros, mas também aplicada para os demais grupos animais, era a gaiola.

Encontramos também em muitas remessas, principalmente naquelas realizadas a partir do Brasil, o emprego do termo “capoeira” para designar a estrutura utilizada para o transporte dos animais, a ponto de a nomenclatura “viveiro” praticamente não aparecer nos documentos emitidos da Capitania do Grão-Pará. Em uma remessa realizada dessa Capitania deparamos com a utilização da nomenclatura “cadéa”[66] para designar o recinto onde era transportado um Cachorro-do-mato.

Muitos Psittacideos eram transportados em “gaiolas próprias para papagaios”, os quais eram mantidos presos às mesmas por correntes de arame ou de ferro, no caso das Araras[67].

Era frequente também o transporte de animais soltos pelo navio, como Araras, Papagaios, Macacos, Quatis, Porcos-do-mato e até mesmo Antas e Veados, principalmente nas remessas realizadas da Capitania do Grão-Pará[68].

Apesar de não ser frequente, nas remessas levantadas, detectamos a acomodação de animais de hábitos distintos em um mesmo viveiro, como o embarque de um Gavião-Real juntamente com dois Tejejús, na mesma capoeira [69].

As despesas envolvendo a acomodação dos animais nas embarcações abrangia não só a aquisição dos viveiros mas também dos bebedouros onde eram assentadas a ração e a água para os mesmos (Tabela 9).

A preocupação com a compra e fabricação de viveiros era uma constante para os governantes, chegando a ponto de Meneses solicitar que

> sendo possivel voltarem para cá os viveiros em que tem sido conduzido os Passaros nos trez Navios antecedentes, se evitará com esta remessa a dezpeza que faz a Fazenda Real com elles, em razaõ da carestia do arame com que se fabricaõ, por ser alguma couza excessiva[70].

[65] COUTINHO, F. I. de S., 1764 (28 de novembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45.
[66] CALDAS, J. P., 1778 (05 de Dezembro). AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6679.
[67] SOUSA, L. de V. e, 1781 (25 de Maio). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 108 e 109.
[68] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Julho). AHU_CU_13, Cx. 73, D. 6152.
[69] CALDAS, J. P., 1774 (19 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6167.
[70] MENESES, M. I. da C. e, 1773 (02 de Setembro). AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8800.

Tabela 9: Valores dos viveiros e bebedouros utilizados na remessa dos pássaros provenientes de Angola.

Ano	Viveiro	Viveiro com 12 casas	Viveiro pequeno	Bebedouro grande	Bebedouro pequeno
1774[71]	$600	$800	$300	$50	$25
1775[72]	$600	-	-	-	-
1775[73]	$600	-	-	-	$25
1776[74]	$600	-	-	$50	-
1777[75]	$600	-	-	$50	-
1777[76]	$600	-	-	$50	-

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.
Nota: Todos os valores são relativos a uma unidade, estando representados em Réis.

Por vezes observamos dificuldades no envio de exemplares decorrentes da falta de matéria-prima necessária à construção dos viveiros e gaiolas, como colocado por Coutinho[77]: "Nam vam Passaros nesta ocaziam, porque o Navio nam hé capaz de sofrer Viveiro grande, e para acabar os pequenos nam pude descobrir Arame em todo o Brazil".

Entretanto, o item que mais preocupava não só os governadores, mas também os capitães responsáveis pela manutenção desta preciosa carga era o mantimento necessário à sobrevivência dos animais, que poderia encarecer muito o transporte dos mesmos (Tabela 10).

Certamente um dos motivos da morte dos animais durante o transporte até Lisboa era determinado pela disponibilidade de mantimento, muitas vezes parca para manter a própria tripulação. Entretanto, este nem sempre era o motivo que justificava tais perdas, como comenta Coutinho no documento de 04 de Abril em resposta à notícia da morte dos pássaros remetidos anteriormente:

> Senti porem muito, que os Passaros naõ chegassem, como eu desejava, e muito mais que o Cap.[m] se desculpasse com a falta de mantimento, quando hé certo, que álém dos muitos, que lhe dei, querendo elle venderme duas Barricas de Alpiste, que havia trazido, e por hum preço extraordinario, lhe disse, que as levasse, vendo, que aqui naõ achava comprador, e que sendo-lhe necessario, se servisse delas, e pedisse lá [na Bahia], a Paulo Jorge, a sua importancia[78].

[71] SILVA, 1774 (10 de dezembro), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756.
[72] FONSECA, 1775 (18 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786.
[73] SILVA, 1775 (12 de outubro), AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966.
[74] SILVA, 1776 (30 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138.
[75] SILVA, 1777 (04 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9477-9479.
[76] SILVA, 1777 (24 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.
[77] COUTINHO, F. I. de S., 1765 (30 de junho). AHU-CU-001, Cx. 49, D. 38.
[78] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (04 de Abril). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63

Tabela 10: Valor da ração (sementes) utilizada na alimentação dos pássaros.

	ANGOLA						BRASIL		
Ano	Quantidade de semente[1] adquirida para o sustento dos pássaros[2]		Valor unitário do Cazunguello	Valor total gasto na ração dos pássaros	Total de pássaros enviados	Relação quantidade de alimento / pássaro (no mar)	Quantidade de semente[3] adquirida para a travessia Brasil / Lisboa[4]	Valor unitário do alqueire	Valor total da ração adquirida no Brasil
1774[5]	Em terra	No mar	$500	6$000	500	0,024[6]	5,5	$610	22$080
1775[7]	-	12	$500	10$000	628	0,026	4,0	$424	15$360
1775[8]	04	16	$400	12$000	440	0,034	5,0	$529	19$200
1776[9]	15	15	$640	7$680	369	0,033	3,0	$290	10$560
1777[10]	-	12	$640	17$920	625	0,026	5/4[11]	$551	5$000
1777[12]	12	16	$640	14$080	517	0,031	5,0	$551	20$000

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

[1] O termo utilizado para designar as sementes utilizadas, em Angola, para a alimentação dos pássaros era “Massango”, também denominado de “mexoeira” em Moçambique, “milhete ou milho-miúdo” no Brasil e “painço” em Portugal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/massango/11506/>. Acesso: 20 Ago. 2017.
[2] A unidade de medida utilizada para aferir grãos em Angola era o Cazunguello (cazunguellos); pelas ferramentas utilizadas nesta pesquisa, não foi possível identificar o seu valor; este termo é utilizado nas remessas realizadas em 1774 e 1775; as remessas ocorridas em 1776 e 1777 passam a utilizar a nomenclatura cazungue (cazungueis).
[3] O cereal citado para a alimentação dos pássaros nos documentos emitidos do Brasil era denominado de milho alpiste.
[4] A unidade de medida utilizada para aferir grãos e artigos secos utilizada no Brasil era o alqueire, sendo um alqueire equivalente a 36,27 L (litros). Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/cecult/lex/web/uploads/assets/file/Pesos%20e%20Medidas%20-%20s%C3%A9culos%20XVIII%20e%20in%C3%ADcio%20XIX.pdf>. Acesso: 20 Ago. 2017.
[5] SILVA, 1774 (10 de dezembro), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756.
[6] Infelizmente nenhuma destas 06 remessas ao chegarem aos portos do Brasil contabilizaram os pássaros mortos ou informaram a quantidade de exemplares vivos que estavam sendo reenviados do Brasil para Lisboa. Estes dados seriam importantes para associarmos a taxa de mortalidade dos exemplares durante a travessia marítima de Angola até o Brasil à quantidade de alimento disponível por indivíduos.
[7] FONSECA, 1775 (18 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786.
[8] SILVA, 1775 (12 de outubro), AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966.
[9] SILVA, 1776 (30 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138.
[10] SILVA, 1777 (04 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9477-9479.
[11] Um quarto de alqueire, ou quarta como também era designado, equivalia a 9,07 L. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/cecult/lex/web/uploads/assets/file/Pesos%20e%20Medidas%20-%20s%C3%A9culos%20XVIII%20e%20in%C3%ADcio%20XIX.pdf>. Acesso: 20 Ago. 2017.
[12] SILVA, 1777 (24 de março), AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.

No entanto, em um documento de 05 de Abril, observamos a dificuldade de Coutinho em conseguir suprimentos para os animais, ao relatar que

> Naõ inclúo nesta o conhecim.to em fórma dos Mantimentos, que lhe dou, como V. Ex.a me ordena, porque naõ os havendo aqui, mando compralos na d.a Cidade [da Bahia], e que Lá se faça a entrega ao Cap.am, que os conduzir a prezença de V. Ex.a; pois só pude descobrir, com grande trabalho, o necessario Mantimento p.a esta primeira viajem[1].

Coutinho chega a mencionar que poderia plantar parte do alpiste proveniente da Corte para a alimentação dos pássaros na tentativa de produzí-lo em Angola[2]; com o objetivo de reduzir os custos da compra do Massango, além de tornar a Capitania autossuficiente neste item, amenizando, assim, os problemas no atraso da remessa de pássaros por falta de mantimento.

4.2.6 Transporte

Um dos problemas essenciais enfrentados, não só pelos portugueses, mas também por todos aqueles que tentavam desbravar novas rotas marítimas, por vezes desconhecidas, era o embarque e a manutenção de alimentos e água potável suficientes para abastecer uma viagem que não apresentava um cronograma determinado. Os barcos movidos a vela, completamente dependentes das correntes marítimas e das rotas de ventos, podiam atravessar extensas áreas de calmaria que prolongavam de forma inesperada a viagem.

Domingues & Guerreiro (1988, p. 207) ressaltam que o embarque de animais vivos, para o consumo, era uma prática que tentava suprir a dificuldade de conservação dos alimentos. Apesar de estes autores afirmarem que “não é possível calcular, nem mesmo aproximadamente, o número e as espécies animais que seguiam nas armadas”, as referências apontam, frequentemente, para o embarque de galinhas, galos, porcos e carneiros, os quais, entretanto, criavam um problema sério de higiene nas naus.

O transporte de animais exóticos certamente amplificava este problema, pois, além de não serem utilizados como fonte alimentar, durante os longos trajetos onde os alimentos estocados para a tripulação poderiam beirar a escassez, parte do espaço do navio ainda era utilizada para armazenar a ração necessária à manutenção destes

[1] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (05 de Abril). ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 124v-125.
[2] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (18 de dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 66.

exemplares, isso sem falar do elemento primordial e limitador de uma viagem, a água potável, que teria que ser dividida entre as bocas humanas e não humanas[3].

No século XVIII, com a demanda cada vez mais crescente por animais exóticos com o objetivo de suprir as Coleções Zoológicas Vivas Reais, comum por toda a Europa, e em especial de aves coloridas, observa-se a adaptação dos espaços dos navios para o transporte desta carga, como relatado anteriormente.

À exceção de um mapa de carga que descreve o transporte de duas Onças e um Urubu-rei, encontrado nos documentos referentes à Capitania de São Paulo[4], apresentado no tópico relativo a esta Capitania, a rotina empregada ao trato dos animais durante a travessia marítima está praticamente ausente nos manuscritos consultados.

Apesar da inexistência de material iconográfico de época que poderia elucidar a dificuldade da acomodação dos viveiros nas embarcações, a existência de fotografias do final do século XIX e mesmo do início do XX pode, até certo ponto, revelar a precariedade que deveria ter sido esse transporte (Figura 44). Em algumas remessas realizadas de Angola constam que os viveiros, normalmente aqueles ocupados por pássaros, eram cobertos com uma capa de linhagem, possivelmente para amenizar os efeitos das intempéries, pois a limitação de espaço poderia obrigar o transporte destas estruturas nas partes externas das embarcações, como podemos visualizar na fotografia fornecida por Baratay e Hardouin-Fugier, acima referida.

Uma ilustração publicada em 1874 (Figura 45) nos fornece outro dado importante que certamente pode ser extrapolado para as remesas realizadas durante o século XVIII, o fato de a maioria dos Mamíferos transportados ser constituída por animais jovens.

---

[3] O maior desafio realizado pelos portugueses, em relação ao transporte de animais exóticos vivos das colônias para Lisboa, indubitavelmente, foi o embarque de Elefantes da Índia para a metrópole através das naus da Carreira da Índia, durante o início do século XVI. Um acontecimento que, visto à luz da época, beirava o impossível, não só pelo espaço disponível nestas embarcações, para a estocagem de alimentos e água, já que estes animais podem chegar a consumir, em média, 100 kg de alimento e 200 litros de água por dia, mas também pela falta de higiene a bordo, pelos dejetos produzidos pelos animais e pela tripulação. Payard (1858, p. 172), em seu diário sobre uma viagem feita na Carreira da Índia, em 1606, cita que "estes navios [eram] extremamente sujos, e infectos, porque a maior parte da gente não toma o trabalho de ir acima para fazer as suas necessidades, o que em parte é causa de morrer alli tanta gente". Gschwend (2009, p. 37), baseada em documentação depositada na Torre do Tombo, aponta para uma chegada anual a Portugal, durante o século XVI de aproximadamente dez elefantes provenientes do Ceilão, como forma de pagamento de tributos aos portugueses, encaminhados através das naus da Carreira da Índia. A Carreira da Índia, como foi concebida a ligação estabelecida entre Lisboa e os portos da Índia, começou a operar um ano após a descoberta do caminho marítimo para o Oriente por Vasco da Gama, ocorrido em 1499, sendo a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral a primeira viagem regular desta carreira (DOMINGUES, 1998, p. 2) que passou, desde então, a ser realizada anualmente. Domingues (1998, p. 3) ressalta que "não houve outra rota como esta na era da navegação à vela: pela extensão do percurso, pela dureza e duração da viagem, pelas incontáveis vidas que se perderam no caminho, em naufrágios causados tanto pelas próprias condições de navegação ou pelas tempestades como pela cupidez dos homens, que os levava a carregar excessivamente os navios"; entretanto, apesar destes empecílios essa rota esteve operante por aproximadamente três séculos e meio.

[4] MALHEIRO, L. A. 1785 (08 de Abril). AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115.

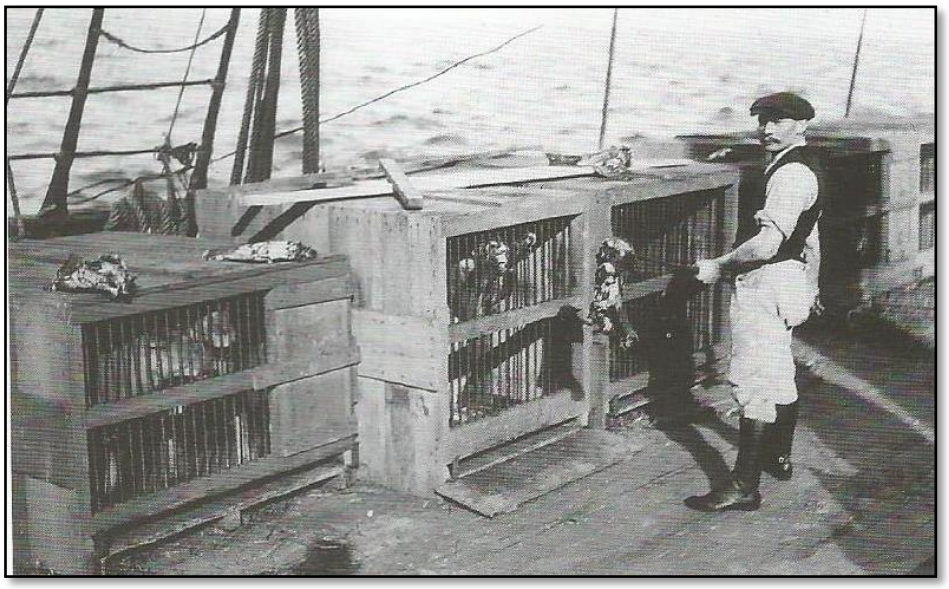


Figura 44: Alimentando os animais a bordo, fotografia do início do século XX, Hagenbeck-Archiv, Hamburg. Em: BARATAY & HARDOUIN-FUGIER, 2002, p. 120[5].

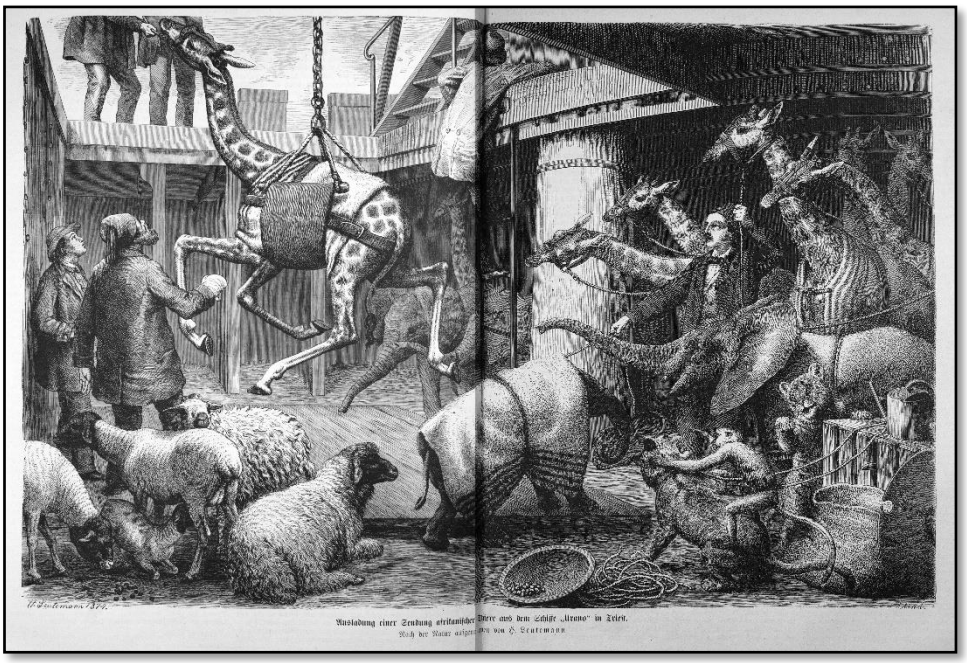


Figura 45: Transporte de animais. Fonte: Die Gartenlaube, n.o 40, 1874, p. 646-647.
Disponível em: <https://de.wikisource.org/wiki/Index:Die_Gartenlaube_(1874)>. Acesso: 22 Out. 2017.

Entretanto, o grande problema abordado pelos administradores coloniais, em relação ao transporte dos animais, era, certamente, o cuidado dispensado aos mesmos pela equipagem da embarcação.

[5] Foto do transporte de animais no início do século XX, onde podemos observar os padrões das gaiolos utilizadas para a manutenção dos exemplares, as quais ficavam situadas na área descoberta do navio, sujeito diretamente às intempéries. Apesar de não termos registros iconográficos do transporte realizado antes do século XIX, vale ressaltar que as condições de confinamento dos animais, que já eram precárias nos transportes a valor, no final do século XIX e início do século XX (foto em questão), deveriam ser muito mais carentes nos navios a vela que percorriam as rotas Atlântica e Índica, do século XVI ao século XVIII, em um período muito mais prolongado de tempo.

Coutinho[6] alegando não ser “possivel, que a pequena Equipagem de hum Navio de Comercio póssa satisfazer ao delicadissimo cuidado, que necessita o impertinente tráto dos ditos Passaros” chegou a entregar esta tarefa aos cuidados de terceiro;

> me resolvo a mandar com eles [os pássaros] hum homem, que vindo na Nau de Guerra com Passaporte, para a Ilha da Madeira, e naõ fazendo ela Escála naquele Porto, ficou aqui servindo por conta da mizeria em que chegou, e com muito bom procedimento; pelo que espéro dé boa conta da comissaõ que lhe entrego [para o trato dos mesmos].

Este governador chega mesmo a acusar a própria equipagem pela morte dos animais[7] como podemos constatar no ofício endereçado ao Conde de Azambuja, no qual alega que mesmo realizando

> as mais fortes recoendaçoens ao Mestre, que os conduz sobre o seu trato, podendo Livremente segurár a V. Exa., que nenhum mórre por falta de alimento; este delicadissimo trato excede, e illude quaze sempre as forças de hum homem zelozo, e particularmente aplicado, ao mesmo tempo, que he improprio a Marinheiros Rudes, e que para Livrarse das pençoens, que se lhes seguem, extraordinarias, mataõ os Passaros, e se desculpaõ com a falta de mantimento.

4.2.7 Mortalidade

A mortandade dos animais durante a travessia marítima era enorme, não só pela precariedade da acomodação destes exemplares, mas também devido à falta de alimento suficiente para mantê-los durante toda a viagem. Era comum um navio zarpar do porto de origem com somente parte do quantitativo dos mantimentos necessários para o trajeto até a metrópole. Coutinho[8] menciona que, em parte, esta carência se devia ao exorbitante preço cobrado por esses produtos, os quais deveriam ser repostos quando da escala em algum porto durante o trajeto, fato este nem sempre concretizado. Entretanto, outra causa importante reportada como justificativa para a perda elevada de animais no trajeto até Lisboa, e em especial dos pássaros, era o cuidado dispensado a sua manutenção, como citado no tópico anterior.

A morte dos animais ocorria não só durante a travessia marítima mas também em terra, antes do embarque dos mesmo; seis documentos relativos a Angola possibilitaram calcular a taxa de mortalidade ocorrida entre a aquisição dos exemplares e seu embarque nos navios que seguiram para o Brasil (Tabela 11).

---

[6] COUTINHO, F. I. de S., 1764 (28 de novembro). AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45.
[7] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (17 de dezembro). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65.
[8] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (04 de Março). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63.

Tabela 11: Mortandade dos animais ocorrida em terra antes do embarque em Angola.

Data	Quantidade de exemplares adquiridos em Angola	Quantidade de exemplares mortos antes do embarque	Taxa de mortalidade (%)
10 Dez. 1774[9]	557	57	10,23
18 Mar. 1775[10]	715	87	12,12
12 Out. 1775[11]	537	97	18,06
30 Mar. 1776[12]	510	141	27,65
03 Mar. 1777[13]	855	230	26,90
24 Mar. 1777[14]	719	202	28,10

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados. Nota: Todas estas remessas eram constituídas exclusivamente por pássaros.

Pela análise destes documentos podemos determinar que a taxa de mortalidade média dos exemplares ocorrida em terra, antes do embarque para o Brasil, foi de 20,91%.

Sabemos que uma multiplicidade de fatores poderia ocasionar a morte dos animais, entre os quais podemos citar o método de captura empregado, o manuseio durante a transferência dos exemplares das armadilhas para os viveiros, o fornecimento deficiente de alimentação e água, assim como o tempo que permaneciam expostos às condições climáticas adversas antes do seu embarque, principalmente o calor.

Também nos foi possível calcular a mortalidade ocorrida durante a travessia marítima de Angola até os portos brasileiros com base em seis documentos consultados (Tabela 12).

A taxa de mortalidade média observada para estas seis remessas foi de 38,60%, podendo ser observada a existência de uma relação diretamente proporcional entre a quantidade de exemplares enviada por remessa e a taxa de mortalidade averiguada para as mesmas (Figura 46).

Em relação aos animais brasileiros, a falta de informação referente ao tempo que permaneciam em terra, aguardando o embarque impossibilitou mensurar a taxa de mortalidade para estes exemplares. Notamos, em alguns relatos, que os exemplares capturados eram imediatamente embarcados, não se observando um período de quarentena que possibilitaria sua adaptação às condições de confinamento e adequação a uma nova rotina alimentar. Isto certamente aumentava a probabilidade de morte durante a viagem.

[9] SILVA, F. R., 1774 (10 de Dezembro). AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756.
[10] CUNHA, J. F. da, 1775 (18 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786.
[11] SILVA, F. R., 1775 (13 de Outubro). AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966.
[12] SILVA, F. R., 1776 (30 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138.
[13] SILVA, F. R., 1777 (03 de Março). AHU_CU-005-01, Cx. 51, D. 9477-9779.
[14] SILVA, F. R., 1777 (24 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.

Tabela 12: Mortandade de animais observada durante a travessia marítima entre Angola e o Brasil.

Data do embarque	Procedência	Quantidade de animais embarcados	Destino	Quantidade de animais desembarcados	Taxa de mortalidade (%)
22 Jan. 1763[15]	Angola	500*	Pernambuco	271	45,08
05 Abr. 1766[16]	Luanda	543	Bahia	80	85,27
18 Dez. 1767[17]	Luanda	145	Bahia	135	6,90
30 Set. 1769[18]	Luanda	446	Bahia	286	35,87
?[19]	Benguela	466	Rio de Janeiro	322	30,90
?[20]	Luanda	171	Pernambuco	105	38,60

Fonte: Do autro, segundo os manuscritos consultados. Nota: * Esta remessa era constituída por 538 animais, sendo 500 Pássaros de cores, 37 Galinhas do mato e 01 Elefante; foram utilizados, para este cálculo, apenas os dados referentes ao Pássaros.

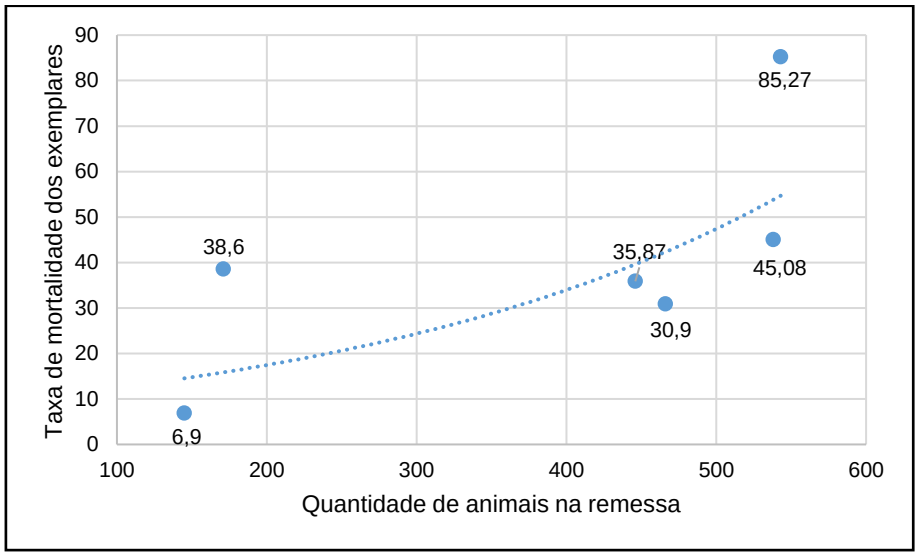


Figura 46: Taxa de mortalidade dos animais observada durante a travessia marítima de Angola ao Brasil em relação à quantidade de exemplares enviados.

Contudo, conseguimos determinar a taxa de mortalidade dos animais provenientes de Angola durante o período que permaneceram em solo brasileiro aguardando sua transferência para os navios que os levariam a Lisboa (Tabela 13) [21].

[15] VASCONCELOS, A., 1763 (22 de Janeiro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49.
[16] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (05 de Abril). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63 / ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 124v-125.
[17] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (18 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65.
[18] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de Setembro). AHU-Angola, Cx. 53, D. 66, 65, 67.
[19] O ofício de Souza (1775 (08 de Outubro). AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475) não faz referência à data de partida desta embarcação do Porto de Benguela.
[20] O ofício de Meneses (1777 (02 de Agosto). AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643) não faz referência à data de partida desta embarcação do Porto de Luanda.
[21] Normalmente os navios que partiam de Angola, assim como dos demais portos da África, em sua grande maioria, realizando o transporte de escravos entre a África e o Brasil, poderiam, eventualmente, depois de descarregar esta carga, seguir rumo a Lisboa, mas esta não era uma prática comum. Isto aumentava consideravelmente a morte dos animais, já que os mesmos precisariam ser desembarcados e reembarcados em outro navio que seguiria para a metrópole. Eventualmente, as embarcações da Carreira da Índia, após fundearem nos portos de Angola (Luanda ou Benguela) poderiam seguir em direitura para Lisboa que por já virem carregadas com as especiarias e outros produtos do Oriente, raramente eram utilizadas para o transporte de escravos, podendo, assim, transportar animais da África diretamente para a

Tabela 13: Mortandade de animais africanos ocorridas em solo brasileiro.

Data	Localidade	Animais recebidos de Angola	Óbitos em terra (Brasil)	Taxa de mortalidade (%)
16 Abr. 1763[22]	Pernambuco	30	3	10,00
10 Set. 1768[23]	Bahia	5[24]	1[25]	20,00
10 Fev. 1770[26]	Pernambuco	39[27]	25[28]	51,28
08 Out. 1775[29]	Rio de Janeiro	322	138	42,86
02 Ago. 1777[30]	Pernambuco	105	0	0,00

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos.

Apesar de a análise destes dados apontarem para uma taxa de mortalidade média dos exempares de 33,33%, estas remessas são completamente díspares no tocante à quantidade de indivíduos e à natureza destes, englobando Aves e Mamíferos, ao ponto de detectarmos taxas de mortalidades bem variadas para cada grupo individualmente.

Em outras cinco remessas não nos foi possível diferenciar a mortandade ocorrida no mar, durante a travessia de Angola ao Brasil, daquelas observadas em solo brasileiro, entre o desembarque dos animais e a espera para seu reenvio a Portugal; o que significa que os valores encontrados dizem respeito aos óbitos que poderiam ter ocorrido durante a travessia marítima assim como em terra, antes do embarque dos animais para a Europa (Tabela 14, Figura 47).

O resultado da análise destas cinco remessas aponta para uma taxa de mortalidade média correspondente a 57,11%, assim como, indo de encontro ao que fora apresentado anteriormente, uma aparente relação inversa entre a taxa de mortalidade e a quantidade de animais presente nas remessas.

Apesar de os valores apresentados reforçarem a concepção inicialmente estabelecida sobre a elevada mortandade dos animais transferidos das colônias para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Europeia, como um todo, estes dados necessitam ser respaldados pela análise de outros documentos que porventura venham a ser localizados.

metrópole. Contudo, temos registros de naus da Carreira da Índia aportarem no Brasil antes de seguir para Lisboa.

[22] SILVA, L. D. L. da, 1763 (16 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758.

[23] COSTA, J. F. C. da, 1768 (10 de Setembro). AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7917-7923.

[24] A remessa constituía dos seguintes animais: 01 Cegonha, 03 Galinhas do mato e 01 Zebra.

[25] O animal que veio a óbito foi a Zebra.

[26] MENESES, M. da C. e, 1770 (10 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373.

[27] A remessa era constituída por 39 animais (13 Zebras, 01 Guelengue, 01 Carneiro, 04 Corças, 03 Pássaros grandes, 17 Galinhas do mato) mais 03 viveiros com pássaros de cores sem especificar a quantidade (não computados na estatística).

[28] O documento de embarque dos animais para Lisboa assinado pelo capitão não faz referência às 04 Corças, aos 03 Pássaros grandes e às 17 Galinhas do mato, sendo considerados como baixas no cálculo realizado.

[29] SOUSA, M. P. da C. e, 1775 (08 de Outubro). 1775 (08 de Outubro). AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475

[30] MENESES, J. C. de, 1777 (02 de Agosto). AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643.

Tabela 14: Remessas nas quais as taxas de mortalidade ocorridas no mar e em terra não puderam ser dicriminadas.

Data	Origem	Embarcados em Angola	Destino	Data	Enviados a Lisboa	Taxa de mortalidade (%)
22 Jan. 1763[31]	Angola	500	Pernambuco	16 Abr. 1763	240	52,00
10 Dez. 1763[32]	Luanda	384	Pernambuco	10 Mar. 1764	20	94,79
?[33]	Angola	105	Bahia	15 Jul. 1768	27	74,29
?[34]	Benguela	559	Rio de Janeiro	03 Mai. 1775	171	30,59
-[35]	Luanda	653	Pernambuco	-[36]	269	58,80[37]

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

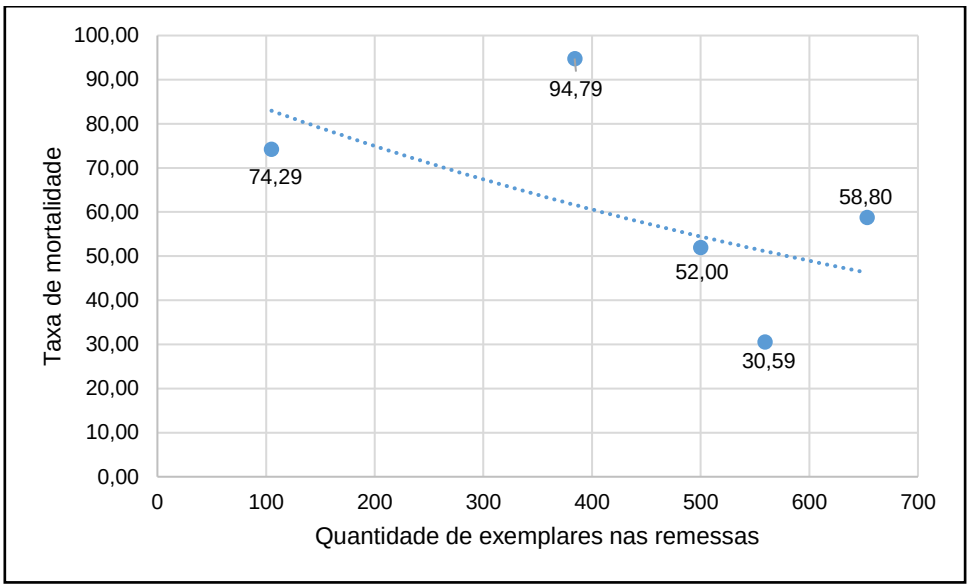


Figura 47: Remessas cujas taxas de mortalidade não puderam ser discriminadas entre as ocorridas no trajeto marítimo entre Angola e o Brasil das ocorridas em terra, durante a espera para o reenvio a Lisboa.

Antes de passarmos para o último tópico desta Tese, a análise dos animais remetidos das colônias para Lisboa durante o século XVIII, é interessante ressaltar que, quando da transferência da Família Real para o Rio de Janeiro, elevada à capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, no início do século XIX, condição que perdurou até 1816, em nenhum momento da história portuguesa ou brasileira é citado o registro de uma Coleção Zoológica Viva mantida pela Corte no Brasil. Contudo, no levantamento realizado, foram encontrados quatro documentos que apontam para a

[31] VASCONCELOS, A. de, 1763 (22 de Janeiro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49.
[32] VASCONCELOS, A. de, 1763 (10 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 47.
[33] O documento de Costa (COSTA, J. F. C. da, 1768 (15 de Julho). AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7895-7902) não informa quando a embarcação deixou Angola.
[34] O documento de Sousa (SOUSA, M. P. da C. e, 1775 (03 de Maio). AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8430) não informa quando a embarcação deixou o porto de Benguela.
[35] Foram realizadas três remessas, duas no ano de 1782 (11 de dezembro e 16 de dezembro) e uma em 1782 (18 de janeiro), contabilizando um total de 651 pássaros e 02 Seles.
[36] Os animais sobreviventes (pássaros de cores) foram enviados a Lisboa em dois navios que partiram de Pernambuco em 18 de março e 20 de março de 1782.
[37] Neste dado estão incluídos os dois Seles.

existência de uma Coleção desta natureza mantida pela realeza portuguesa durante sua permanência nesta cidade.

O primeiro documento é um relato do secretário de Estado da Marinha e Ultramar, informando da chegada, ao Rio de Janeiro, de Pássaros provenientes de Benguela, assim como de milho miúdo para ser misturado ao alpiste para a manutenção destas aves[38]; os demais documentos dizem respeito a um mesmo assunto, a remessa de perdizes[39] de Portugal para o Brasil. No documento de 26 de Janeiro de 1813, Meneses[40] informa que a época não era apropriada para a apanha das perdizes em Lisboa; já no documento datado de 18 de Agosto, desse mesmo ano, este Conde relata estar de posse de trinta e quatro perdizes para enviar à Corte[41]; enquanto no último registro é notificado que a "segunda porção das perdizes a remeter à Corte do Rio de Janeiro" já estava pronta necessitando-se saber, apenas, em qual navio as mesmas seriam embarcadas"[42].

É possível que estas Aves tenham sido enviadas apenas para satisfazer o paladar da família Real; contudo as mesmas podem ter sido enviadas com o intuito de servirem à caça. Neste caso, estas aves, ou um determinado número delas, seriam mantidas provisoriamente em algum local com a finalidade de procriação para posterior soltura, ou mesmo, considerando a primeira opção, criadas para consumo. Mais um indício de que a família Real deveria manter no Palácio da Quinta da Boa Vista uma área destinada a animais.

[38] CASTRO, J. de A. de M. e, 1811. AHU_CU_035, Cx. 22, D. 1832.
[39] Muito provavelmente estes espécimes eram exemplares da Perdiz-comum (*Alectoris rufa*).
[40] MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (26 de Janeiro). AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1867.
[41] MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (18 de Agosto). AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1885.
[42] MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (28 de Outubro). AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1892.

4.3 Remessas animais realizadas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII

4.3.1 África

Durante o século XVIII, Portugal possuía doze possessões no Continente Africano, territórios estes que atualmente são parte integrante de dez nações independentes (Tabela 15). Ao longo desta pesquisa, encontramos referências da remessa de animais vivos para as Coleções Zoológicas Portuguesas efetuada de seis localidades: Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Ziguinchor.

Tabela 15: Territórios sob domínio português no Continente Africano, durante o século XVIII.

Território	Nação atual	Início do domínio	Término do domínio
Angola[43]	Angola	1575	1975
Cabo Verde	Cabo Verde	1462	1975
Fernando Pó e Ano Bom[44]	Guiné Equatorial	1474	1778
Guiné	Guiné-Bissau	1588	1974
Mazagão[45]	Marrocos	1485	1769
Moçambique	Moçambique	1498	1975
Mombaça[46]	Quênia	1593	1729
São João Baptista da Ajuda	Benim	1680	1961
São Tomé e Príncipe	São Tomé e Príncipe	1470	1975
Ziguinchor[47]	Senegal	1645	1888

Fonte: Widipédia

4.3.1.1 Angola

Dentre todos os territórios ocupados por Portugal no Continente Africano, Angola foi, sem dúvida, o mais importante entreposto de fornecimento de animais vivos para Lisboa durante o século XVIII, como veremos ao longo deste capítulo.

[43] Incluindo o território de Cabinda.
[44] Nas fontes consultadas não encontramos referências às remessas de animais provenientes das ilhas de Fernando Pó (atual Ilha de Bioko) e Ano Bom, em parte porque Portugal nunca estabeleceu uma política de colonização efetiva para estas ilhas. A Ilha de Ano Bom, localizada a 180 Km ao sul da Ilha de São Tomé, apresenta uma superfície de apenas 6,5 Km^2; por outro lado, a Ilha de Fernando Pó, distante 260 Km ao norte da Ilha do Príncipe, mesmo apresentando uma extensão territorial bem maior, 2.017 Km^2, quase duas vezes e meia o tamanho de São Tomé, por se localizar a apenas 30 Km da costa africana, já era habitada por povos africanos, quando da chegada dos navegadores lusos, o que deve ter contribuído para o pouco interesse, por parte dos portugueses, em sua colonização.
[45] Temos uma referência da remessa de animais realizada do território de Mazagão; entretanto, como esta foi realizada no século XVII, fora do período estipulado para esta Tese, a mesma não entrou na análise dos dados, sendo, contudo, citada no Capítulo 3, quando da descrição da Coleção Zoológica Viva mantida pelo rei D. Pedro II.
[46] Mombaça, no Quênia, assim como São João Baptista da Ajuda, no Benin, eram territórios constituídos, basicamente, pelas fortalezas mantidas pelos colonizadores portugueses.
[47] A remessa de animais realizada deste território será tratada no tópico referente à Guiné.

As remessas, realizadas de São Paulo de Assumpção de Luanda e de São Felipe de Benguela, seguiam para Lisboa, normalmente, através dos portos do Brasil, principalmente pelos da Bahia e de Pernambuco; contudo, encontramos documentos que relatam o envio de animais de Angola também pelos portos do Rio de Janeiro, do Maranhão e do Grão-Pará, em muitos casos realizados através dos navios da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, responsáveis pelo transporte de escravos.

Apesar de menos frequente, observamos uma certa preferência dos governadores angolanos e da Guiné pela utilização das naus da Carreira da Índia para o transporte de animais considerados mais delicados e raros, pelo fato de estas embarcações seguirem, geralmente, uma rota direta para Lisboa, sem a parada nos portos brasileiros, diminuindo, assim, o tempo de viagem até seu destino final, evitando-se a manutenção dos animais por um período prolongado no mar e sua transferência, em terra, para outra embarcação que realizaria o trajeto do Brasil até Lisboa.

Os documentos que descrevem a remessa de animais de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII (Apêndice I) foram recolhidos, em quase sua totalidade, no AHU, instituição que abriga 15.771 registros referentes a esta colônia, distribuídos em 181 caixas das quais 118, relativas aos anos de 1602 a 1807, foram analisadas para esta Tese, perfazendo um total de 10.256 documentos pesquisados. Utilizamos também algumas referências encontradas no ANTT, as quais, basicamente, ratificaram os dados levantados no AHU.

Entre os anos de 1760 e 1791, foram registradas 73 remessas de animais de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, perfazendo um total de 15.705 exemplares[48].

Durante esse período, Angola esteve sob a administração de cinco governadores e de uma junta governativa (Tabela 16), sendo as remessas mais representativas, em termos de quantidade de exemplares, realizadas nos anos de 1764 e 1765, que coincidem com a chegada do governador Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho a Luanda, seguidas das remessas realizadas em 1775, no início do governo de António de Lencastre, sucessor de Coutinho (Figura 48).

[48] Não computados, neste dado, os dois “Anois Celebres” enviados no dia 06 de agosto de 1772, assim como os pássaros citados em 08 remessas que não informaram a quantidade de exemplares embarcados.

Tabela 16: Governadores de Angola durante o período onde foram observadas remessas de animais para Lisboa.

Data	Governador	Total de animais enviados
1758-1764	António de Vasconcelos	2.161
1764-1772	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho	7.455*
1772-1779	António de Lencastre	5.171*
1779-1782	José Gonçalo da Câmara	428*
1782-1784	Junta Governativa	337*
1784-1790	José de Almeida e Vasconcellos de Soveral e Carvalho	182*

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados. *Valores efetivos subestimados por existirem remessas que não informaram a quantidade de exemplares enviados.

Vale a pena lembrar que as sociedades do século XVIII tinham, na corte, o eixo central que fazia mover a própria monarquia (ELIAS, 2001, p.6). A ascensão a esse seleto grupo, almejada por muitos, não era conseguida, necessariamente, através do acúmulo de riqueza, mas sim pela aquisição, por exemplo, de um título de nobreza concedido pelo rei. Entretanto, como as informações sobre o mundo, incluindo aquelas provenientes das colônias localizadas nos confins do Império, passavam, obrigatoriamente, pelo crivo dessa corte, a probabilidade de os feitos realizados por um súdito, nesses lugares remotos, chegarem aos olhos e ouvidos reais, se não improvável, era no mínimo demorada. O envio de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais, além de representar um significativo ato de obediência por parte dos administradores coloniais às solicitações reais, certamente, não passava despercebidos nem visual nem auditivamente ao rei, no real sentido destes termos. Estas remessas representavam explicitamente o empenho de um determinado administrador, suplantando todas as dificuldades, inclusive financeiras, que acabavam por transformar o animal exótico em um objeto simbólico de satisfação e certeza de que seus domínios reais iam muito além das muralhas de sua cidade. O prazer desta contemplação, que de outro modo jamais seria vivenciado pela realeza e que não poderia ser concebido pela corte, poderia trazer seu realizador para o restrito grupo de convivência real.

As primeiras remessas de animais vivos, realizadas de Angola para a metrópole, de que temos registro, foram realizadas durante o governo de António de Vasconcelos, único governante que, durante o século XVIII, conseguiu enviar Elefantes para a Coleção Zoológica Viva Real estabelecida no Palácio de Belém, de propriedade do rei D. José I.

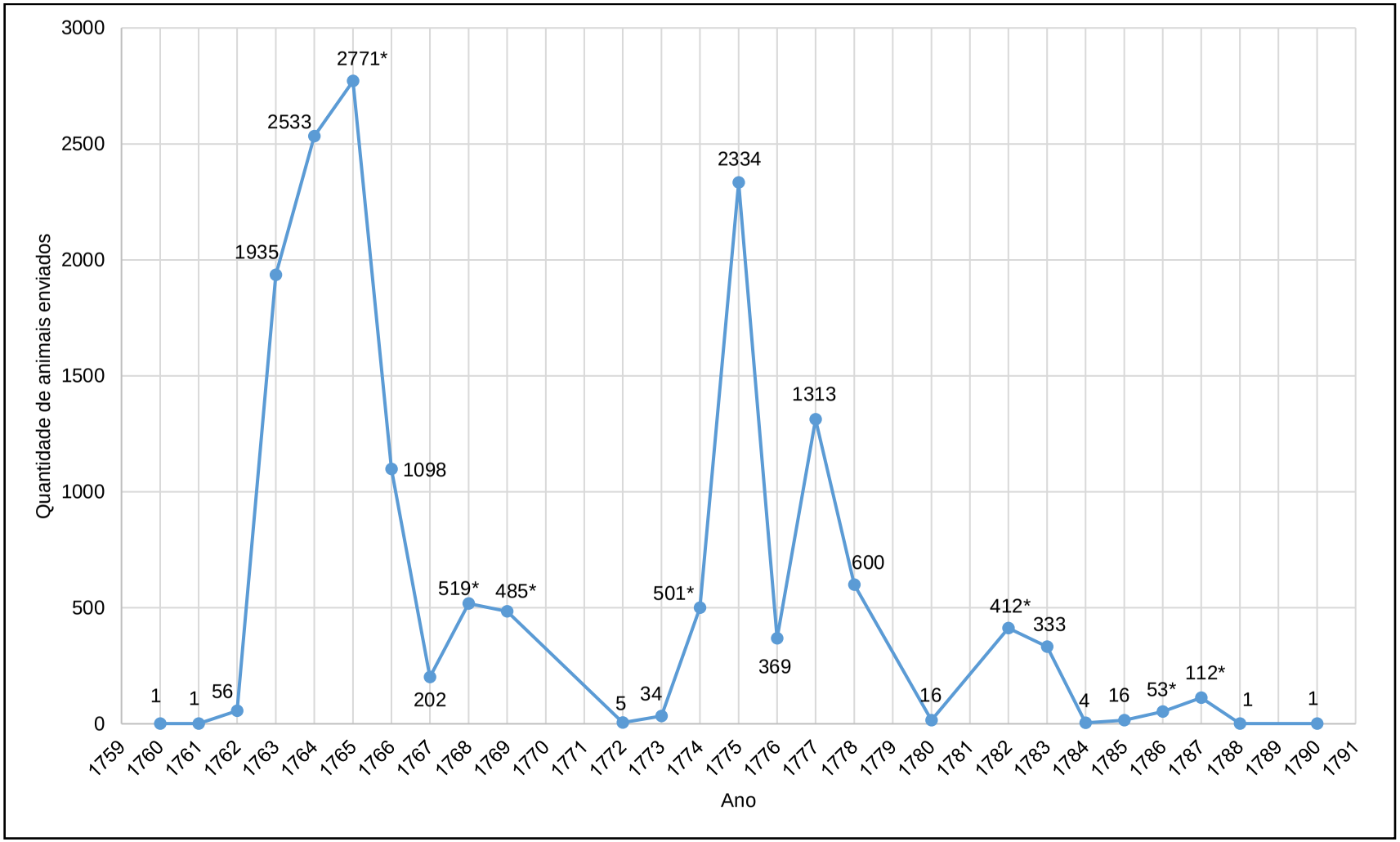


Figura 48: Quantitativo de animais enviados de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.
Nota: Os valores identificados com asterisco apresentam remessas que não informaram a quantidade de exemplares embarcados.

Durante sua gestão à frente do governo de Angola, Vasconcelos realizou dez remessas totalizando 2.161 animais; com exceção de três Elefantes (*Loxodonta africana*), todos os demais exemplares eram Aves, sendo 38 Galinhas-do-mato (*Numida meleagris galeata*) e o restante constituído por 2.120 pássaros diversos.

Sem dúvida alguma, os Elefantes foram os exemplares mais preciosos enviados por este governador.

A história destes animais inicia-se com dois documentos, um emitido em Angola e outro no Rio de Janeiro, assim como um terceiro inferido, a partir do documento angolano, que descrevem a remessa dos dois primeiros exemplares, um casal de Elefantes enviados para Lisboa entre os anos de 1760 e 1761.

Em 20 de dezembro de 1760, o governador e capitão-general de Angola, António de Vasconcelos, relata a remessa de um Elefante macho para Lisboa conforme solicitação do infante D. Pedro para encaminhá-lo à Rainha. Apesar da inexistência deste documento, esta remessa é mencionada no documento datado de 05 de janeiro de 1761[1] no qual Vasconcelos informa a remessa do segundo exemplar dessa espécie, desta vez uma fêmea de quatro meses, que "naõ foi na dita ocaziaõ por falta de comodidade, e por mal convalescida de algumas feridas".

Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro, em um ofício datado de 07 de março de 1761[2], informa o secretário de estado do Reino e Mercês, Sebastião José de Carvalho e Melo, sobre a chegada, a essa cidade, de um casal de Elefantes remetidos pelo governador de Angola. Neste documento Andrade menciona que "a femea chegou há trez dias bastantemente magra", após uma viagem de dois meses, esperando reenviá-los para Lisboa, na grande Nau de guerra onde poderiam ser melhor acomodados, assim que a fêmea se recuperasse após receber o tratamento que fora aplicado ao macho anteriormente recebido. Andrade informa, ainda neste documento, que designaria seu irmão, José António Freire de Andrade, para cuidar dos animais assim como providenciaria todos os mantimentos necessários à sobrevivência destes exemplares durante a viagem.

Apesar de não termos encontrado documentação que ateste a chegada destes animais vivos a Lisboa, as obras realizadas em 1762 no Pátio dos Elefantes, localizado no Palácio de Belém, mencionado ao descrevermos a Coleção Zoológica Viva mantida por D. José I, no capítulo 3 desta Tese, certamente é um forte indício de que tal fato realmente ocorreu.

Já citamos, no início deste Capítulo, que a mortalidade dos animais era elevada, sendo proporcional ao tempo que demorava sua transferência das colônias para a metrópole. Os animais provenientes da África eram os mais afetados, pois geralmente

[1] VASCONCELOS, A., 1761 (05 de janeiro). AHU, AHU-CU-OO1, Cx. 44, D. 1.
[2] ANDRADE, G. F. de, 1761 (07 de março). AHU_CU_017, Cx. 62, D. 5925.

eram embarcados e despachados através dos portos Brasileiros. Este trajeto é justificado pelo estabelecimento da chamada “rota triangular” entre Lisboa, África e o Brasil. Os navios que partiam da metrópole normalmente seguiam para a África com um carregamento constituído por produtos manufaturados, em sua grande maioria armas, destinadas à manutenção das fortificações que defendiam esses territórios. Estes produtos eram também utilizados como moeda de troca para a aquisição dos escravos que eram, juntamente com os animais, embarcados para o Brasil. A venda destes escravos no Brasil, adquiridos como mão de obra para a agricultura e a mineração, gerava um grande lucro à Coroa. Do Brasil, fechando este comércio triangular, partiam os navios para Lisboa, transportando produtos agrícolas (açúcar, cacau, café, entre outros), os recursos levantados com a venda dos escravos, além do ouro e outras pedras preciosas e, finalmente, os animais, o que restou do contingente enviado da África acrescido dos exemplares nativos do Brasil; todos estes itens destinados a suprir as necessidades biológicas, financeiras e de entretenimento, respectivamente, da monarquia. É importante frisar que esta triangulação comercial não era realizada pela mesma embarcação, fazendo com que, em cada porto que estabelecia o vértice deste triângulo, se fizesse necessária a transferência dos animais, o que aumentava ainda mais a sua mortandade.

Após a remessa deste casal de Elefantes, Vasconcelos informa, em ofício datado de 21 de janeiro de 1763[3], a remessa de mais um Elefante, “de outro cazal que tive prevenido para o caso de ser mal sucedido o primeiro”. Este exemplar, segundo o governador, era de casta superior aos anteriormente remetidos “em razaõ de oter em caza hâ treze meses, e se lhe naõ [ilegível] as pontas[4]. Vay muyto domestico, creado com o sustento ordinario do Campo, e nunca se lhe deu vinho”. Vasconcelos informa, ainda, que “para o séu trato vay hum negro forro mixiluanda, que sempre lhe assistio, e hê obrigado ao Serviço de S. Magestade como os mais da dita Ilha”.

Novamente não temos registro da chegada deste animal a Lisboa, o que certamente deve ter ocorrido, pois este Elefante, juntamente com um grupo de aves, chegou a Pernambuco conforme documento de Luís Diogo Lobo da Silva[5] acusando o recebimento e o reenvio destes animais para Lisboa.

Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, sucessor de Vasconcelos, foi o governador que mais contribuiu para o enriquecimento das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, baseado no quantitativo de animais por ele enviado.

A queda vertiginosa observada no número de animais remetidos nos anos iniciais de seu governo (de 1765 a 1767), chegando a uma redução de 92,46% em

[3] VASCONCELOS, A., 1763 (21 de janeiro). AHU, AHU-CU-001, C. 47, D. 49.
[4] Certamente a ideia que Vasconcelos quis passar é que este animal apresentava as presas intactas.
[5] SILVA, L. D. L. da, 1763 (16 de abril). AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758.

relação aos exemplares embarcados nos anos anteriores, pode ser justificada pela seca que assolou Angola durante esse período, acarretando uma temporada de fome que afetou diretamente os nativos, impossibilitando-os de realizarem este "pequeno comércio"[6].

Podemos observar, entretanto, que durante os últimos cinco anos de seu governo, o quantitativo de animais enviados a Lisboa, embora tenha aumentado, não voltou ao patamar dos anos iniciais de sua gestão, apesar de em duas das oito remessas realizadas durante esse período não constar o número de exemplares embarcados.

Uma justificativa para este fato pode ter sido a canalização de seus esforços em remeter Mamíferos de grande porte que vinha sendo solicitado por Lisboa, dentre eles as cobiçadas Zebras. Apesar de Coutinho ter despachado alguns Mamíferos desde que assumiu o governo de Angola[7], esta Classe de animais vai atingir uma importância ímpar nas remessas realizadas nos últimos cinco anos de sua gestão, abrangendo, dentre os 209 animais remetidos nesse período, dois Cefos (*Taurotragus oryx*), quinze Zebras (*Equus quagga antiquorum*), um Guilengue (*Oryx gazella*), quatro Corças e um Leopardo ("Onça") (*Panthera pardus*).

Entretanto, foi exatamente a remessa de duas espécies de mamíferos – as Zebras e um Leão branco - ocorridas durante o governo de Coutinho, que gerou uma série de documentos entre os governantes de Angola, do Brasil e de Portugal, envolvendo a transferência destes exemplares da África a Lisboa que passaremos a apresentar, pela importância deste feito para a história das Coleções Zoológicas Vivas não só em Portugal mas no mundo.

A zebra, considerada por Buffon (1792, p. 86) como sendo "o mais bonito e mais elegante de todos os quadrúpedes" sempre foi um animal muito requisitado para integrar as Coleções Zoológicas Vivas Reais[8].

---

[6] COUTINHO, 1767, AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47. Os historiadores normalmente tratam, quando se dignam a incluir este tópico em seus relatos, o comércio de animais realizado durante a história da humanidade como um assunto de curiosidade e secundário. Os pesquisadores que atualmente começaram a se debruçar sobre o estudo de temas relacionados com o cotidiano das sociedades, a chamada "micro história", vêm revelando singularidades nos fatos históricos relacionadas à rotina do dia a dia de seus cidadãos. Entretanto, o comércio de animais, por envolver uma rede complexa de atividades não só social mas também econômica, tanto nos períodos passados como na atualidade - não podemos esquecer que esta atividade é considerada uma das cinco mais rentáveis realizadas pelo crime organizado no mundo - indubitavelmente não pode ser concebida como parte da "micro história", como uma mera atividade secundária do nosso cotidiano.

[7] Dois Macacos, em 1764; duas Zebras, uma em 1765 e outra em 1766; um Rato-do-Sertão, também durante o ano de 1766 e, finalmente, um Leão e um Leopardo ("Onça"), em 1767,.

[8] Observamos aqui uma mudança em relação aos itens incorporados a uma coleção. Apesar de os Elefantes apresentarem, desde a época de D. Manuel I, um local de destaque em uma Coleção Zoológica Viva, conferindo a seu proprietário um imenso *status* político em relação aos demais monarcas, por representar o domínio e o poder de um Império sobre as terras exóticas, durante o século XVIII, esta ostentação de poder pelos monarcas deste período é alterado para os padrões que refletem um refinamento mais apurado dos "gostos reais". Isto é visível nos espécimes que integravam as Coleções Zoológicas Vivas desse período. Apesar de animais ferozes ainda atraírem a atenção dos monarcas, são os padrões estéticos mais delicados que despertam o interesse e o desejo em adquirir determinadas espécies, dentre elas, os "pássaros de cores" provenientes de Angola, e os Beija-flores, exemplares inexequíveis e por esta razão extremamente cobiçados. Dentre os Mamíferos as Zebras, indubitavelmente, passam a constituir um item

Apesar de existirem relatos da manutenção destes exemplares por alguns monarcas europeus, como o exemplar de propriedade do Príncipe Frederico Luís (1707 - 1751), de Gales, proveniente da Colônia do Cabo, em 1740; de um espécime mantido pelo rei Luís XVI, em sua *Ménagerie* de *Verseilles*, em 1760, e de uma zebra fêmea oferecida como presente de casamento pelo Rei George III da Inglaterra a sua esposa, Sophia Charlotte Mecklenburg-Strelitz, em 1762 (Figura 49), a primeira referência que encontramos sobre o interesse pela remessa destes exemplares para Portugal aparece em um ofício de Coutinho endereçado ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, datado de 04 de agosto de 1764.

Neste documento Coutinho justifica a demora na remessa dos pássaros devido a sua escassez na região, por ser a estação de inverno, o mesmo se estendendo às zebras e demais animais raros[9].

Figura 49: Zebras. À esquerda, "*ZEBRA femina sive Assinus sylvestris Africanus*". Desenho de George Edwards, realizado a partir da observação de um exemplar vivo mantido na Coleção Zoológica do Príncipe de Gales; certamente uma Quagga (*Equus guagga quagga*), espécie extinta em 1883. Fonte: *Gleanings of natural history, exhibiting figures of quadrupeds, birds, insects, plants*, by George Edwards, volume 1, London, 1758; à direita, Zebra, Pintura realizada em 1763 por George Stubbs a partir da observação do exemplar vivo mantido na coleção da princesa Charlotte of Mecklenburg-Strelitz; muito provavelmente uma Zebra-da-montanha-do-cabo (*Equus zebra zebra*). Fonte: Yale Center for British Art.

No ofício de 28 de novembro[10] o governador informa que havia capturado até aquela data quatro zebras, entretanto somente uma havia sobrevivido e esperava remetê-la brevemente para Lisboa; contudo, o ano de 1764 se encerra sem o registro da remessa deste exemplar.

Em documento de 30 de junho de 1765, Coutinho lamenta que tem

> sido bem infelíz nas eficacisimas diligencias, que pratiquei, e pratíco para remeter as Zebras, e outros Animáes Ráros a Sua Mag.de, porque todos me tem morrido, cuja prova faço com quatro Peles, que das mesmas remeto a Paulo Jorge, para que fazendo a diligencia de

imprescindível nas Coleções Zoológicas Vivas desse período, conferindo a seus proprietários o mais alto *status* de bom gosto e refinamento.

[9] COUTINHO, F. I. de S., 1764 (04 de Agosto). AHU-CU-001, Cx. 48, D. 30.

[10] COUTINHO, F. I. de S., 1764 (28 de Novembro). AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45.

> reduzilas a estádo de aparecer, o que aqui nam há quem faça, as entreguei a V. Ex.ª[11].

Neste mesmo documento o governador cita, ainda, que possui um exemplar de Zebra vivo, tendo a esperança de remetê-la à Corte e que mantém

> infinitas Gentes nos Certoens com vigilante cuidado aprehendendo mais, para que á força de muitas, escápem algumas á sua propria fereza: [...] [e] que para executar as Suas Reáes Ordens nesta parte, nam tenho poupado, nem a minha diligencia, nem a minha pequena Fazenda.

No dia 18 de dezembro desse mesmo ano Coutinho consegue, finalmente, embarcar uma zebra, a única que

> escapou das muitas, que athé agóra se aprehenderaõ; brevemente esper[ando] mandar outras, se o excessivo disvelo, e continuo cuidado forem igualmente venturózos nas diligencias que preticaõ"[12].

Suas apreensões com a chegada deste exemplar a Lisboa eram grandes, principalmente pelo fato de a embarcação que a conduziu não ter seguido em direitura para a metrópole, recomendando

> aos Governadores da Bahia [...] o seu trato, e remeça [para Lisboa]; queira Deos, que cumpraõ o que lhe rógo, e ao excellente soldado, que a conduz, e que aqui a tratou, faço as maiores recomendações, o mando assitir com tudo o necessário.

Este exemplar chegou em segurança à Bahia no dia 04 de fevereiro de 1766, sendo reenviado para Lisboa.

Coutinho comenta, em relação às Zebras e demais feras, que

> hé certo, e bem publico neste Reyno, que eu nem tenho poupado despeza, nem trabalho para conseguilas, que esta aprehençaõ hé tam delicada, que de inumeraveis aprehendidas, apenas se salvou a que offereci a Sua Megestade pela Bahia[13].

Descreve, também, a dificuldade para se conseguir pessoal competente para a captura dos animais, assegurando

> que entre as muitas gentes, que andaõ empregadas nesta diligencia, apenas há um Paulista, capaz de conseguilas, se naõ fora hum demónio, que tem apurado o mayor sofrimento, por este respeito: elle foi o que aprehendeu a que remetí, e o que, como cabeça de todos os outros, trabalha incessantemente; o mesmo sucede, respeito de todas as outras Feras, porque os brancos, assim q'. trabalhaõ no Sertaõ, logo morrem, ou se incapacitaõ, e os negros sam taõ timidos, que para nada servem; porèm esteja V. Ex.ª certo, que se afortuna acompanhar as minhas deligencias, ha de ser bem satisfeito o gosto de Sua Magestade.

[11] COUTINHO, F. I. de S., 1765 (30 de Junho). AHU-CU-001, Cx. 49, D. 38.
[12] COUTINHO, F. I. de S., 1765 (18 de Dezembro). AHU-CU-001, Cx. 49, D. 70.
[13] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (04 de Março). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63.

Em ofício emitido em 05 de abril de 1766, por não ter notícias da chegada do navio conduzindo a Zebra à Bahia, o governador comunica sua apreensão pelo animal enviado através do porto da Bahia pois "ainda que me naõ falta nunca o cuidado sobre o seu trato, pois necessitando ser o mais acautelado, hê o mais grosseiro nas maons de semelhantes Conductores" [14].

O ofício datado de 25 de outubro de 1766, é importante para a história das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas pois neste documento Coutinho expressa sua satisfação por ter tomado conhecimento da chegada da Zebra, primeiro exemplar desta espécie a chegar em solo português durante o século XVIII, e que "ainda que me tem morrido outras, espêro brevemente ter a fortuna de Remeter alguma, em cuja diligencia se trabalha sem intermissaõ, e sem socego"[15].

O próximo documento emitido por Coutinho que aborda a apreensão de Zebras é de meados de 1767, mais precisamente de 15 de agosto, no qual o governador relata que

> Temse aprehendio ultimamente sete Zebras, com a desgraça de que só huma existe viva; continûa a mesma diligencia, e logo, que esta, ou outras estivérem capazes seraõ remetidas[16].

Neste mesmo documento, em uma anotação feita à margem direita, consta a seguinte observação:

> [...] os Passaros que chegaram vivos foram recolhidos aos viveiros das Quintas de S. Mag.e Enquanto a Zebra estimarei que chegue viva porque S. Mag.e estimaõ muito estes animaes, e que seria ainda maes do Seu Real agrado se podere vir hum cazal dellas,

a que Coutinho prontamente responde, em 31 de Outubro esperando brevemente remeter

> a V. Ex.a, para o prezentear ao mesmo Senhor, hum cazal de Zebras, que há Sinco Mezes se acha aprehendido, unico resto de muitas, que este Anno se colheraõ, e que nos tem ensinado a fazer lhes a Guerra, sendo tantas as dispoziçoens, e proméças dos Certanejos, que se Deus felicitar os nossos trabalhos, será S. Magestade obedecido, até das mesmas Féras, que mais deficeis se julgáraõ sempre"[17].

Intenção esta reforçada no documento de 17 de Dezembro endereçado ao Conde de Azambuja, no qual informa enviar brevemente "hum cazal de Zebras, de que o Macho esta bastantemente manso, e a Femea prenhe; e com entendo, que escaparaõ, naturalmente poderaõ partir na Nau Santa Roza"[18], assim como no ofício redigido no dia

[14] COUTINHO, F. I. de S., 1766 (05 de Abril). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63.
[15] COUTINHO, F. I. de S., 1776 (25 de Outubro). AHU-CU-001, Cx. 50, D. 52.
[16] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (15 de Agosto). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47.
[17] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (31 de Outubro). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55.
[18] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (17 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65.

seguinte (18 de Dezembro) a Francisco Xavier de Mendonça Furtado relatando estar "muito contente com a duraçaõ do cazal de Zebras, q' brevissimam.te espéro remeter pelo primeiro Navio capaz de tam delicada conduçaõ"[19].

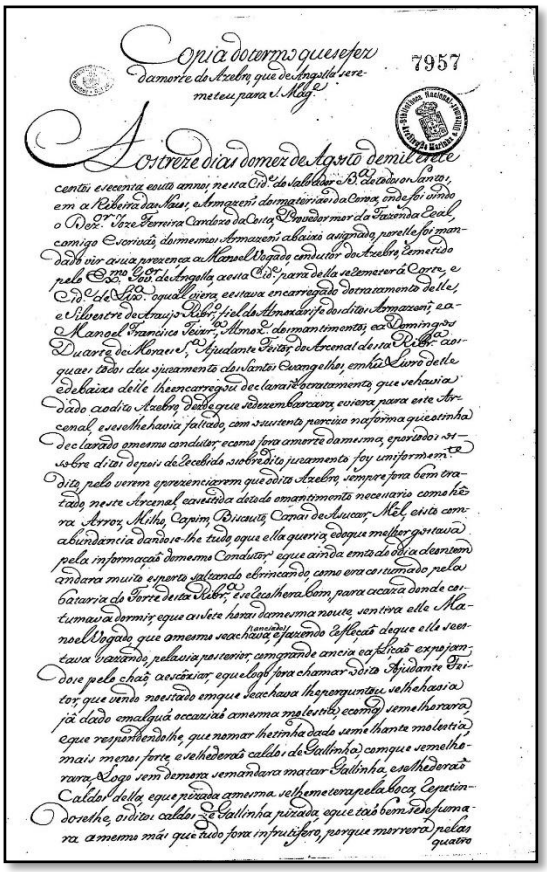
Entretanto, a segunda remessa envolvendo Zebras de Angola para Portugal só vai se concretizar em 16 de Março de 1768, quando Coutinho narra ter "a honra de remeter huma Zebra, que se achar a outra viva, fórma o cazal, que S. Magestade dezejava, e que eu nam pude cá juntar pelas muitas, que me tem morrido, passando já de Sincoenta as aprehendidas no meu tempo"[20]. Por esta descrição verificamos que um dos exemplares do casal citado nos documentos de Dezembro veio a falecer, muito provavelmente a fêmea, justificando o despacho de apenas um exemplar.

Esta segunda zebra que Coutinho conseguiu remeter para Lisboa está envolvida em um episódio que mobilizou várias pessoas que direta ou indiretamente conviveram com ela.

No dia 13 de Agosto, logo após sua chegada à Bahia, a Zebra veio a falecer. Pela grande expectativa em torno da chegada deste exemplar a Lisboa, sua morte acabou gerando um termo de declaração de juramento (Figura 50) lavrado por Brandão[21], escrivão dos Armazéns dos Materiais da Coroa, encaminhado juntamente com o ofício do Marquês do Lavradio[22], Luís de Almeida Portugal Soares, a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, secretário de Estado da Marinha e Ultramar, comunicando o fato ocorrido.

Apesar de o "couro cheyo de capim" [23] deste animal ter sido remetido para Lisboa, não temos informação de qual foi seu destino ao chegar a essa cidade.

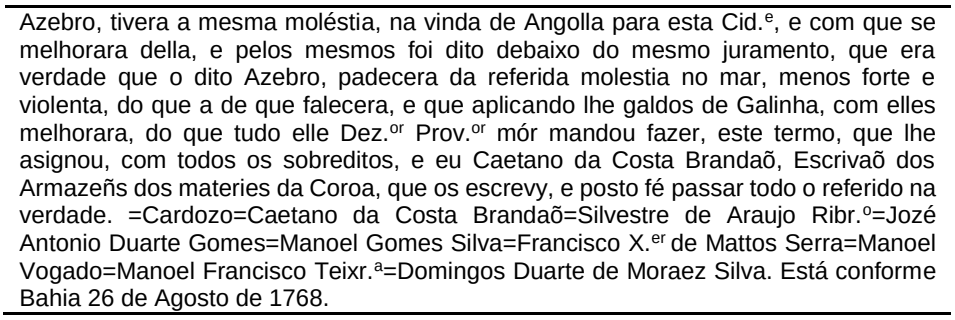
[19] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (18 de Dezembro). AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 66.
[20] COUTINHO, F. I. de S., 1768 (16 de Março). AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 73.
[21] BRANDÃO, C. da C., 1768 (26 de Agosto). AHU_CU_005—01, Cx. 43, D. 7957.
[22] SOARES, L. de A. P., 1768 (13 de Setembro). AHU_CU_005—01, Cx. 43, D. 7956.
[23] COSTA, J. F. C. da, 1768 (10 de setembro). AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7917-7923.



Copia do termo que se fez da morte de Azebro, que de Angolla veio remetido para S. Mag.de

7957

Aos treze dias do mes de Agosto de mil e sete centos e secenta e outo annos, nesta Cid.e do Salvador B.a de todos os Santos, em a Ribeira das Naus, e Armazeñs dos materiaes da Coroa, onde foi vindo o Dez.or Joze Ferreira Cardozo da Costa, Provedor mor da Fazenda Real, comigo escrivaõ, dos mesmos Armazeñs abaixo asignado, porelle foi mandado vir a sua prezença a Manoel Vogado, condutor do Azebro remetido pelo Ex.o Gov.or de Angolla, a esta Cid.e para della se remeter á Corte, e Cid.e de Lix.a o qual viera, e estava encarregado do tratamento delle, e Silvestre de Araujo Ribr.o, fiel do Almoxarife dos ditos Armazeñs, e a Manuel Francisco Teixr.a, Almox.e dos mantimentos, e a Domingos Duarte de Moraes S.a, Ajudante Feitor, do Arsenal desta Ribr.a aos quaes todos deu o juramento dos Santos Evangelhos, em hû Livro delle e de baixo delle lhe encarregou declarase o tratamento, que se havia dado ao dito Azebro, dezde que se dezembarcara, e viera para este Arsenal, e se selhe havia faltado, com o sustento precizo na forma que o tinha declarado o mesmo condutor, e como fora a morte da mesma, e por todos os sobre ditos depois de recebido o sobredito juramento foy uniformem.te dito, pelo verem e prezenciarem que o dito Azebro, sempre fora bem tratado, neste Arsenal, e asestida de todo o mantimento necessario como hêra Arroz, Milho, Capim, Biscouto, Canas de Asucar, Mél, e isto com abundancia dandose-lhe tudo, o que ella queria, e do que melhor gostava pela informaçaõ do mesmo Condutor, e que ainda em todo o dia deontem andara muito esperto saltando e brincando como era costumado pela Cataria do Forte desta Ribr.a, e se recolhera bom, para a caza donde costumava dormir, e que as sete horas da mesma noute, sentira elle Manoel Vogado, que a mesma se achava ⌊anciado⌋, e fazendo refleçaõ de que elle se estava vazando, pela via posterior, com grande ancia e afliçaõ expojandose pelo chaõ, a escôxiar, e que logo fora chamar o dito Ajudante Feitor, que vendo no estado em que se achava lhe perguntou se lhe havia jâ dado em alguá occaziaõ a mesma molestia, e com q' se melhorara, e que respondendo lhe, que no mar lhe tinha dado semelhante molestia, mais menos forte, e se lhe deraõ caldos de Gallinha, com que se melhorara, logo sem demora se mandara matar Gallinha, e se lhe deraõ caldos della, e que pizada a mesma se lhe metera pela boca, repetindose lhe, os ditos caldos de Gallinha pizada, e que taõbem se defumara a mesmo más que tudo fora infrutifero, porque morrera pelas quatro horas da madrugada, pouco mais, ou menos e mandando o mesmo Dez.or Prov.or Mór, vir a sua prezença Manoel Gomez S.a Capitaõ do Navio Santa Rosa, e Sñr do Bomfim, em q' o dito Azebro, tinha vindo de Angolla, e a Francisco X.er de Mattos Pilloto do mesmo, e a Jozé Antonio Duarte Gomez, Mestre do mesmo lhe foi mandado declarassem debaixo de juramento, que lhe dera se o dito



Azebro, tivera a mesma moléstia, na vinda de Angolla para esta Cid.e, e com que se melhorara della, e pelos mesmos foi dito debaixo do mesmo juramento, que era verdade que o dito Azebro, padecera da referida molestia no mar, menos forte e violenta, do que a de que falecera, e que aplicando lhe galdos de Galinha, com elles melhorara, do que tudo elle Dez.or Prov.or mór mandou fazer, este termo, que lhe asignou, com todos os sobreditos, e eu Caetano da Costa Brandaõ, Escrivaõ dos Armazeñs dos materies da Coroa, que os escrevy, e posto fé passar todo o referido na verdade. =Cardozo=Caetano da Costa Brandaõ=Silvestre de Araujo Ribr.o=Jozé Antonio Duarte Gomes=Manoel Gomes Silva=Francisco X.er de Mattos Serra=Manoel Vogado=Manoel Francisco Teixr.a=Domingos Duarte de Moraez Silva. Está conforme Bahia 26 de Agosto de 1768.

Figura 50: Termo de declaração de juramento lavrado pelo escrivão dos Armazéns dos Materiais da Coroa. Acima, manuscrito; abaixo transcrição do documento.

O grande acontecimento no tocante à remessa de Zebras da África para Portugal principia com o ofício do capitão mór de Benguela José Vieira de Araújo, informando ao governador de Angola Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho que

> Em 3 do corr.e més [Julho de 1769] fizeraõ montaria os nossos cassadores das Zebras com tal felicid.e qe recolheraõ 13 Animaies ao Corral, qe tinhaõ feito, das quaies por ficar maltratada huá pequena de hû caõ, qe aperseguio, eveyo a morrer, ficando illezas 12, q.e existem vivas, e livres de perigo porqe comem, e bebem bem, e sevaõ domesticando com grande trabalho.
>
> Com este grande alvoroço, depois de mandar prezenciar os ditos animaes, e me certeficaraõ as suas formosuras, me resolvi com o D.r ouv.or, e outros principaes desta terra no dia 13, de hir ver os d.os animaes, e confesso a V. Ex.a ingentem.te, q' me naõ podia apartar daquele citio, e da excelente vista, e ter mesurados sobred.os bixos, e parece que até a Divina providencia premetio q' fossem 6 cazaes igoaes, e para plenitude, até dous filhos o saõ.
>
> Depois deste grande gosto na concideraçaõ do que V. Ex.a ha de ter com esta noticia, me retirei no dia 14, cheyo de mayores cuidados, pela deficuld.e de q se possaõ domesticar com a mayor brevid.e, para as poder por na prezença de V. Ex.a e igoalm.e tirallas daquelle citio desabrido, e polas aqui na minha prezença com mayor cautela, e livar me dos grandes receyos, que me cauzaõ, por estarem taõ longe.
>
> Ali tenho os 3 cassadores com Hua Guerra de pretos bem necessarios, para chegarem palha, e agoa, e defendelos de outros animaes ferozes, de que abunda o Citio com os q.es sefás assistencia de tudo, que hé precizo, e sustento por conta de ElRey, ou Fazenda R.l, para se poderem conservar os d.os pretos, aos q.e igoalm.e tenho mimosiado, e aos cassadores, para com melhor vontade trabalharem neste grande servisso, e do preciozo gosto de S. Mag.e[24].

Ao tomar ciência da captura deste grande número de zebras, Coutinho prontamente comunica tal feito ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, acrescentando que

> como esta aprehençaõ se fes em hum Terreno habitado de inumeráveis Féras, foi precizo, para guardalas, e tratálas, emquanto se domesticávaõ situar, hum grande numero de Negros armados, que com tiros, fógos, e tóque dos seus Instrumentos, afastassemos os Bixos[25].

[24] ARAÚJO, J. V. de, 1769 (19 de Julho). AHU, AHU-CU-001, Cx. 53, D. 61.
[25] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (01 de agosto). AHU, AHU-CU-001, Cx. 53, D. 41

A grande expectativa de Coutinho por esta captura é ainda percebida, neste mesmo documento, quando informa a Furtado que

> como este Lugar [da captura] hé vezinho da Cósta, se praticará o seu embarque o mais depreça, que for possivel: e se a Infinita Mizericordia de Deos, assim como fes este mimo a S. Magestade, o conservár livre de perigo, tomarei a rezoluçaõ de o embarcar em hum Navío do mesmo Senhor, e mandalo em direitura a essa Corte para livralo do mau trato em diferentes maons do Brazil; pois considéro, que quando o gosto de S. Magestade de se interéssa em huma aquiziçaõ tam precióza, e taõ Rara, todo o disvélo hé pequeno, e toda a despeza hé consequente, e justa.

A preocupação[26] com a segurança das Zebras é reforçada em outro documento expedido no mesmo dia, no qual após afirmar que

> certamente nenhum grande Principe da Europa póde conseguir similhante raridade, que a Providencia lhe facilíta, para distinguír inteiramente as altas, incomparáveis e Régias Virtudes de Sua Magestade. Fico trabalhando no módo de as conduzir / se Deos, como espero, as prezervar /; e ainda que julgo melhor mandalas em direitura a Portugal, fazendo Escála, por haver noticias dos Mouros, em algumas das Ilhas; porém temo o Inverno em que vaõ a chegar; e por hora só posso dizer qº me lembra este meio, e q' aproveitarei o que julgar melhor ao tempo de chegárem aqui[27].

Em 28 de Agosto este grupo de doze zebras "das quais, trez estaõ prenhes" [28] ainda se encontrava em solo africano, apesar de

> as ultimas noticias que vieram de Benguela confirmaõ a esperança da sua conservaçaõ, porque já se haviaõ transferido felismente do Lugar em q' foraõ colhidos para outro mais vezinho do que lhe ha de servir ao embarque[29].

A preocupação com a transferência destes animais para a Corte é cada vez mais patente; no ofício de 06 de setembro Coutinho expressa que

> quanto á fórma de sua conduçaõ naõ pósso ainda rezolver com certeza, porque se elas sem perigo se poderem demorár aqui athé Dezembro, hiraõ em direitura a essa Corte em hum Navio de S. Mag.de com ordem de tomar alguma das Ilhas, para que o Governador da mesma disponha a segurança da Traveça; p.ª o que logo a V. Ex.ª os prevîna: quando porém eu veja, que se nam podem demorár, ou que a mórte lhes diminúe o numero, que faz especial a remessa, hiraõ por Pernambuco[30].

[26] Esta preocupação de Coutinho com a segurança destes exemplares tem fundamento pois em momento algum da história das Coleções Zoológicas Vivas Reais, pelo menos no século XVIII, nenhum monarca tinha recebido tamanha quantidade de um animal tão apreciado e tão requisitado pelas cortes europeias.
[27] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (01 de Agosto). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 43
[28] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (27 de Agosto). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 51.
[29] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (28 de Agosto). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 53.
[30] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (06 de Setembro). AHU- Angola, Cx. 53, doc. 59.

Finalmente, em 30 de novembro de 1769, é realizado o esperado embarque destes animais para Lisboa, juntamente com todo o provimento necessário para sua sobrevivência até o porto de Pernambuco, que consistia em:

> Vinte Toneis, dez Pipas, e Sinco Barricas, que tudo leva setenta e duas Pipas de Agoa; Cem Exeques de Milho, além de quantidade dele em espiga; Trez Barris de Mel; Muita quantidade de Palha seca, além de muita que vai verde para os primeiros Dias; Muitas canas de asucar, e Huma Botica completa (Figura 51), para sustento, e cura das Zebras, e mais Animaes Ráros[31];

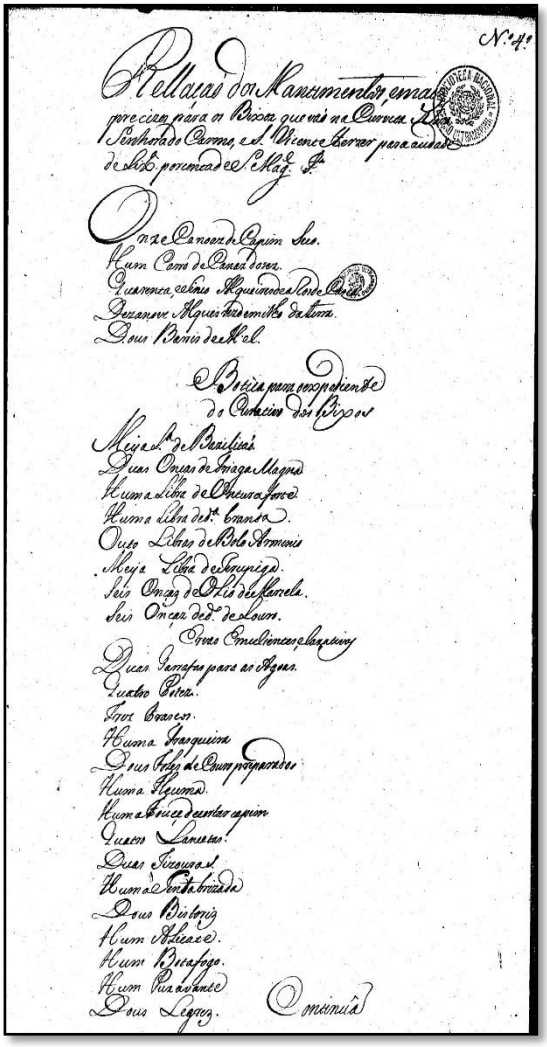
acompanhados da emissão de uma série de documentos nos quais Coutinho relata os diversos procedimentos para se garantir a chegada desta preciosa carga a seu destino final, a Coleção Zoológica Viva de D. José I.

Em carta endereçada ao Governador de Pernambuco[32], por exemplo, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho informa a necessidade de a embarcação realizar uma escala nesta Capitania para seu reabastecimento com mantimentos frescos não só para os animais mas também para a equipagem, assim como da imprescindibilidade da utilização de navios para seu comboio até a cidade de Lisboa, ressaltando, ainda, que todo este procedimento "merece pela sua raridade, e pelo gosto de El Rey Nosso Senhor hum disvelo, hum trabalho, e hum cuidado superior a toda a concideraçaõ".

Coutinho aconselha o governador de Pernambuco a realizar a troca dos oficiais (mestre e pilotos) por "outros mais habeis, e capazes de dar conta do Navio", visto que os procedentes de Angola "naõ saõ capazes dehir a Lisboa", pela diferença de navegabilidade existente entre as águas tropicais, comum na rota Angola / Brasil, e a dos mares da Europa.

Outro procedimento executado por Coutinho foi conceder a Manoel António Tavares, capitão do navio encarregado pelo transporte dos animais de Angola até Pernambuco, um passaporte para, caso necessitasse fundear em qualquer porto durante seu trajeto, tal documento facilitaria o contato com os governadores destas localidades para que remediassem todo o auxílio indispensável, a fim de garantir a integridade da carga transportada e, caso tivesse algum problema em alto mar, os "Comandantes de Navios Estrangeiros lhe dess[em] todo o Socorro de que necessita[sse], na certeza de que em iguais cazos se pratica[ria] o mesmo da nossa parte".

[31] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de Novembro). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 75.
[32] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de Novembro). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 75.

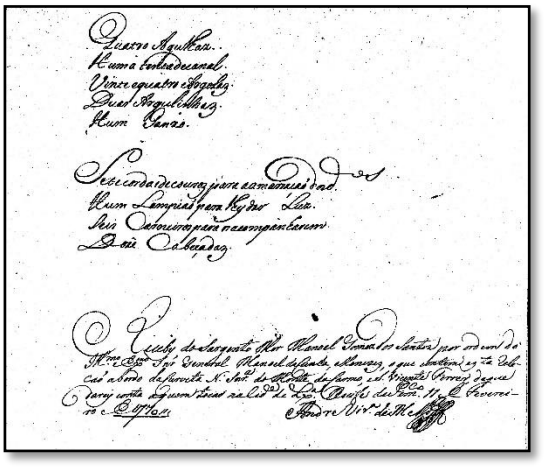


Rellaçaõ dos Mantimentos, e mais
precizos para os Bixos que vaõ na Curveta Nossa Senhora do Carmo, e S. Vicente Ferrer para a cidade de Lisb[a]. por conta de S. Mag[e]. F.

Onze Canoas de Capim Seco.
Hum carro de Canaz dosez.
Quarenta, e Sinco Alqueires de aroz de Casca.
Dezanove Alqueirez de milho da terra.
Dous Barris de Mel.

Botica para o expediente
do Curativo dos Bixos

Meya L[a]. de Bazilicaõ.
Duas Onças de Triaga Magna.
Huma Libra Untura forte.
Huma Libra de d[a]. branda.
Outo Libras de Bolo Armenio.
Meya Libra de Jerupiga.
Seis Onças de Olio de Marzela.
Seis Onças de d[o]. de Louro.
Ervas emulientes, e laxativos.
Duas Garrafas para as Agoas.
Quatro Potez.
Trez Frascos.
Huma Frasqueira.
Dous Foles de Couro preparados
Huma Fleuma.
Huma Fouçe de cortar capim.
Quatro Lancetas.
Duas Tizouras.
Huma Tenta brizada.
Dous Bistoriz
Hum Alicate.
Hum Botafogo.
Hum Puxavente.
Dous Legrez. Continua



Quatro Agulhaz.
Huma tenta de canal.
Vinte e quatro Argolaz.
Duas Argulinhaz.
Hum Ganxo.

Sete cordas de couroz para a amarraçaõ dos d[os].
Hum Lampiaõ para lƐe dar Luz.
Seis [ilegível] para os acompanharem.
Dozê Cabeçadaz.

Figura 51: Botica para tratamento dos bichos[33].

Um dos documentos mais enfáticos envolve as obrigações que deveriam ser seguidas pelo capitão Manoel António Tavares. Neste documento Coutinho expõe que:

[33] MENESES, M. da C. e, 1770 (10 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373.

Posto que parece desnecessária a recomendaçaõ do trato, e cuidado, que merecem as zebras, porque a confiança que fasso do oficial a quem encarrego a sua conduçaõ, bastaria para que tudo o possivel se praticasse em seu obzequio, principalmente se elle condiderar, que tendo a honra de levar á prezença de Sua Magestade huns Animáes em que enteressa o seu gosto, todo o disvelo, todo o trabalho, e todo o cuidado saõ muito inferiores á necessidade de prezentalos no estado de merecer atençaõ, quando do contrario nenhum pezar pode ser igual ao de dezagradar ao mesmo Senhor; por cuja razaõ recomendo huma eficasia, e hum zelo, que sejam capazes de contribuir ao mesmo ditozo fim, e mando, que o dito Capitaõ alternando os quartos com o tenente Albano de Caldas asistaõ sempre ao trato das Zebras, e como se lhe dá super abundantemente tudo o necessário ficaõ indesculpáveis na menor omissãm.

Hiraõ em direitura ao Porto de Pernambuco, e posto que o dito Capitaõ deve executar as ordens do Ill.mo Ex.mo Snr Governador daquela Capitania, sempre lhe reprezentará as que eu lhe dou, para que á vista delas tome sua Ex.a sobre si a alteração, que julgar mais própria ao fim da referida conduçaõ.

Naõ desembarcaraõ as Zebras se chegarem em bom estado, e só o faraõ no cazo em que absolutamente naõ possaõ passar sem este refresco, porque achandose custumadas abordo devem ser livres das pancadas, e perigos, que ocorrem em repetidos embarques, e desembarques, sendo muito melhor quanto possivel for, que no mesmo Navio se recuperem de Mantimentos frescos.

O dito Capitaõ requererá ao Senhor Governador mude os oficiaes do Navio sustituindoos com outros, que sejaõ capazes de Levalo á Costa de Portugal, e que o asista de tudo o que carecer a dita Embarcaçaõ, e que podendo dar lhe comboy para sua segurança em Navios da Companhia lho facilite, como tambem que os mesmos Navios Levem sobreselentes de Palha, e Agoa de que vaõ servindo as Zebras, para poupar a que for no proprio Navio, e servir nas ocazioens de mau Tempo.

No cazo em que athé o Dia vinte de Fevereiro naõ haja comboy / parecendo ao dito Senhor Governador / sehirá de Pernambuco só, ehirá em direitura ahuma das Ilhas Portuguesas, seja a da Madeira, seja a Terceira, para receber novo refresco e as ordens de Sua Magestade que provavelm.te alí achará, e quando as naõ encontre requererá ao Snr Governador da Ilha a que abordar, determine a segurança da Travessa, ou seja dando parte á nossa Corte, ou havendo noticia de guarda costa a que se incorpore: Nos Mares da Europa hiraõ as Zebras no segundo comodo, que vai feito na camara, porque será precizo fechar as Escotilhas do Porãm.

Como naõ só devo prevenir os cazos ordinarios de huma felis viajem, mas os extraordinarios, e infelizes, que nesta grande distancia naõ posso saber, e que o Todo Poderozo afaste desta conduçaõ, ordeno, que no cazo disgraçado deverse em perigo certo de ser rendido por Mouros, ou outra qual quer Nasçaõ Inimiga, que se tenha Levantado em Guerra, mate os ditos Animaes, porque naõ suceda que a sua raridade se comunique a outra Nasçaõ sem expressa ordem de Sua Magestade.

Morrendo alguma das Zebras, fará constar em Lisboa o disvelo com que lhe asistio, e prezentará a Pele, e por esta ordem ficará responsavel de tudo o que obrar, tendo entendido, que logo que chegar a Lisboa deve dar parte ao Ill.mo e Ex.mo Snr Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Ministro, e Secretario de Estado, e emquanto naõ receber as suas ordens naõ deixará chegar nenhuma Pessoa ao Navio, nem dezembarcar couza alguma, e sucedendo aribár a algum Porto de Portugal ou de Espanha, por extrema necessidade, despachará Logo hum proprio por Terra ao mesmo Senhor, sem cuja resposta naõ sahirá

> do dito Porto, em que estiver aribado para o de Lisboa, salvo tendo comboy seguro[34].

Por último, para coibir a saída de outras Zebras de Angola, Coutinho manda publicar, no mesmo dia do embarque dos exemplares para Lisboa, um Bando (Anúncio Público) no qual estabelece sanções a quem tentasse enviar estes animais, sem o consentimento Real, para fora da colônia.

Neste ato o governador determina

> aos Capitaens mores de Portos do Mar, e Ministros, que nos mesmos houver, os naõ deixem embarcar sem ordem deste Governo, pena de serem suspensos dos seus Empregos, e Remetidos a Sua Magestade, em cuja pena incorrerãm igualmente os Mestres de Navios, que os Receberem a seu bordo: Naõ prohibo porém, que todas, e quais quer Pessoas Habitantes nos Certoens de Benguela, e Caconda possaõ aprehender quantos quizerem para o seu serviço comúm dentro das mesmas Terras, e para as conservarem prontas no cazo que Sua Magestade as mande comprar para o seu Real Serviço: e para que nenhuma Pessoa alegue ignorancia se publicará, e afixará este nas partes publicas, e custumadas, e se registará na Secretaria de Estado deste Reino, e aonde mais tocar[35].

Mal tendo realizado a remessa deste grupo de animais, o governador escreve a Francisco Xavier de Mendonça Furtado informando que

> se Sua Mag.ᵉ quiser mais Zebras póde mandar nesta delig.ª o ten.ᵉ, q' as vai conduzir, e q' as aprehendeu com outro q' mando p.ª os mesmos Terrenos, e cuido, q' naõ só o mesmo sñr terá q.ᵗᵃˢ quizer, mas os Povos se fossem mais habeis as reduziriaõ ao seu ser.º, visto, q' está descuberto o meyo de segurálas, o q' consiste unicamente em naõ entender com ellas os pr.ᵒˢ quinze Dias depois de aprehendidas p.ª, q' se lhe modére a braveza[36].

A corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrer, sob o comando do capitão Manoel António Tavares, com esta preciosa carga de animais deu entrada no porto de Pernambuco no dia 09 de Janeiro de 1770, após 40 dias de viagem[37]. Um dado importante a ser comentato aqui é que todos os documentos que relatam o transporte das Zebras, e demais animais, citam, até então, treze Zebras; contudo, o recibo expedido pelo capitão André Vieira de Melo, encarregado pela condução desta embarcação do porto de Pernambuco para Lisboa, declara o recebimento de 12 animais; não existindo, contudo, nenhum documento que ateste o falecimento de um exemplar durante esta travessia.

---

[34] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de Novembro). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 75.
[35] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de Novembro). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 75.
[36] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (04 de Dezembro). AHU-Angola, Cx. 53, doc. 83.
[37] MENESES, M. de C. e, 1770 (10 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373.

Esta embarcação só içou âncora do porto de Pernambuco no dia 10 de fevereiro, fazendo com que estes animais ficassem mais de trinta dias embarcados “em terra”, sob os cuidados da equipagem, antes de seguirem para Lisboa.

Meneses ainda informa em seu ofício que

> Seguindo os avizos que me fez o dito Governador nas cartas mencionadas, madei fazer toda a despeza do concerto que necessitava a Embarcaçaõ; nova ordem de pano que precizava; compra de mantimentos para a viagem, tanto para sustento da Tripulaçaõ, como dos Animaes, e do que gastaraõ estes na demora que fizeraõ neste Porto, por conta da Fazenda Real do mesmo Reino de Angola; para o que a Companhia Geral do Comersio destas Capitanias, suprio com a competente quantia de Dinheiro, que no dito Reino lhe ha de ser satisfeito por Letra sacada pela mesma Companhia sobre a Provedoria da Fazenda daquela Repartiçaõ[38].

É de se estranhar como uma carga tão preciosa, que envolveu um aparato sem precedentes para a captura e transporte destes exemplares da África até a Europa, gerado uma série de documentos como pudemos observar ao longo deste tópico, não seja acompanhada por registros, pelo menos nos arquivos consultados, que atestem a chegada desta manada de Zebras a Lisboa.

Araújo (2010, p. 66) cita que entre “1770 e 1775, cerca de dez zebras foram enviadas de Angola, conduzidas por soldados e negros e instaladas num pátio próprio” do Palácio de Belém. Pelo relato acima apresentado, baseado nos manuscritos consultados nesta pesquisa, o desembarque destes exemplares em Lisboa, certamente, deve ter ocorrido e se deu precisamente no ano de 1770.

O Museu da Presidência da República de Portugal, localizado no Palácio de Belém, para onde seguramente este bando de Zebras foi enviado e instalado durante o século XVIII, na área denominada Pátio das Zebras, apresenta em seu sítio eletrônico[39] um conjunto de documentos datados de 1772 a 1792 que tratam da manutenção destes animais. Destes, quatro registros são especialmente importantes, pois atestam a morte de cinco exemplares, uma ocorrida em 1775[40], duas em 1777[41], além de outras duas que aconteceram, respectivamente, em 1779[42] e 1780[43], cujas peles foram salgadas.

Após essa remessa de doze Zebras da África para Lisboa, fato ímpar para a história das Coleções Zoológicas Vivas na Europa, o próximo exemplar desta espécie só chegaria a Portugal em 1772[44].

O último registro encontrado no qual é citada a captura de exemplares desta espécie, é um ofício do governador de Benguela, Pedro José Correia de Quevedo

---

[38] MENESES, M. de C. e, 1770 (10 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373.
[39] <http://www.museu.presidencia.pt/arquivo.php>.
[40] Casa Real/Cx.3589/M.11 (documento não consultado).
[41] Casa Real/Cx.3592/M.1 (documento não consultado).
[42] Casa Real/cx.3596/M.4 (documento não consultado).
[43] Casa Real/Cx.3598/M.6 (documento não consultado).
[44] COUTINHO, F. I. de S., 1772 (06 de Agosto). AHU-Angola, Cx. 56, doc. 59.

Homem e Magalhães, de 1787, no qual, defendendo-se das acusações do governador-geral de Angola, que o acusava de ter realizado encargos, para proveito próprio, sobre as remessas de animais enviadas a Lisboa, este comenta que o assunto lhe

> cauzou o maior desgosto; porq.' recebendoa [a carta com a acusação] em ocaziaõ q.' estava combatido de huma furioza cezaõ [?], me inflamei de fr.ª , q.' cheguei a perder o sentido com a força da febre, enxendo-me de tal disgosto q.' alguns folegos vivos [animais] q.' tinha p.ª S. Mag.e morreraõ a falta de trato, porq.' tendo eu saude tudo se faz na m.ª prez.ça, e por maons de negros, por bons q.' sejaõ, tudo sam descuidos; e do q.' tive mais sentim.to foi de huma Zebra, q.' morreo talvez por sede, e fome[45].

Diferentemente dos exemplares enviados à Inglaterre e à França, ilustrados no início deste relato (Figura 49), a espécie proveniente nas remessas de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII era, certamente, a Zebra-de-Damara (*Equus quagga antiquorum*).

Outro animal que dispensou um profundo cuidado por parte de Coutinho, para sua remessa à Corte, foi um Leão branco[46], provavelmente um raro exemplar leucítico do Leão-sul-africano (*Panthera leo krugeri*) (Figura 52).

Figura 52: Leão-sul-africano (*Panthera leo krugeri*). À esquerda exemplar com pelagem normal; à direita um exemplar leucítico.
Fotos disponíveis em: <https://www.ecocompanion.com/blog/white-lion-conservation-sustainability-story-of-the-week/> (esquerda), <https://inhabitat.com/conservation-group-reports-that-west-african-lions-are-on-the-verge-of-extinction/lion/> (direita). Acesso: 23 Dez. 2017.

[45] MAGALHÃES, P. J. C. de Q. H. e, 1787 (17 de Julho). AHU-Angola, Cx. 72, doc. 38.
[46] O Leão branco é uma variedade do Leão-sul-africano (*Panthera leo krugeri*), distinguindo-se deste por apresentar uma pelagem clara, quase branca, uma rara mutação genética denominada leucismo. Estes espécimes não são exemplares albinos, os quais, por não apresentarem melanina na pele e terem os olhos vermelhos, possuem uma grande sensibilidade à luz solar. Desta forma, o leucismo não provoca deficiências fisiológicas como observado no albinismo, sendo a única desvantagem dos exemplares leucíticos a reduzida capacidade de camuflagem que apresentam, dificultando a caça. O Leão branco faz parte do imaginário religioso de alguns povos que habitam a região sul do Continente Africano, estando associado à prosperidade e à fartura de recursos, além de sua cor representar um sinal da benevolência, presente em todos os seres vivos. Os últimos Leões brancos na natureza foram observados em 1993, na África do Sul; desde então, devido à caça, não foram mais vistos em estado natural. Em 2003, iniciou-se um projeto de reintrodução destes exemplares no Parque Nacional do Kruger, existindo, atualmente, cerca de 20 animais leucíticos mantidos em uma área restrita do Parque, para evitar que se reproduzam com os leões de pelagem normal (Fonte: Wikipédia).

A história deste exemplar inicia-se com o ofício de Coutinho, datado de 03 de Abril de 1767, no qual o governador informa que

> Hoje tive a fortuna de executar as ultimas Ordens de Sua Magestade, aprehendendo na vizinhança desta Cidade hum Ferocisimo Leaõ branco, e que nos dias antecedentes tinha feito hum grande estrago nos Gados, e imposibilitado as Gentes de sahir fóra de noite, porque por estas mesmas ruas passeava. Mandei fazer lhe huma caza de madeira similhante a huma Ratoeira, introduzilhe hum Bezerro, e imediatam.te cahio; fica prompto a partir no primeiro Navio, se com a prizaõ naõ parmar, pois como hé o unico que até agóra se colheu vivo nestas Regioẽns ignoramos as suas qualidades; e naõ foi mais sedo executada esta diligencia, porque sendo estes Animáis de corso, e tendose lhe aqui o respeito, que eles merecem, era muito dificil a sua aprehençaõ, e sô a fortuna a podía facilitar (COUTINHO, 1767 (03 de abril). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 17).

Dois dias após despachar este ofício, em carta endereçada ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o governador comenta que evitaria "transportálo p.º Brasil, e se athé o fim deste Més naõ houver Navio dessa Corte mando hum Barco de S. Mag.e a leválo, o q' fará m.to menor despéza do q' o pagam.to dos Praças necesarios á gayóla e aos gastos nos Navios mercantes", exaltando, ainda, nesta carta, as qualidades deste animal, tendo a certeza de que "El Rey N. S. se agradará vendo o mais fero, e formozo Animal, q' ainda vio outro algum Principe", e que apesar de "m.to novo pois lhe começam a sahir as Prezas, [...] já transportava hum Boy p.a fora dos curraés, q' tem altos Muros"; alimentando a esperaça de que o mantivesse vivo pois, "athé o pres.te está bem, e cóme bem, naõ obstante trabálho, q' dá pela vimia Fereza, e por, q' naõ pensando q' cahiria tam gr.de Bixo foi fraca a pr.a Caza, e se lhe está fazendo a q' déve conduzilo com toda a segurança, e comodidade" (COUTINHO, 1767 (08 de abril). ANTT, Condes de Linhares, liv. 99).

Apesar de não termos registros que atestem o dia do embarque deste animal em Luanda, um documento emitido na Bahia[47] relata que o mesmo fora trazido pela sumaca Santa Alma e Almas do Mestre José Rodrigues do Nascimento e, tendo chegado à Bahia, "se conserva vivo na Ribeyra das Náos, desta Cidade té o dia da data deste [22 de maio de 1767]".

Apesar das grandes diligências feitas por Coutinho, este raro exemplar de felino ainda se encontrava em solo baiano no dia 12 de Junho, como demonstra o ofício do Vice-rei e governador geral do Brasil, António Rolim de Moura[48],

> Pela Náo de Licença me esquecêo dizer a V. Ex.a, q.' aqui se acha hú Leaõ, q.' mandou o Governador de Angólla, para sêr remettido a S. Mag.e, porem como este chegou a tempo, que assim a dita Náo de Licença, como o chancarona estàvaõ jà a abarrotàr, e o Sargento q.' veyo encarregàdo do d.º Leaõ, diz que elle naõ come de boa vontade se naõ fôlgos [?] vivos, como Carneiros ou Vitéllas, e isto pucha por

[47] ALBUQUERQUE, J. P. de C., 1767 (22 de Maio). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55.
[48] ROLIM, A. R. de, 1767 (12 de Junho). AHU_ACL_CU_005, Cx. 159, D. 12110.

> grande provimento da d.ª matalotagem, e de ago e mantimento p.ª élla; naõ podia embarcar-se em nenhúa das Náos, sem ellas tirarem húa porsaõ da sùa càrga, e retardárem a sùa viàgem p.ª se por prompto o q.' èra necessàrio p.ª o trato do dito Leaõ. Pelo q.' as deichei fazer viàgem, servindo-me da Náo Campelo q.' està a partir brevem.te, por sêr grande, e acomodada p.ª o d.º Leaõ, e p.ª tudo o de q.' necessita de mantimentos, e agoa, sem receber os prejuizos que as outras tinhaõ, por estár entaõ em principio de carregar. Dizem-me que por tudo este mez há de sahir, e como fica d.º, há de levar a encomenda. Ainda q.' hé grande, naõ tem atè agora grenha, por ser nôvo, (segundo o conductor disse) de hum anno pouco mais, ou menos; e como depois que aqui está tem engordado, espero que chegue sem lhe fazer màl o caminho.

Em ofício de 15 de Agosto, Coutinho expressa o desejo de "que o Leaõ, que mandei pela Bahia, chegue vivo á prezença de S. Magestade"[49], sem saber que o mesmo já se encontrava nessa Capitania, informação esta que só expressará seu conhecimento no ofício de 31 de outubro[50] quando descreve sua alegria em saber "que o Leaõ havia chegado á Bahia, e que ali se conservara vivo dois Mezes, e Meyo, e que com a mesma disposiçaõ ficáva embarcado no Navio Campelo".

Contudo este contentamento estava impregnado por uma grande insatisfação decorrente da demora no reenvio de tão preciosa carga para Lisboa; expectativa que é novamente ressaltada no documento de 17 de Dezembro[51] endereçado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado lamentando que um animal "digno de chegar depreça á Real Prezença do meu Senhor", tenha permanecido tanto tempo no Brasil, correndo o risco de padecer antes de poder ser contemplado pelo Rei.

No documento de 16 de Março de 1768, quase um ano após a captura do Leão em solo angolano, Coutinho manifesta seu contentamento ao saber que este raro exemplar finalmente chegara a Lisboa.

Estes relatos descrevem bem a conturbada trajetória pela qual passam os animais desde a sua captura nas longínquas colônias até sua chegada, quando esta se concretiza, à metrópole. O que mais chama nossa atenção, contudo, é a falta de informação sobre estes animais após seu desembarque e posterior encaminhamento para a Coleção Zoológiva Viva Real. O caso do Leão branco acima descrito, talvez um dos primeiros registros de um animal com estas qualidades na Europa, durante o século XVIII, é um destes exemplos.

Certamente a remessa de uma enorme quantidade de pássaros, realizada no início de seu governo, assim como dos 23 mamíferos de grande porte, enviados ao final de sua gestão, exemplificam o forte desejo de agradar ao rei D. José I, esperando, em troca, que este o renomeasse para algum cargo mais representativo na Europa. Esta

[49] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (15 de Agosto). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47.
[50] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (31 de Outubro). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55.
[51] COUTINHO, F. I. de S., 1767 (17 de Dezembro). AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65.

suposição fica evidente na carta escrita ao Inquisidor-mor, secretário e supervisor da rainha D. Mariana Victoria de Bourbon, Paulo António de Carvalho e Mendonça:

> Meu compadre, meu amigo, e meu Senhor: Há séculos, que naõ tenho Cartas de V. Ex.ª; e jamais imaginei, que tanto durásse, a minha vida, quanto me figuraõ a saudade, e a áfliçaõ, que tenho vivido Longe de V. Ex.ª, nam posso eu explicar o tormento desta separação, nenhuma idéa feliz / se eu a tivesse / seria capaz de consolarme, porque ainda a mesma esperança de restituirme á prezença de V. Ex.ª; sendo sojeita á demóra neste Clima, perde toda a força de prazer, que devia cauzárme; e assim envolto em tantos trabalhos naõ sei o que digo, nem o que faço, e só posso reiterar humildem.te as minhas suplicas, para que V. Ex.ª se empenhe na minha restituição, considerando, que estou taõ aruinados, q' apenas me pósso lembrar de que tive a fortuna de ser favorecido de V. Ex.ª; e de merecer lhe pela minha fidelidade a compaixaõ de que me necessíto, e que só póde, mediante o auxilio do Ceo, conservarme a minha vida por alguns dias mais, depois de seis annos taõ trabalhosos[52].

Fato é que, aproximadamente um ano após a remessa deste grupo de mamíferos de grande porte para a Coleção Zoológica Viva de D. José I, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho voltou a Lisboa sendo nomeado embaixador na Espanha.

Outro governador que remeteu uma grande quantidade de animais para Lisboa foi António de Lencastre, sucessor de Coutinho. A queda da quantidade de exemplares remetida, observada no gráfico anteriormente apresentado, ocorrida em 1776 foi, muito provavelmente, consequência direta do terremoto que destruiu Lisboa em 01 de novembro de 1755; enquanto o baixo quantitativo de animais enviado entre o período de 1784 a 1790, durante o governo de José de Almeida e Vasconcellos de Soveral e Carvalho, último governante angolano do século XVIII, pode ser explicada pelo prolongado período de seca e de doenças que atingiram Angola (Tabela 17), afetando não só os nativos, responsáveis pela captura dos animais, como também o próprio efetivo de animais que costumavam frequentar as regiões onde eram capturados com mais frequência.

Tabela 17: Desastre naturais ocorridos em Angola no período de 1782 a 1792.

Ano	Desastres naturais
1782-1783	Colheita fraca
1785	Falta de chuva
1786	Falta de chuva / falta de alimento / varíola
1787	Falta de chuva / falta de alimento
1788	Falta de chuva / falta de alimento / doenças
1789	Fome
1790-1792	Seca / fome

Fonte: CURTO & GERVAIS, 2002, p. 122.

Ao todo foram embarcados para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII, procedente de Angola, 15.705 animais (Tabela 18).

[52] COUTINHO, F. I. de S., 1769 (05 de dezembro). AHU- Angola, Cx. 53, D. 85.

Tabela 18: Relação dos animais enviados de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantitativo
AVES		
Assafroiñs	Não identificada	8
Ave curioza	Não identificada	1
Ave de Rapina	Não identificada[53]	2
Benguelinhas, Benguellas	*Crithagra atrogularis*	347
Bicos de Lacre, Bicos de latta (Pequés)	*Estrilda astrild*	132
Bigodes, Passarinhos amarelos chamados Bigodes, Negral, Negraes	*Crithagra mozambica*	31
Canario, Canarios	Provavelmente *Crithagra sulphurata*	12
Cangueis, Camgueis	Não identificada	457
Cardeaes Benguellas	Não identificada	3
Cardeaes, Cardiais	Não identificada	128
Cecios	Não identificada	24
Cessios com as costas pardas, papos e bicos vermelhos	Não identificada	13
Coleiras	Não identificada	18
Cravos	Não identificada	12
Embacas, Imbaca, Imbacas, Baca	Não identificada	38
Falcaõ	Não identificada[54]	1
Galinhas, Galinhas de mato, Galinhas do mato, Galinhas do matto, Galinhas do mato pintadas	*Numida meleagris galeata*	291
Golas, Gollas	Não identificada	31
Maracachoens, Mallacachoens, Marracachoens, Marracaxoens, Maracaioens, Maracaxóens, Maracaxoeñ, Maracaxoiñs, Maracaxongos, Maraches, Maracaxóes sinzentos pellas costas e pardos pello peito	Não identificada[55]	233
Maraquejaõ azul de Angola	Não identificada	1
Maripozas	Não identificada	29
Marreca	Não identificada	1
Marrinete, Martinete	Provavelmente *Nycticorax nycticorax*	2
Martinetes grandes	Não identificada	2
Monsenhores, Munsenhores	*Granatina granatina*	129
Papagayos	Não identificada[56]	2

[53] Termo geral normalmente utilizado para designar os representantes das Ordens Falconiformes (Falcões), Accipitriformes (Gaviões), e Strigiformes (Corujas), podendo até mesmo ser utilizado para nomear os Cathartiformes (Urubus). Neste caso, provavelmente é uma referência a algum representante das duas primeiras Ordens já os Strigiformes, por apresentarem uma morfologia típica, normalmente seriam referidos pela denominação "Coruja". Os Cathartiformes seriam descartados, já que esta Ordem é restrita às Américas.

[54] Vide explicação relativa à "Ave de Rapina".

[55] Mbalakaxongo: Pássaro canoro conhecido pelo nome de "maracachão" (Dicionário Kimbundo-Português. Disponível em: <https://archive.org/stream/dicionriokimbu00assiuoft#page/16/mode/2up>. Acesso: 20 out 2017. Existem duas espécies de Maracachões encontradas em Angola, o Maracachão-de-asa-verde (*Pytilia melba*) e o Maracachão-de-asa-laranja (*Pytilia afra*).

[56] Esta denominação é empregada para nomear não só o Papagaio-cinzento (*Psittacus erithacus*) mas também os representantes do gênero *Poicephalus*, do qual podem ser encontradas quatro espécies em

Papagayo Sinzento	*Psittacus erithacus*	1
Pardais de cores	Não identificada	4
Passarinho rajado de cinzento e branco	Não identificada	1
Passarinho todo negro	Não identificada	4
Passarinhos muito esquezitos	Não identificada	4
Passarinhos prettos e brancos	Não identificada	4
Passarinhos que mudam em prettos	Não identificada	16
Passaro amarelo	Não identificada	1
Passaro d'agoa, Passaro de Agoa	Não identificada[57]	2
Passaro marinho	Não identificada	1
Passaro rajado pardo, e amarello	Não identificada	1
Passaros de bico e peito encarnados	Não identificada	84
Passaros de bico encarnado	Não identificada	17
Passaros de coleira encarnada	Não identificada	2
Passaros, Passaros de cores, Passaros de cores diversas, Passaros de varias cores, Passaros de toda a qualidade, Pasarinhos de varias qualidades, Passarinhos de cores	Não identificada	11940
Passaros de Ryo	Não identificada[58]	2
Passaros grandes, Passaros grandez, Passaros mais grandes, Passaros grandes de diferentes expecies	Não identificada	75
Passaros grandes amarelos de cabeça preta	Não identificada	2
Passaros grandes de Angolla com seus penhaxos na Cabeças	*Balearica regulorum*	2
Passaros muito grandez e belos	Provavelmente *Balearica regulorum*	3
Passaros vermelhos	Não identificada	2
Patos [bravos], Patto, Patos do Sertaõ	Não identificada[59]	5
Periquitos, Piriquitos	Não identificada[60]	32
Pombas, Pombas brabas	Não identificada	6
Rolas com roda vermelha nos olhos	*Columba guinea*	5
Rolas de Angola pequena	Não identificada	8
Rolas de cores	Não identificada	12
Rolas Grandes	Não identificada	8
Segonha	Não identificada	2
Seleças, Selences, Seleçeças	Não identificada	49
Sexes, Seches azuis, Xexes, Azulaõ, Azulóes	*Uraeginthus angolensis*	374
Viuva branca e negra bico vermelho, Viuva rajada de branco e bico encarnado, Viuva com o bico vermelho rabo comprido peito branco e as coztaz prettas	Provavelmente *Vidua macroura*	3
Viuva com o papo amarello e corpo rajado	Não identificada	1

Angola, o Papagaio-de-Meyer (*Poicephalus meyeri*), o Papagaui-Rupelii (*Poicephalus rueppellii*), o Papagaio-de-Jardine (*Poicephalus gulielmi*) e o Papagaio-de-bico-grosso (*Poicephalus robustus*).

[57] Possivelmente algum representante da Família Ardeidae.

[58] Possivelmente algum representante da Família Ardeidae.

[59] Referência a alguma espécie da Família Anatidae.

[60] Termo empregado para designar os Psittacideos de pequeno porte. Em Angola são chamados de periquitos os exemplares do gênero *Agapornis*, representados pelas espécies: Inseparável-de-cabeça-vermelha (*Agapornis pullarius*) e Inseparável-de-faces-rosadas (*Agapornis roseicollis*).

Viuva, Veuvas, Viuvas, Viuvas de cauda, Viúvas, das grandes, e pequinas, Viuvas de varias qualidades, Viuvas grandes, viúvas de duas castas	Não identificada[61]	709
Viuvas com os corpos rajados e os peitoz sinzentoz	Não identificada	2
Viuvas com os rabos compridos o corpo rayado e a cabeça pretta	Não identificada	2
Viuvas grandes de uma cor	Não identificada	40
Viuvas pardas, Viuvas pardas de bico encarnado, Viuvas pintadas de pardo e pretto	Provavelmente *Vidua regia*	200
Viuvas pequenas de bico encarnado, Viuvas pequenas de bico incarnado, Viuvas de bico vermelho, Viuvas com os bicos vermelhos e os corpos rajados	Não identificada	38
Viuvas pretas de bico branco	Possivelmente *Euplectes hartlaubi*	31
Viuvas pretas de cauda comprida	Não identificada	3
MAMÍFEROS		
Carneiro	Não identificado[62]	1
Cefo, Sefo (Boi Bravo)	*Taurotragus oryx*	2
Corças	Não identificado[63]	4
Elefante	*Loxodonta africana*	3
Guilengue	*Oryx gazella*	1
Leaõ	*Panthera leo bleyenberghi*	1
Lobo, Lôbo, Lobo de Angolla	Provavelmente *Crocuta crocuta*	3
Macaco, Macacos	Não identificado[64]	17
Macaco pequeno com o nariz branco	Possivelmente *Cercopithecus ascanius*	1
Onça[65]	*Panthera pardus*	5
Rato do Cetaõ	Não identificado	1
Seles	Não identificado	2
Veadoz[66]	Não identificado	2
Zebra	*Equus quagga antiquorum*	16
Total de animais enviados		15.705

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

Apesar de a África ser o continente onde registramos a maior quantidade de exemplares da chamada “megafauna”, constituída por mamíferos de grande porte, a quantidade destes exemplares nas remessas realizadas, não só de Angola, mas também das demais colônias portuguesas na África, é extremamente baixa quando

[61] Termo genérico empregado para designar várias espécies das Famílias Viduidae e Ploceidae.
[62] Nomenclatura genéria empregada para designar alguns representantes da Família Bovidae.
[63] Este termo normalmente é empregado para designar os representantes de pequeno porte da família Cervidae; como esta Família não apresenta representantes no Continente Africano, estes exemplares são muito provavelmente Gazelas da Família Bovidae.
[64] Termo genérico empregado para designar os representantes da Ordem Primata. Neste caso específico, deve estar relacionado a alguma espécie da Família Cercopithecidae.
[65] Estes exemplares são, na verdade, leopardos. O termo “onça” é empregado para designar os felinos de grande porte encontrados nas Américas.
[66] O termo correto para designar estes exemplares seria “Antílope” (Família Bovidae), já que o termo “Veado” é utilizado para nomear os representantes da família Cervidae, os quais não apresentam representantes na Região Zoogeográfica Etiópica.

comparado com o embarque de aves. No caso específico de Angola, a maior quantidade destes exemplares foi realizada durante o governo de Coutinho, como relatamos anteriormente; entretanto, quando comparado com as Aves embarcadas o número destes Mamíferos torna-se insignificante já que aquelas constituíram 99,62% de todos os animais embarcados desta colônia (Figura 53).

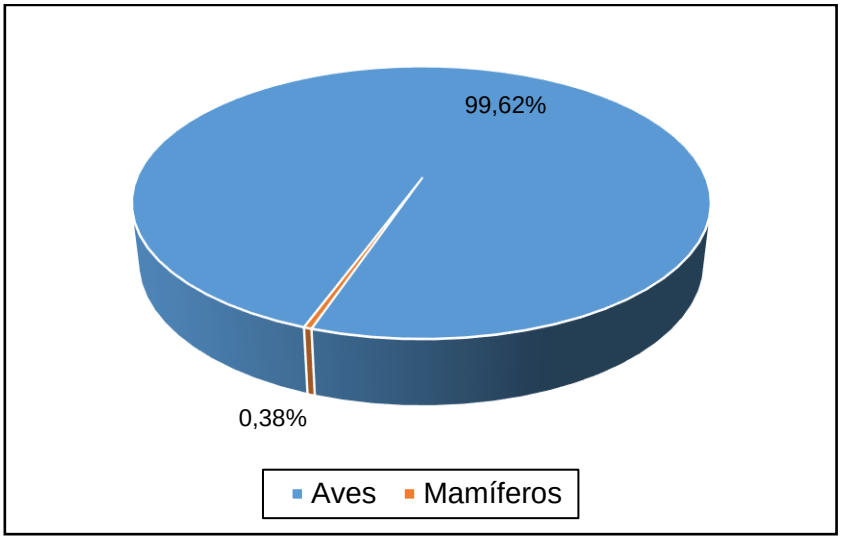


Figura 53: Grupos de animais remetidos de Angola para Lisboa durante o século XVIII.

De todas as colônias que enviaram animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas Angola foi, indubitavelmente, a que mais contribuiu nesta parcela; entretanto, é também o território que apresenta a menor taxa de exemplares identificados (Figura 54). A justificativa para tal fato recai exatamente na remessa quase exclusiva de aves e, principalmente, pela utilização de uma nomenclatura regional para sua descrição, como “Embaca” e “Cangei”, impossibilitando sua identificação, assim como pelo uso de nomenclatura genérica como “Pássaros de cores”.

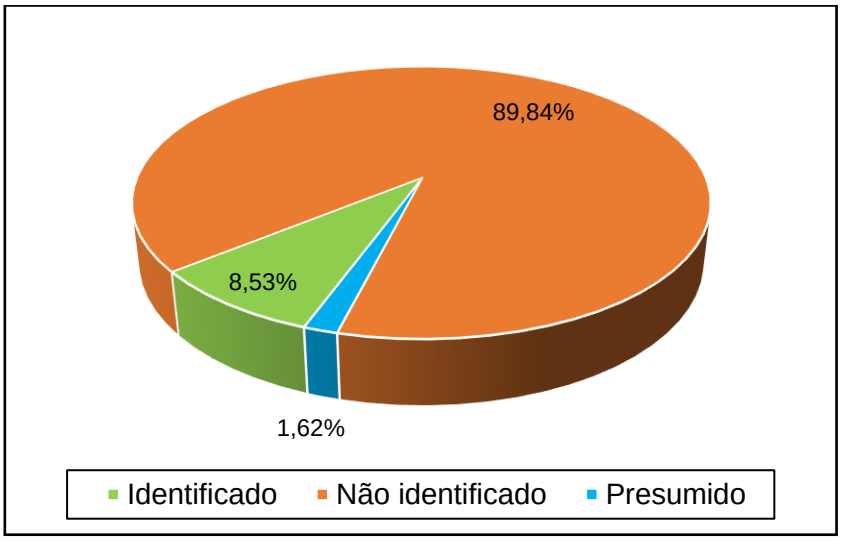


Figura 54: *Status* dos exemplares citados nas remessas provenientes de Angola.

Diferentemente dos Mamíferos, onde apenas três exemplares remetidos de Angola não puderam ser classificados a nível de Família (Figura 55), a maior parte das Aves oriundas desta colônia não puderam ser identificadas nem mesmo nesta categoria (Figura 56).

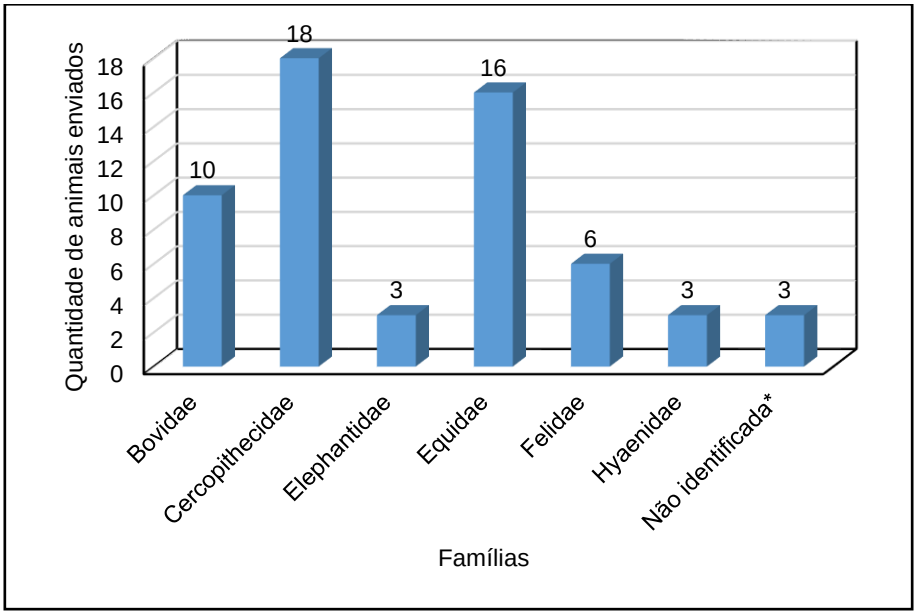


Figura 55: Relação das Famílias de Mamíferos remetidas de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Referente a 01 “rato do sertaõ” e de 02 “Seles”.

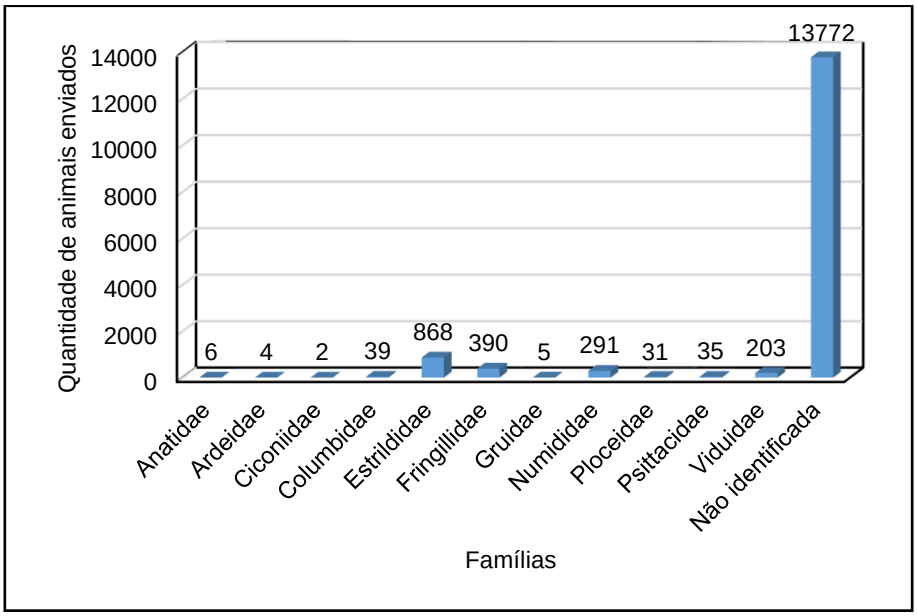


Figura 56: Relação das Famílias de Aves remetidas de Angola para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Conseguimos, também, pela análise dos documentos levantados para este território, determinar que efetivamente 2.428 exemplares morreram durante a viagem

até Lisboa, dois exemplares, respaldados por documentação encontrada, chegaram vivos a Lisboa[67] e 13.302 tiveram seu paradeiro desconhecido (Figura 57).

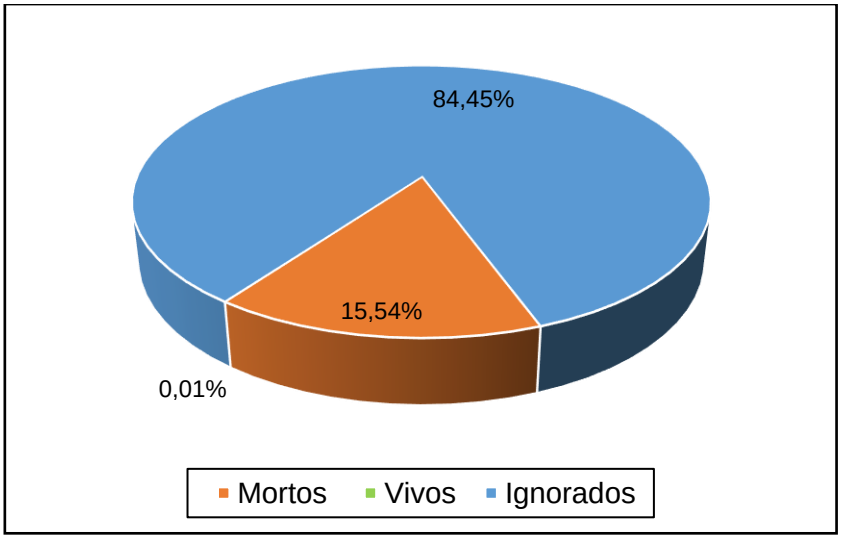


Figura 57: Percentagem de animais remetidos de Angola que chegaram a Lisboa.

4.3.1.2 Cabo Verde

A documentação referente ao território de Cabo Verde, depositada no AHU, abrange 8.024 registros distribuídos em 112 caixas, das quais 61 foram analisadas nesta pesquisa, perfazendo um total de 4.333 documentos consultados correspondentes os anos de 1602 a 1807.

Durante esta análise, deparamos diversos registros que tratam da remessa de produtos naturais (minerais, plantas e animais fixados) desta colônia para a metrópole, fato este justificado pela visita do naturalista João da Silva Feijó[68] a esse arquipélago entre os anos de 1783 a 1796.

Concernente ao envio de animais vivos de Cabo Verde para Lisboa, foram encontradas 14 referências, a grande maioria constituída por documentos que retratam remessas de exemplares da fauna da África continental, mais especificamente da região da Guiné, uma consequência de esta região ter ficado sob a administração direta de Cabo Verde de 1640 a 1879.

---

[67] Este valor irrisório de animais vivos está baseado nos manuscritos analisados. Certamente este número é bem maior, como deve ter ocorrido com os Elefantes e as Zebras, nas descrições realizadas no texto, assim como muitos pássaros enviados; uma remessa de onze Galinhas-do-mato remetidas por Coutinho (1767 (15 de agosto), AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47), por exemplo, comprovadamente chegaram a Lisboa como atesta uma anotação à margem deste ofício descrevendo que “os Passaros que chegaram vivos foram recolhidos aos viveiros das Quintas de S. Mag.e”.

[68] Uma análise mais detalhada da pesquisa e dos relatórios de viagem de João da Silva Feijó pode ser encontrada em: ROQUE, A. C.; TORRÃO, M. M. (Coord.). De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e remessas científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796) vol. II – Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Julho de 2014.

As ordens régias provenientes de Lisboa, recebidas pelos governadores de Cabo Verde, eram reenviadas aos representantes da Coroa na Guiné. Este procedimento pode ser observado no ofício de Jácome de Baena Henriques, governador das Ilhas de Cabo Verde, encaminhado ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no qual o governador informa a notificação, ao governador de Bissau e capitão-mor de Cacheo sobre a solicitação Régia para o envio de "todos os paçaros, e animaes quadrupedes"[69] requisitados por Lisboa. Os documentos que descrevem a remessa destes animais provenientes do Continente, emitidos em Cabo Verde, são apresentados no tópico referente à Guiné.

Como muitas ilhas oceânicas o arquipélago de Cabo Verde apresenta uma fauna nativa pobre em vertebrados terrestres da Classe Mammalia, restrito a algumas espécies da Ordem Chiroptera (Morcegos); por outro lado, observa-se um predomínio de exemplares do grupo das Aves, constituído por 254 espécies[70], sendo muitas de hábitos marinhos, além dos Répteis que perfazem 38 espécies[71].

A única ave nativa destas ilhas citada em quatro ofícios expedidos pelo governador de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, é referida pelos termos "Linus"[72], "Linces"[73], "Lins"[74], "Lyns" e "Azuloins"[75] (Figura 58). Contudo, Lobo justifica a ausência destas aves nas remessa solicitadas por Lisboa, pois as mesmas

> se sustentaõ de insectos, e por esta razaõ se naõ podem conservar e domesticar, seg.do as experiencia, senaõ criandose de piquenos, cujo tempo hé de Julho em diante, e naõ há prezentem.te alguns, p.r naõ ter havido athé agora semelhante curiozid.e nestes habitantes, em razaõ tbem de naõ cantárem, motivo p.r que naõ vaõ alguns já, mas se fica nessa delig.a a que me aplicarei com a exacçaõ q'devo[76].

No ofício de 25 de maio de 1774 Lobo relata que

> naõ me hé possivel remeter daqui os taes Linces, que a V. Ex.a noticiey, porque tendosse conseguido apanharem se m.tos a delig.ca de excessivo interesse, que prometi de minha algibeira, e tratandosse os ditos Passaros com o mayor cuidade, huns duraraõ vivos só onze dias, outros menos, sem que ficace algú[77].

[69] HENRIQUES, J. J. de B., 1767 (08 de março). AHU-Cabo Verde, Cx. 30, D. 50.
[70] LEPAGE, D. 2017. Disponível em: <https://avibase.bsc-oc.org/checklist.jsp?region=CV&list=clements>. Acesso: 20 Ago. 2017.
[71] VASCONCELOS, R.; BRITO, J. C.; CARRANZA, S.; HARRIS, J. Oryx, 47 (1), 77-87, 2013.
[72] LOBO, J. S. de S., 1774 (23 de fevereiro). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 67.
[73] LOBO, J. S. de S., 1774 (25 de maio). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 62.
[74] LOBO, J. S. de S., 1776 (20 de março). AHU-Cabo Verde, Cs. 35, D. 10.
[75] LOBO, J. S. de S., 1775 (15 de março). AHU-Cabo Verde, Cx. 34, D. 19.
[76] LOBO, J. S. de S., 1774 (23 de fevereiro). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 67.
[77] LOBO, J. S. de S., 1774 (25 de maio). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 62.

Figura 58: Provável referência à Ave denominada “Linus” nos documentos provenientes de Cabo Verde, Passarinha (*Alcedo leucocephala acteon*). Foto: J.I.Padilha.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/55031801@N02/7077412845>. Acesso: 15 out 2017.

A tentativa de remeter para a Corte estes exemplares “azuis, e pretos, bico vermelho comprido, e do corpo do melro”[78] pode ser observada, ainda, no ofício de 20 de março de 1776 onde o governador descreve que tem

> adquerido m.tos e ainda novos, p.a os criar em minha caza, p.a os domesticar, de nenhum modo, e a nenhuá deligencia os pude concervar, por naõ comerem couza alguma, por se sustentarem só em liberdade de insectos, e por isso impossivel remetellos vivos[79].

A remessa de animais para as Coleções Zoológicas Reais, constituídas por exemplares vivos ou mortos, não se restringia aos espécimes selvagens com características ditas “normais”, indivíduos domésticos portadores de aberrações estruturais despertavam muito interesse, constituindo itens de destaque nestas Coleções. No material de Cabo Verde encontramos três registros que atestam tais remessas. Em 01 de abril de 1798, Antonio Pusich, comandante do Brigue de Guerra Dragão, foi responsável pela entrega de “huma vaquinha anaã de sete annos de idade, taõ recomendavel pela sua raridade, como domesticidade, assistindo a meza come de algumas iguarias, e bebe chá”[80]. Neste mesmo ofício Bastos informa que “em outra occasiaõ remetter[á] hú boizinho anaõ, o que naõ fiz[era] agora, como bem desejava por naõ caber no tempo á sua conducçaõ da Ilha do Fogo, achandose na parte a mais remota ao tempo da conduçaõ desta”.

Dois outros documentos, datados de 09 de agosto de 1798 e de 20 de maio de 1799, dizem respeito à remessa de animais com más-formações; o primeiro de “2

[78] Pela descrição realizada por Lobo podemos identificar estes exemplares como Martins-pescadores-de-cabeça-cinzenta (*Halcyon leucocephala acteon*), conhecidos, atualmente, em Cabo Verde pelo nome “passarinha”.
[79] LOBO, J. S. de S., 1776 (20 de março). AHU-Cabo Verde, Cs. 35, D. 10.
[80] BASTO, M. A., 1798 (01 de abril). AHU-Cabo Verde, Cx. 51, doc. 41.

Cabras com dois pez, e huma maõ cada huma [e] 1 d.ª com hum pé, e duas maons"[81] enviadas no Bergatim Nossa Senhora da Conceipção, do Mestre Narcizo Martins e o segundo de "1 Capoeira com huma galinha de huma só aza [e] 1 Cabrinha com duas maons no peito"[82] que seguiram no Bergantim Boa Amizade sob o comando do Mestre António Vaz Curvelo[83].

A única referência que trata da remessa de animais nativos, provenientes das Ilhas de Cabo Verde, para Lisboa (Apêndice II, Tabela 19) é o documento emitido pelo governador Marcelino António Basto enviado a Rodrigo de Souza Coutinho, ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, em 12 de março de 1798[84]. Neste documento Basto relata a remessa de doze caixotes com produtos naturais, cinco caixotes com plantas vivas e "quatro lagartos do Ilheo razo [e] hum d.º desta Capitania [Santiago]" pelo navio Nossa Senhora do Bom Despacho sob o comando do capitão Joaquim Pereira Machado.

A importância desta remessa incide não só no fato de incluir representantes da Classe Reptilia, raramente contemplados dentre os espécimes enviados à metrópole, mas por abrigar, muito provavelmente, exemplares do extinto Lagarto-gigante-de-Cabo-Verde (*Macroscincus coctei*), espécie endêmica dos ilheus Razo e Branco (Figura 59), que podiam atingir 60 centímetros de comprimento[85].

Apesar de não termos uma descrição do quinto réptil que fazia parte desta remessa, este era, muito provavelmente, um Lagarto (*Mabuya vaillanti*), pois, apesar de a ilha de Santiago, de onde este exemplar era proveniente, abrigar seis espécies de lagartos, esta é a maior espécie de Scincidae[86] encontrado nesta ilha[87], mesmo atingindo a metade do tamanho do extinto Lagarto-gigante-de-Cabo-Verde.

---

[81] BASTO, M. A., 1798 (09 de agosto). AHU-Cabo Verde, Cx. 51, doc. 69.
[82] BASTOS, M. A. 1799 (20 de maio). AHU-Cabo Verde, Cx. 52.
[83] Os animais portadores de aberrações morfológicas despertavam a curiosidade por serem itens não tão frequentes, logo muito solicitados nas Coleções de História Natural. A existência de animais vivos com más-formações, por serem ainda mais raros, tinham grande valor para seus proprietários.
[84] BASTO, M. A., 1798 (12 de março). AHU-Cabo Verde, Cx. 51, doc. 31.
[85] Uma curiosa coincidência a respeito do *Macroscincus coctei* é o espaçamento de um século entre o ofício emitido por Basto (1789), a visita do naturalista italiano Leonardo Fea ao Ilheu Razo em 1898, um dos últimos cientistas a observar e coletar exemplares vivos desta espécie, e a expedição organizada pelo Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino, que durante o ano de 1998 visitou os ilheus de Razo e Branco estimulada pela "redescoberta" de 26 *Macroscincus coctei* depositados neste Museu, o maior número de exemplares desta espécie mantido por uma instituição. Outro naturalista, o italiano Mario Giacinto Peracca, chegou a possuir 40 exemplares vivos oriundos do Ilheu Branco em um terrario, na localidade de Chivasso, próximo a Turim, na Itália, durante o ano de 1891 (ANDREONE, 2000, p. 18).
[86] Os Scincidae formam uma das Famílias de lagartos com maior diversidade não só quanto ao número de espécies, cerca de 1.200, mas também pela grande variedade morfológica que apresentam.
[87] As seis espécies de lagartos encontrados na ilha de Santiago são: Osga-de-santiago (*Tarentola rudis*) - 72 mm; Osga-de-Darwin (*Tarentola darwini*) - 64 mm; Osga-leopardo (*Hemidactylus brookii*), espécie continental introduzida pelo Homem - 120 mm; *Mabuya delalandii*, - 190 mm; Lagartixa-do-Sotavento (*Mabuya spinalis*) - 170 mm e Lagarto (*Mabuya vaillanti*) - 260 mm (PINHEIRO, 2007).

Tabela 19: Animais enviados de Cabo Verde para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
RÉPTEIS		
Lagarto do Ilheo razo (Lagarto gigante de Cabo Verde)	Provavelmente *Macroscincus coctei*	04
Lagarto da Ilha de Santiago	Provavelmente *Mabuya vaillanti*	01

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

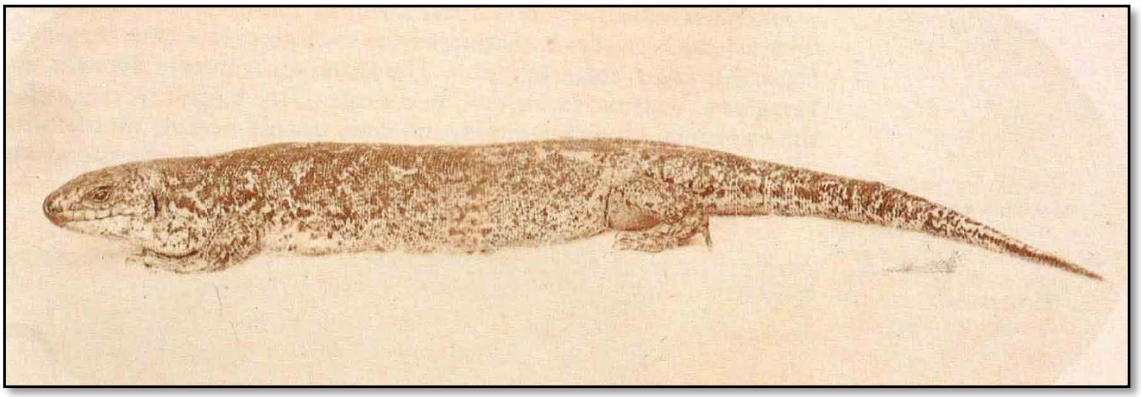


Figura 59: Fotografia de um exemplar vivo do extinto Lagarto-gigante-de-cabo-verde (*Macroscincus coctei*) datada de 1873.
Disponível em: <http://www.algogar.com/doccaboverdeingles.htm>. Acesso: 17 Jun. 2017.

É interessante ressatar que o único registro que retrata a remessa de Répteis vivos realizada das colônias africanas para Lisboa foram estes exemplares provenientes das Ilhas de Cabo Verde.

Infelizmente não temos registros que comprovem a chegada destes animais vivos a Lisboa, o que, muito provavelmente, deve ter ocorrido pela resistência natural destes espécimes a períodos prolongados de inanição.

4.3.1.3 Guiné

O material referente ao território da Guiné, atual Guiné-Bissau, presente no acervo do AHU está constituído por 2.086 documentos acondicionados em vinte e seis caixas, das quais foram analisadas, nesta pesquisa, dezesseis, correspondentes aos anos de 1614 a 1803, totalizando 1.265 registros. Destes, apenas seis abordam a remessa de animais para Lisboa; uma número insignificante se considerarmos que, no começo da exploração marítima realizada por Portugal, a costa da Guiné foi um grande fornecedor de produtos, incluindo animais vivos, para a metrópole, como pudemos verificar no Capítulo 3 desta pesquisa, principalmente quando nos reportamos à Coleção Zoológica Viva mantida pelo rei D. Afonso V.

Neste tópico descrevemos não só o material recolhido no AHU referente à Guiné como também aquele relativo a Cabo Verde cujas remessas relatam o envio de animais

provenientes da costa ocidental da África. Nesta documentação, especificamente, merece destaque a carta do capitão mor António de Araújo Castro que descreve a diversidade da fauna encontrada na Guiné.

> Respeito a 2.ª carta de orden's do serv.co de S. Mage. F. determinadas por ó [ilegível] S.r Governador das Ilhas de cabo V.e, para que neste continente de Guiné me enforme se nelle há ós Pasaros chamados Pica flor, Granadeiros, Antas, Tamandoas; e Outros coais quer que tenhaõ corez agradaveis[88]; digo, que em Bissaó, Cacheo, e Neste, adonde fis transitto em diligencias de V. Serviso; naõ encontrey noticias dos d.os Pasaros que pellos ditos nomes sejaõ conheçidos; excepto o Pica flor que me diçerasse avia no Sertaõ desta prassa; e me deraõ por sinal ser mais pequeno do qe Pomba, cór amarella, e encarnada, bico algú tanto curvo, e m.to agradavel no canto[89].
>
> Há outro a que chamaõ Coté cór sinzento[90], e o canto ademiravel.
>
> Há outro a que chamaõ Sisne[91] que dizem hé major do q.' hú grande perú, tem cores agradaveis, de branco, preto, é encarnado, e desta, bico, e pernas: canta deliçioza m.te coando vay caindo de idade, e a cantar morre; asim m.tas pessoas mo afirmaõ nesta prassa.
>
> Há Pombas verde[92] em abundançia e tambem dizem que cantaõ pleglinam.te
>
> Há huá Avé a que chamaõ Gamga[93] com sua trumfa na cabessa tem cores agradaveis de preto, branco, e encarnado, pernas compridas, e de grande estatura: Eu o afirmo pella ver, pella alturas voando.
>
> Há Pavoiñs[94] de coalid.e grande, e pequena, Eu vy estes nos aruores do matto, em hú dia q.' aelle say ádvertirme.
>
> Para com [ilegível], há m.ta variedade de Aves agradaveis, em todo Este continente q.' se ignoraõsse seos nomes, e todos os nomiados, ó seu sustento pode ser arros e milho do País que tem parçencas com arpista.
>
> Emcoanto aos Animais, me afirmaõsse que no Reyno de Saçe [?] distante desta Prassa 3 dias de viagem há no deserto huá lagoa de agoa adonde vay beber toda a casta de animal a saber, Alefante, Liaõ, Urso, Tigre[95], Unicorne[96], Cabruncullo[97], Ginga[98], que hé de grandioza estatura pintada de encarnado, e br.co, e emfim toda a mais casta de animal lá vay deminhã, e de tarde, adonde com homés ástutos, com armadilhas / dizem / se poderá fazer alguá amarraçaõ, q.do naõ seja nos pais poderá ser nos filhos.

---

[88] É interessante comentarmos aqui o desconhecimento do capitão-mor dos animais solicitados no ofício enviado de Lisboa, já que o mesmo trata as Antas e os Tamanduás como representantes do grupo das Aves.

[89] Os Pica-flores referidos por Castro são representantes da Família Nectariniidae, presentes no Continente Africano e Asiático. Esta Família é distinta daquela que abrange os Pica-flores (Beija-flores) encontrados nas Américas os quais pertencem à Família Trochilidae. A descrição realizada por Castro deve ser uma referência ao rabilongo-bronzeado (*Cinnyris pulchellus*).

[90] Exemplar não identificado.

[91] Provável referência ao Pato-ferrão (*Plectropterus gambensis*).

[92] Referência aos Columbidae do Gênero *Treron*.

[93] Grou-coroado-preto (*Balearica pavonina*)

[94] Nome utilizado para designar os representantes da Família Musophagidae.

[95] Talvez uma referência ao Serval (*Leptailurus serval*).

[96] Apesar de muitos pensamentos e crendices estabelecidos no século XVI ainda impregnarem o imaginávio das sociedades durante o século XVIII, principalmente em relação aos animais que povoavam regiões pouco exploradas do interior da África e da América, a utilização do termo "Unicorne" por Castro deve, muito provavelmente, ser uma referência ao Órix-de-cimitarra (*Oryx dammah*), animal que, apesar de encontrar-se atualmente extinto em estado natural, apresentava uma vasta distribuição ao norte do Continente Africano, desde a Mauritânia até o Sudão.

[97] Exemplar não identificado.

[98] Provável referência à Gazela-pintada (*Tragelaphus scriptus*).

> Há outro a que chaõ Gazellas[99] com cór de asafraõ, e algumas pintadas, eu vy huá com altura de 4 palmos, pernas compridas, e m.to delgadas e m.to domestica em caza do Governador da fortaleza de Bissaõ, que pondolle a meza hera a prim.ra figura que se chegava, come paõ, carne, e tudo o que lhe daõ, e apanhando papel, lensos, e guardanapos, tambem ós engolia.
>
> Na dita Prassa vy outro animal a q' chamaõ Sinsim[100] do tamanho de hú grande Jumento, orelhas grandes, cabello comprido, e groço e pouco agradavel na cór e pata de Boy.
>
> Fes altas diligencias p.a haver a maõ algumas das ditas Aveis, e Animais prometendo pagam.tos vultados, ao menos por algú mais façel, e de gosto, o q.' naõ foy posivel, respeito o gentio ser descriozo, e total.te desmazelado, e os forros cristaon's da mesma sorte, e outro sim temem m.to hir ao certaõ para naõ serem captivos hun's dos outros, de sorte que para sahirem da Prassa, ou de suas habitasoin's em procura de mantim.o, Escravos, e mais effeytos, o fazem navegando em canoas pellos Rios / de q.' todo o continente está emcruzado / armados de sorte que naõ sahem sem hirem dispostos para a Guerra, e no mayor risco[101].

Nesta carta Castro cita diversos animais que serão enviados da Guiné para Lisboa, como veremos ao longo deste tópico.

Dos seis documentos levantados no arquivo relativo à Guiné o documento despachado pelo engenheiro Manoel Germano da Matta[102], apesar de não descrever o embarque efetivo de animais, menciona que

> em estes Paizes [Guiné] ha huá especia de animais quadrupes do feitio e forma de gumento os quas se comem, tem a unha rachada servem e carregaõ e correm velos M.te fico na emcansavel diligensia delles eja se me premeteo hum chamoms Simcim, os potros marinhos só a espingarda he q.' se apanhaõ porcauza da defeza q.' as eugoas fazem emfim boas diligencias tenho feito porem sem fruto Mas persuadome q.' na primeira embarcaçaõ q.' sair deste porto dispois da q.' vai carregas devera ira o simcim com alguns pombos verdes [103].

Consequentemente, temos apena cinco registro que efetivamente relatam o embarque de exemplares da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, sendo dois datados de 1774 e outros dois que foram remetidos em 1776, portanto durante o reinado de D. José I; enquanto o último documento encontrado, descreve uma remessa realizada em 1777, já no início do reinado de D. Maria I.

Foram encontrados, também, como mencionado anteriormente, exemplares provenientes da Guiné descritos nos registros relativos a Cabo Verde, assim como em

---

[99] Termo genérico empregado para designar várias espécies da Família Bovidae.
[100] Referência ao *Kobus defassa*.
[101] CASTRO, A. de A., 1774 (01 de maio). AHU-Cabo Verde, Cx. 33, D. 59 b.
[102] MATTA, M. G. da, [ca. 1766]. AHU_CU_049, Cx. 9, D. 803. Apesar de este documento não estar datado, ela é estimada para o ano de 1766, pois o engenheiro Manoel Germano da Mata chegou a Bissau em 1765 com o propósito de coordenar a construção da fortaleza de São José.
[103] O termo "Potros-marinhos", utilizado por Malta é uma referência ao Hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*). Os dois outros animais descritos neste ofício o Sincim (Sim-sim - *Kobus defassa*) e os Pombos-verdes, dos quais existem duas espécies na Guiné-Bissau, o Pombo-verde-amarelo (*Treron waalia*) e o Pombo-verde-africano (*Treron calvus*) vão aparecer nas remessas descritas adiante.

documentos oriundos do Brasil que descrevem a chegada de navios da África (Apêndice III).

A análise desta documentação revela que, ao todo, foram realizadas vinte remessas envolvendo animais provenientes da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante os anos de 1756 a 1799 (Figura 60).

Nestas remessas é relatado o embarque de, pelo menos, 142 exemplares (Tabela 20), já que em duas delas, realizadas nos anos de 1756 e 1798, não foi informado o quantitativo de Galinhas-do-mato enviadas.

Das 16 variedades de animais detectadas para a Guiné, a grande maioria (81,69%) era constituída por representantes da Classe das Aves (Figura 61).

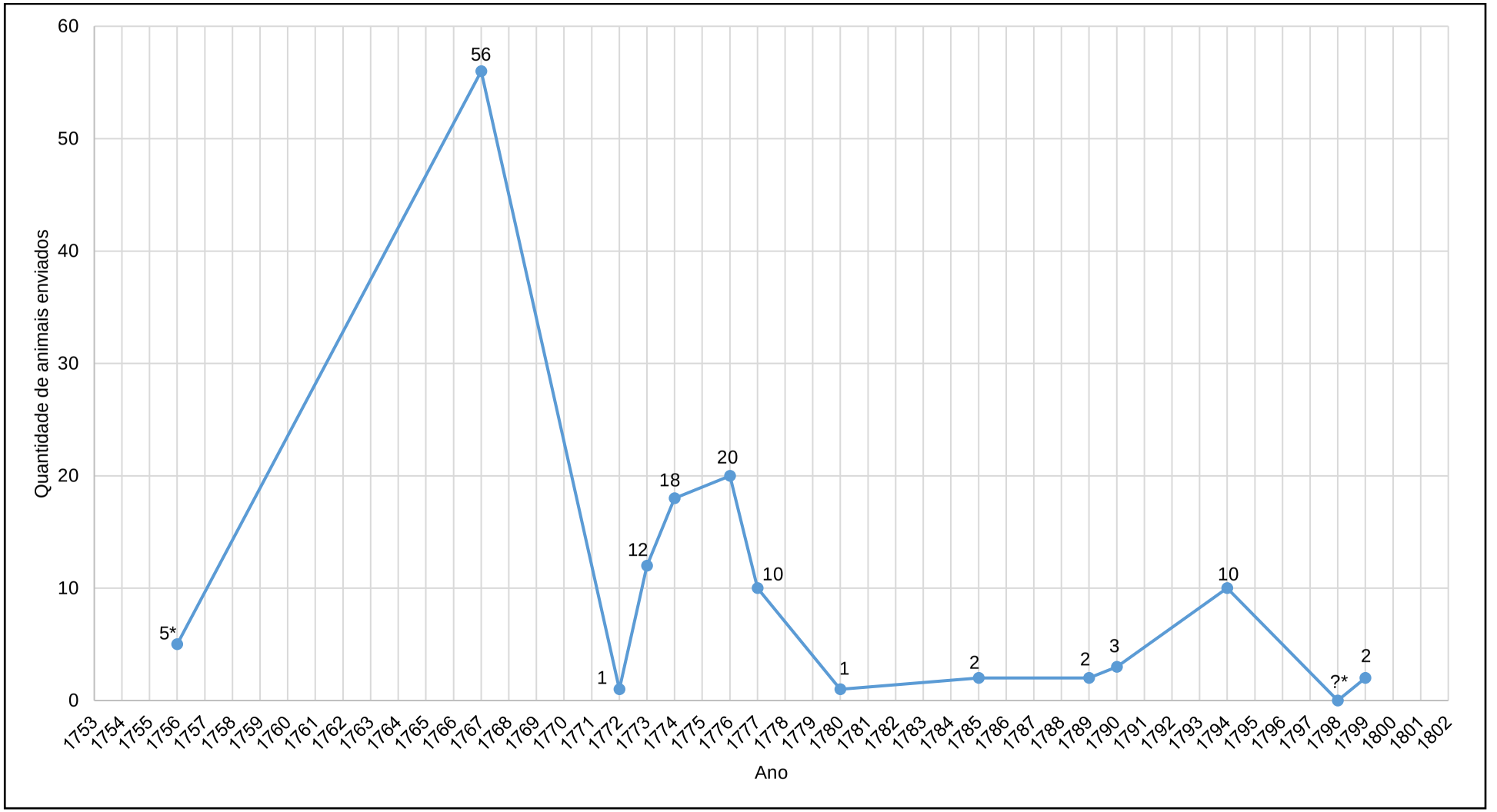


Figura 60: Quantidade de animais remetidos da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: Os valores com asterisco incluem remessas que não informaram o número de exemplares enviados.

Tabela 20: Relação dos animais enviados da Guiné para Lisboa durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Galinhas de Matto, Galinhas do Mato, Galinhas do Matto, Galinhas da Costa da Guine, Galinhas pintadas	*Numida meleagris galeatus*[1]	67
Ganço da Costa da Mina, Ganços da costa	Possivelmente *Alopochen aegyptiacus*[2]	7
Ganga, Gangas	*Balearica pavonina*	7
Papagayos Piquenos de Guine	Provavelmente *Poicephalus senagalus*[3]	2
Passarinhos de Goré	Não identificada	10
Patos da Costa com puorins nas azas, Pattos da Costa, Pato Ferraõ	*Plectropterus gambensis*	6
Pavoens	Não identificada[4]	13
Piriquitos	*Agapornis pullarius*	2
Rollas	Não identificada[5]	2
MAMÍFEROS		
Boys da Costa da Guine	Possivelmente *Syncerus brachycerus*	2
Cahorro de Mangue, Cachorrinho de Mangue	Provavelmente *Herpestes paludinosus*	2
Corça, Corssa	Não identificada[6]	2
Gato de Algaria, Gato de Algalia, Gatto de Algalia	*Civettictis civetta*	15
Lobo, Lobo pintado	Provavelmente *Crocuta crocuta*	2
Porco espinho	Possivelmente *Hystrix cristata senegalica*	1
Simsim	*Kobus defassa*	2
Total de animais enviados		142

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.
Nota: Nesta relação não foram computados o Simsim nem os Pombos verdes, citados no documento de Matta ([ca. 1766]. AHU_CU_049, Cx. 9, D. 803), por não ter sido comprovadamente registrado o embarque destes exemplares para Lisboa.

[1] Não estão computados os exemplares referidos nos ofícios de 23 de janeiro de 1756 e de 01 de abril de 1798, por não citarem o número de exemplares enviados.

[2] São identificadas 11 espécies de Anatidae para a Guiné-Bissau <http://avibase.bsc-eoc.org/checklist.jsp?region=gw&list=clements5&lang=PT>, destas pelo menos cinco estão presentes em Portugal, não justificando, a princípio, sua remessa para a metrópole durante o século XVIII. Das seis espécies restantes, três se destacam pelo seu tamanho, o ganso-do-Egito (*Alopochen aegyptiaca*), o Pato-ferrão (*Plectropterus gambensis*) e o raro Pato-de-crista (*Sarkidiornis mela*notos). O ofício de Antonio Vaz de Araújo (18 de junho de 1776 - AHU_CU_049, Cx. 10, D. 890, entretanto, cita a remessa de "02 Ganços e 02 Pattos desta costa", uma indicação de que são espécies distintas.

[3] Na África o termo papagaio é utilizado para designar os exemplares pertencentes aos gêneros *Psittacus* e *Poicephalus*, diferentemente do termo periquito empregado na denominação dos exemplares do gênero *Agapornis*. A nomenclatura empregada "Papagayos piquenos" provavelmente é uma alusão ao Papagaio-do-senegal (*Poicephalus senegalus*), cujos exemplares atingem, em média, 23 centímetros de comprimento em oposição ao Papagaio-cinzento (*Psittacus erithacus*) e ao Papagaio-de-bico-grosso (*Poicephalus robustos*) que apresentam um comprimento médio de 33 centímetros.

[4] O termo "Pavão" é empregado, na Guiné-Bissau, para designar os representantes da família Musophagidae. Na região da Guiné, são encontrados quatro representantes desta família: o Turaco-grande (*Corythaeola cristata)* também chamado de Pavão-gigante ou Cocó-dum-dum (indígena, onomatopaico) podendo atingir 75 centímetros de comprimento; o Turaco-verde (*Tauraco persa*), também denominado de Pavão-verde ou Turaco-da-Guiné, com 43 centímetros; o Turaco-violeta (*Musophaga violacea*), também conhecido pelo nome de Pavão-real e o Pavão-cinzento (*Crinifer piscator*), estes dois últimos atingem um comprimento de 50 centímetros (Figura 62).

[5] Nome genérico utilizado para designar vários representantes da Família Columbidae.

[6] O termo corça é empregado para designar os representantes de pequeno porte da família Cervidae; entretanto esta família não apresenta representantes nativos no continente africano. Possivelmente é uma referência a exemplares de pequeno porte da família Bovidae.

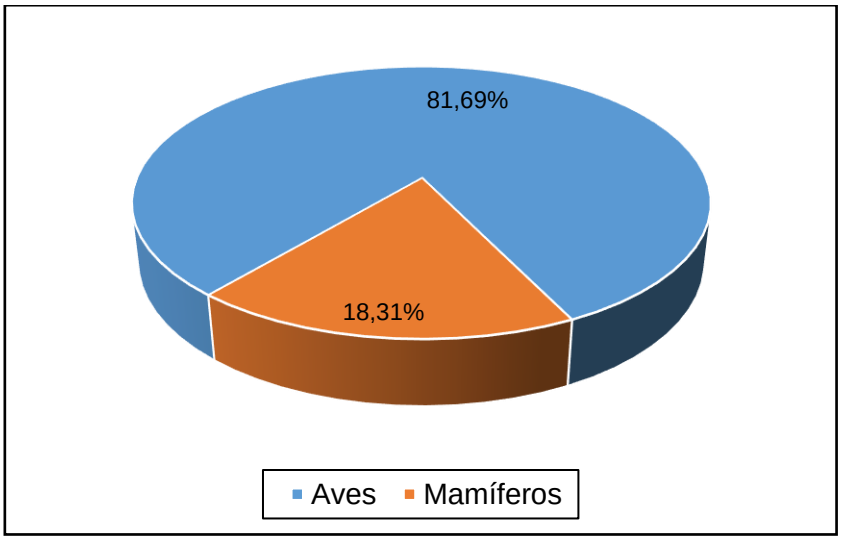


Figura 61: Grupos de animais remetidos do território da Guiné para Lisboa durante o século XVIII.

Turaco-grande (*Corythaeola cristata*)

Fonte: 위더윙즈 @wtws_1224

Turaco-violeta (*Musophaga violacea*)

Foto: Biswarup Satpati

Pavão-cinzento (*Crinifer piscator*)

Foto: N Johnston

Turaco-verde (*Tauraco persa*)

Foto: Arthur Chapman

Figura 62: Musophagidae encontrados na região da Guiné, normalmente designados pelo termo “pavão”.

Mais de 80% dos animais citados para o território da Guiné puderam ser identificados, ou tiveram sua identificação presumida, a nível de Espécie (Figura 63). Em relação à identificação dos exemplares a nível de Família, foi possível classificar todos os vinte e seis exemplares da Classe Mammalia em cinco Famílias distintas (Figura 64), sendo o mamífero mais representado nas remessas de animais oriundos da Guiné, o Gato-de-Algália (*Civettictis civetta*), exemplar que sempre estiveram dentre

os preferidos da Corte, reforçando o valor destes exemplares desde o século XVI, não só na Coleção Zoológica Viva de D. Manuel I, mas, principalmente, na Coleção mantida por D. João III e D. Catarina de Áustria, como pudemos constatar ao reportarmos a estas coleções no Capítulo 3 desta Tese.

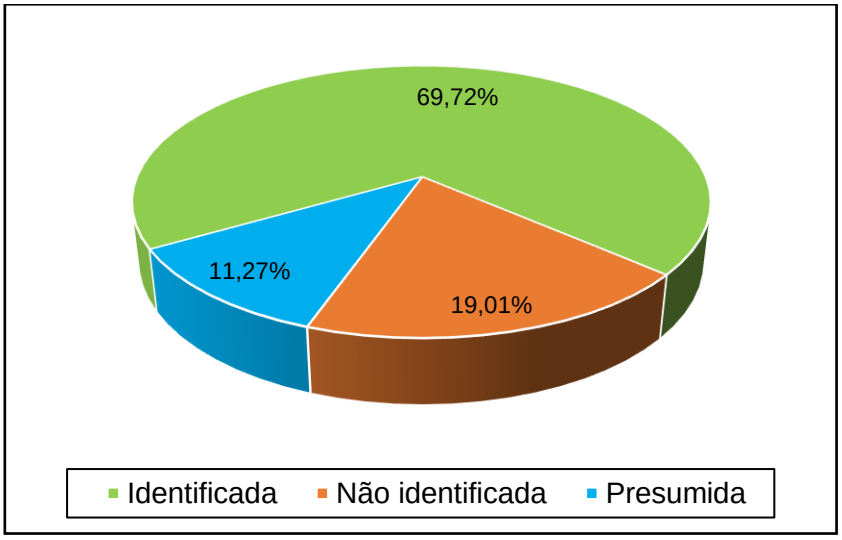


Figura 63: *Status* dos exemplares citados nas remessas envolvendo exemplares provenientes da Guiné.

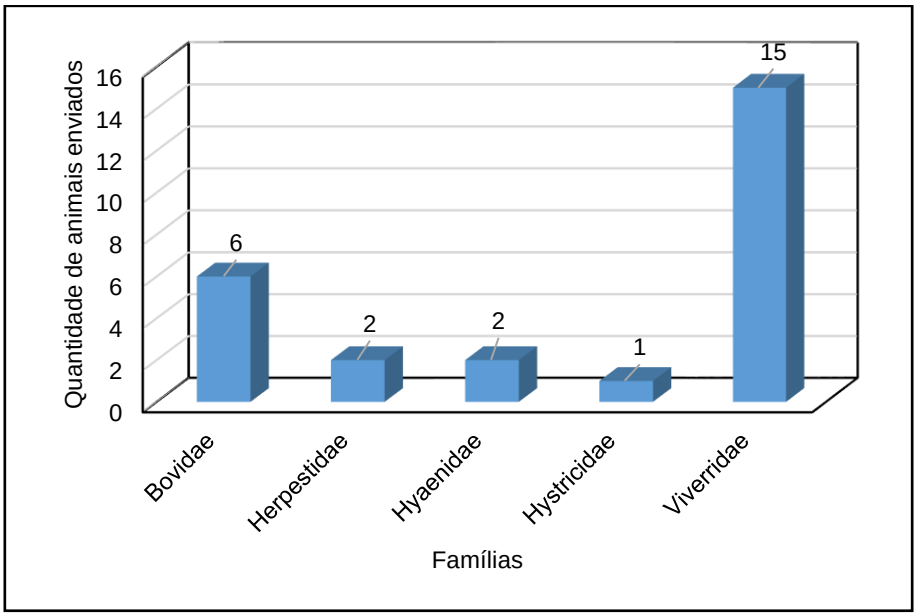


Figura 64: Relação das Famílias de Mamíferos remetidas da Guiné para as Coleções Zoológicas Viva Reais Porguesas durante o século XVIII.

Dentre as Aves, com exceção dos 10 exemplares de “Passarinhos de Goré”, todos os demais foram relacionados a nível de Famílias, num total de seis identificadas, sendo os espécimes integrantes da Familia Numinidae, representada pela Galinha-do-mato (*Numida meleagris galeatus*), aquele que apresentou o maior número de exemplares remetidos (Figura 65).

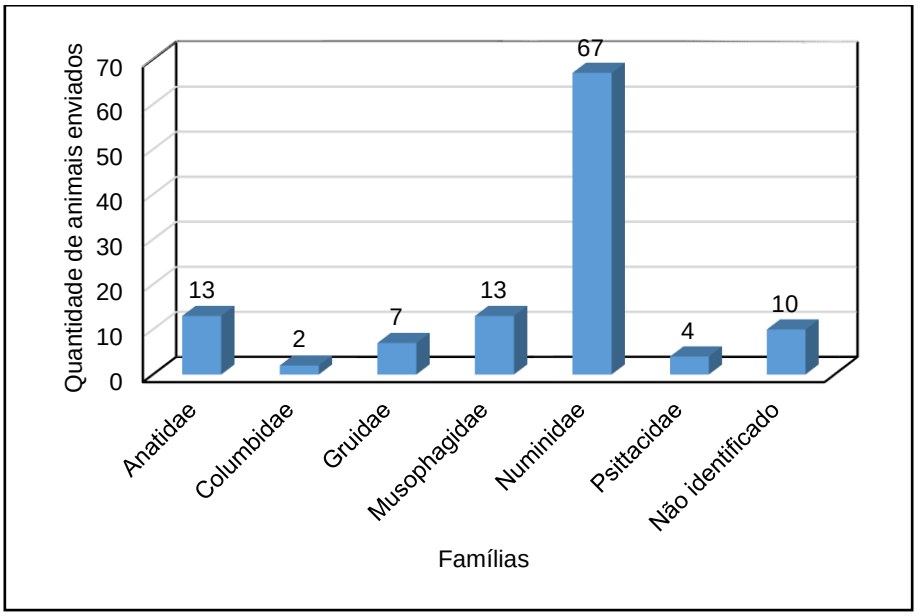


Figura 65: Relação das Famílias de Aves remetidas da Guiné para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Um segundo grupo de Aves que se destacou, dentres os exemplares remetidos do território da Guiné, foram os “Pavoens”, representantes da Família Musophagidae, os quais, apesar de não terem sido identificados a nível de espécie, poderiam ser representantes de uma ou mais espécies presentes no atual território da Guiné-Bissau (Figura 65).

4.3.1.4 Moçambique

A região hoje ocupada pela República de Moçambique já aparece nos relatos sobre Pero de Covilhã, informante de D. João II enviado ao Oriente Médio com a finalidade de recolher informações sobre o lendário Reino de Prestes e de um possível caminho marítimo para as Indias. Apesar de Covilhã ter supostamente chegado à região de Sofala, em Moçambique, no ano de 1485, foi Vasco da Gama que comprovadamente visitou essa região quando de sua volta a Lisboa, procedente de Calicute, em 1498. Apesar de os portugueses terem estabelecido uma fortaleza em Sofala, no ano de 1505, o efetivo domínio dessa região na costa oriental da África só foi alcançado quando da ocupação da ilha de Moçambique, em 1507.

Segundo Plessiére (2006 *apud* Cruz) o território de Moçambique foi uma “colônia virtual” até 1752, quando de seu efetivo desmembramento politico, ao qual esteve submetido, do Estado da Índia (Índia Portuguesa). Esta cisão tinha como objetivo tirar a colônia do “estado miserável e de decadência em que se encontrava o governo de Moçambique, com o seu comércio arruinado, as fortificações desmanteladas, a costa aberta e sujeita a invasões” (LOURENÇO, 2009, p. 72). Plessiére afirma, ainda, que

este território servia apenas de “aguadas” para as naus da Carreira da Índia que utilizavam os rios da região para o reabastecimento e descanso da tripulação. Santos (1990, p. 4), entretanto, considera que Moçambique foi, entre os século XVI e XVIII, um importante centro português de articulação de comércio com os demais territórios na Ásia, e os produtos oriundos de Moçambique, dentre eles o ouro e o marfim, eram utilizados na compra de especiarias e tecidos indianos.

O que observamos, efetivamente, é que o território de Moçambique mantinha um intercâmbio muito mais ativo com a Índia e as demais possessões portuguesas no oriente do que com a metrópole. A própria Carreira da Índia ao realizar a travessia entre Lisboa e o oriente, dependendo das condições de navegabilidade, poderia não passar pela costa oriental da África (Figura 66), utilizando-se da rota exterior à ilha de Madagascar.

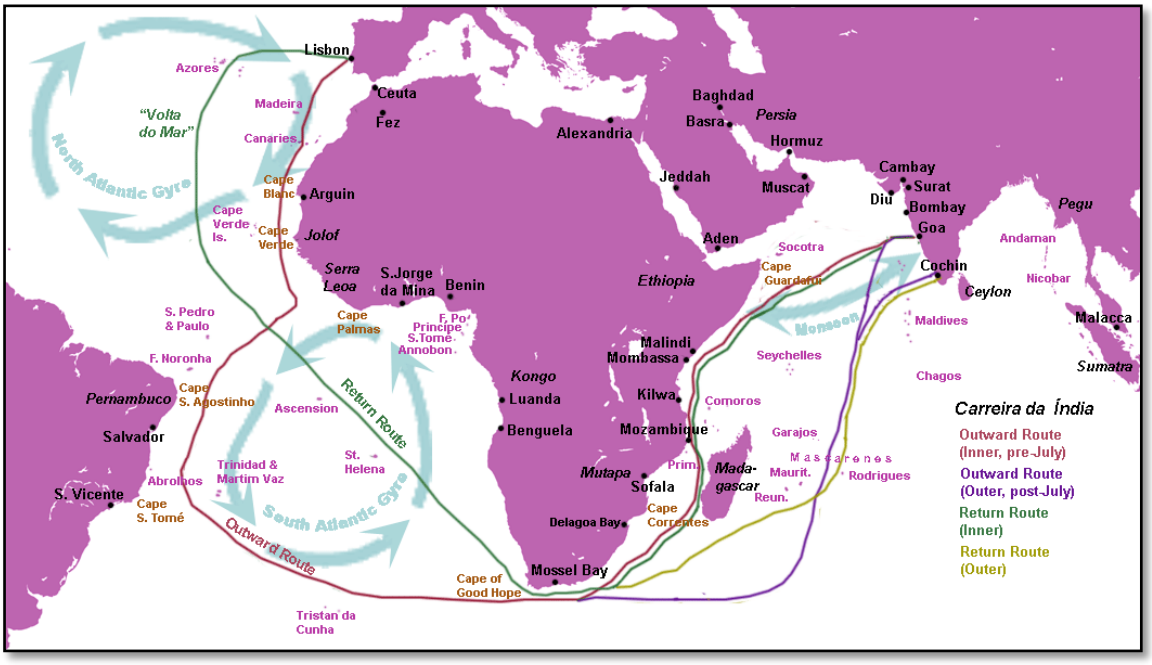


Figura 66: A rota da Carreira da Índia. Fonte: Wikimedia

Em relação ao fornecimento de animais vivos, podemos dizer que, baseado nos registros analisados, Moçambique não contribuiu para o abastecimento das Coleções Zoológicas Vivas Reais dos monarcas portugueses durante o século XVIII. Uma possível justificativa para este fato seria a semelhança faunística existente entre Angola e Moçambique, principalmente em relação aos principais grupos de Aves e de Mamíferos. Contudo, um dos fatores primordiais que justificaria esta ausência seria decorrente das dificuldades de navegabilidade entre Moçambique e a metrópole, ou mesmo para o Brasil, tornando estas viagens muito mais custosa, além de requerer a utlização de embarcações mais potentes, assim como comandantes mais experientes para realizarem a transposição do Cabo da Boa Esperança, trajeto este realizado pelas

naus e galeões de grande porte que integravam a Carreida da Índia, em oposição às fragatas, bergantins e outras embarcações de menor tonelagem que singravam pelo Oceano Atlântico.

Essa ausência é retratada, também, por Bocage (1866, p. 37), mesmo em relação ao envio de produtos naturais, ao afirmar que

> as importantes remessas de productos zoológicos das nossas possessões do ultramar, que recebera até áquella data [1866], ... [d]a índia e [d]a Africa occidental haviam concorrido largamente para a prosperidade d'este nosso estabelecimento [museu de Lisboa], ao passo que as nossas possessões da China, de Timor e da Africa oriental [Moçambique] continuavam a mostrar-se menos sollicitas em pagar esta divida de honra á mãe pátria.

Um dos poucos relatos da remessa de animais vivos a partir de Moçambique ocorreu no século XVII, quando um casal de leões africanos foi presenteado ao imperador chinês juntamente com a segunda embaixada portuguesa enviada à China, em 1678, chefiada por Bento Pereira de Faria (FU, 1954; BERTUCCIOLI, 1976).

Dos 25.325 registros referentes a Moçambique que se encontram distribuídos em 267 caixas depositadas no AHU, analisamos, para esta pesquisa, 10.221 documentos acondicionados em 124 caixas, relativos aos anos de 1605 a 1808. Neste material não encontramos nenhum documento que tratasse da remessa de animais vivos para Lisboa, apesar de termos encontrado um pouco mais de uma dezena de registros que relatam o envio de produtos naturais dentre conchas, búzios, sementes de plantas, pedras e minerais além de peças de marfim e pontas de abada.

Durante esta análise, entretanto, chamou-nos a atenção duas cartas do governador de Inhambane[7], Antonio José de Mello, ao governador e capitão-general de Moçambique, Balthazar Manoel Pereira do Lago. No primeiro documento, datado de 06 de junho de 1766, Mello retala o envio de "quatro vitellas, seis ovelhas, e doze carnr.^{os}, e mais trez patos gregos[8], e huma garça que por serem domesticos tomo a confiança de oferecer a V. Ex.^{a} a quem pesso perdao desse meo atrevim.^{to}"[9]. No segundo documento, podemos visualizar que a prática de manter animais vivos cativos, não só para o deleite mas também como uma indicação do gosto refinado por parte de seus proprietários, não estava restrita aos monarcas mas também a seus representantes nas

[7] O distrito de Inhambane estava localizado na região sul do território de Moçambique com sede na vila de mesmo nome, distante 500 Km ao norte da Ilha de Moçambique, sede colonial desta região. Atualmente esta região constitui uma Província da atual República de Moçambique.

[8] Os Patos-gregos, pela descrição de BOCARRO (1635, p. 25): "Ha outros patos q' chamaõ gregos saõ como os nossos de Europa, mas pretos e m.^{to} mayores os pes de patos vermelhos e mais altos, o bico de pato vermelho, he a carne m.^{to} boa, estes criaõ na ponta dencolho da Aza, hú esporaõ q' he quazi como hu dedo meminho com q' brigaõ com toda a couza q' remeté cõ elles", foram identificados como sendo o Pato-ferrão (*Plectopterus gambiensis*), já citados nas remessas referentes à Guiné.

[9] MELLO, A. J. de. (06 de junho de 1766). AHU-Moçambique, cx. 26, doc. 42.

possessões d'além mar. Nesta carta[10], datada de 12 de junho de 1768, Mello descreve que

> pelo Barco do Cirurgiaõ, e neste se me offerece dizer a V. Ex.ª, que Joaquim Frr.ª Mexias, ha de entregar hum viveiro com vinte e quatro chiricos chamarizes[11], que saõ dos melhores, que aquÿ há, e tomo a confiança de offerecer a V. Ex.ª, por me diserem, que tendo V. Ex.ª ornado, de excelentes moveis o novo Palacio da rezedencia dos snres Generaes [Figura 67], otem tbm goarnecido de diferentes passarinhos, p.ª que estes a maneira de Anjos cantem os Louvores, que se devem dar a V. Ex.ª, por huma taõ preciza obra como a do referido Palacio, por ficarem com elle ezento os mesmos snres generaes, e Vice Reis da dependencia dos moradores dessa trr.ª p.ª a sua acomodaçaõ, e hospedagem, e livres da bazofia de alguns".

Figura 67: Palácio dos Capitães-Generaes (Palácio de São Paulo) na Ilha de Moçambique, década de 1860. Residência do governador da Capitania de Moçambique, onde Balthazar Manoel Pereira do Lago, deveria manter os animais que foram remetidos pelo governador de Inhambebe. Disponível em: <https://sumidoiro.files.wordpress.com/2014/09/post-palc3a1cio-moc3a7ambique.jpg>. Acesso: 20 Set. 2017.

Um terceiro e último registro que cita a remessa de animais para o governador da Capitania de Moçambique e Rios de Sena é encontrado em um documento do governador Diogo de Sousa, datado de 22 de dezembro de 1794, no qual este relata que

> Na mosaõ proxima passada recebi [de João de Sousa Brito, Governador de Rios de Sena] duas gazelas que V M.ce remeteo, as quaes ja morreraõ, intendo que por estranharem os mantimentos. Estimarei que as Zebras vinhaõ con brevidade, e em numero que naõ

[10] MELLO, A. J. de. (12 de junho de 1768). AHU-Moçambique, cx. 28, doc. 55

[11] O chirico (*Crithagra mozambica*) é uma popular ave de gaiola em Moçambique. Esta espécie foi incorporada à cultura deste país, como podemos observar nos poemas: Entardeçer moçambiquenho, de José Mathias Ferreira Júnior, "Nas olas esguias das altas palmeiras / que a aragem meneia; / Seu canto suave, dolente magoado, / um lindo, plumoso, / assaz delicado / chirico gorgeia."; Aqui nascemos, de Kalungano, "Crescemos embalados / no canto do chirico / e brotando assim na planície humana / tão fundo impulso germinou / ondas fecundas de cristal"; e Apelo, de Noêmia de Sousa, "Em vão, em vão, / e um chirico canta, canta, poisado no caniço do quintal, / para o filhinho de minha irmã ausente, / vítima das madrugadas nevoentas do mato (ANEXO II).

> obstante a morte que deve esperar se de algumas posaõ conservar-se outras[12].

Vale ressaltar que todos estes animais citados, provenientes do território de Moçambique, foram enviados para suprir as Coleções Zoológicas Vivas dos governadores locais, não sendo enviados para as Coleções Reais em Lisboa.

4.3.1.5 São Tomé e Príncipe

A documentação referente a São Tomé e Príncipe depositada no AHU consitui um material de pesquisa extremamente valioso para o estudo desta colônia e suas relações com a metrópole. Esta importância incide no fato de grande parte dos documentos relaiv a esta colônia, anteriores ao século XIX, ter sido descartado como relata o historiador António da Silva Rego, um dos responsáveis pela criação do atual Arquivo Histórico Nacional de São Tomé e Príncipe.

> Ao chegar à Província, a 23 de Maio de 1968, encontrei, já devidamente constituído, um Grupo de Trabalho que logo entrou a funcionar. Após alguns dias de sondagens, verificou-se logo que a documentação existente em S. Tomé não atingia, pelo menos aparentemente, ano anterior a 1802. Iniciada a arrumação dos documentos, encontrou-se a possível explicação do facto. Com efeito, em Agosto de 1887, nomearam-se comissões em S. Tomé e Príncipe para se inutilizarem os papéis Ajulgados incapazes e sem importância, segundo consta as instruções passadas no Príncipe, em 30 de Agosto de 1887, pelo Major João Albuquerque Cabral[13].

Apesar deste fato lamentável, este Arquivo mantém ainda, no núcleo relativo à Ilha do Príncipe, 312 maços de documentos datados de 1665 a 1936, oriundos do antigo Arquivo da Câmara Municipal. Resta saber se neste material, ainda não catalogado nem digitalizado, consta alguma documentação referente à remessa de animais ou se esta, pelo tema abordado, foi destruída por se enquadrar na categoria “incapazes e sem importância”.

O acervo referente a São Tomé e Príncipe depositado no AHU está constituído por 4.036 registros distribuídos em 60 caixas; destas, 31, abrangendo os anos de 1538 a 1800, foram analisadas para esta pesquisa, perfazendo um total de 2.327 documentos. Neste material encontramos cinco ofícios que tratam da remessa de animais para Lisboa datados do século XVIII, sendo um referente ao ano de 1775, três datados de 1776 e um expedido em 1782. Com exceção deste último, todos os demais

---

[12] SOUSA, D. de, 1794 (22 de dezembro). AHU-Moçambique, Cx. 69, doc. 61.
[13] Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe. Disponível em: <http://ahstp.org/fundos>. Acesso: 12 Mai. 2017.

apresentam uma relação de animais enviados à metrópole para suprir a Coleção Zoológica Viva Real, na época, de propriedade do rei D. José I[14].

No ofício datado de 1782, já no então reinado de D. Maria I, o governador Cristóvão Xavier de Sá informa ao secretário de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo e Souza,

> que nesta Ilha do Principe naõ ha passaro algú que se posa remeter, e na de S. Thomé há somente huns pardais da mesma figura que os do Reyno, tendo de mais o cantarem bem, e huns passaros verdes chamados Periquitos mais piquenos que os do Brazil, e de hum, e outros farei remeter em todas as occazioens que se offeresaõ[15] [16].

Exemplares oriundo das ilhas de São Tomé e Príncipe aparecem também nos documentos emitidos de Angola assim como na documentação relativa ao Brasil através dos vários navios provenientes da África, que se utilizaram dos portos brasileiros, principalmente dos da cidade da Bahia (Salvador), e de Pernambuco (Recife).

Segundo a documentação analisada, foram detectadas 10 remessas provenientes de São Tomé e Príncipe (Apêndice IV) abrangendo um total de 627 animais enviados (Tabela 21).

Apesar de estas remessas estarem espaçadas ao longo de um período de 25 anos, de 1764 a 1789 (Figura 68), as únicas respaldadas por documentos emitidos das respectivas Ilhas foram realizadas nos anos de 1775 e 1776, durante o governo de Vicente Gomes Ferreira, que totalizam, no mínimo, 479 exemplares enviados em 4 remessas, correspondendo a 76,40% de todos os animais provenientes desta Capitania. Todos os demais 148 exemplares, citados nas 7 remessas restantes, apesar de provenientes de São Tomé e Príncipe, foram levantados a partir da análise da

---

[14] Além destes, foram encontrados mais quatro documentos referentes à remessa de animais de São Tomé e Príncipe para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, datados do início do século XIX, não sendo, assim, utilizados nesta pesquisa, são eles:
QUEIROZ, A. R. de, 1801 (22 de Outubro). AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 32, D. 49, que relata o envio de "Passaros e Animais vivos para a quinta chamada dos Bichos em Belém" (não cita a relação) e de um "Anaõ, ou Preto capado – para Queluz";
SA, C. J. de, 1802 (10 de Junho). AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 33, D. 27, relatando a remessa, para o Real Museu, de "tres Gayolas, a saber. huã com 9 Periquitos, e duas com sete Papagaios. Mais huâ pelle de Gato de Algalia. Mais hu cazal de Macacos e tres cayxoins com comchas";
SILVA, J. B. da, 1803 (02 de Julho). AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 35, D. 11, relatando a remessa de "tres Gatos de Algalia". Este documento é particularmente importante por apresentar o primeiro registro para o Pombo-de-São-Tomé (*Columba thomensis*): "Ao sul desta Ilha, que naõ he habitada, nem cultivada, descubriraõ-se hum pombo, de bico, e pes amarelos, e pintados a imitaçaõ das galinhas de Guiné; como tambem outros paçaros, chamados pegas verdes: por esta raridade, vaõ quatro destes, e seis daqueles, em outra gaiola; para o Real Gabinete da Historia Natural". Estes animais foram enviados a Lisboa pelo Brigue Alerta. O Pombo-de-São-Tomé, ou Pombo-do-mato, como também é denominado, só será descrito por Bocage, em 1888; e
CABRAL, J. de A., 1804 (05 de maio). AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 36, D. 17, no qual Jacinto de Almeida Cabral atesta que recebeu, na Real Quinta de Belém, "Tres Gatos, e Seis Pombos vindos da Ilha de S. Thomé".

[15] SÁ, C. X de, 1782 (15 de Agosto). AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 18, D. 70.

[16] A avifauna das ilhas de São Tomé e Príncipe, naturalmente, não se restringe aos pardais e periquitos. Lepage (2017) descreve 160 espécies de aves para estas ilhas, das quais 24 espécies são endêmicas.

documentação dos navios oriundos de Angola, ou relatados nos documentos referentes ao Brasil quando de seu reenvio a Lisboa.

Tabela 21: Animais de São Tomé e Príncipe remetidos para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie identificada	Quantidade
AVES		
Estorninho preto	Não identificado [17]	07
Galinha de Guine	*Numida meleagris galeata*	07
Papagaio cinzento com cauda encarnada, Papagaios sinzentos com os rabos encarnados, Papagayos cinzentos, Papajos Sinzentos com â cauda encarnada	*Psittacus erithacus*	29
Pardal, Pardais, Pardais de Saõ Tome, Pardaes de Saõ Tomé, Pardal de Sam Tomé	Possivelmente *Crithagra rufobrunnea*[18]	227
Passaros grandes e belos	Não identificado[19]	02
Periquitos	*Agapornis pullarius*	347[20]
Pombo da Ilha do Príncipe	Não identificado[21]	08
Total de animais enviados	-	627

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

[17] Existem na ilha do Príncipe duas espécies de estorninhos, o Estorninho-esplêndido (*Lamprotornis splendidus*) e o Estorninho-do-príncipe (*Lamprotornis ornatus*) que eventualmente podem ser observados formando bandos mistos.

[18] Apesar de o Pardal-de-São-Tomé ser a segunda ave mais exportada desta colônia para Lisboa durante o século XVIII, a identificação desta espécie ainda é um assunto que requer estudos mais detalhados. Nestas ilhas existem duas espécies que poderiam representar o exemplar citado, o Canário-do-príncipe (*Crithagra rufobrunnea*) e o Anjolô ou Bico-grosso-de-São-Tomé (*Neospiza concolor*). O canário-do-príncipe está presente em ambas as Ilhas, sendo a subespécie *C. r. rubobrunnea* restrita à Ilha do Príncipe e o *S. r. thomensis*, subespécie mais abundante, encontrada na Ilha de São Tomé. O Bico-grosso é uma espécie exclusiva de São Tomé, sendo, na atualidade, extremamente rara, com uma população estimada de aproximadamente 50 indivíduos. A justificativa para esta escassez é um assunto ainda em debate pelos pesquisadores podendo ser atribuído à degradação ambiental ou mesmo à introdução de espécies predadoras (http://www.iucnredlist.org/details/22720310/0). Sá (1782), acima mencionado, ressalta que o pardal presente na ilha de São Tomé difere dos do reino por cantar bem. Com base nesta colocação de Sá podemos supor que a espécie em questão seria o *Serinus rufobrunnea*, já que esta espécie apresenta um canto bem mais elaborado quando comparado com o do *Neospiza concolor*.

[19] Possivelmente uma referência a uma das duas espécies de Íbis (Threskiornithidae) encontradas nestas ilhas, o Íbis-oliva (*Bostrichia olivacea rothschildi*) presente na Ilha do Príncipe ou o atualmente raro, Íbis-de-São-Tomé (*Bostrichia bocagei*) (Figura 69).

[20] No documento datado de 28 de outubro de 1775, consta o envio de 48 periquitos; entretanto, o documento de 06 de janeiro de 1776, ao se referir à remessa realizada no dia 28 de outubro, cita o envio de 50 exemplares. Optamos por contabilizar a informação contida na primeira documentação por ser o documento que relata a carga embarcada neste dia.

[21] Existem quatro espécies de Pombos na Ilha do Príncipe: Pombo-de-nuca-bronzeada (*Columba malherbii*); Pomba-preta (*Aplopelia larvata principais*); Rola-do-Senegal (*Streptopelia sen*egalensis) e a Cécia-do-Príncipe (*Treron calva virescens*).

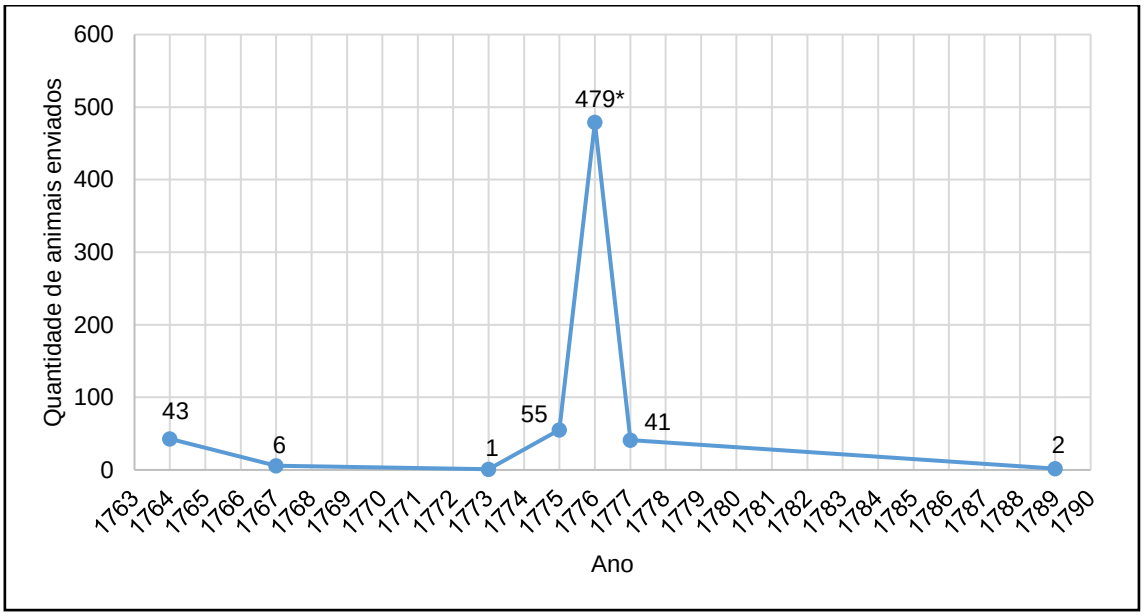


Figura 68: Quantidade de animais remetidos de São Tomé e Príncipe para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Existem duas remessas nais quais não constam o número de passaros enviados.

Figura 69: Possível referência ao termo “passaros grande e belos”. Galinhola (*Bostrichia bocagei*) na casa de um caçador na localidade de São João dos Angolares, na Ilha de São Tomé. Foto: Hugo Sampaio. Disponível em : <https://www.publico.pt/2015/05/11/ciencia/noticia/quatro-aves-unicas-de-sao-tome-e-principe-a-beira-da-extincao-1695230>. Acesso: 13 Jun. 2017

Todos os animais remetidos de São Tomé e Príncipe para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII, eram constituídos por representantes da Classe das Aves, das quais foram identificados 61,08% dos exemplares enviados (Figura 70). Apesar dos 2,71% exemplares não identificados, todos os espécimes remetidos de São Tomé e Príncipe puderam ser classificados a nível de Família (Figura 71).

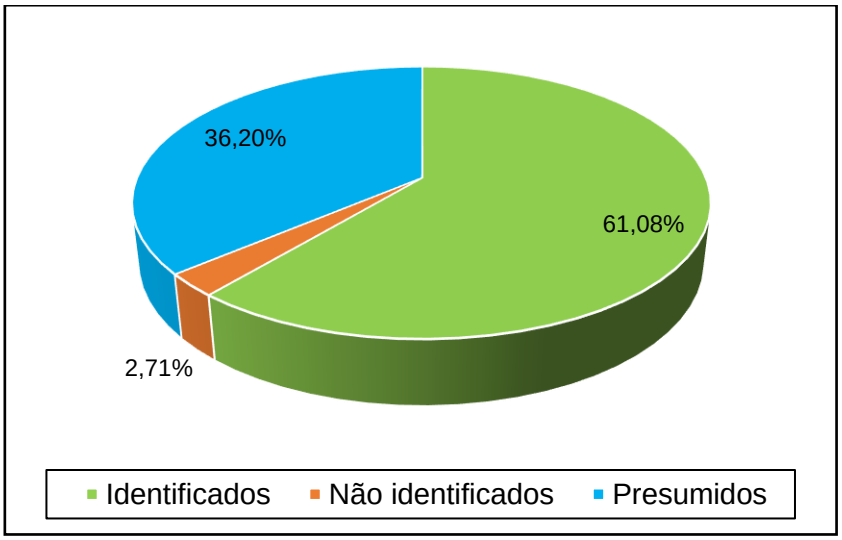


Figura 70: *Status* dos exemplares citados nas remessas realizadas de São Tomé e Príncipe.

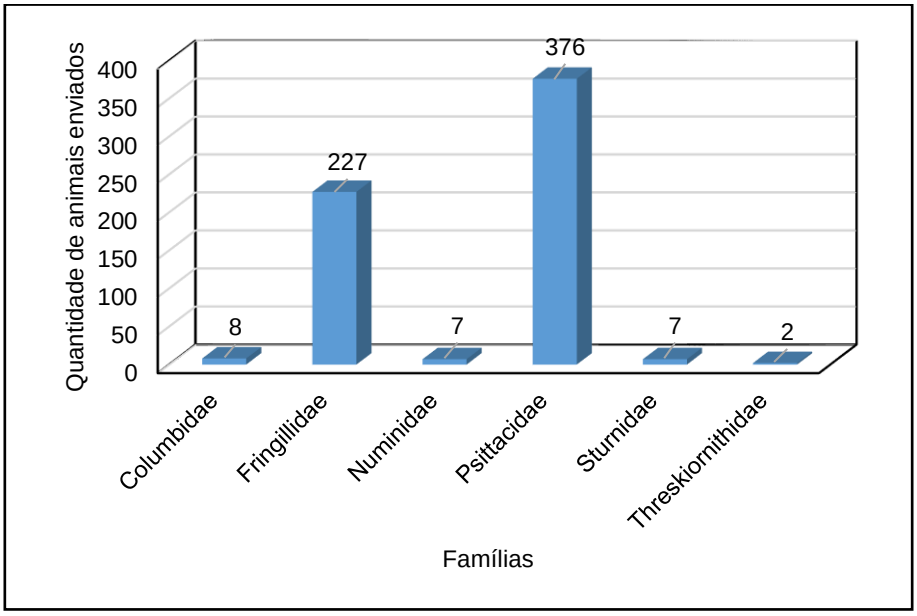


Figura 71: Relação das Famílias de Aves remetidas de São Tomé e Príncipe para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

4.3.2 América (Brasil)

Lopes, Frutuoso e Guinote (2005, p. 14) já apontam para a dificuldade de se analisar a movimentação dos navios, procedentes do Brasil, no porto de Lisboa até o final da década de 1760, afirmando que este levantamento "só é parcialmente possível com a conjugação de diversas fontes e estudos nem sempre uniformes nos seus dados". Estes autores relatam, também, que os cinco portos brasileiros que tiveram maior fluxo de embarcações para Lisboa foram os de Pernambuco, com aproximadamente 1.700 partidas detectadas; da Bahia, com mais de 1.500 registros; do Maranhão, com quase

1.350; do Rio de Janeiro, com mais de 1.250; e do Pará, com 825. Embarcações provenientes de outras Capitanias, apesar de não atingirem os números registrados para os portos anterioremente citados, também contribuíram para o comércio do Brasil com a metrópole, sendo identificados movimentação de embarcações com o transporte de mercadorias e, consequentemente, de animais vivos, para os portos da Paraíba, com 61 partidas; do Ceará, com 70; de Santos, com mais de 63 e finalmente do porto de Alagoas que contabilizou 29 viagens (LOPES, FRUTUOSO & GUINOTE, 2005, p. 19).

Já tínhamos mencionado anteriormente que o levantamento das remessas de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas não tem merecido a devida atenção por parte dos pesquisadores. Em parte, pelo fato de a documentação encontrar-se dispersa pelos diversos arquivos, bibliotecas e demais instituições que retêm a guarda destes manuscritos os quais, em muitos casos, permanecem ocultos pela falta de catalogação, requerendo, desta forma, um esforço e uma demanda descomunal de tempo para se realizar um levantamento de dados sobre esse assunto.

Ao longo desta pesquisa, conseguimos identificar 417 registros de embarcações, provenientes das diversas colônias da África Ocidental, do Brasil e da Ásia, que apresentaram registros do transporte de animais vivos cujo destino final foram as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa (Apêndice V). Deste montante, 342 documentos, correspondendo a 82,01% do total levantado, são relativos à saída de navios do Brasil para a metrópole (Tabela 22).

Antes de iniciarmos a descrição das remessas de animais realizadas do Brasil, salientamos que as duas únicas remessa para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas ocorridas durante a década de cinquenta do século XVIII, foram realizadas da Capitania do Grão-Pará, em 1753, e da Capitania de Pernambuco, em 1754; todos os demais registros são datados da segunda metade deste século.

Tabela 22: Movimentação de navios nos portos do Brasil durante o século XVIII.

Origem	**Total de partidas para Lisboa***	**Partidas com registro de transporte de animais****
Pernambuco	Aproximadamente 1.700	122
Bahia	Mais de 1.500	87
Maranhão	Aproximadamente 1.350	18
Rio de Janeiro	Mais de 1.250	41
Grão-Pará	825	62
Ceará	70	-
Santos	63	08
Paraíba	61	04
Alagoas	29	-

Fontes: *Lopes, Frutuoso & Guinote (2005); **Do autor, segundo os manuscritos consultados.

4.3.2.1 Capitania da Bahia

A história do transporte de animais da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas começa tão logo Pedro Álvares Cabral aporta em solo baiano, sendo os primeiros exemplares de Mamíferos enviados pertencentes à Ordem Primata (Macacos) e, dentre as Aves, os Psittacídeos, como relatamos no Capítulo 3 desta Tese.

A Capitania da Bahia, por ter sido a sede do Estado do Brasil até 1763, por questão de lógica, deve ter gerado uma quantidade de documentos administrativos incalculáveis, abrangendo os mais variados temas, dentre estes, certamente, a remessa de animais para a Corte. Papavero e Teixeira (2017, p. 1-2), em um artigo que descreve as remessas de animais provenientes da Bahia para as Quintas Reais de Lisboa, apontam para a carência desta documentação, depositada no AHU e disponibilizada digitalmente pelo projeto Resgate do Centro de Memória Digital da Universidade de Brasília, apesar de citarem, neste mesmo trabalho, uma relação anexa contendo 63 documentos que, segundo estes autores, teriam seu paradeiro desconhecido.

A pesquisa de campo, realizada para esta Tese, detectou que todos os documentos citados por Papavero e Teixeira na relaxão anexa encontram-se depositados no AHU. Este material, que passamos a apresentar, certamente enriquecerá os registros sobre as remessas de animais realizadas da Capitania da Bahia inicialmente apresentada por estes autores.

O primeiro documento encontrado sobre este tema está datado de 16 de Janeiro de 1764, sendo o quarto registro mais antigo desta natureza, por nós detectado, proveniente da América portuguesa[22]. Esta remessa, era constituída por 31 pássaros, abrangendo "04 Cardeáes, 09 Patatibas, 02 Pintassilvos, 01 Corió, 08 Canarios da Bahia e 07 Azulloens" (Figura 72) que seguiu para Lisboa juntamente com 16 Pardais provenientes das Ilhas de São Tomé[23].

[22] Os três registros mais antigos, por nós levantados nesta Tese, referentes ao Brasil, foram emitidos pelo governador do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1753 (26 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308), pelo governador de Pernambuco, Luís José Correia de Sá (1754 (27 de Maio). AHU_CU_015, Cx. 76, D. 6368) e pelo governador do Rio de Janeiro, António Álvares da Cunha (1763 (30 de Dezembro). AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483).

[23] FERREIRA, M. de S. I.; ALVIM, G. X. de B. e; ANDRADE, J. de C. de, 1764 (16 de Janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6448.

Figura 72: Prováveis espécies que integram a primeira remessa de animais detectada para a Capitania da Bahia.

Durante esse mesmo ano, foi realizada apenas mais uma remessa, também constituída exclusivamente por pássaros. Observa-se, a partir de então, a ausência de registros de remessas animais da Bahia para Lisboa por um período de nove anos, de 1765 a 1773 (Figura 73), apesar de existir documentação acusando a chegada de três navios, à Bahia, provenientes de Angola (1766[25], 1768[26] e 1769[27]) e de um procedente de São Tomé e Príncipe (1768[28]) transportanto animais destes territórios, os quais poderiam ter sido enriquecidos com exemplares desta Capitania.

O primeiro governador da Capitania da Bahia que se destacou pela quantidade de remessas e de exemplares enviados a Lisboa foi Afonso Miguel de Portugal e Castro. Apesar da curta gestão à frente do governo desta Capitania[29], de 1779 a 1783, Castro realizou 30 remessas de animais englobando 791 exemplares (Apêndice VI), o equivalente a 29,39% de todos os animais despachados da Bahia.

Em um destes documentos este governador descreve que

> Logo que me foi entregue a carta de 28 de Julho de 1780 sobre estas remessas, ordenei a todos os Capitaens móres, que mandassem apanhar, cada hum nos seus destrictos, todos os passaros, e animaes quadrupedes, que neles se descobrissem ate nova Ordem. Tambem mandei para os matos desta Capitanía algumas pessoas práticas em

[24] Vide observação realizada na Tabela 23.
[25] FERREIRA, M. de S. I., 1766 (14 de Fevereiro). AHU_CU_0005, Cx. 38, D. 7031-7032. Trazendo uma Zebra de Angola que acabou falecendo na Bahia, acontecimento este relatado no tópico referente a esta colônia.
[26] FERREIRA, M. de S. I.,1768 (26 de Janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773.
[27] MELO, J. da C. G. A. de, 1769 (10 de Novembro). AHU_CU_005-01, Cx. 44, D. 8112.
[28] FERREIRA, M. de S. I, 1768 (26 de Janeiro). AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773.
[29] Já foram comentadas as dificuldades encontradas em atender às solicitações para o envio de animais à Corte por parte deste governador quando relatamos, no início deste capítulo, a aquisição de animais.

> os apanhar; e sem embargo disto naõ tem aparecido mais, que os que tenho feito embarcar para essa Corte. Agora darei nova providencia para ver se se descobrem alguns mais raros, ordenando aos Ouvidores das Comarcas e ás Cameras, que façaõ por eles as maiores deligencias, principalmente pelos Sagoins brancos ou cor de perola como V. Ex.ª me recomenda, ainda que ouço dizer, que nas terras deste Governo, os naõ ha"[30].

Os "Sagoins brancos ou cor de perola", referidos por Castro, foram incessantemente solicitados aos governadores das Capitanias do Brasil. Em um ofício enviado a Meneses, governador da Capitania de Pernambuco, Martinho de Melo e Castro aponta para este pedido da metrópole ao citar "Que do Brazil tem hido a essa Corte huma quantidade de Saugins amarelos, ou cor de perola, e se nesta Capitania se descobrirem alguns desta qualidade, Eu os remeta sem perda de tempo"[31].

Papavero e Teixeira (2017, p. 4) levantam a hipótese de que estes "saguis amarelos ou cor de pérola", vistos frequentemente em Lisboa, eram micos-leões-dourados (*Leontopithecus rosalia*) cuja pelagem acabaria por adquir uma coloração amarelada, cor de pérola ou mesmo brancacenta devido às condições de confinamento a que eram submetidos.

Contudo, apesar de concordar com estes autores sobre exemplares de micos-leões-dourados terem sido enviados para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas[32], certamente a referência a "Sagoins brancos ou cor de perola", muito provavelmente, diz respeito a duas espécies distintas. É provável que a menção ao termo "Sagoin branco" estaja relacionada aos "Sauim quaze branco, ou alvadio, com o fusinho, e orelhas esvermelhadas, cor de Azarcao" provenientes das Capitanias do Grão-Pará e do Maranhão, presentes nas remessas realizadas destas Capitanias desde 1777[33]; enquanto a nomenclatura "Sagoin cor de perola" se refira aos exemplares oriundos do sudeste do Brasil, podendo ser representados por exemplares de Mico-leão-dourado, de Sauás (*Callicebus coimbrae* e *Callicebus barbarabrownae*), ou até mesmo do Macaco-galego (*Sapajus flavius*), pois Meneses relata que os

[30] CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (03 de outubro). AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10905.
[31] MENESES, J. C. de, 1779 (03 de fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9952.
[32] Um documento depositado na Biblioteca Nacional do Palácio da Ajuda (BNPA, ANÔNIMO, Ms. Av. 54-XIII-4, nº 73) cita que um pequeno Macaco Leão do Brazil, cujo "corpo hé cuberto de longos pêllos, macios como a seda, e d'hum branco amarelado, e luzidio; os pêllos que rodeaõ a face saõ de hum ruivo escuro, e amarelado sobre o peito; os da cauda saõ de hum branco amarelado; as pernas saõ ruivas; e os pés de diante saõ hum tanto pretos", foi presenteado a Marquesa de Pompadour, em 1754 e que o mesmo foi conservado "na Europa havendo os devidos cuidados na sua existencia durante o Inverno, visto a sua naturalidade ser de taõ diferente clima".
[33] MADUREIRA, F. A. de, 1777 (23 de Janeiro). AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6378; CALDAS, J. P., 1779 (24 de novembro). AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6879 / MOREIRA, F. M. de A., 1779 (24 de novembro). AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6925.

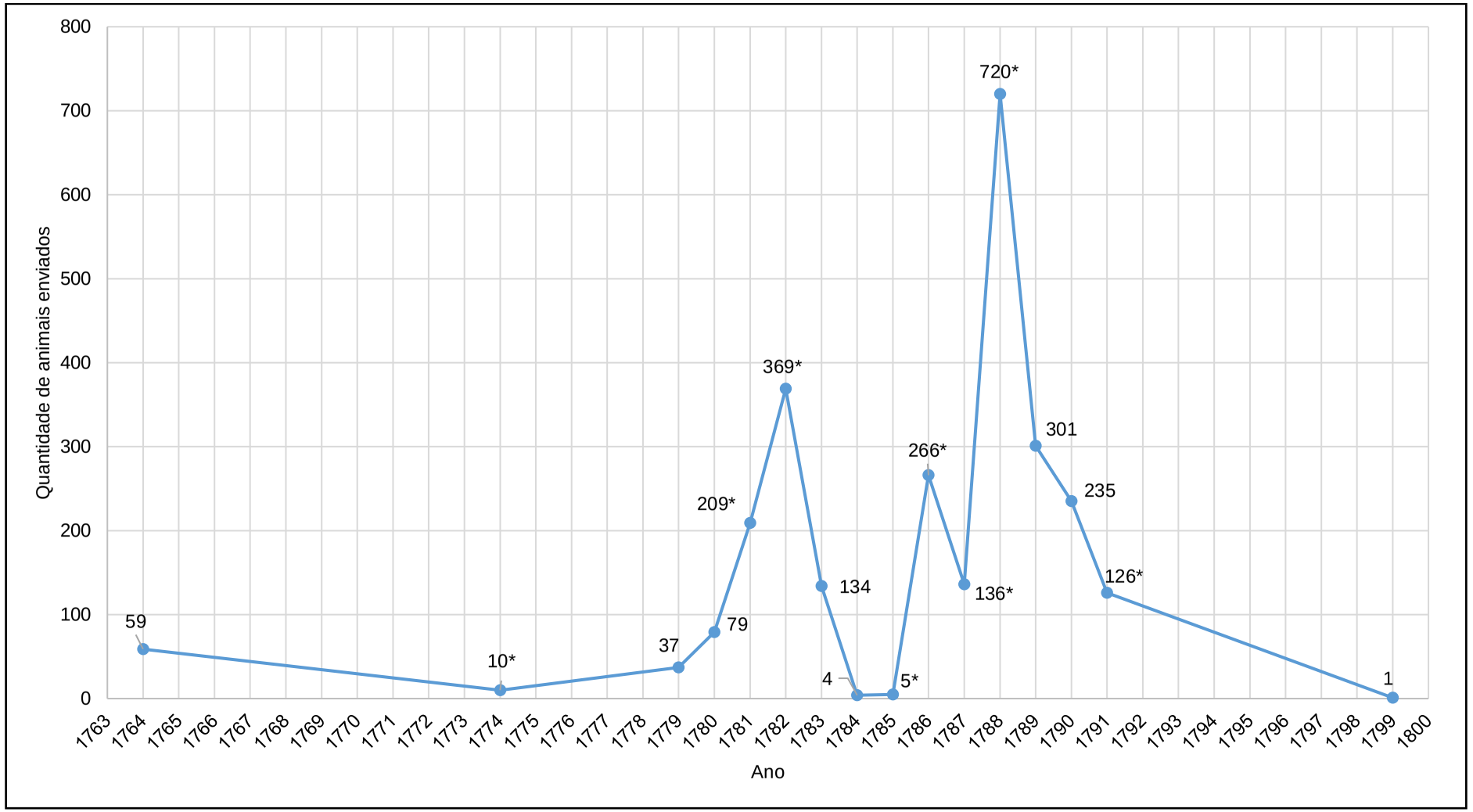


Figura 73: Quantitativo de animais enviados da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: Os valores identificados com asterisco (*) englobam remessas animais que não informaram o quantitativo de exemplares enviados.

> Ságuins Louros, ou cor de perola, [...] so se acharaõ no fim da Comarca das Alagoas, porem me naõ foi possivel mandalos vivos porq.' naõ houve modo de os fazer comer, depois de apanhalos; Lá mando fazer deligencia, por alguns pequenos, a ver se seconservaõ, e naõ tomaõ tanto sentimento"[1].

Manuel Inácio da Cunha e Meneses, enquanto governador da Bahia, já tinha enviado a Lisboa 28 exemplares de "Saguins"[2], em uma mesma remessa, que pela economia de palavras utilizadas neste ofício, certamente não eram exemplares pérolas ou portadores de outra característica que os tornavam "especiais".

O administrador que mais exemplares enviou para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Porguesas foi Fernando José de Portugal e Castro, que governou a Bahia de 1788 a 1801.

Apesar de Fernando Castro ter realizado 16 remessas animais, praticamente a metade daquelas observadas para Afonso Castro, no ano que assumiu o governo da Bahia este governador despacha para Lisboa três remessas que totalizaram, pelo menos, 720 animais, a maior quantidade de exemplares registrada em um só ano para esta Capitania.

A análise dos dados recolhidos para a Capitania da Bahia apontam para o envio de, 2.691 exemplares (Tabela 23), com um predomínio de representantes da Classe Aves, as quais totalizaram 94,69% dos espécimes enviados (Figura 74).

Tabela 23: Relação dos animais enviados da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantitativo
AVES		
Aracuáns, Aracuâns, Araquán, Araquans	*Ortalis guttata*	12
Arara azul	*Anodorhynchus leari*	1
Arara azul pequenas	*Cyanopsitta spixii*	4
Arara, Araras	Não identificada[3]	4
Azulaõ, Azulloens, Azuloens, Azuloeñs	*Cyanoloxia brissonii*	179
Bicudo	Possivelmente *Sporophila maximiliani*[4]	1
Bigodes, Bigodinhos	*Sporophila lineola*	17
Cabocolinhos, Caboculinhos	*Sporophila bouvreuil*	11
Canarios da Bahia	Provavelmente *Sicalis flaveola*[5]	8

[1] MENESES, M. I. da C. e, 1779 (18 de Maio). AHU_CU_015, Cx. 133, D. 10013.
[2] MENESES, M. I. da C. e, 1779 (30 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 53, D. 10093.
[3] Termo genérico empregado na designação dos representantes de grande porte da Família Psittacidae. No atual Estado da Bahia podem ser encontradas cinco espécies que se enquadrariam nesta categoria: a Arara-canindé (*Ara ararauna*), a Arara-vermelha (*Ara chloropterus*), a Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) a Arara-azul-de-lear (*Anodorhunchus leari*) e a Ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*); historicamente, é possível que a Arara-vermelha-pequena (*Ara macao*) pudesse ser encontrada também neste Estado.
[4] Apesar do termo "Bicudo" poder estar associado a algum representante da Família Icteridae (Vide observação sobre estes exemplares na tabela 31, referente à Capitania de Pernambuco), optamos aqui por identificar este exemplar como um representante da Família Thraupidae.
[5] Estes exemplares constam na primeira remessa realizada da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa, por esta razão é possível que estes espécimes sejam exemplares do

Canarios de varias cores	Não identificada	7
Canarios, Canarioz	*Sicalis flaveola*	234
Capueiras, Ourûz	*Odontophorus capueira*	4
Cardeaes, Cardeáes, Cardeais, Cardiaes, Cardiais	*Paroaria dominicana*	215
Choroens	Possivelmente *Sporophila leucoptera*	2
Corió, Corios, Coriós, Curióz	*Oryzoborus angolensis*	79
Croá azul claro e roxo, Coróas	*Cotinga maculata*	3
Ema, Emas	*Rhea americana*	12
Ferreiros (passaros brancos e pretos)	*Procnias averano*	22
Galeiroéns	Possivelmente *Gallinula galeata*	2
Galinhola	Não identificada	1
Jacú, Jacus, Jacús	Não identificada[6]	31
Jacupemas, Jacupémas	*Penelope superciliaris*	7
Jacutinga, Jacutingas, Jacotingas	*Pipile jacutinga*	5
Jandayas	*Aratinga jandaya*	11
Joaõ congos, Joaons Cocaons	Provavelmente *Psarocolius decumanus*	8
Juritis, Jurutîs	Não identificada[7]	21
Jurú, Jurús	*Amazona farinosa*	10
Marreca	Não identificada[8]	1
Motum, Motuns, Mutuns	Não identificada[9]	17
Nambú	Não identificada[10]	3
Orubú Rey, Aributinga	*Sarcoramphus papa*	3
Papa aros, Papa arros	Não identificada[11]	4
Papa Capim, Papa capims, Papa Capins	Possivelmente *Sporophila nigricollis*	71
Papa pimenta, Papapimenta	Possivelmente *Saltator fuliginosus*	4
Papagaios Verdadeiros	*Amazona aestiva*	2
Papagayo	Não identificada[12]	2
Papagayo amarelo	Possivelmente *Amazona xanthops*	1
Papagayo de Cabeça Vermelha, Chaoans	*Amazona rhodocorytha*	4
Papagayos Cayas	Possivelmente *Amazona amazonica*	15
Papagayos contrafeitos	Não identificada[13]	8
Papirangas pretas e pardas	Provavelmente *Tachyphonus coronatus*	8
Passaro [ilegível]	Não identificada	1

Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), uma das aves mais populares do Brasil, e que fora denominado “da Bahia”, para diferenciá-los dos Canários que porventura vinham nas remessas de pássaros da África.

[6] São registradas duas espécies de Jacus para a Bahia: a Jacupemba (Penelope superciliaris) e a Jacucaca (Penelope jacucaca).

[7] Na Bahia podem ser encontradas quatro representantes da Família Columbidae normalmente referidas como “Juriti”, a Juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), a Juriti-gemedeira (*Leptotila rufaxilla*), a Juriti-vermelha (*Geotrygon montana*) e Juriti-roxa (*Geotrygon violacea*).

[8] Termo genérico utilizado para designar vários representantes da Família Anatidae.

[9] Termo empregado para designar os Cracidae de grande porte. No atual Estado da Bahia podem ser encontrados o Mutum-do-sudeste (*Crax blumenbachii*), na região sul do Estado e, historicamente, é provável que o Mutum-de-Alagoas (*Mitu mitu*) habitasse as matas ao norte do Estado.

[10] Termo genérico utilizado para designar várias espécies da Família Tinamidae.

[11] Provavelmente algum representante da Família Icteridae.

[12] Termo genérico utilizado para designar várias espécies do gênero *Amazona*, da Família Psittacidae, das quais seis estão representadas no atual Estado da Bahia.

[13] Psittacidae do Gênero *Amazona*, que apresentavam variação da coloração da plumagem.

Passaro Aquatico	Não identificada[14]	1
Passaro cor de cravo	Não identificada	1
Passaro Cucaõ	Provavelmente *Cyanocorax cyanopogon*	6
Passaros de varias qualidades	Não identificada[15]	66
Patatibas, Patativas	Possivelmente *Sporophila albogularis*	87
Pegas	*Cyanocorax cyanopogon*	6
Perequitos de testa vermelha	*Aratinga atricapillus*	4
Periquito contrafeito	Não identificada[16]	1
Periquito Verdadeiro, Perequitos Verdadeiros, Periquitos Verdadeiros	*Brotogeris tirica*	29
Periquitos Coyubas, Periquitos Coyúbas, Perequitos Cuiubas, Cuyubas verdes Periquitos Tapacus, Perequitos Tapacus	*Forpus crassirostris*	198
Periquitos de testa amarela, Perequitos de testa amarela	*Aratinga aurea*	206
Periquitos grandes	Não identificada[17]	13
Periquitos pequenos, Periquitos piquenos, Piriquitos mais piquenos	Não identificada[18]	219
Pintassilvos	*Spinus yarrellii*	2
Pomba, Pombos do mato	Não identificada[19]	3
Pombas de aza branca, Pombas Verdadeiras (aza branca)	*Patagioenas picazuro*	9
Pombas Pararíz, Pararis, Paririzes	*Geotrygon montana*	21
Pombas Pucarûs, Pombas pucasus	*Patagioenas cayennensis*	132
Pombas Trocás, Pombas trocazes	*Patagioenas speciosa*	15
Rolas azuis, Pombas azuis, Rolas pardas, Pombas pardas (femeas)	*Claravis pretiosa*	80
Rolas Fogo pagou, Pombas cascaveis	*Scardafella squammata*	8
Rolas, Rollas	Não identificada[20]	45
Rolinhas, Rollinhas	Não identificada[21]	84
Rôllas roxas	*Columbina talpacoti*	36
Sabiá (que parece Melro)	*Turdus flavipes*	1
Sabiás	Não identificada[22]	2
Sainhasso, Sanhaços, Sanhacos azuis, Sanhaçus, Senhacos	Não identificada[23]	53
Saracúra	Não identificada[24]	1
Saycos	Não identificada[25]	2
Sofre, Sofres, Sofrés, Sofrez	*Icterus jamacaii*	38

[14] Designação genérica aplicável a várias espécies de hábito aquático de diferentes Famílias; talvez alguma referência a um exemplar da Família Ardeidae.
[15] Uma nomenclatura que corresponderia aos “Pássaros de cores” utilizada para descrever de modo generalizado uma grande variedade de espécies de aves, as quais poderiam integrar diversas Famílias.
[16] Algum representante de pequeno porte da Família Psittacidae que apresentava alteração da coloração das penas.
[17] Termo que poderia ser utilizado para designar vários representantes de médio porte que apresentam uma cauda pontiaguda da Família Psittacidae.
[18] Termo genérico utilizado para designar os exemplares de pequeno porte da Família Psittacidae.
[19] Termo genérico normalmente empregado para designar os representantes de grande porte da Família Columbidae.
[20] Termo genérico utilizado para designar os representantes de médio porte da Família Columbidae.
[21] Termo genérico utilizado para designar os representantes de pequeno porte da Família Columbidae.
[22] Designação utilizada para identificar várias espécies da Família Turdidae.
[23] Termo empregado na designação de várias espécies do Gênero *Thraupis*.
[24] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Família Rallidae.
[25] Ave não identificada.

Suyas, Súyas	*Pionus maximiliani*	7
Tapiranga laranja	Possivelmente *Piranga flava*	1
Tapiranga ou berne, Tapiranga, Tapirangas, Tapiranga encarnada, Papirangas	*Ramphocelus bresilius*	37
Tocanos	Não identificada[26]	6
Vira bostas, Virabosta, Virvostas	*Molothrus bonariensis*	71
MAMÍFEROS		
Anta, Antas	*Tapirus terrestris*	5
Caitetu, Caititú, Caetetú, Caytitu, Porco do Mato (Caytitú, Caytitús)	*Pecari tajacu*	10
Capivara	*Hydrochoerus hydrochaeris*	1
Coati, Cuati, Quati, Coatis, Coatimundé, Quatis Mûndes	*Nasua nasua*	9
Cotia, Cotias	Não identificada[27]	20
Guariba (macaco com barba)	*Alouatta guariba*	1
Macaco Jupará	*Potos flavus*	1
Macaco, Macacos	Não identificada[28]	8
Maracahá	*Leopardus wiedii*	1
Mocó	*Kerodon rupestris*	1
Onça, Onça pintada, Tigre	*Panthera onca*	8
Ouriço branco	*Coendou prehensilis*	1
Pacas	*Cuniculus paca*	5
Pereã	*Cavia aperea*	1
Porcos do Mato	Não identificada[29]	2
Preguiças	Não identificada[30]	2
Quati merim, Quati mirim	*Guerlinguetus alphonsei*	2
Saguins	Não identificada[31]	32
Viado, Viados, Viadoz	Não identificada[32]	12
Viados de catinga	*Mazama gouazoubira*	3
RÉPTEIS		
Cagado, Kágado, Kagados	Não identificada[33]	7
Camaleaõ Papavento	Possivelmente *Iguana iguana*	1
Cobra Coral	Não identificada[34]	1

[26] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Família Ramphastidae, dos quais três espécies estão presentes na Bahia, o Tucanuçu (*Ramphastos toco*), o Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos ariel*) e o Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*)

[27] Existem três espécies de Cutias identificadas para o atual Estado da Bahia: *Dasyprocta agouti*, Dasyprocta *nigriclunis* e *Dasyprocta prymnolopha*.

[28] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Ordem Primata.

[29] Termo empregado para designar as espécies da Família Tayassuidae. As duas espécies encontradas no Brasil estão presentes no território da Bahia, a Queixada (*Tayassu pecari*) e o Catetu (*Pecari tajacu*).

[30] No atual Estado da Bahia podem ser encontrados dois representantes da Família Bradypodidae, normalmente denominados de “Preguiça”, a Preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*) e a Preguiça (*Bradypus variegatus*).

[31] Termo genérico utilizado para designar os Primatas de pequeno porte, normalmente integrantes da Família Callitrichidae.

[32] Termo genérico empregado para a designação dos representantes da Família Cervidae.

[33] Termo genérico normalmente utilizado para designar os Quelônio de hábito dulcícola. Uma descrição mais detalhada sobre os termos utilizados para a designação dos Quelônios é apresentada no final deste tópico.

[34] Nome genérico empregado para designar um grupo de serpentes que apresenta anéis coloridos ao longo do corpo, este termo é utilizado indiscriminadamente para designar tanto as cobras peçonhentas (corais verdadeiras), representantes da Família Elapidae, quanto as não peçonhentas (falsas corais) que englobam representantes de três Famílias distintas, Dipsadidae, Colubridae e Aniliidae.

Cobra Giboia, Cobra Giboya	*Boa constrictor*	5
Jabutins	Não identificada[35]	2
Tartaruga grande	*Phrynops geoffroanus*	1
Tartaruga pequena	Não identificada[36]	1
Total de animais enviados		2.691

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

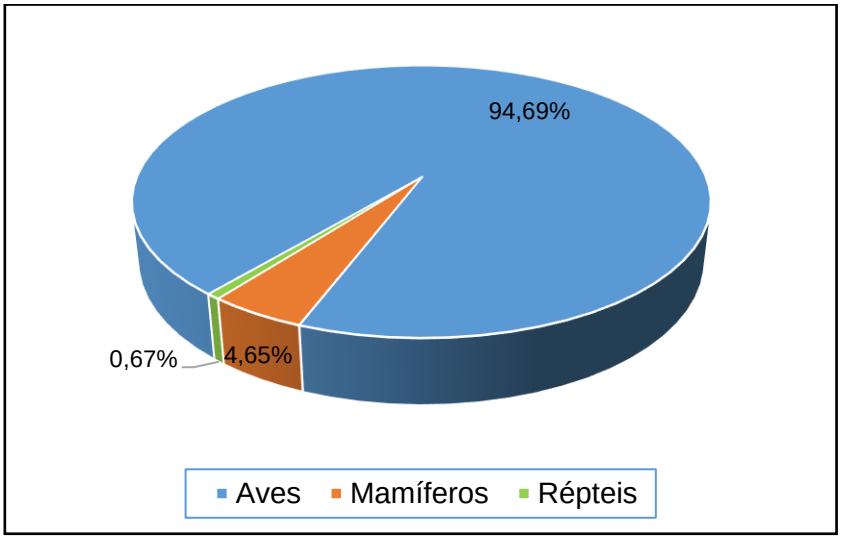


Figura 74: Grupos de animais remetidos da Capitania da Bahia para Lisboa durante o século XVIII.

Quase três quartos (74,39%) dos exemplares despachados para Lisboa tiveram sua identificação a nível de Espécie realizada ou presumida (Figura 75). Dentre os exemplares que levantam mais questionamentos, estão as araras, por envolver exemplares de araras azuis.

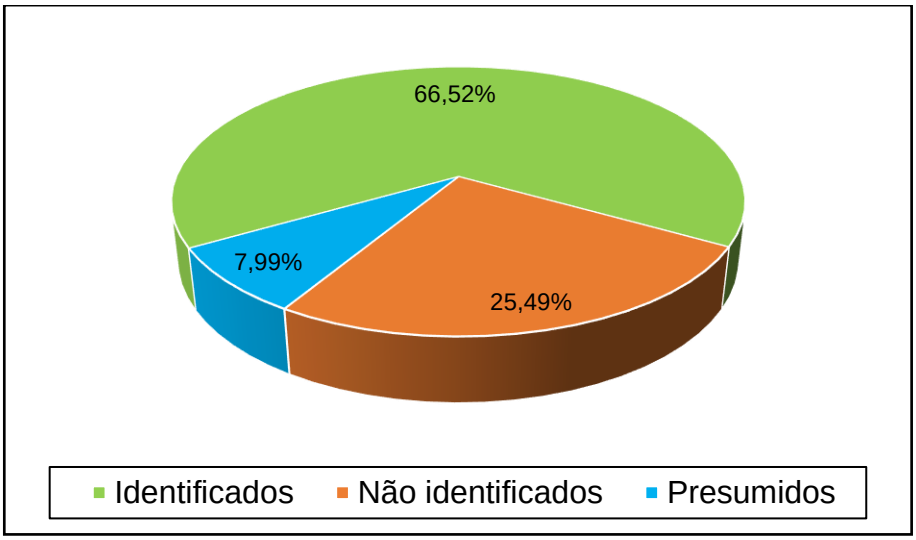


Figura 75: *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania da Bahia.

[35] Termo normalmente utilizada para designar os Testudines de hábitos terrestres, dentre estes, o Jabuti-piranga (*Chelonoides carbonarius*) e o Jabuti-amarelo (*Chelonoides denticulatus*) presentes na Bahia.
[36] Certamente algum representante da Ordem Testudines, ou do grupo dos Cágados ou um exemplar jovem de Jabuti.

As araras são, indiscutivelmente, os espécimes mais representativos da Família Psittacidae por constituírem os maiores representantes desta Família, além de apresentarem uma plumagem de cores intensas. No Brasil, historicamente, eram encontradas seis espécies normalmente referidas como “Araras” que podem ser divididas, segundo as cores de suas penas, em três grupos distintos. O primeiro grupo abrange as Araras azuis, representadas pela Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), pela Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*), pela Arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*), espécie atualmente extinta, e pela Ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), espécie extinta em estado natural; o segundo grupo compreende as Araras vermelhas, integrado pela Arara-vermelha-grande (*Ara chloropterus*) e pela Araracanga (*Ara macao*) e, finalmente, o terceiro grupo constituído por apenas uma espécie de coloração azul e amarela, a Arara-de-barriga-amarela ou Canindé (*Ara ararauna*).

Ao todo foram identificadas as remessas de, pelo menos, 50 Araras para Lisboa (Tabela 24); destas, nove foram provenientes da Capitania da Bahia.

Tabela 24: Quantidade de Araras enviadas do Brasil para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Capitania	Ano	Exemplares
Bahia	1781[37]	01 Arara
	1781[38]	02 Araras
	1786[39]	01 Arara azul 04 Arara azul pequenas
	1786[40]	01 Arara
Grão-Pará	1774[41]	03 aráras 01 Araruna[42]
	1774[43]	06 Aráras
	1776[44]	02 Aráraz
	1776[45]	01 Arára
	1778[46]	03 Araras
	1778[47]	03 Araras
	1780[48]	01 Arára
	1782[49]	02 Araras
	1785[50]	01 Arara encarnada
	1787[51]	01 Arára[52]
	1787[53]	01 Arára

[37] CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (05 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10763-10764.
[38] CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (05 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10801-10802.
[39] CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (16 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12097-12102.
[40] CARVALHO, L. F. de, 1786 (22 de Setembro). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12253-12254.
[41] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Julho). AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6152.
[42] “que he hum passaro formozo e todo de côr azul ferrete”.
[43] CALDAS, J. P., 1774 19 (de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6167.
[44] CALDAS, J. P., 1776 (05 de Janeiro). AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6296.
[45] CALDAS, J. P., 1776 (12 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6359.
[46] CALDAS, J. P., 1778 (13 de Fevereiro). AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6538.
[47] CALDAS, J. P., 1778 (05 de Dezembro). AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6681.
[48] MENESES, J. de N. T. de, 1780 (14 de Agosto). AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7031.
[49] AVELAR, J. A. C. de, 1782 (20 de Abril). AHU_CU_020, Cx. 5, D. 243.
[50] ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1785 (25 de Dezembro). AN Fd 89 Cod 99 V 5 Fl 370 e 171 Mf 038-97.
[51] CALDAS, J. P., 1787 (04 de Maio). AHU_CU_020, Cx. 13, D. 486.
[52] “pela deversidade de cores das suas penas, bastantemente agradável”
[53] ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1787 (29 de Outubro). AN Fd 89 Cod 99 V 8 Fl 192 e 193.

Maranhão	1774[54]	01 Arara
	1774[55]	02 Araras
Paraíba	1764[56]	02 Araras
Pernambuco	1773[57]	01 Arara
	1774[58]	02 Canindes
	1780[59]	02 Araras 02 Canindes
	1788[60]	01 Calindé[61], 01 Araruna[62]
	1800[63]	? Araras
Rio de Janeiro	1781[64]	01 Arara
São Paulo	1781[65]	01 Arara

Fonte: Do autor, segundo dos manuscritos consultados.

Poderíamos considerar, não querendo ser categórico, que os exemplares identificados pelo termo “Arara”, dizem respeito às Araras vermelhas e à Arara azul e amarela, estas inclusive discriminadas em algumas remessas pelo termo “Caninde”; enquanto as Araras azuis, por apresentarem uma coloração completamente distinta e inusitada, seriam referidas à parte das demais, normalmente pelo emprego da nomenclatura “Araruna” ou mesmo discriminando-as como “Araras azuis”.

O exemplar citado para o Grão-Pará como Araruna indiscutivelmente é um representante da Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*). O problema recai na identificação dos exemplares provenientes de Pernambuco e da Bahia, respectivamente denominados de “Araruna” e “Arara azul”, onde, por questões geográficas é excluída, desta análise, a extinta Arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*), por apresentar uma distribuição meridional, restrita à região sul do Brasil.

A importância da identificação destes exemplares deve-se ao fato da Arara-azul-de-lear e da Ararinha-azul, serem, na atualidade, extremamente raras; daí, qualquer informação recolhida sobre estes exemplares ter um grande valor para entendermos a distribuição geográfica original destas espécies.

Segundo Teixeira e Papavero (2016, p. 12),

> as espécies de *Anodorhynchus* [araras azuis] só teriam realmente começado a chegar aos países europeus no final do século XVIII e jamais foram tão comuns quanto as “araras-vermelhas”, os canindés, *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) e certos papagaios do gênero *Amazona.* Talvez por esse exato motivo, Edward Turner Bennett caracterize as “araras-azuis” como um dos “mais raros representantes

[54] PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (12 de Março). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4615.
[55] PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (08 de Junho). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4640.
[56] CASTRO, J. J. de M. e, 1764 (22 de Novembro). AHU_CU_014, Cx. 23, D. 1748.
[57] MENESES, M. I. da C. e, 1773 (08 de Junho). AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.
[58] MENESES, M. I. da C. e, 1774 (29 de Janeiro). AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8843.
[59] MENESES, J. C. de, 1780 (27 de Novembro). AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.
[60] MELO, T. J. de, 1788 (18 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11615.
[61] “[pássaro] de peito amarelo”.
[62] “[pássaro] de peito azul”.
[63] COUTINHO J. da C. A., 1800 (0? de Janeiro). AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.
[64] SOUSA, L. de V. e, 1781 (25 de Maio). ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 108 e 109.
[65] BARRETO, F. A., 1781 (20 de Março). AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, D.

> do magnífico grupo de aves ao qual pertence", acrescentando que François Levaillant não teria incluído qualquer *Anodorhynchus* em sua "*Histoire Naturelle des Perroquets*" (1804-1805) por não haver encontrado sequer um único exemplar disponível.

A própria identificação das duas espécies de *Anodorhynchus*, em questão, é de difícil caracterização pela semelhança morfológica apresentada pelos exemplares destas duas espécies.

Entretanto, mesmo com esta incerteza na identificação destes exemplares, a presença de espécimes vivos da Arara-azul-de-lear na Europa, durante o século XIX, é sugerida pelo relato de que os desenhos realizados por Edward Lear, que retratam esta espécie, foram executados a partir da observação de animais provenientes de Coleções Zoológicas Vivas (TEIXEIRA e PAPAVERO, 2016, p. 8).

Deste modo, o registro da remessa de "1 Arara azul e 4 d.ª pequenas"[66], provenientes da Capitania da Bahia, é de suma importância para esta discussão.

Mesmo se considerarmos que o exemplar designado por "Arara azul" fosse um representante da Arara-azul-grande, o qual estaria praticamente fora do seu limite de distribuição geográfica, o termo "d.ª pequena" estaria associado a uma das duas espécies de Araras azuis detectadas para esta região, a Arara-azul-de-lear ou a Ararinha-azul, o que já seria um feito considerado. Como a distribuição geográfica destas duas espécies poderia, historicamente, ter sido simpátrica[67], é plausível que estes exemplares tenham sido capturados na mesma região e que a remessa, realizada por Castro, tenha incluído, efetivamente, um exemplar da Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*) e quatro da Ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*).

Ao todo foram identificadas 17 Famílias de Aves enviadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas (Figura 76), com o predomínio de representantes da Família Thraupidae, que equivaleriam, utilizando-se um termo empregado para designar os pássaros provenientes da Angola, aos "pássaros de cores" das Américas.

[66] CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (16 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12097-12102.
[67] O termo "simpátrico" é utilizado para indicar que duas espécies coexistem em uma mesma área geográfica, em oposição ao termo "alopátrico".

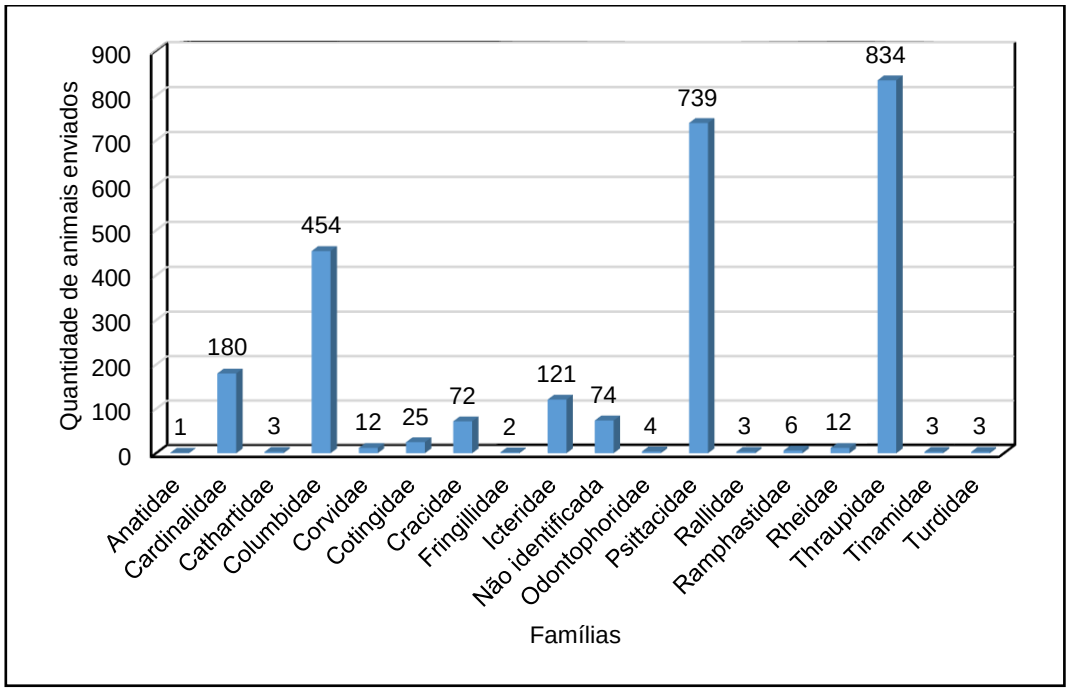


Figura 76: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.

Dentre os Mamíferos, detectamos exemplares de 13 Famílias, com o predomínios da remessa de representantes da Família Callitrichidae (Figura 77), da qual fazem parte os saguis.

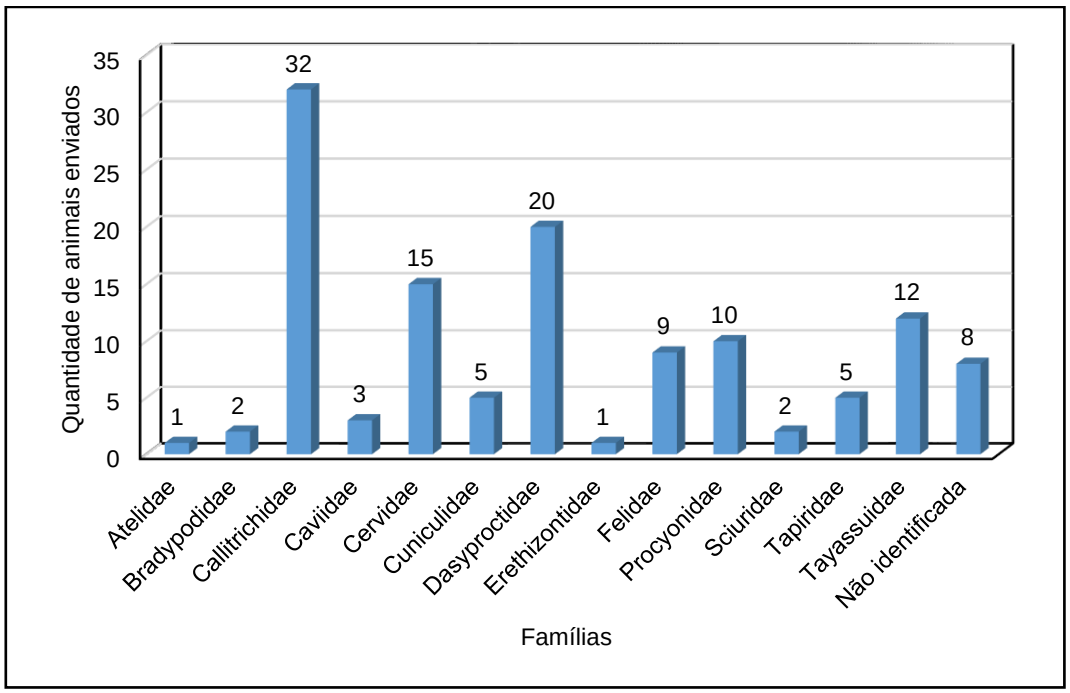


Figura 77: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

A presença de Répteis entre os exemplares enviados desta Capitania (Figura 78) merece nosso comentário, apesar de perfazerem apenas 0,67% do total de animais embarcados.

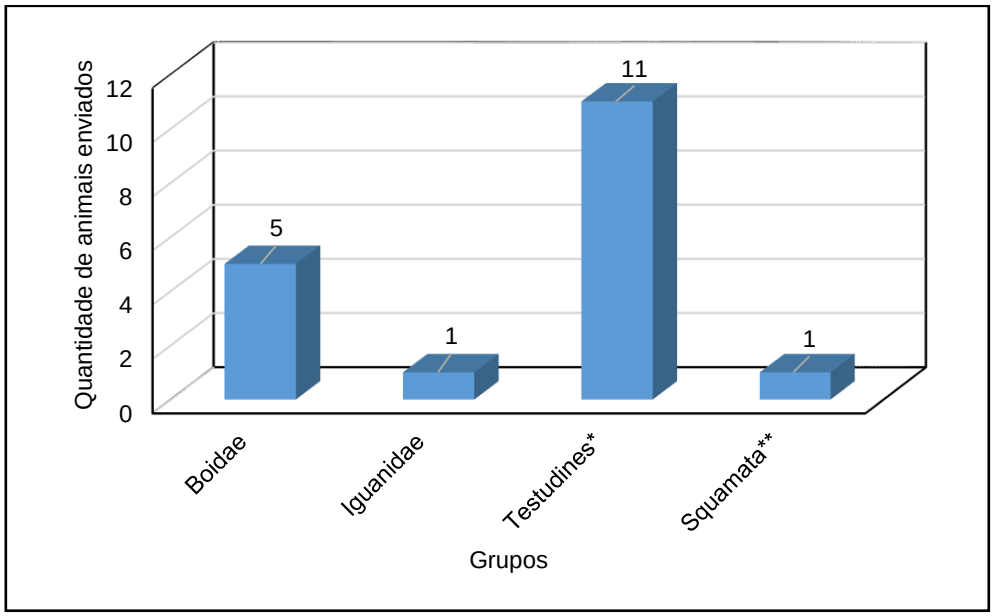


Figura 78: Grupos de Répteis presentes nas remessas realizadas da Capitania da Bahia para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Referente aos Quelônios, **Referente às serpentes, não Boidae.

Observamos nas remessas realizadas pelos administradores baianos, o emprego das três nomenclaturas, comumente utilizadas no Brasil, para designar os representantes da Ordem Testudines: Cágado, Jabuti e Tartaruga, sendo, atualmente, registradas quinze espécies integrantes desta Ordem para o Estado da Bahia, entre nativas e exóticas (Tabela 25).

Tabela 25: Testudinidae do Estado da Bahia.

Grupo	Família	Espécie	Observação
Tartaruga	Cheloniidae	Tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*)	Marinha
		Tartaruga-verde (*Chelonia mydas*)	Marinha
		Tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*)	Marinha
		Tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivácea*)	Marinha
	Dermochelyidae	Tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriácea*)	Marinha
Cágado	Emydidae	Tartaruga-de-orelha-vermelha (*Trachemys scripta elegans*)	Dulcícola (exótica)
		Tartaruga-de-orelha-amarela (*Trachemys scripta scritpa*)	Dulcícola (exótica)
	Kinosternidae	Muçuã (*Kinosternon scorpioides*)	Dulcícola (Fêmea 18,5 cm / Macho 27 cm)[68]
	Podocnemididae	Tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*)	Dulcícola (Fêmea 109 cm / Macho 50 cm)[69]
	Chelidae	Cágado-amarelo (*Acanthochelys radiolata*)	Dulcícola (Fêmea 20 cm / Macho 17,3 cm)[70]

[68] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/30-fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7407-repteis-kinosternon-scorpioides-mucua>. Acesso: 11 Jan. 2018.
[69] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7431-repteis-podocnemis-expansa-tartaruga-da-amazonia2>. Acesso: 11 Jan. 2018.
[70] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7439-repteis-acanthochelys-radiolata-cagado-amarelo>. Acesso: 11 de Jan. 2018.

		Cágado-do-nordeste (*Mesoclemmys tuberculata*)	Dulcícola (Fêmea 23,5 cm)[71]
		Tartaruga-cabeça-de-sapo (*Mesoclemmys vanderhaegei*)	Dulcícola (Fêmea mínimo 14,8 cm)[72]
		Cágado-de-barbicha (*Phrynops geoffroanus*)	Dulcícola (Fêmea de 35 a 39 cm)[73]
Jabuti	Testudinidae	Jabuti-piranga (*Chelonoides carbonarius*)	Terrestre
		Jabuti-amarelo (*Chelonoides denticulatus*)	Terrestre

Fontes: SILVA; HAMDAN; COELHO (2011) e ICMBIO.

De um modo geral, a nomenclatura “Tartaruga” é empregada, na atualidade, para designar os representante que apresentam hábitos marinhos, os quais, certamente, não integraram o rol das espécies enviadas para Lisboa. Contudo, detectamos a utilização desta nomenclatura em duas remessas provenientes da Bahia, uma das quais, ao relatar o embarque de “huma Tartaruga grande, que poderá conservar-se no lago da mesma Quinta [de Queluz], em q’ achará pequenos peixes, de q’ ela se sustenta”[74], descreve um representante do segundo grupo de Testudines, os Cágados, cujos exemplares exibem hábitos dulcícolas. Apesar de Silva, Hamdan e Coelho (2011) apontam a presença da Tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*) para o território da Bahia, não encontramos registros desta espécie fora das bacias hidrográficas do Amazonas/Tocantins. Desta forma, o emprego do adjetivo “grande” ao exemplar descrito por Figueiroa, certamente, seria uma referência ao Cágado-de-barbicha (*Phrynops geoffroanus*).

O terceiro grupo de Testudines é composto pelos Quelônios de hábitos terrestres, normalmente designados pelo termo “Jabuti”. Pelo menos quatro exemplares relatados como “Cagado” nos registros encontrados[75] são, muito provavelmente, “Jabutís” pela descrição fornecida de sua alimentação: “usa do mesmo alimento [Come Milho verde, Bananas, e Piraõ]”.

Os poucos registros que atestam a chegada de animais vivos a Lisboa, provenientes da Capitania da Bahia, e sua incorporação às Coleções Zoológicas Reais, durante o século XVIII (Figura 79), incluem, exatamente, um representante da Classe Reptilia, uma Giboia (*Boa constrictor*)[76].

[71] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/30-fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7416-repteis-mesoclemmys-tuberculata-cagado-do-nordeste>. Acesso: 11 Jan. 2018.
[72] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7440-repteis-mesoclemmys-vanderhaegei-tartruga-cabeca-de-sapo>. Acesso: 11 Jan. 2018.
[73] Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7418-repteis-phrynops-geoffroanus-cagado-de-barbicha>. Acesso: 11 Jan. 2018.
[74] FIGUEIROA, J. B. de, 1779 (03 de Novembro). AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10432.
[75] EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (26 de Fevereiro). BNRJ, mssp 0000046; EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (24 de Março). AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12249-12250.
[76] MANIQUE, A. J. de P., 1786 (13 de Agosto). AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 27.

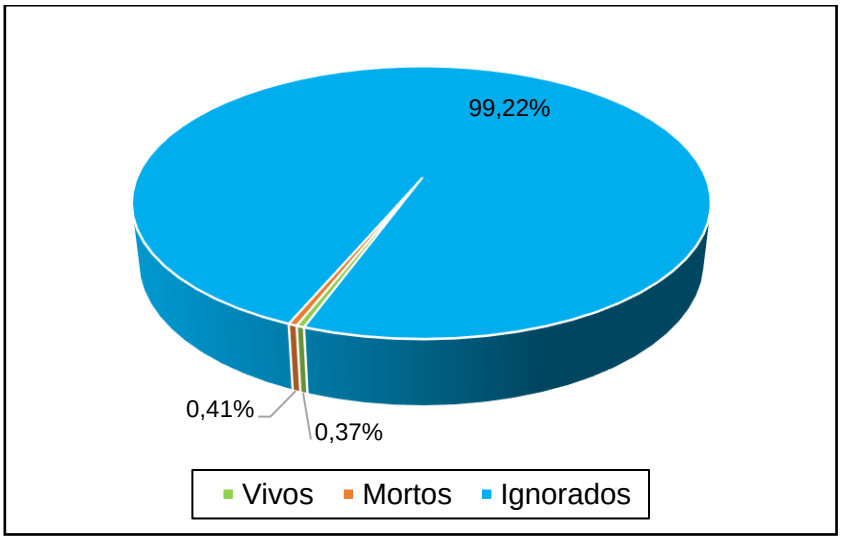


Figura 79: Percentagem de animais remetidos da Capitania da Bahia que chegaram a Lisboa.

4.3.2.2 Capitania do Espírito Santo

Um relato da paisagem do Rio Doce realizado por Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied[77], no início do século XIX, retrata o cenário no qual se insere o único registro encontrado da remessa de animais da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, ocorrida no final do século XVIII.

> As margens distantes estavam tão densamente vestidas de selvas umbrosas, que, em todo o percurso vencido, não havia uma simples brecha onde se pudesse erguer uma casa. [...] Na cheia, a água do rio Doce é turva e amarelada, e produz febres no consenso geral dos habitantes. O peixe é abundante: mesmo o espadarte[78] sobe muito além de Linhares, até à "lagoa" de Juparanã, onde é frequentemente pescado.
> Vinham das florestas gritos de numerosos macacos, sobretudo dos "barbados"[79], e dos "saí-assús"[80]. Vimos aí, pela primeira vez em estado selvagem, as magníficas araras[81], um dos maiores ornamentos das florestas brasileiras; ouvimos-lhes os gritos altos e estridentes, e as admiramos a esvoaçar, esplêndidas, por sobre as cimas das altaneiras sapucaias. Podíamos reconhecê-las à distância pelos rabos compridos, e a brilhante plumagem vermelha refulgia deslumbrantemente sob os raios do sol. Periquitos[82], maracanãs[83],

[77] Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782 – 1867) foi um naturalista alemão que explorou o Rio de Janeiro, o Espírito Santo e o sul da Bahia, entre 1815 e 1817.
[78] Provável referência ao Peixe-espada (*Xiphias gladius*).
[79] Referência ao Bugio (*Alouatta guariba*).
[80] Não identificado; talvez uma referência ao Muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*).
[81] Uma referência à Arara-vermelha (*Ara chloropterus*).
[82] Termo genérico empregado para designar vários representantes de pequeno porte da Família Psittacidae.
[83] Possível referência ao Periquitão-maracanã (*Psittacara leucophthalmus*).

> maitacas[84], tiribas[85], curicas[86], camutanga[87], jandaias[88] e outras espécies de papagaios[89] voavam nos bandos, com algazarra, de uma margem a outra; e o grande e magestoso pato almiscarado[90] pousava no ramo de uma *Cecropia*, na orla da mata, à beira do rio. O talhamar[91] permanecia imóvel, de pescoço encolhido, nos bancos de areia (coroas): tucanos[92] e surucuás[93] emitiam os altos gritos. Esses animais selvagens e os "Botocudos", agora, aliás muito mais raros, são os únicos habitantes das margens do rio. (WIED-NEUWIED, 1940, p. 154).

Esta remessa (Apêndice VII) é relatada pelo governador da Bahia, Fernando José Portugal e Castro em um ofício datado de 15 de Julho de 1789, no qual acusa o recebimento de animais enviados pelo governador do Espírito Santo, Ignácio João Mongeardino, para serem remetidos à Corte. No recibo anexo a este documento, Manoel António Honório, mestre do Navio Nossa Senhora da Glória e Senhor do Bonfim, declara ter recebido, dos funcionários da Intendência da Marinha e Armazéns Reais da Bahia, “Dous Viveiros com quarenta, e oito Perequitos Verdadeiros, duas Sabiâs Cicas (que cantaõ bem, e saõ próprias daquele continente [capitania do Espírito Santo]), e duas Jandaias de testa Vermelha”[94]; entretanto, no corpo do ofício, Costa informa que, além destes animais, foi entregue ao mestre do Navio, “Huma cobra viva chamada Corál, remetida em hú vidrinho” (Figura 80).

Ao todo foram enviados da Capitania do Espírito Santo para Lisboa 53 animais (Tabela 26), em uma única remessa.

---

[84] Referência às espécies do Gênero *Pionus* encontradas nesta região: a Maitaca-de-cabeça-azul (*Pionus reichenowi*) e a Maitaca-verde (*Pionus maximiliani*).
[85] Termo normalmente utilizado para designar os Psitacidae do gênero *Phyrrhura*, com três representantes no atual Estado do Espírito Santo: a Tiriba-grande (*Phyrrhura cruentata*), a Tiriba-de-testa-vermelha (*Pyrrhura frontalis*) e a Tiriba-de-orelha-branca (*Phyrrhura leucotis*).
[86] Referência ao Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*).
[87] Referência ao papagaio denominado Chauá (*Amazona rhodocorhyta*).
[88] Termo normalmente utilizado para designar dois Psittacidae encontrados nesta região, a Jandaia-estrela (*Eupsittula aurea*) e a Jandaia-de-testa-vermelha (*Aratinga auricapillus*).
[89] Termo genérico utilizado para designar os Psittacidae de médio porte que apresentam cauda curta.
[90] Referência ao Pato-do-mato (*Cairina moschata*).
[91] Talhamar (*Rynchops niger).*
[92] Termo genérico empregado para designar os representantes de grande porte da Família Ramphastidae, abrangendo, no atual Estado do Espírito Santo, o Tucanuçu (*Ramphastos toco*), o Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos ariel*) e o Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), além do Araçari-de-bico-branco (*Pteroglossus aracari*) que também pode ser denominado de Tucano-de-cinta.
[93] Nomenclatura utilizada para designar os representantes da Família Trogonidae pertencentes ao Gênero *Trogon*, dos quais podem ser encontradas quatro espécies nesta região: o Surucuá-grande-de-barriga-amarela (*Trogon viridis*), o Surucuá-variado (*Trogon surrucura*), o Surucuá-de-barriga-amarela (*Trogon rufus*) e o Surucuá-de-coleira (*Trogon collaris*).
[94] CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (15 de julho). AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13271-13272.

Periquito-verdadeiro (*Brotogeris tirica*)

Foto: Tiemi

Jandaia-de-testa-vermelha (*Aratinga auricapillus*)

Foto: Odilon Simões Corrêa

Sabiá-cica (*Triclaria malachitacea*)

Foto: Fabio Souza

Cobra-coral (Possivelmente *Micrurus corallinus*)

Foto: Mateo em algúm lado

Figura 80: Espécies identificadas na remessa proveniente da Capitania do Espírito Santo.

Tabela 26: Relação dos animais envidos da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Jandaias de testa Vermelha	*Aratinga auricapillus*	02
Perequitos Verdadeiros	*Brotogeris tirica*	48
Sabiâs Cicas	*Triclaria malachitacea*	02
RÉPTEIS		
Cobra Corál	Possivelmente *Micrurus corallinus*[95]	01
Total de animais enviados		53

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

Esta remessa se caracteriza por não incluir, entre os exemplares enviados, Mamíferos (Figura 81); além disso, todas as Aves encaminhadas eram representantes de uma única Família, Psittacidae, que tiveram seus exemplares identificados a nível de espécie.

[95] O termo “Cobra-coral” é empregado para designar várias espécies de serpentes que apresentam uma coloração corporal característica formada por anéis coloridos, normalmente intercalando as cores vermelho, amarelo, preto e branco. Dentre as várias serpentes denominadas “corais”, aquelas que são mais frequentemente encontradas na Mata Atlântica pertencem às Famílias Dipsadidae, normalmente designadas como falsas-corais, por não serem peçonhentas e Elapidae, as chamadas corais-verdadeiras, englobando as espécies peçonhentas.

Em relação ao único Réptil incluído nesta remessa, se considerarmos verdadeira a descrição realizada por Costa, “huma das mais venenosas, que se achaõ neste Paíz”, este exemplar, certamente, era um representante do Gênero *Micrurus*[96], da Família Elapidae.

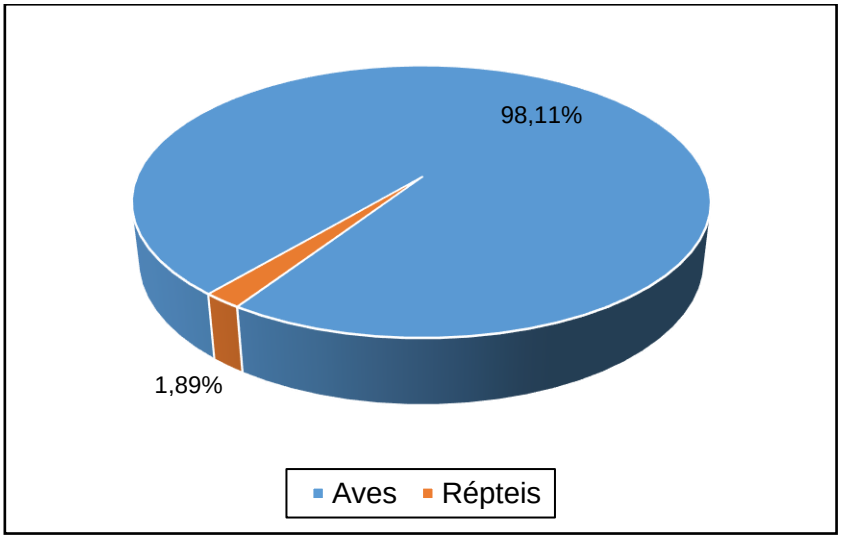


Gráfico 81: Grupos de animais remetidos da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

4.3.2.3 Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro

As remessas de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas provenientes do Estado do Grão-Pará, e consequentemente da Capitania de São José do Rio Negro, a este associado, foram intensificadas com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 07 de junho de 1755. Esta iniciativa foi consequência direta da publicação da lei que concedeu liberdade aos índios cativos, mão de obra predominante da economia extrativista que perdurava neste Estado. A promulgação desta lei, ocorrida um dia antes da criação da referida Companhia, abalava significativamente a economia da Capitania que, segundo o próprio Furtado[97], estava mais para um cadáver do que para um Estado (SANTOS, 2009, p. 90), caso não fosse implantada uma política de utilização de mão de obra escrava africana pois, para agravar ainda mais esta crise, a população indígena vinha sofrendo uma redução drástica de seu contigente com a epidemia de bexiga[98] que a dizimava.

Deste modo, o objetivo primordial da Companhia de Comércio, que contava com 43 embarcações (Anexo III), era transportar para a Região Amazônica a mão de obra

[96] Dentre todos os Gêneros que constitui a Família Elapidae, o Gênero *Micrurus* é o que apresenta a maior quantidade de espécies. Uma das cobras-corais mais comuns na Mata Atlântica é a *Micrurus corallinus*.
[97] Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi governador do Estado do Grão-Pará de 1751 a 1759.
[98] Nome pelo qual é conhecida a doença varíola, causada pelo vírus *Orthopoxvirus variolae*.

africana com o intuito de implantar a cultura intensiva de determinados produtos locais como o cacau, assim como intensificar o cultivo do algodão (CARREIRA, 1988, v. i, p. 63). Apesar de a Companhia ter sido extinta em 1778, durante os seus 23 anos de existência atuou em várias rotas entre a África, o Brasil e Lisboa[99].

Curiosamente em nenhum momento da pesquisa, extremamente detalhada, realizada por Carreira, este autor cita o tranporte de animais vivos por esta Companhia, demonstrando que estes itens não eram contabilizados como mercadorias, consequentemente não aparecendo na relação de carga dos navios[100]. Contudo, na nossa pesquisa detectamos o transporte de animais pelos navios desta Companhia[101].

O Estado do Grão-Pará, aqui concebido como constituído apenas pelas Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro, não incluindo as Capitania do Maranhão e do Piauí, que estiveram a este integrado durante um determinado momento histórico, foi um importante fornecedor de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa, sendo a terceira Capitania mais representativa neste comércio, como veremos a seguir.

O registro mais antigo da remessa de animais, identificado nesta pesquisa, não só para a América portuguesa mas para todos os territórios sob o domínio português, foi realizado, exatamente, da Capitania do Grão-Pará. Este feito, ocorrido em 26 de Novembro de 1753, foi a única remessa de tal natureza realizada pelo governador e capitão general deste Estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado[102], apesar de este administrador ter ficado no exercício do cargo até 1759. Esta remessa, composta por vinte animais, despachada em dois navios[103], já revela a importância e a grandeza dos exemplares que serão remetidos deste território para Lisboa, por incluir dois exemplares de “Tejejúz”, uma das maiores aves das Américas.

Após este registro isolado, a próxima remessa de animais proveniente do Grão-Pará só seria efetivada vinte anos mais tarde (Figura 82), um lapso temporal considerável que, segundo Papavero e Teixeira (2013, p. 128), seria justificado por Lisboa se encontrar em pleno processo de reconstrução após o terremoto que a devastou em 1755. Contudo, pelos dados por nós levantados, podemos afirmar que esta justificativa talvez não tenha sido a única razão para a ausência de remessas observada, pois durante o período de 1759 a 1772, correspondente aos governos de Manuel

[99] Carreira (1988, v. 1, p. 315) cita que houve uma tentativa de a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão atuar na rota do Oriente, existindo algumas referências, não muito detalhadas, de comércio com Macau.
[100] Carreira cita durante seu trabalho, como mercadoria de origem animal comercializada, os seguintes itens: cera de abelha, marfim, dentes de cavalos marinhos (hipopótamos), peles de cabras e gazelas e cascos de tartarugas, sendo os únicos seres vivos citados nestes transportes, obviamente, os escravos.
[101] CALDAS, J. P., 1775 (27 de Junho). AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6227.
[102] Após deixar o governo da Capitania do Grão-Pará, Furtado assumiu a Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, cargo que ocupou até sua morte ocorrida em 1769.
[103] FURTADO, F. X. de M., 1753 (26 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.

Bernardo de Melo e Castro (1759 a 1763) e de Fernando da Costa de Ataíde Teive (1763 a 1772), sucessores de Furtado, foram detectadas quarenta remessa de animais provenientes da África: quatro referentes a São Tomé e Príncipe; duas para o território da Guiné e trinta e quatro despachadas de Angola, além de treze realizadas da América: duas da Capitania de São Paulo; nove da Capitania do Rio de Janeiro, além de outras duas provenientes da Capitania da Paraíba. É interessante ressaltar que, nesse mesmo período, não foram detectadas, igualmente, remessas oriundas de dois importantes centros fornecedores de animais para Lisboa ao longo do século XVIII, as Capitanias de Pernambuco e da Bahia.

Em relação aos dois governadores, acima citados, Manuel Bernardo de Melo e Castro e Fernando da Costa de Ataíde Teive, Santos (2008, p. 118-119) observa que

> A nomeação de Ataíde Teive para governar o Estado em substituição a Manuel Bernardo, que assumiu a praça de Elvas e, posteriormente, o governo das armas da província do Alentejo, foi uma estratégia da Coroa para aproveitar os serviços de ambos em duas áreas de fronteira que demandavam proteção (no Reino e no norte da América portuguesa) contra um inimigo comum (os espanhóis). Ao aportar em Belém com reconhecida experiência militar, útil em uma conjuntura de indefinição dos limites territoriais das monarquias ibéricas, Ataíde Teive praticamente saiu do campo de batalha para o Palácio do Governo sem nunca ter administrado mais do que os bens da sua Casa.

Assim, baseado na afirmação de Santos, pelo menos em relação à Capitania do Grão-Pará, a falta de remessas animais observada durante o período de 1759 a 1772 teria como fundamentação mais um relaxamento administrativo pessoal do que efetivamente consequência de um problema que estava sendo vivenciado na metrópole.

Indubitavelmente o administrador do Grão-Pará que mais se destacou, no tocante ao número de remessas animais realizadas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII, foi João Pereira Caldas, não só como Governador deste Estado, cargo que ocupou de 1772 a 1780, durante o qual detectamos 41 remessas envolvendo o embarque de 576 exemplares, mas também como o responsável pela comissão encarregada de delimitar os limites fronteiriços da região norte deste Estado (Tratado de Santo Idelfonso) com as colônias espanholas, durante os anos de 1780 a 1788, período que ficou lotado na Capitania de São José do Rio Negro, de onde despachou mais 10 remessas constituídas por 152 animais.

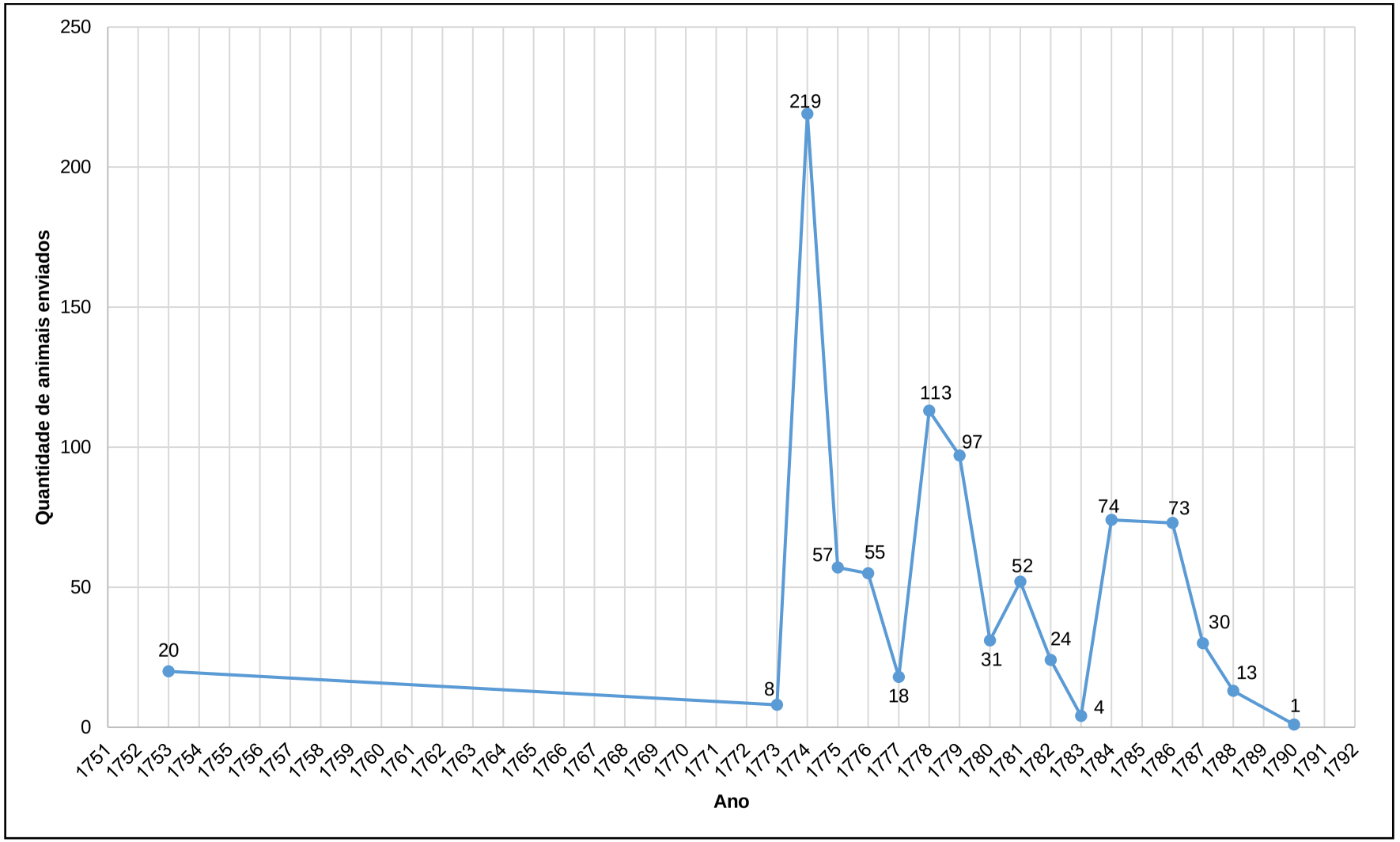


Figura 82: Quantitativo de animais enviados das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Após deixar a supervisão da Comissão de Demarcação, em 1788, Caldas retornou ao Reino. Ao contrário de outros administradores que, ao término de seus cartos de chefia em diversas colônias do Império, ao retornarem a Portugal, assumiram postos de maior prestígio, no caso de Caldas isto não ocorreu, tendo sido designado, apenas, para uma função subalterna no Conselho Ultramarino no qual não teve nenhuma projeção. Santos (2010, p. 521) observa que

> Nesse sentido, a mercê da nomeação para o Conselho Ultramarino limitou-se ao reconhecimento da Coroa da experiência adquirida pelo militar na América portuguesa, que poderia ser útil na apreciação de consultas encaminhadas àquela instância metropolitana.

Contudo, apesar de os exemplares remetidos por Caldas não terem contribuído para a sua ascensão profissional, estes, certamente, foram de grande valor para o enriquecimento das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, por ter atingido um número expressivo, perfazendo 82% de todo o contingente envidado, assim como de 75% do número total de remessas observadas para a Capitania do Grão-Pará (Apêndice VIII).

A análise dos dados recolhidos para esta Capitania revela que foram embarcados para Lisboa um total de 889 exemplares (Tabela 27), sendo detectado um predomínio de Aves, apesar de também constarem exemplares das Classes Mammalia e Reptilia, estes raramente representados entre os animais enviados (Figura 83).

Tabela 27: Relação dos animais enviados das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantitativo
AVES		
Acáuan	*Herpetotheres cachinnans*	1
Anacaã, Anacan, Anacãns, Anacans, Annacans	*Deroptyus accipitrinus*	10
Aracuans	Não identificada[1]	2
Arapapá	*Cochlearius cochlearius*	1
Arara encarnada	Não identificada[2]	1
Arára, Araras, Aráras, Aráraz	Não identificada[3]	25
Araruna (todo de côr azul ferrete)	*Anodorhynchus hyacinthinus*	1
Colhereiras, Colhereira	*Platalea ajaja*	3
Cujubi, Cujubí, Cujubỹ	*Pipile cujubi*	4
Curicacas	Possivelmente *Theristicus caudatus*	2

[1] Aracuã é a designação dada aos representantes do Gênero *Ortalis* integrantes da Família Cracidae, representados na região norte do Brasil por três espécies, o Aracuã-pintado (*Ortalis guttata*), o Aracuã-pequeno (*Ortalis motmot*) e o Aracuã-de-sobrancelhas (*Ortalis superciliaris*).
[2] Na Região Amazõnica podem ser encontradas duas araras com a plumagem vermelha, a Arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e a Araracanga (*Ara macao*).
[3] Termo genérico empregado para designar os Psittacidae de grande porte dos quais quatro espécies são registradas para a Amazônia, a Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), além das duas espécies de araras vermelhas acima referidas e da Arara-canindé (*Ara ararauna*).

Enambûs	Não identificada[4]	2
Galinho da Cachoeira do Rio Negro, Gallo das Caxoeiras do Rio Negro, Gallos das Cachoeiras do rio branco	*Rupicola rupicola*	6
Garça	Não identificada[5]	1
Garça pequena	Provavelmente *Egretta thula*	1
Garças brancas	Provavelmente *Ardea alba*	9
Gaviaõ pexipexi	Possivelmente *Buteogallus aequinoctialis*	1
Gaviaõ Real, Gaviaõ Reál, Gavioẽs Reáes, Gavioẽs Reaes	*Harpia harpyja*	9
Gaviaõ, Gaviaõ pequeño, naõ dos Reáes	Não identificada[6]	2
Guarajuba, Gorujuba, Grojuba, Gurujuba, Guaruba	*Guarouba guarouba*	5
Guarás, Guarazes, Goaráz, Goarazes	*Eudocimus ruber*	17
Inhuma	*Anhima cornuta*	4
Jaburú, Jaburuz	*Mycteria americana*	10
Jacamim, Jacamins	*Psophia obscura*	6
Jacus, Jacuz, Jacúz, Jácúz, Jacú, Jácû	Não identificada[7]	20
Japú	Não identificada[8]	1
Macarico	Não identificada[9]	1
Magoariz, Mauguarîz, Cauáuá	*Ciconia maguari*	16
Maracanã	Não identificada[10]	1
Marreca, Marréca, Marrecas, Marrécas, Marreca mais pequena	Não identificada[11]	23
Marrecoens, Marrecôens, Marrecõens, Marrecoẽz, Merrecoeñs, Marrecaõ	*Neochen jubata*	63
Mayáuí	*Vanellus cayanus*[12]	1
Motuns, Motúns, Muttuns, Motum, Motúm, Mutú, Mutum, Mutuns, Mutúns, Mútuns, Mutum (pretos e de fava)	Não identificada[13]	49
Mutúm Pinimas, Motúm Penimas, Mutus penimas, Metum com pintas brancas	*Crax fasciolata*	5
Orumutum, Orumotú	*Nothocrax urumutum*	2
Papagaio de Cabeça Amarela	*Amazona ochrocephala*	1
Papagaio do Setaõ de testa encarnada	*Amazona festiva*	1
Papagaios, Papagayos, Papagáÿos	Não identificada[14]	68
Papagayo pequenino, com a cabeça azul	*Pionus menstruus*	1

[4] Nome utilizado para designar vários representantes da Família Tinamidae.
[5] Termo empregado para nomear vários representantes da Família Ardeidae.
[6] Termo genérico utilizado para designar vários representantes das Famílias Falconidae e Accipitridae.
[7] Termo utilizado para designar vários representantes da Família Cracidae, representados na Amazônia pelo Jacumirim (*Penelope marail*), pela Jacupemba (*Penelope superciliaris*), pelo Jacu-de-Spix (*Penelope jacquacu*) e pelo Jacupiranga (*Penelope pileata*).
[8] Aves da Família Icteridae. Três espécies são detectadas para o atual Estado do Pará: o Japu (*Psarocolius decumanus*), o Japu-verde (*Psarocolius viridis*) e o Japuaçu (*Psarocolius bifasciatus*).
[9] Termo utilizado para designar os representantes da Família Scolopacidae, dos quais 16 espécies, no mínimo, podem ser encontradas nesta região.
[10] Termo genérico normalmente utilizado para designar os representantes de médio porte da Família Psittacidae que apresentam cauda longa.
[11] Nome genérico utilizado para designar diversos representantes da Família Anatidae.
[12] Baseado na descrição realizada por Teixeira, Papavero e Kury (2010).
[13] O termo “Mutum” é empregado para designar os exemplares de grande porte da Família Cracidae, dos quais podem ser encontrados, na Região Amazônica, o Mutum-poranga (*Crax Alector*), o Mutum-de-fava (*Crax globulosa*), o Mutum-do-norte (*Mitu tomentosum*) e o Mutum-cavalo (*Mitu tuberosum*).
[14] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Família Psittacidae.

Papagayoz grandes das cachoeiras do rio branco	*Amazona farinosa*	4
Patos, Pattos	Possivelmente *Cairina moschata*[15]	3
Pavaõ, Pavaõ pequenino, Pavaõzinho	*Eurypyga helias*	4
Periquito do rio branco (mais pequeno, [com] todo o peito de penas pardas, e destas algumas na cabeça e nas pontas das azas)	Provavelmente *Aratinga pertinax chrysogenys*	1
Periquitos especiáes, Perequito dos especiaes, Piriquitos dos especiáes, Periquitos especiaes do Rio Branco, Piriquitos especiáes do Ryo Branco, Periquitos dos especiáes da Capitania do Ryo Negro, Piriquitos amarelos, Periqutitos do Rio Negro pintados da amarelo, Periquitos do rio branco, Pirirquitos [do Ryo Branco]	*Aratinga solstitialis*	140
Periquitos, Periquito, Piriquitos, Piriquitos dos ordinarios, Periquitos de diversas cores, Periquitos dos exquizitos, e galantissimos	Não identificada[16]	140
Picapáo	Não identificada[17]	1
Pombinha	Não identificada[18]	1
Pombo trocáz	*Patagioenas speciosa*	1
Quereruz	Possivelmente *Vanellus chilensis*	12
Rolas jurutiz	Não identificada[19]	3
Saracuras, Saracûra, Saracúras, Serecûras	Não identificada[20]	16
Taqueri	Provavelmente *Nycticorax nycticorax*	1
Tejejúz, Tajejú, Tujûjû, Tojujuz	*Jabiru mycteria*	10
Temtem, Témtens (ou Rouxinóes), Rouxinol do Ryo Branco, Rouxinoes do rio branco	Possivelmente *Icterus chrysocephalus*	10
Tocano	Não identificada[21]	1
Urubú-Jaréba, Orubuz aréoas	*Cathartes aura*	3
Urubutinga, Urubú-tinga, Urûbutinga, Urúbutinga, Orubuztingas, Orubutingaz, Urubus (Corvo, Orubuz Reys, Urubu Rey)	*Sarcoramphus papa*	13
MAMÍFEROS		
Anta, Ánta	*Tapirus terrestris*	6
Cachorro do Matto, Rapôza	Provavelmente *Cerdocyon thous*	2
Capiváras	*Hydrochoerus hydrochaeris*	2

[15] Apesar de o termo “Pato” poder ser utilizado para designar vários representantes da Família Anatidae, neste caso, especificamente, talvez seja uma referência ao Pato-do-mato (*Cairina moschata*), pois a outra espécie que poderia ser designada por este termo, pelo porte, é normalmente referida como Marrecão (*Neochen jubata*) e os demais representantes desta Família detectados para esta região, por apresentarem menor porte, são geralmente referidos como “marrecos”.
[16] Termo genérico utilizado para designar os representantes de pequeno porte da Família Psittacidae.
[17] Termo genérico utilizado para designar os representantes da Família Picidae.
[18] Termo que poderia ser aplicado a vários representantes da Família Columbidae de pequeno e médio porte.
[19] Termo normalmente utilizado para designar pelo menos três representantes da Família Columbidae, a Juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), a Juriti-gemedeira (*Leptotila rufaxilla*) e a Juriti-piranga (*Geotrygon montana*).
[20] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Família Rallidae.
[21] Termo genérico utilizado para designar os representantes de grande porte da Família Ramphastidae

Coatiperûs pequeninos, Cuatiperú	Não identificada[22]	4
Coatis, Coati, Coaty, Cuati , Guati	*Nasua nasua*	6
Coelhos da Provincia de Santa Feé	Não identificada	2
Cotias	Não identificada[23]	2
Gátto do Mato (diferente do Maracajá)	*Leopardus tigrinus*	1
Guariba de cabelo amarelo	*Alouatta macconnelli*	1
Irara (ou Cachorro do Mato)	*Eira barbara*	1
Macaco, Macacos, Macácos, Maccáco	Não identificada[24]	38
Macaco barrigudo	*Lagothrix lagotricha*	1
Macaco Cayará [Macaco caiarara]	Possivelmente *Cebus kaapori*	1
Macaco Guarapuçá	Possivelmente *Callicebus moloch*	1
Macaco Quatá, Cuatá	Não identificada[25]	2
Macacos com Coleiras, e Maõns Calçadas de branco	Possivelmente *Callicebus torquatus*	2
Macacos de prego	Possivelmente *Sapajus apella*	2
Maracajá grande, Onça pequena, Onça pequêna, Onça pintada pequena	*Leopardus pardalis*	4
Maracajá, Maracajás, Tracajá (Gátto da especie de Onça)	*Leopardus wiedii*	7
Mocura (mãe e filho)	*Didelphis marsupialis*	2
Onça, Onça grande	*Panthera onca*	9
Paca, Páca, Pácas	*Cuniculus paca*	5
Porco Montez, Porquinho do Matto	Não identificada[26]	2
Saguim, Sagúim, Ságuins	Não identificada[27]	7
Saguin de cór preta, com algumas malhas pardas, Sagoins pretos	*Saguinus niger*	3
Sauim quaze branco (ou alvadio, com o fusinho, e orelhas esvermelhadas, cor de Azarcao), Saguíns dos de Cor alvadia, boca, e orelhas encarnadas, Saguins dos especiáes, Saguíns dos especiaes, Ságuíns dos especiáes	*Mico argentatus*	
Tamanduá, Tamandoá	Não identificada[28]	
Tamanduahi pequenino de pelo alvadio	*Cyclopes didactylus*	
Taÿassu Caápora, Taÿassu Coáporá (Porco do Matto, Javalÿ de cá)	*Tayassu pecari*	2
Taytitú, Taÿtitú (ou Porco do Mato, outro Javalÿ)	*Pecari tajacu*	2

[22] O termo “Cuatiperu” está associado aos representantes da Família Sciuridae, também conhecidos como “Esquilos” ou “Caxinguelês”. Duas espécies estão presentes na região de Belém o *Guerlinguetus aestuans* e o *Guerlinguetus gilvigularis* (BONVICINO; OLIVEIRA; D’ANDREA, 2008, p. 82-83).
[23] Na região amazônica podem ser encontradas várias espécies de Cutias, dentre as quais podemos citar a *Dasyprocta agouti*, a *Dasyprocta leporina*, a *Dasyprocta azarae* e a *Dasyprocta croconoto*, todas presentes nas regiões circunvizinhas de Belém (BONVICINO; OLIVEIRA; D’ANDREA, 2008, p. 82-83).
[24] Termo genérico empregado para designar os representantes da Ordem Primata.
[25] Três espécies normalmente referidas como “Coatá” poderiam integrar as remessas desta Capitania, o Macaco-aranha-de-cara-preta (*Ateles chamek*), o Macaco-aranha (*Ateles paniscus*) e o Macaco-aranha-da-testa-branca (*Ateles marginatus*).
[26] As duas espécies denominadas de “Porcos-do-mato”, o Cateto (*Pecari tajacu*) e a Queixada (*Tayassu pecari*) são detectadas para esta região.
[27] Termo genérico aplicado a vários representantes da Familia Callitrichidae.
[28] Não está claro, na documentação analisada, se estes exemplares são Tamanduás-bandeiras (*Myrmecophaga tridactyla*) ou Tamanduás-mirins (*Tamandua tetradactyla*).

Veádo pequenino, Veado pequeno, Veados dos pequenos, Viados pequeninos, Veado, Veádos	Não identificada[29]	12
RÉPTEIS		
Jaboty aperema	*Rhinoclemmys punctularia*	1
Matamatá, Mattámatta, Mattá-mattás	*Chelus fimbriata*	4
Tracajá (especie de Tartaruga)	*Podocnemis unifilis*	1
Total de animais enviados		**889**

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

Os exemplares mais requisitados pela Corte, observado nos ofícios enviados aos administradores do Grão-Pará, foram os "Periquitos especiáes" que puderam ser identificados como exemplares da Jandaia-amarela (*Aratinga solstitialis*) pela descrição, feita por Caldas, de um outro Psittacideo, a "Gurarajuba" (*Guarouba guarouba*) ao descrever estes últimos como "taõbem galantissima, e com bastante semilhança dos sobredittos Periquitos [Periquitos especiáes], posto que hum pouco maior, sendo a sua cór amarela, e com algumas pennas verdes"[30] (Figura 84).

Dos 889 exemplares citados na documentação consultada, 45,22% tiveram sua identificação a nível de Espécie realizada (Figura 85), apesar de, em alguns casos, esta identificação não corresponder àquela proposta por Papavero e Teixeira (2013) em seu artigo sobre os animais enviados do Grão-Pará para as Quintas Reais de Belém.

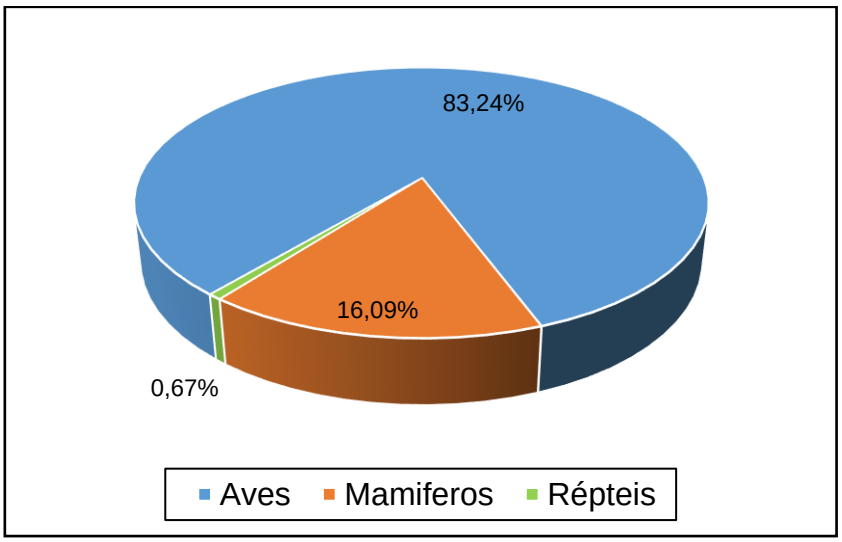


Figura 83: Grupos de animais remetidos das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para Lisboa durante o século XVIII.

[29] Termo genérico empregado para designar os representantes de pequeno porte da Família Cervidae, representados na região amazônica basicamente pelo Veado-roxo (*Mazama nemorivaga*), e pelo Veado-mateiro (*Mazana americana*).
[30] CALDAS, J. P., 1777 (22 de Janeiro). AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6376.

“Periquitos especiáes” - Jandaia-amarela
(*Aratinga solstitialis*)

Fonte: Jurong Bird Park, Cingapura

“Gurarajuga” - Guarouba
(*Aratinga guarouba*)

Foto: Aurora Sanz

Figura 84: Os “Periquitos especiáes”, uma das espécies mais representativas da fauna amazônica enviadas da Capitania do Grão-Pará.

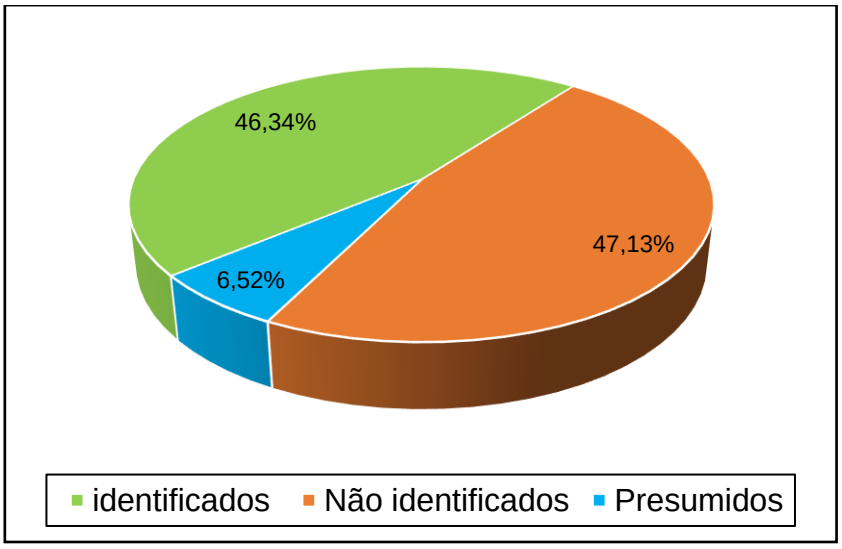


Figura 85: *Status* dos exemplares citados nas remessas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro.

Um destes exemplos diz respeito à identificação de doze aves referidas, nos manuscritos, pela nomenclatura “Quereruz”. Papavero e Teixeira sugerem que este termo possa ser uma variação do vocábulo “quereyuás” normalmente associado a um grupo de aves designadas “Crejuás”, integrantes da Família Cotingidae. Contudo, a análise dos manuscritos revela que estas aves, nas duas remessas que relatam o embarque desses doze exemplares, nove realizados no dia 09 de Março de 1774[31] e dois remetidos em 09 de Julho[32] deste mesmo ano, informam que os mesmos seguiram para Lisboa compartilhando a mesma capoeira[33] com grupos de Saracuras. Apesar de existirem relatos de espécies com hábitos distintos alojadas no mesmo viveiro, como apresentado no início deste Capítulo, ao descrevemos a acomodação dos animais embarcados para a metrópole, neste caso específico seria muito improvável que o termo

[31] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Março). AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.
[32] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Julho). AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6152.
[33] Como relatamos no tópico referente à captura de animais, as remessas de animais realizadas do Grão-Pará ulitizam o termo capoeira em detrimento do termo viveiro para o local de acondicionamento dos mesmos.

“Quereruz” tenha alguma relação com os Crejuás, como sugerido por aqueles autores. Seria mais provável que o termo em questão estivesse sendo utilizado para designar os exemplares atualmente denominados de “Quero-queros” (*Vanellus chilensis*), aves da Família Charadriidae que apresentam hábitos semelhantes a muitos Rallidae, entre eles as Saracuras (Figura 86). Esta hipótese é reforçada pelo registro do embarque de outro representante da Família Charadriidae, o “Mayáuí” (*Vanellus cayanus*), que seguiu na mesma embarcação dos dez exemplares de “Quereruz”.

Anambé-de-peito-roxo (*Cotinga cotinga*)*

Foto: Marc Chrétien

Quero-quero (*Vanellus chilensis*)

Fonte: Wikimedia

Figura 86: Possíveis espécies associada ao termo “Quereruz”. *Uma das espécies apontadas por Papavero e Teixeira como possível referência ao termo “Quereruz”.

Outro conjunto de termos que merece ser comentado envolve um grupo de aves da Família Ciconiidade.

Nas remessas realizadas do Grão-Pará constam que foram enviados, desta Capitania, dez “Jaburú” (“Jaburuz”), dez “Tejejúz” (“Tajejú”, “Tojûjû”, “Tojujuz”), quinze “Magoariz” (“Maguarîz”) e um Cauáuá. Apesar da utilização de quatro nomenclaturas distintas, estas se referem, certamente, a três espécies de Aves. A dificuldade de identificação destes exemplares recai no fato de um mesmo termo poder ser aplicado a diferentes espécies, como apontado por Straube (2000) (Tabela 28), o qual ressalta, ainda, que esta confusão não é restrita à nomenclatura popular mas também extensível à científica.

Tentando solucionar este impasse baseado apenas nos manuscritos consultados, podemos realizar duas análises, que passamos a descrever. Como comentamos no início deste tópico, a primeira remessa de animais identificada para o Brasil, incluía dois “Teyeyúz”, descritos por Furtado como “douz grandissimos Passaros aimitaçaõ das nossas Segonhas”[34]. Se esta colocação de Furtado fosse utilizada para a identificação destes exemplares, certamente o termo “Teyeyúz” e suas variantes,

[34] FURTADO, F. X. de M., 1753 (26 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.

estaria relacionado à espécie atualmente designada por *Ciconia maguari*, por ser a única, das três espécies envolvidas nesta análise, que mais se assemelha morfologicamente à Cegonha (*Ciconia ciconia*) encontrada em Portugal (Figura 87).

Tabela 28: Nomes populares de três espécies de Ciconiidae encontrados no Brasil.

	Espécies		
Estado	***Ciconia maguari***	***Jabiru mycteria***	***Mycteria americana***
RS	João-grande	-	Cabeça-seca; Padre
PR	Cauauã; Cegonha	Jaburu	-
SP	-	Jaburu	Jaburu
MG	Maguari	Jaburu, Jabiru, Tuiuiú	Cabeça-seca
RO	-	-	Jaburu
MS	Tabuiaiá, Cegonha, Maguari, João-grande	Tuiuiú, Jaburu, Jabiru, João-grande	Cabeça-seca
MT	Tabuiaiá, Tapucajá	Tuiuiú; Tuiuiú-coral; Jabiru-moleque; Tuinim-da-cabeça-vermelha	Cabeça-seca
GO	-	Jaburu	-
PA	Maguari	Jaburu	Cabeça-seca

Fonte: Straube (2000).

Por outro lado, fundamentando a definição do termo “Jaburú” no idioma tupi falado por diferentes povos da Amazônia, o vocábulo “yabi’ru” ou “iambyrú” significa “aquele com o pescoço inchado, muito grande”, tendo, assim, sua vinculação à espécie atualmente denominada de *Jabiru mycteria*. Assim, restaria apenas definir o termo popular empregado para designar a última espécie em questão, o *Mycteria americana*, a qual, por eliminação, estaria associada aos vocábulos “Magoariz” e “Cauáuá”, este último descrito por Calda como sendo “quazi similhante a os sobreditos [“Tojojuz” e “Jaburuz”]”[35].

Esta descrição, contudo, não condiz com os nomes populares apresentados por Straube já que em nenhum momento os termos “cauáuá” e “Magoariz” estão associados ao *Mycteria americana* mas sim a *Ciconia magoari*. Entretanto, a solução para este impasse pode ser encontrada em outra informação retirada do ofício emitido por Caldas, quando este cita que enviou, em uma mesma remessa, duas capoeiras grandes, uma com “04 Tojujuz grandes” e outra com “09 Jaburuz [e] 01 cauáuá”[36]. Se direcionarmos nossa análise para o tamanho dos animais remetidos, e considerando que as duas capoeiras que acondicionaram estes exemplares apresentavam mais ou menos o mesmo tamanho, já que o governador as identifica como “capoeiras grandes” e não como “uma grande e uma outra maior”, poderíamos relacionar o termo “Tojujuz” aos exemplares de maior porte por terem sido colocados somente quatro exemplares em uma capoeira, estando, assim, associado à espécie *Jabiru mycteria*; enquanto os termos

[35] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Março). AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.
[36] CALDAS, J. P., 1774 (09 de Março). AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.

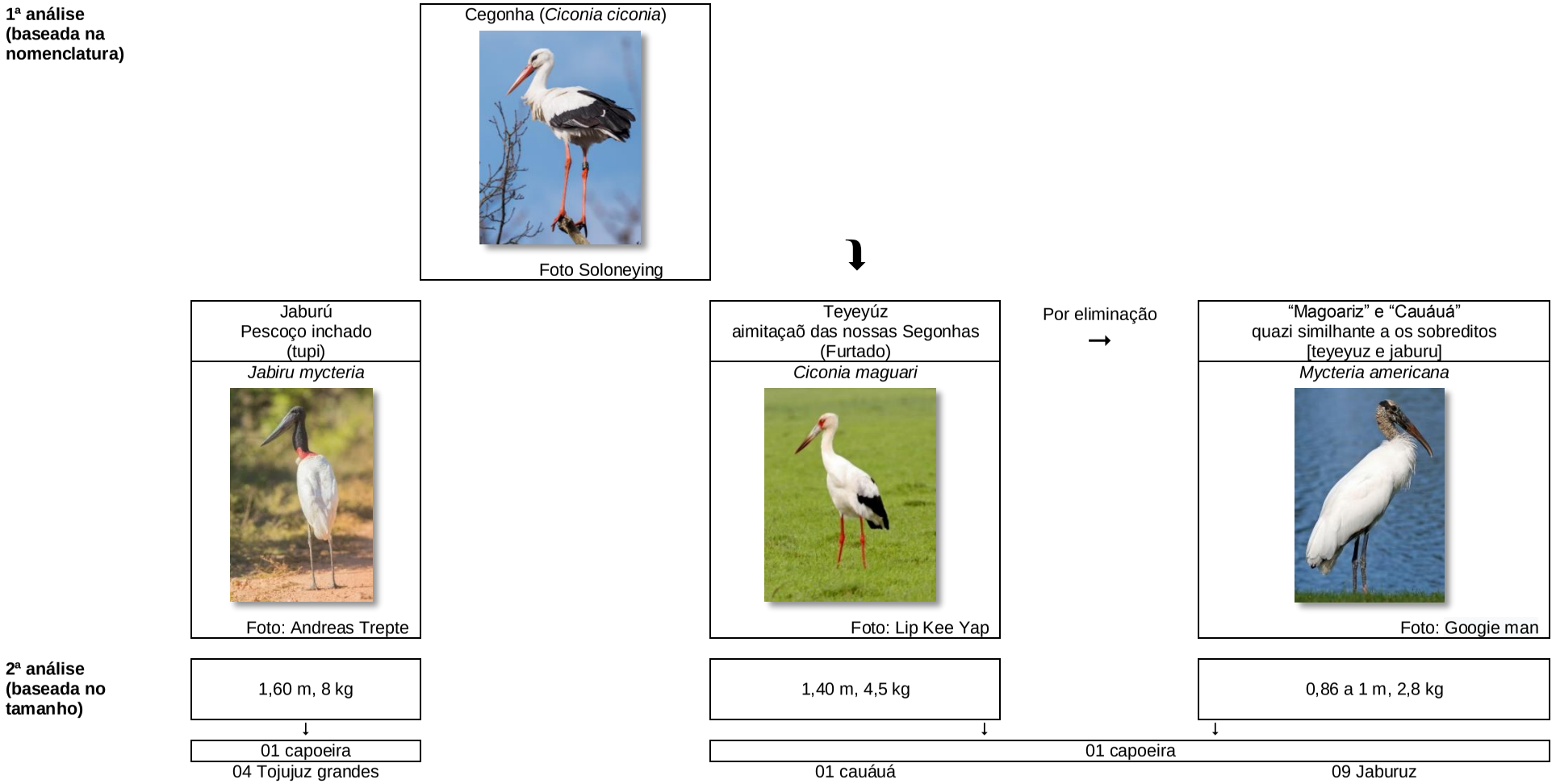


Figura 87: Análise da nomenclatura dos Ciconiidae amazônicos citados nas remessas do Grão-Pará, com base nas informações contidas nos manuscritos consultados.

“Cauáuá” e “Jaburuz” corresponderiam, respectivamente, à *Ciconia maguari*, de porte médio, representada por apenas um exemplar, remetido na mesma capoeira com os “Jaburuz”, *Mycteria americana*, que, por apresentarem o menor tamanho, foram embarcados nove exemplares.

Suplantada, ou pelo menos atenuada, a problemática da identificação de determinados exemplares, com exceção do grupo dos Répteis, que tiveram todos os seus representantes identificados a nível de Família (Figura 88), tanto os Mamíferos quanto as Aves, mas principalmente os primeiros, apresentaram exemplares que, além de não serem identificados a nível de espécie, não puderam também ser catalogados em grupos supraespecíficos. A percentagem de exemplares não classificados a nivel de Família atinge 27,97% dos Mamíferos (Figura 89) e apenas 0,28% das Aves (Figura 90).

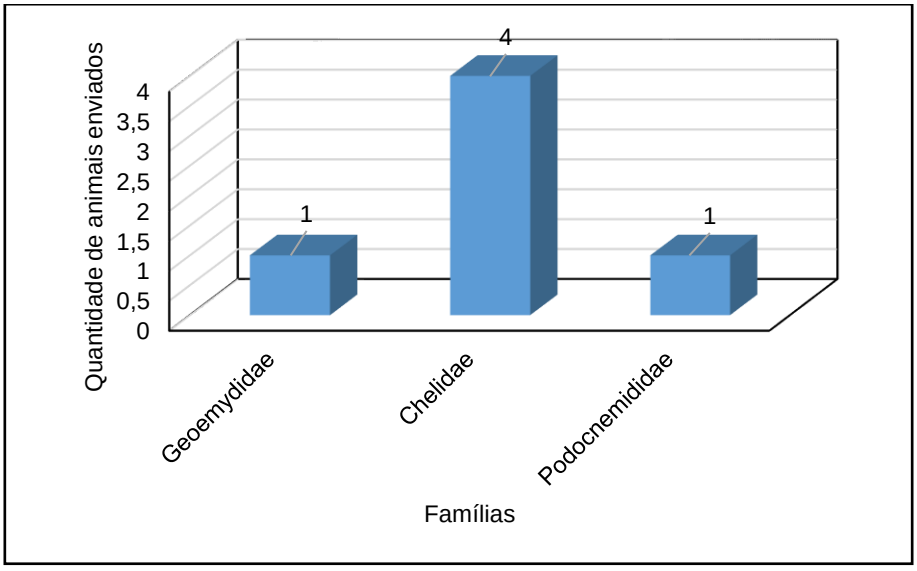


Figura 88: Famílias de Répteis presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.

Os Primatas foram, dentre os mamíferos, o grupo mais representativo, englobando 69 exemplares.

Dentre as aves, os Psittacidae foram os mais exportados deste território seguidos dos Anatidae e dos Cracidae.

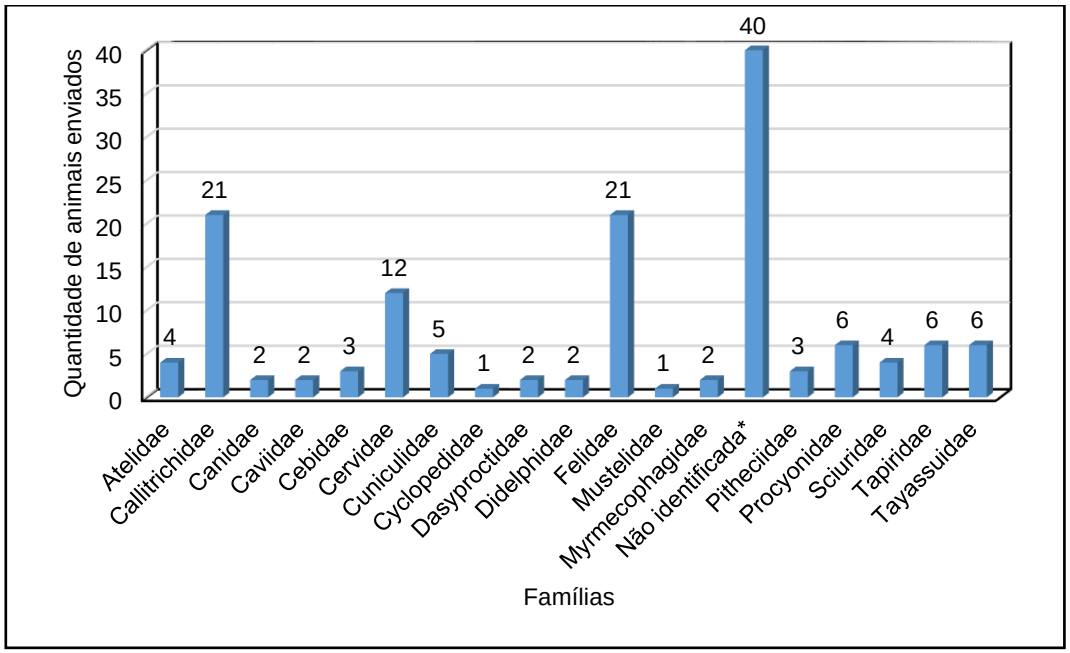


Gráfico 89: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.
Nota: *Estes exemplares são representados pelos 2 Coelhos de Santa Fé e por 38 Macacos.

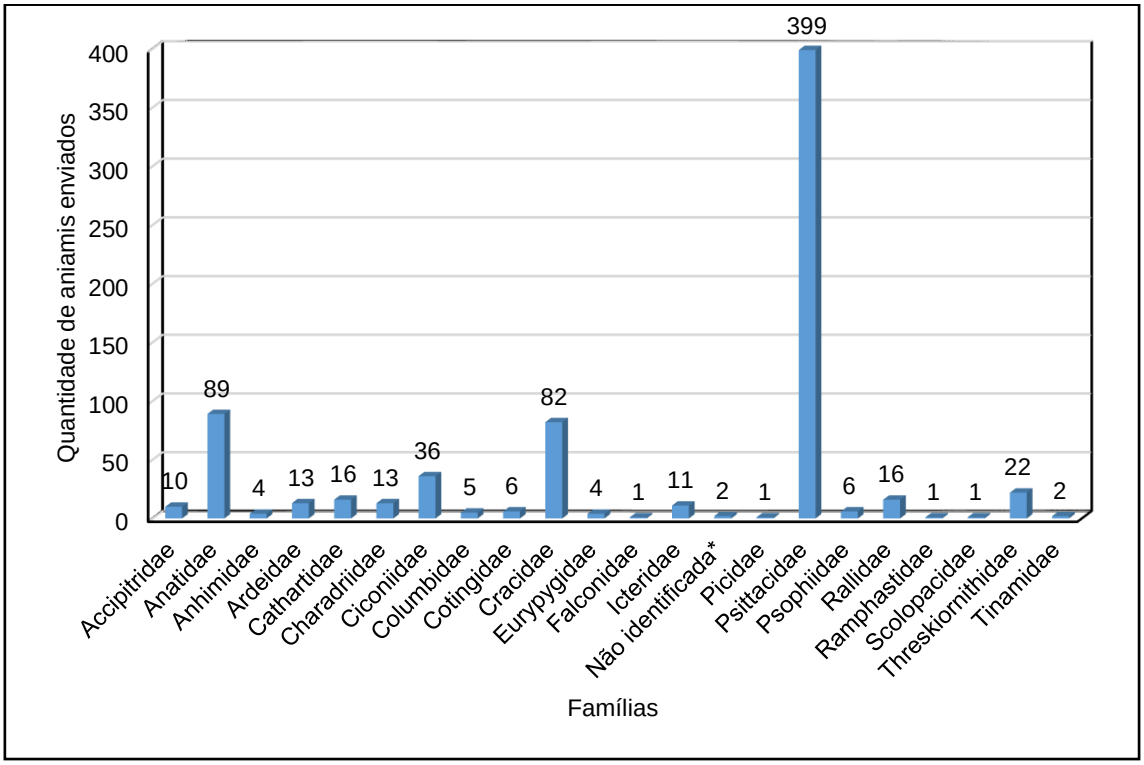


Figura 90: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas das Capitanias do Grão Pará e de São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.
Nota: Constituído por 02 exemplares denominados "Gavião", que poderiam ser representantes de duas Famílias distintas: Falconidae e Accipitridae.

Existem dois casos, que merecem ser comentados, envolvendo a identificação de remessas conjugadas para a Capitania do Grão-Pará. O primeiro diz respeito à remessa de "Hum Macaco, denominado Cayará; dous Macacos de prego; dous Jacúz;

hum Mutum, e hua Paca" enviados por Martinho de Sousa e Albuquerque, em 15 de Abril de 1786[1]. A princípio, poderíamos supor que este documento pudesse estar associado a outro relativo à visita do ouro realizada em Lisboa, o qual aponta para a chegada, na capital do Reino, da Galera Santa Isabel Rainha de Portugal, do capitão Boaventura Jorge Alves, procedente do Pará após 52 dias de viagem. Este registro seria compatível com o anteriormente relatado, a não ser por um pequeno detalhe, Manique registra a chegada de "huns Macacos, e alguns Passaros, q. morreraõ, existindo unicam.te uma Onça"[2]. Apesar de termos detectado uma certa imprecisão na descrição dos animais recebidos em Lisboa[3] pelo visitador do ouro, António Joaquim de Pina Manique, seria praticamente inquestionável a identificação de uma Onça por parte de Manique, assim como inquestionável também seria o registro, realizado no Pará, do animal embarcado identificado como Paca. As duas opções plausíveis neste caso seriam, primeiramente, que estes dois documentos não estariam relacionados, tratando-se de duas remessas distintas, as quais poderiam ter seguido para Lisboa simultaneamente em um mesmo comboio de navios, prática comum para coibir o ataque pirata, em que uma das embarcações, no caso a embarcação não identificada no documento emitido em Belém, conduziria "Hum Macaco, denominado Cayará; dous Macacos de prego; dous Jacúz; hum Mutum" além de uma paca, enquanto a Galera Santa Isabel Rainha de Portugal, desta mesma frota, transportaria, além de Macacos e Pássaros, uma Onça. A segunda hipótese seria determinada pela identificação errônea do termo grafado no documento relativo ao Grão-Pará, o qual foi por nós identificado como "Paca" mas que na realidade estaria grafado "Onça" (Figura 91), o que, a princípio, fora prontamente descartado. Desta forma estes dois registros, apesar de compatíveis em relação às datas de partida e de chegada, foram considerados remessas independentes.

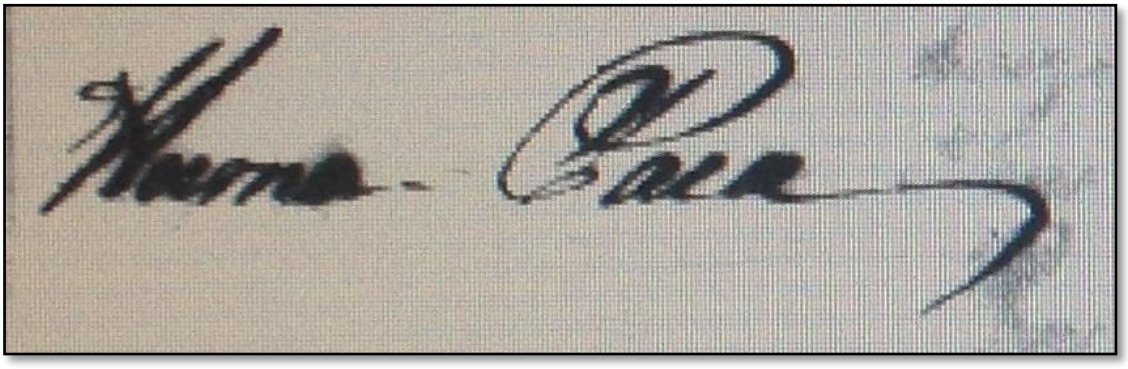


Figura 91: Problema de identificação no manuscrito.

[1] ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1786 (15 de Abril). AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 57 e 58 Mf 038-97.
[2] MANIQUE, A. J. de P., 1786 (09 de Julho). AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.
[3]Relativo ao caso observado para a Capitania de Pernambuco (MELO, T. J. de, 1788 (07 de Junho). AHU_CU_015, Cx. 164, D. 11716 / MANIQUE, A. J. de P., 1788 (26 de Agosto). AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 52), no qual foram enviadas de Pernambuco duas Pacas, e durante a visita do ouro estes animais entraram no relatório com o registro de duas Cotias.

O segundo caso que merece nossa consideraçao é a remessa de “tres Capoeiras, em que separadamente vaõ Hum Maracajá, especie de Onça; hum Urubutinga; e dezasseis Periquitos do Rio Branco”[4], despachadas por João Pereira Caldas da Vila de Barcelos, em 18 de Agosto de 1786, não existindo nenhum outro dado sobre este transporte realizado da Vila de Barcelos até Belém, assim como ignoramos os nomes da embarcação e do capitão que conduziu estes animais de Belém até Lisboa.

Entretanto, um ofício de Manique relata que em 30 de Novembro de 1786[5] deu entrada no porto de Lisboa o Navio São Sebastião sob o comando do capitão Francisco Vaz de Carvalho, procedente do Pará, após 65 dias de viagem, no qual vinha “huma Onça, hum Gaviaõ Real e sinco Periquitos”. Apesar da ausência de identificação da embarcação que partiu de Belém, assim como da possibilidade da existência de remessas que poderiam ser constituídas por essa combinação de animais: onça, urubu e periquito, assumimos que estas duas remessas estão associadas. Desta forma, pelo registro de Manique, a embarcação procedente do Grão-Pará deveria ter içado âncora do porto de Belém no dia 29 de agosto, o que significa que o transporte dos animais de Barcelos até seu embarque em Belém durou 11 dias. Este caso não seria tanto uma questão de dúvida quanto à relação entre os documentos citados, mas sim de registrarmos aqui como a falta de um documento ou, no caso apresentado, a ausência de um dado, como o nome da embarcação ou do capitão, prejudica a reconstituição de um fato, que se encontra fragmentado no tempo e no espaço, quando da comparação de documentos.

Por esta razão, é difícil caracterizar os dados relativos aos animais enviados da Capitania de São José do Rio Negro, pela falta de informação sobre a coleta destes exemplares, realizada nos limites mais longínquos de um território que estava sendo demarcado (Figura 92), associado à efetiva chegada dos mesmo a Belém, para daí serem embarcados para Lisboa. Contudo, apesar de todos os fatores desfavoráveis à sobrevivência dos exemplares remetidos desta Capitania, pelas altas taxas de mortalidade verificadas, a chegada de “huma Onça, hum Gaviaõ Real e sinco Periquitos”, provenientes dos confins do Grão-Pará, indica que estes animais resistiam e conseguiam chegar vivos a Lisboa (Gráfico X), em quantidades suficientes para povoar as Coleções Zoológicas Vivas Reais, ainda que estatisticamente pouco representativa, pelo baixo número de registro detectados, ainda que não necessariamente inexistentes.

[4] CALDAS, J. P., 1786 (18 de Agosto). AHU_CU_020, Cx. 11, D. 438.
[5] MANIQUE, A. J. de P., 1786 (30 de Novembro). AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 33.

Figura 92: Posição de São Gabriel da Cachoeira, no alto do Rio Negro, do Forte de São Joaquim do Rio Branco e da Vila de Barcelos, sede administrativa da Capitania de São José do Rio negro em relação à Vila do Pará (Belém), capital da Capitania do Grão-Pará.

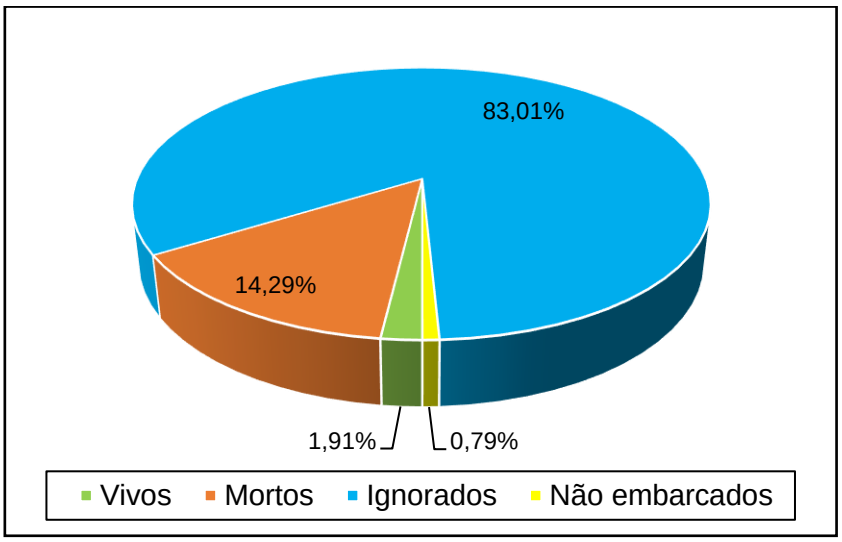


Figura 93: Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes das Capitanias do Grão Pará e de São José do Rio Negro durante o século XVIII.

4.3.2.4 Capitania do Maranhão

A primeira remessa de animais detectada da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, segundo os registro encontrados, só ocorreria na segunda metade do século XVIII, durante o governo de Joaquim de Mello e Póvoas.

Póvoas foi o governador que mais tempo permaneceu à frente do governo do Maranhão, 18 anos, de 1761 a 1779; este fato refletirá diretamente na quantidade de remessas animais realizadas para a Corte, tendo sido levantados quatorze documentos que tratam deste assunto, emitidos durante sua gestão. Os governadores que o sucederam não atingiram os números alcançados por Póvoas, nem no tocante à quantidade de remessas realizadas e muito menos em relação à quantidade de exemplares enviados, sendo detectados quatro registros para o governo de António de Sales e Noronha, que geriu esta Capitania por cinco anos, além de quatro remessas, duas realizadas por José Teles da Siva e duas por Fernando Pereira Leite de Foios, que estiveram à frente do governo do Maranhão por três e seis anos, respectivamete.

É evidente que a remessa de animais vivos não é consequência direta somente do tempo de governo de um administrador, mas como esta prática requer uma complexa rede de atividades e, principalmente, uma grande soma de recurso para sua concretização, isto é um fator facilitador.

Vale ressaltar que dois documentos emitidos da Capitania do Maranhão, um relativo ao governo de Póvoas e outro referente à gestão de Noronha, por tratarem do reenvio de animais provenientes da África, respectivamente de Angola[6] e da Guiné[7], foram analisados nos tópicos referentes a estas colônias.

Ao todo foram realizadas quinze remessas de animais do Maranhão para Lisboa, entre 1773 e 1790, envolvendo, no mínimo, 123 exemplares (Apêndice IX).

O primeiro registro encontrado para esta Capitania[8] é o único que não descreve os animais enviados, apesar de Póvoas citar a existência de uma relação anexa ao ofício que relata o embarque de duas capoeiras com pássaros provenientes dos "Campos do Miarim". Três meses após o despacho desta remessa, Póvoas, em ofício datado de 11 de Outrubro[9], endereçado ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, informa, que

> Ordenando-me V. Ex.ª remettesse eu para as Quintas de S. Mag.e toda a quallidade de Passaros, que ouvesse por esta Capitania, mandey logo os que pude adquerir, e considerando esta mesma delligencia, alguns mais especiaes que tem vindo, tem morrido, mas sempre vou mandando vir mais, para assim ver, se posso por na Presença de V. Ex.ª alguns que agradem a S. Mag.e.

Percebemos, neste documento, que, apesar de os animais vivos terem um grande valor de *status* social para a realeza, quando vistos sob o ângulo dos administradores das colônias estes acabam por se tornar um fardo para os governantes, pois o esforço e os recursos financeiros empregados em sua captura, manutenção e

[6] POVOAS, J. de M. e, 1765 (16 de Agosto). AHU_CU_009, Cx. 42, D. 4135.
[7] NORONHA, F. A. de, 1780 (05 de Maio). AHU_CU_009, Cx. 55, D. 5195.
[8] PÓVOA, J. de M. e, 1773 (19 de Julho). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4563.
[9] PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (11 de Outubro). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4576.

transporte, na grande maioria das vezes, são convertidos em fracasso pela morte dos exemplares.

Contudo, a submissão e principalmente a intenção de proclamar sua obediência à execução dos desejos Reais, pode ser observada em outro documento no qual Póvoas informa que

> V. Ex.ª senaõ persuada de que eu tenho tido descuido na Remessa, q' V. Ex.ª me ordenou fizesse de Passaros p.ª as Quintas de S. Mag.e; creya-me V. Ex.ª, q' tenho adquirido muitos, e q' a mayor parte delles tem aqui morrido, e o peor hê que dos mais especiaes: Conservo porem hum q' me paresse estar escapo, e que pela sua gradeza fealdade de será estimavel. Naõ o remetto agora com os maiz, q' tenho por me segurarem q' neste tempo poucos chegaõ nessa Corte, o q' farei nos Navios, q' sahírem de Março por diante"[10].

Em um dos últimos ofícios despachados durante o ano de 1773[11], este governador, além de reforçar seu esforço em "continuar a dilligencia de adquirir os Passaros" solicitados para as Quintas Reais, afirmando que os têm adquirido em grande quantidade, apesar de observar uma grande mortandade deles, o governador menciona a remessa de um exemplar que não aparece explicitamente nos documentos anteriormente enviados.

Em resposta à carta datada de cinco de outrubro, na qual lhe é solicitando o envio de Picaflores, Granadeiros, Antas e Tamanduás, o governador descreve que os "Granadeiros naõ se conhecem aqui, e sopponho seraõ Picapaus por terem huma popa encarnada mui bonita de que ja remetti hum que naõ chegou"[12].

Como a única remessa detectata nesta pesquisa, até a presente data, foi aquela realizada por Póvoas no dia 19 de Julho, é provável que este Picapau fizesse parte dos exemplares provenientes do campo de Mearim encaminhados a Lisboa.

Póvoas encerra este documento relatando que cuida

> com a mayor efficacia em adquirir destas, e das mais quallidades que se poderem descobrir, dificultandose-me unicamente o modo de se sustentarem os Picaflores, que so comem as mesmas flores, que por isso tem este nome, e os outros muitos que aqui hâ, q' so comem Pacova [banana], ou bixinhos: Mas crya V. Ex.ª que da minha parte hei de fazer tudo o que poder, p.ª executar a ordem de V. Ex.ª. [E que] No rio Parnayba hê onde hâ mayor quantidade de Antas, e para ali mando as mais fortes recommendaçoens para que se apanhem, e se remettaõ com a mayor brevidade.

Fato é que, de 1774 a 1778, Joaquim de Mello e Póvoas realizou nove remessas de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa, totalizando, no mínimo,

[10] PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (27 de Novembro). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4589.
[11] PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (29 de Dezembro). AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4594.
[12] Talvez uma referência ao Pica-pau-de-topete-vermelho (*Campephilus melanoleucos*).

112 exemplares[13], o que corresponde a 91,06 % de todos os animais remetidos da Capitania do Maranhão (Figura 94).

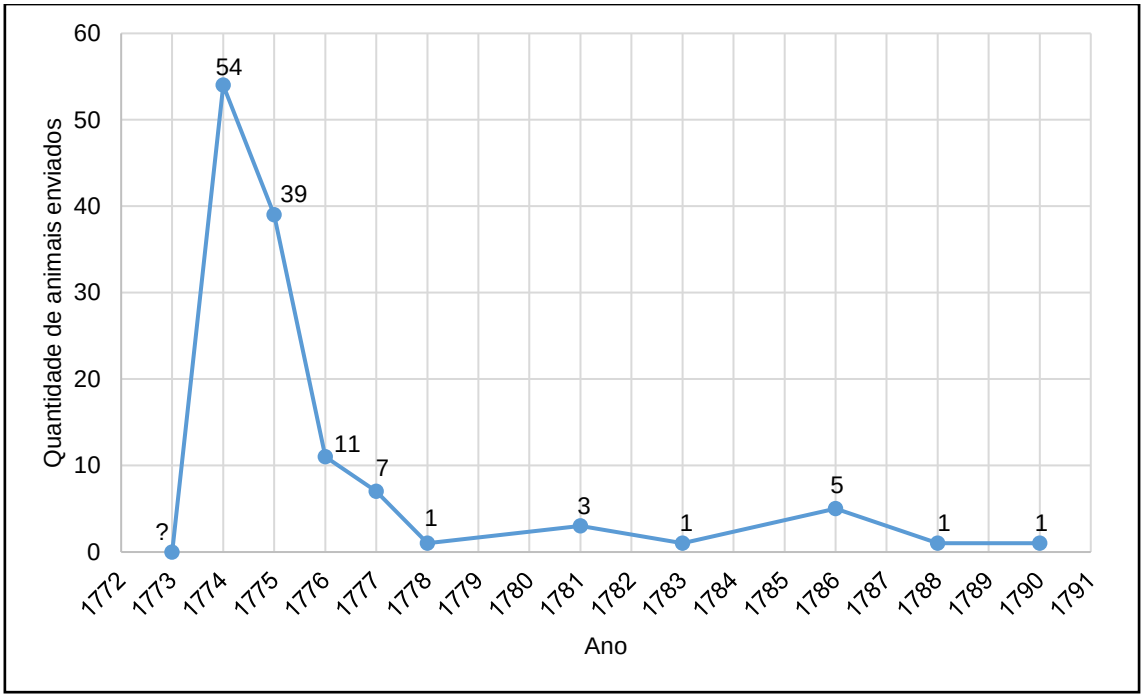


Figura 94: Quantitativo de animais enviados da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Esta preocupação em satisfazer as ordens Reais pode ser percebida, também, em Noronha[14], sucessor de Póvoas, o qual, logo após assumir o governo do Maranhão, expressa em carta sua anuência à solicitação Real "que versa sobre a remessa que dev[e] fazer de Passaros, e Animais quadrupedes de toda a qualidade, e grandeza". Contudo, durante sua gestão, este governador remeteu apenas quatro exemplares para Lisboa.

Os dois últimos governadores desta Capitania, respaldados por documentação que comprova a remessa de animais para Lisboa, foram José Teles da Silva e Fernando Pereira Leite de Foios, cujas remessas, apesar de modestas, cinco exemplares enviados por Silva e apenas dois associados a Fois, são extremamente importantes para a história das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, pelo fato de abrigarem animais - uma Anta e um Urubu-rei - que comprovadamente foram incorporados à Coleção Zoológica Viva de D. Maria I (Figura 95).

[13] Não foram contabilizadas as duas capoeiras de pássaros provenientes dos "Campos do Miarim" por não serem fornecidas suas quantidades.
[14] NORONHA, A. de S. e, 1780 (09 de setembro). AHU_CU_009, Cx. 56, D. 5224.

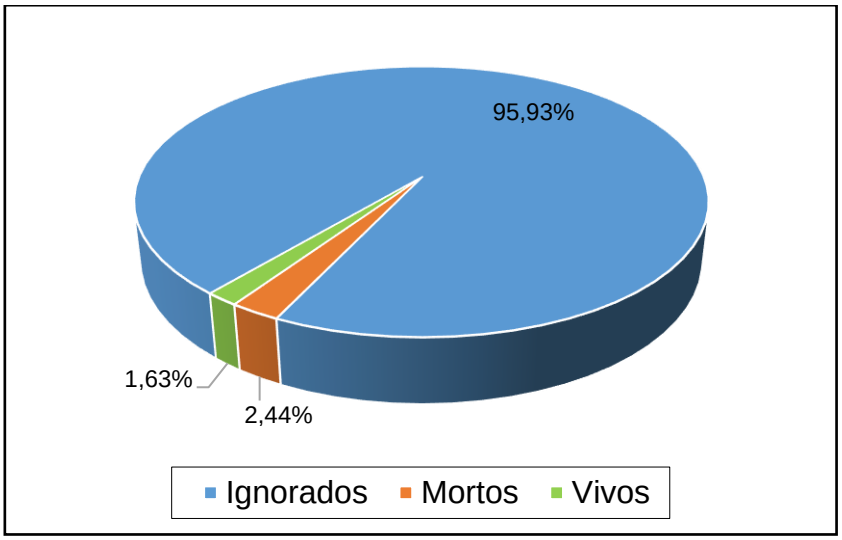


Figura 95: Animais que comprovadamente chegaram a Lisboa provenientes da Capitania do Maranhão.

A análise dos dados recolhidos para a Capitania do Maranhão aponta para a remessa de 123 animais (Tabela 29), com um predomínio de exemplares encaminhados durante o governo de Joaquim de Mello e Póvoas, como mencionamos anteriormente.

Tabela 29: Relação dos animais enviados da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Arara	Não identificada[15]	03
Gaviaõ Real	*Harpia harpyja*	01
Inambûs	Não identificada[16]	05
Jacami, Jacamins	*Psophia obscura*	03
Jacús	Não identificada[17]	02
Jassanans	*Porphirio martinicus*[18]	02
Marrecas	Não identificada[19]	47
Mutum, Mutuns, Motuns	Não identificada[20]	16
Orubútinga, Orubutinga, Orubutinga, Orubu Real	*Sarcoramphus papa*	04
Papagayos	Não identificada[21]	04
Pássaros dos Campos do Mearim	Não identificada[22]	?

[15] O termo “Arara” é empregado para designar os Psittacideos de grande porte, podendo ser encontrada quatro espécies no atual Estado do Maranhão, a Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), a Arara-canindé (*Ara ararauna*), a Araracanga (*Ara macao*) e a Arara-vermelha (*Ara chloropterus*).
[16] Termo genérico utilizado para designar vários representandes da Família Tinamidae, podendo ser encontradas nove espécies desta Família na região do Maranhão.
[17] Nome genérico empregado para designar vários representantes de médio porte da Família Cracidae, dentre os quais os mais comumente observados, no atual Estado do Maranhão, são a Jacupemba (*Penelope superciliaris*) e o Jacupiranga (*Penelo pileata*), além do Jacu-de-barriga-castanha (*Penelope ochrogaster*) e da Jacucaca (*Penelope jacucaca*).
[18] Normalmente o termo “Jaçanã” é utilizado para designar os representantes da Família Jacanidae, cuja espécie mais comumente encontrada no Brasil é a *Jacana jacana*; contudo, esta mesma nomenclatura é utilizada, no Maranhão, para designar o Frango-d’água-azul (*Porphirio martinicus*) representante da Família Rallidae.
[19] Temo genérico empregado na designação de vários representantes da Família Anatidae. Para o território do Maranhão, são identificadas cerca de sete espécies, das quais uma, por apresentar um porte mais avantajado, é referida como “Pato”, enquanto as demais são denominadas pelo termo “Marreca”.
[20] O termo “mutum” é utilizado para denominar os Cracidae de grande porte, podendo ser encontrados na região do Maranhão o Mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*) e o Mutum-cavalo (*Mitu tuberosum*).
[21] Nomenclatura genérica empregada para designar vários representantes da Família Psittacidae.
[22] Provavelmente englobava vários representantes de diferentes Famílias.

Pombas	Não identificada[23]	03
Saracuras	Não identificada[24]	04
Seriema	*Cariama cristata*	01
Sururina	Não identificada[25]	01
MAMÍFEROS		
Antas	*Tapirus terrestris*	03
Coati, Guati Munde	*Nasua nasua*	02
Cutias, Cotia	Provavelmente *Dasyprocta prhymnolopha*	03
Guaximî	*Procyon cancrivorus*	01
Macaco branco	Possivelmente *Mico argentatus*	01
Onça	*Phantera onca*	06
Onça pequena	Não identificada[26]	01
Paca	*Cuniculus paca*	01
Porco chamado Taiassuité	*Tayassu pecari*	01
Porco chamado Taititú	*Pecari tajacu*	01
Porcos do Mato	Não identificada[27]	02
Rapoza	*Cerdocyon thous*	01
Viados, Veado	Não identificada[28]	03
RÉPTEIS		
Teiÿû	*Tupinambis teguixin*	01
Total de animais enviados	-	123[29]

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

A listagem dos animais citados para esta Capitania revela alguns dados interessantes. Apesar de identificarmos exemplares das três Classes de animais normalmente referidas para estas remessas – Mammalia, Aves e Reptilia (Figura 96), com o predomínio, já esperado, de representantes da Classe das Aves, observamos que a Família mais representativa deste grupo foi a Anatidae (Figura 97), e que dos cento e vinte e três animais embarcados, 38,21% eram integrantes desta Família. Um dado surpreendente para um grupo de aves que não apresenta uma representatividade em números de espécie no Brasil, quando comparada à avifauna europeia, além de os representantes brasileiros não ostentarem uma plumagem que os destaca dos demais representantes do grupo.

[23] Termo genérico utilizado para nomear os representantes da Família Columbidae.
[24] Termo genérico empregado para designar vários represententes da Família Rallidae.
[25] O termo "Sururina" é normalmente utilizado para designar uma espécie de Tinamidae de pequeno porte o *Crypturellus soui*, também conhecido, no Brasil, pelas denominações: Tururim, Tururi, Sovi, Canela-parda, Ferrinho, Tururina e Inhambu-carioca; contudo esta mesma nomenclatura pode ser empregada para designar o Jaó (*Crypturellus undulatus*), ambos presentes no atual Estado do Maranhão.
[26] Não está claro, no documento analisado, se este espécime seria um exemplar jovem de Onça (*Panthera onca*) ou de algum outro Felidae de pequeno porte encontrado nesta Capitania.
[27] As duas espécies identificadas como Porco-do-mato, presentes no Brasil, podem ser encontradas nesta região, o Cateto (*Pecari tajacu*) e a Queixada (*Tayassu pecari*).
[28] Termo genérico utilizado para designar os representantes da Família Cervidae; possível referência a uma das três espécies do gênero *Mazana* presentes no Maranhão - Veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), Veado-roxo (*Mazama nemorivaga*) ou o Veado-mateiro (*Mazama americana*).
[29] Não foram incluídos nestes valores os animais remetidos em 19 de Julho de 1773 por não informarem a quantidade, nem as espécies, dos exemplares enviados.

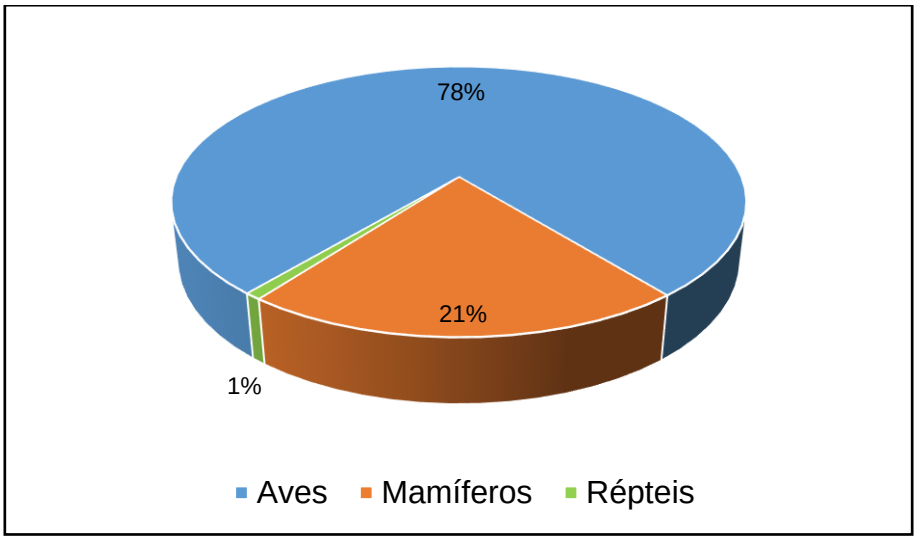


Figura 96: Animais remetidos da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Reais Vivas Portuguesas durante o século XVIII.

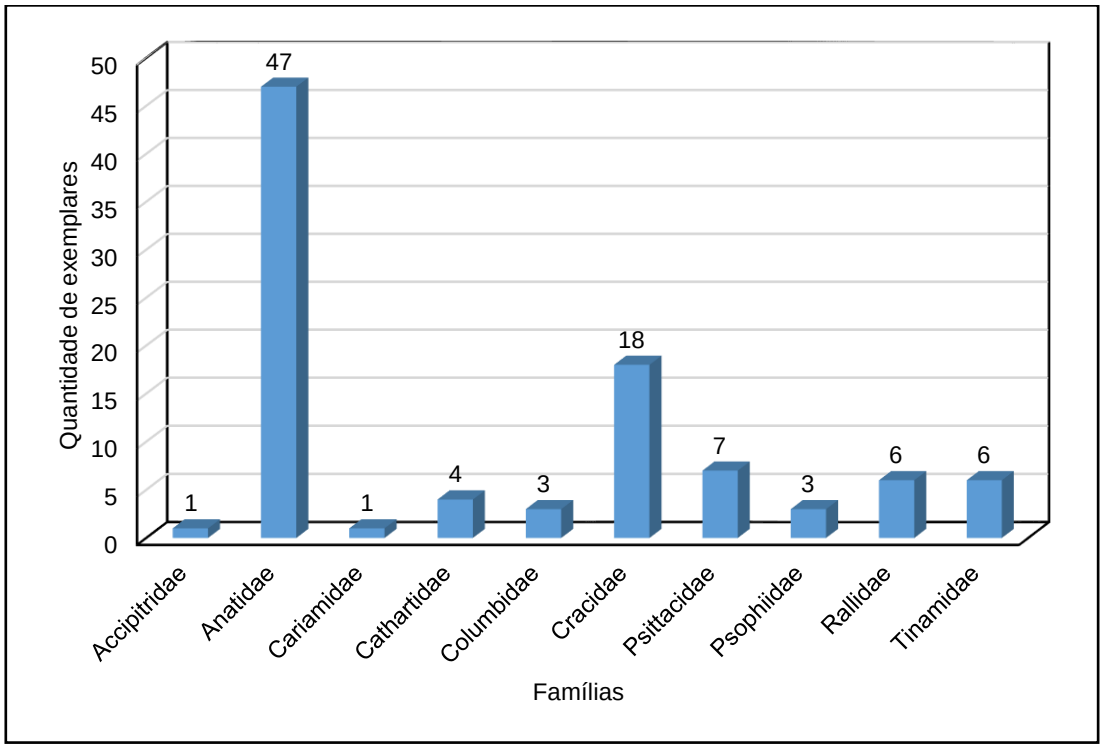


Figura 97: Famílias de aves que constam nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Das sete espécies de Anatidae identificadas para o território do Maranhão, que poderiam integrar o quantitativo de espécimes enviados, uma, por apresentar um porte mais avantajado, é normalmente referida pelo termo “Pato”, o Pato-do-mato (*Cairina moschata*), enquanto as demais, por apresentarem um porte menor, são denominadas pelo termo “Marreca” podendo ter figurado entre os exemplares remetidos desta Capitania (Figura 98). Uma destas espécies, a Marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) é citada por Sick (1985, Vol. 1, p. 190) como sendo uma das aves

frequentemente mantidas pelos indígenas da Amazônia, como xirimbabo[30], aumentado, assim, a probabilidade de esta espécie ter integrado as remessas provenientes da Capitania do Maranhão.

Figura 98: Anatidae registrados para o atual Estado do Maranhão. Fotos: De cima para baixo, da esquerda para direita, Jmdebruyn; Carlos Gussoni; Dario Sanches; Tom Stephenson; Quartl; Ron Bielefeld; Arthur Morris.

Dentre os mamíferos a Família que apresentou mais representantes nas remessas realizadas do Maranhão foi a dos felinos (Figura 99).

Outro dado que chama nossa atenção é o fato de a maioria dos exemplares enviados do Maranhão não terem sido identificados a nível de Espécie (Figura 100).

[30] Nome dado aos animais selvagens criados pelos indígenas. Esta prática pode ser observada na descrição realizada por Crevaux (1987 [1879], p. 32 *apud* Erickson, 2012, p. 15) ao relatar sua chegada a um assentamento indígena na Guiana Francesa: "Jacamins, jacus, araras vêm esvoaçar em torno de mim; uma pequena onça amansada se lança de uma vez sobre minhas costas e rasga minha jaqueta. Namaoli faz um gesto e todos esses animais batem em retirada". Outra passagem citada por Erickson na qual podemos ver a utilização de xerimbabos pelas tribos indígenas é o relato realizado por Couto de Magalhães (1876 *apud* Calavia Saez, 2010) ao descrever: "Quem visita uma aldeia selvagem visita quase um museu vivo de zoologia da região onde está a aldeia; araras, papagaios de todos os tamanhos e cores, macacos de diversas espécies, porcos, quatis, mutuns, veados, avestruzes e até sucurijus, jiboias e jacarés. [...] O cherimbabo do índio (o animal que ele cria) é quase uma pessoa de sua família".

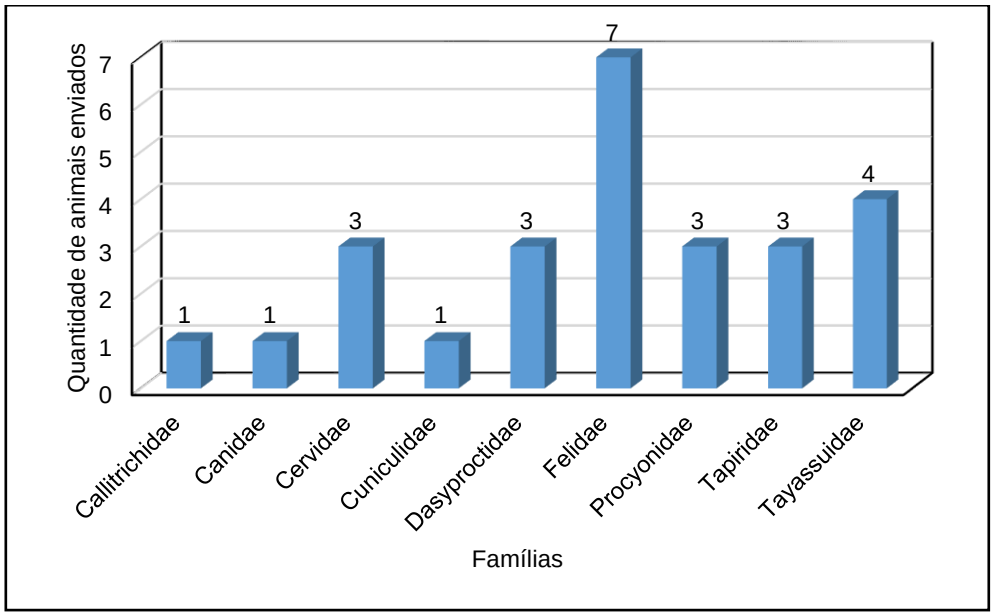


Figura 99: Famílias de mamíferos que constam nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

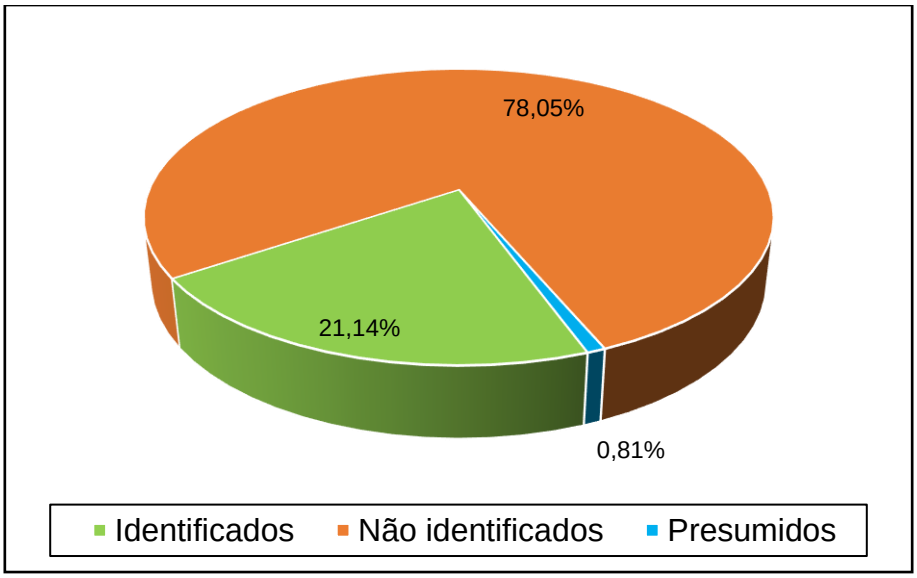


Figura 100: *Status* dos exemplares citados nas remessas realizadas da Capitania do Maranhão.

4.3.2.5 Capitania de Mato Grosso

O único registro encontrado que descreve a remessa de animais oriundos da Capitania do Mato Grosso para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII, é a descrição existente em um ofício do governador do Estado do Grão-Pará, João Pereira Caldas[31], informando o recebimento de uma Onça remetida

[31] CALDAS, J. P. 1775 (27 de junho). AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6226.

por Luis Albuquerquer de Melo Pereira e Cáceres, governador da Capitania de Mato Grosso, para ser enviada às Quintas Reais de Belém (Apêndice X).

Cáceres foi o quarto governador desta Capitania, e o que permaneceu mais tempo neste cargo, ficando à frente de um dos territórios mais isolados da América portuguesa por 17 anos.

Figura controversa, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres foi acusado, assim como seu irmão e sucessor ao governo de Mato Grosso, João Albuquerque, de fraudar a Real Fazenda realizando contrabando e o comércio ilegal de produtos dos Armazéns Reais, sem as devidas prestações de conta ao Real Erário, com as populações das províncias de Chiquitos e Moxos, localizadas nos domínios hispânicos (JESUS, 2015, p. 7); entretanto, apesar de ser um administrador ambicioso, foi o responsável por consolidar os domínios desse território para Portugal.

Araújo (2015, p. 3-4) aponta para a existêcia de uma série de mapas, alguns elaborados pelo próprio Cáceres (Figura 101), nos quais o governador detalhou todo o percurso realizado de Santos à Vila Bela da Santíssima Trindade assim como desta até a cidade do Pará (Belém):

> A direcção pontuada de encarnado desde a capital do Rio de Janeiro ate Vila Bella da Santissima Trindade capital do Mato Grosso faz ver a dilatada estensão e diferentes rumos da viagem que o referido G.^{or} e Cap.^{am} G.^{ral} [Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres] executou no anno de 1772 indo tomar posse daquele governo e desde Vila Bela ao longo dos rios Guapore e Mamore, da Madeira e das Amazonas athe o Para no anno de [em branco] q^{do} se recolh[eu] a Portugal.

Apesar da inexistência do documento de Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres encaminhando a onça ao Governador do Grão-Pará, que poderia nos fornecer dados importantes sobre o tempo dispensado ao transporte deste animal de Vila Bela até a Vila de Belém, que dista em linha reta aproximadamente 2.000 quilômetros, sabemos que esta onça chegou à sede da Capitania do Grão-Pará, sendo embarcada na Galera São Pedro Gonçalves, da Companhia Geral do Comércio aos cuidados do capitão João do Espírito Santo, juntamente com outros animais provenientes desta Capitania.

Pela citação realizada por Araújo, acima apresentada, podemos supor que este animal foi conduzido de barco de Vila Bela até Belém, seguindo o mesmo trajeto realizado por Cárcere ao retornar a Lisboa, utilizando os rios Guaporé, Mamore, Madeira e Amazonas.

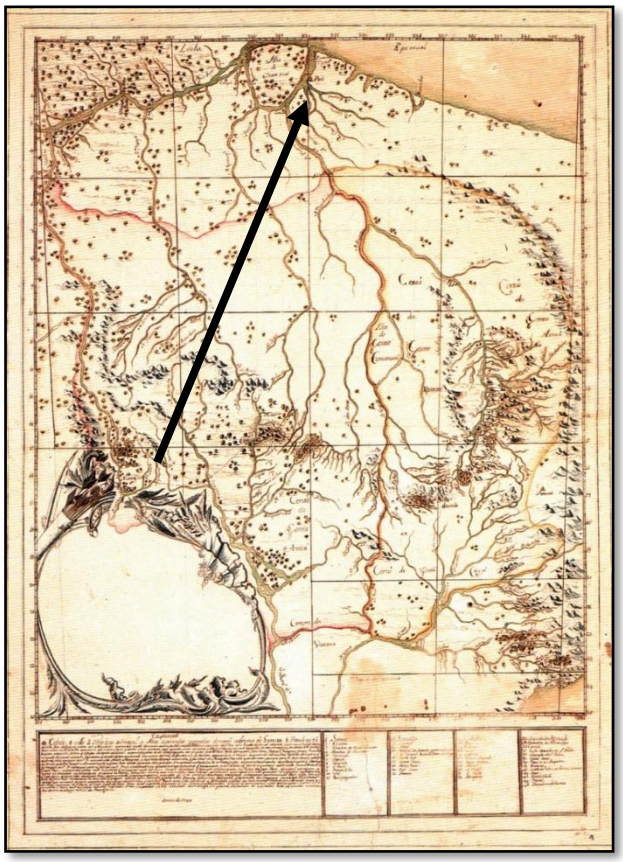


Figura 101: Mapa da Capitania de Mato Grosso e sua relação com as cidades de Santos e do Grão-Pará. (Casa da Ínsua, cota A 14 e 9-1). A seta indica o deslocamento realizado pela onça enviada por Luis Albuquerque Melo Pereira e Cárceres, Governador da Capitania do Mato Grosso, à João Pereira Caldas, Governador da Capitania do Grão-Pará.

4.3.2.6 Capitania da Paraíba

Os quatro registros referentes às remessas de animais realizadas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, a partir da Capitania da Paraíba, datam do governo de Jerônimo José de Melo e Castro, nomeado governador desta Capitania, pelo rei D. José I, em 05 de julho de 1763; Castro, entretanto, só tomaria posse neste cargo no dia 21 de abril do ano seguinte, quando chegou à Paraíba, após 71 dias de viagem, procedente de Lisboa (CHAVES Jr., 2013, p.132).

É interessante ressaltar que a Paraíba passou por um processo de anexação ao governo de Pernambuco nos idos de 1756, aos moldes do que já havia ocorrido com as Capitanias do Ceará e do Rio Grande. Segundo Chaves Jr. (2013, p. 126), esta

> política de capitanias anexas no Nordeste oriental, conduzida até finais de Setecentos, integrou-se ao reformismo ilustrado português [...] numa época de constatação das fragilidades econômicas de Portugal e da vulnerabilidade imperial, sem contar os inconvenientes causados pelo sismo de 1755 em Lisboa, [...] denotando o veio pragmático da política portuguesa em uma época de crise.

Jerónimo José de Mello e Castro governou a capitania da Paraíba por trinta e três anos, de 1764 a 1797, durante o período de anexação, que só terminaria em 1799, tornando-se um defensor acirrado da soberania desta Capitania perante o governo de Pernambuco.

Primo do diplomata e ministro de D. Maria I, Martinho de Mello e Castro, Jerônimo José de Mello e Castro, "mesmo com tão importante costado não conseguiu se livrar do malogro de um governo subordinado nos trópicos" (Chaves Jr., 2013, p. 226).

O primeiro registro da remessa de animais da Paraíba para a metrópole ocorreu sete meses após sua posse como governador da Paraíba, ainda em 1764; um expressivo ato de demonstração de agrado perante o governo de Lisboa, já que não foram detectadas tais remessas associadas aos governantes anteriores. Neste ofício Castro descreve a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, secretário de Estado da Marinha e Ultramar:

> Lembrando da recomendaçaõ de V. Ex.ª lhe remetto esses ferozes animaes, que individua a Relaçaõ incluza, e naõ envio mais e passaros q.' p.ª esse fim tenho destinado porque falta acomod.º no pequenhes da Curveta, o que farei na monçaõ da frota que espero, assim como tudo o que V. Ex.ª se dignar determinar me, q.' p.ª executar as ordens de V. Ex.ª fica tam ancioza a vontade, como Reverente a obediencia[32].

Ao longo de sua gestão, entretanto, Castro enfrentou resistências para pôr em prática seus ideais de governabilidade não só por sua submissão à poderosa Capitania de Pernambuco mas também pela falta de apoio das tradicionais elites locais, deixando-o extremamente descontente com a situação política.

Sua insatisfação pode ser revelada no ofício dirigido a seu primo, Martinho de Melo e Castro, no qual o governador lamenta a falta de reconhecimento dos serviços prestados à Coroa, principalmente por seu representante na pessoa do governador de Pernambuco;

> Não sei discorrer nos motivos da minha infelicidade olhando para o zelo com que sirvo a Sua Magestade, para o desvelo com que executo as suas ordens, e para a tolerância com que aturo as duras cadeias de hum governo subordinado, sujeito as paixoens e oprobios de Joze Cezar [governador-general de Pernambuco] que me tem posto em maior consternação[33].

Em parte, este fato explicaria a ausência de remessas de animais da Paraíba por um período de quase 10 anos após a euforia de sua chegada. Os últimos três registros de remessas de animais realizadas durante sua gestão vão ocorrer somente

[32] CASTRO, J. J. de M. e, 1764 (24 de novembro). AHU_CU_014, Cx. 23, D. 1748.
[33]CASTRO, J. J. de M. e, 1786 (29 de abril). AHU_CU_014, Cx. 29, D. 2152.

em 1771, 1773 e 1774, findando, desde então, baseado no material recolhido, as remessas até o final do seu governo, em 1798.

Todas as quatro remessas realizadas da Capitania da Paraíba (Apêndice XI) para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas ocorreram durante o reinado de D. José I. Destas, apenas duas, referentes aos anos de 1764 e 1771, apresentam a relação dos animais despachados; os dois documentos restantes, de 1773 e 1774, apesar de citarem tais relações, ignoramos seu paradeiro.

A análise dos dados referentes à Capitania da Paraíba indica a realização de quatro remessas durante o período compreendido entre 1764 e 1774 (Figura 102), abrangendo, no mínimo, 14 exemplares (Tabela 30), pois não dispomos do quantitativo nem da descrição dos espécimes presentes nos dois últimos registros encontrados.

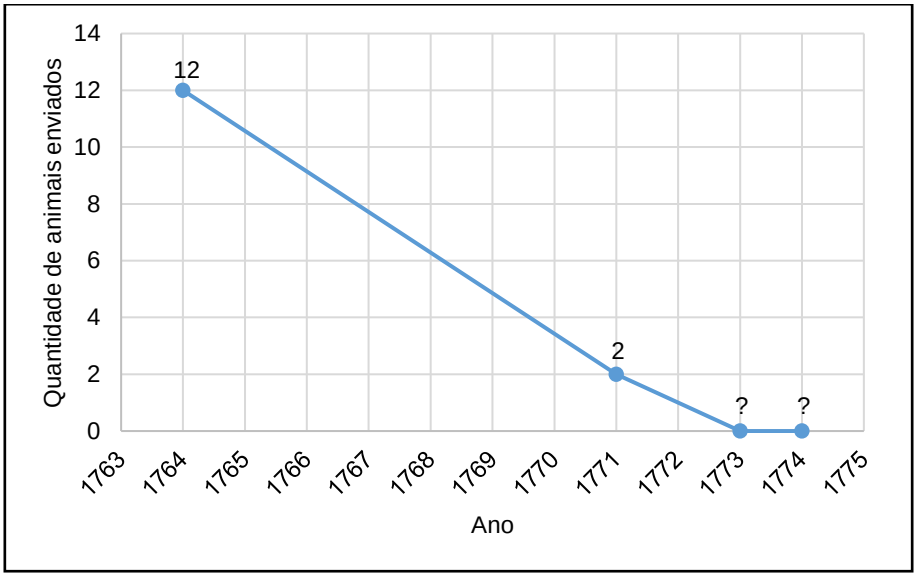


Figura 102: Quantitativo de animais enviados da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Considerando todos os dados analisados nesta pesquisa, registramos que a Capitania de Paraíba foi uma das poucas colônias onde observamos uma certa proporcionalidade entre as Classes de animais remetidos (Figura 103), dos quais 37,50% não puderam ser identificados a nível de espécie (Figura 104).

Apesar de terem sido registrados apenas 14 exemplares enviados desta Capitania, estas remessas também se destacam pelo fato de as Famílias identificadas para a Classe Mammalia, composta por cinco categorias (Figura 105), sobrepujarem àquelas identificadas para a Classe das Aves (Figura 106).

Não existem documentos que comprovem a chegada de exemplares remetidos da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Tabela 30: Relação dos animais enviados da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Arara	Possivelmente *Ara chloropterus*	02
Ema	*Rhea americana*	02
Papagaio contrafeito	Não identificada[34]	02
MAMÍFEROS		
Cutia	Não identificada[35]	02
Onça	*Panthera onca*	01
Paca	*Cuniculus paca*	02
Porco montez	Não identificada[36]	01
Saugim	*Callithrix jacchus*	02
Total de animais enviados		14

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

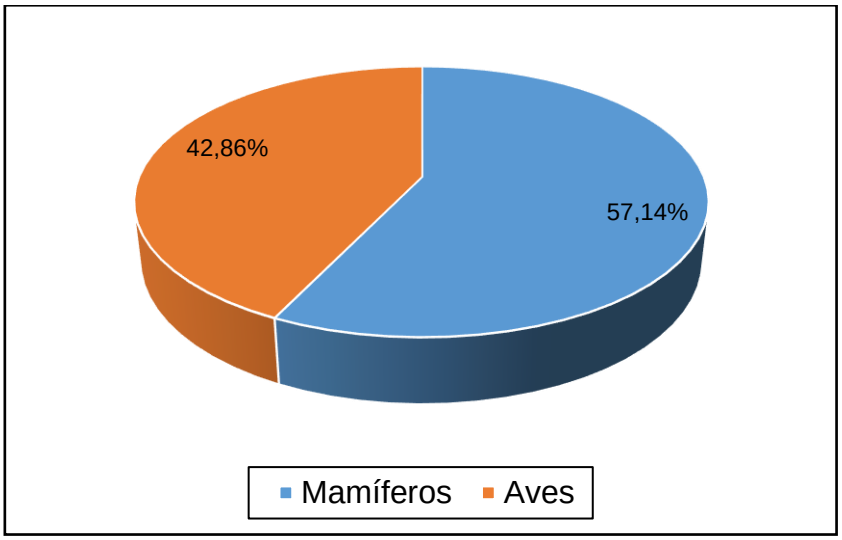


Figura 103: Grupos de animais remetidos da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Reais Vivas em Lisboa durante o século XVIII.

[34] O termo "Contrafeito" é normalmente aplicado aos Psitacídeos que apresentam uma alteração da coloração das penas, que deixam de ser esverdeadas, passando a adquirir uma tonalidade amarelada. Este efeito pode ser adquirido de forma natural (luteinismo) ou por meio de uma técnica, utilizada pelos indígenas, denominada Tapiragem (SICK, 1985, v. 1, pp. 292-293). Não foi possível identificar a espécie remetida pelo fato de existirem, na região do atual Estado da Paraíba, quatro espécies de Papagaios - o Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), o Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*), o Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*) e o Chauã (*Amazona rhodocorytha*).

[35] FEIJÓ e LANGGUTH (2013, p. 110-118) apontam para a existência de duas espécies de Cutia presentes na faixa litorânea na região ocupada pelo atual Estado da Paraíba, a Cutia-da-garupa-preta (*Dasyprocta prymnolopha*) e a Cutia-da-garupa-vermelha (*Dasyprocta iacki*).

[36] Porco-montês é o termo normalmente utilizado para designar o Javali (Família Suidae), encontrado na Europa. Entretanto, esta nomenclatura está associada, no Brasil, às duas espécies de Porcos-do-mato (Família Tayassuidade), ambas representadas, historicamente na Capitania da Paraíba, pelo Cateto (*Pecari tajacu*) e pela Queixada (*Tayassu pecari*).

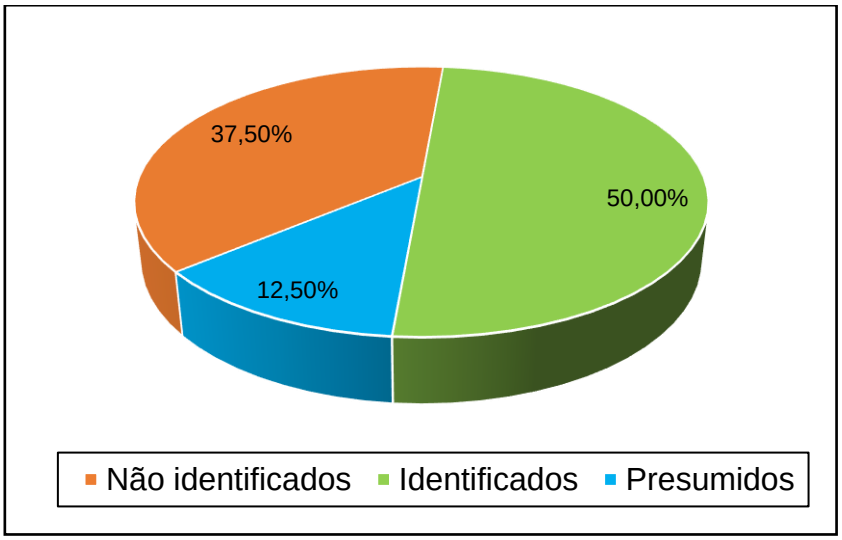


Figura 104: *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania da Paraíba.

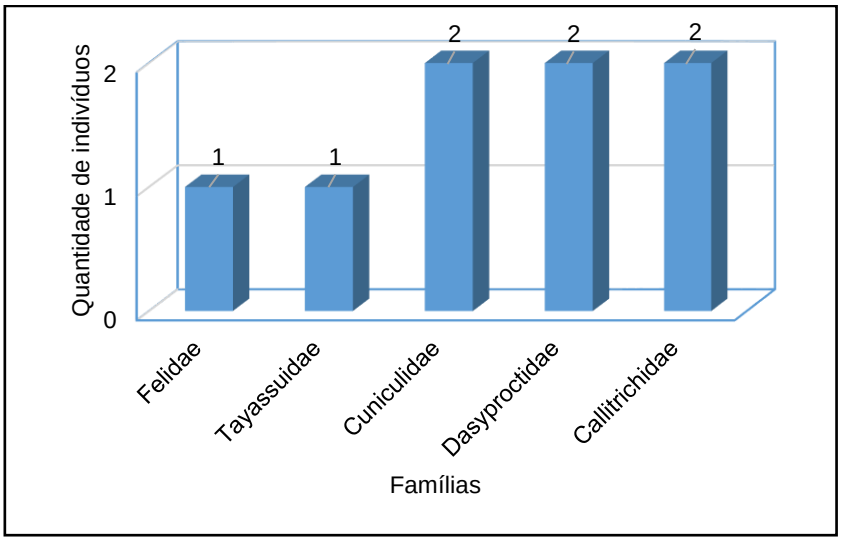


Figura 105: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa durante o século XVIII.

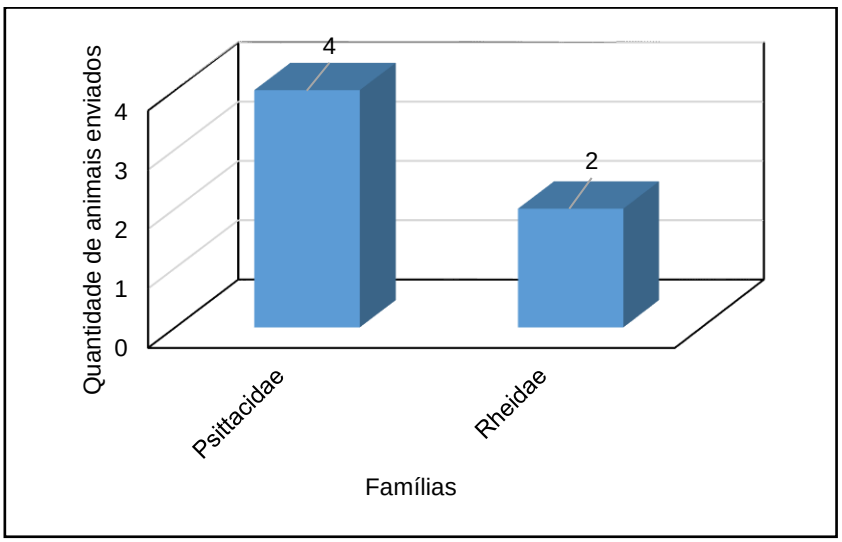


Figura 106: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania da Paraíba para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

4.3.2.7 Capitania de Permambuco

A Capitania de Pernambuco, a mais prósperas da América portuguesa, já de longa data, mantinha uma relação mais direta com a coleta de animais e seu envio à Europa, principalmente por esta região ter ficado, durante vinte e quatro anos, de 1630 a 1654, nas mãos da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, sob a denominação de Nova Holanda[37].

Durante esse período, esta região vivenciou um desenvolvimento sem precedentes, conforme coloca Freire (1936):

> Com o domínio holandês e a presença, no Brasil, do conde Maurício de Nassau, [...] o Recife, simples povoado de pescadores em volta de uma igrejinha, e com toda a sombra feudal e eclesiástica de Olinda para abafá-lo, se desenvolvera na melhor cidade da colônia e talvez do continente. Sobrados de quatro andares. Palácios de rei. Pontes. Canais. Jardim botânico. Jardim zoológico. Observatório. Igrejas da religião de Calvino. Sinagoga. Muito judeu. Estrangeiros das procedências mais diversas. Prostitutas. Lojas, armazéns, oficinas. Indústrias urbanas. Todas as condições para uma urbanização intensamente vertical.
> Fora esta a primeira grande aventura de liberdade, o primeiro grande contato com o mundo, com a Europa nova – burguesa e industrial – que tivera a colônia portuguesa da América, até então conservada em virgindade quase absoluta. Uma virgindade agreste, apenas arranhada pelos ataques de piratas franceses e ingleses e pelos atritos de vizinhança e de parentesco, nem sempre cordial, com os espanhóis.

Certamente este foi um momento ímpar para a história natural da América, com a chegada de um grupo de intelectuais europeus, dentre artistas e naturalistas, que, sob a tutela de Maurício de Nassau, libertos do domínio imposto pela religião católica, fortemente impregnada nos colonizadores portugueses, retrataram, pela primeira vez, este território sob os olhos da ciência e não da religião (Figura 107).

A associação de Nassau com a fauna e a flora nativa, apesar de profícua, ainda gera muitas controvérsias principalmente em relação ao local onde este administrador manteria sua Coleção Zoológica.

[37] O território ocupado pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais chegou, em sua máxima extensão, a abranger sete das dezenove Capitanias brasileiras, ocupando todo o litoral desde Sergipe até São Luís, no Maranhão.

Figura 107: Frans Post - Vista do Rio São Francisco com o Forte Mauricio e uma capivara, 1639. Museu do Louvre, Paris.

Calado (1668, p. 53), ao descrever as residências de Nassau no Recife, cita que

> tãbem alli fez hũa cafa de prazer, que lhe cuftou muitos cruzados, & no meio daquelle areal efteril, & infrutuofo plantou hum jardim, & todas as caftas de aruores de fruito que fe dão no Brafil, & ainda muitas que lhe vinhaõ de differentes partes, & à força de muita outra terra frutífera, trazia de fora em barcas rafteiras, & muita foma de efterco, fez o fitio taõ bem acondicionado como a melhor terra frutífera; poz nefte jardim dous mil coqueiros, trazendoos alli de outros lugares, porque os pedia aos moradores, & elles lhos mandauão trazer em carros, & delles fez hũas carreiras compridas, & viftofas, a modo da alameda de Aranjues, & por outras partes muitos parreirais, & taboleiros de ortaliça, & de flores, com algumas cafas de jogos, & entrenenimentos, aonde hiaõ as damas, & feus affeiçoados a passar as féftas no veraõ, & a ter feus regalos, & fazer fuas merendas, & beberetes, como fe vfa em Olanda, com feus acordes inftrumentos; & o gofto do Principe que era todos foffem ver fuas curiofidades, & elle mefmo por regalo as andaua moftrando, & para viuer cõ mais alegria deixou as cafas aonde moraua, & fe mudou para o feu jardim com a maior parte dos feus criados.
> Tambem alli trazia todas as caftas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condição, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, animal exquifito que podia achar no fertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacÿs, os canindés, os jaburÿz, os motuns, as galinhas de Guiné, os patos, os cirnes, os pauoens; de perũs, & galinhas grande numero, tantas pombas, que não fe podiam contar, alli tinha os tigres, a onça, a ciffuarana, o tamandua, o budio, o quati, o fagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaaõ de coelhos, & finalmente naõ auia couza curiofa no Brafil q alli não tiueffe, porque os moradores alhas mandauão de boa vontade que vião de os favorecer, & afsi tambẽ lhe ajudaraõ a fazer as fuas duas cafas, afsi efta do jardim aonde mouava, como a da boa vifta fobre o Capiuaribe aonde hia muitos dias paffeando a fe recrear, porque hũs lhe mandauão a madeira, outros a telha, & o tijolo, outros a cal, & finalmente todos o ajudarao no q puderaõ; & elle fe mostraua taõ agradecido, & fauorecia de forte aos Portuguefes, que lhe parecia que tinhaõ nelle pai, & lhe aliuiaua muito a trifteza, & dor de fe verem catiuos.

Teixeira (2006, p. 4) ressalta existir, baseado na descrição realizada por Calado dos animais mantidos por Nassau, assim como na planta elaborada por Barlaeus do Palácio de Friburgo, uma das residências do Príncipe, certa incompatibilidade física por

> não haver qualquer referência concreta a alojamentos para animais silvestres [no Palácio], tanto mais que a manutenção de mamíferos de grande porte e até mesmo de um plantel significativo de aves implica em certas exigências, pois onças não podem ser enjauladas sem maiores cuidados e tampouco gaviões se prestam a viver com galinhas.

Contudo, o que podemos observar efetivamente é que as remessas de animais realizadas da Capitania de Pernambuco, durante o século seguinte (Figura 108), para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, com base nos registros encontrados, atingiu a incrível marca de 3.419 exemplares (Tabela 31), o maior valor dentre todas as Capitanias portuguesas em solo americano. Este feito pode ter sido uma consequência direta do domínio holandês sobre esta região, pelo fato de a população ter incorporado o hábito de coletar exemplares da fauna local, respondendo prontamente às solicitações dos governantes sobre este assunto.

Tabela 31: Relação dos animais enviados da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Arara, Araras	Não identificada[38]	3
Araruna de peito azul	*Anodorhynchus leari*	1
Ave que parece galinha	Não identificada[39]	1
Azulam, Azulaõ, Azuloens	*Cyanoloxia brissonii*	17
Bicudo, Bicudos, Bicudos prettos, Bicudos pardos, Picudos	Não identificados[40]	25
Bicudos cabeça e papo pardo e corpo preto, Bicudos pardos	*Chrysomus ruficapillus*	12
Bigodinho, Bigodinhos	*Sporophila lineola*	4
Cabeça coroada de pretto e cor vermelha	Possivelmente *Coryphospingus pileatus*	1
Cabocolinhos	*Sporophila bouvreuil*	23
Cacuãm	Provavelmente *Herpetotheres cachinnas*	1
Canindes, Calindé de peito amarelo	*Ara ararauna*	5

[38] Termo genérico empregado para designar os exemplares de grande porte da Família Psittacidae. Em Pernambuco temos referência da presença das seguintes espécies: Arara-canindé (Ara ararauna), Arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e possivelmente a Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*).

[39] Pode ser uma referência ao uru (*Odontophorus capoeira*) ou a algum representante da Família Cracidae (Jacu ou Mutum).

[40] Foram identificadas 08 remessas, totalizando 37 aves, que tratam do embarque de pássaros denominados “Bicudos”. Destes, 12 exemplares (06 “Bicudos pardos” e 06 “Bicudos cabeça e papo pardo e corpo preto”), enviados na mesma remessa, certamente dizem respeito ao *Chrysomus ruficapillus* da Família Icteridae, conhecido atualmente pelo nome “Garibaldi”, como discriminado nesta tabela. Dos 25 exemplares restantes, seis, identificados como “Bicudos de varias cores prettos, e pardos” e 19 exemplares identificados apenas como “Bicudos” (um exemplar foi despachado com a denominação de “Picudo”) certamente tratam de representantes da Família Icteridae.

Canarios, Canario da terra, Canarios da terra	*Sicalis flaveola*	532
Cardeaes, Cardeáes, Cardeas, Cardeais, Cardeaes de cabeça vermelha, Cardeaes de campina, Cardeaes de campina de cabeça vermelha, Cabeça vermelha	*Paroaria dominicana*	440
Corijó, Corijos, Corijoz, Corijóz, Corijôz, Curijós prettos e pardos, Corijos pardos	*Sporophila angolensis*	120
Ema, Emas, Hemas	*Rhea americana*	13
Jancenans	*Porphirio martinicus* [41]	3
Jacú, Jacus, Jacús, Jacúz	Não identificada[42]	41
Jarutis de bico encarnado	Possivelmente *Geotrygon montana*	2
Marrecas	Não identificada[43]	6
Marrecas de bico vermelho	Não identificada[44]	26
Mutú, Mutúm, Motuns, Mutúns, Mutús, Mutus	*Mitu mitu*	17
Orubú Rey, Erubû Rey	*Sarcoramphus papa*	2
Papa arros com papo pardo e cabeça, Papa arroz com papo pardo e cabeça	*Chrysomus ruficapillus*	6
Papa arroz, Papa-arrozes	Não identificada[45]	50
Papa arroz de papo encarnado, Papa Arrozes de papo encarnado, Papa arroz de papos encarnados, Papa arrozes de papo vermelho, Papas arros de papo encarnado, Papos vermelhos, Papos encarnadoz, Passaros de papo encarnado	Provavelmente *Leistes superciliaris*	118
Papa arroz preto, Papa arroz pretoz, Papa arroz todo negro, Papa Arrozes de papo preto, Passaros negros, Papas arros negros	Não identificada[46]	207
Papa capim, Papas capim, Papa capins, Papa capinz	Possivelmente *Sporophila nigricollis*	87
Papa Capim prettos te a cabeça	Possivelmente *Volatinia jacarina*	6

[41] Normalmente o termo “Jaçanã” é utilizado para designar os representantes da Família Jacanidae, cuja espécie mais frequente no Brasil é a *Jacana jacana*; contudo esta mesma nomenclatura é utilizada, na região Nordeste, para designar o Frango-d’água-azul (*Porphirio martinicus*) representante da Família Rallidae. Baseado nas pinturas de Albert Eckhout, pintor holandês que esteve na comitiva do Príncipe Maurício de Nassau, que ornam o teto do Castelo de Hoflössnitz, este termo certamente, em Pernambuco, está associado ao Frango-d’água-azul (Figura 109). Uma descrição detalhada das 84 pinturas encontradas neste Castelo pode ser encontrada em Teixeira (2009).

[42] Termo genérico empregado para a designação de vários representantes da Família Cracidae, dos quais estão presentes em Pernambuco a Jacupemba (*Penelope superciliaris*) e a Jacucaca (*Penelope jacucaca*).

[43] Termo genérico empregado para designar vários representantes da Família Anatidae.

[44] Três espécies de Anatidae, presentes em Pernambuco, poderiam ser enquadradas na categoria “Marreca de bico vermelho” a Marreca-toicinho (*Anas bahamensis*), a Marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) e a Marreca-ananaí (*Amazonetta brasiliensis*). O documento faz referência à remessa de “treze cazaes de Marrecas de bico vermelho”, logo a remessa poderia englobar a última espécie citada, apesar de as fêmeas da Marreca-ananaí apresentarem o bico preto.

[45] Termo utilizado para designar representantes da Família Icteridae.

[46] Em Pernambuco são encontrados dois Icteridae totalmente negros: o Chupim (*Molothrus bonariensis*) e a Graúna (*Gnorimopsar choupi*).

Papagayos contrafeitos	Não identificada[47]	2
Papas capins cinzentos	Prossivelmente *Coryphospingus pileatus*	4
Pardaes da terra	Provavelmente *Zonotrichia capensis*	2
Pardos	Não identificada[48]	2
Passaros de varias qualidades, Passaros da terra	Não identificada[49]	1134
Patativas, Pattativa	Possivelmente *Sporophila albogularis*	75
Patativas de cor aural e pardas	Não identificada[50]	15
Patos brabos do Sertaõ	*Cairina moschata*	6
Pattativa choraõ, Petitiva choraõ, Churoens	Possivelmente *Sporophila leucoptera*	11
Periquitos	Não identificada[51]	48
Pintarroxo	Não identificada[52]	1
Pintasilgos (preto e amarelo), Pintassilgos, Pintacilvo	*Carduelis yarrellii*	26
Pombas brabas de aza branca do sertaõ	*Patagioenas picazuro*	12
Pombos Trocazes do Sertaõ, Rolas trocazes do Sertão	*Patagioenas speciosa*	12
Potrioens	*Sarkidiornis sylvicola*	6
Rolas da Ilha de Fernando [de Noronha]	*Zenaida auriculata*	24
Rolas do Sertaõ	Provavelmente *Zenaida auriculata*	6
Rolas e Pombas de Aza Branca do Sertaõ	Provavelmente *Zenaida auriculata* e *Patagioenas picaruzo*[53]	66
Sabiáz mirins pardos	Provavelmente *Turdus leucomelas*	7
Seriema	*Cariama cristata*	4
Zabeléz	*Crypturellus noctivagus zabele*	6
MAMÍFEROS		
Anta	*Tapirus terrestris*	11
Capivara, Capibara	*Hydrochoerus hydrochaeris*	3
Cotía, Cotias, Cutias	Não identificada[54]	17
Gamos	Provavelmente *Ozotoceros bezoarticus*	02
Guandum mirim	Possivelmente *Coendou speratus*[55]	1

[47] Termo empregado para designar vários representantes da Família Psittacidae, entre eles o Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*), o Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) e o Chauá (*Amazona rhodocorytha*), encontrados em Pernambuco. A designação "contrafeito" é aplicada aos exemplares que apresentam variação da coloração da plumagem determinada por um processo artificial realizado pelos indígenas denominado Tapiragem.
[48] Referência aos exemplares do sexo feminino de alguma espécie não identificada.
[49] Termo genérico empregado para designar vários exemplares de pássaros, de várias Famílias, aos moldes do termo "pássaros de cores" empregado nas remessas provenientes da África.
[50] Espécie não identificada. Apesar de o termo "Patativa" estar normalmente associado a representantes da Família Thraupidae, optou-se pelo enquadramento destes exemplares na categoria "Não identificados", pois a descrição "aural e parda" não condiz com nenhum representante com estas características.
[51] Termo genérico empregado para designar os representantes de pequeno porte da Família Psittacidae. Uma das remessas especifica que estão sendo enviados exemplares de três qualidades diferentes.
[52] O termo "Pintarroxo" é normalmente utilizado para designar o *Linaria cannabica*, espécie comum na Europa. Esta nomenclatura, empregada na designação de apenas um exemplar remetido do Brasil, está sendo utilizada para descrever algum pássaro, não identificado, que lembraria a espécie europeia.
[53] Optou-se por manter esta categoria, na análise dos dados, como não identificadas, por não ser possível discernir os indivíduos de cada uma das prováveis espécies.
[54] Em Pernambuco podem ser encontradas duas espécies de cutias: a Cutia-da-garupa-vermelha (*Dasyprocta iacki*) e a Cutia-da-garupa-preta (*Dasyprocta prymnolopha*).
[55] Possível referência ao Cuandu-mirim (*Coendou speratus*), espécie recentemente descrita (PIRES et all, 2013).

Guaribas	*Alouatta belzebul*	2
Lontra	*Lontra longicaudis*	1
Macaco, Macacos	Não identificada[56]	5
Mocós	*Kerodon rupestris*	2
Onça, Onças, Tigre	*Panthera onca*	16
Onça pintada pequena, Onça Piquena	Não identificada[57]	2
Paca, Pacas	*Cuniculus paca*	19
Porco do Mato, Porco bravo, Porcos do mato (porquinho brabos), Porquinha do Mato, Porquinhas do mato, Porquinhos do Mato	Não identificada[58]	29
Porco do mato (Teitatú), Pôrco Taititú	*Pecari tajacu*	2
Preguiça	*Bradypus variegatus*	1
Quandu, Quandú, Quandû, Quandûz, Guandu	*Coendou prehensilis*	7
Quatins miris	*Guerlinguetus aphonsei*	2
Quatîs, Quatîz, Quati Mondé	*Nasua nasua*	5
Tatú	Não identificada[59]	1
Teyuasú	*Tupinambis merianae*	1
Viadinho, Viadinhos, Veadinhos, Viadinho pontas cheias de cabelo, Viados	*Mazama gouazoubira*	45
RÉPTEIS		
Jabutis	*Chelonoidis carbonaria*	3
Tartaruga, Tartarugas	Não identificada[60]	4
Total de animais enviados		3.419

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

[56] Termo genérico empregado para designar os representantes da Ordem Primata.
[57] Referência aos Felinos de pequeno porte (*Leopardus sp*.) encontrados na região.
[58] As duas espécies referidas como “Porco do mato” estão presentes em Pernambuco, o cateto (*Pecari tajacu*) e a Queixada (*Tayassu pecari*).
[59] Nomenclatura aplicada aos representantes da Família Dasypodidae, sendo representados, atualmente em Pernambuco, pelas seguintes espécies: Tatu-bola (*Tolypeutes trincinctus*), Tatu-pega (*Euphractus sexcinctus*), Tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) e o Tatu-rabo-de-couro (*Cabassous unicinctus*).
[60] O termo “tartaruga” normalmente é utilizado para designar os quelônios (Classe Reptilia) marinhos; certamente estes exemplares remetidos não eram integrantes da fauna marinha. Assim, estes espécimes deveriam ser exemplares do grupo de Testudines denominados “Jabutis”, de hábito terrestre, e certamente daqueles integrantes do grupo dos “Cágados”, de hábito dulcícola, já que em uma remessa é citado o embarque de uma “tartaruga” em uma tina. (MENESES, J. C. de, 1787 (07 de Março). AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11431).

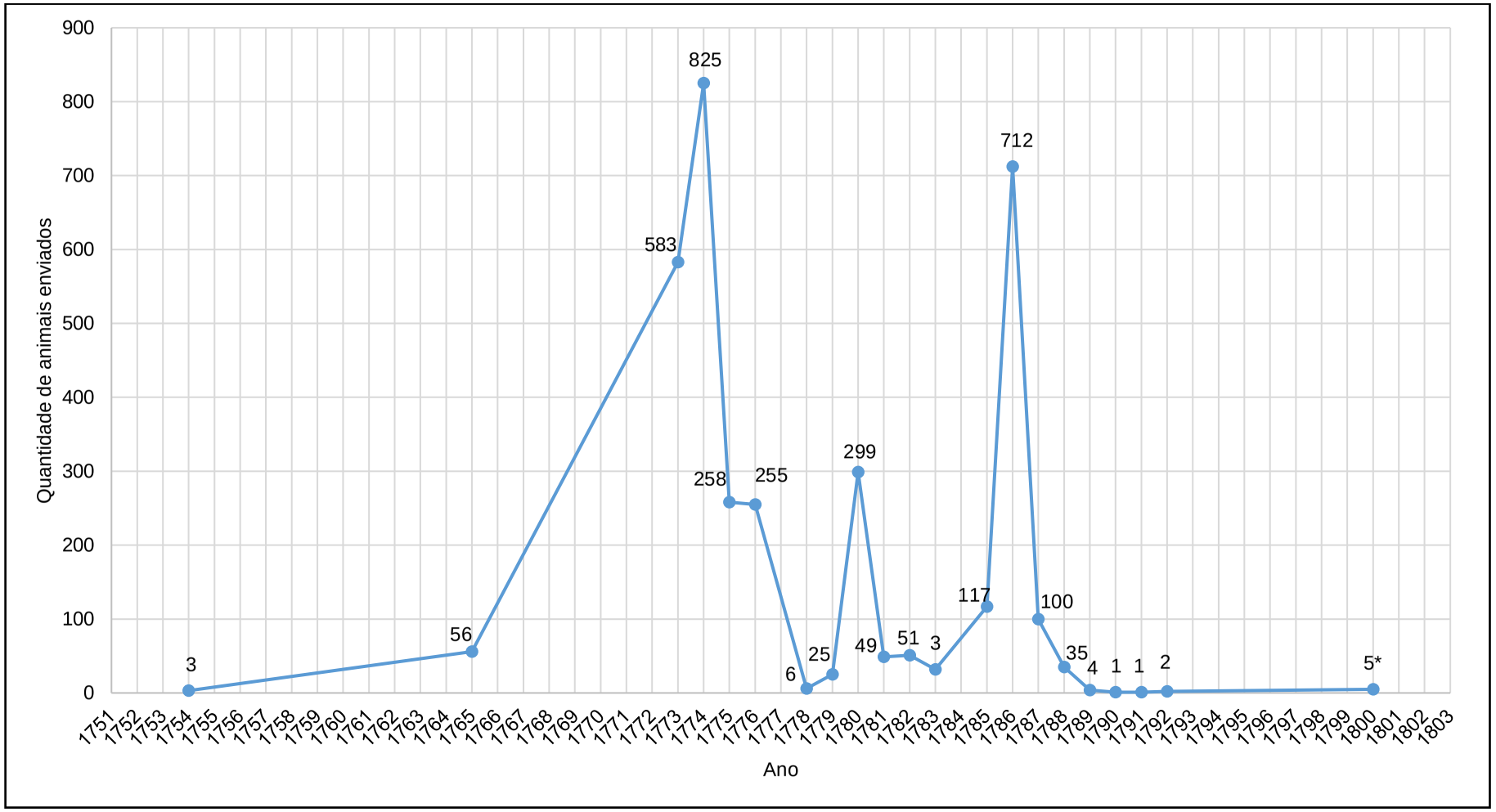


Figura 108: Quantitativo de animais enviados da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Figura 109: Espécies associadas ao termo “Jacanã”. Acima duas pinturas de Albert Eckhut presentes no teto do salão principal do Castelo de Hoflössnitz; abaixo, espécies associadas às pinturas de Eckhut (1610-1665).

A primeira remessa de animais detectada para a Capitania de Pernambuco ocorreu durante o governo de Luís José Correia de Sá, em 1754, constituida, modestamente, por três exemplares, sendo todos Mamíferos – uma Anta (*Tapirus terrestris*) e duas Pacas (*Cuniculus paca*) (Apêncice XII).

Silva[1], sucessor de Sá, em resposta à solicitação recebida para o envio de “alguns viveiros de passaros dos mais exquizitos na raridade de suas corés, q’ se descobrir nesta Cap.nia”, informa que tem

> practicado no decurso de Seis annos para oz alcançar, mos podiaõ facilitar o naõ tenho conseguido, por na realidade deixar de oz haver alem de Papagyos, Araras, e Canindés, q’ considera naõ serem dos q’ o mesmo S.r solicita, e outros, q’ por pequenos ainda q’ cobertos de

[1] SILVA, L. D. L. da, 1762 (07 de março). AHU_CU_015, Cx. 97, D. 7649.

> varias, e agradaveis cores nas suas plumas, se fazem estimaveis, se impossibilita a sua remessa por se naõ sustentarem mais, q' de bananas, e de alguns bixinhos, q' no campo encontram, sendo tambem vistozos os Guarazes pela viva cór de fogo de q' se vestem, porem destes he igoalmente impracticavel a sua remessa, por serem aves, q' vivem em Lagoas, e se sustentaõ de marisco, vindo por este modo a naõ haver nesta Cap.nia para se enviaré das qualidades, q' me persuado, determina o mesmo S.r, se remetaõ.
> Quando o V. Snr. queira se mandem alguns Patativas de cor parda, e hús chamados Cardeaes de cabeça encarnada, e corpo esbranquisado todos porporcionados a conservarem se em gayolas, ainda q' bastantem.e sugeitos a padecerem na viagem, como tenho experimentado, e com mais rizco os segundos por naõ ter chegado algum dos muytos, q' tenho remetido, executarei o q' V. Ex.a me insinua.

Este governador relata, ainda, demonstrando conhecimento pelas sucessivas remessas recebidas da África que

> no q' respeita a Benguelinhas, Macarraxoés, Viuvas, Negraes, e outros de semelhante natureza se faz precizo mandálos vir de Angola, e Benguela por se criarem naquelle Reyno, e naõ os haver nestas Capitanias da mesma sorte, q' os Pardaes de S. Thomé, na ilha deste nome, e do Principe.

Apesar de Almeida, Papavero e Teixeira (2014, p.17-19) não terem detectado o envio de animais nativos do Brasil para as Coleções Zoológicas Vivas Reais, em Lisboa, durante a gestão de António de Sousa Manuel de Meneses, sucessor de Silva, informando que este governador apenas reenviou exemplares provenientes da África, a figura de número sete apresentada por estes autores revela uma quantidade expressiva de 55 exemplares de "passaros da Terra" que integravam o viveiro n. 4 da remessa de António Meneses[2].

Entretanto, foi no governo de Manuel da Cunha Meneses, de 1769 a 1774, que verificamos o envio de uma grande quantidade de animais de Pernambuco para Lisboa. Estas remessas, contudo, ocorreram nos dois últimos anos de seu mandato, sendo sete constituídas por 583 exemplares, realizadas em 1773, e oito integradas por 825 animais, no ano seguinte.

Curiosamente ao analisarmos as remessas executadas por José Cesar de Meneses, sucessor de Manuel Meneses, verificamos que, apesar de este administrador ter sido o mais expressivo em termo de quantidade de exemplares despachados, 1.814 em 78 remessas, equivalente a 53,06% de todos os espécimes identificados para Pernambuco, e estas remessas estarem distribuídas ao longo dos 13 anos de seu mandato, o maior quantitativo registrado ocorreu, também, nos dois últimos anos de sua gestão. No caso específico de José Cesar de Meneses, esta profusão de remessas

[2] MENESES, A. de S. M. de, 1765 (05 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 102, D. 7936.

talvez tenha sido o modo encontrado por esse administrador para amenizar as sucessivas críticas que vinha recebendo do secretário de Estado da Marinha e Ultramar, por seu modo de governabilidade. Em uma destas repreensões o secretário relata que

> Sua Majestade confiou a Vossa Senhoria o governo dela, não para fomentar partidos, mas para os destruir, não para acreditar, nem autorizar sugestões, mas para castigar os autores delas, não para fazer dissertações sobre a existência da Companhia [de Comércio de Pernambuco e da Paraíba] ou extinção dela porque a este respeito se lhe não tem pedido algum conselho, mas para sustentar os seus interesses enquanto Sua Majestade a conserva e protege, como um estabelecimento instituído por seu Augusto Pai, não para permitir nem tolerar os escandalosos roubos, extravios e contrabandos que nesta capitania se estão fazendo, como se nela não houvesse governo, nem autoridade para os coibir, mas para executar a respeito deles as obrigações inerentes ao lugar que Vossa Senhoria ocupa, e além delas, as positivas ordens reais passadas por essa secretaria [...] (DIAS, 2011)

Os baixos números de exemplares observados para as remessas realizadas durante os anos de 1781, 1782 e 1783 podem ter relação com a “grande seca que se abateu sobre a Capitania”, principalmente no ano de 1782 (CARLOS, E. S. de A., 2001, p. 119).

A análise dos dados recolhidos indica um predomínio acentuado de Aves (Figura 110), apesar de termos detectado o embarque de Mamíferos e de oito Répteis (Figura 111).

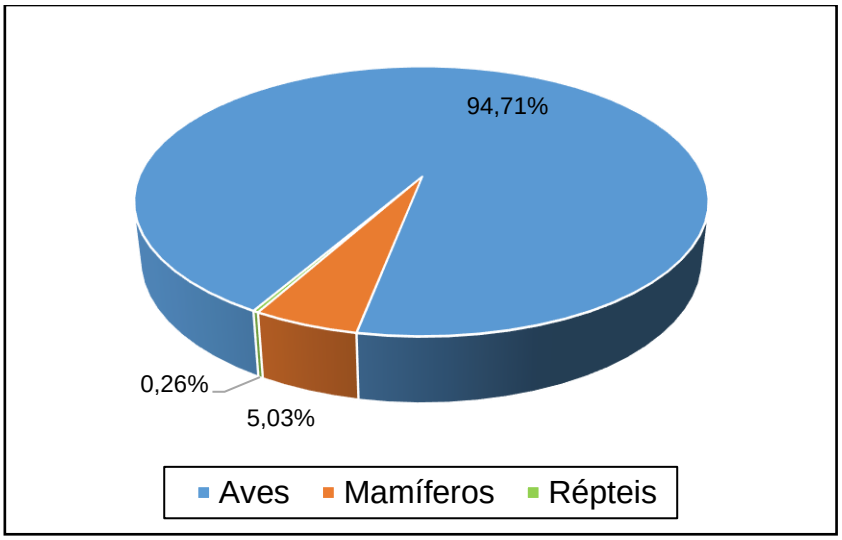


Figura 110: Grupos de animais remetidos da Capitania de Pernambuco para Lisboa durante o século XVIII.

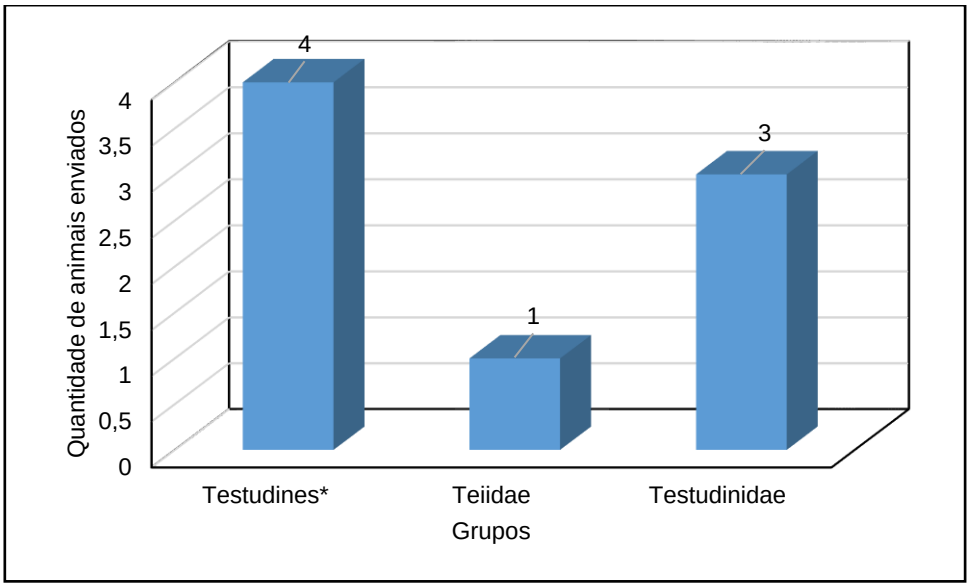


Figura 111: Grupo de Répteis presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.
Nota: *Não identificado, normalmente citados como "Tartaruga", entretanto podendo ser constituído por exemplares do grupo dos Cágados e/ou dos Jabutis.

A identificação dos exemplares enviados de Pernambuco foi prejudicada (Figura 112) pelo emprego de muitos termos genéricos na designação dos animais embarcados; contudo, pudemos perceber um predomínio de exemplares da Ordem Passeriformes, dentre estes, os representantes da Família Thraupidae foram os mais abundates (Figura 113).

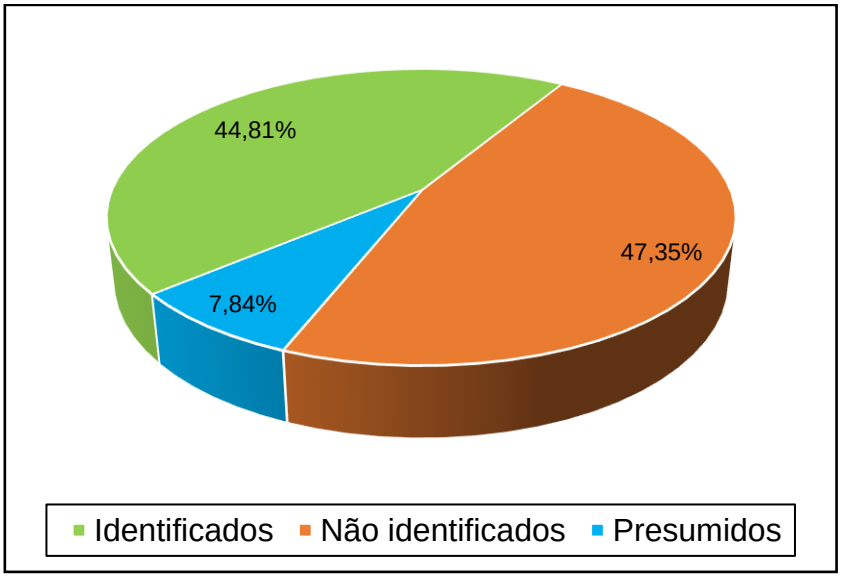


Figura 112: *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania de Pernambuco.

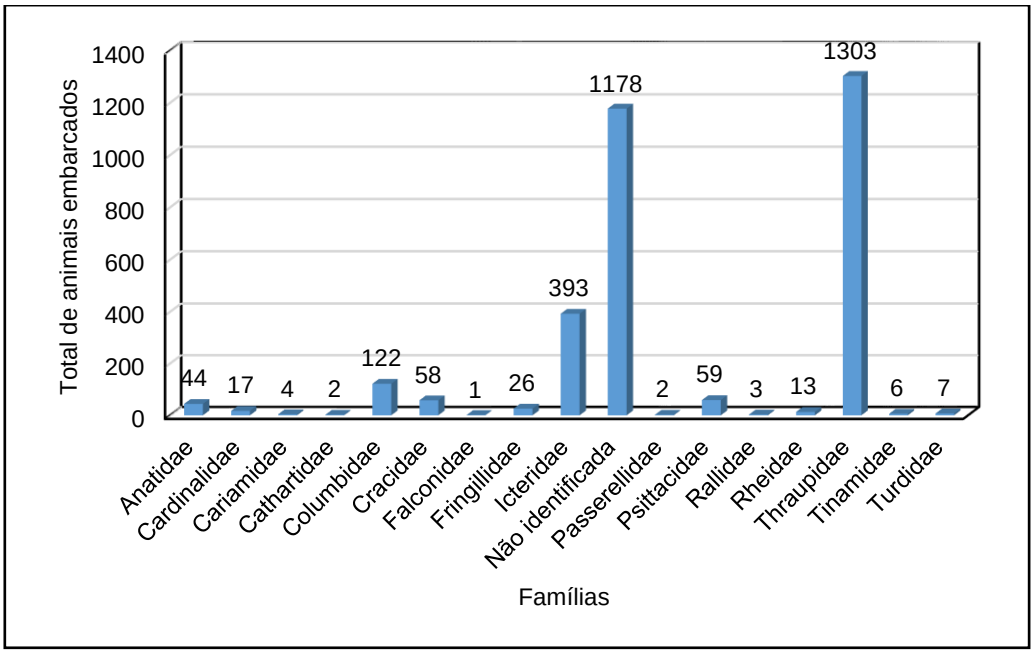


Figura 113: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.

Um dado que chama nossa atenção, em relação às remessas de Mamíferos identificadas para Pernambuco, é o predomínio de exemplares da Família Cervidae (Figura 114) enviados para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Em relação a esta Família é importante salientar que duas nomenclaturas regionais portuguesas, “gamo” e “corsa” aparecem nos registros descrevendo os animais remetidos de Pernambuco, merecendo, assim, nossa atenção.

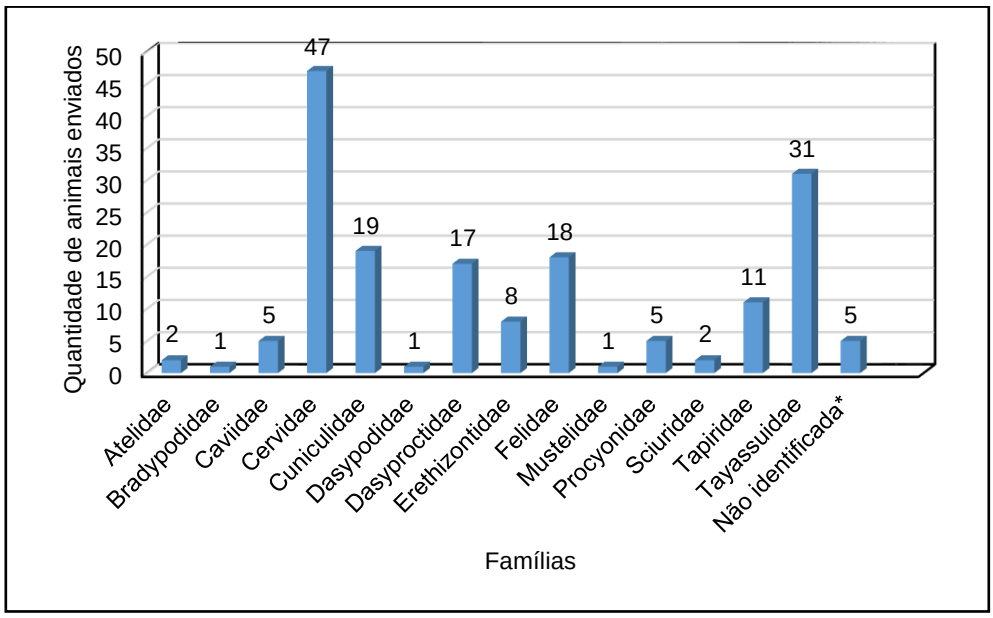


Figura 114: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Todos Primatas.

Em Portugal são registradas três espécies de Cervidae, duas nativas, o Veado (*Cervus elephus*) e o Corço (*Capreolus capreolus*), além de uma espécie introduzida na época dos Fenícios, o Gamo (*Dama dama*).

Já comentamos, ao longo desta Tese, que o emprego de termos lusos para a designação de exemplares da fauna nativa do Brasil ocorre quando determinadas espécies Neotropicais compartilham semelhanças morfológicas com representantes da fauna Paleártica. Um destes exemplos é o emprego da nomenclatura "Melro" utilizada na Europa para designar o *Turdus merula* e empregado, no Brasil, muito provavelmente, para designar os exemplares de Sabiá-una (*Turdus flavipes*).

No caso dos Cervidae, a utilização de duas nomenclaturas distintas é uma dado relevante para a identificação dos exemplares desta Família enviados a Portugal, pois os exemplares denominados "corsas" (corço) estariam relacionados aos representantes de pequeno porte, representado nas Américas pelo Gênero *Mazama*, enquanto o termo "Gamo" seria uma alusão a alguma espécie Neotropical de maior estatura, representada, possivelmente, por duas espécies: o Veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e o Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) (Figura 115). Apesar de estas espécies, historicamente, apresentarem distribuições geográficas compatíveis com o antigo território ocupado pela Capitania de Pernambuco, muito provavelmente a espécie referida pelo termo "gamo", identificado na remessa oriunda desta Capitania, estaria associada ao Veado-campeiro.

Com relação à nomenclatura "viado" e "viadinho", poderíamos, a princípio, supor que a primeira estivesse relacionada aos exemplares de maior estatira enquanto a segunda diria respeito aos indivíduos de pequeno porte; contudo, em uma remessa realizada por Meneses[3], fica evidente que o termo empregado para o registro do embarque destes exemplares, "viado", não corresponde ao que acabamos de elucidar pois, ao chegarem à metrópole, estes animais foram identificados como "corsas"[4] nomenclatura lusa para designar os Cervidae de pequeno porte. Assim, o termo "viado" poderia ser empregado indiscriminadamente para designar os Cervídeos de qualquer tamanho.

Ao todo temos o registro de 47 exemplares de Cervidae remetidos de Pernambuco para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII (Tabela 32).

[3] MENESES, J. C. de, 1786 (02 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.
[4] MANIQUE, A. J. de P., 1786 (09 de Junho). AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11277.

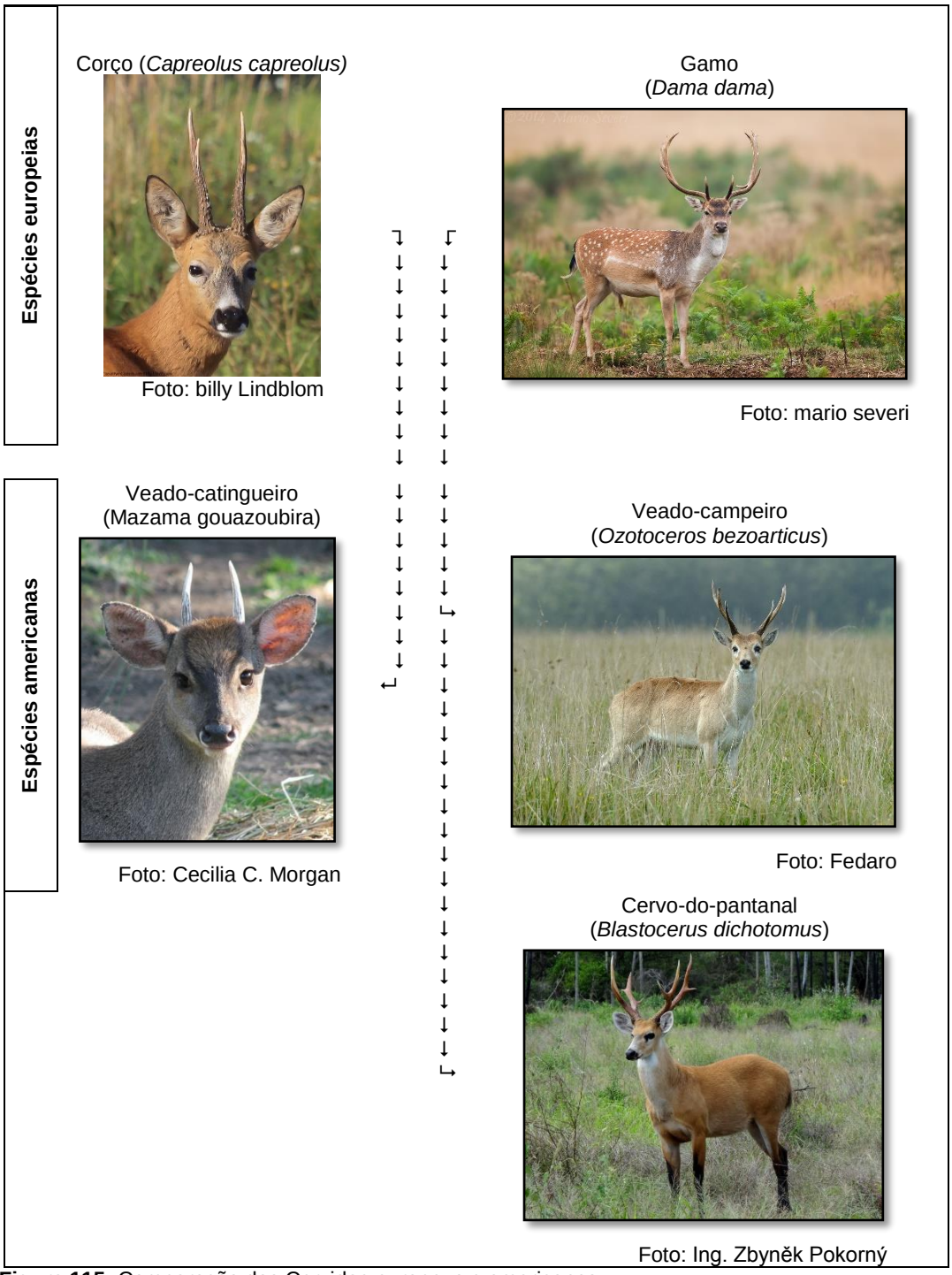


Figura 115: Comparação dos Cervidae europeus e americanos.

A citação encontrada em um documento emitido de Pernambuco - “E que sucessivamente mande pelos Navios, q’ sahirem deste Porto alguns viados dos mais pequenos, q’ aqui houver; e das diferentes qualidades, q’ se poderem descobrir, com tanto que naõ sejaõ grandes”[5] - nos leva a tecer ainda alguns comentários sobre a

[5] MENESES, J. C. de, 1779 (03 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9952.

remessa dos representantes dessa Família. A referência a “diferentes qualidades” utilizada no documento, certamente é uma evidência de que espécies distintas de Cervidae do Gênero *Mazama*, foram enviadas à Corte, contudo, não necessariamente oriundas de Pernambuco, já que exemplares desta Família aparecem nas remessas realizadas de outras Capitanias, assim como a alusão a “com tanto que naõ sejaõ grandes” indica que exemplares de grande porte também integraram o contingente de animais remetidos do Brasil; contudo, não despertaram tanto interesse quanto os de pequeno porte.

Tabela 32: Cervidae enviados do Brasil para Portugal durante o século XVIII.

Ano	Data	Documento	Procedência	Remessa
1774	01 Mar.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8861.	Pernambuco	02 Gamos
1775	20 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9095.	Pernambuco	03 Viados
1779	03 Fev.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9952.	Pernambuco	05 Veadinhos
	05 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 133, D. 9967.	Pernambuco	04 Viadinhos
	04 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 133, D. 10005.	Pernambuco	03 Viadinhos
	17 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10039.	Pernambuco	02 Viadinhos
	17 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10039.	Pernambuco	02 Viadinhos
	15 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10067.	Pernambuco	03 Viadinhos
	05 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 135, D. 10087.	Pernambuco	02 Viadinhos
1780	07 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10166.	Pernambuco	01 Viadinho
	03 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 137, D. 10226.	Pernambuco	01 Viadinho
	27 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.	Pernambuco	07 Viados
1782	15 Fev.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10522.	Pernambuco	03 Viadinhos
1783	02 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 148, D. 10797.	Pernambuco	01 Viadinho
1786	02 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.	Pernambuco	03 Viados (manços creados amaõ)
	09 Jun.	António Joaquim de Pina Manique AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.	Lisboa	Chegam vivos 02 Corsas*
	14 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11307.	Pernambuco	01 Viadinho (muito manço creado amaõ)
1788	12 Mar.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11638.	Pernambuco	01 Viadinho “com a raridade de ter as pontas cheias de cabelo”.
	19 Ago.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 165, D. 11756.	Pernambuco	02 Viadinhos.
1800	07 Nov.	Alexandre Rodrigues Ferreira[6]	Lisboa	01 Veadinho do Brazil

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados. Nota: *Referentes à remessa realizada por Meneses em 02 de Abril.

[6] Neste documento de Alexandre Rodrigues Ferreira descrevem-se os animais que chegaram a Lisboa durante o ano de 1800.

Pernambuco foi uma das poucas localidades do Império Português na qual detectamos cinco registros de chegada comprovada de animais a Lisboa, vivos ou mortos (Figura 116). Entretanto, a falta de identificação dos animais enviados, assim como a deficiência observada no registro dos mesmos quando da visita do ouro, em Lisboa, dificulta a identificacão das espécies, assim como o número de exemplares que foram integrados às Coleções Zoológicas Vivas Reais. (Tabela 33).

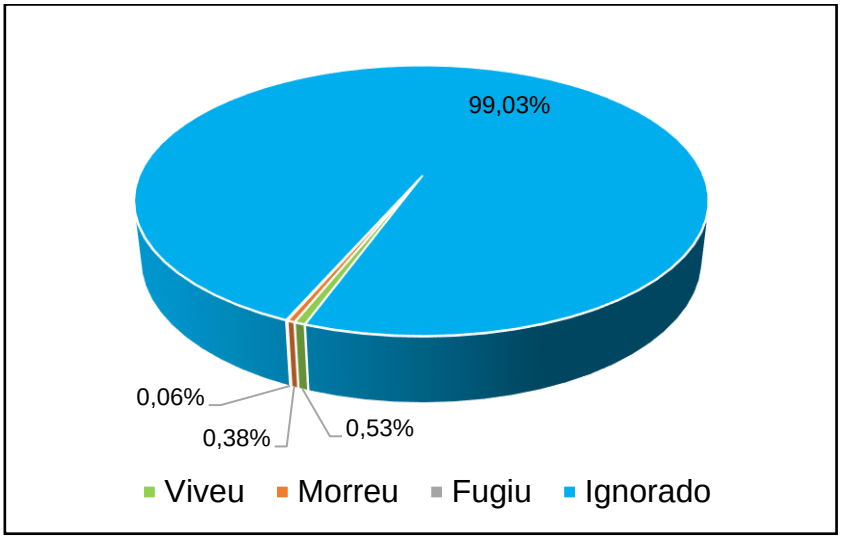


Figura 116: Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes da Capitania de Pernambuco durante o século XVIII.

Tabela 33: Discrepância nos registrados dos animais embarcados em Pernambuco e recebidos em Lisboa.

Embarque em Penambuco	**Visita do ouro em Lisboa**
“outros pássaros [Araras, Papagaios, Mutuns, Cujubýs e Inambús]”[7]	“[algumas] Araras e Papagaios; umas capoeiras de Mutuns, Cujubýs, Inambús”[8]
“02 Pacas”[9]	“Trazia duas Cotias, q’ diz huá fugira outra morrera”[10]
“01 cazal de Jacũs; 01 cazal de Mutũs”[11]	“Alguns Passaros”[12]
“01 Viveiro com 55 Passaros de varias qualidades”[13]	“01 Viveiro de Passaros”[14]
“01 Viveiro com 85 Passaros de varias qualidades; 01 capoeira com 12 pombas brabas de aza branca do sertaõ; 02 Jarutis de bico encarnado”[15]	“02 viveiros de passaros”[16]

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

[7] COUTINHO, J. da C. A., 1800 (? Janeiro). AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.
[8] FERREIRA, A. R., 1800 (07 de Novembro).
[9] MELO, T. J. de, 1788 (07 de Junho). AHU_CU_015, Cx. 164, D. 11716.
[10] MANIQUE, A. J. de P., 1788 (26 de Agosto). AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 52.
[11] MENESES, J. C. de, 1787 (07 de Março). AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11431.
[12] MANIQUE, A. J. de P., 1787 (22 de Maio). AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 36.
[13] MENESES, J. C. de, 1786 (02 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.
[14] MANIQUE, A. J. de P., 1786 (09 de Junho). AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.
[15] MENESES, J. C. de, 1786 (21 de Fevereiro). AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11244.
[16] MANIQUE, A. J. de, 1786 (10 de Abril). AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11277.

Entendemos que a contabilização dos animais recebidos poderia ser dificultada pelo confusão do desembarque não só dos animais mas também de diversas outras mercadorias além da tripulação, ávida em retornar a terra firme, após a longa jornada marítima. Contudo, não justifica, por exemplo, a anotação realizada por Manique de "alguns passaros" para uma remessa que envolvia apenas quatro aves (um casal de Jacu e um de Mutum). Em relação a esta remessa, especificamente, quantos exemplares efetivamente chegaram vivos a Lisboa? Certamente mais de um. Seria muito improvável que a chegada de duas aves fosse registrada utilizando-se o termo "alguns". Assim, assumindo que chegaram a Lisboa no mínimo três exemplares, que pela movimentação das aves no viveiro poderia criar uma indecisão quanto a seu número, é certo que pelo menos um exemplar do Mutum-de-alagoas (*Mitu mitu*), espécie atualmente extinta em estado natural, desembarcou em solo europeu.

Uma outra hipótese a ser considerada seria a possibilidade de esta embarcação ter transportado, além das quatro aves citadas, outros animais cujos documentos encontram-se extraviados.

Ainda analisando esta remessa poderíamos inicialmente supor que a identificação dos dois exemplares identificados como Mutuns-de-alagoas pudesse ser questionada, pois o documento faz referência a "um casal". Apesar de esta espécie não apresentar dimorfismo sexual aparente, em detrimento a uma segunda espécie de Mutum encontrada nas matas litorâneas do Brasil, o Mutum-do-sudeste (*Crax blumenbachii*) onde este dimorfismo é acentuado, a ausência de registros de Mutum-do-sudeste para Pernambuco, assim como a anotação que relata o embarque de "um casal de Jacu" neste mesmo grupo de animais, demonstra claramente que o termo "casal" está sendo empregado para designar dois exemplares (um par).

4.3.2.8 Capitania do Rio de Janeiro

A primeira referência encontrada para a Capitania do Rio de Janeiro acerca do pedido de remessa de animais desta Capitania para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa é um ofício de Gomes Freire de Andrade[17], no qual o governador relata que lhe é solicitado

> que na primeira occaziaõ, que houver de Embarcaçaõ para esse Reyno, procure remetter para elle [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], e para ás Quintas do mesmo Sñr [D. José I] Alguns viveiros de pássaros dos mais exquizitos, que se acharem nesta Capitanía, hindo com separaçoens

[17] ANDRADE, G. F. de, 1762 (11 de abril). AHU_CU_017, Cx. 64, D. 6086.

> nos mesmos viveiros, e nellez com largueza, fazendo recomendar ás pessoas a quem se entregarem, o cuidado, e bom trato, que déve dar-lhes para que cheguem vivos, e á entregar á V. Ex.ª.

Contudo, Andrade responde a esta solicitação informando que

> Por todo o reconcavo désta Cidade tenho mandado fazer particulares deligencias por haver os pássaros mais raros, que aquí há, e ainda por todas a Villaz désta Capitanía; temo porem possaõ alguns chegar á essa Côrte, por serem costumados ao mantimento da banana, e laranja, ou algúas frutas do Paiz, e que morraõ faltando-lhes estas na viagem, naõ obstante sempre farey como devo juntar a maior porçaõ, e os remetei á V. Ex.ª como me declara.

Não detectamos, na pesquisa realizada, se Andrade conseguiu "juntar" alguma porção de pássaros e enviá-los a Lisboa durante sua gestão.

Em 31 de agosto de 1763, a sede administrativa do Reino do Brasil foi transferida da Bahia para a cidade do Rio de Janeiro. Curiosamente a primeira remessa de animais realizada para Lisboa detectada para esta Capitania, ocorreria quatro meses após a mudança do eixo político do Nordeste para o Sudeste do Brasil, sendo despachada pelo recém-empossado Vice-rei, António Álvares da Cunha. Certamente esta remessa[18], constituída por cinco aves enviadas em duas embarcações - quatro Mutuns na Nau Nossa Senhora Madre de Deus e uma Anhuma pela Fragata Nossa Senhora da Atalaya - pontuava simbolicamente um acontecimento que marcou o governo deste Vice-rei: a fundação, em 29 de Dezembro de 1763, portanto no dia anterior à partida das duas embarcações citadas, do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Cunha realizou outras seis remessas de animais enquanto vice-rei do Brasil, contudo, aparentemente sem representatividade em número de exemplares e em variedade de espécies enviadas, pelo menos baseado em três, dos seis ofícios emitidos pelo vice-rei que apresentam a relação anexa dos exemplares remetidos.

Um dado interessante é que, apesar de Cunha ter ocupado o cargo de Governador e Capitão General de Angola, entre 1753 e 1758, antes de assumir o vice-reinado do Brasil, não detectamos remessas de animais realizadas por este gestor provenientes de Angola durante sua gestão como governador desta colônia africana.

O governante do Rio de Janeiro que teve maior atuação no fornecimento de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas foi Luís de Vasconcelos e Sousa. Contudo, apesar de este vice-rei ter assumido o controle da Capitania em 1778, foi somente em 1781 que aparece o primeiro registro do envio de animais realizado durante seu mandato para à Corte.

[18] CUNHA, A. A. da, 1763 (30 de Dezembro). AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483.

Pela impossibilidade de enviar os pássaros mais raros vivos como requisitado, Souza encaminha duas árvores com pássaros taxidermizados juntamente com alguns exemplares de Tucanos vivos aos cuidados do capitão José Francisco de Perné, renomado pela dedicação dispensada ao transporte de animais, como podemos observar no ofício datado de 21 de Abril de 1782:

> Ja no meo Oficio de 14 de Dezembro do ano proximo pasado dizia a V. Ex.ª que eu procuro por todos os modos, naõ pupando diligencia alguma posível, satisfazer as Ordens, e repetidas Recomendaçoens de S. Mag.e, que V. Ex.ª me-tem participado, sobre a remessa das diversas qualidades de Passaros d'este Paiz, e a grande dificuldade, que encontrava para se conservarem, por muito tempo vivos em gaiolas, ou viveiros. Naõ obstante isto, eu naõ deixei, nem deixo de continuar com o mesmo empenho n'esta diligencia, nem dezisto, por mais que me-segurem a imposibilidade de chegarem vivos a este Porto, naõ só os Comandantes das Embarcaçoens, mas ainda outras Pesoas, que aqui tem d'esta materia, alguma experiencia, e apezar tambem da minha propria m'o-ter verificado com muitos, que, como ja dice a V. Ex.ª, diante dos meos olhos tenho mandado crear em caza, e posto o maior cuidado no seo alimento; dos quaes todos apenas se-poderaõ conservar os Tocanos, que vaõ entregues ao Capitam d'esta Charrua - Principe da Beira - José Francisco de Perné, a quem recomendei o maior cuidado a respeito d'eles. E n'esta materia taõ recomendada por S. Mag.e nada me hade embaraçar para continuar com o mesmo cuidado, assim em procurar todos os meios de se conservarem vivos, como remeter os, que se-poderem conservar: o que agora naõ faço, por naõ ser o tempo proprio de os-haver. Entretanto me-pareceo remeter n'esta mesma ocaziaõ em dois Armarioz os, que se tem descoberto, que vaõ preparados em duas Arvores, e outros avulsos, apontados todos por numeros na Relaçam incluza, do mesmo modo, porque ja remeti outros, para que S. Mag.e posa ver as suas-diferentes qualidades, cores, e feitios, em quanto senaõ conseguem hirem vivos; para o que pode V. Ex.ª ter toda a certeza que tenho trabalhado, trabalho, e naõ deixarei de trabalhar com aquele disvelo, que pedem taõ eficazes Recomendaçoens de S. Mag.e; a quem V. Ex.a fará tudo prezente[19].

Apesar de Sousa periodicamente relatar em seus ofícios a dificuldade em capturar, e principalmente em manter determinados pássaros, verificamos a remessa de exemplares durante praticamente todo os anos de seu governo; ele chegou a enviar, em uma só remessa realizada durante o ano de 1785, cem exemplares, como pode ser constado no ofício endereçado ao secretário da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro:

> Naõ tendo perdido nunca de vista o empenho, que Sua Mag.de mostra na remessa de Passaros vivos do Brazil, há muito tempo, que apezar das grandes dificuldades, que se aprezentaõ, se naõ tem poupado diligencia alguma para se conseguir este fim. Á forsa do cuidado, e da habilidade de Francisco Xavier Cardozo Caldeira[20], tenho conservado entre hum excessivo numero, que tem morrido, cem destes Passaros

[19] SOUSA, L. de V. e, 1782 (21 de abril). AN Fd 59 Cod 68 V 5 Fl 145 e 146.
[20] Francisco Xavier Cardozo Caldeira (???? – 1810), mais conhecido como Xavier do Pássaros, foi responsável pela Casa de História Natural - "Casa dos Pássaros".

> costimados a comer dos mantimentos mais vulgares, e que melhor podem sustentalos em taõ longa viagem, e ainda assim me naõ prometto a felicidade de conseguir huá coiza, que, sendo tanto do Agrado de Sua Mag.de, hé, e sera sempre do meo maior empenho. A minha maior esperança na sua conservaçaõ consiste em hirem os mesmos Passaros entregues ao zelo, cuidado, e eficácia, que tenho conhecido no sobredito Jozé Francisco de Perné em tudo, o que se lhe encarrega do Serviço de S. Mag.de; porisso, naõ obstante, a escala da Bahia, os naõ quiz fiar de outrem: e estou certo, que, se elles lá naõ chegarem, será, porque hé, quando naõ impossivel, sumamente dificultozo. O que posso segurar a V. Ex.a, hé que nunca passageiros foraõ mais bem acomodados á proporçaõ, porque se achaõ em hum Viveiro, que mandei construir no lugar mais acomodado do mesmo Navio, muito alegre, e com todas as comodidades, que podiaõ ocorrer. Com tudo saõ grandes os meos receios, se dezejará já ter húa noticia agradavel, que me livrásse delles[21].

Desde a primeira remessa, efetivamente registrada, ocorrida no governo de Cunha, em 1763, até o ano de 1800, foram identificadas, para a Capitania do Rio de Janeiro, 34 remessas de animais (Apêndice XIII) envolvendo o embarque de 471 exemplares para as Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa (Tabela 34). Um número considerado modesto quando comparado às duas cidades mais importantes do Império Português na América, Pernambuco e Bahia, de onde foram detectadas 113 e 76 remessas de animais perfazendo um total de 3.419 e 2.662 exemplares, respectivamente.

Um dado que chama nossa atenção é a completa ausência de registros de remessas animais provenientes da Capitania do Rio de Janeiro entre os anos de 1768 a 1780 (Figura 117).

Tabela 34: Relação dos animais enviados da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Alicorne	*Anhima cornuta*	1
Arara	Provavelmente *Ara chloropterus*	1
Caburé	Não identificada[22]	1
Capoeiras	*Odontophorus capueira*	4
Cardial Dominicano	Provavelmente *Paroaria dominica*[23]	1
Corvos Reis	*Sarcoramphus papa*	3
Gaturamos	Não identificada[24]	33

[21] SOUSA, L. de V. e, 1785 (16 de fevereiro). AHU_CU_017, Cx.125, D. 10025.

[22] Duas espécies de Caburés, corujas de pequeno porte, podem ser encontradas no atual Estado do Rio de Janeiro, o Caburé (*Glaucidium brasilianum*) e o Caburé-miudinho (*Glaucidium minutissimum*).

[23] Interessante a inclusão deste exemplar nos pássaros remetidos desta Capitania, pois a distribuição geográfica original desta espécie estava restrita ao nordeste do Brasil. Sua presença no Rio de Janeiro é um fato relativamente recente decorrente da fuga de exemplares mantidos em cativeiro (PAPAVERO; TEIXEIRA, 2017, p.17).

[24] Nome empregado na denominação de vários Thraupidae do gênero *Euphonia*.

Gaviaõ, Gavioéns	Não identificada[25]	5
Guará	*Chrysocyon brachyurus*	1
Hireréz	*Dendrocygna viduata*	12
Inhambús	Não identificada[26]	6
Jacú, Jacús, jacus, Jacuz, Jacúz	Não identificada[27]	21
Jacutingas, Jacútingas, Jacotingas	*Pipile jacutinga*	10
Juós	Possivelmente *Crypturellus noctivagus*	4
Macucos Macúcu, Macucús	*Tinamus solitarius*	8
Maitacas, Maitacaz	Provavelmente *Pionus maximiliani*	25
Marrecas do mato, Marrecos do mato	Não identificada[28]	14
Melros[29]	*Turdus flavipes*	2
Mutuns, Mottús	*Crax blumenbachii*	7
Papagaios, Papagayos	Não identificada[30]	12
Passaros, Passaros de cores	Não identificada[31]	113
Periquitos, Piriquitos	Não identificada[32]	71
Pombas	Não identificada[33]	3
Pombas Juritis	Não identificada[34]	12
Sanhassúz	Não identificada[35]	10
Saracuras	Não identificada[36]	26
Socó, Soquós	Não identificada[37]	4
Soquazes	Não identificada[38]	2
Thiéz bernes	*Rhamphocelus bresilius*	7
Tucanos, Tocanos	Não identificada[39]	11

[25] Nome comumente utilizado para designar várias espécies das Famílias Accipitridae e Falconidae.
[26] Nome empregado para a designação de vários representantes da Família Tinamidae, representados no Rio de Janeiro por pelo menos seis espécies.
[27] No atual Estado do Rio de Janeiro, podem ser encontradas duas espécies denominadas “Jacús”: a Jacupemba (*Penelope superciliaris jacupemba*) e o Jacuaçu (*Penelope obscura bronzina*).
[28] Espécies não identificadas da Família Anatidae. Dentre as espécies encontradas no Rio de Janeiro dois representantes desta Família, por apresentarem maior porte, são identificados pelo termo “Pato-do-mato”, o *Cairina moschata* e o *Sarkidiornis sylvicola*, e não “Marrecos”, como consta nas remessas. O termo “Marreco” normalmente é utilizado para designar os representantes de pequeno porte desta Família, representados, nesta Capitania, por oito espécies distintas, dentre elas o “Hireréz”, que aparece discriminado em uma das remessas realizadas do Rio de Janeiro.
[29] O termo “Melro” é utilizado para designar uma espécie presente em Portugal o *Turdus merula*; os exemplares procedentes do Rio de Janeiro nomeados “Melro” certamente são exemplares de Sabiás-uma (*Turdus flavipes*), denominados com tal por se assemelharem fisicamente à espécie portuguesa.
[30] Nome comumente empregado na designação de representantes do gênero *Amazona*, da família Psittacidae. Quatro espécies de Papagaios podem ser encontradas no Rio de Janeiro: o Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), o Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*), o Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*) e o Chauá (*Amazona rhodocorytha*).
[31] Nome genérico aplicado a qualquer representante da Ordem Passeriformes.
[32] Nomenclatura genérica aplicada aos Psittacidae de pequeno porte.
[33] Termo utilizado para designar os Columbidae de médio e grande porte.
[34] Juriti é um termo normalmente utilizado para designar os Columbidae dos gêneros *Leptotila* e *Geotrygon* sendo representados, no Rio de Janeiro, pela Juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), pela Juriti-gemedeira (*Leptotila rufaxilla*), pela Juriti-piranga (*Geotrygon montana*) e pela Juriti-roxa (*Geotrygon violacea*).
[35] Termo utilizado para designar os Thraupidae do gênero *Thraupis*.
[36] Termo utilizado para designar diferentes espécies da Família Rallidae.
[37] Termo utilizado para designar vários representantes da Família Ardeidae.
[38] Na Remessa realizada por Cunha (CUNHA, A. A. da, 1765 (04 de Junho). AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6801 / AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6803), consta o envio de Socós e Soquazes, caracterizando espécies distintas.
[39] Três espécies de Ramphastidae, normalmente denominadas “Tucano” podem ser encontradas no atual Estado do Rio de Janeiro, o Tucanoçu (*Ramphastos toco*), o Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) e o Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos ariel*). Na remessa realizada Sá (SÁ, L. F. de B. e, 1800 (22 de

MAMÍFEROS		
Anta, Antas	*Tapirus terrestris*	5
Capivara	*Hydrochoerus hydrochaeris*	1
Coatis, Guatís mundeos	*Nasua nasua*	4
Cotias, Cotiaz	Não identificada[40]	10
Gattos do mato	Não identificada[41]	2
Macácos chamados Barbados	*Alouatta guariba*	3
Onça, Ónsa	*Panthera onca*	2
Paca	*Cuniculus paca*	3
Porcos do mato, Porcos do matto	Não identificada[42]	5
Sagoíns	Não identificada[43]	2
Viados	Provavelmente *Mazama gouazoubira*	4
Total de animais enviados		471

Fonte: Do autor, baseado nos manuscritos consultados.

Observa-se, em relação às remessas de animais provenientes da Capitania do Rio de Janeiro, uma predominância de representantes da Classe Aves, que totalizaram 91,08% dos exemplares enviados (Figura 118). Um dado que merece atenção é a baixa identificação e mesmo presunção dos exemplares a nível de espécie detectado para esta Capitania. Apesar de terem sido enviadas quarenta e uma variedades de animais, das quais vinte e uma foram identificadas, quando nos reportamos ao valor absoluto de indivíduos, independentemente da categoria onde foram enquadrados, verificamos que 77,07% destes não foram identificados (Figura 119).

Maio). AHU_CU_017, Cx. 182, D. 13307) consta que foram remetidos quatro Tucanos de duas espécies diferentes. É importante frisar que na região ocupada pelo atual Estado do Rio de Janeiro também podem ser encontrados três outros representantes desta Família, normalmente referidos pelo termo “Araçari”. Apesar de não termos encontrado nenhuma referência citando a remessa de Araçaris vivos durante o século XVIII, um ofício do Vice-rei do Estado do Brasil, Fernando José de Portugal e Castro (CASTRO, F. J. de P. e, 1803, (13 de Abril). AHU_CU_017, Cx. 209, D. 14584), relata a remessa de duas caixas de pássaros preparados, fazendo referência ao envio de “Arassaris poca” (*Selenidera maculirostris*) e “Arassaris Merim”, provavelmente *Baillonius bailloni* (PAPAVERO & TEIXEIRA, 2017, p. 17); o terceiro representante deste grupo, o Araçari-de-bico-branco (*Pteroglossus aracari*) por receber também a denominação de Tucano-de-cinta, poderia constituir uma destas duas espécies de “Tucanos” enviadas da Capitania do Rio de Janeiro para Lisboa.

[40] No atual Estado do Rio de Janeiro podem ser encontradas duas espécies de Cutias: a *Dasyprocta leporina* e a *Dasyprocta azarae*.

[41] Três espécies do gênero *Leopardus*, normalmente denominadas de Gato-do-mato, poderiam ser encontradas nesta Capitania: o Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*), o Gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*) e a Jaguatirica (*Leopardus pardalis*).

[42] As duas espécies de Porcos-do-mato encontradas no Brasil estão presentes no Rio de Janeiro, a Queixada (*Tayassu pecari*) e o Caititu (*Pecari tajacu*).

[43] Termo utilizado para designar os representantes da Família Callitrichidae.

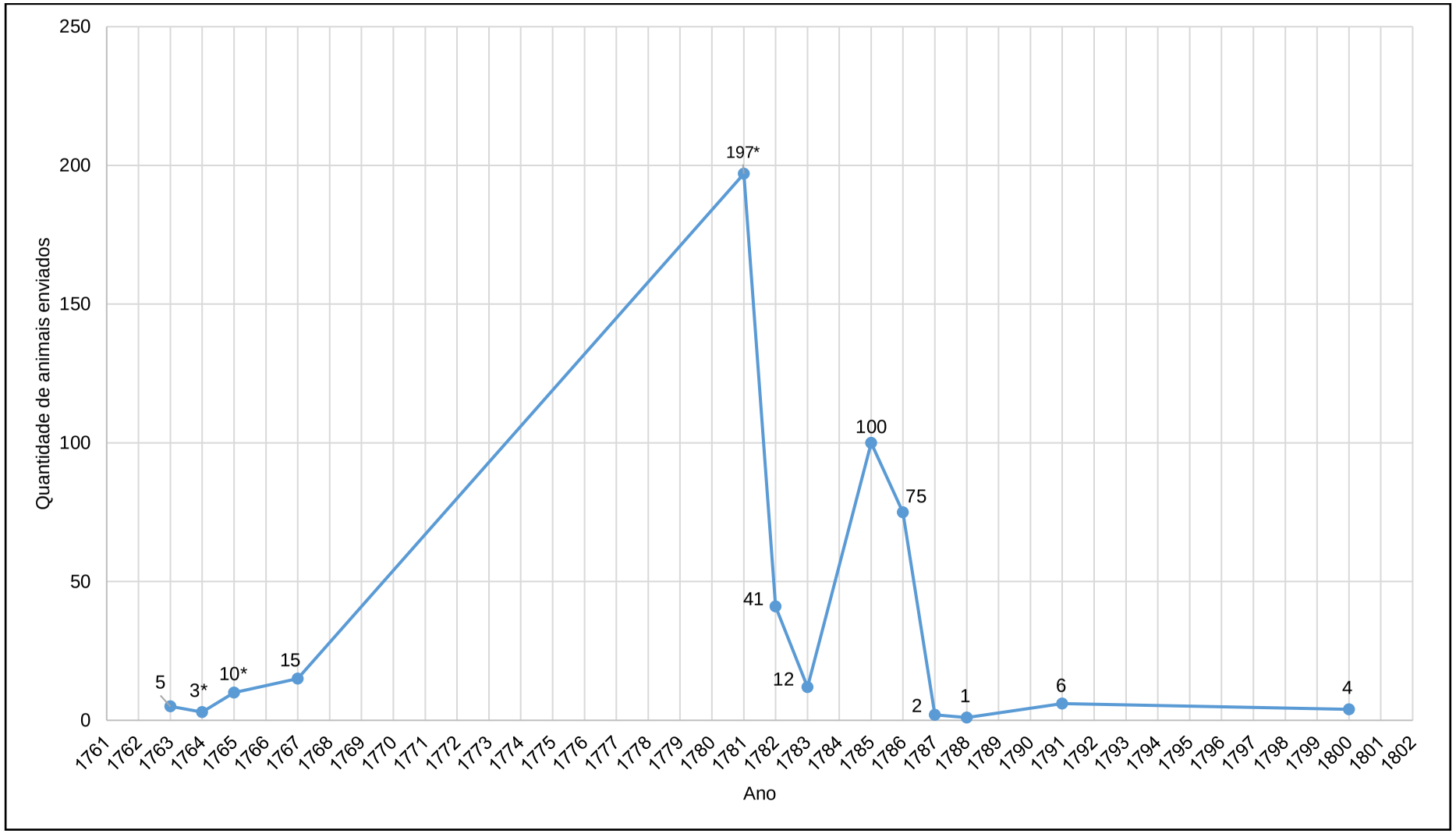


Figura 117: Quantitativo de animais enviados da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Apresentam remessas que não informaram a quantidade de exemplares remetidos.

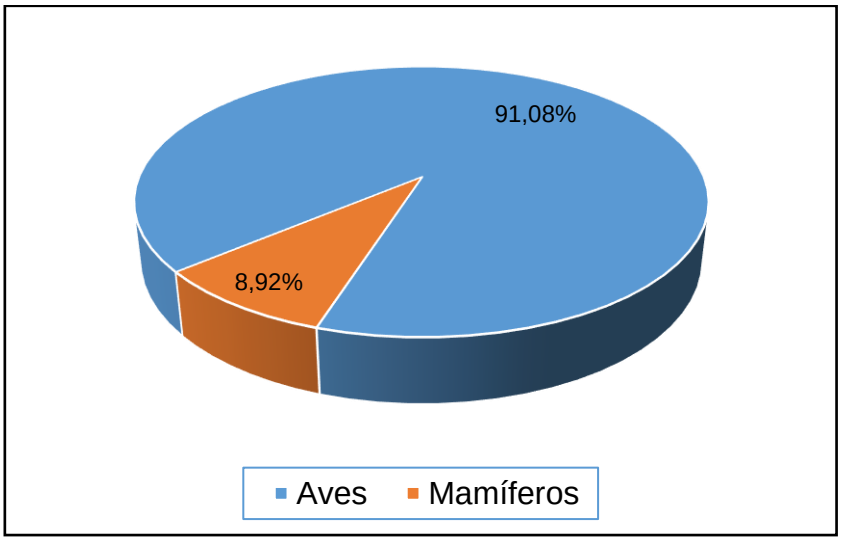


Figura 118: Grupos de animais remetidos da Capitania do Rio de Janeiro para Lisboa durante o século XVIII.

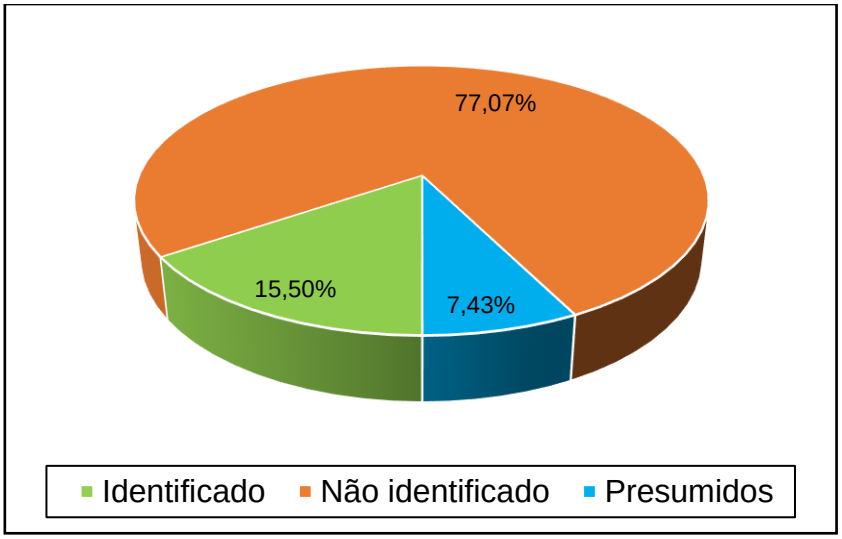


Figura 119: *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania do Rio de Janeiro.

No que concerne à identificação dos exemplares a nível de Família, todos os Mamíferos puderam ser catalogados nesta categoria (Figura 120), sendo a Família Dasyproctidae, representada pelas Cutias, a mais representativa em número de exemplares embarcados; em relação às Aves, dos 429 espécimes enviados, apenas 27,51% não tiveram sua identificação a nível de Família concretizada (Figura 121), e os espécimes mais presentes nas remessas foram os integrantes da Família Psittacidae (Periquitos, Papagaios e Araras).

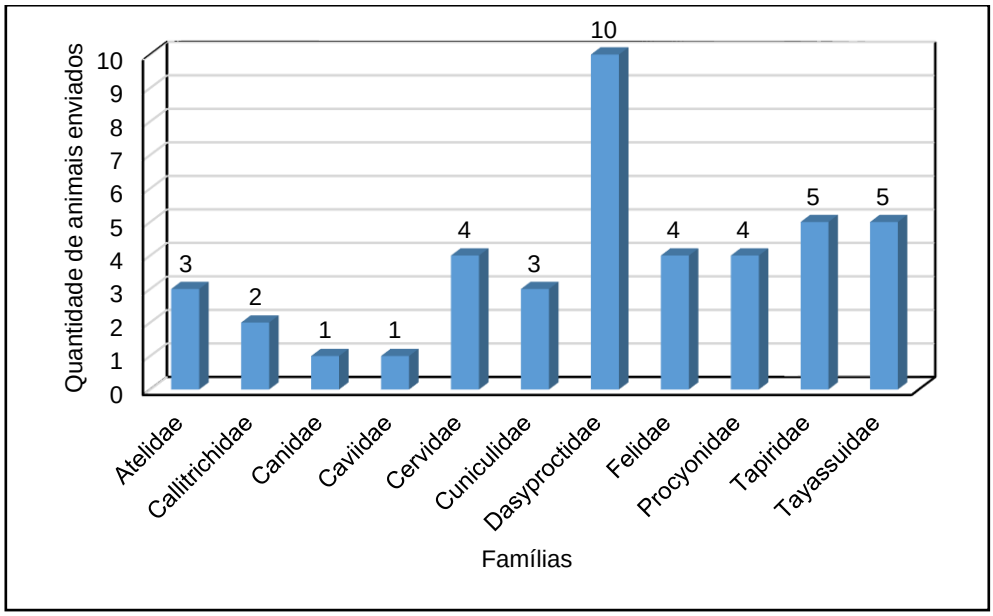


Figura 120: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.

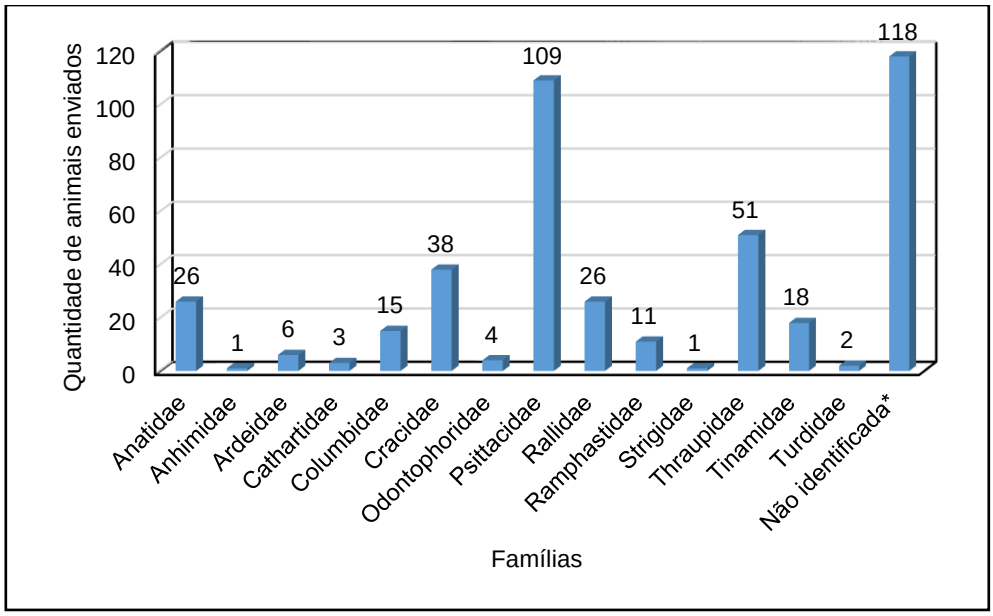


Figura 121: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII. Nota: *Referente a 113 Pássaros de cores e 05 Gaviões.

O dado mais surpreendente encontrado nas remessas realizadas da Capitania do Rio de Janeiro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII, foi a constatação da chegada de um exemplar vivo a Lisboa, o único comprovadamente registrado dentre os 471 animais que deixaram o porto do Rio de Janeiro. Mas que exemplar! Nada menos que um Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*).

O documento expedido pelo visitador do ouro, António José de Pina Manique, em 27 de Junho de 1787, a princípio, poderia ser mais um dentre tantos outros cuja informação entraria nas estatísticas dos animais que conseguiram sobreviver à

travessia marítima até a metrópole, sem grandes expectativas, principalmente pela nomenclatura registrada neste documento “Goá”. Poderíamos, inicialmente, supor que este animal fosse um representante da Família Tinamidae pelo registro errôneo do nome de uma ave deste grupo chamada Jaó. Contudo, o primeiro indício de que este exemplar não era uma Ave mas sim um Mamífero está no próprio termo utilizado pelo visitador do ouro ao designá-lo - “Bixo”, termo que, à luz da atualidade, poderia ser aplicado a qualquer representante do Reino animal, em oposição ao termo “Planta”. Entretanto, os documentos de época normalmente discriminam as Aves dos Mamíferos pelo emprego das nomenclaturas "Passaros" e “Bixos”, respectivamente.

A confirmação da identificação desta espécie só foi possível com a descoberta de um ofício depositado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, datado de 27 de Março de 1787, no qual o governador do Rio de Janeiro, Luís de Vasconcelos e Sousa, relata o embarque de “hum animal quadrupede chamado Guará” no Navio Nossa Senhora da Penha Aurora, do mestre Manoel Ribeiro Pontes, o mesmo navio e o mesmo capitão que constam no relatório de Manique. Desta forma, a associação do termo “Goá” com o termo “Guará” só foi possível comparando-se o documento encontrado no ANRJ com aquele depositado no AHU.

Apesar de não termos registros de onde e quando este exemplar foi capturado no Brasil, sabemos que sobreviveu aos noventa dias em que durou a travessia marítima do Rio de Janeiro até Lisboa, sendo oficialmente integrado à Coleção Zoológica Viva de D. Maria I.

4.3.2.9 Capitania do Rio Grande[1]

Ao longo do século XVIII, várias Capitanias perderam sua autonomia tornando-se subordinadas às Capitanias mais prósperas, uma estratégia adotada pelo primeiro ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, com a finalidade de otimizar os gastos do Reino; a Capitania do Rio Grande foi um destes casos, tornando-se dependente da Capitania de Pernambuco. Este fato justifica que o único documento encontrado relatando a remessa de animais ocorrida da Capitania do Rio Grande para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas tenha sido expedido por José César de Meneses, governador de Pernambuco.

Neste documento Meneses[2] relata que

[1] Localizada no porção norte-oriental do Brasil, atualmente parte integrante do Estado do Rio Grande do Norte, em oposição à Capitania do Rio Grande de São Pedro, criada em 1760, onde hoje se localiza o Estado do Rio Grande do Sul.
[2] MENESES, J. C. de, 1781 (25 de junho). AHU_CU_015, Cx. 140, D. 10383.

> depois de ter fechado e entregado a via das cartas, me chegaraõ do Rio Grande os Bichos, q' constaõ do Recibo junto, pelo qual se obrigou a entregalos nessa Secretaria de Estado a ordem de V. Ex.ª Paulo Antonio dos Santos; Capitaõ do Navio Nossa Senhora da Gloria e S.ta Clara, onde fiz embarcar os referidos Bichos.

Assim, seguiram para Lisboa, a partir do porto de Pernambuco, uma Anta e três Macacos, todos procedentes da Capitania do Rio Grande (Apêndice XIV).

Podemos constatar que esta remessa era composta exclusivamente por mamíferos dos quais somente a Anta (*Tapirus terrestris*), representante da família Tapiridae, pode ser identificada.

Os Primatas citados por Meneses não foram identificados, nem mesmo a nível de Família, pois, com base nos registros atuais, podem ser encontrados na região do atual Estado do Rio Grande do Norte, quatro representantes desta Ordem.

A princípio poderíamos supor que pelo menos uma dessas quatro espécies de Primatas, com base na nomenclatura utilizada por Meneses - "Macaco", poderia ser descartada; trata-se do Sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), representante de pequeno porte normalmente referido pelo termo "Saguim". Contudo, ao analisarmos os animais remetidos da Capitania de Pernambuco (Tabela 31), percebemos que não existe referência ao emprego do termo "Saguim" na designação dos primatas remetidos desta Capitania para a metrópole. Os dois únicos registros do embarque de Primatas a partir do porto de Pernambuco relatam o embarque de um exemplar em 1765 e de quatro em 1780, remessas estas realizadas durante o governo de Meneses, sendo todos estes exemplares identificados pela nomenclatura "Macaco". Este fato poderia indicar que o governador não estivesse familiarizado com a distinção entre exemplares de pequeno porte (Sagui) e de médio porte (Macaco), utilizando um termo geral, "Macaco", para denominar qualquer representante desta Ordem. Por esta razão, os três exemplares de Primatas provenientes da Capitania do Rio Grande poderiam ser representantes de qualquer uma das quatro espécies registradas para esta Capitania: o Sagui-de-tufos-brancos, anteriormente citado, o Macaco-prego-dourado (*Sapajus flavius*)[3], o Macaco-prego (*Sapajus libidinosus*) ou o Guariba-de-maõs-ruivas (*Alouatta belzebul*) (Figura 122).

Não temos registros que comprovem a chegada destes exemplares vivos a Lisboa.

[3] Classificado como criticamente ameaçado pela IUCN (*International Union for Conservation of Nature*).

Macaco-prego-dourado (*Sapajus flavius*)

Foto: Keoma Coutinho

Macaco-prego (*Sapajus libidinosus*)

Foto: Plautino Laroque

Guariba-de-mãos-ruivas (*Alouatta belzebul*)

Foto: Francisco V. Souza

Sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*)

Foto: Val Campos

Figura 122: Espécies de Primatas atualmente encontrados na região outrora ocupada pela Capitania do Rio Grande que poderiam corresponder ao termo “Macaco” empregado por Meneses.

4.3.2.10 Capitania do Rio Grande de São Pedro

Dos 822 documentos referentes a Capitania do Rio Grande de São Pedro que se encontram depositados no AHU, apenas dois dizem respeito à remessa de itens do mundo natural para Lisboa. No primeiro, um ofício do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira dirigido ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, o militar cita o envio de “algumas coizas curiozas para a Historia natural”[4], enquanto o segundo, um ofício datado de 1810, portanto fora do período estabelecido para esta Tese, o capitão Francisco de Paula Leal informa ao então secretário de Estado da Marinha e Ultramar, João de Almeida Melo e Castro, a remessa de alguns pássaros[5].

Contudo, foram encontrados três documentos que descrevem a remessa de animais vivos da Vila de Rio Grande de São Pedro (Figura 123), sede da Capitania de

[4] BANDEIRA, R. P., 1792 (27 de fevereiro). AHU_CU_019, Cx. 3, D. 261.
[5] LEAL, F. de P, 1810 (04 de agosto). AHU_CU_019, Cx. 12, D. 778.

mesmo nome, para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII (Apêndice XV) despachados por Luís de Vasconcelos e Sousa, Vice-rei do Brasil e governador da Capitania do Rio de Janeiro, à qual a Capitania do Rio Grande de São Pedro estava subordinada.

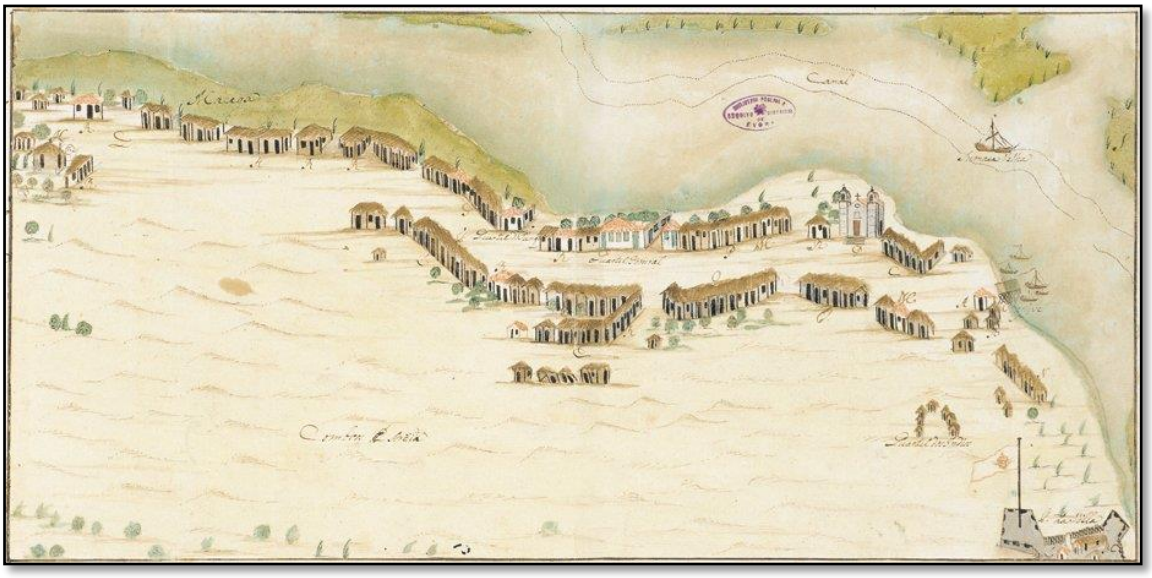


Figura 123: Vila de Rio Grande de São Pedro, autor desconhecido. Fonte: Manuscrito depositado na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Portugal. Essa imagem mostra a vila de Rio Grande, provavelmente antes de sua ocupação pelos espanhóis (1762-1777).
Disponível em: <http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-rio-grande-sul/688/>. Acesso: 11 Nov. 2017.

Todas estas três remessas foram realizadas durante a gestão de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, que ocupou o cargo de governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro de 1780 a 1801.

Ao encaminhar estas remessas ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, o governador da Capitania do Rio de Janeiro, Luís de Vasconcelos e Sousa, comenta ter recebido "dous Animaes quadrupedes, chamando ao malhado Tigre, e ao outro Leaõ, que mais parece ser Leopardo"[6].

O emprego do termo "Tigre" a exemplares provenientes do Brasil é, segundo Papavero (2017, p. 80), justificável, visto que este autor aponta para a existência de 352 vocábulos utilizados no Brasil, todos empregados na denominação da Onça, dentre eles o termo "Tigre". Do mesmo modo, a nomenclatura "Leão", utilizada por Câmara, está associada a outro felino de grande porte encontrado nas Américas, o Puma, também denominado de Onça-parda, Onça-vermelha, Suçuarana, Leão-baio, Bodeira, Mossoroca, Jaguaruna, dentre outros nomes.

[6] SOUSA, L. de V. e, 1782 (09 de Julho). AHU_CU_017, Cx. 119, D. 9664.

Todos os quatro animais enviados da Capitania do Rio Grande de São Pedro ao Rio de Janeiro, para daí serem encaminhados às Coleções Zoológicas Vivas Reais em Lisboa, eram representantes da Classe Mammalia, sendo três exemplares da família Felidae: duas onças (*Panthera onca*) e um Puma (*Puma concolor*), além de um Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), pertencente à Família Myrmecophagidae.

Em relação a este último animal, Souza comenta que tinha encarregado o marinheiro Luíz de Almeida para cuidar do seu sustento, "a quem mandei aqui ensinar o modo de o tratar, e o sustento que lhe devia dar"[7] e, assim que chegasse a Lisboa, transmitisse estas informações ao responsável por sua manutenção quando de sua incorporação à Coleção Zoológica Real.

Apesar de não termos informações que comprovem a chegada destes animais vivos a Lisboa, sabemos que sobreviveram ao transporte marítimo realizado da Capitania do Rio Grande de São Pedro até a cidade do Rio de Janeiro.

4.3.2.11 Capitania de São Paulo

O registro mais antigo encontrado que relata a remessa de animais vivos da Capitania de São Paulo para Lisboa está datado de 23 de janeiro de 1767[8], durante o governo de Luís António de Sousa Botelho Mourão[9]. Neste documento, o governador faz referência a uma relação anexa que descreve os pássaros embarcados para Portugal; infelizmente o destino deste anexo, assim como dos nomes da embarcação e do comandante responsável pela condução destes exemplares à metrópole, é desconhecido. Contudo, neste ofício Mourão relata que tem

> procurado fazer caçar alguns passaros pelos Indios desta Capitania para remeter a V. Ex.ª para os Viveiros de S. Mag.de, que Deos g.de, e supposto que esta deligencia não tem tido todo o effeito que lhe procurey, porq os de mais raridade todos me tem morrido; remeto a V. Ex.ª os que Escaparaõ, e Estimarey que chegue alguns a Salvamento a Essa Corte.

Pela descrição de Mourão fica evidente que a tarefa da apanha dos pássaros, pelo menos na Capitania de São Paulo durante seu governo, era de responsabilidade dos indígenas, talvez por estarem mais familiarizados com os hábitos destes animais.

---

[7] SOUZA, L. de V. e, 1786 (05 de Maio). AN Fd 59 Cod 68 V 7 Fl 68 e 69.
[8] MOURÃO, L. A. de S. B., 1767 (23 de janeiro). AHU_CU_023-01, Cx. 24, D. 2315.
[9] A Capitania de São Paulo teve sua autonomia suspensa, entre os anos de 1748 e 1765 ficando, durante esse período, subordinada à Capitania do Rio de Janeiro. Quando do restabelecimento de sua autonomia política, Luís António de Sousa Botelho Mourão foi nomeado governador permanecendo no exercício deste cargo durante dez anos, de 1765 a 1775.

Em uma carta do capitão-mor de Guaratinguetá[10], datada de 10 de Junho de 1769, endereçada ao governador da Capitania de São Paulo, o capitão relata que havia recebido

> tres Estimadisimas cartas de V. Ex.ª sendo huá delas de 26 do passado com a recomendaçaõ do papagayo amarelo, q.' a V. Ex.ª noticiaraõ havia nesta V.la, tenho feito toda a delig.ca e athé agora naõ hé posível tal descubir, e nesa delig.ca inda fico, com o dez.º que apareça p.ª remeter, há outros q.' dizem falam bem saõ dos comuns da terra e estes se V. Ex.ª for servido deles os remeterey e os mais passaros de esquipaçaõ q.' tenho recomendado se os ouverem sem embg.º q.' me dizem q.' os naõ há.

Apesar de não termos registro sobre se o papagaio amarelo foi capturado ou não, inicialmente poderíamos supor que este exemplar fosse um Papagaio-galego (*Amazona xanthops*); contudo, pelo fato de a vila de Guaratinguetá se localizar a leste do atual Estado de São Paulo, ela não abrangeria, a princípio, a distribuição geográfica desta espécie. Sendo assim, é provável que a referida ave fosse um exemplar lutino[11], de uma das cinco espécies de papagaios encontrados nesta região[12].

Mourão recebeu, ainda, como oferta pessoal do alferes João de Almeida, após já ter deixado o governo da Capitania de São Paulo, um casal de aves provenientes de Sorocaba "q' p' raraz nestes Paizes, poderaõ servir de divertm.to aos domestico, de V. Ex.ª" [13].

De um modo geral, a relativa carência de documentação referente às remessas de animais realizadas da Capitania de São Paulo deve-se, em parte, à precariedade de acesso da cidade de São Paulo, onde se localizava a sede do governo da Capitania, à Vila de Santos, localizada no litoral, responsável pelo contato marítimo não só com as demais cidades do Brasil mas também com a metrópole.

No governo de Mourão o antigo caminho para a Vila de Santos (Figura 124) começa a ser reativado como consequência da política de incentivo à produção de açúcar estimulada no interior da Capitania e cuja safra necessitava de um porto para seu escoamento. Este caminho, ainda precário, "que não cabia mais que uma pessoa ou animal [...] e se não transitava sem que fosse aos ombros dos índios e sempre em evidente perigo de vida, por se passar por uns apertos tão fundos" (WENDEL, G., 1952 *apud* LUNA & COSTA, p. 4, 1979), vai ser melhorado por seu sucessor, Martim Lopes

[10] FRANÇA, A. G. de, 1769 (19 de Junho). BNRJ, mss1456607, I-30-12-2 nº 17.
[11] A alteração da coloração da plumagem (luteinismo) é decorrente de uma mutação genética que afeta os genes produtores de melanina sem alterar aqueles responsáveis pela formação dos pigmentos carotenoides, fazendo com que a ave desenvolva uma plumagem amarelada.
[12] Na região de Guaratinguetá são encontradas as seguintes espécies de papagaios: Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*), Papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*) e o Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*).
[13] LARA, J. de, 1772 (23 de Junho). BNRJ, mss1460683, I-30-13-9 nº 1.

Lobo de Saldanha, durante os anos em que esteve à frente dessa Capitania, de 1775 a 1782.

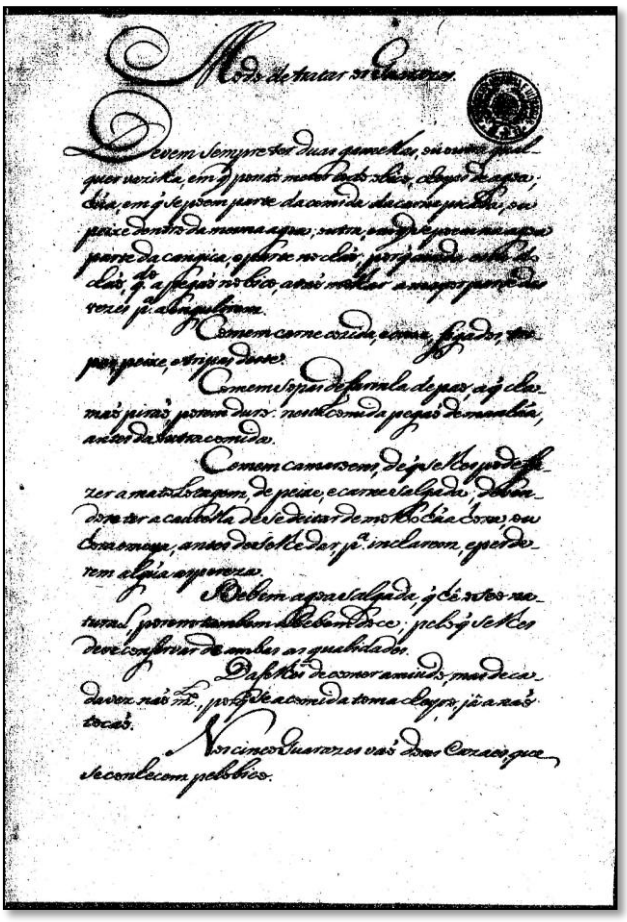
Coincidentemente, foi justamente na gestão de Saldanha que verificamos um incremento nas remessas de animais realizadas da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas.

Figura 124: Villa e praça de Santos. Data: [1775], Acervo da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro / RJ (referência: cart1033420fo14.tif).
Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa95g.htm>. Acesso: 18 Set. 2017.

O primeiro documento encontrado, para o governo de Saldanha, é um ofício datado de 1779[14] que relata o envio de "Hum cazal de Antas bastantemente grandes, e cinco guarazes vivos". Este documento é particularmente importante pelo fato de trazer, em anexo, as recomendações de como manter estas aves vivas (Figura 125), fazendo deste registro um dos primeiros documentos que descreve a metodologia a ser utilizada para se manter uma determinada espécie durante a travessia marítima até a metrópole no século XVIII.

Todos os demais registros que descrevem as remessas de animais realizadas durante seu governo datam de 1781, tendo sido despachados pelo sargento-mor da praça de Santos, Francisco Aranha Barreto, endereçados ao Vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, no Rio de Janeiro, para que fossem encaminhados à Corte através da secretaria de Estado da repartição da Marinha.

[14] SALDANHA, M. L. L. de, 1779 (28 de março). AHU_CU_023-01, Cx. 33, D. 2897.



Modo de tratar os Guarazes

Devem sempre ter duas gamallas, ou outra qualquer vazilha, em q' possaõ meter todo o bico, cheyas de agoa; húa, em q' se poem parte da comida da carne picada, ou peixe dentro da mesma agoa; outra, em q' se poem na agoa parte da cangica, e parte no chaõ, porq' ainda os do chaõ, q.do a pegaõ no bico, a vaõ molhar a mayor parte das vezes p.a a engulirem.

Comem carne cozida, come, fígados, tripa, peixe, e tripa destes.

Comem sopas de farinha de pao, a q' chamaõ piraõ, porem duro. nesta comida pegaõ de montaõ, antes da outra comida.

Comem camaroens, de q' se lhes pode fazer a malhocagem, de peixe, e carne salgada; devem-dose ter a cautella de se deitar de molho húa hora, ou hora e meya, antes de se lhe dar, p.a incharem, e perderem algúa aspereza.

Bebem agoa salgada, q' hê os sao natural, porem tambem bebem doce; pelo q' se lhes deve conservar de ambas as qualidades.

Dasselhos de comer amiudo, mas de cada vez naõ m.to, porq' se a comida toma cheyro já a naõ tocam.

Nos cinco Guarazes vaõ dous cazaes, que se conhecem pelo bico.

Figura 125: À esquerda, anexo do ofício do governador da Capitania de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, descrevendo o "Modo de tratar os Guarazes"; à direita, transcrição do referido documento.

Os dois últimos registros encontrados nos arquivos do AHU que tratam da remessa de animais da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, datam de 1785 e 1798, relativos aos governos de Francisco da Cunha Meneses e de António Manuel de Melo e Castro de Mendonça, respectivamente.

A referência de 1785, que abrange dois documentos distintos, é particularmente importante para o estudo da formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas por ser um dos poucos registros encontrados durante esta pesquisa que relata, efetivamente, a chegada de animais vivos a Lisboa; no primeiro, o capitão da Galera Nossa Senhora da Victória Princesa Divina, Luís António Malheiro[15], apresenta um mapa das despesas realizadas pelo transporte de duas onças e de um "Corvo Rey"[16] (Figura 126), enquanto o segundo é o recibo, assinado por João Rodrigues Vilar[17], relatando a entrega do "Corvo Rey", único animal sobrevivente desta remessa, no Pátio dos Bichos em Belém.

[15] MALHEIRO, L. A. 1785 (08 de Abril). AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115.
[16] Termo empregado para designar o Urubu-rei (*Sarcoramphus papa*).
[17] VILAR, J. R., 1785 (25 de abril). AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115.

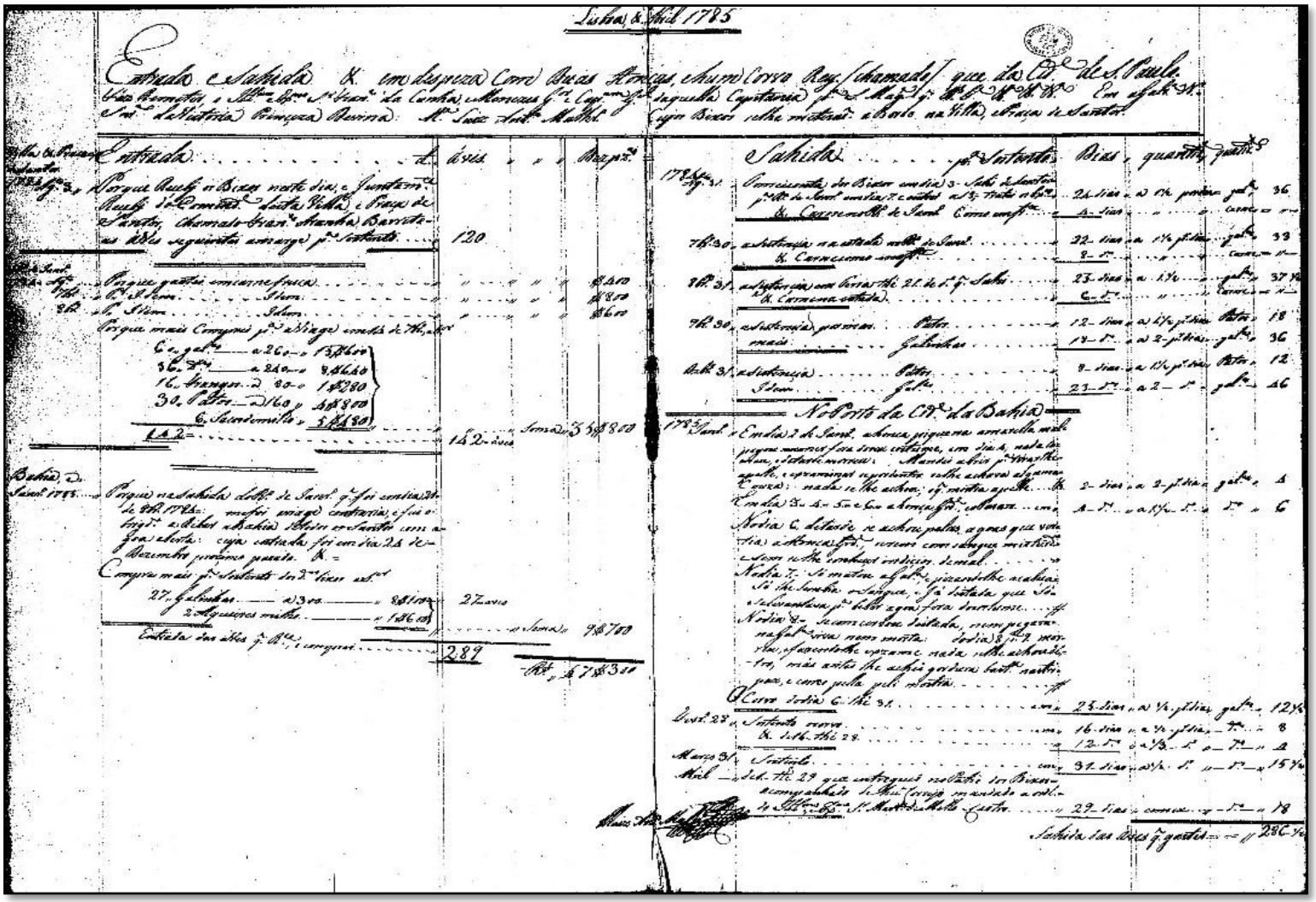


Figura 126: Mapa de carga da Galera Nossa Senhora da Vitória Princesa Divina, sob o comando do Capitão Luiz Antonio Malheiro, referente ao transporte do Corvo Rei e das onças.

Neste mapa de carga, apresentado por Malheiro, verificamos que os três animais inicialmente transportados (duas onças e um corvo rei) eram oriundos da cidade de São Paulo; contudo, neste documento não existe nenhuma referência de quando estes exemplares foram capturados. Estes animais foram embarcados na Galera Nossa Senhora da Victoria Princesa Divina, na Vila de Santos, no dia 03 de Agosto de 1784, juntamente com 120 aves para seu sustento.

Após aportarem no Rio de Janeiro, o capitão registra que foram gastos, nos dias 07 e 08 de Agosto, 1$810 com carne fresca, além da aquisição de 142 aves (96 Galinhas, 16 Frangos e 30 Patos) e de 06 sacos de milho, totalizando 35$800, para a alimentação dos animais. Esta embarcação partiu do porto do Rio de Janeiro no dia 21 de Agosto com destino a Lisboa; entretanto, as condições climáticas adversas obrigaram o capitão a fundear a embarcação no porto da Bahia, no dia 24 de Dezembro, onde foram, mais uma vez, adquiridos suprimentos para a alimentação dos animais transportados, que consistiu de 316 galinhas e 02 alqueires de milho a um custo total de 47$300.

O capitão relata, ainda, que a onça pequena, a partir do dia 02 de Janeiro, começou a diminuir sua alimentação, parando totalmente de se alimentar no dia 04, vindo a falecer neste mesmo dia à tarde; dois dias depois, em 06 de Janeiro, observaram que a urina da Onça grande apresentava vestígio de sangue e que no dia 07, ao matar a galinha, a Onça apenas lambeu seu sangue sem ingeri-la, permanecendo por um longo tempo deitada, levantando-se somente para beber água. Malheiro segue seu relato descrevendo que no dia 08 a onça conservou-se deitada, não se interessando pela galinha viva oferecida, vindo a falecer por volta das nove horas deste mesmo dia. Consta também, neste documento, que a evisceração realizada destes dois exemplares não demonstrou nenhuma anomalia, a não ser um excesso de gordura “nas tripas” e na pele da segunda onça.

A partir deste dia (08 de Janeiro de 1785), somente o Corvo rei seguiu viagem para Lisboa, o qual foi entregue no Pátio dos Bichos, em Belém, no dia 29 de Abril.

Podemos observar que esta ave permaneceu viva por mais de oito meses aos cuidados do capitão, desde seu embarque na Vila de Santos, ocorrido em 03 de agosto de 1784, até sua entrega no Palácio de Belém no dia 29 de abril de 1785. O transporte destes animais custou, ao Real Erário, a importância de 84$910 (oitenta e quatro mil novecentos e dez Réis).

A última remessa de animais registrada para a Capitania de São Paulo durante o século XVIII, já no então governo de António Manuel de Melo e Castro de Mendonça, é um documento que acusa a chegada de quatro animais vivos a Lisboa, dos oito originalmente embarcados, juntamente com uma Cabocla braba de seis anos chamada Maria, que consta na relação dos animais.

A análise dos dados recolhidos para a Capitania de São Paulo (Apêndice XVI) indica que foram realizadas dez remessas de animais entre os anos de 1767 e 1784, destas, cinco ocorreram no ano de 1781 quando foram embarcados, para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, 391 animais (Figura 127), dos 410 exemplares[1] (Tabela 35) que deixaram esta Capitania em direção a Lisboa, correspondendo a 95,37% de todos os animais registrados para esta Capitania.

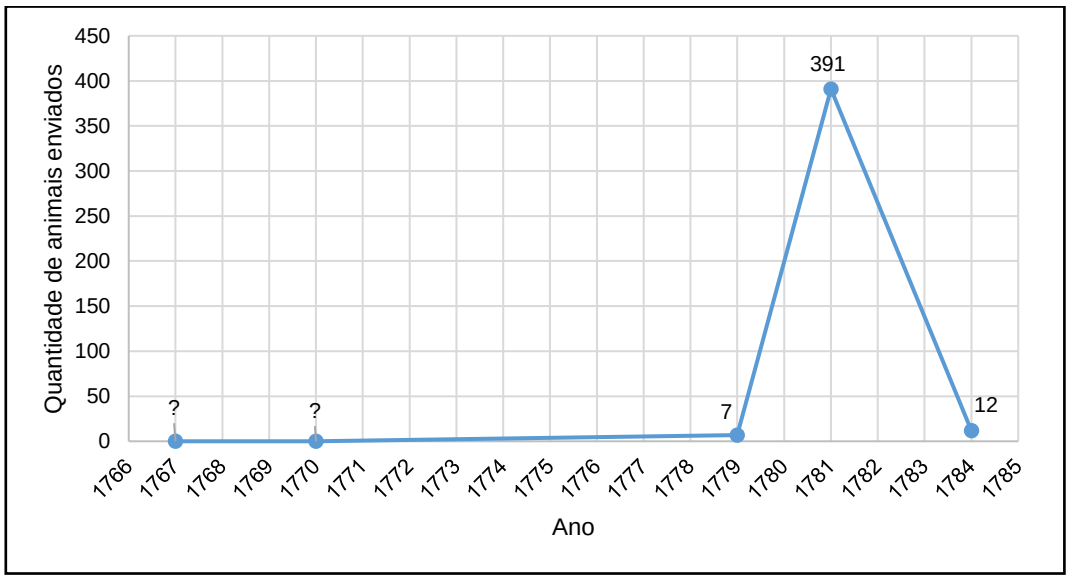


Figura 127: Quantitativo de animais enviados da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Na documentação analisada, detectamos a referência a pelo menos 26 espécies distintas de animais, com o predomínio de exemplares da Classe Aves, que constituíram praticamente 90% dos espécimes remetidos (Figura 128).

Tabela 35: Relação dos animais enviados da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Nome vulgar	Espécie	Quantidade
AVES		
Arara	Provavelmente *Ara chloropterus*	01
Ave [ilegível]	Não identificada	01
Corvo Rei	*Sarcorhamphus papa*	01
Enambú, Inhambu	Não identificada[2]	08
Guará	*Eudocimus ruber*	06
Jacutinga	*Aburria jacutinga*	05

[1] Não foram contabilizados os exemplares das duas remessas realizadas em 1767 e 1770, durante a gestão de Luís António de Sousa Botelho Mourão, por não indicarem a quantidade de pássaros, nem a cabocla braba chamada Maria.

[2] O termo "inhambu" é utilizado para designar diversos representantes da Família Tinamidae, dos quais dez espécies podem ser encontradas no atual Estado de São Paulo. Como um destes representantes, o Macuco (*Tinamus solitarius*) é citado dentre os animais embarcados em Santos; restam nove espécies que poderiam ser enquadradas na nomenclatura "inhambu" utilizada para descrever os 08 exemplares enviados: Inhambuguaçu (*Crypturellus obsoletus*), jaó (*Crypturellus undulatus*), Jaó-do-sul (*Crypturellus noctivagus*), Inhambu-chororó (*Crypturellus parvirostris*), Inhambu-chintã (*Crypturellus tataupa*), Perdiz (*Rhynchotus rufescens*), Codorna-mineira (*Nothura minor*), Codorna-amarela (*Nothura maculosa*) e o Inhambu-carapé (*Taoniscus nanus*).

Jacu	Provavelmente *Penelope superciliaris*[3]	02
Jacu guasu	*Penelope obscura*	06
Macuco	*Tinamus solitarius*	04
Maitaca	Possivelmente *Pionus maximiliani*	67
Maitaca de cabeça vermelha	Possivelmente *Aratinga auricapillus*[4]	20
Maracanã	Não identificada[5]	12
Papagaio	Não identificada[6]	51
Periquito	Não identificada[7]	156
Pombo	Não identificada[8]	15
Saracura	Não identificada[9]	04
Seriema	*Cairina cristata*	01
Uru, Ouruz	*Odontophorus capueira*	07
MAMÍFEROS		
Anta	*Tapirus terrestris*	04
Capivara	*Hydrochoerus hydrochaeris*	03
Cutia	Não identificada[10]	19
Onça pintada	*Panthera onca*	03
Onsinha	Não identificada[11]	02
Paca	*Cuniculus paca*	01
Porco bravo, Porco do mato, Porquinho	Não identificada[12]	04
Quati	*Nasua nasua*	07
Total de animais remetidos	-	410

Fonte: Do autor, segundo os manuscritos consultados.

[3] São reconhecidas cinco espécies da Família Cracidae para o atual Estado de São Paulo, sendo duas vulgarmente conhecidas pelo nome "jacu", a Jacupemba (*Penelope superciliaris*) e o Jacuaçu (*Penelope obscura*); como este último é citado separadamente em uma das remessas realizadas desta Capitania, identificado pela designação "Jacu guassu", é provável que os 02 exemplares indentificados como "jacu" pertençam à primeira espécie.

[4] Uma segunda espécie que poderia ser identificada pela nomenclatura "Maitaca de cabeça vermelha" é o Cuiú-cuiu (*Pionopsitta pileata*); contudo apenas os machos apresentam a cabeça com esta coloração, sendo as fêmas totalmente verdes; desse modo, é muito pouco provável, mas não de todo impossível, que todos os 20 exemplares citados na referida remessa fossem exemplares machos de Cuiú-cuiu.

[5] O termo "Maracanã" é utilizado para designar várias espécies de Psitacídeos que apresentam uma cauda relativamente longa, alguns destes presentes no atual Estado de São Paulo.

[6] Termo geral empregado para designar vário representantes da Família Psittacidae, podendo ser encontrado no atural Estado de São Paulo as seguintes espécies: Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*), Papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), Papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*) e o Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*).

[7] Termo empregado para designar várias espécies de pequeno porte da Família Psittacidae.

[8] Nomenclatura genérica utilizada para designar vários representantes da Família Columbidae.

[9] Termo utilizado para designar vários representantes da Família Rallidae, muitos encontrados no atual Estado de São Paulo.

[10] No atual Estado de São Paulo podem ser encontradas duas espécies de cutias: *Dasyprocta azarae* e *Dasyprocta leporina*.

[11] Referência a uma das três espécies do gênero *Leopardus* presentes no atual Estado de São Paulo, a saber: Jaguatirica (*Lepoardus pardalis*), Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) e Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*).

[12] As duas espécies de Porcos-do-mato, comuns no Brasil, estão presentes em São Paulo, o Cateto (*Pecari tajacu*) e o Queixada (*Tayassu pecari*).

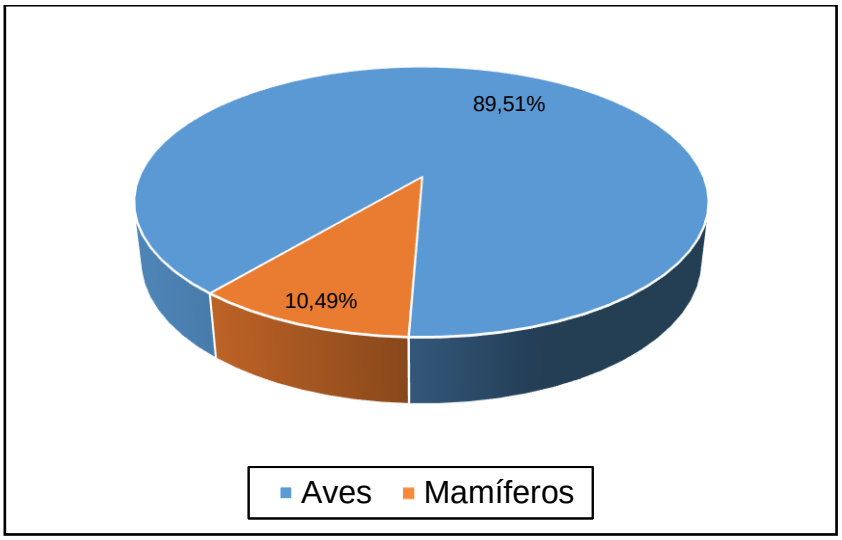


Figura 128: Grupos de animais remetidos da Capitania de São Paulo para Lisboa durante o século XVIII.

Do total de animais descritos para a Capitania de São Paulo apenas 11,71% puderam ser identificados a nível de Espécie (Figura 129) e, com exceção de apenas um exemplar de pássaro cujo nome encontra-se ilegível no manuscrito, todos os demais puderam ser classificados a nível de Família (Figura 130 e Figura 131), com o predomínio, dentre as aves, dos representantes da Família Psittacidae, que constituíram 83,65% dos exemplares enviados e, dentre os mamíferos, prevaleceu a Família Dasyproctidae, representada pelas Cutias, que constituíram 44,19% dos mamíferos embarcados para a metrópole.

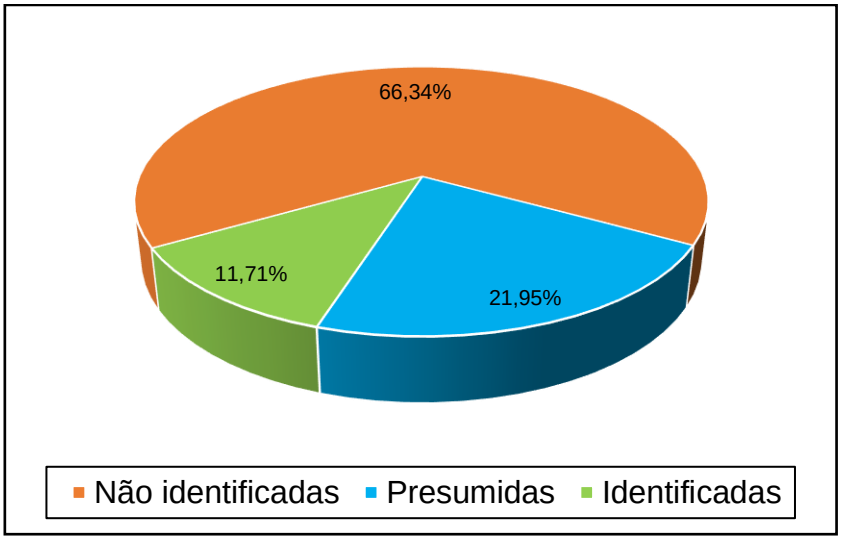


Figura 129: *Status* dos exemplares citados nas remessas da Capitania de São Paulo.

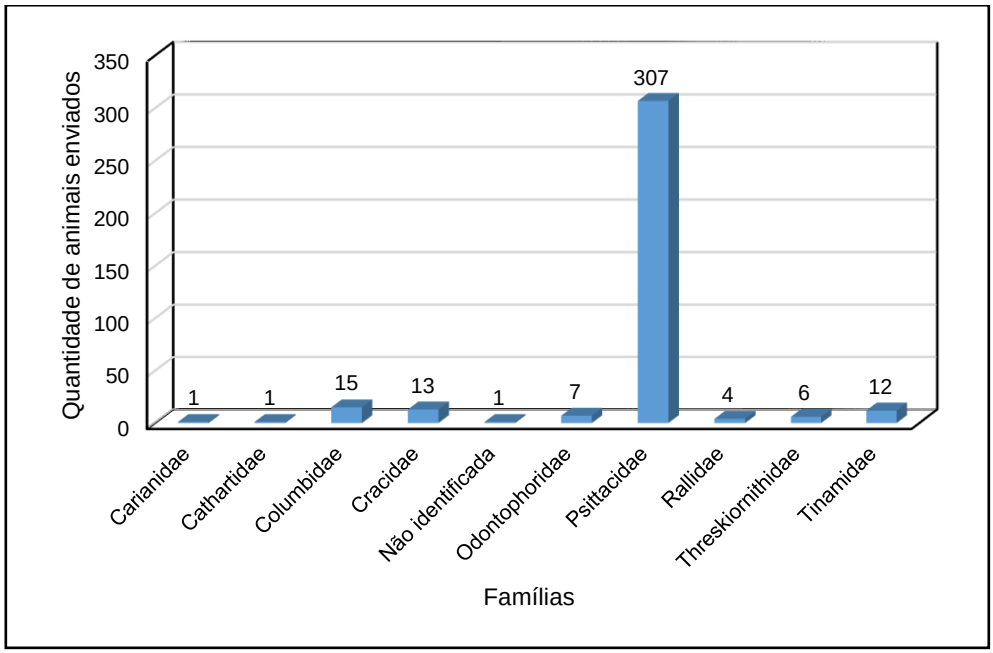


Figura 130: Famílias de Aves presentes nas remessas realizadas da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII.

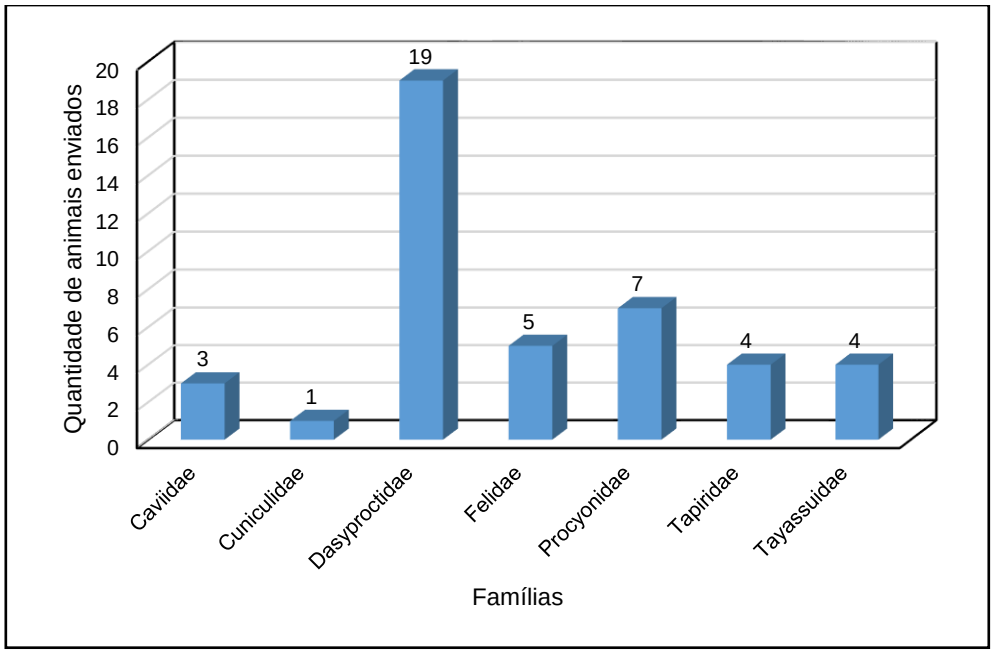


Figura 131: Famílias de Mamíferos presentes nas remessas realizadas da Capitania de São Paulo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Dois documentos registraram a chegada de doze exemplares remetidos da Capitania de São Paulo a Lisboa; destes, cinco - um Corvo-Rei, uma Onça-pintada, um Porco-bravo, um jacu e uma Jacutinga – por terem chegado vivos, foram incorporados à Coleção Zoológica mantida pela rainha D. Maria I; enquanto sete, dos doze exemplares inicialmente embarcados em duas remessas que partiram do porto de Santos, morreram durante a viagem (Figura 132).

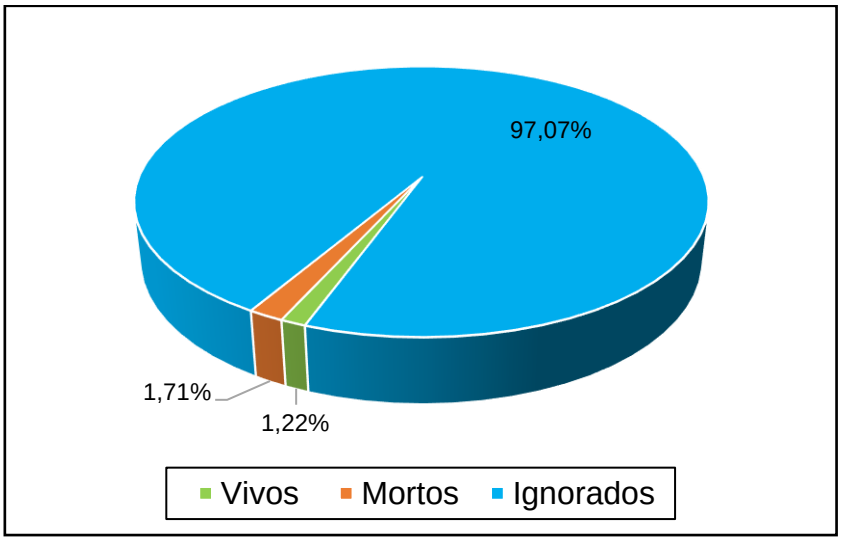


Figura 132: Percentagem de animais que chegaram a Lisboa provenientes da Capitania de São Paulo durante o século XVIII.

4.3.3 Ásia

Com exceção dos documentos relativos a Macau e Timor, os dados apresentados para o território da Índia Portuguesa não refletem as remessas eventualmente realizadas, pois, pelo reduzido tempo disponível para a pesquisa de campo, somente uma pequena parte do material depositado no AHU, relativo a Índia, foi analisada.

4.3.3.1 Índia

O AHU possui um acervo de 36.690 registros relativos aos territórios que formavam a Índia Portuguesa (Figura 133). Este material, que não se encontra ainda catalogado, está distribuído em 499 caixas, das quais 421, compostas por 21.957 registros, abrigam documentos expedidos durante o século XVIII (1701 – 1800).

Durante os parcos três meses de que pude dispor para a realização da pesquisa em Portugal, não me foi possível debruçar sobre este vasto conjunto documental, encontrado somente nesta instituição.

Mesmo restringindo o período temporal ao século XVIII teria, ainda, só no AHU, um montante muito grande de material para analisar. Apesar disso, consegui examinar 14 caixas relativas ao território da Índia Portuguesa que totalizaram 1.289 documentos,

correspondendo a 5,87% do material relativo ao recorte temporal estabelecido para esta Tese.

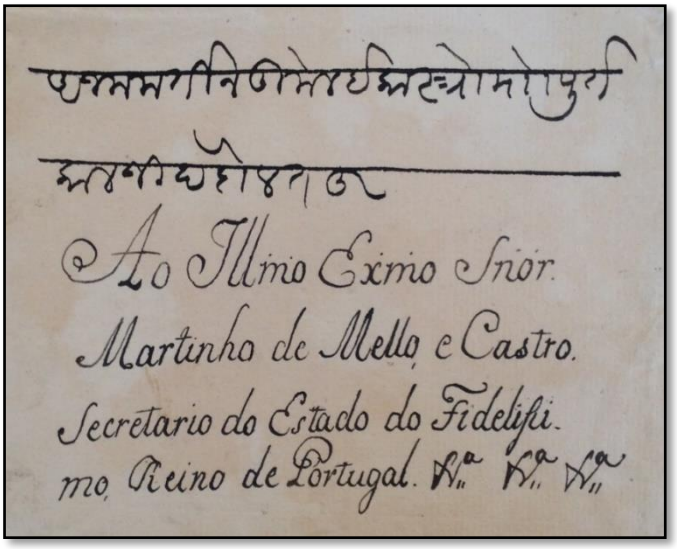


Figura 133: Documento, em sânscrito e português, dirigido a Martinho de Mello e Castro, secretário de Estado da Marinha e Ultramar. Reino de Portugal. 01 de janeiro de 1780 - AHU CU 058 Cx. 87.

Nos documentos analisados encontramos alguns relatos da remessa de "produções naturais", basicamente de conchas, assim como uma relação de itens solicitados ao governo de Goa (Figura 134) para que fossem enviados ao Real Gabinete da Ajuda, em Lisba; mas nenhum que tratasse do embarque de animais vivos.

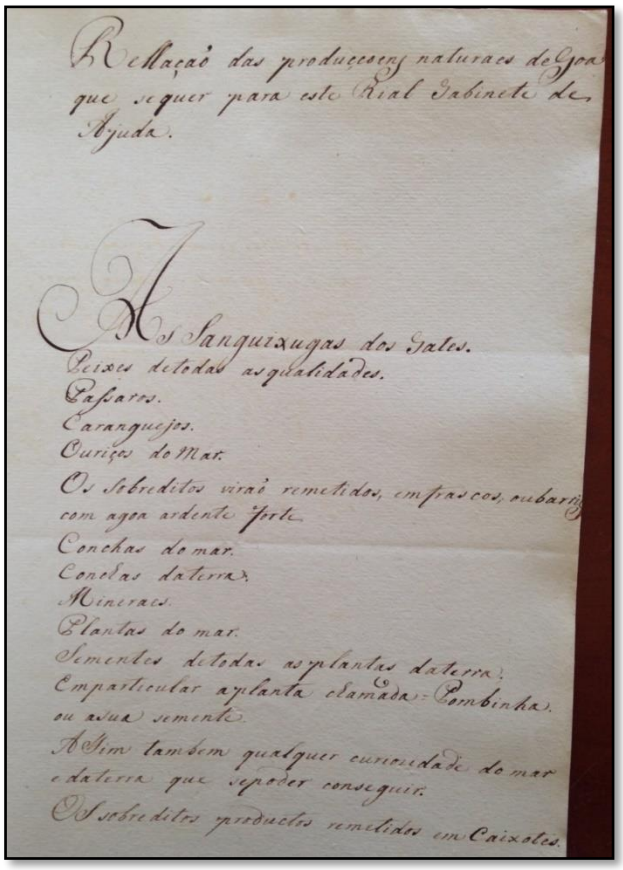
O vasto acervo documental sobre a Índia Portugesa depositado não só no AHU mas também nas outras instituições portuguesas merece uma análise mais minuciosa para podermos avaliar a efetiva contribuição deste território na formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais em Portugual, durante o século XVIII.

4.3.3.2 Macau

"Um Oriente ao oriente do Oriente"
Álvaro de Campos[13]

A pesquisa documental realizada para o levantamento dos registros que tratam das remessas de animais realizadas de Macau para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas utilizou, como material básico de consulta, duas obras publicadas pelo Insituto Cultural de Macau, depositado no AHU.

[13] Heterónimo de Fernando Pessoa. Opiário *in* "Poemas".


Relação das produçoens naturaes de Goa
que se quer para este Real Gabinete de
Ajuda.

As Sanguixugas dos Gales.
Peixes de todas as qualidades.
Passaros.
Caranguejos.
Ouriços do Mar.
Os sobreditos virão remettidos, em frascos, cubaria
com agoa ardente forte.
Conchas do mar.
Conchas da terra.
Mineraes.
Plantas do mar.
Sementes de todas as plantas da terra:
Em particular a planta chamada = Pombinha.
ou a sua semente.
Assim tambem qualquer curiosidade do mar
e da terra que se poder conseguir.
Os sobreditos productos remettidos em Caixotes.

Figura 134: "Relação das produções naturais de Goa que se quer para este Real Gabinete da Ajuda", AHU-CU- 058, Cx. 374.

Estes livros, *Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino*, de Isaú Santos, em dois volumes publicados em 1997 e *Macau e o Oriente: no Arquivo Histórico Ultramarino, 1833-1911*, de Maria Luísa Abrantes, Miguel Rui Infante e José Sintra Martinheira, publicado em 1999, apresentam uma compilação dos registros existentes no AHU sobre esta colônia portuguesa no Oriente.

Um ofício do governador de Macau, Adrião Acácio da Silveira Pinto, emitido em 1839, apesar de fora do período estipulado para esta pesquisa, expressa bem não só os animais desta colônia mas também a dificuldade de comunicação entre Macau e a metrópole.

> Accuso a recepçaõ da Portaria N.º 43, que com datta de 8 de Maio do anno passado me foi expedida por este Ministerio, á qual me cumpre ter a honra de responder, que em hum Paiz taõ rezumido com este naõ se encontraõ de modo algum objectos pertencentes ao Reino Animal, cuja acquiziçaõ mereça a pena do transporte assaz defficil para essa Capital, com tudo eu farei todos os esforços afim de satisfazer aos dezejos, que para mim saõ ordens sagradas de S. Magestade, para obter algum quadrupede, ou ave de interior da China, que possa ser d'algum proveito á Sciencia que S. Magestade se digna proteger; e quando consiga obter algum, eu o remetterei com o cuidado recommendado em a Portaria acima citada[14].

[14] PINTO, A. A. da S., 1839 (02 de setembro). AHU_ACL_SEMU_DGU 005, Cx. 0005.

O território de Macau apresentava, durante o século XVIII, uma superfície total de apenas 11,6 Km^2, constituído por três regiões distintas, a península de Macau, propriamente dita (Figura 135), com 3,4 Km^2 e as Ilhas de Taipa e Coloane, com 2,3 e 5,9 Km^2, respectivamente[15].

Nesta área extremamente reduzida a fauna de vertebrados terrestres está restrita a nove espécies de Anfíbios, trinta de Répteis, cento e seis de Aves, muitas migratórias, e uma espécie de mamífero (morcego)[16].

No tocante à remessa de animais realizadas desta colônia para Lisboa ao longo do século XVIII, foram encontrados quatro registros, dos quais três, emitidos pelo governador de Macau, Lázaro da Silva Ferreira, dizem respeito ao envio de "produtos da história natural", a maioria formada por conchas, búzios, corais e outros exemplares marinhos, alguns destes solicitados pelo governador de Macau ao administrador de Timor e mesmo de Manila (Filipinas)[17].

A única remessa que retrata o envio de animais vivos, provenientes de Macau (Apêndice XVII), é relatada em uma carta do capitão de mar e guerra das naus da Coroa, Joaquim Carneiro Machado, datada de 01 de janeiro de 1784, na qual o militar descreve que oferece "a V. Ex.ca [o documento não especifica o destinatário] como couza rara destas partes, duas Arvores, cada d.a com duas frutas da mesma Arvore; e 2 pares de passaros cada par de deferente qualid.e"[18]. A ausência de descrição dos pássaros citados impossibilita qualquer tentativa de identificação destes exemplares, assim como se estas espécies eram provenientes do território de Macau ou de alguma região da China.

[15] Atualmente as Ilhas de Taipa e Coloane foram unidas pela "zona de aterro de Cotai" elevando a área da Região Administrativa Especial de Macau para 30 Km^2.
[16] Macau biodiversiy. Disponível em: <http://www.macaubiodiversity.org/database/>. Acesso: 05 Nov. 2017.
[17] FERREIRA, L. da S., 1788 (24 de janeiro), AHU-Macau, Cx. 18, D. 3; FERREIRA, L. da S., 1789 (17 de janeiro), AHU-Macau, Cx. 18, D. 19; FERREIRA, L. da S., 1790 (07 de janeiro), AHU-Macau, Cx. 18, D. 36.
[18] MACHADO, J. C., 1784 (01 de janeiro). AHU-Macau, Cx. 15, D. 1.

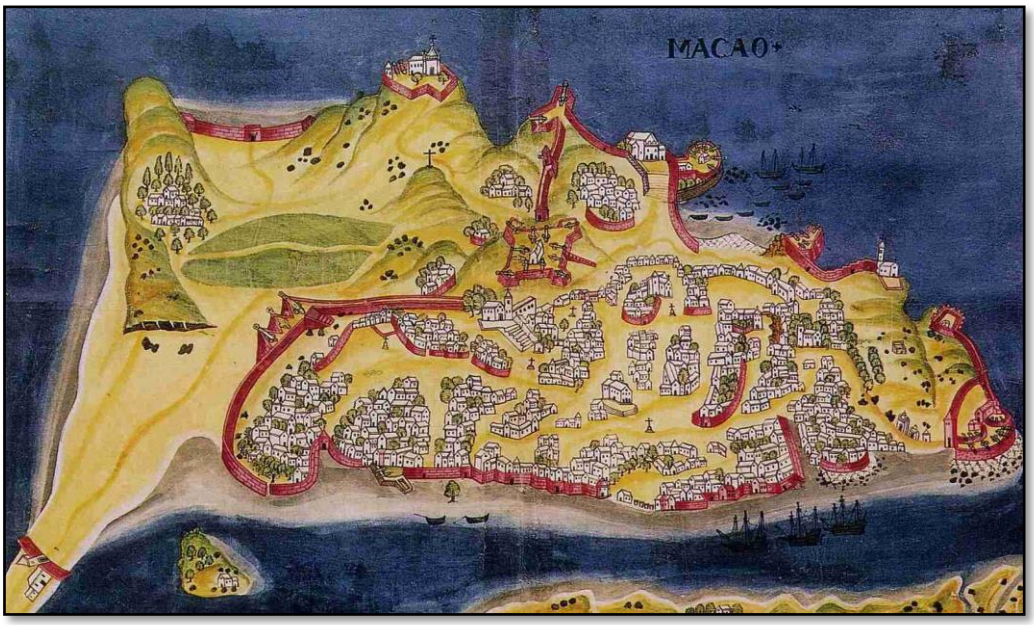


Figura 135: Planta de Macau do “Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações da Índia Oriental” de António Bocarro. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/27184>. Acesso: 12 Nov. 2016.

4.3.3.3 Timor

Dentre todos os territórios conquistados por Portugal o que mais se manteve isolado da metrópole, sem sombra de dúvida, foi o território de Timor. Apesar de os portugueses terem chegado a esta ilha em 1512 foi somente no ano de 1695 que oficialmente foi nomeado um governador para administrar as Ilhas de Timor e Solor. Este território, contudo, ficaria subordinado diretamente ao vice-rei da Índia Portuguesa até 1844.

O levantamento da documentação que trata das remessas de animais provenientes de Timor foi realizado com base no “Catálogo da série Timor do Conselho Ultramarino”, organizado por Maria Luísa Abrantes e José Sintra Martinheira (2001). Dos 272 registros descritos neste Catálogo encontramos uma referência, na qual o governador de Timor e Solor, João Baptista Vieria Godinho relata a necessidade de se realizar um estudo sobre a história natural destas ilhas, sugerindo que o naturalista Manuel Galvão da Silveira fosse transferido para Timor após findar a sua comissão em Moçambique[19]; outra que trata do envio de produtos naturais deste território para Lisboa[20] e apenas um documento que cita a remessa de animais vivos[21] (Apêndice XVIII).

[19] GODINHO, J. B. V., 1784 (27 de Abril). AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 97.
[20] GODINHO, J. B. V., 1789 (08 de Janeiro). AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 131.
[21] GODINHO, J. B. V., 1788 (12 de Dezembro). AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 126.

O isolamento desta colônia dos demais assentamentos portugueses na Ásia, pode ser constatado em outro ofício, no qual o governador de Timor solicita ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, o estabelecimento de uma ligação marítima direta entre Timor e Goa não só para o escoamento da produção natural destas Ilhas, basicamente canela, noz-moscada, cera, salitre, enxofre, chumbo, petróleo e tabaco, mas também para suprir o território com produtos de consumo básico como panos e lenços que eram trazidos do assentamento holandês em Batávia[22]. Por vezes observamos, devido a este isolamento, relatos sobre a região colhidos de terceiros como observado na carta do Bispo de Macau, D. João do Casal, ao rei D. Pedro II, na qual o eclesiástico "Movido do zello de leal vassalo d[á] conta a V. Mag.[e] do q' s[abe] p' pessoas fidedignas sobre as Ilhas de Timor, e Sollor"[23], notificando que estas ilhas são ricas e férteis e que têm sido visitadas por navios ingleses e franceses.

A única descrição que relata a remessa envolvendo animais vivos realizada de Timor é encontrada em um ofício de Godinho, no qual o governador informa que

> vaõ taõbem dois Loricos da Ilha de Ceraõ, huá cacatua de Solor[24] [Figura 136], e duas crianças, huma de Timor, e outra de Solor, com os vestidos de que lá uzaõ. Tudo vai entregue a Joaõ Anselmo de Faria, sobrecarga do Navio Belizario (GODINHO, 1788).

Neste mesmo documento o governador ainda cita que alguns pequenos lagartos e cobras recebidos se deterioraram pela falta de "vasos e licores proprioz para a sua conservaçaõ".

Como o documento de Godinho foi emitido de Macau é provável que estes animais tenham seguido para este destino. Ao final deste documento o governador acrescenta, ao relato, uma terceira ave ao citar que "Os Loricos e cacatua de Timor que trazia, morreraõ; com taõbem hum grande pássaro chamado Bruma (Figura 137), da dita Ilha de Ceraõ, maior do que Ema, e que naõ tinha azas, nem lingoa" [25] (GODINHO, 1788).

[22] GODINHO, J. B. V., 1784 (08 de Abril). AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 88.
[23] CASAL, J. do, 1700 (16 de Dezembro). AHU-Macau, Cx. 2, doc. 31.
[24] Na Ilha de Ceram são encontradas três espécies de Psittaculidae (Família que englobam aves semelhantes aos Papagaios e Periquitos) denominadas Lóris, o Lóris-bornéo (*Eos bornea*), o Lóris-de-Seram (*Eos semilarvata*) e o Lóris-de-nuca-roxa (*Lorius domicella*), cujos exemplares apresentam uma coloração basicamente vermelha; quanto à Cacatua, muito provavelmente este exemplar era uma Cacatua-sulfúrea (*Cacatua sulphurea*) da Família Cacatuidae (Figura X).
[25] O pássaro referido como "Bruma" era, certamente, um Casuar-do-norte (*Casuarius casuarius*).

Lóris-bornéo (*Eos bornea*)

Foto: Navin (Lorrikeet)

Lóris-de-Seram (*Eos semilarvata*)

Foto: Eckhard Lietzow

Lóris-de-nuca-roxa (*Lorius domicella*)

Foto: Pets4Homes

Cacatua-sulfúrea
(*Cacatua sulphurea*)

Foto: Paul Huang

Figura 136: Possíveis espécies que integraram a remessa realizada de Timor para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

O quinto e último documento encontrado trata exatamente do envio dos produtos naturais pelo Navio Belizario, mencionado na citação de Godinho acima descrita, que partiria de Macau conduzindo os ditos animais. Neste documento Godinho informa que

> tendo projetado remeter a V Ex.ª pelo Navio Belizario o caxote pertencente á Historia natural, e mais que participava a V. Ex.ª aconteceu ter este navio mais demora do que se pensava; e estando a partir a Corveta Rainha de Nantes, me resolvi a remeter tudo por ella, entregue a Francisco Manoel de Castro Borradas (GODINHO, 1789),

não fazendo menção aos exemplares que morreram durante a travessia de Timor para Macau, assim como sobre as duas crianças de Timor e de Solor.

Figura 137: “Bruma” - Casuar (*Casuarius casuarius*), espécie citada no documento de Godinho (1788). Foto: Steve Parish. Disponível em: <https://www.steveparish-natureconnect.com.au/wp-content/uploads/SPDM2286673.jpg>. Acesso: 06 Nov. 2017.

4.4 Considerações

Durante o século XVIII, Portugal foi governado por quatro monarcas: D Pedro II (1683-1706), D. João V (1706-1750), D. José I (1750-1777) e D. Maria I (1777-1816). O único registro da remessa de animais detectado para o reinado de D. Pedro II foi o envio de gazelas de Mazagão, no Marrocos, para a Coleção Zoológica Viva deste monarca, realizada no final do século XVII; primeiro registro de uma coleção desta natureza associado a este monarca por nós detectado, como registramos no Capítulo 3.

Os quatro documentos encontrados que atestam a remessa de animais para a Coleção Zoológica Viva Real de D. João V (1689-1750) efetivamente não refletem a coleção que este monarca mantinha em seus Paços, principalmente no de Belém, o qual foi responsável pela edificação das jaulas localizadas no Pátio dos Bichos, ainda hoje existentes, e felizmente vazias. Destes quatro registros, três foram recolhidos na *Gazeta de Lisboa* e um no arquivo do AHU.

Com exceção de um registro da *Gazeta de Lisboa* que trata da remessa realizada pelo Grão-Mestre da Ordem de Malta[26], Manoel Pinto da Fonseca, em 19 de Junho de 1742, de "dous Gatos da Perfia de huma beleza extraordinária"[27], que, por se tratar de exemplares domesticados, não foram integrados à estatística dos animais enviados para Lisboa durante o século XVIII, todos os demais documentos dizem respeito à oferta de aves de rapina a este Monarca.

Coincidentemente, os outros dois registros recolhidos na *Gazeta*, que descrevem a remessa destas aves realizada pela Ordem de Malta, ocorreram durante o período no qual esta Ordem esteve sob a direção dos Grão-mestres portugueses, António Manoel de Vilhena e Manoel Pinto da Fonseca.

No primeiro, realizado na gestão de António Manoel de Vilhena, a *Gazeta* relata que

> na quinta feyra aprefentou a S. Mageftade que Deos guarde, os falcoens em nome do GraõMeftre de Malta, D. Francifco de Amorim, Commendador do Chavaõ na mefma Ordem, e o Monteiro mor os recebeu na fórma coftumada[28];

e no segundo, já na gestão de Manoel Pinto da Fonseca, este jornal notifica que na

> quinta feira 15 do corrente [março de 1742] deu ElRey noffo Senhor audiencia a Duarte de Souza Coutinho, Cavaleiro da Ordem de Malta, e irmam do Correyo Mór do Reyno, que da parte do Gram Meftre da fua Religiam trouxe a Sua Mageftade o coftumado prefente dos Falcoens, fendo feu conductor D. Joam de Souza recebedor da mefma Religiam, que teve a honra de o aprefentar a Sua Mageftade, como fe pratica. Efte Fidalgo havendo desembarcado em hum dos portos de Provença, continuou a fua viagem por terra até efte Reyno[29].

Muito provavelmente o destino destes exemplares foi o Paço de Salvaterra de Magos.

O único documento relativo à remessa de animais para o reinado de D. João V, encontrado no AHU, descreve a relação das despesas realizadas pelo envio de 19 "passaros islandeses"[30] provenientes de Copenhague, certamente os cobiçados Falcões-gerifaltes (*Falco rusticolus*). Esta documentação, entretanto, não está claramente direcionada ao monarca D. João V.

---

[26] A Ordem de Malta foi instituída em 1530 quando o imperador do Sacro Império Romano-Germânico Carlos V cedeu aos cavaleiros hospitalários o domínio sobre Trípoli e as Ilhas de Malta e Gozo. Em contrapartida, os cavaleiros eram obrigados a enviar anualmente a Carlos V, durante as festividades de Todos os Santos, um falcão vivo como forma de selar o acordo firmado com o Sacro Império. Esta prática, entretanto, foi posteriormente estendida aos reis da França e da Espanha assim como de Portugal, principalmente a partir de 1722 quando o português António Manoel de Vilhena se tornou Grão-Mestre da Ordem.

[27] FONSECA, M. P. de. *Gazeta de Lisboa*, n. 33, p. 386, 1742.

[28] VILHENA, A. M. de. *Gazeta de Lisboa*, nº 9, 02 de março de 1730, p. 71

[29] FONSECA, M. P. da. *Gazeta de Lisboa*, n.º 12, 20 de Março de 1742, p. 144

[30] ANÔNIMO, [post. 1706]. Rol da despesa feita com 19 passaros Islandeses que vieram de Copenhague para Sua Magestade [rei D. João V ?]. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 3.

Apesar de este documento não estar datado nem assinado, os pesquisadores do AHU o associam ao reinado de D. João V pelo emprego do termo “Sua Majestade Fidelissima” em seu cabeçalho sendo, assim, registrado como posterior a 1706 e anterior a 1750, ano da morte de D. João. Contudo, o título “Sua Majestade Fidelíssima” foi concedido a D. João V pelo Papa Bento XIV, em 1748; desta forma, a datação presente no registro do AHU, “posterior a 1706”, deveria ser revista e alterada para “posterior a 1748”. Outra ressalva que deve ser aqui colocada é o fato de esse título ter sido utilizado pelos demais monarcas portugueses desde a sua promulgação não sendo de uso exclusivo de D. João V, podendo, dessa forma, ter sido aplicado a D. José I, que adquiriu várias aves de rapina, inclusive de Copenhague, encaminhadas ao Paço de Salvaterra de Magos, cuja falcoaria foi por ele reativada nesta propriedade, como apresentado no Capítulo 3; ou até mesmo, apesar de menos provável, associado a D. Maria I.

A escassez de registros encontrado, da remessa de animais das colônias para a metrópole durante o reinado de D. João V merece um estudo mais acurado já que o conjunto de jaulas construído no Palácio de Belém, certamente, foi ocupado por animais.

Assim, praticamente a totalidade dos dados recolhidos nesta pesquisa está associada aos dois últimos monarcas portugueses que reinaram durante a última metade do século XVIII: D. José I e D. Maria I.

O registro mais antigo encontrado, que atesta a remessa de animais proveniente das colônias para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, é um documento emitido da Capitania do Grão-Pará, em 26 de Novembro de 1753[31].

A pesquisa não detectou a remessa de animais vivos para Lisboa proveniente do território de Moçambique, localizado na costa oriental africana, assim como da Índia Portuguesa, território que merece uma análise mais minuciosa dos manuscritos depositados no AHU, pois, como já registramos anteriormente, somente uma pequena parcela desse material foi consultada.

Durante o recorte temporal proposto, o século XVIII, foram enviados para a metrópole 24.565 animais (Figura 138); a grande maioria proveniente do Continente Africano (Figura 139).

[31] FURTADO, F. X. de M., 1753 (26 de Novembro). AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.

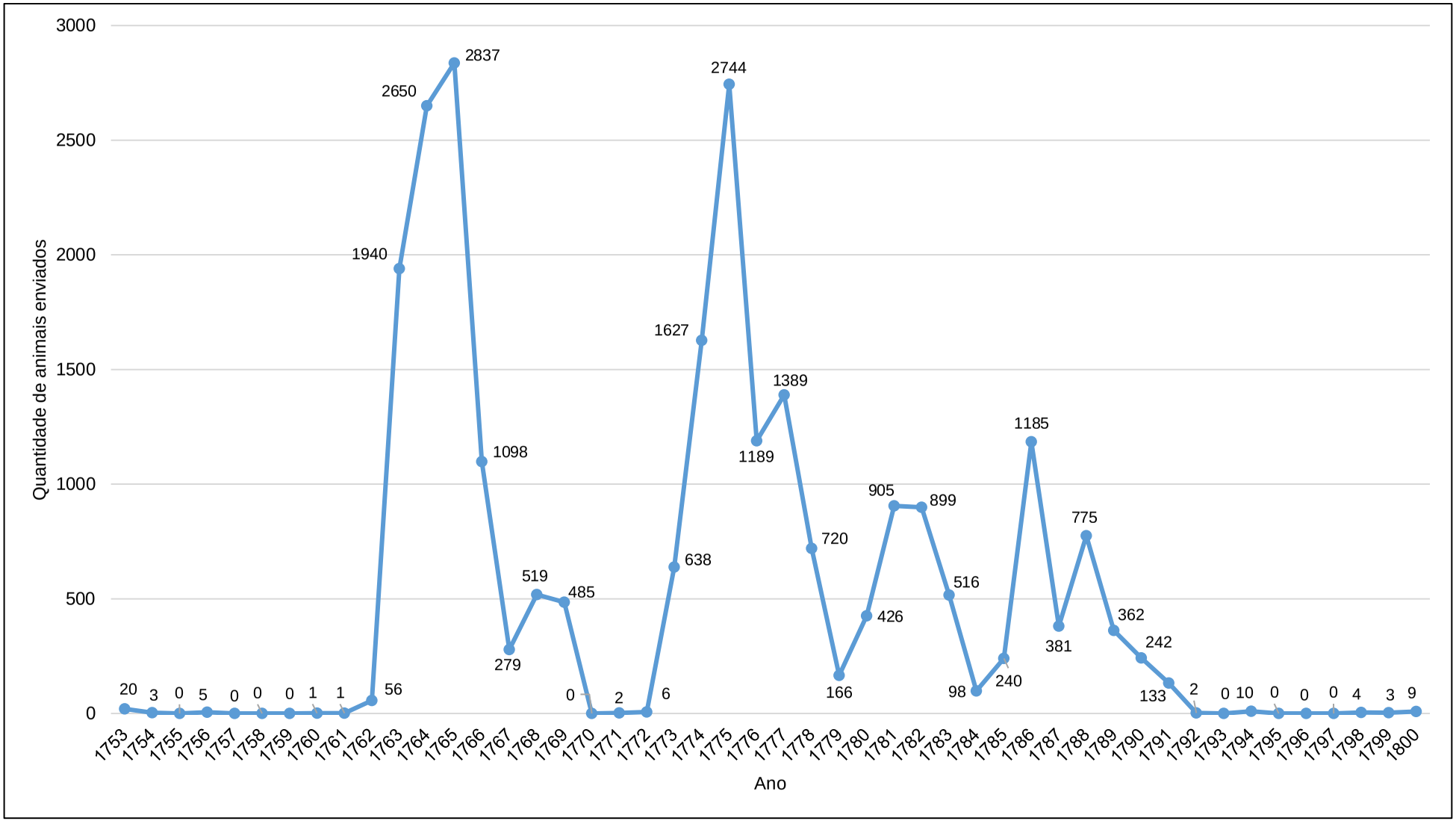


Figura 138: Total de animais enviados das colônias portuguesas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais durante o século XVIII.

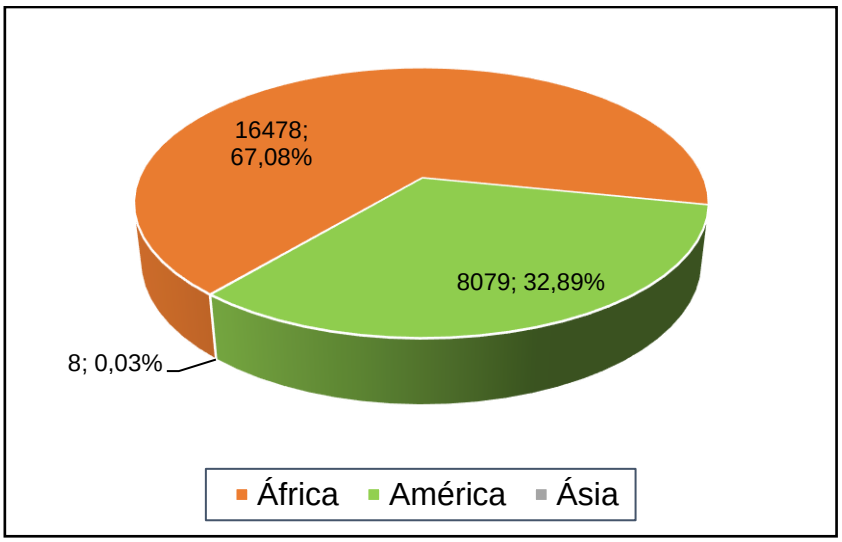


Figura 139: Quantitativo de animais remetidos dos territórios dominados por Portugal durante o século XVIII, por continente.

As aves constituíram mais de 97% de todos os animais enviados para a metrópole (Figura 140), sendo identificadas 31 Famílias nas remessas oriundas da América (Brasil) (Figura 141) e 14 provenientes do Continente Africano (Figura 142).

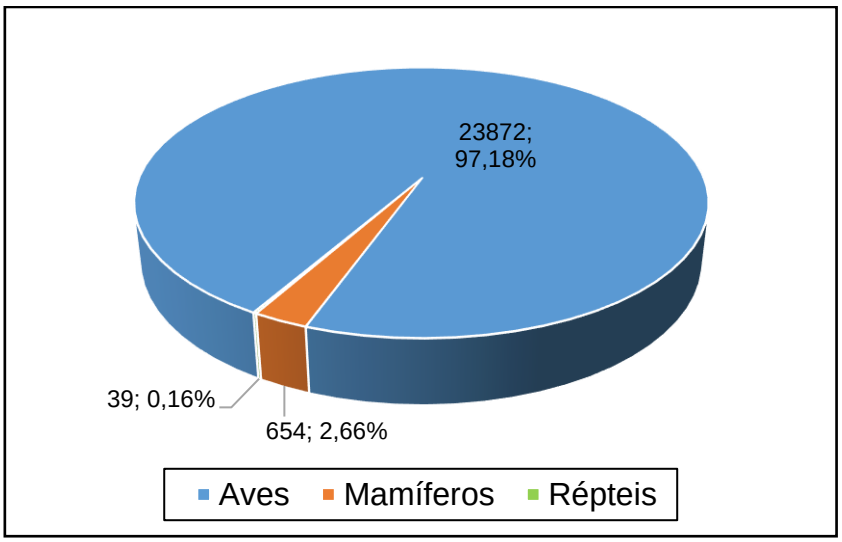


Figura 140: Classes de animais identificadas nas remessas para Lisboa durante o século XVIII.

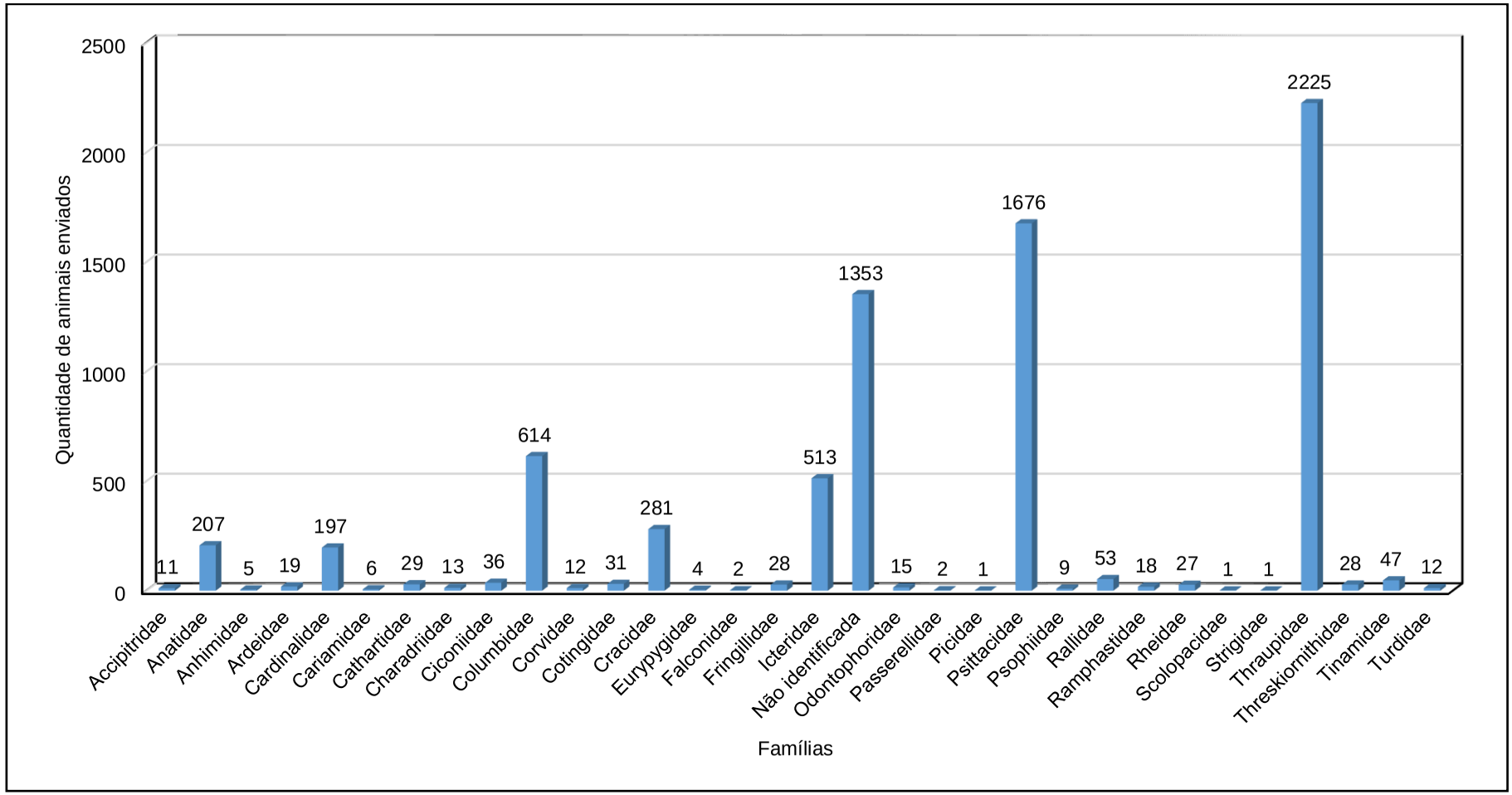


Figura 141: Famílias de Aves enviadas da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

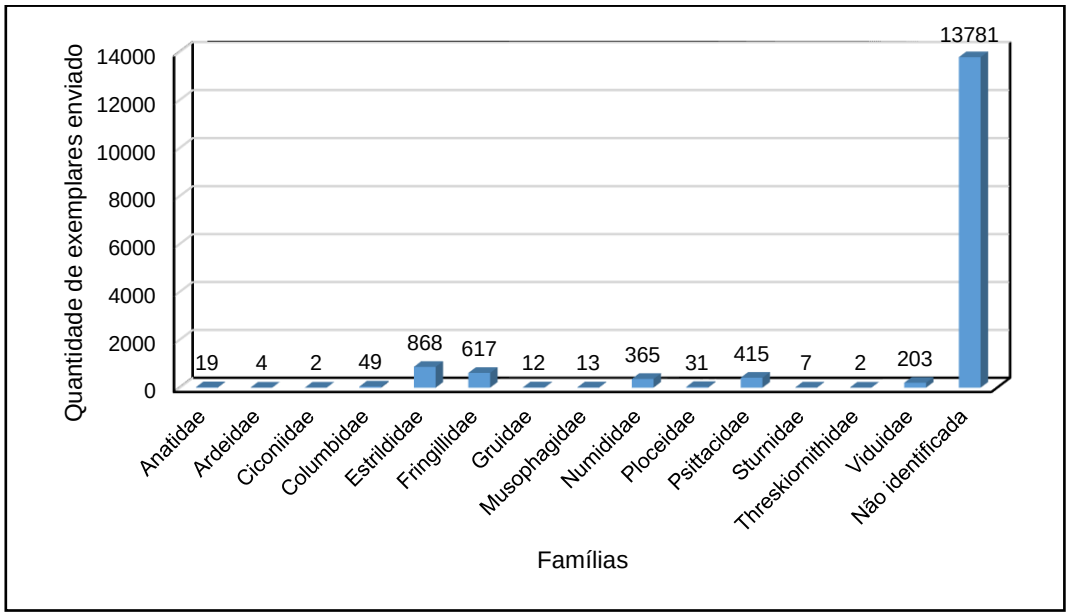


Figura 142: Famílias de Aves enviadas da África para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

A Família mais representada nas remessas realizadas da América foi a Thraupidae, constituída por espécies que, além de apresentarem uma diversidade de cores em sua plumagem, abrangem representantes com canto agradável; seguida das Famílias Psittacidae, os populares Papagaios, Periquitos e Araras e da Família Columbidae, que abrangem os Pombos e as Rolinhas.

O grande predomínio de exemplares inseridos na categoria “Não identificados”, observada para as Aves africanas, deve-se ao emprego de termos regionais ou genéricos quando de seu registro nos documentos de embarque dos exemplares, impossibilitando, assim, sua identificação.

Da região biogeográfica Oriental foram enviados para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas apenas oito exemplares (Figura 143), todos integrantes da Classe das Aves.

Dentre os Mamíferos foram identificadas 21 Famílias provenientes da fauna americana (Figura 144) e 09 integrantes da fauna africana (Figura 145).

É interessante notar que, em geral, os Mamíferos, tanto os representantes da fauna Neotropical quanto os da Etiópica, mantiveram certa equivalência no número de exemplares enviados, não existindo nenhuma Família que tenha se destacado em relação às demais. Podemos, entretanto, agrupar estas Famílias, tanto dos animais americanos quanto dos africanos em dois conjuntos distintos, no que se refere à quantidade de espécimes enviados. As três Famílias constituída por representantes da fauna brasileira que tiveram uma ligeira projeção, em relação às demais, foram a Cervidae (Veados), a Dasyproctidae (Cutias) e a Felidae (Onças e felinos de pequeno porte); em relação à fauna africada observamos o ligeiro predomínio das Famílias

Cercopithecidae (Macacos), Bovidae (Antílopes), Equidae (Zebras) e Viverridae (Gato-de-Algália).

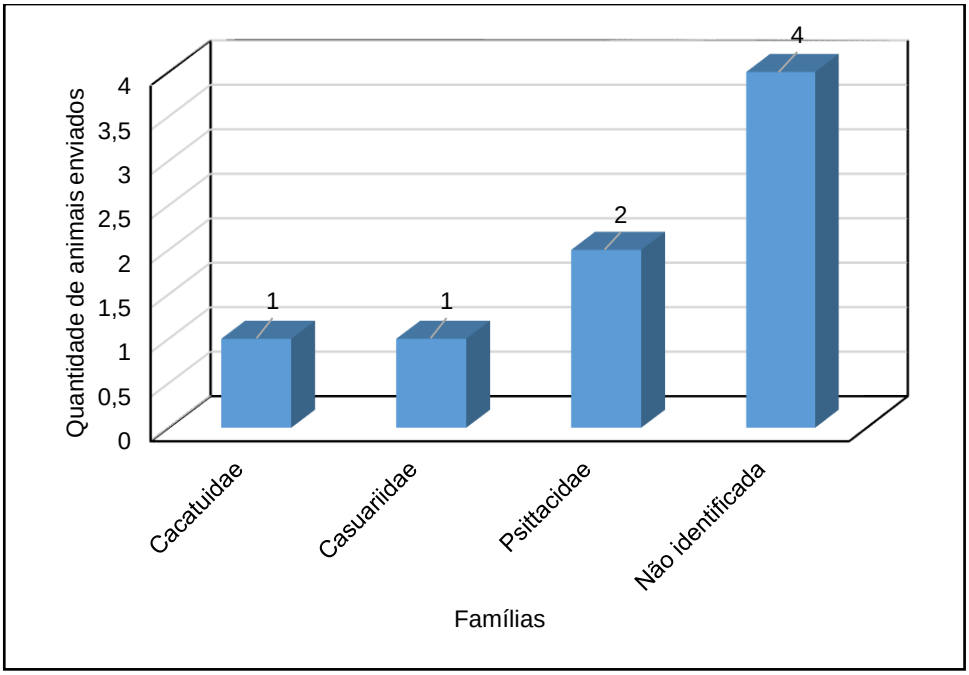


Figura 143: Famílias de Aves enviadas de Macau e de Timor para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: Os exemplares "não identificados" foram enviados de Macau.

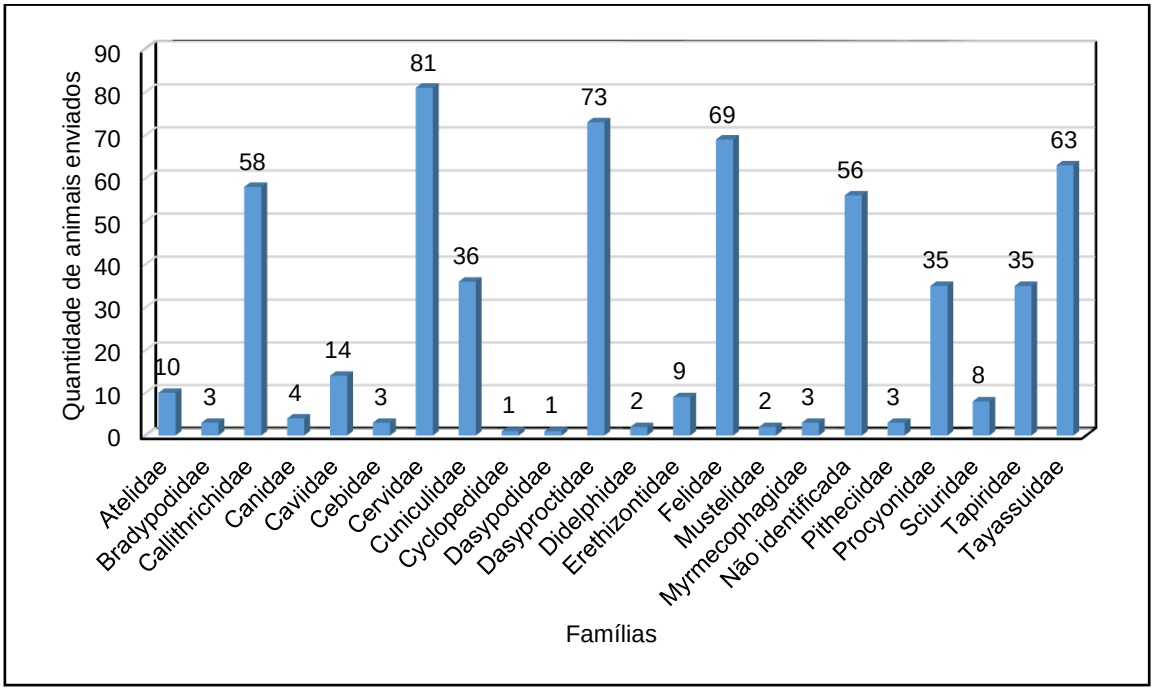


Figura 144: Famílias de Mamíferos integrantes das remessas realizadas da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

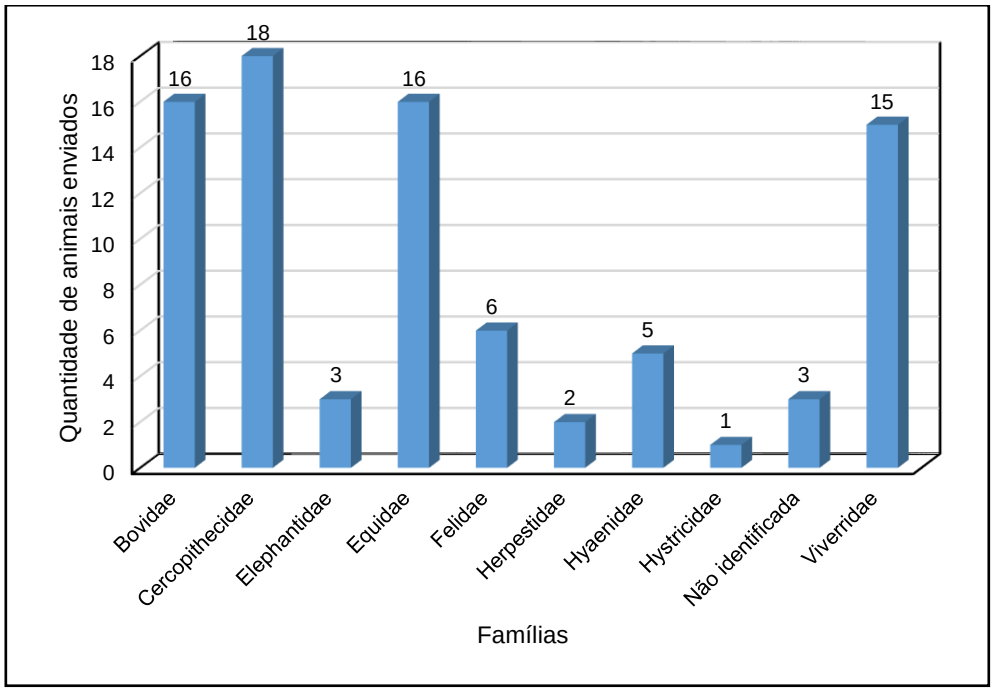


Figura 145: Famílias de Mamíferos integrantes das remessas realizadas da África para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

A única Família de Réptil proveniente do Continente Africano, encaminhada para Lisboa, foi a dos Scindidae, enviada das Ilhas de Cabo Verde; todos as demais eram constituídas por representantes da fauna americana (Figura 146).

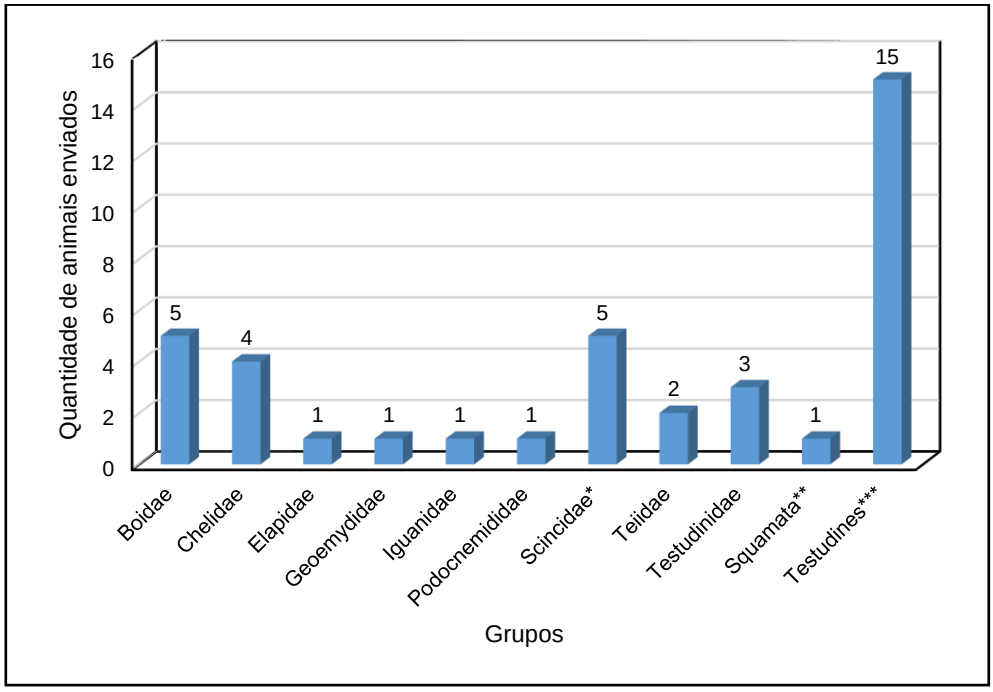


Figura 146: Grupos de Répteis remetidos da África e da América (Brasil) para as Coleções Zoológicas vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Nota: *Única Família africana, **Constituído por uma Cobra-coral, ***Integrada por exemplares denominados "Tartarugas".

Foi observado um predomínio acentuado de animais procedentes da África até meados de 1778, prevalecendo, a partir de então, os exemplares remetidos da América

(Figura 147). Desta forma, podemos estabelecer que a Coleção Zoológica Viva mantida por D. José I deveria apresentar uma preponderância de animais provenientes das colônias africanas.

Um dado que chama nossa atenção é a carência de registro de remessas animais tanto da África quanto do Brasil, entre 1770 e 1772, sendo observada a remessa de apenas dois exemplares provenientes da América e seis do Continente Africano; um dado que merece uma investigação mais aprofundada, pois não conseguimos associar nenhum fator para tal acontecimento. Certamente, o baixo quantitativo de animais enviados de ambos os lados do Atlântico para a metrópole, nesse período, está relacionado a fatos ocorridos alguns anos antes, que acabaram por interferir nestas remessas, ou mais precisamente na ausência delas.

Apesar de observarmos uma redução do número de remessas da África e da América após 1755, ano fatídico em que Lisboa foi destruída por um terremoto, o efeito deste cataclismo sobre o envio de animais para as Coleções Zoológicas Vivas de D. José I, só vai ser percebido em 1777, em relação às remessas brasileiras, e em 1779 no tocante àquelas provenientes da África; contudo, sem atingir o patamar observado para o período de 1770 a 1772, anteriormente citado.

Durante o governo de D. Maria I, observamos uma mudança no perfil dos exemplares que constituíam a Coleção Zoológica Viva desta Rainha, com o predomínio de exemplares provenientes da fauna americana; ainda durante seu reinado o registro de remessas animais cai a um número irrisório a partir de 1792, ano em que a rainha foi oficialmente declarada incapaz de governar Portugal.

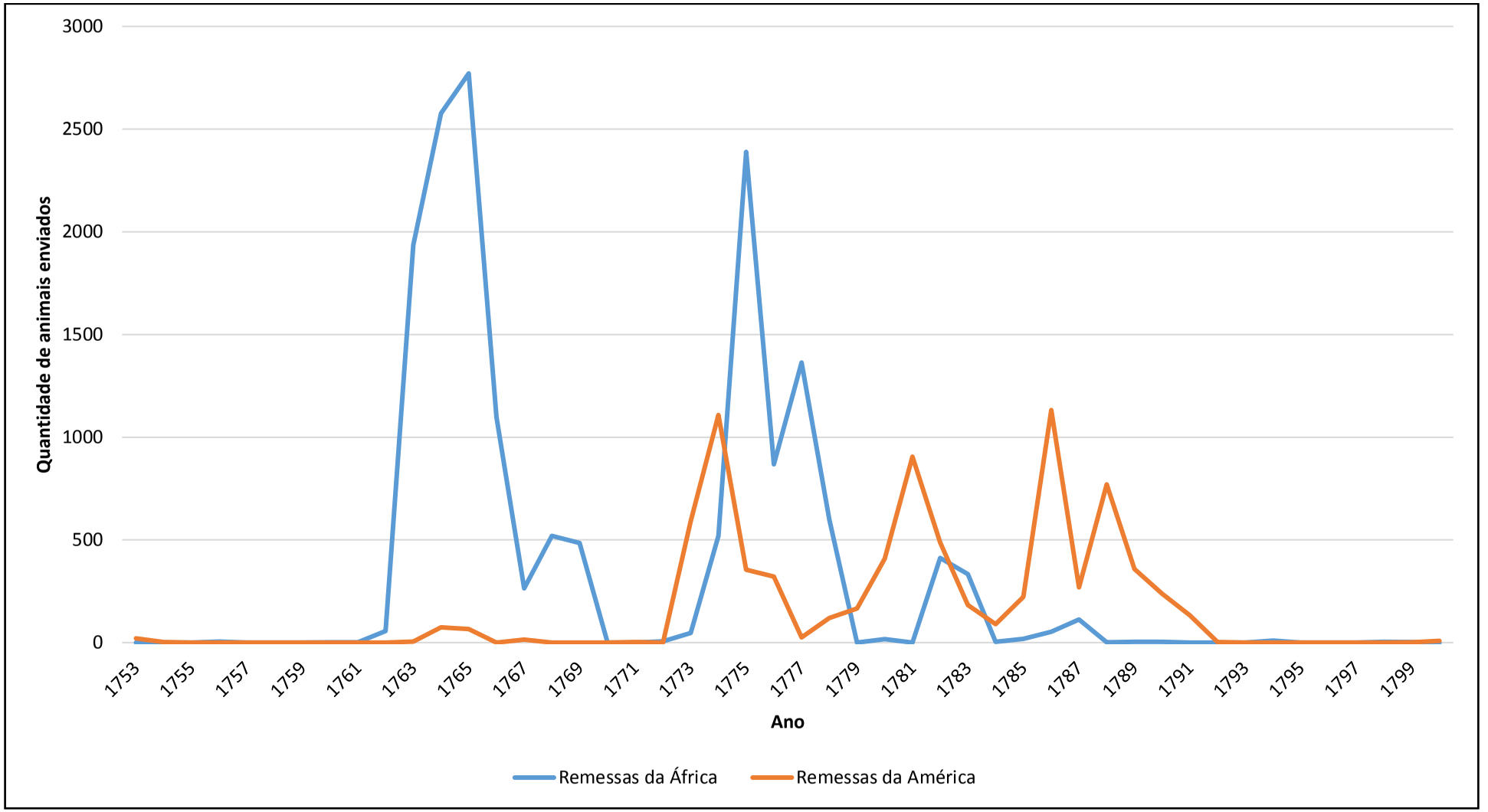


Figura 147: Gráfico comparativo das remessas de animais realizadas da África e da América para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foto: Gerald D. Tang

Observarmos, nos últimos anos, um incremento da produção de trabalhos que abordam as Coleções Zoológicas Vivas Reais mantidas pelas monarquias europeias no final do século XVII e início do XVIII. Contudo, com raras exceções, esses autores não têm, como objetivo, realizar estudos sobre estas coleções, tão peculiares e de difícil caracterização pela efemeridade de seus itens, no sentido restrito do termo, um conjunto de itens naturais que mantêm entre si uma relação não só biológica mas também econômica, social e cultural. O estudo destas coleções, mesmo na atualidade, é raramente realizado, que dirá levantar uma Coleção Zoológica Viva pretérita, cuja maioria de seus componentes teve seus rastros praticamente apagados pelo tempo.

A *Ménagerie* de Versalhes, apontada por muitos como o exemplo clássico de um espaço destinado à exposição de uma Coleção Zoológica Viva Real, por sua estrutura arquitetônica e pelo modo como seus animais eram expostos, foi considerada um verdadeiro "teatro da natureza". Contudo, utilizando o pensamento de Sahlins (2012) estas Coleções Zoológicas, assim como o espaço no qual eram mantidas, estão longe de ser espaços representativos dos padrões naturais, sendo, na prática, um espelho dos padrões sociais vigentes em uma determinada época, fazendo deste espaço mais um "teatro da civilidade". Isto pode ser observado utilizando-se ainda o exemplo da *Ménagerie* mantida pelo rei D. Luís XIV, da França, na "escolha" dos animais exibidos, normalmente selecionados por apresentarem determinadas qualidades, como docilidade, graça e beleza, reflexo do modelo estético estabelecido na época; daí a profusão de exemplares da Classe das Aves. Este raciocínio pode, a grosso modo, ser extensível a todas as Coleções Zoológicas Vivas, reais e não reais, passadas ou atuais.

Uma Coleção Zoológica Viva Real, embora representasse uma seleção de espécimes do mundo natural conhecido, não era constituída, exclusivamente, por exemplares definidos por uma escolha real. Como observamos ao longo desta pesquisa, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, governador da Capitania de Angola, não conseguiu realizar o desejo da rainha consorte, D. Mariana Vitoria de Bourbon em ter, na Coleção Zoológica Viva mantida por seu marido, o rei D. José I, uma Abada ou Rinoceronte, aos moldes de seus antecessores D. Manuel I e D. Sebastião I, que reinaram durante o século XVI[1]. Vale ressaltar que estes exemplares, procedentes do

[1] É importante relembrarmos aqui que os Rinocerontes presentes nas Coleções Zoológicas Vivas de D. Manuel I e de D. Sebastião I eram provenientes da Ásia (*Rhinoceros unicornis*), diferentemente dos exemplares africanos que Coutinho tentou capturar que poderiam ser exemplares de uma das duas espécies de Rinocerontes africanos encontrados em Angola, o Rinoceronte-branco (*Ceratotherium simum*) e o Rinoceronte-negro (*Diceros bicornis*). Sobre a presença de Rinocerontes em Lisboa vale aqui um pequeno comentário: na exposição "Lisboa a cidade global" realizada no período de 24 de fevereiro a 09 de abril de 2017 no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, sob a curadoria de Annemarie Jordan Gschwend e Kate Lowe, que teve como objetivo retratar a Lisboa cosmopolita na época de D. Manuel I, uma das peças de destaque era um Rinoceronte taxidermizado. Lamentavelmente o exemplar exposto era um Rinoceronte africano, e não asiático, como aquele recebido por D. Manuel I. Os Rinocerontes africanos só vão constituir o acervo dos Jardins Zoológicos Portugueses no século XX. O Rinoceronte asiático recebido por D. Manuel I, que deveria ter sido retratado nesta exposição foi, o primeiro exemplar de

Oriente, não foram incorporados às respectivas Coleções Zoológicas por um desejo real de possuir tal animal, mas por sucessivos golpes de sorte, envolvendo sua captura, sua manutenção, seu transporte e finalmente sua chegada a Lisboa, para a glória real e alguns privilégios aos administradores coloniais que realizaram tais façanhas, os quais, vale ressaltar, não são lembrados por estes feitos.

Uma das questões inicialmente levantadas, que objetivou a elaboração desta Tese, era determinar se existia algum padrão que regesse a formação das Coleções Zoológicas Vivas Reais mantidas pelos monarcas portugueses ao longo do século XVIII. Em caso afirmativo, qual seria a lógica inerente desta Coleção constituídas basicamente por uma grande variedade de Aves, um punhado de Mamíferos, além de raríssimos Répteis?

A concepção inicial, pelo menos no senso comum, aponta para uma ausência de qualquer padrão que justificasse os animais mantidos nestas coleções, aos moldes do que, a princípio, observa-se para os gabinetes de história natural desenvolvidos durante este mesmo período. Contudo uma análise mais profunda revelou que alguns grupos animais estão mais presentes em tais coleções, sendo itens obrigatórios e indispensáveis a qualquer coleção desta natureza.

Os representantes das Famílias Psittacidae e Felidae, para citarmos alguns, independentemente de serem desta ou daquela espécie, normalmente estabelecem o núcleo central de uma coleção, a qual, gradativamente, vai se tornando cada vez mais diferenciada pela incorporação de exemplares mais incomuns e menos frequentes, como as cobiçadas Zebras, que fazem da Coleção Zoológica Viva de D. José I uma coleção única em toda a história das Coleções Zoológicas Vivas Reais, por possuir uma manada destes animais.

As duas principais Coleções Zoológicas Vivas mantidas pela monarquia portuguesa durante o século XVIII, demonstram padrões distintos quanto aos animais exibidos: africanos para D. José I, e americanos para D. Maria I, certamente reflexo da política adotada pela metrópole para as colônias situadas nestas regiões d'além mar.

Apesar de a presença de endemismos ter facilitado a identificação de muitos exemplares citados nos manuscritos consultados, o emprego de nomenclaturas regionais ou genéricas impediu o reconhecimento de muitos exemplares, mesmo na categoria Família, os quais foram classificados apenas a nível de Classe.

Um detalhe técnico que interferiu no levantamento dos exemplares, dificultando, em alguns casos, a sua identificação, está associado ao ato simbólico de apropriação dos manuscritos pelas diversas instituições: o carimbo com o nome do estabelecimento que vangloria a guarda dos mesmos. Em muitos documentos esse ato de

---

Rhinoceros unicornis visto no Ocidente, já que os Rinocerontes referidos para a Europa, durante o Período Romano, certamente era constituído por exemplares provenientes da África.

apoderamento, a marca institucional, foi colocada sobre o texto, dificultando a identificação do animal; um caso específico, por exemplo, dificultou o reconhecimento do exemplar enviado, “Macaco” / “Macuco”, ambos passíveis de terem integrado a remessa em questão[2]. O que nos leva a seguinte questão. Existem diferenças entre os diferentes documentos históricos? Os documentos que relatam, por exemplo, as remessas de animais são documentos menores que justificariam a colocação de um carimbo institucional sobre o texto manuscrito, apesar da existência, neste documento, de espaços não utilizados? Se assumirmos que sim, por menor que seja, o procedimento descrito ao relatarmos as remessas realizadas de São Tomé e Príncipe, de que os “papéis Ajulgados incapazes e sem importância” foram descartados, não poderia ser criticado.

Estamos cientes que muito ainda precisa ser pesquisado. Os 24.565 exemplares enviados das colônias portuguesas, ao longo do século XVIII, para as Coleções Zoológicas Vivas Reais representam, certamente, uma parcela reduzida deste valor.

Entretanto, existe ainda, pelo menos, um grande impasse a ser solucionado. Para cada documento relatando os exemplares enviado das colônias, deveria existir outro acusando o seu recebimento, iniciando-se pelo relatório do visitador do ouro logo após a chega das embarcações ao porto de Lisboa. Caso raro, como pudemos constatar pelos parcos registros encontrados nesta pesquisa. Essa carência pode ser justificada pelo diminuto tempo que tivemos para a realização da pesquisa de campo, não nos permitindo visitar outras bibliotecas e arquivos além dos relacionados no início desta Tese, que possam ser responsáveis pela guarda de tais documentos.

Contudo, mais rara ainda é a informação sobre o destino destes sobreviventes ao chegarem à Europa. Para que Paço foram encaminhados? Como eram alojados e mantidos? Uma pesquisa mais minuciosa, envolvendo o levantamento das despesas realizadas pela Corte nos diversos Paços, é essencial para tentarmos solucionar o destino destes animais.

Apesar dessas limitações, conseguimos realizar um levantamento substancial que atesta o transporte de animais realizado das colônias portuguesas para Lisboa durante o século XVIII.

Durante essa pesquisa constatamos que o material apresentado por Loisel em seu tratado L'*Histoire des Ménageries de l'Antiquité à nos jours*, utilizado como uma das fontes inicialmente levantadas, no que diz respeito às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, torna-se irrisório perante a grandeza que estas Coleções tiveram, pelo menos no recorte temporal estabelecido nesta Tese.

[2] MENESES, J. de N. T. de, 1781 (04 de Setembro). AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 127 e 128 Mf 037-97.

Consideramos ainda relevante mencionar a importância das Coleções Zoológicas Vivas Reais como itens de reconhecimento social e de manutenção do poder por parte dos soberanos. Essa relação de poder e de favores fica evidente nos documentos analisados, pelo estabelecimento de vínculos entre aqueles que os enviavam (governadores) e aqueles que os solicitavam (monarcas). Uma relação que acabava por manter o *status quo* da própria sociedade, vigente na época, além de permitir a determinados administradores coloniais ascenderem e integrarem esse privilegiado grupo social pela remessa de determinados exemplares dignos de elevarem as virtudes, os caprichos e, principalmente, o refinamento do monarca que os recebiam.

Assim, as Coleções Zoológicas Vivas Reais exerciam um papel relevante para o estabelecimento da estrutura de sociedade de corte, estando diretamente relacionadas a uma forma de estar no mundo. Elas refletiam a grandeza de seu rei, representando, no caso das Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, o vasto Império que estes monarcas controlavam, além de constituírem um dispositivo estratégico para o estabelecimento de um modelo de vida aristocrático, o que justifica o grande investimento para sua manutenção. Estas Coleções não existiam somente por capricho e deleite de seus proprietários. Elas representavam o *status*, o poder e a importância de quem as possuísse, sendo consideradas dispositivos estratégicos essenciais para o estabelecimento deste arranjo social.

Contudo, apesar de os animais vivos apresentarem um alto valor simbólico para os monarcas, na prática, acabavam adquirindo valores secundários para o Império, pois apesar da economia do Estado estar calcada nos recursos naturais provenientes das colônias, basicamente constituídos pelos recursos minerais – ouro e pedras preciosas, pelos recursos vegetais - sementes, especiarias, fios para a tecelagem e até mesmo pelos itens de origem animal – marfim e couro, que enriqueciam os cofres reais, os animais vivos apenas sangravam o Erário Real para atender aos caprichos reais.

Essa diferença de valoração pode ser percebida através das rotas realizadas pelas embarcações que singravam os mares que estabeleciam o vínculo econômico-político entre as colônias a metrópole. O comércio triangular - Lisboa / África / América / Lisboa – responsável pelo transporte de ouro, de armas e, principalmente, de escravos, era prioritário, e acabava influenciando a rota seguida pelos animais, os quais, por esta razão, apresentavam uma elevada taxa de mortalidade.

Apesar da carência de documentação que ateste a chegada efetiva destes animais a Lisboa, certamente consequência da falta de pesquisa que levante esses dados nos arquivos e bibliotecas e não da inexistência destes documentos, sabemos que os animais chegavam para povoar as Coleções Zoológicas Vivas Reais.

Assim, ao nos referirmos, agora, aos animais mantidos pelos monarcas portugueses, pelo menos aqueles que reinaram durante o século XVIII, dentre eles D.

José I e de D. Maria I, podemos substituir os termos genéricos normalmente empregados em sua designação, como “Pássaros”, “Veados”, “Periquitos”, “Lobo”, por termos específicos, tais como *Pipile jacutinga*, *Mazama gouazoubira*, *Agapornis pullarius*, *Aratinga solstitialis*, *Chrysocyon brachyurus,* dentre tantos outros que levantamos nesta pesquisa.

Além disso, abordamos também a importância do estudo do animal vivo como objeto de coleção, merecedor de maior atenção por parte do campo da Museologia, pelas inúmeras discussões que levanta e que só tendem a enriquecer e fortalecer os princípios gerais que o regem.

Muito ainda precisa ser realizado para solucionarmos as diversas lacunas, ainda presentes, nas Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas. Neste sentido consideramos este trabalho um bom ponto de partida para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Foto: Villager Jim

ACAMPORA, R. Zoos and Eyes: Contesting captivity and seeking successor practices. Society and Animals 13:1, p. 68-88, 2005.
Disponível em: <https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2016/01/acampora.pdf>. Acesso: 20 Jun. 2012.

ALVARES, F.; ALONSO, P.; SIERRA, P.; PETRUCCI-FONSECA, F. Os fojos dos lobos na Península Ibérica: sua inventariação, caracterização e conservação. Galemys 12 (nº especial), pp. 57-77, 2000.

ANÔNIMO, [post. 1706]. Rol da despesa feita com 19 passaros Islandeses que vieram de Copenhague para Sua Magestade [rei D. João V ?]. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 3.

ANÔNIMO, [post. 1754]. Descrição do macaco marítimo, a que [Mathurin Jacques] Brisson chamou Pequeno Leão do Brasil, e que foi levado em 1754 à Marquesa de Pompadour. BNPA, Ms. Av. 54-XIII-4, nº 73.

ANÔNIMO, 1776 (25 de Janeiro). Minuta ao [enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal junto às cortes de Haia] José Vasques Álvares da Cunha, tomando ciência do envio de 6 falcões pelo rei da Dinamarca. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

ANÔNIMO, 1780 (25 de Março). Folha de pagamento das pessoas que trabalharam por ordem de Sua Majestade nos Viveiros que se fazem no Jardim pequeno da Quinta de baixo para acomodação dos pássaros, na semana finda em 25 de Março de 1780. ANTT, Casa Real, nº 3635.

ANÔNIMO, 1781. Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e noticias pertencentes à historia da natureza para formar hum Museo Nacional. Regia Officina Typographica, Lisboa, 1781, 45 p.

ANÔNIMO, 1782 (29 de Junho). Folha de pagamento das pessoas que trabalharam por ordem de Sua Majestade na Real obra do Viveiro dos pássaros da Quinta de baixo, na semana finda em 29 de Junho de 1782. ANTT, Casa Real, nº 3637.

ANÔNIMO, 1785 (05 de Fevereiro). Folha de pagamento das pessoas que trabalharam por ordem de Sua Majestade no xadrez do Viveiro dos pássaros da Quinta de baixo, na semana finda em 05 de Fevereiro de 1785. ANTT, Casa Real, nº 3643.

ANÔNIMO, 1785 (12 de Fevereiro). Folha de pagamento das pessoas que trabalharam por ordem de Sua Majestade na Real obra do lajedo de xadrez do Viveiro dos pássaros da Quinta de baixo, na semana finda em 12 de Fevereiro de 1782. ANTT, Casa Real, nº 3643.

ANÔNIMO, 1825. Rendimento das Reais Quintas de Queluz, Caxias e Bemposta em todo o ano de 1825, e despesa que foi paga com o mencionado rendimento no sobre dito ano. ANTT, Casa do Infantado, mç. 719.

ANÔNIMO, 1830. Despesas feitas com o sustento de diversos animais mantidos na Real Quinta de Queluz nos meses de Novembro e Dezembro de 1830. ANTT, Casa Real, nº 3691.

ABRANTES, M. L.; INFANTE, M. R.; MARTINHEIRA, J. S. Macau e o Oriente: no Arquivo Histórico Ultramarino, 1833 – 1911. Instituto Cultural de Macau, 1999.

ABRANTES, M. L.; MARTINHEIRA, J. S. Catálogo da série Timor do Conselho Ultramarino, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2001, p. 135 – 245.

ABREU, J. A. P. Roteiro do viajante no continente e nos caminhos de ferro de Portugal em 1865, Coimbra, 1865. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=nDMLAAAAIAAJ&dq=%C3%A1gueda+correios&lr=&hl=pt-BR&pg=PA188&ci=98,435,876,249&source=bookclip&redir_esc=y#v=onepage&q=necessidades&f=false>. Acesso: 20 Out. 2016.

ABREU, J. A. de, 1845. Planta do Real Palácio e Quinta de Belém. ANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, pt. 3, doc. 131.

ALBERGARIA, J. de A. e V. de S. e C. S. de, 1787 (12 de Julho). Ofício do governador e capitão general de Angola, barão de Moçâmedes, [José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho Soares de Albergaria], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando pela galera vinda da Ásia, comandado pelo capitão Domingos Xavier Ribeiro, aves e animais para o Reino, informando que o navio Nossa Senhora do Bonfim chegara com várias avarias. AHU-Angola, Cx. 72, D. 36.

ALBERGARIA, J. de A. e V. de S. e C. S. de, 1790 (15 de Agosto). Ofício do governador e capitão general do reino de Angola, barão de Moçâmedes [José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho Soares de Albergaria, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de uma

ave rara, proveniente do sertão de Benguela, assim como de uma pele de “peixe-mulher” (mamífero aquático) para o Museu de História Natural. AHU-Angola, Cx. 75, D. 36.

ALBUQUERQUE, A. de, 1510 (12 de Janeiro). Mandado para que o almoxarife dos mantimentos de Cochim dê o mantimento diário necessário para sustento de um elefante. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 20, nº 40.

ALBUQUERQUE, A. de, 1513 (12 de Janeiro). Mandado de Afonso de Albuquerque, Governador das Índias, por que ordena a Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, dê aos naires que tratam dos elefantes os mantimentos conteúdos no dito mandado para os elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 36, n.º 181.

ALBUQUERQUE, A. de, 1513 (20 de Novembro). Ordem de Afonso de Albuquerque ao almoxarife dos mantimentos da fortaleza de Cochim, em que manda entregar ao meirinho da galé os 2 negros escravos que fazem de comer aos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 43, n.º 68.

ALBUQUERQUE, A. de, 1514 (30 de Janeiro). Ordem de Afonso de Albuquerque ao almoxarife dos mantimentos para o dar a 1 elefante que está doente. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 44, nº 123.

ALBUQUERQUE, A. de, 1514 (30 de Janeiro). Ordem de Afonso de Albuquerque a Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, para dar de mantimento aos elefantes que manda a Goa, 45 parás de arroz, 11 de arila e outros. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 44, n.º 122.

ALBUQUERQUE, A de, 1514 (25 de Janeiro). Ordem de Afonso de Albuquerque a Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, em que lhe manda dar, para os homens portugueses que vão na nau dos elefantes, 1 fardo de arroz, meio quintal de biscoito e 2 canadas de manteiga para seu mantimento. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 44, n.º 99.

ALBUQUERQUE, A. de, 1514 (16 de Março). Mandado de Afonso de Albuquerque, governador da Índia, para Francisco Corvinel dar 2 teadas para o elefante. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, n.º 158.

ALBUQUERQUE, A. de, 1514 (18 de Março). Mandado de Afonso de Albuquerque, governador da Índia, para Francisco Corvinel dar 2 toadas para o curativo do elefante do Rei [D. Manuel]. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, n.º 169, 1514.

ALBUQUERQUE, A., 1514 (12 de Setembro). Mandado de Afonso de Albuquerque, capitão geral de Goa, para se darem aos elefantes,2 cada dia, 6 mãos e meia de arroz para seu sustento. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 51, n.º 71.

ALBUQUERQUE, A. [?], 1515 (05 de Janeiro). Mandado do capitão-geral a Lourenço Moreno, feitor de Cochim, para pagar de frete de 3 elefantes que foram para Goa 3.200 fanões. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 54, n.º 39.

ALBUQUERQUE, A. de, 1515 (18 de Fevereiro). Mandado de Afonso de Albuquerque para o feitor Francisco Corvinel dar a João Gonçalves, mensageiro ao Idalcão, o elefante grande do dente quebrado, 1 cavalo russo, 1 peça de veludo preto e mais coisas declaradas no dito mandado. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 55, nº 101.

ALBUQUERQUE, A. de, 1517 (06 de Abril). Mandado do capitão geral Afonso de Albuquerque para o feitor e oficiais da feitoria de Goa, darem ao mouro que trata de um elefante 500 réis cada mês para seu mantimento. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 46, n.º 33.

ALBUQUERQUE, J. P. de C., 1767 (22 de Maio), Bahia. Recibo de José Pires de Carvalho e Albuquerque, relatando que José Rodrigues do Nascimento, Mestre da Sumaca Invocação de Santa Alma e Almas vinda de Angola recebeu um leão, enviado pelo [governador e capitão-general de Angola], Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao Ex^{mo} Sr. Conde de Azambuja, Governador e Capitão-general da Capitania da Bahia, para ser entregue a S. Mag Fidelissima; e que o mesmo desembarcou na Ribeira das Naus desta cidade encontrando-se vivo até a presente data. AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55
.

ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1784 (25 de Dezembro). Carta do governador da Capitania do Pará, Martinho de Sousa e Albuquerque ao ministro da Marinha e dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Mello e Castro informando a remessa de animais realizadas [pelo governador da capitania de São José do Rio Negro] João Pereira Caldas, capturados pela expedição orientada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. AN Fd 89 Cod 99 V 5 Fl 370 e 371 Mf 038-97.

ALBUQUERQUE, M. de S., 1786 (17 de Janeiro). Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque, governador da capitania do Pará a Martinho de Melo e Castro, ministro da Marinha e dos Negócios Ultramarinos informando a remessa de aves embarcadas no navio N. Sra. da Conceição, Paquete para as Quintas de Sua Majestade. AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 4 e 5 Mf 038-97.

ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1786 (17 de Março). Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque, governador da capitania do Pará a Martinho de Melo e Castro, ministro da Marinha e dos Negócios Ultramarinos informando a remessa de aves, oriundas da região do Rio Negro, enviadas pelo governador [da capitania de São José do Rio Negro] João Pereira Caldas, embarcadas no navio Minerva e São Macário para as Quintas de Sua Majestade. AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 25 e 26 Mf 038-97.

ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1786 (15 de Abril). Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque, governador da capitania do Pará a Martinho de Melo e Castro, Ministro da Marinha e dos Negócios Ultramarinos informando a remessa de animais que o Governador da Capitania do Rio Negro, João Pereira Caldas mandava para as quintas reais de Lisboa. AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 57 e 58 Mf 038-97.

ALBUQUERQUE, M. de S. e, 1787 (29 de Outubro). Ofício do Governador e Capitão Geral [do Grão-Para] Martinho de Souza e Albuquerque, ao S.r Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, informando a remessa de aves, animais e plantas, embarcados na galera Nossa Senhora da Luz, sob o comando de Manoel Franco para serem entregues na cidade de Lisboa. AN Fd 89 Cod 99 V 8 Fl 192 e 193.

ALBUQUERQUE, M. de S., 1788 (24 de Março). Ofício [do governador da capitania do Grão-Pará, Martinho de Sousa Albuquerque ao [Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos] Martinho de Melo e Castro, com a relação das plantas [, aves e animais quadrupedes] embarcados, pelo capitão de Auxiliares Luis Pereira da Cunha, na charua Aguia [Real e coração de Jesus] de que é comandante o Tenente do Mar Antonio Jozé Monteiro, para serem entregues no Real Gabinete na Corte. AN Fd 89 Cod 99 V 9 Fl 32 a 34.

ALMEIDA, A. V. de; PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M. Animais enviados para Portugal, entre 1754 e 1805, pelos governadores da capitania de Pernambuco. São Paulo, NEHILP/FFLCH/USP, 2014. Disponível em: <www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_2.pdf>. Acesso: 15 Dez. 2015.

ALMEIDA, I. C. & RODRIGO, A. L. Pegadas na Torre. Lisboa, Torre de Belém, 1992.

ÁLVARES, F.; DOMINGUES, J. Presença histórica do urso em Portugal e testemunho da sua relação com as comunidades rurais. ACAFA on line, no 3, 2010.
Disponível em: <http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/O_Urso_em_Portugal.pdf>. Acesso: 23 Ago. 2016.

ANDRADE, G. F. de, 1761 (07 de Março). Ofício do [governador do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo], conde de Bobadela, [Gomes Freire de Andrade], ao [secretário de estado do Reino e Mercês], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], informando a chegada de um casal de elefantes remetidos pelo general do Reino de Angola, como um presente para a Família Real no Reino; referindo que os animais seguem na nau de guerra sob os cuidados de seu irmão, José Antônio Freire [de Andrade], com todos os mantimentos necessários à sua sobrevivência. AHU_CU_017, Cx. 62, D. 5925.

ANDRADE, G. F. de, 1762 (11 de Abril). Ofício do [governador do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo], conde de Bobadela, [Gomes Freire de Andrade], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando que tem feito diligências no Rio de Janeiro para arranjar pássaros raros e exóticos para as quintas reais. AHU_CU_017, Cx. 64, D. 6086.

ANDREONE, F. Herpetological observations on Cape Verde: a tribute to the Italian naturalist Leonardo Fea, with complementary notes on Macroscincus coctei (Duméril & Bribon, 1839. Herpetozoa 13 (1/2): 15-26, Wien, 2000.

ARAÚJO, A. Função Presidencial e Política Externa. Relações Internacionais, Dezembro 2010, 28, pp. 61-79.

ARAÚJO, A. R. M. Das Riquezas do Brasil aos gastos e gostos de um suíço em Lisboa. David de Purry, um amigo de Pombal (1709-1786). Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técniscas do Patrimônio. I Série, v. 2, pp. 109-137. Porto, 2003.

ARAUJO, A. V. de, 1776 (04 de Março). Ofício do sargento-mor e comandante da praça de Cacheu, António Vaz de Araújo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], informando em resposta a uma ordem régia que na costa da Guiné havia muitas qualidades de pássaros e ferras, e alguns não eram fáceis de serem transportados, como era o caso dos pelicanos que só comiam peixe, e outros que dificilmente podiam ser apanhados vivos; informando que remeteu pelo navio São Pedro Gonçalves, de que era capitão João do Espirito Santo, uma corsa doméstica e que ali ficaram três Gangas, três Patos, algumas Galinhas-do-mato e um Gato-de-algália. AHU_CU_049, Cx. 10, D. 875.

ARAUJO, A. V. de, 1776 (08 de Março). Ofício do sargento-mor e comandante da praça de Cacheu, António Vaz de Araújo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], remetendo a relação da carga que a corveta São Pedro Gonçalves, de que era capitão João do Espirito Santo, levava para Lisboa; queixando-se que os novos administradores da Companhia do Grão-Pará e maranhão não avisavam a data em que embarcavam os escravos para que pudesse mandar o escrivão da Fazenda Real para contá-los e assistir ao embarque, causando prejuízos à Fazenda Real; e dando conta que seguia para a Corte um Gato-de-algália, algumas Galinhas-de-mato. AHU_CU_049, Cx. 10, D. 881.

ARAUJO, A. V. de, 1776 (18 de Junho). Ofício do sargento-mor e comandante da praça de Cacheu, António Vaz de Araújo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], dando conta que recebeu três cartas do governador das ilhas de Cabo Verde, [Joaquim Salema de Saldanha Lobo], e que na terceira o mesmo se queixa de não ter sido dada execução à ordem para enviar pássaros e animais nativos da Guiné para as quintas reais; adverte que tinha dado seguimento a dita ordem e enviado os animais pelo navio São Pedro Gonçalves, de que era capitão João do Espirito Santo; remetendo o recibo dos animais que remeteu na dita embarcação. AHU_CU_049, Cx. 10, D. 890.

ARAUJO, A. V. de, 1777 (16 de Junho). Ofício do sargento-mor e comandante da praça de Cacheu, António Vaz de Araújo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], remetendo a relação dos bichos e pássaros que levava a corveta Nossa Senhora da Oliveira, de que é capitão Francisco de Sales Silva. AHU_CU_049, Cx. 10, D. 917.

ARAÚJO, J. V. de, 1769 (19 de Julho), Benguela. Ofício do [capitão-mor de Benguela] José Vieira de Araújo ao [governador e capitão-general de Angola] D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho informando a captura de 6 casais de zebras e de dois outros animais chamados guelengues considerados raros e belos, e o cuidado empregue para a sua domesticação e envio para Luanda. AHU-CU-001, Cx. 53, D. 61.

ARAÚJO, J. V. de, 1778 (26 de Agosto). Ofício do [capitão-mor de Benguela] José Vieira de Araújo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo viveiros de pássaros e respectivos mantimentos da viagem dos mesmos. AHU-Angola, Cx. 61, D. 84.

ARAÚJO, R. Os mapas do Mato Grosso: O Território como projeto. Terra Brasilis (Nova Série) – Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica.
Disponível em: <https://terrabrasilis.revues.org/1230>. Acesso: 27 de Ago. 2017.

ARNOTT, J. From Menageries to Marterplans: Linking the Botanical with the Zoological. BGCI Magazine, v. 1 n. 2, Oct. 2004. Disponível em: <http://www.bgci.org/global/history/>. Acesso em: 12 Nov. 2012.

AVELAR, J. A. C. de, 1782 (20 de Abril). Relação feita pelo [secretário das demarcações], José António Carlos de Avelar de passáros e outros animais enviados pelo [encarregado das demarcações do Rio Negro] e capitão-general João Pereira Caldas para o Reino. AHU_CU_020, Cx. 5, D. 243.

AZEVEDO, L. da A. e; PESSANHA, F. X. L. M.; VASCONCELLOS, P. A. de A. da C. A. e, 1783 (18 de Janeiro). Carta dos governadores interinos de Angola: Reverendíssimo Bispo D. Luís da Anunciação e Azevedo, ouvidor-geral Joaquim Manuel Garcia de Castro Barbos, coronel de infantaria João Monteiro de Morais, à rainha [D. Maria I] remetendo para o Reino três viveiros com com 241 pássaros e dois bichos chamados seles. AHU-Angola, Cx. 67, D. 26.

AZEVEDO, L. da A. e; PESSANHA, F. X. L. M.; VASCONCELLOS, P. A. de A. da C. A. e, 1783 (07 de Outubro). Ofício do [governo interino composto por] Bispo de Angola D. Luís da Anunciação e Azevedo, ouvidor-geral Francisco Xavier Lobão Machado Pessanha, e do coronel do regimento de infantaria da guarnição da cidade de Luanda Pedro Álvares de Andrade da Cunha Azevedo e Vasconcellos ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro informando o envio de duas gaiolas com uma onça e um lobo que seguiam por Perbambuco com destino para o Reino. AHU-Angola, Cx. 67, D. 25.

BACELAR, D. F.; SILVA, A. P. F. O bom selvagem e o preservacionista genocida: mitos e conflitos na utilização e conservação da biodiversidade brasileira por populações não-industriais. Revista Biociências, UNITAU. Volume 14, número 2, 2008. P. 144-151. Disponível em: <periodicos.unitau.br>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

BADÈ, W. F. The Life and Letters of John Muir. Houghton Mifflin Company, 1924.

BADKER, D. (Ed.). The Medieval Bestiary, 2010. Disponível em: <http://bestiary.ca/intro.htm>. Acesso em: 30 Out. 2012.

BANDEIRA, R. P., 1792 (27 de Fevereiro). Ofício do [comandante do Rio Grande de São Pedro], brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], pedindo a demissão do cargo que ocupa por se achar doente e sem forças, e informando que enviará pela galera feita naquele continente alguns objectos curiosos para a história natural. AHU_CU_019, Cx. 3, D. 261.

BONVICINO, C. R.; OLIVEIRA, J. A.; D'ANDREA, P. S. Guia dos roedores do Brasil, com chave para gêneros baseadas em caracteres externos. 120 p. Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS, 2008. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/media/livro%20roedores.pdf>. Acesso: 09 Jan. 2018.

BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. A History of Zoological Gardens in the West. Reaktion Books, 2004.

BARBOSA, I. V. Apontamentos para a historia das collecções e dos estudos de zoologia em Portugal. Typ. De Christovão Augusto Rodrigues, Lisboa, 1885.

BARKER, I. R. The Shrinking difference between artifacts and natural objects. Em: BULTUC, P. (Ed.). Philosophy an Computers. American Philosophical Association Newsletters 07 (2) Spr. 2008.

BARRETO, F. A., 1781 (19 de Março). Relação dos animais quadrúpedes enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, A.

BARRETO, F. A., 1781 (19 de Março). Relação dos pássaros enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, B.

BARRETO, F. A., 1781 (20 de Março). Relação dos animais quadrúpedes enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, C.

BARRETO, F. A., 1781 (20 de Março). Relação dos pássaros enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, D.

BARRETO, F. A., 1781 (09 de Maio). Relação dos animais enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, E.

BARRETO, F. A., 1781 (09 de Maio). Relação dos pássaros enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, F.

BARRETO, F. A., 1781 (19 de Maio). Relação dos animais enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, G.

BARRETO, F. A., 1781 (19 de Maio). Relação dos pássaros enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para serem remetidos para a Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, H.

BARRETO, F. A., 1781 (13 de Julho). Relação dos animais quadrúpedes enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha ao Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para que este os encaminhe à Corte. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, I.

BARRETO, F. A., 1781 (13 de Julho). Relação dos pássaros enviados pelo sargento-mor comandante da Vila de Santos Francisco Aranha Barreto por ordem do Sr. Governador [se São Paulo] Captião-general Martim Lopes Lobo de Saldanha Ill.mo Ex.mo S.r vice Rey do Estado [do Brasil, Luis de Vasconcelos e Sousa], para que este os encaminhe à Corte. AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, J.

BASTO, M. A., 1798 (12 de Março). Ofício de Marcelino Antonio Bastos [Governador das Ilhas de Cabo Verde] a Rodrigo de Souza Coutinho [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], informando a remesa de doze caixotes com produtos naturais, uma capoeira com quatro lagartos e cinco caixotes com plantas vivas, pelo navio Nossa Senhora do Bom Despacho do capitão Joaquim Pereira Machado. AHU-Cabo Verde, Cx. 51, D. 31.

BASTO, M. A., 1798 (01 de Abril). Ofício de Marcelino Antonio Bastos [Governador das Ilhas de Cabo Verde] a Rodrigo de Souza Coutinho [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], informando a relação dos caixotes, plantas vivas e demais produtos naturais no Brigue de guerra Dragão, do qual é comandante Antonio Pesich. AHU-Cabo Verde, Cx. 51, D. 41.

BASTO, M. A., 1798 (06 de Junho). Ofício de Marcelino Antonio Bastos [Governador das Ilhas de Cabo Verde] a Rodrigo de Souza Coutinho [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], informando a remessa de caixotes com salitre e plantas vivas pela fragata de sua magestade o Activo; informa também que não enviou os peixes, aves e plantas secas pela falta de frascos de boca larga e de papelão. AHU-Cabo Verde, Cx. 52, D. 9.

BASTO, M. A., 1798 (09 de Agosto). Ofício de Marcelino Antonio Basto [Governador das Ilhas de Cabo Verde] a Rodrigo de Souza Coutinho [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], informando a remessa, pelo Bargantim da Real Fazenda Nossa Senhora da Concepção, do mestre Narcizo Martins, sete caixotes com produtos naturais e três cabras com má formações. AHU-Cabo Verde, Cx. 51, D. 69.

BASTO, M. A. 1799 (20 de Maio). Ofício de Marcelino Antonio Bastos [Governador das Ilhas de Cabo Verde] a Rodrigo de Souza Coutinho [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], informando o envio de várias produções naturais pelo Bargantim Boa amizade, do mestre Antonio Vaz Curvelo, dentre elas uma galinha e uma cabra com má formações. AHU-Cabo Verde, Cx. 52.

BAUDRILLARD J. O sistema dos objetos. Editora Perspectiva S. A., 2012, 5ª Edição, 1ª reimpressão.

BAYAÕ, J. P. Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do Senhor Rey Dom Sebastiaõ, o desejado de saudosa memoria. Lisboa, 1737.

BEAUDRY, P. Charlemagne and Harun al-Hashid. Part I. Disponível em: <http://amatterofmind.org/Pierres_PDFs/HISTORY%202/BOOK_I/4._CHARLEMAGNE_AND_HARUN_AL-RASHID,_PART_I.pdf>. Acesso em: 29 Out. 2015.

BECKFORD, W. T. Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha, 1935. Disponível em: <http://beckford.c18.net/wbrecollalcobatalhaindex.html>. Acesso em: 13 Out. 2016.

BEIRANTE, M. A. Salvação e memória de três Donas Coruchenses do século XIV. In: Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Marques - III Volume. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. 1975, Abril S.A. Cultural e Industrial. São Paulo.

BERGER, J. Why look at animals? Penguin Books, 2009.

BERNARDO, L. M. Cultura científica em Portugal: Uma perspectiva histórica. Universidade do Porto, 2013. 366 p.

BERTUCCIOLI, G. A lion in Peking: Ludovico Buglio and the Embassy to China of Bento Pereira de Faria in 1678. *East and West*, Vol. 26, No. 1/2 (March - June 1976), pp. 223-240. Disponível em: <www.jstor.org/stable/29756238>. Acesso: 17 Nov. 2016.

BOCAGE, J. V. B du. Lista dos reptis das possessões portuguesas d'África occidental que existem no museu de Lisboa. Jornal de Sciencias Mathematicas Physicas e Naturaes. Academia Real das Sciencias de Lisboa, N. I – Novembro, 1866. p. 37.

BOCARRO, A. Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoaçoes do Estado da Índia Oriental, 1635. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. Disponível em: <http://purl.pt/27184>. Acesso: 21 Nov. 2017.

BODSON, L. Living reptiles in captivity: A Historical survey from the origins to the end of the XVIII th Century. Acta Zoologica et Pathologica Antverpiensia, n. 78, 1984, p. 16-17. Em: Bel, V. L., Van den Sanden, A. P. (Ed). Maintenance and Reproduction of Reptiles in Captivity, vol I.

BÖKÖNYI, S. Definitions of Animal Domestication. In: CLUTTON-BROCK, J. (Ed.). The Walking Lader: Patterns of Domestication, Pastoralism and Predation. Routledge Library Editions: Archaelogy, 1986.

BRANDÃO, C. da C., 1768 (26 de Agosto). Termo de declaração de juramento lavrado por Caetano da Costa Brandão, escrivão dos Armazéns dos Materiais da Coroa, no qual relata a doença e morte da Zebra de Angola. AHU_CU_005—01, Cx. 43, D. 7957.

BRO-JØRGENSEN. M. Sem Título. ICOFOM Study Series 8, 1985.

BROWN, J. H. & LOMOLINO, M V. Biogeografia. FUNPEC Editora, 2006.

BUDRIESI, Anna Laura Trombetti. Introduzione. *De Arte venandi cum avibus*. Bari: Laterza, 2015 *apud* REFLING, Mary. Frederick's Menagerie. Second Annual Robert Dombrowski Italian Conference, Storrs, Connecticut, 17-18 Set. 2005.
Disponível em: <http://faculty.fordham.edu/refling/Frederick%E2%80%99s%20Menagerie.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2015.

BUFFON, et all. Encyclopédie d'Histoire Naturelle. Paris.

BUFFON, C. Natural History, General and Particular. V. XIV, History of Birds. London, 1812.

BUJOK, M. Animals, Women and Social Hierarchies: reflectons on Power Relations. DEP Deportate, esuli, profugbe. Rivista telematica di studi sulla memora femmimle, n. 23, 2013.

BUQUET, T. Les animaux exotiques dans les menageries medievales. Jacques Toussaint. Fabuleuses histoires des bêtes et des hommes, Trema - Société archéologique de Namur, pp.97-121, 2013. <halshs-00905429>.

BURCAW, G. E. Introduction do Museum Work. Lanham, Altamira Press, 1997, p. 13. Disponível em: <https://www.amazon.com/Introduction-Museum-American-Association-History/dp/0761989269>. Acesso: 07 Mai. 2017.

BRAGANÇA, M. A., 1853 (15 de Setembro). Carta da [Infanta] D. Maria [Ana] para o seu irmão, o Infante D. Luís, sobre a nova dos "lindos pássaros vivos" que ele tem, entre os quais um encarnado com azas pretas e 2 "montemarteis" que vieram do Brasil, e mandando saudades dos irmãos. Biblioteca da Ajuda, Ms. Av.BA-54-VI-14, nº 59.

BRULON, B. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. Inf. & Soc: Est., João Pessoa, v. 25, n.1, p.25-27, Jan./Abr. 2015.

CALERO, F. Jerónimo Münzer y el descubrimiento de America. Revista des Indies, 1996, v. LVI, nº 207, pp. 279-296.

CALDAS, J. P. 1773 (29 de novembro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo duas capoeiras com pássaros de diferentes espécies daquele Estado para o Reino, como jacú, tujûjû, motum, jacamim, araras e serecuras, a cargo do capitão tenente Manuel da Cunha Bettencourt, e do capitão Bernardo Franco. AHU_CU_013, Cx. 71, D. 6082.

CALDAS, J. P. 1774 (09 de março). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo as relações de algumas espécies de aves e animais naturais daquele Estado do Pará transportados para Lisboa, a bordo da charrua "Nossa Senhora das Mercês", de que é capitão [e prático] António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.

CALDAS, J. P. 1774 (09 de julho). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo a relação da qualidade e quantidade de pássaros e bichos daquela capitania embarcados na charrua "Nossa Senhora da Purificação", de que é piloto requerimento prático Joaquim José das Mercês, com destino às Reais Quintas do Reino, e dando conta das suas preocupações com a preservação dos mesmos. AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6152.

CALDAS, J. P. 1774 (19 de novembro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma relação de aves e animais naturais daquele Estado do Pará, embarcados na charrua "Nossa Senhora das Mercês", de que é piloto e prático António José Monteiro, com destino às Reais Quintas de Belém, na cidade de Lisboa, e dando conta da morte de alguns deles durante a viagem pela diferença de clima e por estranharem a falta de liberdade. AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6167.

CALDAS, J. P. 1775 (18 de janeiro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo as relações dos animais e aves de várias espécies naturais daquele Estado transportados para Lisboa, [a bordo do navio "Santa Ana e São Francisco Xavier", de que é capitão Bernardo Franco], com destino às Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6188.

CALDAS, J. P. 1775 (03 de fevereiro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo a relação dos animais e aves naturais daquela capitania que foram enviados para as Quintas Reais, [em Lisboa, a bordo da corveta "São Francisco Xavier", de que é capitão Manuel da Silva Tomás]. AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6192.

CALDAS, J. P. 1775 (17 de abril). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação das aves e animais naturais daquele Estado do Pará enviados para as Quintas Reais de Belém, [a bordo das charruas “Nossa Senhora da Purificação” e “Nossa Senhora das Mercês”, de que são pilotos e práticos Joaquim José das Mercês e Manuel Travassos]. AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6213.

CALDAS, J. P. 1775 (27 de junho). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre envio de uma onça remetida pelo o governador da capitania do Mato Grosso, [Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres], para as Quintas Reais de Belém, a cargo do capitão João do Espírito Santo. AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6226.

CALDAS, J. P. 1775 (27 de junho). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, remetendo relação do o número e da qualidade de aves e animais naturais da capitania do Pará transportados para o Reino, a bordo das galeras da Companhia Geral do Comércio [do Grão-Pará e Maranhão, “São Pedro Gonçalves”, de que é capitão João do Espírito Santo, “Nossa Senhora da Oliveira”, de que é capitão Manuel Luís do Cabo, e “São Paulo”, de que é mestre Domingos António Chaves], com partida marcada para 29 de Junho de 1775. AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6227.

CALDAS, J. P. 1776 (05 de janeiro). Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação dos animais e aves que envia para as Quintas Reais da cidade de Lisboa a bordo da charrua "Nossa Senhora da Glória", de que é capitão Manuel Travassos. AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6266.

CALDAS, J. P. 1776 (07 de março). Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de um pássaro chamado Urubutinga e um periquito a bordo do navio "Santa Ana e São Francisco Xavier", de que é capitão Bernardo Franco, para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6296.

CALDAS, J. P. 1776 (04 de maio). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de uma onça e de um galinho da Cachoeira do Rio Negro, a bordo da corveta "São Pedro Gonçalves", de que é mestre João do Espírito Santo, com destino às Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6313.

CALDAS, J. P. 1776 (02 de junho). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de dez marrecões para as Quintas Reais de Belém a bordo da charrua ["Nossa Senhora das Mercês"], de que é piloto e prático António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6329.

CALDAS, J. P. 1776 (15 de agosto). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a quantidade e qualidade de pássaros e animais remetidos para as Quintas Reais de Belém, a bordo [da charrua "Nossa Senhora da Glória", de que é capitão Manuel Travassos]. AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6338.

CALDAS, J. P. 1776 (12 de novembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação das aves e animais destinados às Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6359.

CALDAS, J. P. 1777 (22 de janeiro). Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre as condições em que chegam os pássaros e animais enviados para as Quintas Reais, remetendo relação dos que vão a bordo da charrua "Nossa Senhora da Purificação", de que é piloto e prático Joaquim José das Mercê se informando acerca da relutância dos moradores em se empregarem nas fábricas de anil, das diligências que têm tomado para o incremento do cultivo do arroz, do descuido da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão no fornecimento de escravos e da falta de mão-de-obra. AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6376.

CALDAS, J. P. 1777 (07 de abril). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de dois periquitos para o Reino, a bordo do navio "Grão-Pará", de que é capitão Manuel da Silva Tomás. AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6394.

CALDAS, J. P. 1777 (21 de junho). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de dois rouxinóis para as Quintas Reais de Belém, a bordo da galera "Nossa Senhora da Nazaré e Senhor do Bonfim", de que é capitão António Florêncio. AHU_CU_013, Cx. 77, D. 6412.

CALDAS, J. P. 1777 (18 de setembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio, pela charrua "Nossa Senhora da Purificação", de que é capitão Joaquim José das Mercês, de periquitos e um saguim, para as Quintas Reais em Lisboa. AHU_CU_013, Cx. 77, D. 6456.

CALDAS, J. P. 1777 (11 de outubro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo quatro macacos e um periquito, pela charrua "Nossa Senhora da Purificação", de que é capitão Joaquim José das Mercês, [para as Quintas Reais de Belém]. AHU_CU_013, Cx. 78, D. 6466.

CALDAS, J. P. 1777 (17 de outubro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo um macaco chamado Quatá a bordo do navio "Nossa Senhora de Belém e São João Batista", de que é comandante o capitão-tenente Manuel da Cunha Bettencourt, para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 78, D. 6473.

CALDAS, J. P. 1778 (13 de fevereiro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a relação de pássaros e animais da capitania do Pará enviados para as Quintas Reais de Lisboa, a bordo do navio "Grão-Pará", de que é capitão Manuel da Silva Tomás. AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6538.

CALDAS, J. P. 1778 (30 de março). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma capoeira com marrecões para as Quintas Reais de Lisboa, a bordo da corveta "São Pedro Gonçalves", de que é capitão João do Espírito Santo. AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6559.

CALDAS, J. P. 1778 (12 de maio). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma capoeira com trinta e quatro periquitos [para as Reais Quintas, em Lisboa], a bordo do navio "Maranhão", de que é mestre António José de Carvalho. AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6576.

CALDAS, J. P. 1778 (05 de dezembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando relação dos pássaros e a animais transportados para as Quintas Reais de Belém a bordo do navio "Nossa Senhora de Belém e São João Baptista", de que é mestre capitão [Manuel da Silva Tomás]. AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6679.

CALDAS, J. P. 1778 (05 de dezembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando relação dos pássaros e animais transportados para as Quintas Reais de Belém a bordo do navio "Nossa Senhora do Carmo e Santa Ana", de que é mestre capitão [Domingos Lopes da Silva]. AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6681.

CALDAS, J. P. 1779 (22 de janeiro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de sagüis, periquitos e veados, para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6708.

CALDAS, J. P. 1779 (03 de abril). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de diversos pássaros e animais exóticos a bordo da galera "Nossa Senhora do Bom Sucesso e Penha de França", de que é capitão Veríssimo Duarte Rosa, para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 82, D. 6751.

CALDAS, J. P. 1779 (14 de maio). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de dois sagüis e periquitos pela charrua "Nossa Senhora da Purificação", de que é capitão Joaquim José das Mercês, [para as Quintas Reais de Belém]. AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6769.

CALDAS, J. P. 1779 (28 de julho). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de um saguim a bordo do navio "Príncipe da Beira", de que é capitão António José Monteiro, para o Reino. AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6817.

CALDAS, J. P. 1779 (01 de agosto). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de alguns animais, pelo navio "Príncipe da Beira", de que é capitão António José Monteiro, para o Reino. AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6820.

CALDAS, J. P. 1779 (11 de setembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o

envio de uma anta pelo navio "Grão-Pará", de que é capitão o tenente Manuel da Cunha Bettencourt, para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6846.

CALDAS, J. P. 1779 (24 de novembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando a bordo do navio "Macapá", de que é capitão Manuel da Silva Tomás, de saguins, periquitos e outros bichos. AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6879.

CALDAS, J. P. 1779 (24 de dezembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando pássaros e animais, para as Quintas Reais de Belém, pelo navio "Nossa Senhora de Belém e São João Baptista", de que é capitão Luís António Rocha. AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6899.

CALDAS, J. P. 1780 (04 de maio). Ofício do [governador e capitão general nomeado para a capitania do Mato Grosso e Comissário interino das Demarcações de Limites no Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de dois saguins e de um macaco chamado guarapuçá provenientes dos sertões daquele Estado, a bordo do navio "Águia [e Coração de Jesus]", aos cuidados do piloto e prático Joaquim José das Mercês, com destino às Quintas Reais de Lisboa. AHU_CU_013, Cx. 85, D. 6985.

CALDAS, J. P. 1781 (25 de janeiro). Ofício do [capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro sobre a demora da chegada de Joaquim de Melo e Póvoas ao Pará para o render naquele Governo, refere a remessa de vários utensílios indígenas e de vários pássaros. AHU_CU_020, Cx. 3, D. 214.

CALDAS, J. P. 1781 (22 de julho). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de aves e amostras de arroz e café, produzido pelos moradores da região. AHU_CU_020, Cx. 4, D. 224.

CALDAS, J. P. 1781 (22 de setembro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de espécimens naturais para o Museu da Rainha. AHU_CU_020, Cx. 4, D. 229.

CALDAS, J. P. 1782 (31 de janeiro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro a remeter vários animais e minerais para o Museu. AHU_CU_020, Cx. 4, D. 240.

CALDAS, J. P. 1783 (24 de outubro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, a remeter alguns animais, aves e madeira. AHU_CU_020, Cx. 7, D. 299.

CALDAS, J. P. 1784 (06 de setembro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando a remessa de aves do rio Branco e uma amostra de anil. AHU_CU_020, Cx. 8, D. 349.

CALDAS, J. P. 1784 (28 de outubro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando a remessa de aves para as Quintas Reais, por ordem do capitão general deste Estado, Martinho de Sousa Albuquerque. AHU_CU_020, Cx. 8, D. 354.

CALDAS, J. P. 1784 (22 de dezembro). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, a remeter aves capturadas no rio Branco. AHU_CU_020, Cx. 9, D. 361.

CALDAS, J. P. 1786 (18 de agosto). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, a enviar três capoeiras com vários animais (1 maracajá, 1 urubitinga e 16 piriquitos). AHU_CU_020, Cx. 11, D. 438.

CALDAS, J. P. 1787 (04 de maio). Ofício do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo Castro, sobre o envio de um animal e vários passáros. AHU_CU_020, Cx. 13, D. 486.

CÂMARA, J. G. da, 1782 (02 de setembro). Ofício do governador e capitão-general de Angola, José Gonçalo da Câmara, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o auxílio prestado ao navio Santo António e Polifemo, comandada pelo capitão tenente Manuel Ferreira Nobre, proveniente de Goa com destino à Corte, referindo a sua intervenção para conter a desordem que grassava naquele navio; remetendo viveiros de pássaros. AHU-Angola, Cx. 65, D. 91.

CÂMARA, J. G. da, 1782 (02 de setembro). Ofício do governador e capitão-general de Angola, José Gonçalo da Câmara, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o auxílio prestado à Fragata Santa Anna e São Joaquim, de que era comandante Francisco Xavier Lobo da Gama; remetendo marfim, papagaios e lista das necessidades para os armazéns da Marinha. AHU-Angola, Cx. 65, D. 92.

CÂMARA, J. G. da, 1782 (16 de dezembro). Ofício do governador e capitão-general de Angola, José Gonçalo da Câmara, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o cumprimento das ordens relativo ao envio de pássaros e de todas as qualidades de animais quadrúpedes raros, existentes na província de Benguela. AHU-Angola, Cx. 65, D. 103.

CÂMARA, M. C. de, et all, 1786 (11 de Fevereiro). Ofício da Câmara da Vila de Jaguaripe, ao governador da Bahia, sobre a remessa de quadrúpedes e pássaros e reclamações dos moradores do seu distrito por se lhes não assistir com a farinha precisa para seu alimento. BNRJ, mssp0000044, I-31-27-33.

CARLOS, E. S. de A. O fim do monopólio: A extinção da Companhia Geral de Pernambuco e da Paraíba (1770-1780). Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação. em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial pela obtenção do grau de Mestre em História. Recife, 2001.

CARREIRA, A. A companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão. V. 1 O comércio monopolista: Portugal-África-Brasil na segunda metade do século XVIII; V. 2 Documentos. São Paulo, Editora Nacional, 1988.

CARREIRAS, J. A. Tapada das Necessidades em Lisboa: A história de um jardim esquecido. Espacio, tiempo y forma, serie VII – Historia del arte, nº 14, 2001, p. 89-111.

CARREIRAS, J.P.A.B.B. Jardins do liberalismo: Portugal e Brasil. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura Paisagistica. Instituto Superior de Agronomia. Universidade de Lisboa. Lisboa: ISA, 2016, 79 p.

CARVALHO, J. J.; ANJOZ, J. M. dos; SILVA, C. J. M. de G. e, 1833 (04 de novembro). Inventário dos moveis do Palácio de Queluz. ANTT, Casa do Infantado, mç. 1381, mct. 1, mf. 7563, item 1.

CARVALHO, L. F. de, 1786 (22 de setembro). Carta do Capitão mór Luiz Feliz de Carvalho para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro] sobre a remessa de diferentes animais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12253-12254.

CASAL, J. do, 1700 (16 de dezembro). Carta do Bispo de Macau, D. João do Casal, a [D. Pedro II], rei de Portugal, que informa sobre as riquezas das ilhas de Timor e Solor.
AHU-Macau, Cx. 2, doc. 31.

CASTRO, A. de A., 1774 (01 de maio). Ofício de Antonio de Araujo e Castro ao [Secretario de Estado da Marinha e Ultramar, Sr. Martinho de Mello e Castro], relatando as aves e animais presentes na região da Guiné. AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 59 b.

CASTRO, A. M. de P. e, 1780 (09 de novembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, em que lhe participa a remessa de diferentes pássaros e animais para os viveiros e coleções dos Jardins Reais, relação. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10672-10678.

CASTRO, A. M. de P. e, 1780 (05 de dezembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros e mais animais pela fragata Nossa Senhora do Pilar e São João Batista, aos cuidados do seu capitão, Gregório de Souza Brito. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10702-10703.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (05 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros aos cuidados do mestre José de Freitas Cabral. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10714-10715.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (30 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de madeiras e pássaros para Lisboa pelo navio Santa Ana Águia Volante, do mestre Jacinto José Martins. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10749-10751.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (10 de fevereiro). Três ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a remessa de pássaros e mais animais pelo mestre José Ribeiro Pontes, o 2º, sobre a exportação de madeiras para o Reino, o 3º, sobre uma remessa de pássaros pelo navio Nossa Senhora da Nazaré, Rosário e Santo António. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10755-10758.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (26 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de madeiras e pássaros pela corveta Nossa Senhora da Piedade, Santo António e Almas. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10759.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (05 de março). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros e mais animais, pelo navio São Luiz e Santa Maria Madalena, do mestre Manuel António Ferreira. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10763-10764.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (17 de março). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros e mais animais, pelo navio Nossa Senhora da Piedade e Sant'Ana, do mestre Joaquim José de Oliveira. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10767-10768.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (30 de março). Três ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre o falecimento da rainha D. Mariana Vitória, o 2º, sobre a remessa de pássaros e mais animais, pelo navio Jesus Maria José, do mestre Matias Lopes Arraia, o 3º, sobre a remessa de madeiras para o Arsenal de Lisboa, pelo mesmo navio. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10771-10775.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (11 de abril). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a remessa de madeiras para o Arsenal Real de Lisboa, pelo navio Santíssima Trindade e Santo António, do capitão Basílio de Oliveira Valle, o 2º, sobre a remessa de pássaros e mais animais para as coleções dos Jardins Reais, pelo mesmo navio. AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10783-10786.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (05 de maio). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de um macaco e pássaros pelo navio Nossa Senhora da Lampadoza, São João Batista, do mestre Eugênio Pedro de Almeida. AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10801-10802.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (27 de maio). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a remessa de pássaros e mais animais que tinha feito pelo navio Nossa Senhora da Esperança, do mestre Tomás Alvares da Graça, o 2º, sobre a remessa de madeiras pelo mesmo navio para o Arsenal Real de Lisboa. AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10819-10822.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (18 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de 3 veados pelo navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Livramento, do mestre Francisco Carlos Osório. AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10841-10842.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (18 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de animais pelo navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João. AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10847-10848.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (14 de agosto). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre o requerimento de António Correia de Souza, que solicitava o pagamento de uma máquina que tinha construído para brocar peças de artilharia, e a necessidade de um regimento de artilharia ter um parque, o 2º, comunicando a remessa de uma onça, aos cuidados do mestre do navio Sr. do Bonfim e Santiago, João Pinto Rio. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10898-10900.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (19 de setembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de animais para a coleção dos Jardins Reais, pelo navio Nossa Senhora da Lapa. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10903-10904.

CASTRO, A. M. de P. e, 1781 (03 de outubro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de aves e mais animais do Brasil para as coleções do Reino. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10905.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (31 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre as precauções tomadas a respeito da condução e tratamento de pássaros remetidos para os viveiros das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10943.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (01 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros pela corveta São João Nepomuceno e São Francisco de Paula, do capitão Félix Pereira dos Santos. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10945-10946.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (16 de fevereiro). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando a arribada à Bahia, de um navio português vindo de Goa, sob o comando do tenente Lourenço António da Costa, o 2º, sobre a remessa de pássaros para os viveiros das Quintas Reais, pelo navio Bom Jesus d'Além e Nossa Senhora da Esperança, do capitão António José do Espírito Santo. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10963-10965.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (20 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros pelo navio Nossa Senhora da Vitória e Princesa Divina, do mestre João António da Cunha. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10968-10969.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (27 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de aves aos cuidados do capitão João Batista Martins. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10972.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (26 de abril). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as Quintas Reais, pelo navio Rainha dos Anjos, do mestre José de Lima Fagundes. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10989-10990.

CASTRO, A. M de P. e, 1782 (29 de abril). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de aves pelo navio Nossa Senhora Madre de Deus, do capitão Eugênio Pedro de Almeida. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10991-10992.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (11 de maio). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando sobre a chegada à Bahia, do navio de guerra, Príncipe do Brasil, do capitão tenente, António Lopes Cardoso, que esse conduzia tropas para a Índia, e que carregaria tabaco por conta da Fazenda Real, o 2º, que tinha recebido os exemplares das instruções que a Academia das Ciências de Lisboa tinha imprimido sobre as remessas de produtos e notícias da história natural. AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 11005-11009.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (22 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as coleções das Quintas Reais, aos cuidados do mestre do navio São João Nepomuceno e São Francisco de Paula, José Lopes Vargas. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11050-11051.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (12 de julho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de aves para as coleções das Quintas Reais, aos cuidados do capitão da galera Sant'Ana e Santa Isabel, José Rodrigues Santiago. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11057-11058.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (19 de julho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros, aos cuidados do capitão do navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João, João Rodrigues Pereira. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11062-11063.

CASTRO, A. M. de P. e, 1782 (09 de setembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as coleções das Quintas Reais, aos cuidados do capitão do navio São Marcos, António Godinho Neves. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11135-11136.

CASTRO, A. M. de P. e, 1783 (03 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as Quintas Reais, aos cuidados do capitão Manuel Joaquim Esteves. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11177-11178.

CASTRO, A. M. de P. e, 1783 (08 de fevereiro). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando o falecimento no dia 6, do desembargador João da Costa Carneiro, o 2º, a remessa de

uma anta e pássaros, para as coleções das Quintas Reais, aos cuidados do capitão Domingos da Costa Claro. AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11182-11184.

CASTRO, A. M. de P. e, 1783 (06 de março). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as Quintas Reais, aos cuidados do capitão João Batista Martins. AHU_CU_005-01, Cx. 59, D. 11197-11198.

CASTRO, A. M. de P. e, 1783 (05 de junho). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º marquês de Valença, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a exportação de tabaco para a Índia, o 2º, sobre a remessa de pássaros para as Quintas Reais, aos cuidados do capitão Salvador Clariano. AHU_CU_005-01, Cx. 59, D. 11242-11244.

CASTRO, F. J. de P. e, 1788 (06 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre uma remessa de aves que tinha feito para as Quintas Reais aos cuidados do mestre do navio Príncipe Atlante, Pedro Gonçalves de Andrade. AHU_CU_005-01, Cx. 67, D. 12952-12953.

CASTRO, F. J. de P. e, 1788 (25 de junho). Dois do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando o falecimento no dia 19, do desembargador da Relação e ouvidor geral do Crime, Joaquim Casimiro da Costa, o 2º, sobre uma remessa de pássaros que tinha feito para as Coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 67, D. 12968-12970.

CASTRO, F. J. de P. e, 1788 (09 de setembro). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a remessa que o escrivão da Ouvidoria de Jacobina, Silvério Ferreira Salazar tinha feito para o sustento da filha, D. Josefa Isabel Valentina Salazar, o 2º, sobre a remessa de pássaros para os viveiros das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 68, D. 13066-13069.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (27 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de 2 ganços da Costa da Mina para as Coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 68, D. 13167-13168.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (16 de março). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de 3 viveiros de pássaros destinados às Coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13186-13187.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (16 de março). Dois Ofícios do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando que o navio Santiago Maior tinha partido para a Índia, o 2º, sobre a remessa de uma onça aos cuidados do mestre do navio Nossa Senhora do Bom Despacho e São João. AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13188-13190.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (15 de julho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de 2 viveiros com pássaros que tinha recebido do capitão-mor da capitania do Espírito Santo, Inácio João Mongeardino. AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13271-13272.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (01 de agosto). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando que o navio francês, La Flute la Ville Unique, tinha arribado à Bahia, e as providências que tinha tomado, o 2º, sobre uma remessa de pássaros para os viveiros das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13314-13316.

CASTRO, F. J. de P. e, 1789 (01 de setembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre uma remessa de pássaros para os Viveiros das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13324-13325.

CASTRO, F. J. de P. e, 1790 (26 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de 2 ganços da Costa da Mina para as coleções zoológicas das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 71, D. 13709-13710.

CASTRO, F. J. de P. e, 1790 (22 de maio). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de 3 viveiros com pássaros para as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13747-13748.

CASTRO, F. J. de P. e, 1790 (07 de setembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de viveiros de pássaros destinados às coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13885-13886.

CASTRO, F. J. de P. e, 1790 (07 de setembro). Dois Ofícios do governador [da Capitania da Bahia) D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre uma remessa de aves raras, o 2º, sobre despesas feitas por conta da Real Fazenda com a fragata Princesa do Brasil, soldos e comedorias da sua tripulação. AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13887-13889.

CASTRO, F. J. de P. e, 1790 (15 de dezembro) Dois Ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando que o desembargador José Luiz de Magalhães e Menezes tinha tomado posse do seu lugar na Relação da Bahia em 23 de dezembro, e o desembargador José Joaquim Borges da Silva, em 2 de dezembro, o 2º, sobre a remessa de uma onça para as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13904-13906.

CASTRO, F. J. de P. e, 1791 (15 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro informando sobre a remessa de uma onça para as coleções zoológicas das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 73, D. 14258-14259.

CASTRO, F. J. de P. e, 1791 (02 de abril). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro para [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Mello e Castro, em que lhe participa a remessa de 2 viveiros de pássaros para as Quintas Reaes. AHU_CU_005-01, Cx. 73, D. 14311-14312.

CASTRO, F. J. de P. e, 1791 (04 de abril). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro informando sobre a remessa de pássaros para as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 74, D. 14313-14314.

CASTRO, F. J. de P. e, 1791 (13 de agosto). Ofício do governador D. Fernando José de Portugal e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a remessa de uma onça para as coleções das quintas reais. AHU_CU_005-01, Cx. 75, D. 14473-14474.

CASTRO, F. J. de P. e, 1799 (04 de Abril). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Fernando José de Portugal e Castro, ao [ministro e secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos] D. Rodrigo de Souza Coutinho, informando sobre a remessa de pássaros vivos e embalsamados apanhados nos sertões das Minas Gerais e na Comarca de Ilhéus. AHU_CU_005-01, Cx. 101, D. 19699.

CASTRO, F. J. de P. e, 1803, (13 de Abril). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], D. Fernando José de Portugal [e Castro], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], informando a remessa de duas caixas de pássaros e de um urubu rei pela fragata Minerva. AHU_CU_017, Cx. 209, D. 14584.

CASTRO, J. de A. de M. e, 1811. Escrito do [secretário de estado da Marinha e Ultramar, conde das Galveias, D. João de Almeida de Melo e Castro] ao [oficial maior da Secretaria de estado da Marinha e Ultramar, José Joaquim da Silva] Freitas, sobre a remessa de cartas régias para São Tomé e da vinda de milho-miúdo para pássaros de Benguela. AHU_CU_035, Cx. 22, D. 1832.

CASTRO, J. J. de M. e, 1764 (24 de novembro). Ofício do [governador da Paraíba], coronel Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio de vários animais, em atendimento à recomendação que recebeu. AHU_CU_014, Cx. 23, D. 1748.

CASTRO, J. J. de M. e, 1771 (13 de abril). Ofício do [governador da Paraíba], brigadeiro Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para o Reino. AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1908.

CASTRO, J. J. de M. e, 1773 (28 de agosto). Ofício do [governador da Paraíba], brigadeiro Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros e as recomendações que fez aos principais cabos do sertão para os diligenciarem. AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1944.

CASTRO, J. J. de M. e, 1774 (20 de julho). Ofício do [governador da Paraíba], brigadeiro Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre as diligências que mandou fazer aos cabos do sertão, para enviarem pássaros e os animais recomendados. AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1957.

CASTRO, J. J. de M. e, 1786 (29 de abril). OFÍCIO do [governador da Paraíba], brigadeiro Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, queixando-se do seu ordenado e de ficar submetido às paixões e opróbios do governador e capitão-general [de Pernambuco], José César de Meneses. AHU_CU_014, Cx. 29, D. 2152.

CASTRO, J. L. de, 1791 (16 de abril). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde de Resende, [D. José Luís de Castro] ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, encaminhando relação de caixas e capoeiras contendo insectos e pássaros, que seguem para Lisboa pela nau de guerra Nossa Senhora de Belém, de que é comandante o capitão de mar e guerra Manoel Ferreira Nobre. AHU_CU_017, Cx. 140, D. 11015.

CASTRO, M. de M. e, 1785 (13 de Outubro). [Ofício do secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, ao governador da Capitania da Bahia, Rodrigo José de Meneses, acusando o recebimento de animais, plantas, minerais e pássaros oferecidos a Sua Majestade e recomendações acerca do comércio de tabaco e aproveitamento do pau-brasil]. BNRJ, mssp0000039, II-33,22,3. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000039/mssp0000039.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

CASTRO, R. J. de M. e, 1784 (12 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Rodrigo José de Meneses e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, no qual o avisa da remessa de diferentes animais para as coleções reais ao cuidado do Capitão José Francisco Perné. AHU_CU_005-01, Cx. 60, D. 10479-10480.

CASTRO, R. J. de M. e, 1784 (11 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de 2 pássaros grandes de Angola, aos cuidados do capitão, Ambrósio Alvares Pinheiro. AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11617-11618.

CASTRO, R. J. de M. e, 1784 (02 de julho). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando, que tendo partido para Lisboa, o intendente geral do Ouro, desembargador José da Rocha Dantas e Mendonça, tinha nomeado para o seu lugar o desembargador Felipe José de Faria, o 2º, informando sobre a remessa de um lobo de Angola, aos cuidados de António José d'Além. AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11631-11633.

CASTRO, R. J. de M. e, 1785 (25 de abril). Quatro ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre o despacho, livre de direitos, dos materiais destinados ao fabrico de uma corveta, que José Nogueira da Encarnação e Miguel Rodrigues de Deus, construíam em Itaparica, o 2º, sobre a baixa do tenente de artilharia, António Gomes Viana, porque tinha casado-se com uma mulher de má nota, o 3º, sobre a remessa de pássaros para as "coleções das quintas reais", o 4º, informando que tinha entregado aos mascates, o produto da venda das fazendas apreendidas. AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11738-11745.

CASTRO, R. J. de M. e, 1785 (16 de julho). Três ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, informando o número de presos condenados à morte, um número tão alto, que feitas as execuções, causaria horror, embora fosse necessário despovoar as cadeias, o 2º, sobre a remessa de dois bois e dois pássaros, o 3º, informando que tinha dado benefício ao mestre de campo, Teodósio Gonçalves Silva e seu sobrinho, António Dias de Castro, nomeado o desembargador António Joaquim da Costa Corte Real, juiz dos Feitos, e os desembargadores Felipe José de Faria e Joaquim Casimiro da Costa, adjuntos. AHU_CU_005-01, Cx. 62, D. 11817-11819.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (17 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre uma remessa de pássaros para as "Coleções das Quintas Reais". AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12055-12057.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (15 de março). Cinco ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a exportação de tabaco, o 2º, requisitando livros-mestres para 3 regimentos de infantaria, o 3º, informando sobre a remessa de uma porção de casca de Anta (Arantigui) pelo mestre do navio Santa Isabel, Rainha de Portugal, José Moreira do Rio, o 4º, sobre a quantidade de pau-brasil remetido para o Reino por esse navio, o 5º, sobre a remessa de pássaros e mais animais para as "Coleções das Quintas Reais". AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12097-12102.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (10 de maio). Oito ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre uma remessa de pau brasil apreendida em Porto Seguro, o 2º, sobre a chegada de um cultivador de linho para dirigir experiências, e solicitando mais sementes, o 3º, informando que não tinha sido possível encontrar réus implicados no contrabando do pau-brasil, e que Rodrigo Navarro estava morando em Nantes, o 4º, sobre a remessa de uma onça e um camaleão, o 5º, sobre a remessa do preto Ciriaco António, o 6º, sobre a remessa de amostras de "crauã", o 7º, sobre a qualidade de tabacos, e sua exportação para a Índia, o 8º, informando que era necessário reformar oficiais, que pela idade e estado de saúde, fossem considerados incapazes de servir, e prover vagas em regimentos, para as quais indicava nomes de oficiais. AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12128-12136.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (24 de maio). Quatro ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre uma

remessa de crauã, o 2º, sobre a remessa de uma árvore marítima, de uma gibóia, e de um ouriço branco, para as "Coleções Zoológicas Reais", o 3º, sobre a exportação de tabaco para a Índia, o 4º, sobre a remessa de madeiras de construção para o Arsenal Real da Marinha. AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12148-12153.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (16 de julho). Cinco ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a remessa de 150 varas de parreira pelo navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Livramento, do mestre José Joaquim Guincho, o 2º, sobre a remessa de pau-brasil pelo mesmo navio, o 3º, sobre as instruções que tinha dado aos capitães mores e câmaras relativas à apanha de pássaros e quadrúpedes para os viveiros e coleções reais, o 4º, sobre a licença dada ao desembargador Luiz da Costa Lima Barreto para regressar ao Reino, o 5º, sobre a comissão de serviço do sargento-mor de infantaria paga, Joaquim José Lisboa, de guarnecer registros de ouro, evitar contrabando, deserções militares, e fuga de réus e escravos. AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12181-12186.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (06 de agosto). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros para as Coleções Reais, aos cuidados do mestre do navio Nossa Senhora da Esperança, Bom Jesus d'Além, António José do Espírito Santo. AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12206-12207.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (11 de agosto). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de uma cobra coral. AHU_CU-005-01, Cx. 64, D. 12218.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (02 de outubro). Dois ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre a morte do rei D. Pedro III e as manifestações de sentimentos que tinham sido feitas, o 2º, sobre o processo instaurado por causa de extravios de pau-brasil, e a remessa de pássaros e de uma gibóia para as "Coleções Reais". AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12236-12238.

CASTRO, R. J. de M. e, 1786 (09 de outubro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de uma porção de caruá e carrapicho, e animais que procurava obter para as Coleções Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12248.

CASTRO, R. J. de M. e, 1787 (16 de fevereiro). Quatro ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, no 1º, agradecendo a recondução do desembargador Francisco Nunes da Costa ao lugar de ouvidor da Comarca de Ilhéus, no 2º, referindo-se a uma remessa de degredados para Angola, no 3º, acusando a recepção de livros para 3 regimentos de guarnição, no 4º, avisando a remessa de pássaros aos cuidados do porta bandeira da Cavalaria Paga das Minas, Francisco Xavier Machado, destinados as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12450-12453.

CASTRO, R. J. de M. e, 1787 (27 de julho). Três ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre o tempo de prisão do tenente António Manuel da Mata, que tinha esperado quatro anos na cadeia, a resolução do conflito de jurisdição relativo ao seu julgamento, o 2º, sobre a pensão de alimentos que Silvério Ferreira Salazar pagava a sua filha, D. Josefa Isabel Valentina Salazar, o 3º, avisando sobre a remessa de pássaros para as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 66, D. 12551-12554.

CASTRO, R. J. de M. e, 1787 (27 de julho). Três ofícios do governador [da Capitania da Bahia] D. Rodrigo José de Menezes e Castro ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, o 1º, sobre o tempo de prisão do tenente António Manuel da Mata, que tinha esperado quatro anos na cadeia, a resolução do conflito de jurisdição relativo ao seu julgamento, o 2º, sobre a pensão de alimentos que Silvério Ferreira Salazar pagava a sua filha, D. Josefa Isabel Valentina Salazar, o 3º, avisando sobre a remessa de pássaros para as coleções das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 66, D. 12551-12554.

Catálogo de Aves enviadas a D. Fernando II. 1842, dez 10. Biblioteca da Ajuda. Ms. Av. BA-XI-22, nº 87.

CATARINA, D. 1552, julho, 26. Mandado da rainha d. Catarina para Álvaro Lopes, seu tesoureiro, dar a Cristóvão Carmones 50.800 réis, que importaram os 10 gatos de algália que teve em sua casa. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 88, n.º 71.

CHANOCA, B. 06.09.1520. Conhecimento em que se declara que o feitor de Batecala, Gaspar Chanoca, recebeu de António Carvalho, feitor de Cananor, 2 elefantes pequenos. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 91, n.º 108.

CHATWIN, B.. Utz. Editora Schwrcz Ltda., São Paulo, 1990.

CHAUÍ, M. S. Convite à Filosofia. Ed. Ática. São Paulo, 2000.

CHAVES, J. J. (Ed.). Residencia Reaes (Palacio das Necessidades) I. Illustração Portugueza, primeiro anno, nº 48, 03 de outubro de 1904, p. 754, Lisboa.

CHAVES, J. J. (Ed.). Residencia Reaes (Palacio das Necessidades) III. Illustração Portugueza, primeiro anno, nº 50, 17 de outubro de 1904, p. 790-791, Lisboa.

CHAVES, J. J. (Ed.). Real Quinta das Necessidades. Illustração Portugueza, 5o anno, 1862, nº 18, p. 141-142.

CHAVES Jr., J. I. As duras cadeias de hum governo subordinado: história, elites e governabilidade na Capitania da Paraíba (c.1755-c.1799). 2013. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013

CHRISOSTOMO, J., 1808. Resumo da despesa que fez o Administrador [João Chrisostomo] com os Casais e Quintas de Queluz e Caxias em março e maio de 1808. ANTT, Casa do Infantado, mç. 719.

CLARKE, T.H. The Rhinoceros from Dürer to Stubbs, 1515 – 1799. Sotheby's Publication, London, 1986.

COE, J. C. Design and Architecture: Third Generation Conservation, Post-Immersion and Beyond. Future of Zoos Symposium, 10-11 Fev 2012. Buffalo, New York.
Disponível em: <http://www.zoolex.org/publication/coe/design+architecture2012.pdf>. Acesso em: 12 jul 2012.

COE, J. C. Next Generation Rotation Exhibits: Raceway Networks and Space to Explore. Zoo and Aquarium Association Annual Conference, Auckland, 2014.
Disponível em: <http://www.joncoedesign.com/pub/Talks/RotationZAA2014/index.htm>. Acesso em: 03 fev 2016.

COE, J. C. The Unzoo Alternative.
Disponível em: <http://www.zoolex.org/publication/coe/Unzoo150805.pdf>. Acesso em: 15 jul 2012.

COLLAÇO, M. R., 1777 (04 de outubro). Recibo do capitão Miguel Rodrigues Collaço, acusando o recebimento de um viveiro com 41 pardais de São Tomé para ser entregue na corte. AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574.

CONWAY, M. D. Demonology and Devil-lore: The Devil World. Henry Holt and Company, New York, 1879.

CONWAY, W. G. Zoo and Aquarium Philosophy. Zological Park and Aquarium Fundamentals. Ed. Karen Sausman, AAZPA, Wheeling, West Virginia, 1982 apud POLAKOWISKY, K. Zoo Design: The Reality of Wild Illusions. Michigan, The University of Michigan, 1987.

CORVINEL, F. 19.11.1514. Conhecimento por que consta receber Francisco Corvinel, feitor de Goa, de Lourenço Moreno, feitor de Cochim, um elefante velho, manco e doente. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 53, nº 8.

COSTA, J. F. C. da, 1768 (15 de julho). Ofício do provedor mor da Fazenda, José Ferreira Cardoso da Costa, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a remessa de amarras de piassava e de 3 viveiros com pássaros de Angola. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7895-7902.

COSTA, J. F. C. de, 1768, (10 de setembro). Ofício do provedor mor da Fazenda, José Ferreira Cardoso da Costa, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre remessa de madeiras, amarras de piassava, uma cegonha e pele de Zebra. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7917-7923.

COSTA, P. F. A vizualização da natureza e o entendimento do mundo vivo. Filosofia e História da Biologia, v. 1, 2006, p. 247-269.

COSTA, P. F. Secrecy, Ostentation, and the Illustration of Exotic Animals in Sexteenth-Century Portugal. Annals of Science, v. 66, n. 1, Jan 2009, 59-82.

COSTA, M. 28.10.1514. Conhecimento por que consta receber Manuel da Costa de Francisco Corvinel 21 cruzados de seu mantimento e de dois criados seus, e mais 8 cruzados por 1 pipa de uraca que comprou para os elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 52, n.º 163.

COSTA, M. F. da, 1786 (04 de junho). Carta do Capitão mór Manuel Ferreira da Costa para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro] em que lhe participa a remessa de diferentes animais e lhe indica os alimentos de que se alimentavam. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12257-12258.

CORTESÃO, A. Esparsos. Acta Universitatis Conimbrigensis, v. III, Coimbra, 1975.

COUTINHO, D. de S., 1779 (15 de fevereiro). Ofício do corregedor Duarte de Souza Coutinho ao [secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro afirmando não ver empecilhos para suspender a quarentena que impedia o desembarque de Bernardo de Castro que vinha trazendo os falcões para o rei. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

COUTINHO, F. I. de S., 1764 (04 de agosto), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a demora no envio de pássaros, da zebra e de outros animais raros porque ali não os havia e tinha de esperar pelo fim do Inverno para os encontrar. AHU-CU-001, Cx. 48, D. 30.

COUTINHO, F. I. de S., 1764 (28 de novembro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo pássaros e galinhas do mato num viveiro fixo que mandou construir no navio, como já tivera feito em outros navios de Pernambuco e mais quatro viveiros para que se visse que animais sobreviviam melhor e quantos queria Sua Majestade; explicando que a pequena equipagem dos navios não permitia o cuidado necessário aos animais e por isso mandara um homem para cuidar deles; esperando mandar em breve uma zebra, que escapou das quatro que já capturaram assim como um animal raro que está criando que não se sabe o nome; relata também a morte de quatro cefos que tinha apreendido. AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45.

COUTINHO, F. I. de S., 1764 (28 de novembro). Carta de Francisco Inocencio de Souza Coutinho [Capitão-geral da Capitania-Geral do Reino de Angola] ao Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado [Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar], enviando a relação de pássaros que seguiram pelo navio do Pará, sob a responsabilidade do Capitão Manoel da Cunha Bitancurt e que pelo navio de Pernambuco foram 800. ANTT-PT-TT-CLNH-0099; ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 56-56v.

COUTINHO, F. I. de S., 1765 (27 de fevereiro). Carta de Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho [Capitão-general da Capitania Geral do Reino de Angola] ao Sr. António Álvares da Cunha [Vice-rei do Brasil] informando a remessa de 2.200 pássaros. ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 65v-66.

COUTINHO, F. I. de S., 1765 (30 de junho), São Paulo de Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre os revesses que tinha sofrido nas tentativas de enviar zebras e outros animais raros a Sua Majestade, porque todos têm morrido, remetendo, por Paulo Jorge, quatro peles como prova; resta-lhe uma zebra viva na esperança de embarcá-la; comunica que enviado muitas pessoas para os sertões para que capturem, com muito cuidado, mais exemplares na esperença de que algumas sobrevam, não tendo poupado para esta empreitada diligencias nem o pequeno orçamento de que dispõe; explica que só mandava treze galinhas de mato porque o navio não podia levar um viveiro grande com pássaros e por não ter encontrado, em todo o Brasil, arame para acabar os viveiros pequenos; lembrando a V. Exª que já remeteu quase cinco mil pássaros. AHU, AHU-CU-001, Cx. 49, D. 38.

COUTINHO, F. I. de S., 1765 (30 de junho). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre os revesses as tentativas de enviar zebras e outros animais raros a Sua Majestade, explica que só mandava treze galinhas de mato porque o navio não podia levar um viveiro grande com pássaros e que já remeteu quase cinco mil pássaros. ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 82.

COUTINHO, F. I. de S., 1765 (18 de dezembro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio de uma zebra, a única que sobrevivera até ao momento, afirmando que encarregara o seu cuidado a um soldado e aos governadores da Baía. AHU, AHU-CU-001, Cx. 49, D. 70.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (04 de março), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado de agradecimento pela aprovação das suas propostas e dando conta das dificuldades em enviar pássaros, devido à falta de mantimentos suficientes para a viagem e sobre a dificuldade em enviar as zebras e outras feras que eram solicitadas no Reino. AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (05 de abril), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre o envio de oito viveiros com 541 pássaros de cores com dois mantinetes grandes e uma zebra; informando ainda que não enviava em anexo a lista dos mantimentos tal como era exigido, porque os mesmos seriam adquiridos posteriormente em outro porto a quem caberia a responsabilidade de a elaborar e entregar ao campitão do navio, enviando, no momento, somente o mantimento conseguido com grande esforço para a primeira parte da viagem. AHU, AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (05 de abril). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre o envio de oito viveiros com 541 pássaros de cores com dois mantinetes grandes. ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 124v-125.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (02 de setembro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça

Furtado no qual relata que enviaria viveiros de pássaros e respectivos mantimentos, como consta a lista anexa, assinada por Joaquim de Almeida, mestre da Nau Santo Antonio e Justiça, da qual é comandante o Sr. Andre de Melo e Castro; ressalta que a extrema fome que atinge o sertão impossibilita o envio de outros animais. AHU, AHU-CU-001, Cx. 50, D. 45.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (25 de outubro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, dando conta do envio de viveiros de pássaros e mantimentos, através do [vice-rei do Brasil], conde da Cunha [D. António Álvares da Cunha]. AHU, AHU-CU-001, Cx. 50, D. 52.

COUTINHO, F. I. de S., 1766 (30 de dezembro). São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado informando o envio, pela corveta Nossa Senhora da Madre de Deus e Santa Alma, da qual é capitão Domingos Furtado de Mendoça, dois viveiros de pássaros e respectivos mantimentos para a viagem, conforme conhecimento. Informa que a fome que ainda perdura nos sertões de Benguela dificulta o envio de mais exemplares. AHU, AHU-CU-001, Cx. 50, D. 64.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (03 de abril), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado informando sobre a ocorrência das chuvas que vieram pôr fim ao período de fome; informando a captura de um leão branco e de um elefante que seriam enviados ao Reino na próxima nau que tocasse o porto de Luanda. AHU-CU-001, Cx. 51, D. 17.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (03 de Abril). Carta de Francisco Inocencio de Sousa Coutinho [Capitão-geral da Capitania-Geral do Reino de Angola] ao Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado [Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar], relatando a captura de um leão branco que vinha abatendo o gado. Relata a existência de um elefante para ser enviado a S. Mag.^{de}, talvez o quinto que já capturou para suprir a morte de um de S. Mag.^{de}. ANTT, PT-TT-CLNH-0099. ANTT.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (05 de abril), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado do Reino e Mercês, conde de Oeiras, Sebastião José de Melo], sobre a providência que tomou para acautelar o envio do leão branco. AHU-CU-001, Cx. 51, D. 20.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (08 de abril).Carta de Francisco Inocencio de Souza Coutinho [Capitão-geral da Capitania-Geral do Reino de Angola] ao Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado [Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar], informando que enviou uma carta informando qu o leão branco seria enviado por um navio que partiu para Pernambuco, entretanto o mesmo foi embarcado em um navio que parte para a Bahia, esperando que o mesmo chegue a presença de S. Mag^{de} o mais breve possível, para que não chegue no inverno a Portugal. ANTT, Condes de Linhares, liv. 99.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (15 de agosto), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a partida da nau da Índia [São José e Nossa Senhora da Conceição], comandada por Isidoro de Moura, para o Reino; informa a abundância de frutas em Angola e envio na mesma nau de uma capoeira com galinhas de mato e um martinete [goraz ou garça noturna], e que não vão outros pássaros devido às fomes passadas impedirem os negros desse pequeno comércio; informa também que das sete zebras capturadas apenas uma continua viva pretendendo enviá-la posteriormente; desejando que o soberbo leão branco já enviado pela Bahia chegue vivo. AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (31 de outubro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio de uma onça e animais para o seu sustento, na galera de João Teixeira Mendes, à ordem do [vice-rei e capitão-general de mar e terra do estado do Brasil], conde da Cunha [D. António Álvares da Cunha]; remete também 100 galinhas, 6 exequez de milho e uma duzia de cães, para o sustento da dita onça; receio pelo leão branco por estar há 2 meses e meio na Bahia, a bordo do navio Campelo, aguardando viagem para o Reino; remessa em breve de um casal de zebras. AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (17 de dezembro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio de viveiros de pássaros e de mantimentos para o seu sustento, conforme o conhecimento junto do capitão da sumaca Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana e Almas, José Rodrigues do Nascimento, à ordem do [governador e capitão-geral da Bahia], conde de Azambuja [D. António Rolim de Moura Tavares]; que esperava enviar brevemente um casal de zebras na nau Santa Rosa, e o desejo de que o leão e a onça tenham chegado à presença real. AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65.

COUTINHO, F. I. de S., 1767 (18 de dezembro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e

Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, lamentando a morte dos pássaros alegando que isso se deveu não por falta de mantimentos, mas à falta de delicadeza dos marinheiros nos cuidados que prestavam aos pássaros durante a viagem; contudo uma vez que era proposto o envio de alpiste do Reino, iria mandar plantar localmente. AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 66

COUTINHO, F. I. de S., 1768 (16 de março), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado informando o envio de uma zebra e pássaros; notícia da chegada do leão à corte e da esperança que a onça, remetida a pouco tempo e a zebra que agora remeto também cheguem bem. AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 73

COUTINHO, F. I. de S., 1768 (16 de novembro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre o envio pela charrua [Nossa Senhora das Mercês], da qual é mestre José da Silveira, de galinhas de mato, pássaros e monos, e mantimentos para o seu sustento como constam da relação, informando as providências que tomou para evitar que os pássaros morressem durante a viagem. AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 40

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (06 de março), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado relatando a dificuldade em satisfazer o desejo da rainha [D. Mariana Vitoria de Bourbon] para lhe enviar uma abada ou rinoceronte. AHU-CU-001, Cx. 53, D. 17

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (01 de agosto), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre a captura de 6 casais de zebras e dois guelengues em Benguela. AHU-CU-001, Cx. 53, D. 41.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (01 de agosto). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado referindo a captura dos 6 casais de zebras esperando enviá-las o mais rapidamente possível, dentre outros assuntos. AHU-Angola, Cx. 53, doc. 43.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (26 de agosto). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre a necessidade de se nomear um novo juiz de fora em substituição do falecido [João Delgado Xavier]; alertando para a necessidade de se nomear para os cargos de provedor e juiz de fora dois ministros, um para cada cargo por terem tarefas distintas e muito trabalho; sugerindo a criação de vários cargos para um melhor governo de Luanda e Benguela; juiz de fora e provedor de resíduos e ausentes, provedor da comarca, intendente e subalterno, e órgãos com funções específicas de funta de comércio e criminal com os respectivos representantes; propondo que não se renovassem as comissões dos oficiais, pois ao fim de 3 anos de comissão o rendimento de trabalho diminuía quer devido às moléstias, quer pelo tédio decorrente das condições climatéricas; dando conta do estado de paz e da condução dos trabalhos de construção da fábrica de ferro, sobre a raridade dos guelengues ou antílopes que se pareciam com cavalos pequenos com grandes chifres que iam das costas ao pescoço, usando-os como armas quando se enfureciam; sobre a qualidade das estopas dos cabos enviados; demonstrando a sua dedicação e fidelidade ao rei; alertando por fim da necessidade de se prover os cargos referidos com homens habituados a servir no Reino. AHU-Angola, Cx. 53, doc. 50.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (27 de agosto). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [inquisidor-mor] Paulo [António] de Carvalho Mendonça exprimindo amizade, votos e agradecimento; referindo ter uma pele de abada ou fêmea de rinoceronte para enviar à rainha em navio que seguisse viagem directa para o Reino; sobre o envio de seis casais de zebras e de dois outros animais raros; lamentando-se que os seus negócios no Brasil estarem arruinados, acrescenta não solicitar mais a D. Francisco Xavier de Mendonça Furtado o seu regresso de Angola apesar da sua saude estar quebrada. AHU-Angola, Cx. 53, doc. 51.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (28 de agosto). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado dando conta do envio das segundas vias dos ofícios que tinham sido remetidos nos navios que seguiram para a Bahia e Rio de janeiro; sobre o estado de paz e prosperidade de Angola; os trabalhos da fábrica de ferro; as zebras e guelengues que aguardam navio para o Reino. AHU-Angola, Cx. 53, doc. 53.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (06 de setembro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre a viagem em direitura ao Reino ou por Pernambuco para que as zebras e os guelengues ou antílopes cheguem vivos à presença real. AHU- Angola, Cx. 53, doc. 59.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de setembro). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça

Furtado sobre o envio, ao conde de Povolide, de 446 pássaros, sendo 392 pássaros de cores, 50 benguelinhas e 4 periquitos, todos em 7 viveiros, com 6 alqueires de alpista, conforme relação, e 2 sacos de vias pelo Rio de Janeiro; referindo a ausência de notícias do Reino; o desenvolvimento da construção da fábrica de ferro; informando do estado das povoações do sertão de Benguela; sobre a remessa de enxofre e salitre, e a necessidade de instrumentos apropriados para a sua extracção livre de impurezas; insistindo na sua substituição no cargo. AHU-Angola, Cx. 53, D. 66, 65, 67.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (30 de novembro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado confirmando o envio de 13 zebras capturadas em Lobito, 1 guelengue, 1 carneiro, 4 corças, 3 pássaros grandes, 17 galinhas do mato e 3 viveiros de pássaros de cores muito raros, à ordem do capitão Manuel António Tavares e do tenente Albano de Caldas; sobre a publicação de um bando proibindo a caça e o embarque de zebras sem o seu consentimento; dando conta das medidas de segurança para garantir que os animais chegassem bem ao Reino; solicitando mercês para os oficiais encarregues do tratamento dos animais durante a viagem, pelo seus serviços na fábrica do ferro e na captura dos animais. AHU-Angola, Cx. 53, D. 75.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (04 de dezembro). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado desejando e fazendo votos de boa saúde e afirmação de dedicação; referindo o seu estado de saúde e de desgaste pelas muitas obras realizadas em condições muito severas; manifestando mais uma vez a vontade de ser substituído no cargo que ocupava; sobre a persistência e determinação em prosseguir os trabalhos de construção da fábrica de ferro depois da morte dos 4 mestres ferreiros com as plantas que deixaram, recorrendo ao conhecimento de um carpinteiro que aprendera a reproduzir as plantas deixadas pelos mestres defuntos; remetendo as plantas da fábrica de ferro, dos terrenos, dos rios e da povoação, referindo as madeiras de excelente qualidade que serviram para a reparação da artilharia; sobre a conclusão da obra de fortificação de Luanda e Benguela; sobre a mudança do presídio de Caconda para uma região propícia à agricultura e indústria com o objetivo de diminuir os vagabundos e gentes desocupadas do sertão de Benguela; informando a conquista de Novo Redondo e da sua importância política e econômica; referindo que uma melhor gestão dos contratadores de escravos aumentaria os rendimentos do Erário Régio; reclamando o envio de mais gente para o desenvolvimento de Angola, que considerava ser bastante rica em recursos; prometendo que se chegasse ao Reino vivo daria um testemunho pormenorizado de tudo o que vira e do que fizera para o seu devido aproveitamento; sobre o envio de animais raros e a referência do envio de duas cartas, uma dirigida ao marquês do Lavradio [D. Luís de Almeida Portugal e Mascarenhas] e outra ao conde de Azambuja [D. António Rolim de Moura Tavares] para este comboiar as zebras na sua viagem para o Reino, garantindo desse modo que os animais chegassem mais cedo e em segurança. 1769, Dezembro, 4, AHU-Angola, Cx. 53, doc. 83.

COUTINHO, F. I. de S., 1769 (05 de dezembro). Carta do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [inquisidor-mor] Paulo de Carvalho e Mendonça exprimindo amizade, votos e agradecimento; expressando mais uma vez a sua vontade de ser substituído no cargo que ocupava; lamentando-se do abandono em que se encontravam os seus negócios no Brasil; referindo a existência de uma pele de abada, fêmea de rinoceronte, para enviar a rainha, na impossibilidade de enviar uma abada viva, que aguardava um navio que seguisse viagem directa para o Reino; sobre o envio de seis casais de zebras e de dois outros animais raros; dando conta dos esforços despendidos no cumprimento de seu mandato e referindo que enviava um oficial [capitão Manuel António Tavares] que daria informação do trabalho desenvolvido, referindo o estado de paz em Angola e do seu empenho no cumprimento das ordens recebidas relativas a uma cobrança em que o [inquisidor-mor] pedia a sua intermediação junto ao capitão-mor de Benguela. AHU- Angola, Cx. 53, doc. 85.

COUTINHO, F. I. de S., 1772 (06 de agosto). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro solicitando ofereça em seu nome ao príncipe [D. João], dois anões célebres, três pássaros muito grandes, belos e raros, uma zebra prenha e um cefo, que vão ao cuidado do coronel Henrique Carlos Henriques, e também cumprimentos seus e do povo de Angola. AHU-Angola, Cx. 56, D. 59.

COUTINHO, J. da C. A., 1800 (03 de julho). Ofício do Bispo de Pernambuco, D. José [da Cunha Azeredo Coutinho], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de animais transportados no bergantim Netuno para o museu de Sua Alteza Real.
AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.

CRAIG, S. The Death of the Object.
Disponível em: <http://aasgroup.net/protomu/collections/collectionessay.html>. Acesso em: 16 dez 2015.

CUNHA, A. A. da, 1763 (30 de dezembro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio da relação que contém o número de pássaros e de varas de parreiras para as quintas reais. AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483.

CUNHA, A. A. da, 1764 (14 de julho). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, encaminhando as relações e recibos referentes à remessa, para Lisboa, pela charrua Nossa Senhora da

Purificação, de que é mestre o capitão Manoel Monteiro, das madeiras para a Ribeira das Naus e, pela galera Bom Jesus de Vilanova, Santo Antônio e Almas, de que é mestre o capitão Manoel dos Santos, [das pipas de azeite de peixe e barbatanas de baleia do Contrato das Baleias, além de viveiros com pássaros e de duas antas]. AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6576.

CUNHA, A. A. da, 1764 (20 setembro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, encaminhando a remessa para Lisboa de um carregamento de pássaros exóticos e animais da terra para as quintas reais. AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6615.

CUNHA, A. A. da, 1764 (Post.) (28 de setembro). Extrato dos ofícios do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, datados entre 10 de julho e 28 de setembro de 1764, tratando de questões de seu governo, entre as quais, dificuldades no recrutamento, provimento de cargos públicos e de postos militares, falta de um governador em São Paulo e envio para Lisboa de madeiras e de pássaros. AHU_CU_017, Cx. 73, D. 6636.

CUNHA, A. A. da, 1765 (09 de fevereiro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, encaminhando a relação dos pássaros que remete para as quintas reais. AHU_CU_017, Cx. 74, D. 6716.

CUNHA, A. A. da, 1765 (10 de março). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, encaminhando os pássaros exóticos enviados para as quintas reais em Portugal e sua respectiva relação. AHU_CU_017, Cx. 74, D. 6747.

CUNHA, A. A. da, 1765 (04 de julho). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo pássaros exóticos enviados [pela nau Nossa Senhora da Natividade], comandada pelo capitão de mar e guerra D. Manoel José Lobo, para as quintas reais, acompanhados da respectiva relação. AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6801.

CUNHA, A. A. da, 1765 (04 de julho). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, acusando o recebimento de ordens régias e resumindo os assuntos que tratara em diferentes ofícios já enviados, destacando, entre outros, a manutenção das fortalezas do Rio de Janeiro, o recrutamento de soldados, a concessão da casa de São Cristóvão para o alojamento dos leprosos, o conserto de dois navios espanhóis no Rio de Janeiro, bem como a remessa de relações de desertores e de pássaros para as reais quintas reais. AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6803.

CUNHA, A. A. da, 1767 (18 de agosto). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde de Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo relação das espécies de pássaros enviados pelo governador de Angola para as quintas reais no Reino. AHU_CU_017, Cx. 82, D. 7319.

CUNHA, J. F. da, 1774 (10 de Dezembro). Relação das despesas realizadas por José Francisco da Cunha, almoxarife da Fazenda Real de Benguela, com a compra de pássaros para Sua Majestade. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8756.

CUNHA, J. F. da, 1775 (18 de Março). Conta das despesas realizadas pelo almoxarife da Fazenda Real de Benguela, José Francisco da Cunha, por ordem do capitão-mór de Benguesa Francisco Rodrigues Silva, com a compra e transporte de pássaros para a Mesa de Inspeção da Bahia. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786.

CUNHA, J. V. da, 1775 (05 de dezembro). Ofício do [enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal junto às cortes de Haia] José Vasques Álvares da Cunha, ao [Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra] Aires de Sá e Melo informando a remessa, pelo Conde de Gram, monteiro mor de Sua Majestade Dinamarquesa, das penas de seis falcões pardos, enviados a Portugal. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

CUNHA, J. V. da, 1775 (19 de dezembro). Ofício do [enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal junto às cortes de Haia] José Vasques Álvares da Cunha, ao [Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra] Aires de Sá e Melo, dando notícias da chegada dos navios holandeses que transportavam os urcos [cavalos] e os pássaros que eram um presente do rei da Dinamarca para o rei de Portugal [D. José]. AHU_CU_Reino, Cx. 17, pasta 14.

CUNHA, L. P. da, 1788 (22 de março). Ofício de Luís Pereira da Cunha para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo nove caixas de plantas vivas, um porco do mato, três saracuras e dois urubus para o Gabinete Real, pela charrua "Águia [e Coração de Jesus]", de que é comandante o tenente de Mar António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 97, D. 7726.

CUNHA, L. P. da, 1788 (27 de novembro). Ofício de Luís Pereira da Cunha para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo vários produtos naturais secos e galantarias daquele Estado, de entre os quais algumas plantas e animais vivos, como tartarugas e javalis, para o Real Gabinete de Lisboa, a bordo da charrua "Águia [e Coração de Jesus]", de que é comandante o tenente de Mar António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 98, D. 7785.

CUNHA, L. P. da, 1788 (27 de novembro). Ofício do Capitão de Auxiliares Luis Pereira da Cunha [ao Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos] Martinho de Melo e Castro, com a relação dos produtos Naturais [incluindo aves e animais quadrupedes vivos] e plantas vivas que remete do Pará para o Real Gabinete [de História Natural da Ajuda] o capitão Luis Pereira da Cunha na Charrua Águia [Real e coração de Jesus] de que é comandante o Tenente do Mar Antonio Jozé Monteiro. AN Fd 89 Cod 99 V 9 Fl 157 e 158.

CUNHA, L. P. da, 1790 (12 de julho). Ofício do capitão Luís Pereira da Cunha para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de várias plantas e animais para o Gabinete Real de Lisboa a bordo da charrua "Águia [Real e Coração de Jesus]", de que é comandante o tenente do Mar António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 99, D. 7906.

CUNHA, L. P., 1790 (12 de julho). Relação do que remete do Para para o Real Gabinete [de História Natural da Ajuda] o Capitão Luis Pereira de Cunha na Charrua Águia [Real e coração de Jesus] de que é comandante o Tenente do Mar Antonio José Monteiro. Dentre os itens enviados constam hum mattámattá vivo, que he huma especie de tartaruga da terra em uma cêlha. A listagem inclui ainda sementes, conchas, goma de árvores, duas cigarras, uma barata do mato, cinco camaleões, um jacaré, dois tamanduás "de diferentes espécies", além de plantas como café, salsaparrilha, uma espécie de palmeira de cuja fruta se faz uma bebida apreciada pelos "nacionais da terra". AN Fd 89 Cod 99 V 11 Fl 105 e 106 Mf 039-97.

CURNUTT, J. Animals and the Law: a sourcebook. ABC-CLIO Inc., Santa Barbara, 2001. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=p2p0MptGeBkC&pg=PA233&lpg=PA233&dq=king+wen+wang+animals&source=bl&ots=osYxNSXgd4&sig=ZhhaID8yiWBRW1bUEwFU0QhUl9s&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj_1a30y7bKAhWBUZAKHdwzB-UQ6AEIJjAC#v=onepage&q=king%20wen%20wang%20animals&f=false>. Acesso em: 19 jan 2016.

CURTO, J. C.; GERVAIS, R. R. A dinâmica demográfica de Luanda no contexto do tráfico de escravos do Atlântico Sul, 1781-1844. *Topoi* (Rio de Janeiro) [online]. 2002, vol.3, n.4, pp.85-138. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n4/2237-101X-topoi-3-04-00085.pdf>. Acesso: 27 out 2017.

CUTTEN, G. B. The threat of leisure, New Haven, Yale university press, 1929 *APUD* TROKILDSEN, G. Leisure and Recreation Management, fifth edition, Routledge Taylor & Francis Group, Londo and New York, 2005.

DALTON, H. A Sulphur-crested Cockatoo in fifteenth-century Mantua: rethinking symbols of sanctity and patterns of trade. Renaissance Studies Vol. 28 No. 5, 2013, The Society for Renaissance Studies and John Wiley & Sons Ltd (p. 676-694).

DAVALLON, J. ; GRANDMONT, G. ; SCHIELLE, B. L'Environnement entre au Musée. Collection Muséologies. Presses Universitaires de Lyon, 1992. apud SOARES, B. C. B. Resenha: O meio ambiente entra no museu. Revista Eletrônica Jovem Museologia, p.208-211, v. 3, nº 5, 1º 2008. Disponível em: <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/5/brunobrulon_resenha.pdf>. Acesso em: 15 jul 2012.

DEETZ, J. In Small Things Forgotten. New York: Garden City, 1977 apud van MENSCH, P. J. A. Towards a methodology of museology. PhD thesis, University of Zagreb, 1992.
Disponível em: <http://www.muuseum.ee/uploads/files/mensch12.htm>. Acesso em: 14 out 2012.

DESVALLÉES, A. Without Title. ISS 9, 1985, Zagreb.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F (Org.). Conceitos-chaves de museologia. Armand Colin, 2013.

DEVISME, G. Requerimento do contador do pau-brasil, Geraldo Devisme, à rainha [D. Maria I], pedindo providências relativas a conservação das matas de pau-brasil e a regulamentação do corte da mesma madeira. AHU_CU_015, Cx. 160, D. 11531.

DIAS, E. S. de A. A câmara do Recife e a coroa portuguesa: negociação de conflitos e afirmação do pacto político no reinado de D. Maria I. In: GUEDES, R. Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português: escravidão, governos fronteira, poderes, legados séculos XVII – XIX. MAUAD Editora, 2011.

DIAS, M. N. Fomento e Mercantilismo: a Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão (1775-1778). Universidade Federal do Pará, Belém, 1970.

DILLENBURG, E. What, if Anything, Is a Museum? Exhibitionist, Spring 2011, p.8-13.

DOMINGUES, F. C. A carreira da Índia. Disponível em: <http://docplayer.com.br/790914-Francisco-contente-domingues-a-carreira-da-india.html>. Acesso em: 06 jan 2017.

DOMINGUES, F. C. & GUERREIRO, I. A vida a bordo na carreira da Índia (século XVI). Revista da Universidade de Coimbra, v. XXXIV, 1988, pp. 185-225, Lisboa.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo, Perspectiva, 1973.

DURKHEIN, E. The Elementary Forms of Religious Life. (Paris, F. Alcan, 1912). New York, The Free Press, 1995.

EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (26 de Fevereiro). Ofício do Capitão mór António José Calmon de Sousa e Eça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], participando-lhe a remessa de pássaros e animais quadrúpedes, para as coleções de Lisboa. BNRJ, mssp 0000046. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000046/mssp0000046.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (24 de março). Ofício do Capitão mór António José Calmon de Sousa e Eça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], participando-lhe a remessa de pássaros e animais quadrúpedes, para as coleções de Lisboa. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12249-12250.

EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (16 de Dezembro). Ofício do Capitão mór António José Calmon de Sousa e Eça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], participando-lhe a remessa de oito pássaros. BNRJ, mssp 0000046. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000046/mssp0000046.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

EÇA, A. J. C. de S. e, 1786 (29 de Novembro). Ofício do Capitão mór António José Calmon de Sousa e Eça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], participando-lhe a remessa de pássaros e animais quadrúpedes, para as coleções de Lisboa. BNRJ, mssp 0000046. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000046/mssp0000046.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

EÇA, A. J. C. de S. e, 1787 (04 de Janeiro). Ofício do Capitão mór António José Calmon de Sousa e Eça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], participando-lhe a remessa de pássaros e animais quadrúpedes. BNRJ, mssp 0000046. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000046/mssp0000046.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

EÇA, L. A. da C. de, 1765 (23 de janeiro). Ofício do governador das ilhas de Cabo Verde, Luís António da Cunha de Eça para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real] acerca dos (acessórios) de retrós que enviara, e junto com ela pano de figuras, que foi o primeiro tecido naquela ilha de [Santiago], meias, duas raparigas, capoeiras de galinhas pintadas, pavões e plumas; e pedindo concessão de licença para mandar buscar escravos a Cacheu como foi concedida ao seu antecessor João Zuzarte de Santa Maria. AHU-Cabo Verde, cx. 26, doc. 3.

EDWARDS, G. A Natural History of Birds. Part III, College of Physicians in Warwick-Lane, 1750, London.

ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. Martins Fortes, São Paulo, 1992.

ELIAS, N. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

EPSTEIN, H. J. The Origin and Earliest History of Falconry. *Isis*, vol. 34, no. 6, 1943, pp. 497–509. Disponível em: <www.jstor.org/stable/225894>. Acesso: 21 nov 2016.

ERDKAMP, P. (Ed.). The Cambridge Companion to Ancient Rome. Cambridge University Press, 2013.

ERIKSON, P. Animais demais … os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas). Anuário Antropológico/2011-II, 2012: 15-32. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/110>. Acesso: 27 Set. 2016.

ESTRADA-FLORES, J. The History and Evolution of Animal Research. Disponível em: <http://cosmos.ucdavis.edu/archives/2011/cluster7/Estrada_Jaqueline_TheHistoryandEvolutionofAnimalResearch.pdf>. Acesso em: 07 fev 2016.

FACCHINI, F. Symbolism in Prehistoric Man. Coll. Antropol. 24 (2000) 541-553.

FEIJÓ, A.; LANGGUTH, A. Mamíferos de Médio e Grande Porte do Nordeste do Brasil: Distribuição e Taxonomia, com Descrição de Novas Espécies. Revista Nordestina de Biologia, Vol. 22, Nº 1/2, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, 2013.

FEIJÓ, J. da S. 1794 (06 de julho). MUHNAC, FRM JBA CN / F-19. In: ROQUE, A. C.; TORRÃO, M. M. (Coord.) De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e remessas científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796) vol. II – Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Julho de 2014.

FERNANDES, C. V. O bom Rei sabe bem morrer: reflexões sobre o túmulo de D. Dinis. Actas dos Encontros sobre D. Dinis em Odivelas. Edições Colibri/Câmara Municipal de Odivelas, 2011, p. 71-92.

FERREIRA, A. R., 1800 (07 de novembro). Escrito do naturalista [Alexandre Rodrigues Ferreira] a João Felipe da Fonseca sobre o recebimento de animais e caixotes de peles e amostras de canela, café e cacau. AHU_CU_ 015, Cx. 221, D. 14953.

FERREIRA, D. F. Arte da caçada altaneria. Officina de Iorge Rodrigues, Lisboa, 1616.

FERREIRA, L. da S., 1788 (24 de janeiro). Ofício do desembargador e ouvidor de Macau, Lázaro da Silva Ferreira, ao [secretário de estado dos negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos], Martinho de Melo e Castro, a enviar uma concha bivalve. AHU-Macau, Cx. 18, D. 3.

FERREIRA, L. da S., 1789 (17 de janeiro). Ofício do [desembargador e ouvidor de Macau], Lázaro da Silva Ferreira, ao [secretário de estado dos negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de conchas, búzios e outros espécimes marinhos e de árvores. AHU-Macau, Cx. 18, D. 19.

FERREIRA, L. da S., 1790 (07 de janeiro). Ofício do desembargador e ouvidor de Macau, Lázaro da Silva Ferreira, ao [secretário de estado dos negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa das coralinas negras e de outros espécimes marinhos. AHU-Macau, Cx. 18, D. 36.

FERREIRA, M. de S. I., 1766 (14 de fevereiro). Ofício do Governador Interido da Capitania da Bahia [Francisco Manuel de Santa Inês], ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça [Furtado] participando-lhe que pelo navio N. Snra. Rainha dos Anjos era remetida para Lisboa uma zebra que lhe oferecia o governador de Angola. AHU_CU_0005, Cx. 38, D. 7031-7032.

FERREIRA, M. de S. I., 1768 (26 de janeiro). Ofício do Arcebispo Governador interino [da Bahia], D. Fr. Manoel de Santa Inês Ferreira, ao Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado [secretario de Estado da Marinha e do Ultramar], no qual participa a remessa de dois viveiros, que recebera do Governador Capitão General [do Reino de Angola], Francisco Innocencio de Souza Coutinho, para a Corte, na Galera invocada S. Francisco de Paula, de que é mestre o Capitão Manoel de Abrel, ficando de enviar o terceito viveiro na primeira ocasião possível. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773.

FERREIRA, M. de S. I.; ALVIM, G. X. de B. e; ANDRADE, J. de C. de, 1764 (14 de janeiro). Ofício do Governo Interino da Capitania da Bahia (Manuel de Santa Inês, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, José de Carvalho de Andrade) ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as remessas de pássaros da África e Brasil para viveiros das Quintas Reais. AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6448.

FERREIRA, M. de S. I.; ALVIM, G. X. de B. e; ANDRADE, J. de C. de, 1764 (14 de julho). Ofício do Governo Interino da Capitania da Bahia (Manuel de Santa Inês, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, José de Carvalho de Andrade), ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a remessa de pássaros, na nau de guerra Nossa Senhora do Monte do Carmo, do mestre Nicolau da Silva. AHU_CU_005-01, Cx. 36, D. 6695-6696.

FERREIRA, P. (Ed.). Notícia relatando a chegada dos falcões oferecidos pelo Grão Mestre de Malta. Gazeta de Lisboa, nº 9, 02 de março de 1730.

FERREIRA, V. G., 1775 (28 de outubro). Carta do Capitão Mor das Ilhas de São Tomé e Principe [Vicente Gomes Ferreira], relatando o envio, pelo Cap^{m}. M^{e}. Martins de Mattos, para a cidade da Bahia, 48 Periquitos e 7 Papagaios cinzentos de cauda encarnada. AHU-São Tomé e Principe, Cx. 15, doc. 46.

FERREIRA, V. G., 1776 (06 de janeiro). Carta do Capitão Mor das Ilhas de São Tomé e Principe [Vicente Gomes Ferreira], relatando o envio de 20 pardais em um viveiro, 7 estorninhos pretos cujo canto imita o dos melros, e 10 papagaios cinzentos com os rabos encarnados que vão em gaiolas e são muito mansos. Remete ainda pombos que andam nos matos da ilha. AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 58.

FERREIRA, V. G., 1776 (08 de janeiro). Ofício do Capitão Mor das Ilhas de São Tomé e Principe [Vicente Gomes Ferreira] relatando o envio de 153 periquitos e 48 pardais em dois viveiros. AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 58.

FERREIRA, V. G., 1776 (20 de agosto). Ofício do Capitão Mor das Ilhas de São Tomé e Principe [Vicente Gomes Ferreira], informando o envio de aves pela corveta N. S. do Rozario Santo Antonio e Almas de quem é mestre Joseph. Francisco torres. AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 57, 58.

FERRO, M. I. Queluz: O palácio e os jardins. Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) e Scala Publishers.

FIGUEIROA, J. B. de, 1779 (03 de novembro). Carta do arcebispo [de São Salvador da Bahia], D. Joaquim Borges de Figueiroa ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de uma anta e uma tartaruga, que tinha oferecido para a Quinta Real de Queluz. AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10432.

FOIS, F. P. L. de, 1788 (06 de abril). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Fernando Pereira Leite de Foios, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de um urubu real e de várias plantas tropicais para Lisboa. AHU_CU_009, Cx. 71, D. 6149.

FOIOS, F. P. L. de, 1790 (14 de maio). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Fernando Pereira Leite de Foios, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de um pássaro urubutinga. AHU_CU_009, Cx. 75, D. 6466.

FONSECA, M. P. da. Remessa de falcões ao rei de Portugal D. João V. Gazeta de Lisboa, n.º 12, 20 de Março de 1742, p. 144

FONSECA, M. P. de. Remessa dois gatos da Pérsia ao rei D. João V. Gazeta de Lisboa, n. 33, p. 386, 19 de junho de 1742.

FONSECA, M. P. da. Remessa de dois gatos persas pelo Grão Mestre da Ordem de Malta. Gazeta de Lisboa, n. 33, p. 386, 1742.

FOUCAULT, M. The History of Sexuality, vol. I, Pantheon Books, New York, 1978.

FRANÇA, A. G. de, 1769 (19 de Junho). Carta do capitão-mor de Guaratinguetá, António Galvão de França ao governador da Capitania de São Paulo, Luís António de Sousa Botelho Mourão, dando informação sobre remessa de pinhões à Vila Rica, a busca a um papagaio amarelo e sobre providências tomadas para execução de ordem de prisão. BNRJ, mss1456607, I-30-12-2 nº 17. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1456607/mss1456607.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

FRANCO, N. H. Animal Experiments in Biomedical Research: A Historical Perpective. *Animals*, 2013, 3, 238-273. Disponíel em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4495509/>. Acesso em: 07 Fev 2016.

FRANCO, S. B., 1770 (18 de Março). Carta de Simão Barbosa Franco ao governador da Capitania de São Paulo, Luís António de Sousa Botelho Mourão, remetendo alguns pássaros e apresentando o portador. Nova Povoação de Itapetininga, 18 de março de 1770. 1 p. Original. BNRJ mss1456635, I-30,12,7, nº 6. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1456635/mss1456635.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

FREUDENTHAL, A.; MAGALHÃES, B.; PEDRO, H.; PEREIRA, C. V. (Orgs.). Antologias de poesia da casa dos estudantes do império *1951-1963*. Moçambique, II Volume. Edição ACEI. 2014.

FU, L. The two portuguese embassies to China during the K'Ang-Hsi period. Toung Pao, Second Series, Vol. 43, L. 1/2 (1954), pp. 75-94. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4527376>. Acesso: 17 Nov. 2016.

FURTADO, F. X. de M. 1753 (26 de novembro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Maranhão e Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Diogo de Mendonça Corte Real, remetendo alguns toros de madeiras "Pinima" encontradas na Serra de Orubucuara, junto ao rio das Tormentas, e alguns exemplares de pássaros daquela região, a bordo da nau de guerra "São José". AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.

FURTADO, J. F. (Org). Sons, Formas, Cores e Movimentos na Modernidade Atlântica: Europa, Américas e África. Annablume, São Paulo, 2008.

GALVÃO, D. Chronica delRey D. Afonso Henriques. Lisboa, 1726.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil. Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, Rio de Janeiro, série terra incognita, artigo 14, 2002. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf>. Acesso: 06 Fev. 2016.

GASPAR, A. Sitio Arqueológico de Frielas. Proposta de Zona Especial de Proteção, Grau e Áreas de Sensibilidade Arqueológica. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Processo 99/1(2), 12 Dez. 2004.

GENTILE, G.; SNELL, H. Conolophus marthae sp. nov. (Squamata: Iguanidae), a new specie of land iguana from the Galápagos Archipelago. Zootaxa 2201, 1-10, 2009.

GODINHO, J. B. V., 1784 (18 de abril). Ofício do [governador e capitão-geral das Ilhas de Timor e Solor], João Baptista Vieira Godinho, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a vantagem na comunicação directa entre Timor e Goa que possibilitaria o escoamento de produtos de Timor. AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 88.

GODINHO, J. B. V., 1784 (27 de Abril). Ofício do [governador e capitão-geral das Ilhas de Timor e Solor], João Baptista Vieira Godinho, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o interesse de se fazer uma história natural de Timor e Solor e da necessidade de meios para tal finalidade. Pedido para que o naturalista Manuel Galvão da Silveira fique em Timor quando findar a sua comissão em Moçambique. AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 97.

GODINHO, J. B. V., 1788 (12 de dezembro). Ofício do [governador e capitão-geral das Ilhas de Timor e Solor], João Baptista Vieira Godinho, para o [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Casro, a enviar amostras de madeira da China e de Timor, óleos, conchas, corais, pedras e pássaros. AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 126.

GODINHO, J. B. V., 1789 (08 de janeiro). Ofício do [governador e capitão-geral das Ilhas de Timor e Solor], João Baptista Vieira Godinho, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Costa, a remeter um caixote com amostras de produtos naturais das ilhas de Timor e Solor e a pedir protecção para o comércio. AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 131.

GOES, D. Chronica do felicissimo Rei Dom Emanvel. Lisboa, 1566.

GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos objetos: Coleções, museus e patrimônio. Coleção: Museu, Memória e Cidadania. Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, 2007.

GRAM, C. O., 1775 (11 de novembro). Ofício do monteiro-mor do rei da Dinamarca, Conde de Gram, [ao enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal junto às cortes de Haia, José Vasques Álvares da Cunha] sobre o envio de falcões islandeses. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

GRILO, V. A caça na sociedade aristocrática dos séculos XII a XV, Cadernos da História, 2012. Disponível em: <http://cadernosdahistoria.weebly.com/a-caccedila-na-sociedade-aristocraacutetica-dos-seacuteculos-xii-a-xv.html>. Acesso: 27 nov 2016.

GSCHWEND, A. J. A procura portuguesa por animais exóticos/The Portuguese quest for exotic animals. In: Hallett Jr. (Edl) Cortejo triunfal com girafas/Triumphal procession with giraffes. Fundação Ricardo do Espirito Santi Silva, Lisboa, 2009, pp. 32-42.

GUEDES, N. B. C. O palácio dos senhores do infantado em Queluz. Livros Horizonte, 1971.

GUIDOTTI, M. G. in, 1773 (13 de Janeiro). Carta de Maria Guidotti in Guidotti a Brunelli, externando seu desejo de que o destinatário volta a Bolonha e solicitando a compra de um papagaio que fale italiano. BNRJ, mss1435319, I-4-25-76. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1435319/mss1435319.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

GUTHRIE; SLUSARENKO; LEEB. The master Plan: A program for Excellence. Washington Park Master Plas Reporte, 1983 *apud* POLAKOWISKY, K. Zoo Design: The Reality of Wild Illusions. Michigan, The University of Michigan, 1987.

HAGENBECK, C. Beast and Men: Being Carl Hagenbeck experiences for half a century among wild animals. Longmans, Green and Co., London, 1912.

HAMILTON-SMITH, E. *Beneath the Surface: A Natural History of Australian Caves*. University of New South Wales Press, 2003, p. 225-226 *apud* STEBBINS, R. A. *The Idea of Leisure: First Principles*. Transaction Publishers, New Jersey, 2012, p. 23.

HANCOCKS, D. A Differente Nature: The Paradoxical World of Zoos and Their Uncertain Future. University of California Press, Los Angeles, 2001.

HANSON, E. Animal Attractions: Nature on Display in American Zoos. Pincenton University Press, 2002.

HEITLAND, W. E. The Roman Republic. Volume Three. Cambridge University Press, 1909.

HERRERA, A. U. Coleccionismo y Nobleza: Signos de distinción social en la Andalucía del Renascimiento, Marcial Pons Historia, 2007, p. 20-21 *apud* JIMÉNEZ, C. G. C. Curiosidades vivas. Los animais de América y Filipinas en la *Ménagerie* real durante el siglo XVIII. Anuario de Estudos Americanos, 66, 2, Jul/Dic 2009, sevilha, España, p. 181-211.

HENRIQUES, J. J. de B., 1767 (08 de março). Ofício do governador de Cabo Verde, D. João Jácome de Baena Henriques ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando, em cumprimento da ordem régia, não ter encontrado jumentos de maior grandeza na diligencia que mandou fazer à ilha do Maio; e que encontrando-os maiores nas ilhas de São Vicente e do Sal, pela informação que tem, os remeteria; e que recomendara ao governador de Bissau e capitão-mor de Cacheu, [Sebastião da Cunha de Souto Maior], todos os pássaros e animais quadrúpedes. AHU-Cabo Verde, cx. 30, doc. 50.

HENRIQUES, J. J. de B., 1767 (28 de março). Ofício do governador das ilhas de Cabo Verde, D. João Jácome de Baena Henriques ao [secretario de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado pedindo perdão de remeter-lhe oito pavões e quatro dúzias de galinhas do mato. AHU-Cabo Verde, cx. 30, doc. 60.

HOAGE, R. J. Menageries and Zoos to 1900. In: HOAGE, R. J. & DEISS, W. (Eds.) New Worlds, New Animals: From Menagerie to Zoological Park in the Nineteenth Century. The Smithsonian Institution, 1996.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 9, *Cotingas to Pipits and Wagtails*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2004.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 10, *Cockoo-shrikes to Thrushes*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2005.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 13, *Penduline-tits to Shrikes*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2008.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 14, *Bush-shrikes to Old World Sparrows*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2009.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 15, *Weavers to New World Warblers*, *Lynx Editions*, Barcelona, 2010.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 16, *Tanagers to New World Blackbirds*, *Lynx Editions*, Barcelona, 2011.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 1, *Ostrich to Ducks*. *Lynx Editions*, Barcelona, 1992.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 2, *New World Vultures to Guineafowl*. *Lynx Editions*, Barcelona, 1994.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 3, *Hoatzin to Auks*. *Lynx Editions*, Barcelona, 1996.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 4, *Sandgrouse to Cuckoos*. *Lynx Editions*, Barcelona, 1997.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 5, *Barn-owls to Hummingbirds*. *Lynx Editions*, Barcelona, 1999.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 6, *Mousebirds to Hornbills*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2001.

HOYO, J. del; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 7, *Jacamars to Wodpeckers*. *Lynx Editions*, Barcelona, 2002.

JENNISON, G. Animals for Show and Pleasure in Ancient Rome. Manchester University Press, 1937.

JESUS, N. M. de. Negociações, fraudes e comércio: o auto de devassa aberto contra o governador João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres na capitania de Mato Grosso (1789-1796). XXXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho de 2015, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433861170_ARQUIVO_Negociacoes,fraudesecomercio-NaukMariadeJesus.pdf>. Acesso: 27 Ago. 2017.

JOSLIN, P. Master Planning/Strategic Planning; and Elements of the Mater Plan. Lecture and Paper presented in Zoo Design Course. NR 791. Michigan: The University of Michigan, 1985 *apud* POLAKOWISKY, K. Zoo Design: The Reality of Wild Illusions. Michigan, The University of Michigan, 1987.

KANTOROWICZ, E. Frederick the Second 1194-1250. Ederick Ungar Publishing Co. New York, 1957.

KESWICK, M. The Chinese Garden: History, Art and Architecture. Harvard University Press, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=LYpIPcg9k4cC&pg=PA43&lpg=PA43&dq=Zhang+Heng's+imperial+hunt+park&source=bl&ots=CmoBDPZbC8&sig=yz2rKpHgP9LOBmoRwkj-P0vRB20&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjDy4itkrfKAhWIjZAKHWaCB6MQ6AEIPzAG#v=onepage&q=Zhang%20Heng's%20imperial%20hunt%20park&f=false>. Acesso: 19 Jan. 2016.

KISLING Jr., V. N. Ancient Collections and Menageries. In: KISLING Jr., V. N. (Ed.). Zoo and Aquarium History: Ancient Animal Collections to Zoological Gardens. CRC Press, 2001.

KNIGHT, E. C. Description of the Latium; or La Campagna di Roma. London, 1805.

KOEBNER, L. Zoo Book: The Evolution of Wildlife Conservation Centers. A Forger Hardcover, New York, 1994.

KONARÉ, A.O. Substituts de Masques et statuettes au Mali. ICOFOM Studies Series 8, ICOM Sumposium Originals and Substitutes in Museums, Zagreb, 1985.

KROEBER, A. L. The superorganic. American Anthropologist, New Series, vol. 19, no. 2, Apr/Jun 1917, pp. 163-213.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. Prespectiva, São Paulo, 2006.

LACH, D. Asia in the Making of Europe, Volume II: A Century of Wonder. Book 1: The visual art. The University of Chicago Press, 1970.

LANGER, S. K. Philosophy in a New Key: A Study in the Symbolism of Reason, Rite and Art. A Mentor Book.1954.

LARA, J. de, 1772 (23 de Junho). Carta do alferes João de Almeida Lara ao governador da Capitania de São Paulo, Luís António de Sousa Botelho Mourão, remetendo de presente um casal de aves raras. BNRJ, mss1460683, I-30-13-9 nº 1. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1460683/mss1460683.pdf>. Acesso: 10 Dez. 2017.

LATHAM, J. A General History of Birds. Winchester, 1824, v. X, pp. 1-456.

LEAL, F. de P, 1810 (04 de agosto). Ofício do [capitão] Francisco de Paula Leal ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, conde de Galveias, D. João de Almeida Melo e Castro], informando que vai para a fronteira com o seu regimento e sobre a remessa de pássaros. AHU-Baía, cx. 246, D. 41. AHU_CU_019, Cx. 12, D. 778.

LEÇA, B. de S., 1786 (25 de abril). Ofício do Capitão mór Braz de Sousa Leça para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], sobre a apanha e remessa de pássaros e outros animais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12251-12252.

LECLERC, G. L., 1792. Buffon's Natural History, v. 8, London.
Disponíel em: <https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5QadUW7FdEgJlSYwhbEtH-G3RJTDAFRyYww-7A5B8KFqvuq_mLhM1f5Zt_P91kC-l03MlCA7yo0iO9obGvnHgoHPre7Rw1HB-wZ-n62fqo8nr1i3xKHYC4sx7kk78uJJaUNXcsT_m7-II-AY4OOwQ-nPVuCG902lbXIPxKX05UAvFOPWv9QGC_FxgAng6oUU24XRL-pdjEkySyqFBBXntXs-m9tClN_PTwvPl8big8AnjZ2VhueqpGtGv3jLYo4nUoytovxk-6TQ4PeUpbMpvshPwXeHlOgiwwmdmsQhl95rmfDJGWbU>. Acesso: 10 Mai. 2015.

LEMOS, L. J. C. (Ed.) Notícia relatando a chegada dos falcões entregues por Duarte de Souza Coutinho, Cavaleiro da Ordem de Malta. Gazeta de Lisboa, n.º 12, 20 de Março de 1742.

LEMOS, L. J. C. (Ed.). Oferta de Gatos-persas do Grão-mestre de Malta ao rei D. João V. Gazeta de Lisboa", n.º 33, 14 de Agosto de 1742.

LENSEELE, V. Weird Animals from the Elite Cemetery. Archaeology's InteractiveDig. Nov 2002 - Apr 2009. Disponível em: <http://interactive.archaeology.org/hierakonpolis/animals.html>. Acesso: 16 Mar. 2012.

LEPAGE, D. Bird Checklists of the World – Cape Verde Islands, 2017. Disponível em: <https://avibase.bsc-eoc.org/checklist.jsp?region=CV&list=clements>. Acesso: 12 Ago. 2017.

LEPAGE, D. Bird Checklists of the World – Sao Tome and Principe, 2017. Disponível em: <https://avibase.bsc-eoc.org/checklist.jsp?region=ST>. Acesso: 23 Jun. 2017.

LERIN, F. F. *El Bestiario de Ferrer Lerin*, 2007, *Galaxia Guttenberg*, Barcelona *apud* ALBORÉS, M. & FUENTES, J. *El Animal Invisible: Iconografía del rinoceronte*. Disponível em: <http://mafa-elanimalinvisible.blogspot.com.br/p/iconografia-del-rinoceronte-mafa.html>. Acesso: 24 Out. 2016.

LEWIS, D. *There's an Elephant Buried Underneath the Vatican: The forgotten remains of a beloved, 16th-century papal pet*. 21 out 2015. Disponível em: <http://www.smithsonianmag.com/smart-news/theres-elephant-buried-beneath-vatican-180957013/>. Acesso: 13 Fev. 2017.

LIMA, D. F. C. O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam... ENANCIB, 2009.
Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3312/2438>. Acesso: 12 Mar. 2015.

LIMA, J. J. L. de. Ensaios sobre a Statistica das Possessões Portuguesas na Africa Occidental e Oriental na Asia Occidental na China, e na Oceania. Lisboa, Imprensa Nacional, 1844. Livro III, Parte I, p. 20.

LIRA, S. O Único e o Autêntico. ANTROPO*lógicas*, nº 2, 1998.
Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/990/794>. Acesso: 20 Set. 2016.

LOBO, J. S. de S., 1774 (23 de fevereiro). Ofício do Governador das Ilhas de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, ao [Secretario de Estado da Marinha e do Ultramar] Sr. Martinho de Mello e Castro, acusando o recebimento das cartas datadas de dezesseis de Abril e Cinco de Outubro do corrente ano, nas quais Sua Magestade ordena o envio, pelas embarcações provenientes desta Capitania, de todas as qualidades de Passaros que houverem nestas ilhas, e que estas remessas continuem até enquanto não houver ordem ao contrario; especifica os Passaros e animaes chamados: Picaflor, Granadeiros, Antas, e tamandoas. AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 67.

LOBO, J. S. de S., 1774 (25 de maio). Ofício do Governador das Ilhas de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, ao [Secretario de Estado da Marinha e do Ultramar] Sr. Martinho de Mello e Castro, sobre a remessa de passaros da Guiné, pela Curveta São Francisco Xavier, de quem é mestre Manoel da Silva Thomas. AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 59.

LOBO, J. S. de S., 1774 (25 de maio). Ofício do Governador das Ilhas de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, ao [Secretario de Estado da Marinha e do Ultramar] Sr. Martinho de Mello e Castro sobre a remessa de Gatos de Algália e da impossibilidade do envio de outras espécies devido as condições climáticas que assolaram a região. AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 62.

LOBO, J. S. de S., 1775 (15 de março). Ofício do Governador das Ilhas de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, ao [Secretario de Estado da Marinha e do Ultramar] Sr. Martinho de Mello e Castro, sobre a remessa de Passaros e Animais raros. AHU-Cabo Verde, cx. 34, doc. 19.

LOBO, J. S. de S., 1776 (20 de março). Ofício do Governador das Ilhas de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, ao [secretario de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, o recebimento das cartas solicitando a remessa de passaros e animais quadrupedes raros da Guine, em especial os pelicanos grandes, pombas verdes, e dos pequenos papagaios ou periquitos assim como dos chamados lyns ou azuloins. AHU-Cabo Verde, Cx. 35, doc. 10.

LOISEL, G. Histoire des Ménageries de L'Antiquité a nous Jours. Vol I, Antiguité: Moyen âge - Renaissance. Octave Boin et Fils and Henri Laurens, Paris, 1912.

LOISEL, G. Histoire des Ménageries de L'Antiquité a nous Jours. Vol II, Temps modernes (XXII^{e} et XXVIII^{e} Siècles). Octave Boin et Fils and Henri Laurens, Paris, 1912.

LOISEL, G. Histoire des Ménageries de L'Antiquité a nous Jours. Vol III, Époque contemporaine (XIX^{e} et XX^{e} Siècles). Octave Boin et Fils and Henri Laurens, Paris, 1912.

LOPES, A.; FRUTUOSO, E.; GUINOTE, P. As Frotas do Brasil no Atlântico de final do Antigo Regime. Congresso Internacional o Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e sociedades. Lisboa, 2 a 5 de novembro de 2005. Disponível em:
<http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/antonio_lopes_eduardo_frutuoso_paulo_guinote.pdf>. Acesso: 07 out 2017.

LOPES, F. Chronica de El-Rei D. Fernando. Collecção de livros ineditos de historia portugueza, dos reinados de D. Dinis, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando. Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo IV, 1816.

LOUREIRO, M. L. de N. M. Objeto, Informação e Materialidade: esboço de uma pesquisa em curso. Museologia e Patrimônio, MAST, v. 1, 2015.

LOURENÇO, C. 1522, janeiro, 13. Carta de Cristóvão Lourenço caracão para d. João iii acerca do contrato da canela e elefantes de Ceilão, pedindo uma mercê em remuneração de seus serviços. ANTT, Colecção de cartas, Núcleo Antigo 876, n.º 15.

LOURENÇO, V. A. Moçambique: Memórias sociais de ontem, dilemas políticos de hoje. Gerpress, Lisboa, 2009.

LUIS, P. Avaliação que fez pedro luis, medidor das obras de lisboa, de umas manjedouras na estrebaria dos estaus feitas por joão da serra e outras por Gil Fernandes. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. ANTT, Corpo Cronológico, parte II, mç 93, nº 138, datado de 10 de janeiro de 1521.

LYONS, J. A. casa da sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2011.

MACKINNON, M. Supplying Exotic Animals for the Roman Amphitheatre Games: New Reconstructrions Combining Archaeological, Ancient Textual, Historical and Ethnographic Data. Mouseion, Series III, v. 6, p. 1-25, 2006.

MACHADO, J. C., 1784 (01 de janeiro). Carta de Joaquim Carneiro Machado, [capitão de mar e guerra das naus da Coroa], a oferecer árvores e pássaros raros. AHU-Macau, Cx. 15, D. 1.

MADUREIRA, F. A. de, 1777 (23 de janeiro). Ofício de Francisco António de Madureira para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo como oferta um sagüi, um macaco a que chamam "barrigudo", e instrumentos guerreiros de um gentio bravo. AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6378.

MAGALHÃES, J. T. de; SAMPAIO, A. A. S. de, 1911 (21 de dezembro). Arrolamento dos Paços Reais, Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda, Vol. 1, Sala de mármore, arrolamento 41. ANTT, Direcção Geral da Fazenda Pública.

MAGALHÃES, P. J. C. de Q. H. e, 1785 (07 de agosto). Ofício do governador de Benguela Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castros tecendo considerações sobre o comércio da escravatura e propondo medidas para melhorar o comércio de marfim; informando a encomenda de uma ponta de marfim das mais procuradas e de maior dimensão, proveniente da terra dos Ganguelas; sobre a chegada de um nau da Índia pertencente a Teodósio Gonçalves e comandada pelo capitão tenente José Jacinto, e por caixa da dita nau Joaquim José Ferreira; enviando uma garoupa em frasco de vidro, galinhas do mato pintada, veados e pássaros. AHU-Angola, Cx. 70, D. 43.

MAGALHÃES, P. J. C. de Q. H. e, 1786 (18 de agosto). Ofício do governador de Benguela, Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo aves e animais diversos; sobre a falta de tropa para impedir a rebelião dos povos da região, que atacam os sertanejos que se aventuravam no sertão no comércio de escravos; referindo que a expedição para o Cabo Negro com objectivo de encontrar o rio Cunane, como prazo de 4 meses prolongava-se já por um ano sem notícias satisfatórias, lamentando-se da subordinação ao governo-geral de Angola, desigando Benguela por "quinta dos governadores de Angola", defendendo a sua independência do governo-geral como forma de potenciar o seu desenvolvimento económico e o aumento das receitas do erário régio. AHU-Angola, cx. 71, D. 45.

MAGALHÃES, P. J. C. de Q. H. e, 1787 (17 de julho). Ofício do governador de Benguela, Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pelo navio Nossa Senhora de Lampadosa, e São João Baptista, capitaneada por José Félix de Sousa, pássaros e animais para o Reino; sobre conflitos com o governador-geral acerca dos encargos dessas remessas; solicitando sucessor. AHU-Angola, Cx. 72, D. 38.

MALHEIRO, L. A. 1785 (08 de Abril). Mapa de Luís António Malheiro, capitão da Galera Nossa Senhora da Vitória Princesa Divina, da despesa feita com duas onças e um "corvo-rei" enviados de São Paulo pelo governador e capitão-general daquela capitania, Francisco da Cunha e Meneses, [a D. Maria I]. AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (10 de abril). Ofício do desembargador [dos Agravos] Antônio Joaquim de Pina Manique ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita ao navio Real Pedro, vindo da capitania de Pernambuco, remetendo a lista de passageiros, da carga e das cartas e informando a vinda de viveiro de pássaros no dito navio. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11277.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (09 de junho). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao navio Santos Mártires Triunfo do Mar, de que é capitão António Luís da Piedade, às corvetas Nossa Senhora da Conceição e Santa Rita, de que é capitão José Pereira Rebelo, Nossa Senhora da Piedade e Senhor Jesus da

Boa Hora, de que é capitão Francisco José Ribeiro Coelho, vindas todas de Pernambuco; às galeras Santa Isabel Rainha de Portugal, de que é capitão Boaventura José Alves, vinda do Pará; e Nossa Senhora da Conceição e Santa Rita, de que é capitão Joaquim Lázaro Madeira, vinda do Maranhão; e remetendo as listas de cargas das ditas embarcações, informando os nomes dos passageiros, bem como aves e demais animais transportados. AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (13 de agosto). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez à Galera Nossa Senhora da Conceição, Santo António e Almas, de que é capitão Félix Carneiro dos Santos, à corveta Nossa Senhora do Livramento, Santo António e Almas, de que é capitão Luís de Pré Lelué, vindas do Rio de Janeiro; e aos navios São Pedro de Rates, de que é capitão Manuel Francisco de Macedo, vindo do Maranhão; Nossa Senhora da Oliveira, de que é capitão António Caetano Duarte, Nossa Senhora da Lapa e Três Reis Magos, de que é capitão José Joaquim de Sousa, vindos da Bahia, e remetendo as listas de cargas e listas de passageiros das ditas embarcações, bem como enviando as cartas trazidas e entregues pelos capitães. AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 27.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (18 de outubro). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez aos navios Bom Jesus do Além e Nossa Senhora da Esperança, de que é capitão António José do Espírito Santo, vindo da Bahia e Nossa Senhora da Conceição e São José, de que é capitão António de Oliveira Guedes, vindo do Rio de Janeiro; e remetendo as listas de cargas das ditas embarcações, bem como informando os nomes dos passageiros. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 29.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (03 de novembro). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim, de que é capitão Manuel Correia Santiago, vindo do Rio de Janeiro; à galera Americana, de que é capitão Francisco de Sales Silva, vinda do Maranhão, e remetendo as listas de cargas das ditas embarcações, bem como informando os nomes dos passageiros e enviando as correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 32.

MANIQUE, A. J. de P., 1786 (22 de dezembro). Ofício do desembargador dos Agravos, Antônio Joaquim de Pina Manique para o [secretário do Estado, Marinha e Domínios Ultramarinos, Martinho de Melo e Castro], no qual relata a visita do ouro realizada no navio Santos Mártires Triunfo do Mar, de que é capitão Antônio Luís da Piedade, na qual verificou o transporte pelo dito navio de uma Cabouca brava chamada Maria menor de seis anos; uma onça e outros pássaros e mais três caixotes. AHU_CU_023-01, Cx. 39, D. 3268.

MANIQUE, A. J. de P., 1787 (22 de maio). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez à galera Santo António Resoluto, de que é capitão Joaquim Ribeiro Duarte, vinda do Rio de Janeiro; à corveta Nossa Senhora da Conceição e Santa Ana, de que é capitão Francisco António, vinda do Maranhão; à galera Nossa Senhora da Soledade Santa Rita Estrela, de que é capitão António José de Oliveira, vinda da Bahia; à Charrua Dois Irmãos, de que é capitão Joaquim da Trindade, vinda do Maranhão; aos navios Santíssimo Sacramento, de que é capitão Manuel Francisco Lavra, vinda da Bahia; Santíssimo Sacramento Nossa Senhora da Conceição, de que é capitão Joaquim José Gomes dos Santos, vinda de Pernambuco; São João Nepomuceno e Senhor Francisco de Paula, de que é capitão Vitorino José de Vasconcelos, vindo do Rio de Janeiro; e remetendo as listas de cargas e de passageiros das ditas embarcações, bem como informando o envio das correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 36.

MANIQUE, A. J. de P., 1787 (27 de junho). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique [ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez à corveta Santíssimo Sacramento e Todos os Santos, de que é capitão José Rodrigues de Melo, vinda do Rio de Janeiro; aos navios Nosso Senhor do Bom Despacho e São João, de que é capitão José Pinto, Santo Estevão, de que é capitão José Ribeiro Pontes, vindos da Bahia; Graça Divina, de que é capitão José Joaquim Jorge, Nossa Senhora da Alegria, de que é capitão José Fernandes de Araújo, Nossa Senhora da Penha de França, de que é capitão Manuel Ribeiro Pontes, vindos do Rio de Janeiro; e remetendo as listas de cargas e de passageiros das ditas embarcações, bem como informando o envio das correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 37.

MANIQUE, A. J. de P., 1787 (31 de julho). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José, de que é capitão José Lopes dos Santos, vindo de Pernambuco; ao navio Europa Nossa Senhora da Madre de Deus e São José, de que é capitão Manuel Álvares de Sousa Carqueja, vindo do Rio de Janeiro; e remetendo as listas de cargas e passageiros das ditas embarcações, bem como informando o envio das correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 39.

MANIQUE, A. J. de P., 1788 (25 de junho). Ofício do [visitador do ouro] António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao bergantim Santo António Protector, de que é capitão José Jorge, vindo do Maranhão; ao navio Nossa Senhora

dos Navegantes Santo António Val de Piedade, de que é capitão António José Rodrigues, vindo da Bahia; e remetendo as listas de cargas das ditas embarcações. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 49.

MANIQUE, A. J. de P., 1788 (14 de julho). Ofício do [visitador do ouro] António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez à galera Jesus, Maria José e Boa União, de que é capitão José Francisco Belém, ao navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António, de que é capitão João Teles Borralho, à galera Nossa Senhora da Conceição e São José Flor do Mar, de que é capitão Jacinto Gonçalves de Oliveira, vindos de Pernambuco; ao navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Rosário, de que é capitão Torcato da Silva, à galera Santo António Flor da Murta, de que é capitão José Ferreira, ao bergantim Nossa Senhora da Guia, de que é capitão João Coutinho, vindos do Rio de Janeiro; ao navio Nossa Senhora da Viagem e Corpo Santo, de que é capitão Salvador Clareano, vindo da Bahia; à corveta Nossa Senhora dos Prazeres e Santíssimo Sacramento, de que é capitão José Francisco Martins, vinda do Maranhão; e remetendo as listas de cargas, de passageiros e do dinheiro vindo com os ditos passageiros das embarcações, bem como informando o envio das correspondências pelos capitães. AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 50.

MANIQUE, A. J. de P., 1788 (26 de agosto). Ofício do [visitador do ouro] António Joaquim de Pina Manique, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao navio Rainha dos Anjos, de que é capitão José de Lima Fagundes, vindo do Rio de Janeiro; à corveta Águia do Douro, de que é capitão Bernardo Pereira de Sousa, vinda de Pernambuco; ao navio Santo António Resoluto, de que é capitão José de Bastos, vindo do Maranhão; e remetendo as listas de cargas e de passageiros das ditas embarcações, bem como informando o envio das correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 52.

MANIQUE, A. J. de P., 1788 (09 de setembro). Ofício do [visitador do ouro], António Joaquim de Pina Manique, ao [Secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a visita do ouro que fez ao navio Santíssimo Sacramento, de que é capitão Manuel Nunes, vindo da Bahia; às galeras São José Expedição, de que é capitão Joaquim Francisco Belém, vinda do Maranhão; Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição, de que é capitão Joaquim José Gomes, vinda de Pernambuco; e remetendo as listas de cargas das ditas embarcações, bem como informando os nomes dos passageiros e o envio das correspondências trazidas pelos capitães. AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 53.

MANN, M. The Sources of Social Power. Vol. 1. A History of power from the beginning to A.D. 1760. Cambridge University Press. 1986.

MANUEL I, D. 24.03.1515. Alvará pelo qual o Rei D. Manuel [I] mandou vestir os dois mestres dos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 17, n.º 98, 1515.

MANUEL I, D. 03.06.1517. Alvará do rei para Afonso Monteiro mandar concertar tudo que for necessário na estrebaria dos estaus. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. ANTT, Corpo Cronológico, parte I, mç. 20, n.º 30, datado de 13 de maio de 1516.

MANUEL I, D. Alvará de D. Manuel I para se dar vestiaria a Pedro e Tomé, servidores dos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 22, n.º 3.

MARCELLINO, N. C. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana Lazer e Sociedade, vol. 1, n.2, maio. 2007/set. 2007, p.1-20.

MARIA I, D., 1797 (13 de Março). Carta Régia (copia), da rainha D. Maria I, ao governador [da Paraíba], brigadeiro Jerónimo José de Melo e Castro, ordenando a maneira que deverá se proceder para proteger as matas, evitando a sua destruição. AHU_CU_014, Cx. 33, D. 2380.

MATTA, M. G. da, [ca. 1766]. Ofício do sargento-mor engenheiro, Manuel Germano da Mata, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, dando conta da existência, na Guiné, de um animal quadrúpede semelhante ao jumento e da dificuldade de se apanhar os potros marinhos, todavia na próxima embarcação que saísse daquele porto enviaria alguns exemplares, bem como cera e pombos verdes. AHU_CU_049, Cx. 9, D. 803.

MEHOS, D. C. Science and Culture for Members Only: The Amsterdam Zoo Artis in the Nineteenth Century. Amesterdam University Press, 2006.

MELLO, A. J. de. (06 de junho de 1766). Carta [do governador de Inhambane] António José de Melo para [o governador e capitão-general de Moçambique] Baltasar Manuel Pereira do Lago, sobre a oferta que lhe fizeram de diversos animais. AHU-Moçambique, cx. 26, doc. 42.

MELLO, A. J. de. (12 de junho de 1768). Carta [do governador de Inhambane] António José de Melo para o governador e capitão-general de Moçambique, Baltasar Manuel Pereira do Lago, dando conhecimento do envio dos pássaros para o Palacio dos generais. AHU-Moçambique, cx. 28, doc. 55.

MELLO, P. A. da F. e, 1786 (22 de setembro). Ofício do Capitão mór Pedro Alves da Fonseca e Mello para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], em que participa a remessa de diversos pássaros e outros animais para as coleções reais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12259-12260.

MELO, C. J.; VAZ, E.; PINTO, L. M. C. (Eds.). Environmental History in the Making. v. II. Springer, Switzerland, 2017.

MELO, J. de C. G. A. de, 1769 (10 de novembro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia, José da Cunha Grã Ataíde de Melo], conde de Povolide, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a remessa de 5 viveiros com 240 pássaros que tinha recebido do governador de Angola. AHU_CU_005-01, Cx. 44, D. 8112.

MELO, J. de C. G. A. de, 1774 (18 de Fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia, José da Cunha Grã Ataíde de Melo], conde de Povolide, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros, alguns deles raros. AHU_CU_005-01, Cx. 46, D. 8610-8611.

MELO, J. de C. G. A. de, 1774 (19 de fevereiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia, José da Cunha Grã Ataíde de Melo], conde de Povolide, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, informando que tinha remetido para Lisboa, uma anta apanhada no mato. AHU_CU_005-01, Cx. 46, D. 8612-8613.

COSTA, J. F. C. de, 1768, (10 de setembro). Ofício do provedor mor da Fazenda, José Ferreira Cardoso da Costa, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre remessa de madeiras, amarras de piassava, uma cegonha e pele de Zebra. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7917-7923.

MELO, T. J. de, 1788 (18 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros ao Reino na charrua Príncipe da Beira. AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11615.

MELO, T. J. de, 1788 (12 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino no navio Real Pedro. AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11638.

MELO, T. J. de, 1788 (07 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino na corveta Águia do Douro. AHU_CU_015, Cx. 164, D. 11716.

MELO, T. J. de, 1788 (19 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais à Corte, no navio Santa Ana Vigilante. AHU_CU_015, Cx. 165, D. 11756.

MELO, T. J. de, 1788 (02 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo ao Reino um tigre na charrua Príncipe da Beira. AHU_CU_015, Cx. 166, D. 11805.

MELO, T. J. de, 1789 (05 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino, provenientes de São Tomé transportados pela fragata São João Batista. AHU_CU_015, Cx. 168, D. 11876.

MELO, T. J. de, 1789 (03 de Março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo duas pacas ao Reino no navio São Marcos. AHU_CU_015, Cx. 168, D. 11899.

MELO, T. J. de, 1798 (26 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma anta no navio Nossa Senhora do Rosário e Prazeres. AHU_CU_015, Cx. 170, D. 11998.

MELO, T. J. de, 1789 (11 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a fuga da anta que remetia no navio Nossa Senhora do Rosário e Prazeres. AHU_CU_015, Cx. 170, D. 12014.

MELO, T. J. de, 1790 (26 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo no navio São Marcos uma lontra ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 172, D. 12135.

MELO, T. J. de, 1791 (24 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando ter embarcado ao Reino, uma onça na corveta Nossa Senhora da Conceição. AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12510.

MELO, T. J. de, 1792 (21 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma anta no navio Netuno. AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12518.

MELO, T. J. de, 1792 (12 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando ter embarcado no navio Nossa Senhora da Conceição e Bom Jesus dos Navegantes uma onça. AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12541.

MENDONÇA, J. G. Historia de las Cosas mas notables, ritos y costvmbres del grand Reyno de la China. Pedro Bellero, 1596.

MENESES, A. de S. M. de, 1763 (21 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], conde de Vila Flor e copeiro-mor, [António de Sousa Manuel de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], remetendo pau-brasil pela fragata Nossa Senhora da Atalaia; informando acerca das rendas arrematadas dos bens dos Jesuítas e do envio do dinheiro proveniente do donativo em nome dos deputados da Companhia Geral do Comércio; remetendo viveiros dos pássaros vindos de Angola; informando do tratamento dado às novas vilas de índios; e enviando relação da despesa feita com a nau de guerra e 62 estrangeiros de nação francesa, alemã, holandesa e inglesa que aportaram naquele porto. AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7805.

MENESES, A. de S. M. de, 1763 (12 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], conde de Vila Flor e copeiro-mor, [António de Sousa Manuel de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], enviando letra para a cobrança do dinheiro relativo ao donativo e remetendo pau-brasil da dita capitania, viveiros de pássaros vindos de Angola e 20 holandeses presos. AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7815.

MENESES, A. de S. M. de, 1764 (10 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], conde de Vila Flor e copeiro-mor, [António de Sousa Manuel de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], remetendo pau-brasil, viveiros de pássaros e cartas vindos de Angola, prisioneiros holandeses da sublevação da nau Neyemburg, e letras referentes ao donativo. AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7838.

[MENESES, A. de S. M. de], 1764 (10 de dezembro). Relação dos pássaros que vierem do Reino de Angola remetidos para Pernambuco, para Sua Majestade, que segundo o capitão do navio os demais que completariam a remessa morreram no mar. ANTT-PT-TT-CLNH-0053-05 ANTT, Condes de Linhares, mç. 53, doc. 5.

MENESES, A. de S. M. de, 1765 (06 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], conde de Vila Flor e copeiro-mor, [António de Sousa Manuel de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], remetendo conhecimentos referentes aos quintais de pau-brasil enviados ao Reino; às letras do donativo real; aos pássaros vindos de Angola; informando o roubo feito à casa do Conto, o pedido dos senhores de engenho para aumentar o valor do açúcar e o envio dos mapas do número de militares daquela praça. AHU_CU_015, Cx. 102, D. 7936.

MENESES, F. de, 1764 (08 de dezembro). Ofício do monteiro-mor do Reino [Francisco de Meneses] ao [secretário dos negócios estrangeiros e guerra] D. Luís da Cunha [Manuel] informando a chegada à Lisboa dos falcões vindos da Dinamarca em navio daquele país. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

MENESES, F. de, 1765 (30 de janeiro). Ofício do monteiro-mor do Reino [Francisco de Meneses] ao [secretário dos negócios estrangeiros e guerra] D. Luís da Cunha [Manuel] informando que os responsáveis pelos falcões [trazidos da Dinamarca] se encontram na Vila [de Salvaterra de Magos]. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

MENESES, F. de, 1767 (07 de janeiro). Ofício do monteiro-mor do Reino [Francisco de Meneses] ao [secretário dos negócios estrangeiros e guerra] D. Luís da Cunha [Manuel] informando a chegada de vinte falcões Islandeses, enviados da Dinamarca. AHU_CU_Reino, Cx. 19, pasta 6.

MENESES, J. C. de, 1774 (06 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo a relação dos pássaros enviados na charrua Nossa Senhora da Conceição ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 117, D. 8951.

MENESES, J. C. de, 1774 (07 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o dinheiro gasto na fábrica de anil e acerca da remessa de pássaros e anil ao Reino sob a responsabilidade do capitão José Francisco Perné. AHU_CU_015, Cx. 117, D. 8963.

MENESES, J. C. de, 1775 (19 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre relação do número e qualidade dos pássaros e animais que o navio Santíssimo Sacramento leva para Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 118, D. 9026.

MENESES, J. C. de, 1775 (05 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a relação do número e qualidade dos pássaros recebidos por Carlos José de Araújo dos Santos, mestre do navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José, para serem entregues na Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 118, D. 9061.

MENESES, J. C. de, 1775 (20 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação do número e qualidade dos pássaros e animais que o navio Nossa Senhora do Bom Sucesso transporta ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9095.

MENESES, J. C. de, 1775 (31 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o número e qualidade dos pássaros que transporta o navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara para serem entregues na Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9121.

MENESES, J. C. de, 1775 (15 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre relação do número e qualidade dos animais que leva o primeiro piloto e prático José Francisco Perné, a ser entregue na Secretaria de Estado [da Marinha e Ultramar]. AHU_CU_015, Cx. 120, D. 9168.

MENESES, J. C. de, 1775 (09 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a relação do número e qualidade dos pássaros e outros animais que o navio Olinda e Santo Antônio leva para ser entregue no Reino. AHU_CU_015, Cx. 121, D. 9249.

MENESES, J. C. de, 1776 (06 de marco). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de duas tartarugas no navio Nossa Senhora da Oliveira, São José e Santa Ana, para ser entregue nesta Corte à ordem da Secretaria de Estado. AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9284.

MENESES, J. C. de, 1776 (20 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de uma anta no navio Santo Antônio e Voador para ser no Reino. AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9318.

MENESES, J. C. de, 1776 (03 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre os animais que envia ao Reino: um casal de emas e seis zabelês. AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9346.

MENESES, J. C. de, 1776 (18 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais no navio São Nicolau para a Quinta Real. AHU_CU_015, Cx. 123, D. 9352.

MENESES, J. C. de, 1776 (30 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o recibo entregue ao mestre do navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças, Manoel Ferreira Vieira, do viveiro com 160 pássaros existentes na dita capitania e três viveiros vindos de São Tomé e ilha do Príncipe que estão sendo remetidos ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 124, D. 9455.

MENESES, J. C. de, 1777 (02 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre uma galera, vinda de Angola com 504 escravos e um saco de cartas para serem entregues no Reino, juntamente com um viveiro de 171 pássaros. AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643.

MENESES, J. C. de, 1777 (30 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre um viveiro de pássaros, resto dos que vieram de Angola enviados na charrua Príncipe da Beira. AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9675.

MENESES, J. C. de, 1778 (27 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o recibo assinado pelo capitão do navio São Boaventura e São José, Joaquim José de Lima, por ter recebido três jucus e um mutu para ser entregue na Corte. AHU_CU_015, Cx. 129, D. 9786.

MENESES, J. C. de, 1778 (07 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre ter enviado no navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara, através de seu capitão Manoel Martins do Rosário, duas porquinhas do mato para serem entregues nesta Secretaria de Estado [da Marinha e Ultramar]. AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9913.

MENESES, J. C. de, 1779 (03 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de madeiras e animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9952.

MENESES, J. C. de, 1779 (05 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando animais à Corte, nos navios Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças, e São José e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 133, D. 9967.

MENESES, J. C. de, 1779 (20 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte pelo navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição. AHU_CU_015, Cx. 133, D. 9998.

MENESES, J. C. de, 1779 (04 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 133, D. 10005.

MENESES, J. C. de, 1779 (18 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 133, D. 10013.

MENESES, J. C. de, 1779 (17 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais ao Reino nos navios Nossa Senhora dos Prazeres e Bom Jesus D'Além e no Santo Antônio Voador. AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10039.

MENESES, J. C. de, 1779 (15 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais pelo navio São Boaventura e São José. AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10067.

MENESES, J. C. de, 1779 (05 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais pelo navio Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José. AHU_CU_015, Cx. 135, D. 10087.

MENESES, J. C. de, 1780 (22 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte na charrua real. AHU_CU_015, Cx. 135, D. 10136.

MENESES, J. C. de, 1780 (07 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte nos navios Nossa Senhora da Glória e Santa Clara. AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10149.

MENESES, J. C. de, 1780 (07 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando animais à Corte no navio Olinda e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10166.

MENESES, J. C. de, 1780 (03 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando animais para a Corte no navio Tejo e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 137, D. 10226.

MENESES, J. C. de, 1780 (03 de outrubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a necessidade da construção de viveiros para evitar a morte dos animais enviados à Corte. AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10256.

MENESES, J. C. de, 1780 (02 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando os recibos da remessa de animais para a Corte, nos navios Nossa Senhora da Nazareth e Santa Ana Invencível, Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula, Nossa Senhora da Oliveira e Santa Ana. AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10274.

MENESES, J. C. de, 1780 (27 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando a relação de animais, plantas e dois caixotes com coisas curiosas remetidos à Corte, para o Museu régio, transportados nos navios Príncipe da Beira, Nossa Senhora do [Monte do] Carmo e São José, e Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José. AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.

MENESES, J. C. de, 1781 (27 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação de animais para a Corte na corveta São José e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 139, D. 10306.

MENESES, J. C. de, 1781 (13 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo recibo dos animais transportados para a Corte no navio Nossa Senhora do Monte do Carmo e Santa Ana. AHU_CU_015, Cx. 139, D. 10322.

MENESES, J. C. de, 1781 (16 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de aves no navio Nossa Senhora da Conceição à Corte. AHU_CU_015, Cx. 140, D. 10371.

MENESES, J. C. de, 1781 (25 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara de animais para a Corte. AHU_CU_015, Cx. 140, D. 10383.

MENESES, J. C. de, 1781 (21 de Julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais à Corte no navio São Luís Afortunado. AHU_CU_015, Cx. 141, D. 10391.

MENESES, J. C. de, 1781 (09 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte no navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Socorro. AHU_CU_015, Cx. 141, D. 10402.

MENESES J. C. de, 1781 (20 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte nos navios Voador Santo Antônio, Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula. AHU_CU_015, Cx. 142, D. 10438.

MENESES, J. C. de, 1781 (06 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio na corveta Nossa Senhora dos Prazeres e Santíssimo Sacramento, de pássaros, búzios, conchas e chapéus de penas ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 142, D. 10453.

MENESES, J. C. de, 1782 (15 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no navio Tejo e Santo Antônio de animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10509.

MENESES, J. C. de, 1782 (01 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais na corveta São José e Santo Antônio à Corte. AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10518.

MENESES, J. C. de, 1782 (15 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros à Corte. AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10521.

MENESES, J. C. de, 1782 (15 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco, José César de Meneses], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Nossa Senhora da Piedade e Santa Ana à Corte. AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10522.

MENESES, J. C. de, 1782 (13 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Santo Antônio Cisne à Corte. AHU_CU_015, Cx. 144, D. 10548.

MENESES, J. C. de, 1782 (23 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio à Corte. AHU_CU_015, Cx. 144, D. 10576.

MENESES, J. C. de, 1782 (03 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no paquete Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José de animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 145, D. 10599.

MENESES, J. C. de, 1782 (12 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Nossa Senhora da Luz e Corpo Santo à Corte. AHU_CU_015, Cx. 145, D. 10618.

MENESES, J. C. de, 1782 (07 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Santo Antônio Netuno à Corte. AHU_CU_015, Cx. 146, D. 10666.

MENESES, J. C. de, 1783 (20 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no navio

Santo Antônio Cisne e nas charruas Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio de animais à Corte, e informando as razões para diminuição das remessas. AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10714.

MENESES, J. C. de, 1783, (05 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o recebimento de cartas e pássaros de Angola para serem enviados à Corte. AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10725.

MENESES, J. C. de, 1783 (03 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no navio Voador Santo Antônio de pássaros à Corte. AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10742.

MENESES, J. C. de, 1783 (02 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais no navio Santo Antônio Delfim à Corte. AHU_CU_015, Cx. 148, D. 10797.

MENESES, J. C. de, 1783 (30 outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no paquete Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José de uma ave para Corte. AHU_CU_015, Cx. 149, D. 10858.

MENESES, J. C. de, 1783 (15 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de uma onça transportada no navio Santo Antônio Cisne, remetida pelo governo do Reino de Angola para Lisboa. AHU_CU_015, Cx. 149, D. 10865.

MENESES, J. C. de, 1784 (24 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio no navio Nossa Senhora do Pilar e São João Batista de animais à Corte.
AHU_CU_015, Cx. 150, D. 10893.

MENESES, J. C. de, 1784 (09 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio na galera Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição de animais à Corte. AHU_CU_015, Cx. 150, D. 10923.

MENESES, J. C. de, 1784 (26 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de aves à Corte no navio Nossa Senhora do Rosário e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 151, D. 10933.

MENESES, J. C. de, 1785 (14 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao secretário de estado Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, remetendo animais à Corte na corveta Águia do Douro. AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11097.

MENESES, J. C. de, 1785 (10 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo no navio Santo Antônio Netuno uma anta à Corte. AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11110.

MENESES, J. C. de, 1785 (12 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre remessa de uma onça para o Reino, no navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Carmo. AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11119.

MENESES, J. C. de, 1785 (23 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais.no navio Flor do Mar. AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11141.

MENESES, J. C. de, 1785 (24 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma onça no navio Nossa Senhora do Rosário e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11174.

MENESES, J. C. de, 1785 (29 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre ter recebido cópia de ordem régia relativa a remessa de animais vivos para o Reino. AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11208.

MENESES, J. C. de, 1785 (18 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros à Corte no navio Nossa Senhora da Caridade.
AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11224.

MENESES, J. C. de, 1786 (21 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros ao Reino no navio Real Pedro. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11244.

MENESES, J. C. de, 1786 (27 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino no navio São José e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11250.

MENESES, J. C. de, 1786 (02 de Abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre remessa de animais à Corte nos navios Santos Mártires, no Santo Antônio Cisne e no Pérola do Mar. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.

MENESES, J. C. de, 1786 (02 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais à Corte no navio Pensamento Feliz. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11284.

MENESES, J. C. de, 1786 (14 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais nos navios Mercúrio e na galera Nossa Senhora da Madre de Deus e Santa Ana. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11307.

MENESES, J. C. de, 1786 (28 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros ao Reino no navio Nossa Senhora da Oliveira e São José. AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11314.

MENESES, J. C. de, 1786 (13 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais no navio Nossa Senhora do Rosário, Prazeres e Almas. AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11327.

MENESES, J. C. de, 1786 (25 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino na galera Boa União, invocação Jesus, Maria, José. AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11346.

MENESES, J. C. de, 1786 (23 de outubro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais no navio Santíssima Trindade. AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11376.

MENESES, J. C. de, 1786 (07 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais na charrua Príncipe da Beira. AHU_CU_015, Cx. 158, D. 11398.

MENESES, J. C. de, 1787 (07 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais ao Reino no navio Nossa Senhora da Conceição. AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11431.

MENESES, J. C. de, 1787 (14 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais à Corte no navio Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio. AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11455.

MENESES, J. C. de, 1787 (21 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais no navio Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José. AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11481.

MENESES, J. C. de, 1787 (12 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo um viveiro de pássaros no paquete Nossa Senhora do Monte do Carmo e São José. AHU_CU_015, Cx. 161, D. 11554.

MENESES, J. de N. T. de, 1780 (14 de junho). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o transporte de uma onça nova, a bordo da corveta "Nossa Senhora da Conceição, Santo António e Almas", [de que é capitão António Duarte Lisboa], com destino às Quintas Reais no Reino. AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7001.

MENESES, J. de N. T. de, 1780 (14 de agosto). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo para o Reino produtos daquela capitania do Pará, como pássaros e outros animais, varas de parreiras e, ainda, num caixote fitas e cordões de goma elástica, a bordo da fragata ["Nossa Senhora da Graça Divina e São João"], de que é piloto e prático António José Monteiro. AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7031.

MENESES, J. de N. T. de, 1780 (30 de outubro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo alguns pássaros e outros animais naturais daquele Estado para as Quintas Reais em Lisboa. AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7056.

MENESES, J. de N. T. de, 1780 (28 de novembro). Ofício do [governador e capitão general do Estado Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação de alguns animais naturais daquele Estado, como chirimbabos, [a cargo do capitão José António dos Santos], para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 87, D. 7090.

MENESES, J. de N. T. de, 1781 (04 de setembro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro remetendo a relação de xirimbabos enviados para as quintas reais de Sua Magestade, informa também que não enviará mais macacos, araras e papagaios. AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 127 e 128 Mf 037-97.

MENESES, J. de N. T. de, 1781 (16 de novembro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, informando os núneros e espécies de passaros e bichos remetidos, no navio Nossa Senhora da Conceição e Rey David, para as Quintas Reais de Belém. Em uma nota esclarece que está enviando somente a onça devido as más condições para os gaviões e piriquitos. AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 164 e 165 Mf 037-97.

MENESES, J. de N. T. de, 1781 (18 de dezembro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, informando a relação de pássaros e bichos enviados às Quintas Reais de Belém. AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 191 e 192 Mf 037-97.

MENESES, J. de N. T. de, 1782 (03 de janeiro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo duas capivaras e uma onça pequena, naturais daquele Estado, para as Quintas Reais de Belém, a bordo do navio "Santo António, Flor da Murta", de que é capitão Bernardo Franco. AHU_CU_013, Cx. 88, D. 7168.

MENESES, J. de N. T. de, 1782 (14 de maio). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo algumas espécies de pássaros [e animais] naturais daquele Estado para as Quintas Reais de Belém. AHU_CU_013, Cx. 88, D. 7208.

MENESES, J. de N. T. de, 1782 (23 de setembro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Grão-Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma espécie rara de ananás, e relatando o motivo da morte de um gavião real novo, que havia sido remetido da capitania do Rio Negro pelo comissário das Demarcações Territoriais [João Pereira Caldas]. AHU_CU_013, Cx. 89, D. 7247.

MENESES, M. I. da C. e, 1770 (10 de fevereiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado do Reino e Mercês], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre o transporte de treze zebras e de outros animais remetidos do Reino de Angola pela corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrer. AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373.

MENESES, M. I. da C. e, 1772 (03 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre um pássaro da Costa da Mina enviado de presente ao dito secretário. AHU_CU_015, Cx. 113, D. 8673.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (08 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre os pássaros, pedidos em carta de 16 de abril, e que estão sendo enviados à Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (05 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o cumprimento da ordem de se remeter toda qualidade de pássaros do Brasil para Lisboa, enviando alguns exemplares no navio Nossa Senhora da Boa Viagem. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8798.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (02 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre os pássaros que foram embarcados no navio Nossa Senhora da Glória e São Joaquim com destino ao porto de Lisboa. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8800.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (16 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro,

remetendo relação do número e qualidade dos pássaros que vão em um viveiro no Navio Nossa Senhora da Conceição para serem entregues na Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8823.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (16 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação do número e qualidade de pássaros que vão em um viveiro no navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara para Lisboa. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8824.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (16 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação do número e qualidade dos pássaros remetidos no navio Nossa Senhora da Conceição e São José ao Reino. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8825.

MENESES, M. I. da C. e, 1773 (16 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação dos pássaros remetidos no navio Olinda e Santo Antônio a serem entregues na Secretaria de Estado e Marinha e Ultramar. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8826.

MENESES, M. I. da C. e, 1774 (29 de janeiro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma relação remetendo o conhecimento dos pássaros e animais que o navio Nossa Senhora da Luz transporta para Lisboa. AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8843.

MENESES, M. I. da C. e, 1774 (01 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo a relação do número e qualidade de pássaros e outros animais para serem entregues à ordem da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, transportados no navio Nossa Senhora da Boa Viagem. AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8861.

MENESES, M. I. da C. e, 1774 (30 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre ter recebido os animais transportados pelos mestres dos navios Senhor Bom Jesus de Bouças e Nossa Senhora do Bom Sucesso. AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8865.

MENESES, M. I. da C. e, 1774 (14 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação do número e qualidade de pássaros e outros animais que o navio Boa Viagem e Corpo Santo leva para ser entregue na Secretaria de Estado [da Marinha e Ultramar]. AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8873.

MENESES, M. I. da C. e 1774 (31 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação referente ao número e qualidade de pássaros e outros animais que o navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraíso leva para Lisboa. AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8882.

MENESES, M. I. da C. e, 1774 (23 de julho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel Inácio da Cunha e Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo relação constando o número e qualidade dos pássaros enviados ao Reino, no navio Nossa Senhora da Glória. AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8904.

MENESES, M. I. da C. e, 1775 (28 de junho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], Manuel Inácio da Cunha e Menezes ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de pássaros aos cuidados do capitão Eugênio Pedro de Almeida. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8816-8819.

MENEZES, M. I. da C. e, 1777 (06 de outubro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia] Manuel Inácio da Cunha e Menezes ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de um viveiro com pardais de São Tomé. AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574-9575.

MENESES, M. I. da C. e, 1779 (12 de janeiro). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Manuel Iná ci da Cunha e Menezes ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, em que se refere a uma encomenda de saguins amarelos e cor de perola e informa que nunca vira no Brasil exemplares de tais cores. AHU_CU_005-01, Cx. 53, D. 10060-10061.

MENESES, M. I. da C. e, 1779 (10 de março). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Manuel Iná ci da Cunha e Menezes ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando que tinha enviado-lhe 28 saguins 3 veados (de catinga) pelo Navio Brilhante, do capitão José Gomes Rosa. AHU_CU_005-01, Cx. 53, D. 10093.

MENESES, M. I. da C. e, 1779 (28 de julho). Ofício do governador [da Capitania da Bahia], D. Manuel Inácio da Cunha e Menezes ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, informando que tinha lhe enviado 3 veados e 1 tigre pelo navio Nossa Senhora da Lampadosa e São João Baptista. AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10304-10305.

MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (26 de Janeiro). Ofício do conde de Castro Marim [D. Pedro de Melo da Cunha Mendonça e Meneses], ao [governador do Reino, secretário de estado da Marinha e Ultramar e dos Negócios Estrangeiros e Guerra em Portugal], D. Miguel Pereira Forjaz [Coutinho], informando que a época não é apropriada para a apanha de perdizes. AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1867.

MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (18 de Agosto). Ofício do conde de Castro Marim [D. Pedro de Melo da Cunha Mendonça e Meneses], ao [governador do Reino, secretário de estado da Marinha e Ultramar e dos Negócios Estrangeiros e Guerra em Portugal], D. Miguel Pereira Forjaz [Coutinho], informando da recepção de trinta e quatro perdizes para serem enviadas à Corte do Rio de Janeiro. AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1885.

MENESES, P. de M. da C. M. e, 1813 (28 de Outubro). Ofício do conde de Castro Marim [D. Pedro de Melo da Cunha Mendonça e Meneses], ao [governador do Reino, secretário de estado da Marinha e Ultramar e dos Negócios Estrangeiros e Guerra em Portugal], D. Miguel Pereira Forjaz [Coutinho], informando estar já em depósito a segunda porção das perdizes a remeter à Corte do Rio de Janeiro e da necessidade de saber de qual o navio em que as mesmas serão embarcadas. AHU_CU_035, Cx. 23, D. 1892.

MENESES, S. L. de C. e, 1862 (04 de junho). Carta do [governador geral de Angola], S[ebastião] L[opes] de Calheiros [e Meneses], informando o envio de animais, pela corvêta Estephania, para o rei D. Luis e seu pai D. Fernando. BPA, MS. AV. 54-X-32, nº s 289-289ª.

MENSCH, P. J. A. Society – Object – Museology. In ISS 6, P. 18-23. ICOM, outubro de 1984 apud BURCAW, G. E. Introduction to museum works. Naxhville, 1975.

MENSCH, P. J. A. Towards a methodology of museology. The object as data carrier. PhD thesis, University of Zagreb, 1992. Disponível em: <http://www.muuseum.ee/uploads/files/mensch12.htm>. Acesso: 14 Out. 2012.

MENSCH, P. Without Title. ICOFOM Study Series 9, 1985, p.45-50, Zagreb.

MESQUITA, A. J. P. e C. de, 1783 (07 de maio). Ofício do governador de Benguela António José Pimentel e Castro de Mesquita ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro dando conta da entrada de um navio estrangeiro com passaporte português; sobre a ausência de ocorrências de outros navios clandestinos; mencionando o envio de animais e pássaros para o Reino. AHU-Angola, Cx. 66, D. 45.

MEXIA, A. 1525, fevereiro, 23. Alvará de Afonso Mexia, vedor da fazenda real na Índia, para João Fernandes Nateira ser encarregado do servir de chamador dos carpinteiros malabares na ribeira de Cochim e de ter cargo dos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 124, n.º 12.

MITCHELL, P. C. *Centenary History of the Zoological Society of London*, 1929 *apud* KISLING Jr., V. N. (Ed.). Zoo and Aquarium History: Ancient Animal Collections to Zoological Gardens. CRC Press, 2001.

MITTERMEIER, R. A.; RYLANDS, A. B; WILSON, D. E. (Eds.). *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 3. *Primates*. *Lynx Editons*, Barcelona, 2013.

MOLINA, A. L. Viage de Jerónimo Münzer por Portugal. Revista EPCCM, nº. 15, 2013, pp. 319-336.

MOREIRA, F. M. de A. 1780 (29 de Janeiro – Setúbal). Ofício do desembargador e superintendente do sal de Setúbal, D. Francisco Manuel de Andrade Moreira, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], remetendo relação dos pássaros e animais vindos do Pará para as Quintas Reais de Belém, a bordo do navio "Macapá", de que é capitão Manuel da Silva Tomás. AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6925.

MOREIRA, V. M. L. Poder local e “voz do povo”: territorialidade e política dos índios nas repúblicas de maioria indígena do Espírito Santo, 1760-1822. Tempo (Niterói, online), Vol. 22 n. 40. p.239-259, mai.-ago. 2016.

MORENO, L., 15.09.1512. Mandado para que Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos da cidade de Cochim, dê ao elefante grande que trabalha na dita cidade um pará e meio de arroz por dia e ao naire que com ele anda um pará de arroz a cada 20 dias. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 34, nº 45.

MORENO, L., 18.11.1512. Mandado pelo qual ordena Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, dar o conteúdo no dito mando para a sustentação do elefante que se mercou. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 35, nº 96.

MORENO, L., 01.12.1512. Mandado pelo qual ordena Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, dê para o elefante que vai na Nau Santo António e para o outro que vai na Nau Santa Maria da Conceição que vai para portugal, o mantimento conteúdo no dito mandado. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 35, nº 186.

MORENO, L., 10.12.1512. Mandado de Lourenço Moreno por que ordena a Álvaro Lopes, almoxarife de Cochim, dê ao despenseiro da Nau Santa Maria da Ajuda os mantimentos conteúdos no dito mandado para o sustento do elefante que vai para portugal. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 35, nº 262, 1512.

MORENO, L. 14.02.1514. Mandado de Lourenço Moreno para o almoxarife de Cochim dar mantimento ao elefante de D. Manuel I, que ia para Goa. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, n.º 17.

MOULTON, C. (Ed.). "Ritual and Sacrifice". *Ancient Greece and Rome*: *An Encyclopedia for Students*. Vol. 3. New York: Charles Scribner's Sons, 1998. 178-180. *World History in Context*. Disponível em: <http://ic.galegroup.com/ic/whic/ReferenceDetailsPage/ReferenceDetailsWindow?zid=0769e7eef519dffc52f95d3e0369f225&action=2&catId=&documentId=GALE%7CCX2897200404&userGroupName=tlc199095657&source=Bookmark&u=tlc199095657&jsid=450e7b46d893a733e47a925f984365f3>. Acesso: 02 Abr. 2016.

MOURA, A. R. de, 1767 (12 de junho). Ofício do vice-rei e governador-geral do Brasil, conde de Azambuja, António Rolim de Moura ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado comunicando as dificuldades na remessa de um Leão que foi enviado pelo governador de Angola para São M. AHU_ACL_CU_005, Cx. 159, D. 12110.

MOURÃO, L. A. de S. B., 1767 (23 de janeiro). Ofício do [governador e capitão-general da capitania de São Paulo], D. Luís Antônio de Sousa [Botelho Mourão, Morgado de Mateus], para o [ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, dando conta dos pássaros que tem mandado caçar para remeter a (D. José I). AHU_CU_023-01, Cx. 24, D. 2315.

MULLAN, B.; MARWIN, G. Zoo Culture. University of Illinois Press, Urbana and Chicago, 1999.

NASCIMENTO, A. A. Leonor de Portugal Imperatriz da Alemanha: Diário de Viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein. Edições Cosmos, Lisboa, 1992.

NASCIMENTO, J. R. do, 1767 (18 de dezembro). Declaração do capitão José Rodrigues do Nascimento, relatanto o recebido a bordo da sua sumaca, de 3 viveiros com 145 pássaros de Angola. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7774.

NEMÉSIO, A. On the live holotype of the Galápagos pink land iguana (*Conolophus marthae*), Gentile & Snell, 2009 (Squamata: Iguanidae): is it an acceptable exception? Zootaxa, 2201, p. 21-25, 2009.

NORONHA, A. de S. e, 1780 (05 de maio). Ofício do governador e capitão-general da capitania do Maranhão e Piauí, D. António de Sales e Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa, para a Corte, de um lobo enviado pelo governador de Bissau e de três barris de alteiras. AHU_CU_009, Cx. 55, D. 5195.

NORONHA, A. de S. e, 1780 (09 de setembro). Ofício do governador e capitão-general da capitania do Maranhão e Piauí, D. António de Sales e Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a ordem que tem para remeter para a Corte pássaros e animais, e a experiência que deve fazer com a semente do linho cânhamo. AHU_CU_009, Cx. 56, D. 5224.

NORONHA, A. de S. e, 1781 (02 de junho). Ofício do governador da capitania do Maranhão, D. António de Sales e Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de duas antas e de um gavião real para a rainha, D. Maria I, na galera Santo António de Lisboa. AHU_CU_009, Cx. 57, D. 5306.

NORONHA, A. de S. e, 1783 (17 de fevereiro). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, D. António de Sales e Noronha, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre o navio Francesinha levar para Lisboa um macaco branco apanhado no rio Gurupi, no Pará. AHU_CU_009, Cx. 59, D. 5449.

NORONHA, G. de. 21.11.1513. Ordem de D. Garcia [de Noronha] para Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos, para dar mais 2 páras de arroz aos elefantes além do que tem. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 43, n.º 94.

NORONHA, G. de. 01.02.1514. Ordem de D. Garcia [de Noronha] para Álvaro Lopes, almoxarife dos mantimentos de Cochim, dar ao elefante que ora chegou de Repelim o mantimento que se dá aos mais. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 44, nº 132, 1514.

NORONHA, G de. 14.02.1514. Ordem de D. Garcia de Noronha para Lourenço Moreno, feitor de Cochim, mandar o elefante grande para Goa, em cumprimento da determinação do governador. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, nº 15.

NORONHA, G. de. 06.03.1514. Mandado de D. Garcia para Álvaro Lopes, feitor de Cananor, dar o mantimento dobrado aos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, n.º 100.

NORONHA, G. de. 10.03.1514. Mandado de D. Garcia [de Noronha] para Álvaro Lopes dar o mantimento dobrado aos elefantes que trabalham ao varar da Nau Santa Cruz. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, n.º 137.

NUNES, P. 1523, junho, 15. Carta por que o vedor da fazenda na Ïndia, doutor Pero Nunes, fez, em nome do Rei D. João III, mercê João Colaço do cargo de olhar e fazer dar de comer aos elefantes que na fortaleza serviam com 1 vintém de matimento em cada um dia. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 108, n.º 82.
PAIS, J. A. Jardim Zoológico: Desafios para a aplicação do conceito de Museu aos espaços de exposição de organismos vivos. Dissertação de mestrado apresantada ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, 2013.

OLIVEIRA, F. R. de. Cartografia antiga da cidade de Macau, *c*. 1600-1700: confronto entre modelos de representação europeus e chineses. Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa. *Scripta* - Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, Vol. X, núm. 218 (53), 1 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>. Acesso: 05 Nov. 2017.

PAIS, J. A. Jardim Zoológico: Desafios para a aplicação do conceito de Museu aos espaços de exposição de organismos vivos. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

PAIS, P. História da Etiópia, 3 Vols., Porto, Livraria Civilização, 1945-1946 *apud* RODRIGUES, A. P. F. M. M. Cousas do Preste: Da Verdadeira Informação à História de Etiópia- Visões da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Avelar, 2008.

PALMER, T. S. *An Early Experiment in Keeping Hummingbirds in Captivity*. The Condor, Vol. XIX, p. 168, 1917. Disponível em: <https://sora.unm.edu/sites/default/files/journals/condor/v019n05/p0168-p0168.pdf>. Acesso: 01 Jan. 2018.

PAPAVERO, N. Nomes populares conferidos à Panthera onca (Linnaeus, 1758) (Mammalia, Carnivora, Felidae) no Brasil. Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, v. 48 (2): 37-93, 2017.

PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M. Animais enviados do Grão-Pará para as Quintas Reais de Belém (Portugal) no século XVIII. Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, v. 44 (2): 121-169, 2013.

PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M. Remessas de animais da Bahia, do Maranhão, do Espírito Santo e do Rio de Janeiro para as Quintas Reais de Lisboa (1762-1807). Arquivos de Zoologia Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, v. 48 (1): 1-35, 2017.

PATIAS, J. C. O sagrado e o profano: do rito religioso ao espetáculo midiático. II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo, 5 e 6 de outubro de 2007, Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Disponível em: <http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-o-profano-do-rito-religioso-ao>. Acesso: 11 Mar. 2016.

PAYARD, F. Viagem de Francisco Payard ás Indias Orientais (1601 – 1616). Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858.

PEREIRA, F. 1549, novembro, 26. Carta de Francisco Pereira para o Rei, sobre a tapecaria do Princípe, o elefante e a extracção de especiarias. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 25, n.º 72.

PEREIRA, M. de F. Três ofícios do [secretário de Estado] Mendo de Fóios Pereira ao [governador de Mazagão] João de Saldanha de Albuquerque: o primeiro, sobre as fardas para os presos e a nomeação de um provisor, entre outros assuntos; o segundo, sobre animais enviados ao rei, Antônio Monteiro e outros assuntos; e o terceiro, sobre o Dr. Antônio de Freitas Branco e outros assuntos. AHU_CU_Reino, Cx. 60, pasta 33.

PEREIRA, M. S. Capitães, naus e caravelas da armada de Cabral. Revista da Universidade de Coimbra, v. XXVII, 1979, Coimbra, p. 31-134.

PESSANHA, F. X. L. M., 1784 (17 de fevereiro). Ofício do ouvidor-geral de Angola e governador interino, Francisco Xavier Lobão Machado Pessanha, ao Ministro e Secretário dos Negocios da Repartiçaõ de Ultramar, Martinho de Melo e Castro remetendo para o Reino a segunda via dos documentos pertencentes à Cabinda; e uma gaiola com um lobo. AHU-Angola, Cx. 68, doc. 30, 34.

PIENAAR, D. J.; HALL-MARTIN, A. J.; HITCHINS, P. M. Horn growth rates of free-ranging white and black rhinoceros. Koedoe, 34(2): 97-105, Pretoria, 1991.

PIMENTA, V. et al. Situação Populacional do Lobo em Portugal: resultados do senso nacional 2002/2003. Relatório técnico. Instituto da Conservação da Natureza, Grupo Lobo, Lisboa, 2005.

PINHEIRO, M. Répteis de Cabo Verde. IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical, 2007.
Disponível em: <http://www2.iict.pt/archive/doc/R_pteis_de_Cabo_Verde.pdf>. Acesso: 05 Ago. 2017.

PINTO, A. A. da S., 1839 (02 de setembro). Ofício do governador [de Macau], Adrião Acácio da Silveira Pinto, ao secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar [Rodrigo Pinto Pizarro de Almeida Carvalhais] em resposta à Portaria N.º 43 que solicita o envio de animais e aves de Macau com interesse científico. AHU_ACL_SEMU_DGU 005, Cx. 0005.

PIQUEIRA, J. R. C. Teoria Quantica da Informação: impossibilidade de copia, entrelaçamento e teletransporte. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 33, n. 4, 4303 (2011). Disponível em: <www.sb_sica.org.br>. Acesso: 20 Dez. 2016.

PIRES, A. C. História do Palácio Nacional de Queluz, vols. I e II, 1925, 1926. Imprensa da Universidade de Coimbra.

PLESSIÉRE, R. As campanhas coloniais de Portugal – 1844-1941. Editorial Estampa, 2006 *apud* CRUZ, J. J. de S. O enigma de uma colónia virtual - África oriental portuguesa (vulgo Moçambique).
Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/344>. Acesso: 28 Jun. 2017.

POLAKOWISKY, K. Zoo Design: The Reality of Wild Illusions. Michigan, The University of Michigan, 1987.

POMIAN, K. Colecção. In: Enciclopédia Einaudi, v. 1, Memória-História, p. 51-86. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

PONTES, A. R. M.; GADELHA, J. R.; MELO, E. R. A.; SÁ, F. B. de; LOSS, A. C.; CALDARA Jr., V.; COSTA, L. P.; LEITE, Y. L. R. *A new species of porcupine, genus Coendou (Rodentia: Erethizontidae) from the Atlantic forest of northeastern Brazil. Zootaxa*, Vol. 3636, Nº. 3: 5 Apr. 2013.

POVOAS, J. de M. e, 1765 (16 de agosto). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando a chegada de cartas, em um navio de Angola, para o conde de Oeiras e para o secretário de Estado. Para este último haviam chegado ainda uma capoeira de galinhas e uma gaiola de pássaros, as quais tinham seguido para Lisboa no navio de Gaspar dos Reis. AHU_CU_009, Cx. 42, D. 4135.

PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (19 de julho). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de pássaros da capitania. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4563.

PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (11 de outubro). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, relativo aos pássaros enviados para a Corte. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4576.

PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (27 de novembro). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre pássaros remetidos para a Corte. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4589.

PÓVOAS, J. de M. e, 1773 (29 de dezembro). Ofício do governador Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a aquisição de pássaros para enviar para a Corte. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4594.

PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (12 de março). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a remeter relação dos pássaros enviados para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4615.

PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (26 de abril). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a informar o envio de aves e bichos para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4619.

PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (08 de junho). Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a informar que continuam as diligências para adquirir pássaros para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4640.

PÓVOA, J. de M. e, 1774 (20 de setembro). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a informar o envio de bichos e aves para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4660.

PÓVOAS, J. de M. e, 1774 (20 de setembro). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a informar a morte da onça grande que ia ser enviada para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4661.

PÓVOAS, J. de M. e, 1775 (26 de abril). Ofício do [governador da capitania do Maranhão], Joaquim de Melo e Póvoas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre uma remessa de bichos e aves. AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4734.

PÓVOAS, J. de M. e, 1776 (03 de maio). Ofício do governador Joaquim de Melo e Póvoas para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de alguns animais para as quintas reais, pela corveta Nossa Senhora da Oliveira. AHU_CU_009, Cx. 50, D. 4881.

PÓVOAS, J. de M. e, 1777 (22 de abril). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, a enviar bichos e pássaros para as quintas reais. AHU_CU_009, Cx. 51, D. 4940.

PÓVOAS, J. de M. e, 1778 (27 de fevereiro). Ofício do governador e capitão-general do Maranhão e Piauí, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a entrega de uma onça ao capitão Feliciano dos Santos, para a "casa dos Bichos". AHU_CU_009, Cx. 52, D. 5005.

PROENÇA, N.; RAPOSO, M. Conservação e restauro do conjunto de fontes e lagos nos jardins de Queluz. In: CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. (Eds.). Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: Intervenção de Conservação. Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

RANGEL, M. F. A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: LOPES, M. M.; HEIZER, A. (Orgs). Colecionismos, práticas de campo e representações. EDUESB, Campina Grande, PB, p. 149-156, 2011.

RANGEL, M. F. A museologia no mundo contemporâneo. Ci. Inf., DF, v. 42, n. 3, p. 408-418, set./dez., 2013.

RANGEL, M. F. (Debatedor). In: KÖPTEKE, L. S. Coleções que foram museus, museus sem coleções, afinal que relações possíveis? MAST Colloquia n. 7: Museu: Instituição de Pesquisa, p. 65-84. MAST, Rio de Janeiro, 2005.

REFLING, M. Frederick's Menagerie. Second Annual Robert Dombrowski Italian Conference, Storrs, Connecticut, 17-18 set 2005.
Disponível em: <http://faculty.fordham.edu/refling/Frederick%E2%80%99s%20Menagerie.pdf>. Acesso: 20 Out. 2015.

REGO, A. S. Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente. Agencia Geral do Ultramar, v. 6 (1555-1558), Lisboa, 1951.

RIBEIRO, A. J. P. Um museu para a região do Douro: Fundamentos e proposta de organização. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimonio Cultural. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, pp. 1-172.

RIBEIRO, C. J., 1798 (28 de setembro). Ofício de Caetano José Ribeiro ao [enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Londres, D. João de Almeida e Melo e Castro], acusando a recepção de correspondência, dando notícia da remessa de um viveiro com vinte e cinco pássaros e recomendando-se à família do destinatário. Obs.: a identificação do destinatário faz-se pela referência à sua mulher, D. Isabel de Meneses. AHU_CU_Reino, Cx. 252, pasta 43.

RIBEIRO, R. F. A triste e malsucedida epopéia transatlântica da onça que "morreo de raiveza, ferrando os dentes em hum pao": O Tráfico de animais no Brasil Colônia. III Encontro da ANPPAS, 23 a 26 de maio de 2006, Brasília, DF.

RIJO, D. M. M. Palácio dos Estaus de Hospedaria Real a Palácio da Inquisição e Tribunal do Santo Ofício. Cadernos do Arquivo Municipal, 2ª série, nº 5, (janeiro-junho 2016), p. 19-49.

ROBBINS, L. E. *Elephant Slaves and Pampered Parrots: Exotic Animals in Eighteenth-Century Paris (Animals, History, Culture). The Johns Hopkins University Press*, 2002.

ROBERTS, J. D. Maria I: A vida notável de uma rainha louca. Casa das Letras, 2012.

ROCHA, D. Imagens de um elefante indiano, nos anos de 1551 e 1552, em percurso europeu (Saramago). III Encontro de estudos da imagem, 03 a 06 de maio de 2011, Londrina, Paraná. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Denise%20Rocha.pdf>. Acesso: 14 Ago. 2016.

RODRIGUES, A. D.; da SILVA, D. P.; LUCKHURST, G. The Gardens of the National Palace of Queluz. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

RODRIGUES, B. C. A ciência da informação e suas relações com arte e museu de arte. Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de bacharel em Ciência da Informação, Documentação e Biblioteconomia.

RODRIGUES, S. 1557, abril, 12. Carta de Simão Rodrigues, feitor da mina, dando conta à Rainha enviar-lhe dois gatos-de-algália e uma gaiola com pássaros e que se lucraria muito dinheiro naquela feitoria se o rei mandasse anualmente uma armada que corresse a costa e impedisse os resgates que se faziam. ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 101, nº 18.

ROQUE, A. C.; TORRÃO, M. M. (Coord.) De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e remessas científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796) vol. II – Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Julho de 2014.

ROSE, M. World's First Zoo. Archaeology. Vol. 63, n. 1, January/February 2010.
Disponível em: <http://www.archaeology.org/1001/topten/egypt.html>. Acesso: 17 Mar. 2012.

RUEDA, J. M. F. La versión castellana del livro de falcoaria de Pero Menino de Gonzalo Rodríguez de Escobar, 2011, Editorial Dunken, Buenos Aires.

RUSSELL, N. The Wild side of Animal Domestication. Society & Animals 10:3, 2002. Disponível em:
<https://www.academia.edu/151752/The_wild_side_of_animal_domestication>. Acesso: 05 Jan. 2016.

SA, C. X. de, 1782 (15 de agosto). Ofício do Governador das Ilhas de São Tomé e Principe [Cristóvão Xavier de Sá], a Martinho de Melo e Castro [Secretario de Estado da Marinha e dos Negocios Ultramarinos], informando as aves presentes nas ilhas de São Thome e Principe. AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 18, D. 70.

SÁ, J. F. B. de, 1775 (03 de março). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá da Mesa da Inspeção da Bahia a Martinho de Melo e Castro [Secretario de Estado da Marinha e Ultramar] sobre a remessa de cinco viveiros de pássaros, pelo navio Nossa Senhora do Loreto e São José, do capitão Custódio Rodrigues Penedo, que foram enviados pelo capitão-mor de Benguela na Sumaca Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas, do mestre Henrique José Ritte. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8753.

SÁ, J. F. B. de, 1775 (15 de março). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá da Mesa da Inspeção da Bahia a Martinho de Melo e Castro [Secretário de Estado da Marinha e Ultramar] sobre a remessa de quatro viveiros de pássaros, pelo navio Nossa Senhora de Nazareth, do mestre José António dos Santo, que foram enviados pelo capitão-mor de Benguela. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8754.

SÁ, J. F. B. e, 1775 (08 de Maio). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá, da Mesa da Inspeção da Bahia, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a remessa de pássaros enviados pelo capitão-mor de Benguela. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8785.

SÁ, J. F. B. e, 1775 (22 de Maio). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá, da Mesa da Inspeção da Bahia, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro] sobre a remessa de cinco viveiros de pássaros; 01 pelo navio Nossa Senhora da Conceição, São José e Almas, do capitão Manuel Joaquim Esteves, e quatro pelo navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pilar, do capitão Basílio de Oliveira Valle. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8788.

SÁ, J. F. B. e, 1775 (05 de Dezembro). Ofícios de João Ferreira Bitencourt e Sá, da Mesa de Inspeção da Bahia, [ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Mello e Castro] informando sobre a remessa, pelo navio Nossa Senhora do Patrocínio e São Francisco de Paula, sob a responsabilidade do capitão Francisco Carlos Ozório, de dois viveiros de pássaros procedentes de Benguela enviados pelo capitão-mor Francisco Rodrigues Silva. AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8963.

SÁ, J. F. B. e, 1776 (26 de março). Carta de João Ferreira Bitencourt e Sá ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a remessa de gaiolas com piriquitos e papagaios cinzentos, que havia recebido da Ilha de São Tomé. Consta também a Declaração do capitão Manuel do Nascimento Costa expondo que tinha recebido a bordo do navio Nossa Senhora da Piedade e Sant'Ana, pássaros para serem entregues em Lisboa ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro. AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9088-9089.

SÁ, J. F. B. e, 1776 (13 de maio). Ofício de João Ferreira Bitencourt, da Mesa de Inspeção da Bahia ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], sobre a remessa de três viveiros com pássaros da África, pelo capitão do navio Nossa Senhora da Esperança e Santa Rita Lusitânica, Dionísio Cardia da Fonseca da, que recebeu do capitão-mor de São Felipe de Benguela, Francisco Rodrigues Silva. AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9136.

SÁ, J. F. B. e, 1777 (17 de Maio). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá, da Mesa de Inspeção da Bahia ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro] informando a remessa de cinco viveiros com pássaros de cores que tinha recebido do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva, pelo navio Nossa 'Senhora de Nazareth, Rosário e Santo António, do capitão José de Lima Fagundes. AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9434.

SÁ, J. F. B. e, 1777 (06 de Junho). Ofício de João Ferreira Bitencourt e Sá, da Mesa de Inspeção da Bahia ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro] informando a remessa, no navio Santíssimo Sacramento, São Francisco de Paula e Nossa Senhora do Socorro, do capitão Victorino Correa, de cinco viveiros com passarinhos de cores enviados pelo capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva. AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9476.

SÁ, L. F. de B. e, 1800 (22 de maio). Ofício de Luís Fortes de Bustamante e Sá ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], D. Rodrigo de Sousa Coutinho, remetendo duas pedras, que são dois sinos, e quatro tucanos vivos de duas espécies para avaliação da raridade das amostras; e solicitando a mercê de um ofício em qualquer parte do Brasil para sustentar sua mulher e filhos. AHU_CU_017, Cx. 182, D. 13307.

SÁ, L. J. C. de, 1754 (27 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Luís José Correia de Sá, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Diogo de Mendonça Corte Real, sobre o envio de um casal de pacas e de uma anta. AHU_CU_015, Cx. 76, D. 6368.

SAGAN, C. *Definitions of Life. In*: BEDAU, M. A., CLELAND, C.E. (Eds.). *The Nature of Life. Cambridge: Cambridge University Press*, 2012.

SALDANHA, M. L. L. de, 1779 (18 de março). Ofício do [governador e capitão-general da capitania de São Paulo], Martim Lopes Lobo de Saldanha para o [ministro e secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos), Martinho de Melo e Castro, remetendo pelo primeiro contador do Real Erário, Matias José Ferreira de Abreu, um casal de antas e cinco guarases para (D. Maria I). Aqueles animais são domesticados, porém torna-se necessário observar certo número de cuidados, especialmente com os guarases como vai explicado na nota inclusa. Diz, também, que ele juntamente com o portador criou a Junta da (Administração e) Arrecadação da Real Fazenda da capitania (de São Paulo). AHU_CU_023-01, Cx. 33, D. 2897.

SALVA, M. & BARANDA, P. S. de. *Memorias de Fray Juan de San Gerónimo*. *In: Documentos Inéditos para La Historia de España*. *Academia de La Historia*, Tomo VII, Madri, 1845.

SANTOS, C. M. dos. Moçambique Como Centro de Articulação de Comércio Português do Índico Afro-Asiático. Universidade de Brasília, 1990.
Disponível em: <www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/corsino.rtf>. Acesso: 30 Jul. 2017.

SANTOS, F. V. dos. O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão.Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SANTOS, F. V. dos. A casa e o Real serviço: Francisco Xavier de Mendonça Furtado e o governo do Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1759). R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 170 (442): 75-124, Jan./Mar. 2009.

SANTOS, F. V. dos. Uma vida dedicada ao serviço Real: João Pereira Caldas, dos sertões do Rio Negro à nomeação para o Conselho Ultramarino. VARIA HISTÓRIA, Vol. 26, n. 44, p. 499-521, Belo Horizonte, Jul./Dez. 2010.

SANTOS, I. Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino, volume I, Instituto Cultural de Macau, 1997, 723 p..

SANTOS, I. Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino, volume II, Instituto Cultural de Macau, 1997, 550 p..

SCHEINER, T. C. M. Apolo e Dionísio no templo das musas. Museu: Gênese, idéia e representações na cultura ocidental. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro / ECO, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, T. C. M. As bases ontológicas do museu e da museologia. VIII Encuentro Regional ICOFOM LAM 1999, Coro, Venezuela, pp. 1-208.

SCHREINER, K. Sem título. ICOFOM *Study Series* 6, 1984, pp. 24-28.

SCHWEIBENZ, W. *The development of virtual museums*. ICOM *news*, n.3, 2004.

SENOS, N. O Paço da Ribeira: 1501 – 1581. Editorial Notícias, 2002.

SEQUEIRA, D. L., 1521 (07 de janeiro). Alvará do governador da Índia, Diogo Lopes de Sequeira, mandando ao feitor e oficiais de Cochim que pagassem 900 réis mensais a João Fernandes, casado e morador em Cochim, dos cargos que tinha de mandar vir os carpinteiros trabalhar e de tratar dos elefantes. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç 93, n. 82.

SERPA, M. de M. P., 1764 (16 de janeiro). Ofício do provedor mor da Fazenda, Manuel de Matos Pegado Serpa, ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a remessa de aves aos viveiros das Quintas Reais, com a portaria do Governo Interino ordenando que recomendasse ao capitão do corsário Nossa Senhora das Mercês, Agostinho dos Santos, cuidado no tratamento das aves que levava para Lisboa. AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6464-6466.

SERRÃO, J. (Dir.). Pequeno dicionário de história de Portugal. Iniciativas Editoriais, 1976.

SICK, H. Ornitologia brasileira: Uma introdução, Vols. 1, 2. Universidade de Brasília, 1985.

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Paço Real de Frielas. IPA 00006616. 2011. Disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6616>. Acesso: 19 Out. 2016.

SILVA, F. d'A. 1842 (26 de Julho). Relação dos animais trazidos de Cacheu para D. Fernando, no Bergantim São Boa Ventura, comandada por Assis da Silva. Arquivo Histórico da Marinha, PT/BCM-AH/Bergantim São Boa Ventura, Cx. 468.

SILVA, J. B. A. Memoria sobre a necessidade e utilidades do plantio de novos bosques em Portugal, Lisboa, 1815.

SILVA, J. T. da, 1786 (13 de fevereiro). Ofício do governador José Teles da Silva para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, remetendo um pouco de caácuã, uma onça e uma ave de rapina (urubutinga). AHU_CU_009, Cx. 67, D. 5842.

SILVA, J. T. da, 1786 (08 de setembro). Ofício do governador José Teles da Silva para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, dando conta da arribada do navio Santa Rosa ao porto do Maranhão e remetendo um casal de onças e uma urubutinga. AHU_CU_009, Cx. 67, D. 5903.

SILVA, L. D. L. da, 1762 (07 de março). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Luís Diogo Lobo da Silva, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o envio de viveiros de pássaros da terra. AHU_CU_015, Cx. 97, D. 7649.

SILVA, L. D. L. da, 1763 (16 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Luís Diogo Lobo da Silva, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo na charrua São José um elefante, pássaros e galinhas, vindos do Reino de Angola. AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758.

SILVA, L. S. O. C. O pensamento político na época de Catarina de Áustria e as mulheres no governo. Revista do Instituto do Direito Brasileiro (RIDB), ano 2 (2013), nº 10, pp. 11639-11682. Disponível em: <http://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2013/10/2013_10_11639_11681.pdf>. Acesso: 24 Jan. 2017.

SILVA, F. R., 1774 (10 de dezembro). Ofício do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva, à Mesa da Inspeção da Bahia, informando a remessa de seis viveiros de pássaros de cores pela corveta Nossa Senhora da Aparecida, do Mestre José Gonçalves Marques; apresenta a conta da despesa que o almoxarife da Fazenda Real de Benguela, João da Fonseca, realizou com a compra dos pássaros. AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756.

SILVA, F. R., 1775 (13 de Outubro). Ofício do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva a Mesa de Inspeção da Bahia, informando a remessa, pelo Hiate Nossa Senhora da Purificação e Almas, do capitão Manoel da Silva Amado, de quatro viveiros com quatrocentos e quarenta passarinhos de cores; consta em anexo a relação da despesa com a compra e remessa dos ditos pássaros, assim como um termo do capitão do Hiate informando o arrombamento, durante a viagem, de uma das gaiolas. AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966.

SILVA, F. R., 1776 (30 de Março). Ofício do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva, à Mesa de Inspeção da Bahia, informando a remessa, pela corveta Bom Jesus de Bouças, Santo António e Almas, do mestre Manoel Caetano Firma, de três viveiros com 369 pássaros de cores; apresenta em anexo a conta da despesa realizada pelo almoxarife da Real Fazenda de Benguela, Francisco Ivo Fernandes Labruge, com a compra dos ditos pássaros. AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138.

SILVA, F. R., 1777 (03 de Março). Ofício do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva, à Mesa de Inspeção da Bahia, informando a remessa de cinco viveiros com 625 pássaros de cores na corveta Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas do mestre Posidônio da Costa; em anexo a declaração do mestre da embarcação alegando a péssimas condições da mesma para a realização do referido transporte, assim como a conta das despesas realizadas com a compra dos pássaros pelo almoxarife Lourenço Francisco. AHU_CU-005-01, Cx. 51, D. 9477-9779.

SILVA, F. R., 1777 (24 de Março). Ofício do capitão-mor de Benguela, Francisco Rodrigues Silva, à Mesa de Inspeção da Bahia, informando a remessa de cinco viveiros com 517 pássaros de cores pela sumaca Nossa Senhora da Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana do mestre Paulo Cardoso Viana; consta em anexo, a relação das despesas realizadas com a compra, sustento e transporte dos referidos pássaros e a declaração do mestre da embarcação do recebimento dos mesmos. AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437.

SILVA, R. M. L. da (Org.); HAMDAN, B.; COELHO, D. P. Testudines (Quelônios) da Bahia, Brasil. Núcleo Regional de Ofiologia de Animais Peçonhentos, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia. 2011.
Disponível em: <http://www.noap.ufba.br/biotabahia>. Acesso: 11 Jan. 2018.

SMITH, W. (Ed.). *Dictionary of Greek and Roman Antiquities. Little, Brown, and Company, Boston*, 1859.

SOARES, L. de A. P., 1768 (13 de agosto). Ofício do marquês do Lavradio [Luiz de Almeida Portugal Soares] a Francisco Xavier de Mendonça Furtado [secretário de Estado da Marinha e do Ultramar], informando sobre a morte de uma zebra, enviada de Angola para ser dada ao rei. AHU_CU_005-01, Cx. 43, D. 7956.

SOARES, M. J., 1786 (18 de abril). Carta do Capitão mór Manuel José Soares para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], sobre a remessa de pássaros e diversos outros animais. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12256.

SOUSA, D. de, 1794 (22 de dezembro). Carta de D. Diogo de Sousa, [Governador e Capitão General da Capitania de Moçambique e Rios de Sena] para João de Souza Brito [Governador de Rios de Sena] informando a morte das gazelas remetidas. AHU-Moçambique, Cx. 69, D. 61.

SOUSA, J. G. Os mitos de origem e a identidade cultural – A presença de D. Dinis no imaginário Leiriense. Universidade de Aveiro, 2010. Disponível em: <http://estudosculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0171.pdf>. Acesso: 07 Mai. 2016.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (13 de março). Ofício de Luís de Vasconcelos e Souza [Vice-rei do Estado do Brasil] ao Sr. Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de pássaros, e animais quadrupedes, para a Corte, na cidade de Lisboa, na galera Nossa Senhora de Nazareth e Senhor do Bomfim, de que he mestre José Dias de Castro Mascarenhas. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 26 e 27.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (22 de março). Ofício de Luíz de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao Senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de pássaros e animais quadrúpedes pela corveta Nossa Senhora da Conceição e São Bento, de que é mestre Gabriel Alves da Silva. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 44 e 45.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (06 de abril). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao Senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de pássaros para a cidade de Lisboa no navio Nossa Senhora da Penha de França e Aurora de que é capitão Manoel Ribeiro Pontes. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 52 e 53.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (17 de maio). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao Senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de passaros, e animais quadrupedes para a Corte no navio São Pedro de Rattes, de que é capitão José Antunes. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 90.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (19 de maio). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar] sobre a remessa de pássaros no navio Jesus, Maria e José do capitão João Ritte. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 97.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (19 de maio). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa, Vice-rei do Estado do Brasil, ao senhor Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado da Marinha e Ultramar informando a relação dos pássaros enviados do Rio de Janeiro para Lisboa pelo navio Jesus Maria José, do qual é capitão João Rite. AHU_CU_017, Cx. 115, D. 9482.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (25 de maio). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando sobre a remessa de pássaros na galera Nossa Senhora da Oliveira, do capitão Francisco Lopes Xavier. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 108 e 109.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (25 de Maio). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a remessa de uma capivara em um viveiro de vinhático com rede de arame aos cuidados do capitão José Francisco de Macedo da galera Nossa Senhora de Nazareth e Santa Ana. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 110 e 111.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (21 de Junho). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a remessa de animais quadrupedes e pássaros no navio Nossa Senhora da Conceição e São José do capitão Victorio Gonçalves Rua. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 113 e 114.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (03 de Julho). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a relação dos pássaros enviados no navio Graça Divina do capitão Antonio José de Sá. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 127 e 128.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (06 de Agosto). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a remessa de pássaros, e animais quadrupedes, assim como caixões de plantas, preparados pelo cirurgião Mór Idefonso José da Costa e Abreu, e caixões de terra embarcados no navio São José Principe da Beira, do capitão Nicola Correa Alves. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 166 e 167.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (21 de Agosto). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a remessa de um anta e dois veados na corveta Santa Rosa Paquete da America, do mestre José Joaquim da Costa. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 176 e 177.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (28 de Agosto). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de animais quadrupedes no navio Nossa Senhora do Loreto e São José, de que é capitão Nicolau Rodrigues dos Santos. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 231 e 232.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (28 de Agosto). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], sobre a remessa de pássaros, e animais quadrupedes, que se remetem a cidade de Lisboa no navio Santa Rosa e Senhor do Bomfim, de que é capitão Joaquim José de Oliveira.
ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 233 e 234.

SOUSA, L. de V. e, 1781 (18 de Dezembro). Ofício de Luís de Vasconcelos e Sousa [Vice-rei do Estado do Brasil], ao senhor Martinho de Melo e Castro [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], informando a remessa de uma onça no navio Dianna, de que é capitão Luiz Cyprianno Rabello. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 264 e 265.

SOUSA, L. de V. e, 1782 (13 de Abril). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, [ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo Castro, enviando, na charrua Príncipe da Beira, do comandante José Francisco de Perné, animais quadrúpedes e pássaros para as Quintas Reais de Lisboa. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 141 e 142.

SOUSA, L. de V. e, 1782 (21 de Abril). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, [ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos], Martinho de Melo Castro, relatando a dificuldade de se conservar por muito tempo vivos os passaros, solicitados pela Corte, em gaiolas e viveiros. Remete na charua Príncipe da Beira os tucanos que consegue se conservar assim como dois armários com aves preparadas em duas árvores, assim como exemplares avulsos para que S. Mag.^{e} possa ver as suas diferentes qualidades, cores e feitios em quanto se não consegue hirem vivos. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 145 e 146.

SOUSA, L. de V. e, 1782 (09 de Julho). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], Luís de Vasconcelos e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo o conhecimento de dois animais, um tigre malhado e um leopardo, enviados pelo governo do Rio Grande [de São Pedro], e que seguem para o Reino a bordo do navio Graça Divina, de que é capitão Antônio José de Sá. AHU_CU_017, Cx. 119, D. 9664.

SOUSA, L. de V. e, 1782 (04 de Outubro). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo Castro, enviando a relação dos pássaros e animais quadrúpedes enviados, à cidade de Lisboa, no navio São José Príncipe da Beira. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 235 e 236.

SOUSA, L. de V. e, 1783 (18 de Março). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo Castro, enviando dos Reais Armazéns para a Corte, a relação dos pássaros embarcados no navio Santíssimo Sacramento. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 6 Fl. 36 e 37.

SOUSA, L. de V. e, 1785 (16 de Fevereiro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], Luís de Vasconcelos e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a madeira e pássaros transportados no navio Nossa Senhora do Pilar, de que é comandante José Francisco de Perne; bem como os cuidados a ter no transporte das aves. AHU_CU_017, Cx.125, D. 10025.

SOUSA, L. de V. e, 1786 (05 de Maio). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo Castro, enviando a relação dos pássaros e animais quadrúpedes que se remetem dos Reais Armazéns para Lisboa, no navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim, com as instruções e o modo de tratar o animal. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 68 e 69.

SOUSA, L de V. e, 1786 (23 de Setembro). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo Castro, enviando, na Nau de Guerra Nossa Senhora da Ajuda, vinte e dois caixoens, com as respectivas chaves, com amostras de madeira de Santa Catarina e do Rio Grande, além de sete caixoens com uma coleção de conchas ordenada pelo Sr. José Mariano da Conceição Veloso e quatro viveiros com aves e pássaros. AN Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 246 e 247.

SOUSA, L. de V. e, 1787 (16 de Janeiro). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo Castro, informando a remessa de uma onça, enviada pelo governador do Rio Grande. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 261 e 262.

SOUSA, L. de V. e, 1787 (27 de Março). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao Secretario de Estado dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo Castro, enviando hum animal quadrupede chamado guará em huma capoeira de madeira, no navio Nossa Senhora de Penha para a cidade de Lisboa. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 400 e 401.

SOUSA, L. de V. e, 1787 (11 de Setembro). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo Castro, enviando, huma onça grande em hua capoeira de madeira, no navio Nossa Senhora de Belém e São João Batista, para a Corte na cidade de Lisboa. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 416 e 417.

SOUSA, L. de V. e, 1788 (10 de Novembro). Ofício do Vice-rei do Brasil e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Luís de Vaconcelos e Sousa, ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo Castro, enviando para a Corte, hua anta em sua capoeira de madeira, no navio Diana. ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 8 Fl. 120 e 121.

SOUSA, M. P. da C. e, 1775 (08 de Outubro). Ofício do [intendente-geral do ouro e presidente da Mesa de Inspeção do Rio de Janeiro], desembargador Manoel Pinto da Cunha e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pelo navio Santa Rosa os pássaros que foram enviados pelo governador e capitão general de Angola para os viveiros reais. AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475.

SOUTHEY, R. *Letters written during a short residence in Spain and Portugal: with some account of Spanish and Portugueze Poetry. London*, 1797.

SOUTO MAIOR, S. da C., 1774 (03 de Julho). Ofício [do capitão-mor da praça de Bissau], Sebastião da Cunha Souto Maior, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro], informando que pelo navio da Companhia de Grão-Pará e Maranhão, de que era capitão Domingos António Chaves, que saiu em princípio de maio enviou um lobo pintado e uma corça; e que agora envia pelo capitão António Florêncio envia quatro gatos de algalia e quatro aves de esquipação chamados ganga. AHU_CU_049, Cx. 9, D. 831.

SOUZA, R. de F e. Medicina e fauna silvestre em Minas Gerais no século XVIII. Varia hist., Vol.24, n.º39. Belo Horizonte Jan./June 2008.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752008000100013>. Acesso: 13 Set. 2017.

SPENCER, D. *Roman Landscape: Culture and Identity. Cambridge University Press*, 2010.

STAGGEMEIR, C., BISOGNIN, E. L.; LISBÔA, M.G.P.; KREBS, M. E.; TABARELLI, T. E.; CANTARELLI, L. G. Os adornos prehistóricos. Educaçao e Ciência na Era Digital, SEPE – XV Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão. 2011.

STAKELBERG, K. T. *The Roman Garden: Space, Sense and Society. Routledge*, 2009, *New York*.

STOTHERT, W. *A Narrative of the Principal Events of the Campaigns of* 1809, 1810 & 1811, *in Spain and Portugal. London*, 1812.

STRÁNSKÝ, Z. Z. *Object – Document. Or do we know what we are actually collecting?. In: Symposium Object – Document*?, ICOFOM *Study Series* 23, pp. 47–51, *Beijing*, China, 1994.

STRAUBE, F. C. QUESTÕES LINGUÍSTICAS EM ORNITOLOGIA, IV: A carta de Ferreira Penna e os nomes populares dos Ciconiidae brasileiros. Atualidades Ornitológicas N.98 - Novembro/Dezembro de 2000.

SVECENKO, N. P. *Wild Animals in the Byzantine Park*. *In*: LITTLEWOOD, A. at all (Ed.). *Byzantine Garden Culture. Dumbarton Oaks Research Libary and Collection*. *Washington*, 2002.

TAVARES, A. Arte da caça de altenaria: um exemplar português de literatura cinegética do século XVII. *In*: COSTA, R. da; GONZÁLEZ, J. M. S. (Coords). *Mirabilia* 21 (2015/2).
Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-15.pdf>. Acesso: 20 Nov. 2015.

TAVARES, A. R. de M., 1767 (21 de Dezembro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], conde de Azambuja, [D. Antônio Rolim de Moura Tavares] para [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo treze pássaros de cores a bordo da nau Nossa Senhora da Ajuda e São Pedro de Alcântara, de que é comandante o capitão de mar e guerra Bernardo Carneiro Alcáçovas, com destino às quintas reais no Reino. AHU_CU_017, Cx. 84, D. 7438.

TAVARES, A. R. de M., 1768 (26 de Janeiro). Ofício do governador interino da Bahia, arcebispo [D. António Rolim de Moura Tavares], ao [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a remessa de 2 viveiros com pássaros de Angola, que tinha recebido do governador, capitão general, D. Francisco Inocêncio de Souza Coutinho. Apresenta em anexo a declaração do capitão José Rodrigues do Nascimento, expondo que tinha recebido a bordo da sua sumaca, em 18 de dezembro de 1767, 3 viveiros com 145 pássaros de Angola. AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773-7774.

TEIXEIRA, D. M. Os quadros de aves tropicais do Castelo de Hoflössnitz na Saxônia e Albert Eckhout (ca. 1610-1666), artista do Brasil Holandês. Revista Ieb, n. 48, Março de 2009.

TEIXEIRA, D. M.; PAPAVERO, N. Um breve histórico das araras do gênero *Anodorhynchus* Spix, 1824 (Aves, Psittaciformes). Arquivos de Zoologia do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, Vol. 47, n. 1, pp. 1-32, junho 2016.

TEIXEIRA, D. M.; PAPAVERO, N.; KURY, L.B. As aves do Para segundo as “Memórias” de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis. Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia de São Paulo, Vol. 41 (2), pp. 97-131, 2010.

TEIXEIRA, J. B., 1786 (18 de Julho). Carta do Capitão mór João Baptista Teixeira para o governador da Bahia [Rodrigo José de Meneses e Castro], na qual o informa sobre os pássaros que pudera obter, para lhe mandar. AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12255.

TEIXEIRA, J. D. Fernando II: Rei-artista, artista-Rei. Fudação da Casa de Bragança, Lisboa, 1986.

TROKILDSEN, G. *Leisure and Recreation Management, fifth edition, Routledge Taylor & Francis Group, London and New York*, 2005.

TSURUTA, S. *Proposal for the Museum Material-Enviroment System*. ICOFOM *Study Series* 6, ICOM, 1984, pp. 29-39.

TWISS, R. *Travels through Portugal and Spain, in* 1772 *and* 1773*. London*, 1775.

VALE, M. do, 1526 (01 de Outubro). Mandado para Miguel do Vale, feitor de Goa, dar mantimento para o elefante. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 136, n. 34.

VALE, M. do, 1526 (07 de Novembro). Conhecimentos do que despendeu Miguel do Vale, feitor de Goa, com os homens que trouxeram erva e rama para o elefante. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 137, n. 28.

VASCONCELOS, A., 1761 (05 de Janeiro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado do Reino e Mercês], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre ter enviado, a 20 de Dezembro, um elefante para o infante D. Pedro [de Bragança] dar à rainha Nossa Senhora, remetendo no presente a elefanta de quatro meses que não pudera ir antes; pedindo ao secretário que colocasse os animais na presença do Infante para que se visse que fora pontual; dando conta que a encomenda servira para a gente daquela terra perceber que podia pegar naqueles animais, ao contrário do que acreditavam, referindo que eram animais pacíficos se não fossem atacados. AHU-CU-OO1, Cx. 44, D. 1.

VASCONCELOS, A., 1762 (05 de Abril), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, relatando a demora no envio de viveiros de pássaros exóticos para às Quintas de Belém de Sua Majestade devido ao fato desses pássaros só existirem no sertão de Benguela. AHU, AHU-CU-001, Cx. 45, D. 5.

VASCONCELOS, A., 1762 (10 de Julho). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo vários pássaros de cores de Benguela; dando conta da falta de comunicação com Benguela, onde já não iam barcos ao sal, nem paravam os navios vindos do Brasil, tendo mandado uma canoa com alguns homens para reforçar a reduzida guarnição daquele presídio. AHU-Angola, Cx. 45, D. 68.

VASCONCELOS, A., 1763 (21 de Janeiro), São Paulo da Assunção [de Luanda]. Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo um elefante de casta superior ao que enviara antes, informando que o animal estava domesticado, com ele ia um negro forro mixiluanda que sempre o assistiu, e vinte e cinco galinhas do mato para que se reproduzissem na tapada de Lisboa para caça. AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49.

VASCONCELOS, A., 1763 (22 de Janeiro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola, António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando a remessa, pelo capitão Bernardo António de Araújo, de 500 passaros de cores em nove viveiros. AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49.

VASCONCELOS, A., 1763 (25 de Agosto). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no qual informa a remessa, pelo capitão António de Pontes, de dez viveiros com quinhentos e cinquenta pássaros, segundo solicitação de V. Majestade [D. José I] para as Quintas de Belém. AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 17.

VASCONCELOS, A., 1763 (10 de Dezembro). Ofício do [governador e capitão-general de Angola], António de Vasconcelos, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando a remessa, pelo capitão Aleixo de Araújo, da corveta da Companhia de Pernambuco, a relação dos pássaros de cores que vão em sete viveiros para as Quintas de Belém. AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 47.

VASCONCELOS, R.; BRITO, J. C.; CARRANZA, S.; HARRIS, J. *Review of the distribution and conservation status of the terrestrial reptiles of the Cape Verde Islands*. Fauna & Flora *International*, *Oryx*, 47 (1), pp. 77-87, 2013.

VELLOSO, J. M. da C., Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes. Impressão Regia, Lisboa, 1805, p. 102.

VELTRE, T. *Menageries, Metaphors, and Meanings*. *In*: HOAGE, R. F.; DEISS, W. A. (Eds.). *New Worlds, New Animals: From Menagerie to Zoological Park in the Nineteenth Century. The Smithsonian Institution*, 1996.

VIANA, A. R. G. Apostilas dos dicionários portugueses, Tomo I, A-H. Livraria Classica Editora. Lisboa, 1906.

VIGNE, J. D. *The Origins of Animal Domestication and Husbandry: A Major Change in the History of Humanity and the Biosphere*. C. R. *Biologies* 334 (2011), pp. 171-181.

VILAR, J. R., 1785 (25 de Abril). Recibo de João Rodrigues Vilar relatando a entrega, nas Reaes Quintas de Bellem, pelo capitão da Galera Nossa Senhora da Vitória Princesa Divina Luís Antônio Malheiro, vinda do porto de Santos, de um urubu-rei e duas peles de onça que morreram a bordo. AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115.

VILHENA, A. M. de. Remessa de falcões ao rei D. João V. Gazeta de Lisboa, nº 9, 02 de Março de 1730, p. 71.

WALLACE, A. R. The Geographical Distribution of Animals, with a study of relations of living and extinct faunas as elucidating the past changes of the Earth's surface. New York, 1876.

WENDEL, G. Caminhos Antigos na Serra de Santos, Anais do Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro 1952. *apud* LUNA, F. V. & COSTA, I. del N. da. A Estrada e o Desenvolvimento Econômico: a Estrada São Paulo-Santos, Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História – Tema: O Homem e a Técnica, São Paulo, Vol. II, ANPUH, pp. 551 – 567, 1979.

WIED-NEUWIED, M. A. P. zu. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. Brasiliana, serie 5ª, vol I – Companhia Editora Nacional 1940.

WILSON, D. E.; MITTERMEIER, R. A. (Eds.). *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 1. *Lafomorphs and Rodents* I. *Lynx Edicions*, Barcelona, 2009.

WILSON, D. E.; MITTERMEIER, R. A. (Eds.). *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 2. *Hoofed Mammals*. *Lynx Edicions*, Barcelona, 2011.

WILSON, D. E.; MITTERMEIER, R. A. (Eds.). *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 5. *Monotremes and Marsupials*. *Lynx Edicions*, Barcelona, 2015.

WILSON, D. E.; MITTERMEIER, R. A. (Eds.). *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 6. *Carnivores*. *Lynx Edicions*, Barcelona, 2016.

WOLF, R.; TYMITZ, B. *Studying Visitor Perceptions of Zoo Environments: A Naturalist's View. International Zoo Yearbook*. *In*: P.J.S. Olney (Ed.), 1981 *apud* POLAKOWISKY, K. J. *Zoo Design: The Reality of Wild Illusions*. *The University of Michigan*, 1987.

ZEDER, M. A. *Domestication and early agriculture in the Mediterranean Basin: Origns, diffusion, and impact*. PNAS (*Proceedings of the National Academy of Sciences of the United Stades of America*, Vol. 105, n. 33, *August* 19, 2008, pp.11597-11604.

APÊNDICES

Foto: Caters News Agency

APÊNDICE I – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes de Angola e Benguela (África).

Figura 148: Maracachão-de-asa-verde (*Ptylia melba*) – uma das inúmeras espécies de “pássaros de cores” provenientes das Capitanias do Reino de Angola e Benguesa (África) enviada às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Lars Petersson.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa[1]
1760	20 Dez.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-OO1, Cx. 44, D. 1	Não identificada	Não identificado	Luanda	01 Elefante [macho][2]
1761	05 Jan.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-OO1, Cx. 44, D. 1	Não identificada	Não identificado	Luanda	01 Elefante [fêmea] de quatro meses[3]
	07 Mar.	Gomes Freire de Andrade AHU_CU_017, Cx. 62, D. 5925.	Nau de Guerra não identificada	José Antônio Freire de Andrade[4]	Rio de Janeiro	02 Elefantes (casal)[5]
1762	10 Jul.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-001, Cx. 45, D. 68	Não identificada	António Rodrigues	Luanda	02 viveiros com 10 Maracaxoeñs; 17 Viuvas, das grandes, e pequinas; 11 Cardeaes; 10 Seleçes; 04 Gollas; 04 Xexes[6]
1763	22 Jan.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 49	Navio Senhor do Bom Fim e São Pedro de Alcântara	Capitão Bernardo António de Araújo	Luanda	01 Elefante [macho]; 26 Galinhas do Matto[7]; 09 Viveiros com 500 Passaros: Viveiro nº 1 com 108 Cangueis; Viveiro nº 2, no andar de cima 30 Cardeaes, no do Meio 35 Sexes, no de baixo 30 Munsenhores; Viveiro nº 3, no andar de cima 34 Selences, no segundo andar 18 Cardeaes e 14 Golas, no terceiro 35 Sexes; Viveiro nº 4 com 16 Maracaxongos; Viveiro nº 5 com 24 [Maracaxongos]; Viveiro nº 6 com 24

[1] Todos os numerais cardinais identificados nas remessas foram representados por algarismos arábicos, independentemente da sua representação nos manuscritos utilizados. Para a descrição dos exemplares optou-se pela grafia original nos manuscritos.
[2] Esta remessa é citada pelo governador e capitão-general de Angola, António de Vasconcelos, no documento emitido em 05 de janeiro de 1761 (AHU-CU-OO1, Cx. 44, D. 1); o animal fora enviado conforme solicitação do Infante D. Pedro para a Rainha, juntamente com a indicação do "trato que deve dar se a estes Bichos". Este documento inexiste nos arquivos do AHU.
[3] Vasconcelos solicita ao secretário de estado "a bondade de os pór ambos, com a minha profundissima submissaõ na prezença do mesmo Senhor [infante D. Pedro], para que naõ fique duvidoza a punctualidade com que devo executar as suas insinuaçoeñs". Neste mesmo documento Vasconcelos ainda comenta que: "Com a execuçaõ da referida encomenda se capacitou toda esta gente se lhes podia pegar, contra o que acreditava por conta das suas superstiçoẽns, e por ter prezenciado as inumeras diligencias que em outros tempos se participaraõ: e forma que sendo infinita semelhante, e toda a mais Bicharia, na conquista, apenas algũns moradores certanejos os tinham visto ao longe, ao mesmo perto, que ainda no mato, nunca fizeraõ mal naõ sendo primeiro offendidos, ou naõ andando as mais com as crias; porque e os qualquer destes cazos nada pode [ilegível]."
[4] José Antônio Freire de Andrade, irmão do governador do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, Gomes Freire de Andrade foi encarregado de cuidar dos animais durante a travessia marítima do Rio de Janeiro até Lisboa.
[5] Andrade comenta que remeterá ambos na grande Nau de guerra onde poderão ir "bem acomodados, determinei fossem juntoz com o mantimento precizo, [...] parece-me senaõ tiveré tormenta farám feliz viagem".
[6] Apesar do ofício de Vasconcelos relatar o recebimento de "quarenta e oito passaros de cores, que chegaraõ de Benguela em hum Navio, que cazualmente por lá passou", a relação anexa ao ofício descreve a remessa de 56 exemplares para Lisboa.
[7] "na consideçaõ de poderem multiplicar em alguma tapada de S. ex.ª, e de ser cassa divertida".

						[Maracaxongos]; Viveiro nº 7 com 40 Viuvas grandes; Viveiro nº 8 com 40 Viuvas grandes; Viveiro nº 9 com 52 [Viuvas] de duas castas
	?	Luís Diogo Lobo da Silva AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758	Não identificada	Não identificado	Angola	12 Galinhas
	16 Abr.	Luís Diogo Lobo da Silva AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758	Charrua São José	Mestre Mateus Pereira	Pernambuco	01 Elefante; 20 Galinhas da costa[8]; Viveiro nº 2 (de arame) com 10 Passaros de cores vivos[9]; Viveiro nº 3 (de arame) com 50 Passaros de cores vivos[10]; Viveiro nº 7 (de cana) com 34 Viuvas de uma cor vivas[11]; Viveiro nº 8 (de cana) com 15 Viuvas[12]; Viveiro nº 9 (de cana) com 22 Viuvas de duas cores vivas[13]
	16 Abr.	Luís Diogo Lobo da Silva AHU_CU_015, Cx. 99, D. 7758	Navio Senhor do Bom Fim e São Pedro de Alcântara	Capitão Bernardo António de Araújo	Pernambuco	08 Galinhas da costa[14]; Viveiro nº 1 (de arame) com 78 Cangueis[15]; Viveiro nº 4 (de arame) com 08 Maracaxoeñs[16]; Viveiro nº 5 (de arame) com 12 Maracaxoeñs[17]; Viveiro nº 6 (de arame) com 11 Maracaxoeñs[18] [19]

[8] Além de 07 cabeças de Galinhas da costa mortas.
[9] Além de 85 cabeças de Pássaros de cores mortos.
[10] Além de 51 cabeças de Pássaros de cores mortos.
[11] Além de 06 cabeças de Viuvas de uma cor mortas.
[12] Além de 25 cabeças de Viuvas mortas.
[13] Além de 30 cabeças de Viuvas de duas cores mortas.
[14] Além de 03 cabeças de Galinhas da costa mortas.
[15] Além de 30 cabeças de Cangueis mortos.
[16] Além de 08 cabeças de Maracaxoeñs mortos.
[17] Além de 12 cabeças de Maracaxoeñs mortos.
[18] Além de 13 cabeças de Maracaxoeñs mortos.
[19] Silva informa, que além de um elefante, nove viveiros com 500 de Pássaros de cores e vinte e cinco Galinhas, entregues pelo Capitão do Navio Senhor do Bom Fim e S. Pedro de Alcântara, Bernardo António de Araújo, uma outra embarcação, procedente da África, chegou a Pernambuco, com mediação de vinte dias trazendo mais 12 Galinhas que foram incorporadas à remessa do Navio Senhor do Bom Fim. Silva ainda comenta que "Na viagem [de Angola] para esta Praça [Pernambuco] padeceraõ bastantes passaros, e sette das sobreditas Galinhas, de huma, e outra conta, naõ por falta de trato dos Cap.es, que vinhaõ encarregados dellas, mas pela mudança do clima, e mais effeitos, que custumaõ sentir em semelhantes circunstancias, e nesta terra adonde tenho feito ter o mayor disvello, em tudo que diz respeito á conservaçaõ delles, Galinhas, e Elefante procurando descobrir arpista, que se achou com trabalho, e excessivo preço, tanto para no tempo da demora, como da viagem, lhe misturar com o milho de Angolla pela experiencia ter mostrado, ser mais proporcionado a conservalos nos ares della, e da referida viagem, naõ tem deixado de morrer alguns dos ditos passaros, de sorte que destes naõ vaõ mais que duzentos, e quarenta por serem os unicos dos que existem, e das Galinhas, vinte, e oitto". Apesar da grande quantidade de pássaros enviado a contabilização dos exemplares vivos e dos mortos, assim como o reenvio dos mesmos de Pernambuco para Lisboa, está correta; entretanto, existe diferença na contabilização das Galinhas do Mato. Silva relata que havia chegado a Pernambuco 25 exemplares no primeiro navio e 12 no segundo, totalizando, assim, 37 aves e que 07 Galinhas morreram durante a viagem ("de huma, e de outra conta") o que acarretaria no recebimento de 30 exemplares. Entretanto o documento que descreve o embarque destas aves nos dois navios que partiram para Lisboa, cita o transporte de 28 galinhas

	25 Ago.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 17	Não identificada	Capitão António de Pontes	Luanda	10 Viveiros com 550 Passaros (173 Cangueis; 123 Sexes; 38 Maracaxongos; 21 Munsenhores; 24 Cardeaes; 03 Cardeaes Benguellas[20]; 04 Passarinhos muito esquezitos; 05 Seleçeçes; 04 Passarinhos prettos e brancos; 16 Passarinhos que mudam em prettos; 04 Passarinhos amarelos chamados Bigodes; 109 Viuvas grandes; 26 Viuvas pequenas de bico incarnado[21]
	12 Nov.	António de Sousa Manuel de Meneses AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7805 / AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7815[22]	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José	Capitão Manuel do Nascimento da Costa	Pernambuco	10 Viveiros de Passaros[23]

vivas e 10 cabeças de morta, totalizando 38 exemplares, uma a mais do montante declarado dos exemplares que chegaram a Pernambuco. Estamos considerando, pelo total de aves vivas e mortas embarcadas, além de 03 mortes que ocorreram em terra (Pernambuco) que 01 exemplar foi incorporado à remessa em Pernambuco.
Na viagem delle para esta Praça, padeceraõ bastantes passaros, e sette das sobreditas Galinhas, de huma e outra conta, naõ por falta de trato dos Cap.es que vinhaõ encarregados dellas, mas pela mudança do Clima, e mais effeitos, que custumaõ sentir em semelhantes circunstancias, e nesta terra adonde tenho feito ter o mayor disvello, em tudo que diz respeito á conservaçaõ delles, Galinhas, e Elefante, procurando descobrir arpista, que se achou com trabalho, e excessivo preço, tanto para no tempo da demora, como da viagem, lhe misturar com o milho de Angolla pera experiencia ter mostrado, ser mais proporcionado a conservalos nos ares della, e da referida viagem, naõ tem deixado de morrer alguns dos ditos passaros, de sorte, que destes naõ vaõ mais que duzentos, e quarenta por serem os unicos dos que existem, e das Galinhas vinte, e Oitto.
Como o dº. Navio em que o Gov.or de Angolla me fez a referida remessa, para enviar a V. Ex.a, se de pequeno porte, e por consequencia se impossibilitava hirem nelle, com o dezafogo necessario, passey o Elefante para a Charrua, cinco viveiros, com cento, e trinta, e hum passaro, e vinte Galinhas, mandando fazer comodo para o primrº. de Sorte, que diariamente se podesse alimpar, emeter lhe mantimento, eagoada preciza, no receyo de que por falta do Sobredº., se lheseguisse molestia, que embarassase chegar chegar a essa Cidade donde se fará entrega de tudo a ordem de V. Ex.a o M.e da Charrua Mateos Pereira.
O resto dos sobreditos Passaros, que consiste em cento, e nove, Leva em quatro viveiros o Capm. Bernardo Antonio de Araujo no Navio Sr. do Bom Fim, e S. Pedro de Alcantara, e Oitto galinhas de que dará conta a mesma ordem de V. Ex.a, ficando desta sorte faltando duzentos, e secenta passaros, que padeceraõ do dia que sahiraõ de Angolla até o prezente. Recife de Pernambuco, 16 de Abril de 1763. Luis Diogo Lobo da Silva".

[20] "Saõ vistoziçimos nos quatro mezes que se conservaõ com pena nova".

[21] Ao pé da relação existe a seguinte observação: "Dos Passaros Refferidos os que Cantaõ Saõ os Sexes, Maracachongos, os q.' aqui chamaõ Cardeaes, os Monsenhores, e Viuvas."

[22] Neste ofício Meneses cita uma relação inclusa que não consta no documento depositado no arquivo do AHU. Meneses relata que "tem morrido m.tos; e creyo poucos chegaram a V. Ex.a, porque sendo de casta m.to melindroza, e paçando a Costa, no Inverno, hé m.to natural naõ escaparem".

[23] Os 10 viveiros de Passaros enviados de Angola cheraram a Pernambuco no dia 21 de outubro do corrente ano conforme ofício de Meneses (AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7805). Neste documento o governador relata que "Antonio de vás Conellos g.or de Angôla, mandou 10 viveiros de paçaros de diverças cores p.a se remeterem pella Secretaria de V. Ex.a a S. Mag.e, dos quais naõ deu relaçaõ ao Cap.m da Corveta que os trouçe, nem a mandou na Carta que com elles veyo, motivo porque aseitei os que o d.º Capitaõ entregou a q.m forçozam.te devia ademetir toda a desculpa de que se quizece valer q.do intentace dezemcaminhar alguns, visto naõ ter por onde lhe tomar conta; ficáram nestes V.os reduzidos ao deminutto n.º que mostra a relaçaõ que leva o Capitaõ do Navio N. Sr.a da Boa viage, Manoel do Nacim.to da Costa". Esta relação de remessa dos pássars de Pernambuco para Lisboa inexiste, entretanto, a relação citada por Meneses da remessa destes 10 viveiros de Antola para Pernambuco existe anexa ao documento VASCONCELOS A. de, 1763 (25 de agosto), AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 17, relativo a Angola.

	10 Dez.	António de Vasconcelos AHU, AHU-CU-001, Cx. 47, D. 47	Corveta da Companhia de Pernambuco (via Pernambuco)	Capitão Aleixo de Araújo	Luanda	07 Viveiros com 384 pássaros de cores: Viveiro 1 com 45 Monsinhores; Viveiro 2 com 60 Sexes; Viveiro 3 com 34 Maracaxoiñs (machos e femias); Viveiro 4 com 45 Cardiais; Viveiro 5 com 60 Cangueis; Viveiro 6 com 52 Sexes, 08 Assafroiñs; Viveiro 7 com 80 Viuvas de varias qualidades
	30 Dez.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483	Nau Nossa Senhora Madre de Deus	Capitão Francisco Miguel Aires	Rio de Janeiro	12 Viveiros com 261 Benguelinhas[24]
	30 Dez.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483	Fragata Nossa Senhora da Atalaya	Capitão Luís de Castro	Rio de Janeiro	13 Viveiros com 201 Passaros de varias cores
1764	10 Mar.	António de Sousa Manuel de Meneses[25] AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7838	Navio da Coroa São José Rei de Portugal	Capitão António Luís dos Reis	Pernambuco	Viveiro 1: 00 Passaros vivos; Viveiro 2: 01 Passaro pardo pelas costaz e o peito e rabo azul; Viveiro 3: 03 Passaros com os peytos mariscadoz e gogó e bico vermelho; Viveiro 4: 00 Passaros vivos; Viveiro 5: 07 Passaros pardinhos bico e olhos vermelhos e o peito cuaze da mesma forma; Viveiro 6: 01 Passaro pardinho pelas coztaz e o peito e rabo azul; Viveiro 7: 02 Viuvas com os rabos compridos o corpo rayado e a cabeça pretta; 01 [Viuva] com o bico vermelho rabo comprido peito branco e as coztaz prettas; 02 [Viuvas] com os bicos vermelhos e os corpos rajados; 02 [Viuvas] com os corpos rajados e os peitoz sinzentoz; 01 [Viuva] com o papo amarello e corpo rajado[26]

[24] As duas remessas realizadas do Rio de Janeiro no dia 30 de Dezembro de 1763 são mistas com aves da África (Angola) e Brasil (Rio de Janeiro).
[25] No ofício Meneses cita que "De Angola vieraõ 7 viv.os com 386 Paçaros de varias cores [na verdade foram 384] entre mortos e vivos, mas em estaçaõ tal, q.' quaze todos tem morrido, os q.' escaparaõ vaõ entregues ao Cap.m do Navio [...], a este mandará V. Ex.a os entregue p.la relaçaõ q.' lhe dirijo dos vivos, e mortos com as suas cabeças".
[26] Existe erro na contabilização dos pássaros. Meneses relata que recebeu de Angola sete viveiros com 386 pássaros, contudo no ofício de Vasconcelos consta o envio de 384 exemplares para Pernambuco; observamos outra discrepância no documento do reenvio dos pássaros de Pernambuco para Lisboa, no qual consta a remessa de 22 pássaros vivos, o que não corresponde aos indivíduos vivos descritos, que totalizam 20 exemplares, assim como existe erro na contabilização do total das cabeças de pássaros mortos remetidas, cujo valor foi alterado de 362 para 364 (resultado este que corresponde ao total de óbitos).

	14 Jul.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6576	Não identificada[27]	Francisco Duarte Serra	Rio de Janeiro	04 Viveiros com 08 duzias (96) de pássaros de cores; 01 Capoeira com 34 Viuvas; 29 Benguellas; 08 Coleiras; 01 Gayolla com 01 Viuva branca e negra, bico vermelho[28]
	28 Nov.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45 / ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 56-56v	Não identificada (seguiu pelo Pará)	Mestre Manuel Francisco da Cunha	Luanda	04 Viveiros de madeira. Viveiro 1 com 28 cazas a sinco Passaros (total 140); Viveiro 3 com 15 cazas a quatro Passaros (total 60); Viveiro 4 com 15 cazas a sinco Passaros (total 75)[29]; Viveiro grande fixo no Navio com 850 Passaros; 01 Gayola com 04 Pardais de cores; 01 Gayola com 02 Passaros de Ryo; 12 Rolas de cores; 01 Passaro grande; 01 Ave de Rapina; 56 Galinhas do Mato; 01 Macaco pequeno com o nariz branco
	28 Nov.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45 / ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 56-56v	Não identificada (seguiu por Pernambuco)	Não identificado	Luanda	800 Passaros[30]
	10 Dez.	[António de Sousa Manuel de Meneses] ANTT, Condes de Linhares, mç. 53, doc. 5	Não identificada	Não identificado	Pernambuco	320 Passaros de cores diversas; 38 Galinhas do Mato; 02 Patos do Sertaõ; 01 Marrinete; 01 Ave de Rapina; 01 Macaco[31] [32]
1765	27 Fev.	[Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho]	Não identificada	Não identificado	Luanda	2.200 Passaros das melhores, e mais exquezitas cores[33]

[27] Na descrição da referência do AHU consta as seguintes embarcações e seus capitães: charrua Nossa Senhora da Purificação, do capitão Manoel Monteiro e galera Bom Jesus de Vilanova, Santo Antônio e Almas, do capitão Manoel dos Santos; entretanto, o documento que relata o recebimento dos animais a serem entregues ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi assinado por (capitão?) Francisco Duarte Serra.

[28] Remessa mista com animais de Angola e do Brasil (Rio de Janeiro).

[29] Remessa mista com animais de Angola e de São Tomé e Príncipe. O Viveiro 2, com 4 casas a 6 pássaros, transportava Pardais de São Tomé que foram contabilizados no texto referente a este território.

[30] Coutinho comenta que "como hé muito grande o seu numero [de pássaros], mandeu fazer no Navio hum viveiro fixo para facilitar lhe a conservaçam, como pratiquei em outro Navio de Pernambuco, [...], e alem daquele [viveiro fixo] mando tambem quatro viveiros deles [de pássaros], p.ª que V. Ex.ª póssa dizerme se conserváram melhor".

[31] "Tudo o mais q.' falta para completar a remeça q.' veyo morreo no mar seg.º o Cap.m da Embarcaçaõ q.' os conduzio".

[32] Esta remessa, realizada por Meneses, seria compatível com a remessa descrita por COUTINHO, F. I de S., 1764 (28 de novembro), AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45 e ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, apesar deste citar que o navio encarregado pelo transporte dos animais partira de Angola através do porto do Pará, se considerássemos que por algum motivo a embarcação tenha tomado outro rumo e acabasse por aportar em Pernambuco. Entretanto as datas que as separam (Angola - 28 de novembro) e (Pernambuco - 10 de dezembro), um intervalo de apenas 12 dias, é infuficiente para a realização do trajeto marítimo entre estas duas colônias, cujo tempo médio de viagem era de 35 dias,

[33] "Nam vaõ em viveiros particulares, como devia ser, por cauza das mudanças dos Navios, porque me nam foi possíiel descobrir Arame para se fazerem".

		ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 65v-66				
	06 Abr.	António de Sousa Manuel de Meneses[34] AHU_CU_015, Cx. 102, D. 7936	Navio Nossa Senhora do Rosário e São José	Capitão José Ribeiro Corso	Pernambuco	Viveiro n. 1: 13 Viuvas pintadas de pardo e pretto; 13 Maracaxóes sinzentos pellas costas e pardos pello peito; 13 Cessios com as costas pardas, papos e bicos vermelhos; 08 Azulóes cinzentos pellas costas, e azuys p.los papos; 04 Imbacas; 03 Benguelinhas; 01 Canario; 01 Passaro rajado pardo, e amarello. Viveiro n. 2: 31 Viuvas das cores assima; 02 Maracaxés d.as cores; 02 Negraes; 06 Cecios; 01 Azulaõ; 03 Passarinhos todos negros; 01 Imbaca; 01 Canario. Viveiro n. 3: 03 Viuvas d.as cores; 04 Maracaxóens; 18 Cecios; 21 Azulóes; 01 Canario; 01 Passarinho todo negro; 01 Passarinho rajado de cinzento e branco[35]; 02 Capoeiras com 28 Galinhas; 01 Capoeira com 04 Pombas; 01 Capoeira com 01 Falcaõ; 01 Marreca; 01 Segonha; 01 Patto[36]
	30 Jun.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 49, D. 38 / ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 82	Não identificada	Não identificado	Luanda	13 Galinhas do Mato[37]
	04 Jul.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6801 / AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6803	[Nau Nossa Senhora da Natividade]	Capitão D. Manuel José Lobo	Rio de Janeiro	25 Viveiros: Viveiro 1 com 23 Passaros de peito e bico encarnado; Viveiro 2 com 23 passaros de peito e bico encarnado; Viveiro 3 com 24 Passaros de peito e bico

[34] Neste ofício, Meneses cita que: "Na esquadra passada tive a cautella de dizer a V. Ex.ª, q' os pássaros q.' chegaraõ de Angola iriaõ nella, se se apromptacem os viveiros, em q deviaõ ser conduzidos, e p.r q.' senaõ acabaraõ [ilegível] de entaõ os inviar, agora os entrego a Joze Ribr.º Corço p.ª pella Rellaçaõ incluza fazer entrega delles", q.' saõ ja deminutissimos, p.r q.' morrem infinitos, com estes vaõ alguns da terra q.' mandey juntar lhe, quaes entendo continuaraõ a morrer como cá tem soced.º, e socedeo a varias galinhas das que vieraõ de Angola, p.r cujo motivo he taõ diminuto o n.º q.' vay".

[35] Remessa mista com pássaros de Angola e de Pernambuco (Brasil). Os pássaros de Pernambuco foram enviados no viveiro n.4 sendo computados no texto referente à Capitania de Pernambuco (Brasil).

[36] As aves que não estão nos viveiros já tinham chegado a Pernambuco [Recife] anteriormente e foram embarcadas agora conforme a descrição realizada por Meneses em seu ofício.

[37] "Nam vam Passaros nesta ocaziam, porque o Navio nam hé capaz de sofrer Viveiro grande, e para acabar os pequenos nam pude descobrir Arame em todo o Brazil: Remeto unicamente treze Galinhas do Mato, e no primeiro Navio, que for capaz, e que tiver a comodidade de chegar a Costa de Portugal em melhor tempo do que este, hirám mais, e os Passaros, que forem possiveis, e tenho já remetido a V. Ex.ª quazi sinco mil". Pela documentação levantada durante o governo de Coutinho, até esta data temos o registro da remessa de 4921 animais, dos quais 4919 foram aves e 02 mamíferos (Macados).

						encarnado; Viveiro 5 com 16 Seches azuis; Viveiro 6 com 13 Seches azuis; Viveiro 7 com 19 Mallacachoens; Viveiro 8 com 14 Mallacachoens; Viveiro 9 com 10 Coleiras, 02 Viuvas pardas; Viveiro 10 com 21 Viuvas pardas de bico encarnado; Viveiro 11 com 18 Viuvas pardas de bico encarnado; Viveiro 12 com 17 Viuvas pardas de bico encarnado; Viveiro 13 com 15 Viuvas pardas de bico encarnado; Viveiro 14 com 19 Viuvas pretas de bico branco; Viveiro 15 com 12 Viuvas pretas de bico branco; Viveiro 16 com 12 Viuvas todas pardas; Viveiro 17 com 24 Viuvas todas pardas; Viveiro 18 com 24 Viuvas todas pardas; Viveiro 19 com 7 Viuvas pequenas de bico encarnado, 03 Viuvas pretas de cauda comprida, 02 Passaros grandes amarelos de cabeça preta; Viveiro 20 com 20 Viuvas pardas de bico encarnado, 02 Passaros de coleira encarnada; Viveiro 23 com 08 Rolas de Angola pequena, 08 Rolas Grandes; Viveiro 25 com 01 Viuva rajada de branco e bico encarnado[38]
↓		? ?	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 42, D. 4135	Não identificada	Capitão Manuel Gonçalves Salgado	Angola	01 Capoeira com Gallinhas do matto, 01 Gayóla com Passarinhos de Angola
↓		16 Ago.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 42, D. 4135	Não identificada	Capitão Gaspar dos Reis	Maranhão	01 Capoeira com 12 Gallinhas do matto,[39]
↓		16 Ago.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 42, D. 4135	Não identificada	Capitão José de Oliveira Bulhão	Maranhão	01 Gayóla com Passarinhos de Angola
↓		18 Dez.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 49, D. 70	Não identificada (seguiu pela Bahia)	Não identificado	Luanda	01 Zebra[40]
↓	1766	14 Fev.	Manuel de Santa Inês Ferreira AHU_CU_0005, Cx. 38, D. 7031-7032	Navio Nossa Senhora Rainha	Capitão Victorino Correa	Bahia	01 Zebra

[38] Remessa mista com aves de Angola e do Brasil (Rio de Janeiro). Os viveiros 21, 22 e 24 abrigam exemplares oriundos do Rio de Janeiro, respectivamente 06 Jacús; 01 Socó e 01 Gavião; 02 Soquares (cada hum em sua Gayola), que foram computados no texto referente ao Rio de Janeiro.

[39] No recibo o capitão Gaspar dos Reis declara que recebeu as aves do Capitão Manuel Gonçalves Salgado (provavelmente o capitão da embarcação procedente de Angola que aportou no Maranhão).

[40] Em ofício datado de 25 de outubro de 1766 (AHU-CU-001, Cx. 50, D. 52) Coutinho relata sua satisfação pela chegada da Zebra “e ainda que me tem morrido outras, espêro brevemente ter a fortuna de Remeter alguma, em cuja diligencia se trabalha sem intermissaõ, e sem socego”.

			dos Anjos, Santa Ana e Almas			
	04/05 Abr.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 50, D. 63 / ANTT, Condes de Linhares, liv. 99, p. 124v-125	Não identificada[41]	Não identificado	Luanda	08 Viveiros com 541 Passaros de cores; 02 Martinetes grandes[42]
	02 Set.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 50, D. 45	Nau Santo António e Justiça	Comandante André de Melo e Castro	Luanda	07 Viveiros com um total de 260 Passaros de cores; 01 capoeira com 13 Galinhas de mato; 01 capoeira com 02 Patos [bravos]; 01 gayola com 01 Passaro d'agoa; 01 Rato do Cetaõ[43]
	25 Out.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho[44] AHU-CU-001, Cx. 50, D. 52	Não identificada[45]	Mestre António José da Costa	Luanda	03 Viveiros de Passaros (19 Monsenhores; 24 Bigodes; 46 Camgueis; 12 Cravos; 04 Viuvas; 06 Sexes; 07 Periquitos[46]
	30 Dez.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 50, D. 64	Corveta Nossa Senhora da Madre de Deus e Santa Alma	Capitão Domingos Furtado de Mendonça	Luanda	02 Viveiros com 80 Passaros (dentre os quais vão 13 Gollas[47]); 01 viveiro com 58 e outro com 22 [Passaros]

[41] Esta embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[42] Coutinho informa, em documento de 25 de outubro de 1766 (AHU-CU-001, Cx. 50, D. 52), que soube pelo Conde de Azambuja, Governador da Bahia, que chegaram a esta Capitania apenas 80 passaros de cores dos 541 Pássaros de cores remetidos.
[43] Foram embarcados, para o sustento dos animais, "Doze exeques de Milho e 4 sacos de Massango, e Mossambe"; Coutinho informa, neste ofício, que "a extrema fome em que tem estado prezentemente o mesmo Certaõ faz com que naõ vaõ mais destes generos [animais]".
[44] Neste documento, Coutinho relata que "desejo que cheguem vivos, o que hé bem dificil nas maons, que os conduzem, e creya V. Ex.ª, que naõ basta nenhuma cautela com huns homens incapazes do gosto, e da delicadeza, que pêde aquele trato.
[45] Esta embarcação seguiu pelo porto do Rio de Janeiro.
[46] Segue junto "Hum saco de Massango pª. o sustento dos d.os Passaros".
[47] No recibo do Capitão Domingos Furtado de Mendonça este declara que recebeu "mais Hú saco grande de Masango, e outro de Masambi preto p.ª o sust.º de treze Gollas q.' vaõ nos viveiros"; Coutinho informa, também, que "Naõ vaõ por hora mais [pássaros], porque a fóme, que ainda reina nos Sertoens de Benguela dificulta esta remésa".

1767	08 Abr.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho ANTT, Condes de Linhares, liv. 99	Sumaca Santa Alma e Almas[48]	Mestre José Rodrigues do Nascimento	Luanda	01 Leaõ[49]
	15 Ago.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-CU-001, Cx. 51, D. 47	Nau da Índia [São José e Nossa Senhora da Conceição ?]	Comandante Isidoro de Moura	Luanda	01 Capoeira com 11 Galinhas do Mato; 01 Martinete[50] [51]
	18 Ago.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 82, D. 7319	Não identificada	Capitão Francisco Miguel Aires	Rio de Janeiro	05 Periquitos; 09 Canarios[52]; 11 Monsinhores; 08 Veuvas; 14 Passaros de bico e peito encarnados; 02 Pombas brabas[53]
	31 Out.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55	Galera não identificada	Mestre João Teixeira Mendes	Luanda	01 Onça[54]
	18 Dez.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho[55] AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65	Sumaca Nossa Senhora da	Capitão José Rodrigues do Nascimento	Luanda	03 Viveiros com 145 Passaros (70 Cangueis; 67 Passaros mais grandes; 02 Piriquitos)[57]

[48] Tanto o nome da embarcação como do mestre responsável pela mesma constam no documento de José Pires de Carvalho e Albuquerque (AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55), datado de 22 de maio de 1767.

[49] Em ofício de Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, datado de 31 de outubro de 1767 (AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55), o governador relata que "Com grande alegría soube, que o Leaõ havia chegado á Bahia, e que alí se conservára vivo dois Meses, e meyo, e que com a mesma disposiçaõ ficáva embarcado no Navío Campelo". A história relatando a trajetória deste animal está detalhada no texto sobre Angola (p. X).

[50] Coutinho relata que "Naõ vaõ outros Pasaros, porque as fomes pasadas imposibilitáraõ aos Negros este pequeno comércio, agóra começará a correr, e brevemente espéro remetelos a V. Ex.ª".

[51] À margem direita do documento consta a seguinte observação: "os Passaros que chegaram vivos foram recolhidos aos viveiros das Quintas de S. Mag.e".

[52] Apesar desta remessa ser uma remessa mista com pássaros de Angola e do Brasil (Rio de Janeiro), o ofício de Cunha é claro na descrição dos exemplares da fauna do país (Brasil) que foram remetidos (dois Melros), computados na estatística referente ao Rio de Janeiro, por esta razão os 09 canários citados na remessa foram considerados provenientes de Angola.

[53] Remessa mista com pássaros de Angola e São Tomé e Príncipe

[54] O mestre da galera declarou o recebimento de "Huma Capoeira com dois andares q.' leva oitenta Galinhas, 6 exequez de Milho, e huma duzia de Caens p.ª o sustento da d.ª Onça". Ao final do recibo existe um acréscimo de "que vaõ mais vinte Galinhas".

[55] No ofício Coutinho relata que remete "os Viveiros de Passaros, e mantimentos para elles, que constaõ do conhecimento incluzo, e faço as mais fortes recoendaçoens ao Mestre, que os conduz sobre o seu trato, podendo Livremente segurár a V. Ex.ª, que nenhum mórre por falta de alimento; este delicadissimo trato excede, e illude quaze sempre as forças de hum homem zelozo, e particularmente aplicado, ao mesmo tempo, que he improprio a Marinheiros Rudes, e que para Livrarse das penҫoens, que se lhes seguem, extraordinarias, mataõ os Passaros, e se desculpaõ com a falta de mantimento. Naõ tem hido maiores quantidades, porque tem sido raros este anno, ignorandose a verdadeira cauza da falta".

[57] Remessa mista com pássaros de Angola e São Tomé e Príncipe; além destes exemplares foi também remetido 06 Pardais de São Tomé, totalizando, assim, os 145 pássaros citados no ofício; os 06 pardais foram computados no item referente ao território de São Tomé e Príncipe. Além dos pássaros foram remetidos "doze alqueires de Massango da medida de Lisboa, do qual ham de comer os mesmos Passaros pela viagem".

		José Rodrigues do Nascimento AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7774	Conceição, Santa Ana e Almas[56]			
1768	26 Jan.	Manoel de Santa Inês Ferreira AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773	Galera São Francisco de Paula	Capitão Manuel de Andrade	Bahia	02 Viveiros[58]
	16 Mar.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 73	Não identificada	Não identificado	Luanda	01 Zebra[59]; Passaros; 01 [Passaro] de Agoa[60]; 01 Onça[61]
	?	José Ferreira Cardoso da Costa AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7895-7902	Não identificada	Não identificado	Luanda	03 Viveiro com 105 Pássaros[62]
	15 Jul.	José Ferreira Cardoso da Costa AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7895-7902	Navio Nossa Senhora do Patrocínio e São Francisco de Paula	Capitão Francisco Carlos Ozório	Bahia	01 Viveiro com 27 Passarinhos do bico encarnado; 01 Viveiro com 41 Passarinhos das cabeças encarnadas; 01 Viveiro com 10 Passarinhos com os pescossos vermelhos[63]
	10 Set.	José Ferreira Cardoso da Costa AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7917-7923	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Capitão Manuel Gomes Silva	Bahia	01 Segonha; 03 Galinhas[64]

[56] Esta embarcação chegou ao porto da Bahia no dia 25 de janeiro de 1768 após 38 dias de viagem.

[58] Além do "provimento necessario p.ª mantença dos passaros no decurso da viagem, ficando o terceiro [viveiro] p.ª ir na prim.ª ocaziaõ". No ofício Ferreira informa que o capitão do navio proveniente de Angola entregou "centro trinta e cinco [pássaros], dando nove por mortos, q.' entregou ao Prov.or mòr da Fazenda". Constatamos, assim, a falta de 1 exemplar, já que foram remetidos de Angola 145 exemplares. Apesar de não existir descrição dos exemplares especificamente que foram a óbito, constatamos uma reduzida taxa de mortalidade de apenas 6,90% dos exemplares durante esta viagem.

[59] Em relação a zebra Coutinho relata "a honra de remeter huma Zebra, que se achar a outra viva, fórma o cazal, que S. Magestade dezejava, e que eu nam pude cá juntar pelas muitas, que me tem morrido, passando já de Sincoenta as aprehendidas no meu tempo". Coutinho também comenta ter conhecimento "que o Leaõ chegou, e [que ficou] contentissimo de que S. Magestade tivésse este gosto; e dezejo o mesmo Sucésso á Onça, que há pouco tempo, e agóra remetí [referência à remessa de 31 de outubro, AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 55], e remeto".

[60] "que receyo nam chegue, porque come só Peixe".

[61] Certamente era um leopardo (*Panthera pardus*).

[62] Uma certidão emitida por Luciano Ferreira, escrivão dos Armazéns dos mantimentos [da Bahia], anexa ao ofício de Costa, atesta que foram remetidos de Angola cento e cinco (105) pássaros em três viveiros, e que se remete "taõ somene setenta e oito [documento de 15 de julho] he pela razaõ de morrerem os mais".

[63] Além de "Hum saco com dous alqueyres de arpista, outro ditto com hum alqueyre de milho redondo".

[64] Nesta ocasião "se remete o couro cheio de capim" da segunda zebra enviada viva de Angola, no dia 16 de Março, e que acabou falecendo na Bahia no dia 13 de Agosto. A epopeia vivida por este exemplar está detalhadamente relatada no Capítulo 4 no tópico sobre os animais enviados de Angola.

		16 Nov.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho[65] AHU, AHU-CU-001, Cx. 52, D. 40	Charrua da Coroa não identificada	Mestre José da Silveira	Luanda	07 viveiros com 365 Passaros de cores; 01 Viveiro com 11 Periquitos; 02 Passaros grandes; 06 Macacos; 01 Sefo ou Boi Bravo; 22 Galinhas do Mato[66]
↓	1769	30 Set.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-Angola, Cx. 53, D. 66, 65, 67	Não identificada	Não identificado	Luanda	07 Viveiros com 446 Passaros (392 Passaros de cores; 50 Benguelinhas; 04 Periquitos)[67]
↓		10 Nov.	José da Cunha Grã Ataíde de Melo AHU_CU_005-01, Cx. 44, D. 8112	Corveta não identificada	Não identificado	Bahia	05 Viveiros com 240 Passaros[68]
↓		30 Nov.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-Angola, Cx. 53, doc. 75	Corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrez	Capitão Manuel António Tavares	Luanda	13 Zebras[69]; 01 Guilengue[70]; 01 Carneiro; 04 Corças; 03 Passaros grandez; 17 Galinhas do Mato; 03 Viveiros com Passaros de cores muito raros, e muito nóvos[71]

[65] Coutinho relata, neste ofício, que recomendou "o maior desvélo ao Capitaõ, sobre o seu trato; e creya V Exª., que todas as vezes q' mórrem com excésso, se lhe nam assistío, como deviaõ, e para que nenhuma desculpa tivésse na Prezença de V. Exª., mandei, que na Charrûa, em quanto aqui esteve, se fizéssem os Remedios necessarios para extinguir os muitos Ratos".

[66] Vão junto "Vinte e quatro alqueires de Alpista pela medida de Lisboa para os Passaros, e vinte Exeques de Milho, Sinco de Feijaõ, Canas, e bananas para o Sefo, Galinhas de Mato, e Passaros grandes".

[67] Vão junto "Seis Alqueires de Alpiste pª o seu sustento".

[68] Melo relata que o governador de Angola havia enviado sete viveiros com 446 pássaros; entretanto o capitão da corveta encarregado do transporte dos mesmos só havia entregue 286 pássaros. Melo informa, ainda, que "separando os depenados e doentes levaõ os Sinco Viveiros 240 e o resto q' fica hiraõ em aprom.ª Embarcaçaõ que deste porto sahir: E duas foram as razoens porque agora naõ foraõ todos a pouca Capacid.e da Embarcaçaõ e a moléstia delles".

[69] "que escaparam das dezasete, que sahiram do Lobito".

[70] "o companheiro morreu".

[71] Segue para o sustento dos animais "Vinte Toneis, dez Pipas, e Sinco Barricas, que tudo leva setenta e duas Pipas de Agoa, Cem Exeques de Milho, além de quantidade dele em espiga, trez Barris de Mel, Muita quantidade de Palha seca, além de muita que vai verde para os primeiros Dias, Muitas canas de asucar, e huma Botica compléta, para sustento, e cura das Zebras, e mais Animaes Ráros".

1770	10 Fev.	Manoel da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 108, D. 8373[72]	Corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrez[73]	Capitão André Vieira de Melo	Pernambuco	13 Zebras; 01 Guilengue; 01 Carneiro; 02 Viveiros de Passaros[74]
1772	06 Ago.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU-Angola, Cx. 56, D. 59	Nau Não identificada	Aos cuidados do Coronel Henrique Carlos Henriques	Luanda	02 Anois Celebres; 03 Passaros muito grandez, muito bélos, e muito Ráros; 01 Zebra[75]; 01 Cefo
1773	08 Jun.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco	04 Benguelinhas; 01 Negral; 01 Viúva; 01 Maraquejaõ azul de Angola[76]
	05 Ago.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8798.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem [e Corpo Santo]	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco	14 Viuvas; 03 Piriquetos; 09 Maracaioens; 01 Baca[77]
1774	18 Fev.	José da Cunha Grã Ataíde de Melo AHU_CU_005-01, Cx. 46, D. 8610-8611	Navio Príncipe do Brasil	Capitão José Correa	Bahia	03 Viveiros de pequenos Passarinhos[78]

[72] Dentre os documentos existentes nesta referência existe um particularmente importante que descreve a “Relação dos mantimentos e mais precizos para os Bixos” (Figura X) o qual é apresentado no texto que relata a histórias do envio das zebras para Portugal neste ítem referente a Angola.
[73] Meneses cita que esta embarcação chegou ao porto de Pernambuco no dia 09 de Janeiro, após 40 dias de viagem, tendo permanecido por mais 10 dias fundeada neste porto antes de seguir destino para Lisboa. O grupo de zebras e demais animais permaneceram, assim 50 dias embarcados antes de seguir seu rumo para Portugal.
[74] Meneses ao se referir a remessa proveniente de Angola cita treze zebras e outros animais raros, entretanto o recibo assinado pelo Capitão André Vieira de Melo, responsável pela condução da Corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrez até o porto de Lisboa consta o embarque de 12 zebras, não citando as 04 Corças, os 03 Pássaros grandes e as 17 Galinhas do mato que consta no ofício de Coutinho, além de fazer referência a apenas 02 viveiros de pássaros.
[75] Em relação a zebra, Coutinho informa que cuidou deste animal e que “vai prenhe de hum bom Caválo”.
[76] Remessa mista com animais provenientes do Brasil (Pernambuco) e África; os exemplares oriundos de Pernambuco estão claramente individualizados com o termo “da terra”, os demais, provenientes da África foram computados nas remessas de Angola, Guiné e São Tomé e Príncipe.
[77] Remessa mista com animais do Brasil (Pernambuco) e da África (Angola). Os animais que constam nesta remessa foram divididos, segundo sua provável origem. Os “Piriquitos”, citados na remessa foram incluídos nos exemplares provenientes de Angola pelo fato das remessas provenientes de Pernambuco, até a presente data, não citarem esta categoria de ave, ao contrário daquelas originadas de Angola que já vinham exportando estas aves.
[78] Remessa mista com passarinhos do Brasil (Bahia) e de Angola.

	06 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 117, D. 8951	Charrua da Coroa Nossa Senhora da Conceição	Capitão José Francisco Perné	Pernambuco	01 Viúva[79]
	10 Dez.	Francisco Rodrigues Silva AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8755-8756	Corveta Nossa Senhora da Aparecida	Mestre José Gonçalves Marques	Benguela	06 Viveiros com 500 Passaros[80]
	?	-[81]	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas	Mestre Henrique José Ritte	Benguela	05 Viveiros de Passaros
1775	03 Mar.	João Ferreira Bitencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8753	Navio Nossa Senhora do Loreto e São José	Capitão Custódio Rodrigues Penedo	Bahia	05 Viveiros de Passaros[82]
	05 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 118, D. 9061	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José	Mestre Carlos José de Araújo dos Santos	Pernambuco	18 Viuvas; 64 Bicos de Lacre; 08 Maripozas; 02 Maraches; 17 Embacas; 17 Passaros de bico encarnado[83]
	15 Mar.	João Ferreira Bettencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8754	Navio Nossa Senhora de Nazareth	Capitão José António dos Santos	Bahia	04 Viveiros de Passaros[84]
	18 Mar.	José Francisco da Cunha	Sumaca Nossa Senhora da	Mestre Paulo Cardoso Viana	Benguela	06 Viveiros com 628 Passaros[85]

[79] Remessa mista com pássaros do Brasil (Pernambuco) e Angola.
[80] No recibo de despesa da compra e transporte dos pássaros consta a aquisição de 557 exemplares (473 Passarinhos de cores; 44 Passarinhos maracaxoens e 40 Passarinhos Viuvas). Neste mesmo documento é informado que 57 exemplares morreram em terra tendo sido embarcados 500 pássaros. Como não temos informação sobre os 57 exemplares mortos, não podemos discriminar, dentre os 500 passarinhos de cores, a quantidade de maracachoes e viúvas enviados, por esta razão estes exemplares são computados como "não identificados" na estatística sobre esta remessa realizadas de Angola.
[81] Este documento inexiste. Esta remessa é citada no ofício de João Ferreira Bitencourt e Sã (AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8753) de 03 de março de 1775.
[82] "e para sustento delles em terra e no mar se compraram seis alqueires de milho alpiste por vinte e hum mil reis, q.' vaõ em tres sacos".
[83] Remessa mista com Passaros vindos de Angola e do Brasil Pernambuco) – "Passaros da terra".
[84] "alem de dous viveiros furados e sem pássaros que dise o M.e os roeraõ os ratos no mar e tanto na viagem como aqui em terra [Bahia] morreraõ os que vaõ dentro de hú caixotinho e p.a sustento delles se compraraõ sinco alqueires e meyo de milho alpiste por 22Ø080 r por se acabar o que trouseraõ". Infelizmente a Mesa de Inspeção não informa a quantidade de pássaros que foram remetidos da Bahia para Lisboa.
[85] Os documentos relatam que foram adquiridos 715 passaros, dos quais 87 morrerão ainda em terra antes do embarque em Benguela, sendo embarcados 628 exemplares.

		AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8786	Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana			
	20 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9095	Navio Nossa Senhora do Bonsucesso	Mestre Manuel Pires de Carvalho	Pernambuco	06 Viuvas; 64 Bicos de Lacre; 21 Maripozas; 15 Embacas; 6 Maracachoens; 02 Passaros vermelhos; 01 Passaro amarelo[86]
	?	Manoel Pinto da Cunha e Sousa AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8430	Não identificada	Não identificada	Benguela	559 Passaros de cores
	03 Mai.	Manoel Pinto da Cunha e Sousa AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8430	Navio Nossa Senhora da Lapa e Santo Antônio	Capitão José Lopes Reis	Rio de Janeiro	01 Viveiro grande com 171 Passaros de cores[87] [88]
	08 Mai.	João Ferreira Bitencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8785 / AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8788	Navio Nossa Senhora da Conceição, São José e Almas	Capitão Manuel Joaquim Esteves	Bahia	01 Viveiros com Passaros[89] [90]
	22 Mai.	João Ferreira Bitencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8788	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pilar	Capitão Basílio de Oliveira Valle	Bahia	04 Viveiros com Passaros[91]
	?	Manoel Pinto da Cunha e Sousa AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475	Não identificada	Não identificada	Benguela	466 Passaros de cores[92]

[86] Remessa mista com animais de Angola (Passaros) e de Pernambuco (Brasil) (Veados).
[87] Sousa relata neste ofício que recebera do Capitaõ Mór de Benguella, por ordem do Governador, e Capitaõ General de Angolla, uma remessa de “quinhentos Sincoenta e nove passaros, e como destes muitos faleceraõ na viagem, e outros nesta Cidade, athe se offerecer occaziaõ de Navio para essa Corte, restaraõ Cento Setenta e hum”. Pela descrição de Sousa temos uma taxa de mortalidade de 69,41% dos pássaros até seu reembarque do Rio de Janeiro para Lisboa.
[88] Assim como “dois alq.e de Arpista pela med.a desta Cid.e p.a sustento dos referidos passaros”.
[89] Sá cita que foram, inicialmente, embarcados no Navio Nossa Senhora da Conceição, São José e Almas, 5 viveiros, pois o sexto viveiro chegou arrombado. Entretanto, no ofício de 22 de Maio (AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8788) o governador recorrige esta informação relatando que “quatro viveiros com passaros que depois de embarcados no Navio N. Sr.a da Conceiçaõ S. Jozé e Almas do Cap.m M.el Joaq.m Esteves por falta de acomodação deixou em seu poder hum so viveiro e os quatro passaraõ p.a o referido Navio [Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pilar].
[90] Dos seis viveiros que chegaram na Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana “hum chegou arrombado”; “p.a sustento delles [dos pássaros] no mar se compraraõ quatro alqueires de milho alpiste por 15Ø360 r.s que vaõ em tres sacos e os mortos dentro, em hú caixotinho”. Não temos informação de quantos pássaros morreram e quantos foram remetidos a Lisboa.
[91] Transferidos do Navio Nossa Senhora da Conceição, São José e Almas para o Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pila, por falta de espaço.
[92] Remessa relatada no ofício de SOUZA, M.P. da C. e, 1775 (08 de outubro), AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475.

	08 Out.	Manoel Pinto da Cunha e Sousa AHU_CU_017, Cx. 98, D. 8475	Navio Santa Rosa	Capitão Manuel Gomes Silva	Rio de Janeiro	02 Viveiros de arame com 184 Passaros de cores[93]
	16 Out.	Francisco Rodrigues Silva[94] AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8964-8966	Hiate Nossa Senhora da Purificação e Almas	Capitão Manuel da Silva Amado	Benguela	04 Viveiros com 440 Passarinhos de cores[95]
	05 Dez.	João Ferreira Bitencourt e Sá, AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8963	Navio Nossa Senhora do Patrocínio e São Francisco de Paula	Capitão Francisco Carlos Ozório	Bahia	02 Viveiros de Passarinhos[96]
1776	30 Mar.	Francisco Rodrigues Silva AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9137-9138	Corveta Senhor Bom Jesus de Bouças, Santo António e Almas	Mestre Manuel Caetano Firme	Benguela	03 Viveiros com 369 Passaros de cores[97]
	13 Mai.	João Ferreira Betencourt e Sá, Manuel de Lima Pereira, José António de Castro AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9136	Navio Nossa Senhora da Esperança e Santa Rita Lusitânia	Capitão Dionísio Cárdia da Fonseca	Bahia	03 Viveiros de Passarinhos[98]

[93] Sousa relata que o capitão mor de Benguela "remetteo quatro centos secenta e seis [466] passaros de cores, dos quaes chegaraõ mortos cento quarenta e quatro [144]". Além disso Sousa descreve ainda que "nesta cidade [Rio de Janeiro] morreraõ tambem cento trinta e oito [138], vindo a ficar cento oitente e quatro [184]", sendo embarcados para Lisboa apenas 184 pássaros.

[94] Sobre a despesa dos pássaros, Silva informa que "me tem feito avizo se deva ja providencia pela Real Junta da Fazenda para as despezas que ahi [na Bahia] se fazem com os ditos passarinhos serem pagas pelos direitos dos escravos que vaõ a esa Inspeçaõ".

[95] No recibo de compra consta a aquisição de 537 pássaros (379 Passarinhos de cores, 68 Maracachoens e 90 Viuvas), contudo foram embarcados para a Bahia apenas 440 pois 97 "morreram em terra". Um termo assinado pelo capitão Manuel da Silva Amado relata que "se arrombou huma Gayola de passaros de S. Magestade e dela fugiraõ varios passaros, e se apanharaõ alguns deles, e morreraõ alguns dos ditos afogados no mar". Apesar do ofício de Silva informar a remessa de 04 viveiros o documento, emitido em 05 de dezembro, da Mesa de Inspeção da Bahia (AHU_CU_005-01, Cx. 48, D. 8963) relata o reenvio de apenas 02 viveiros. Como não estão discriminados os pássaros que morreram em terra, na análise estatística consideramos os 440 pássaros enviados como "naõ identificados".

[96] "e para sustentasaõ delles tanto nesta Cid.^{e} como no mar se compraraõ 5 alqueires de milho alpiste por 19Ø200 que vaõ em 2 sacoz, e os mortos em hum caxotinho". Não temos informação da quantidade de pássaros que foram reenviados da Bahia para a metrópole.

[97] No recibo de despesa da remessa realizada, Silva informa que foram adquiridos 510 pássaros, a saber: "309 passaros de cores; 13 Marcaxoens; 15 Viuvas; 1 Viuva; 168 Viuvas; 04 Cardiais", entretanto neste mesmo documento é citado que foram embarcados apenas 369 passarinhos, sem especificar a variedade, pois 141 "morreram em terra".

[98] Foram adquiridos "3 alqueires de milho alpiste por 10$560 r^{s} que vai em hum saco, e os mortos em hum caixotinho". O ofício da Mesa de Inspeção infelizmente não informa a quantidade de pássaros remetidos para Lisboa, assim não podemos calcular a taxa de mortalidade do transporte dos mesmos de Benguela até a Bahia.

1777	04 Mar.	Francisco Rodrigues Silva AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9477-9479	Corveta Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas	Mestre Posidônio da Costa[99]	Benguela	05 Viveiros com 625 Passaros de cores[100], a saber: 146 Viuvas, 10 Marracaxoens, 3 Munsenhores, 466 Pasarinhos de Varias qualidades[101]
	24 Mar.	Francisco Rodrigues Silva AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9435-9437	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana	Mestre Paulo Cardoso Viana	Benguela	05 Viveiros ou cestos com capas de linhagem contendo com 517 Passaros de cores, a saber: 332 Passaros de cores, 177 Viuvas, 08 Marracachoens[102] [103]
	17 Mai.	João Ferreira Bitencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 50, D. 9434	Navio Nossa Senhora de Nazareth, Rosário e Santo António	Capitão José de Lima Fagundes	Bahia	05 viveiros de Passarinhos de cores[104]
	06 Jun.	João Ferreira Bitencourt e Sá AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9476	Navio Santíssimo Sacramento, São Francisco de Paula e Nossa Senhora do Socorro	Capitão Victorino Correa	Bahia	05 Viveiros de Passaros[105] [106]
	?	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643	Não informada	Não informado	Luanda	171 Passaros[107]

[99] No recibo assinado pelo Mestre Podônio da Costa, este declara “que primeiro faz prezente a incapacidade do Navio, pouco, ou nenhum comodo que tem para a boa arrumaçaõ de similhante encomenda, e os muitos ratos que tem, por onde me parece impossivel chegarem bem acondicionados, se bem que da minha parte fica a boa deligencia”.
[100] Juntamente com “dezaseis cazungueis de masango em quatro sacos de Linhage para sustento dos ditos no mar”.
[101] A nota que descreve a despesa realizada pela remessa destes pássaros consta a aquisição de 855 exemplares, dos quais 230 pássaros de várias qualidades morreram ainda em terra, antes do embarque.
[102] Assim como “desaseis cazungueis de massango em quatro sacos de linhage para sustento dos ditos no mar”.
[103] No recibo de despesa da remessa dos pássaros consta a compra de 719 exemplares, dos quais 202 morreram em terra antes do embarque.
[104] “Para o sustento dos ditos tanto nesta Cidade como no mar se compraraõ cinco alqueires de milho alpiste por vinte mil reis, que vai em trez sacos, e os mortos em hú caixotinho”.
[105] “para sustento dos ditos tanto nesta Cidade como pelo Mar, se compraraõ sinco quartas de milho alpista por 5Ø r^{s} que vai em hû saco, e os mortos em hû caixotinho”.
[106] Infelizmente o ofício da Mesa de Inspeção não contabiliza os pássaros remetidos da Bahia para Lisboa para podermos calcular A mortandade ocorrida no mar durante a viagem de Benguela à Bahia, assim como durante a permanência destes na Bahia até seu embarque para Lisboa que, pelos documentos, durou cerca de 90 dias.
[107] Remessa informada no ofício de Meneses de 02 de agosto.

	02 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9643	Paquete da Coroa não identificado	Não identificada	Pernambuco	85 Passaros[108]
	30 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 127, D. 9675	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante António José Monteiro	Pernambuco	01 Viveiro com 20 Passaros[109]
1778	26 Ago.	José Vieira de Araújo AHU-Angola, Cx. 61, D. 84	Nau invocada, o Neptuno	Comandante António José de Oliveira	Benguela	06 viveiros em q' vaõ 600 Passaros de varias cores, e qualidades[110]
1780	05 Dez.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10702-10703	Fragata Nossa Senhora do Pilar e São João Batista	Capitão Gregório de Souza Brito	Bahia	03 Viuvas de bico vermelho; 10 Viuvas de cauda; 03 Passarinhos chamados Bicos de latta e por outro nome Pequés[111]
1782	02 Set.	José Gonçalo da Câmara AHU-Angola, Cx. 65, D. 91 / AHU-Angola, Cx. 65, D. 103[112]	Navio Santo António, e Polifemo (proveniente de Goa, seguindo por Pernambuco)	Capitão Tenente Manoel Ferreira Nobre	Luanda	06 viveiros de Passaros de todas as qualidades
	02 Set.	José Gonçalo da Câmara AHU-Angola, Cx. 65, D. 92	Fragata da Coroa Santa Anna e São Joaquim (vinda da Índia)	Comandante Francisco Xavier Lobo da Gama	Luanda	02 Papagayos[113]
	11 Dez.	José Gonçalo da Câmara	Sumaca Nossa Senhora da Conceição Santo	Não identificado	Luanda	02 viveiros com 250 Passaros de toda a qualidade

[108] Meneses informa que "Na dita Galera [da Companhia Geral] remeteo o Governador e Capitam General d'aquele Reyno [de Angola] hum Viveiro com cento e setenta e hum Passaros, destes fui entregue somente de cento e cinco vivos, e trinta e duas cabeças de mortos, e examinando do Mestre a falta do resto na forma do seo recibo, me disse, que pelo Viveiro ser de Cana, como sam todos, q.' d'aquele Reyno costumaõ vir, tinham fugido. Dos referidos cento e cinco Passaros dirijo agora a V. Ex.ª oitenta e cinco por nam caberem mais no Viveiro, nem haver tempo para se fazer outro, ficando vinte para hirem na primeira ocaziam q.' se oferecer".

[109] "resto dos q' vieraõ de Angola, e naõ poude levar o Paquete da mesma Senhora, por naõ caberem no Viveiro q' entaõ foi".

[110] Vão junto "Seis sacas de massango para o provimento de sua viajem".

[111] Remessa mista com animais de Angola, São Tomé e Príncipe e do Brasil (Bahia).

[112] Câmara, neste ofício datado de 16 de dezembro (AHU-Angola, Cx. 65, D. 103), relata a remessa de 05 viveiros realizada no Navio Santo António e Polifemo. Consideramos a informação de 06 viveiros presente no ofício do dia 02 de setembro (AHU-Angola, Cx. 65, D. 91), por ser o ofício emitido no dia da remessa.

[113] "raros por serem os prim.ºs, q' aqui tem aparecido, pois saõ todos cheyos de malhas brancas e cor de roza".

		AHU-Angola, Cx. 65, D. 103[114]	António e Almas (seguiu por Pernambuco)			
	16 Dez.	José Gonçalo da Câmara AHU-Angola, Cx. 65, doc. 103	Não identificada[115] (seguiu pela Bahia)	Não identificado	Luanda	02 viveiros com 160 Passaros
1783	18 Jan.	Luiz da Anunciação e Azevedo / Francisco Xavier de Lobão Machado Peçanha / Pedro Alvares de Andrade da Cunha Azevedo e Vasconcellos AHU-Angola, Cx. 67, D. 26	Não identificada (seguiu por Pernambuco)	Não identificado	Luanda	03 viveiros com 241 Passaros; 02 bichos chamados Seles
	18 Mar.	José César de Meneses[116] AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10714.	Galera Nossa Senhora do	Capitão João Felix Borralho	Pernambuco	01 Viveiro com 124 Passaros

[114] No dia 26 de novembro de 1782 Jose Gonçalo da Câmara recebeu o aviso de Sua Magestade datado de 02 de maio de 1782 informando que apesar das muitas recomendações a seus antecessores para a remessa de todas as qualidades de pássaros, grandes e pequenos, e animais quadrúpedes raros que se pudesse encontrar nesta província e na de Benguela, as ditas recomendações não lograram frutos, retornando o aviso para dar execução a dita ordem, e pedindo que em todos os navios que partissem deste porto (de São Paulo de Assumpção de Luanda) se remetesse os ditos pássaros e animais quadrupedes recomendando aos capitães o trato necessário para sua manutenção. O aviso foi repassou para todas as províncias de Angola para que se iniciassem a remessa de animais, fazendo, em Benquela, uma casa para viveiro que a anos tinha se extinguido, pois é desta região e de Caconda, e um pouco das Pedras, que vêm os pássaros, entretanto a mortandade deste é grande, informando que tem reservado remetê-los pelas naus da Índia por ser o melhor transporte para se chegar vivos uma maior quantidade. Câmara informa neste ofício que remeteu no Navio Santo Anóonio Polifemo e na Fragata Santa Anna [e São Joaquim] cinco viveiros grandes com toda a qualidade de pássaros (o ofício de 02 de setembro de 1782 a quantidade informada é seis). Informa que não tem realizado remessas pelas Sumacas e Curvetas que seguem pelo Brasil pelas limitações que apresentam o que acarretaria a morte elevada dos passaros por não terem espaços destinados aos viveiros e irem cheios de negros escravos e que praticamente não tem aparecido animais quadrupedes raros, apesar do capitão mor de Caconda informar que capturou recentemente um bicho raro semelhante a um macaco e que não o remeteu ainda por estar muito bravo, esperando que fique um pouco domesticado para enviá-lo.

[115] No ofício Câmara comete um erro ao nomear esta embarcação, que deixou o porto de São Paulo de Assumpção de Luanda em 16 de dezembro de 1782, de Sumaca Nossa Senhora da Conceição Santo António e Almas, a qual deixou Luanda no dia 11 de dezembro.

[116] Em relação as remessas de 18 de março e 20 de março Meneses relata que dos "Ditos Passaros huns foram remetidos pello Governador do Reyno de Angola Jose Gonçalo da Camara, e os outros pellos Sucessores do referido Governo para serem dirigidos a V. Ex.ª, como taõbem os dois Seles de q.' remeto as peles por terem morrido na viagem, sendo-me entregues os Viveiros pellos Capitaens dos Navios q.' os troxeraõ com huma grande diminuiçaõ de Passaros, e averiguando delles a cauza desta falta me responderaõ terem morrido huns, e outros fugido pellos viveiros serem de cana, e os ratos os terem roído, do q.' fiz avizo aos referidos Governadores em carta de onze do corrente para no cazo de remeterem mais viveiros lhe darem as providencias q.' lhe parecessem [ilegível] e necessárias". A única explicação para esta grande redução do número de pássaros, relatada por Meneses é considerarmos que o Navio que saiu de Luanda no dia 16 de dezembro tenha seguido para o porto de Pernambuco e não para o da Bahia como citado por Câmara. Optamos por considerar esta suposição já que Câmara já tinha se equivocado no nome desta embarcação.

			Livramento e Santo António			
	20 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10714	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco	01 Viveiro com 145 Passaros; 02 Seles[117]
	03 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10742.	Navio Santo António Voador	Capitão Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco	38 Passaros de diversas cores[118] [119]
	07 Mai.	António José Pimentel e Castro de Mesquita[120] AHU-Angola, Cx. 66, D. 45	Não identificada	Não identificado	Benguela	01 Viveiro com 50 Passaros
	07 Out.	Luiz da Anunciação e Azevedo / Francisco Xavier de Lobão Machado Peçanha / Pedro Alvares de Andrade da Cunha Azevedo e Vasconcellos AHU-Angola, Cx. 67, D. 25	Corveta não identificada (seguiu por Pernambuco)	Não identificado	Luanda	01 Gayola com 01 Onça[121]
	07 Out.	Luiz da Anunciação e Azevedo / Francisco Xavier de Lobão Machado Peçanha / Pedro Alvares de Andrade da Cunha Azevedo e Vasconcellos AHU-Angola, Cx. 67, D. 25	Curveta não identificada (seguiu pela Bahia)	Não identificado	Luanda	01 Gayola com 01 Lobo[122]
	15 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 149, D. 10865	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco	01 Onça

[117] Morreram durante a viagem, foram enviadas as peles.
[118] Remessa mista com pássaros de Angola e do Brasil (Pernambuco).
[119] Este viveiro de pássaros é citado por Meneses, em ofício datado de 5 de abril (AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10725) no qual o governador relata "q.' naõ vay nesta ocaziaõ por ser de cana, e incapaz de os transportar a esse Reyno; por essa razaõ mandei fazer hum de arame, e caixaõ, e logo q.' elle estiver pronto o remeterei a V. Ex.ª com os ditos Passaros".
[120] O governador de Benguela, José Pimentel Castro de Mesquita, relata que "no Anno pasado [1782] mand[ou] para Angolla [São Paulo da Assumpção], Dois mil, e sento e seseta Passaros; por ordem q' tive do General; e neste tempo naõ entram Passaros nesta Cid.ª por este motivo, Só remeto agora Sincoenta, que hé cuanttos há no viveiro de S. Mag.ª". Durante o período citado por Mesquita (1782) encontramos quatro documentos relatando remessas de pássaros a partir de Angola que contabilizam, ao todo, 412 exemplares, além de 06 viveiros que não especificam a quantidade de pássaros que transportavam.
[121] Certamente um leopardo (*Panhera pardus*)
[122] Os animais (o Lobo e a "Onça") citado no ofício de Azevedo, datado de 07 de outubro (AHU-Angola, Cx. 67, D. 25) seguem separados "Porque ambos juntos fariaõ hum grande imbaraço a Curveta que sahe para Pernambuco, por ser pequena; e enconformidade das Ordens de S. Mag.ª ficamos fazendo deligencia para se apanharem naõ só destes animaes, mas tambem Leoens, e os mais quadrupedes que aparecerem".

1784	17 Fev.	Francisco Xavier Lobão Machado Peçanha AHU-Angola, Cx. 68, D. 30, 34	Não identificada (seguiu pela Bahia)	Não identificado	Luanda	01 Gayola com 01 Lôbo[123]
	11 Jun.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11617-11618	Navio Nossa Senhora da Soledade e Santa Rita	Capitão Ambrósio Álvares Pereira	Bahia	01 Gayola com 02 Passaros grandes de Angolla com seus penhaxos na Cabeças
	02 Jul.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11631-11633	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus d'Além	Capitão António José do Espírito Santo	Bahia	01 Lobo de Angolla em sua Gayola
1785	07 Ago.	Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães AHU-Angola, Cx. 70, D. 43	Não identificada	Não identificado	Benguela	08 galinhas do Mato pintadas; 02 Veadoz (cazal); 05 Rolas; 01 Passaro marinho[124]
1786	16 Mar.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12097-12102	Navio Santa Isabel, Rainha de Portugal	Mestre José Moreira do Rio	Bahia	01 Papagayo Sinzento; 10 Passaros de cores
	18 Ago.	Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães AHU-Angola, cx. 71, D. 45	Navio Nossa Senhora da Croà e S. João (vindo da Ásia)	Capitão José Severiano [ilegível]	Benguela	01 Viveiro de Passaros de cores, de varias qualid.[es]; 32 Galinhas do Mato, deste Continente, em 01 Capoeira; 10 Macacos em 01 Capoeira[125]
1787	12 Jul.	José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho Soares de Albergaria	Gallera não identificada (vinda da India indo para	Capitão Domingos Xavier Ribeiro	Luanda	108 Passaros; 01 boa Onca[126]

[123] "dos mayores que aqui tem apparecido, e bem diferente, pella sua côr e figura, dos que nascem nesse Reyno".
[124] Magalhães informa que dos animais enviados, o veado "maxo, ha de se lhe fazer as pontas todas torneadas, á proporçaõ q.[e] for crescendo", sobre as rolas remete "pela exquipaçaõ de terem deroda dos olhos hum vermelho m.[to] bonito e sobre o passaro marinho "q.' naõ tenho Cá q.[m] lhe saiba o nome, q.' foi apanhado na Praia, àmao, creio q.' por ser novo".
[125] "e tudo com o mantim.[to] necessario p.[a] a sua sustentaçaõ, de Cuja divercid.[e] destes viventes podia hir com mais abundancia, se a Cazo da parte de onde Costumaõ vir principal.[te] os Passaros, naõ tivessem os Negros partido, ao Companharem huma chamada expediçaõ, q.' deve ter mais o titulo de negociantes; porq.' hindo na derrota de procurarem as margens do Rio Corene, e podendo o Com.[e] da açaõ, o mt.[o] gastar 4 Mezes, já passa de hum Anno, sem por hora terem dito ao q.' foraõ, cauzando isto hum prejuizo gr.[de] a S. Mag.[e] nos seos direitos".
[126] Albergaria se justifica pelo envio de um "piqueno numero [de passaros] segurando a V. Ex.[a], naõ ter havido em mim omissaõ no comprimento desta ordem; mas pode mais que a m.[a] delig[ca], a incuria doz Negros do Certaõ, onde falta a pratica doz Benguellistaz, e a abundancia dos passaros de cores, que aquele Governo tera remetido a V. Ex.[a]". Informa também que "apezar do referido Cap.[m], faço meter [a onça] a seu bordo que se apanhou junto da Fortalleza de S. Pedro, onde logo contei de a remeter, atendendo á sua bem pintada pelle; e

		AHU-Angola, Cx. 72, D. 36	a Corte por Pernambuco)			
	17 Jul.	Pedro José Correia de Quevedo Homem e Magalhães AHU-Angola, Cx. 72, D. 38	Navio Nossa Senhora da Lampadoza, e São João Baptista (vindo da Asia)	Capitão José Felix de Souza	Benguela	01 Onça; 02 Passaros grandes de diferentes expecies; 01 Viveiro de Passaros de Cores de varias qualidades[127]
1788	09 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 68, D. 13066-13069.	Nau de Guerra Nossa Senhora de Belém	Mestre Bernardino José	Bahia	01 Pássaro chamado Bico de lacas[128]
1790	15 Ago.	José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho Soares de Albergaria AHU-Angola, Cx. 75, D. 36	Não identificada	Não identificado	Luanda	01 curioza Ave[129]

se naõ chegar em perfeito estado, pode V. Exª. atribuilo ao Cap.m, a qm atribuem tanta mizeria, que dizem deixara morrer o bixo de fome, aproveitando-se dos carneiros q' mando meter pª seu sustento, e taõ bem alguns Gozos [cães sem raça definida] p.la mesma cauza".

[127] "q.' supposto alguns mudem ararid.e das suas diverças cores para a parda, a tornam outra vez a mudar para a antiga".

[128] Remessa mista com pássaros de Angola e da Bahia. Este exemplar, pela nomenclatura utilizada, foi considerado proveniente da África, apesar de ser o único espécime, deste Continente, de uma grande remessa de pássaros enviado da Bahia

[129] Albergaria informa que a tal ave "nunca dantes vista pelos practicos do continente, a quem a mostrei, pareceo-me digna de adornar o Real Muzeo de Historia Natural; he indigena do Sertaõ de Benguella, sutentase indiferentemente de todos os manjares, como a Cegonha, e he sem duvida huma Nova Especie, entre as da sua Ordem, como sou informado pelo Secretario deste Governo".

APÊNDICE II – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes do território de Cabo Verde.

Figura 149: Lagarto (*Mabuya vaillanti*). Possível espécie remetida do território de Cabo Verde para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Klaus Rudolff.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1798	12 Mar.	Marcelino António Basto AHU-Cabo Verde, Cx. 51, doc. 31.	navio Nossa Senhora do Bom Despacho	capitão Joaquim Pereira Machado	Cabo Verde	04 Lagartos do Ilheo razo; 01 Lagarto desta Capitania [Santiago]

APÊNDICE III - Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes do território da Guiné (África).

Figura 150: Gato-de-algália (*Civettictis civetta*) - espécie proveniente do território da Guiné (África) enviada às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Warwick Tarboton.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1756	23 Jan.	Luís António da Cunha de Eça[1] AHU-Cabo Verde, cx. 26, doc. 3.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde[2]	02 Capoeiras cheias de Galinhas pintadas; 05 Pavoens[3]
1767	28 Mar.	João Jácome de Baena Henriques[4] AHU-Cabo Verde, cx. 30, doc. 60.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde[5]	08 Pavoens; 48 galinhas de Matto
1772	03 Jul.	Manoel da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 113, D. 8673.	Embarcação Rainha de Nantes	Não identificado	Pernambuco	01 [Ganga][6]
1773	08 Jun.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco	01 Gato de Algaria; 11 Galinhas da Costa da Guiné[7]
1774	? Mai.	Sebastião da Cunha Souto Maior AHU_CU_049, Cx. 9, D. 831.	Navio da Companhia do Grão-Pará e Maranhão	Capitão Domingos Antonio Chaves	Bissau	01 Lobo pintado; 01 Corça
	25 Mai.	Joaquim Salema de Saldanha Lobo AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 59 / AHU-Cabo Verde, cx. 33, doc. 62.	Corveta São Francisco Xavier	Mestre Manoel da Silva Thomas	Cabo Verde[8]	02 Rollas; 02 piquenos Papagayos de Guiné[9] [10]; 03 Gatos de Algalia
	31 Mai.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8882.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraíso	Mestre Miguel Rodrigues Colaço	Pernambuco	01 Gato de Argalia

[1] Neste ofício, o governador de Cabo Verde infoma a Diogo de Mendonça Corte Real, secretário de Estado da Marinha e Ultramar, que se o pedido de promoção para seu irmão for realizado enviaria "seis escravos, tres rapazes, e tres raparigas; os rapazes p.ª tratarem dos Galgos, e perdigueiros, e as raparigas p.ª varrerem a despensa".
[2] Localidade de Ribeira Grande na Ilha de Santiago.
[3] Além de "duas plumas dos mesmos, húa p.ª se sacodir o oratorio, e outra pª. se inxotarem as moscas da menza".
[4] Henriques encerrar o ofício ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado relatando: "A V. Ex.ª supplico, queyra por grandoza sua desculpas o atravimento de remeter lhe outo Pavoens, e quatro duzias de galinhas de Matto, ficando prompto, p.ª receber o castigo que V. Ex.ª me quizer dar por este arojo".
[5] Localidade de Ribeira Grande na Ilha de Santiago.
[6] Cunha descreve esta ave como sendo: "hum Passaro exquezito, [...], cuja corpulencia hé semelhante á da Ema, porem diferente na côr das penas, por que saõ pretas, e na cabeça; q' tendo olhos encarnados, se coroa nela de huns penachos côr de ouro, que o fazem sumamente agradavel, e Raro".
[7] Remessa mista com animais da África (Angola, Guiné e São Tomé e Príncipe) e do Brasil (Pernambuco).
[8] Ilha de Santiago.
[9] Com a observação "que podéraõ escapar".
[10] Lobo relata ainda neste ofício que além destas aves foram enviados "quatro [passaros], hú vivo dos escuros que vaõ, e moreo logo que chegou a este Porto, dos quaes só a dous daõ nome, q' hé a pomba verde, e pelicano, o grande, e assim mesmo os envio pa. V. Ex.ª os ver", provenientes de Serra Leoa, distrito da Guiné.

	03 Jul.	Sebastião da Cunha Souto Maior AHU_CU_049, Cx. 9, D. 831.	Não identificada	Capitaõ Antonio Florêncio	Bissau	04 Gatos de Algalia; 04 Avez de esquipaçaõ chamadas Gangas
1776	08 Mar.	António Vaz de Araújo AHU_CU_049, Cx. 10, D. 875 (04 de março) / AHU_CU_049, Cx. 10, D. 881 (08 de março).	Corveta São Pedro Gonçalves[11]	Capitão João do Espirito Santo	Cacheu	01 corssa[12]; 01 Gatto da Algalia; 05 galinhas do Matto[13]
	20 Mar.	Joaquim Salema de Saldanha Lobo AHU-Cabo Verde, Cx. 35, doc. 10.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde[14]	02 Piriquitos[15]
	04 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6313.	Corveta São Pedro Gonçalves	Capitão João do Espirito Santo	Pará	Remete animais provenientes do Pará (Brasil)[16]
	18 Jun.	António Vaz de Araújo AHU_CU_049, Cx. 10, D. 890.	Corveta Nossa Senhora do Monte de Carmo	Capitão Sebastião Alberto Dionisio dos Reis	Cacheu	03 gatos de algalia; 02 Gangas manssas; 02 Ganços desta costa; 02 Pattos desta costa; 01 Cachorro de mangue[17] [18]; 01 Porco espinho[19]
1777	16 Jun.	António Vaz de Araújo AHU_CU_049, Cx. 10, D. 917.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Capitão Francisco de Sales Silva	Cacheu	01 Simsim[20]; 01 Cachorrinho de mangue; 02 Gatos de algalia; 03 Patos dos desta Costa com puroins nas asas; 03 Galinhas do Matto

[11] A embarcação segui para Lisboa através da cidade do Para.
[12] "domestica que pode andar solta por toda a partte, he grande, e vai bem nutrida, lhe mandei meter p.ª seu sustentto outto alqueres de arroz, e milho".
[13] O ofício datado de 04 de março (AHU_CU_049, Cx. 10, D. 875) Araújo relata apenas o embarque de 01 "corssa" e que "Ficam me tres Gangas, e tres patos, algumas galinhas do matto, e hum Gatto de Algalia que pellas deficuldades que me porpos o Cap.m se for de Bissau em direitura alguma embarcaçaõ remeterei tudo". Contudo no ofício de 08 de março (AHU_CU_049, Cx. 10, D. 881) Araújo cita que vão, na Corveta São Pedro Gonçalves do capitão João do Espírito Santo "o Gato de Algalia, e galinha do Matto, as Gangas iraõ se houver navio em direitura", fato este confirmado pelo recibo emitido pelo capitão do embarque do "Gato de Algalia e cinco galinhas do Matto". Nenhum documento faz referência a remessa dos três patos.
[14] Ilha de Santiago.
[15] Em relação aos periquitos Lobo comenta que os adquiriu "e que há hum anno conservo, esperando, que ao menos, que os ditos Commandantes [de Guiné], mandasse dos desta qualid.e, por naõ vir nenhum, os invio".
[16] A embarcação é Proveniente da África (porto de Cacheu na Guiné). Apesar de Caldas ter remetido animais do Pará e São José do Rio Negro, descritos no tópico referente a este território, em nenhum momento são citados os animais provenientes de Cacheu trazidos nesta mesma embarcação (01 Corça, 01 Gato de Algália e 05 Galinhas do mato).
[17] "bichos que ainda naõ vi senaõ nesta costta estes saõ muito manssos, comem de tudo, e andam soltos por caza".
[18] O Ofício de Araújo (18 de junho) descreve a remessa de dois Cachorros-de-mangue, entretanto o recibo assinado pelo capitão (21 de junho) cita o embarque de apenas um animal. Computamos apenas um animal por entendermos que entre o dia 18 e o dia 21 um exemplar pode ter morrido ou fugido.
[19] A remessa foi realizada por Cabo Verde mesmo sabendo que "o Cap.m pouco cuidado tera em tudo por gostar pouco de os levar, porem eu o tenho recomendado da p.tte de V. Ex.ª aos Administradores quevaõ, e ao Pilouto do Navio, e naõ tenho outro por onde os remeta, nem por onde os mande".
[20] "parecese com humas Grandes Gazellas".

1780	05 Mai.	António de Sales e Noronha AHU_CU_009, Cx. 55, D. 5195.	Navio São João Nepomuceno, e São Francisco de Paula	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Maranhão	01 Lobo
1785	16 Jul.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 62, D. 11817-11819.	Navio Santíssima Trindade	Mestre Bazilio de Oliveira Valle	Bahia	02 Boys da Costa de Guiné[21]
1789	27 Fev.	Fernando José de Portugal e Castro[22] AHU_CU_005-01, Cx. 68, D. 13167-13168.	Nau de licença não determinada	Mestre João Baptista Martins	Bahia	02 Ganços da Costa da Mina [em] 01 Gaiolla de paõ[23]
1790	26 Fev.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 71, D. 13709-13710.	Navio Nossa Senhora da Victoria e São José	Mestre João Pinto Franco	Bahia	02 Ganços da Costa da Mina[24]
	07 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13887-13889.	Fragata da Coroa Princesa do Brasil	João Vitor da Silva	Bahia	01 Ganço da Costa da Mina[25]
1794	06 Jul.	João da Silva Feijó MUHNAC, FRM JBA CN / F-19[26].	Chalupa não identificada	Não identificado	Ilha de Santiago [de Cabo Verde]	01 viveiro com 10 Passarinhos (05 cazaes) que me vierão de Goré[27]
1798	01 Abr.	Marcelino António Bastos AHU-Cabo Verde, Cx. 51, doc. 41.	Brigue de guerra Dragão	Commandante Antonio Pusich	Ilha de Santiago de Cabo Verde	01 Capoeira com Galinhas do mato
1799	06 Jun.	Marcelino António Bastos AHU-Cabo Verde, Cx. 52, doc. 9.	Fragata Real o Activo	Comandante Francisco António da Silva Pacheco	Ilha de Santiago de Cabo Verde	01 Capoeira com 01 Pato Ferraõ, que se bate com todos os animaes com as azas recolhendo o pescoço ao Centro; 01 Sinsim Animal curiozo.

[21] "que por serem raros nesta cidade [Bahia], e naõ crescerem mais, os envio a V. Ex.ª"
[22] Castro comenta em seu ofício que "Hum Capitaõ vindo da Costa da Mina, que antes de entrár neste Porto [Bahia] arribou a Pernambuco me segurou trazer dois desta qualidade para me offerecer, que lhos tomou o Governador desta Capitania [Pernambuco], más como era para lhes dár o mesmo destino, naõ se me fés sensível semelhante tomadia, e apreençaõ".
[23] O recibo do Mestre consta o recebimento de "dois sacos de milho e Arroz, com seis Alq.rs [alqueires] para sustento dos mesmos".
[24] "similhantes aos que remeti a V. Ex.a o anno passado em a Nau de Licença", se referindo a remessa realizada no dia 27 de fevereiro de 1789.
[25] "similhante a outros, que já tenho remetido a V. Ex.ª dessa mesma qualidade para os Reais Viveiros de Sua Magestade".
[26] In: ROQUE, A. C.; TORRÃO, M. M., 2014.
[27] Nesta carta Feijó informa que estes cinco casais é "resto de grande porção, de que Só escaparão os dêz, e outros os remeto em agoardente nesta occazião pello Patacho da Urzela com outras coriozidades".

APÊNDICE IV – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes do território de São Tomé e Príncipe (África)

Figura 151: Papagaio-do-Congo (*Psittacus erithacus*) - espécie proveniente de São Tomé e Príncipe enviada às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Jurgens & Christine Sohns.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1764	16 Jan.	Manuel de Santa Inês Ferreira, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, José de Carvalho de Andrade AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6448.[1] Manuel de Matos Pegado Serpa AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6464-6466.	Corsário Nossa Senhora das Mercês	Capitão Agostinho dos Santos	Bahia	19 Pardaes de Saõ Tomé[2]
	28 Nov.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 48, D. 45.	Não identificada	Mestre Manuel Francisco	Luanda	24 Pardais de São Thomé[3]
1767	18 Ago.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 82, D. 7319	Não identificada	Capitão Francisco Miguel Aires	Rio de Janeiro	07 Pardaes[4]
	18 Dez.	Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho AHU, AHU-CU-001, Cx. 51, D. 65 / José Rodrigues do Nascimento AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7774	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana e Almas (seguiu pela Bahia)	Capitão José Rodrigues do Nascimento	Luanda	06 Pardais de Saõ Thome[5]
1768	26 Jan.	Manuel de Santa Inês Ferreira AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773	Galera São Francisco de Paula	Capitão Manoel de Andrade	Bahia	06 Pardais de Saõ Thome[6]
1773	08 Jun.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco	01 Pardal[7]

[1] Este documento cita a remessa de 51 pássaros da Bahia para Lisboa, entretanto no documento de Serpa (AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6464-6466) são listados 50 pássaros.
[2] Remessa mista com pássaros do Brasil (Bahia) e da África (São Tomé e Príncipe).
[3] Remessa mista com animais de Angola e São Tomé e Príncipe.
[4] Remessa mista com pássaros de Angola e São Tomé e Príncipe.
[5] Remessa mista com pássaros de Angola e de São Tomé e Príncipe.
[6] Esta remessa mista com pássaros de Angola e São Tomé e Príncipe, enviada pelo Governador e Capitão General de Angola, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho), conforme ofício de 17 de dezembro de 1767, foi embarcada no dia 18 de dezembro deste mesmo ano como consta do recibo emitido pelo do capitão José Rodrigues do Nascimento (AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 7774), chegando a Bahia proveniente de São Paulo de Assumpção de Luanda, Angola, na Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana e Almas do referido capitão. Esta remessa foi reenviada da Bahia para Lisboa conforme ofício de Manuel de Santa Inês Ferreira (AHU_CU_005-01, Cx. 42, D. 7773) datado de 26 de janeiro de 1768. Esta remessa será discutida com mais detalhes no item relativo a Angola.
[7] Remessa mista com pássaros do Brasil (Pernambuco) e da África (Angola, Guiné e São Tomé e Príncipe).

	1775	28 Out.	Vicente Gomes Ferreira AHU-São Tomé e Principe, Cx. 15, doc. 46	Não identificada[8]	Capitão Manoel Martins de Mattos	Ilha do Príncipe	48 Periquitos; 07 Papajos [Papagaios] Sinzentos com â cauda encarnada
	1776	06 Jan.	Vicente Gomes Ferreira AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 58	Não identificada[9]	Capitão João Anastacio Funtão	[Ilha do Príncipe][10]	20 Pardais; 07 Estorninhos pretos[11]; 08 Papagaios sinzentos com os rabos encarnados[12], vaõ em gayolas; 02 Papagaios sinzentos com os rabos encarnados em hua capueirazinha[13]; 07 Galinhas de guine q' cor sinzenta, e salpicadas de Branco[14]; 08 Pombos dos que andaõ nos matos desta ilha.
		08 Jan.	Vicente Gomes Ferreira AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 58	Não identificada	Capitão José Gonçalves da Silva	Ilha do Príncipe	153 Periquitos; 48 Pardais [15]
		26 Mar.	João Ferreira Bettencourt e Sá[16] AHU_CU_005-01, Cx. 49, D. 9088-9089.	Embarcação Nossa Senhora da Piedade e Santa Anna	Capitão Manoel do Nascimento Costa	Bahia	01 Viveiro com Periquitos; 02 Papagayos cinzentos [vindos da Ilha de São Tomé]
↓		20 Ago.	Vicente Gomes Ferreira AHU-São Tomé e Príncipe, Cx. 15, doc. 57, 58	Corveta Nossa Senhora do Rozario, Santo Antonio e Almas	Mestre José Francisco Torres	Ilha de Santo Thome	10 Papagaios Sinzentos com as caudas encarnadas; 02 viveiros com 68 Pardais; 146 Periquitos[17]

[8] A embarcação fez a viagem através do porto da Bahia.
[9] A embarcação seguiu através do porto da Bahia.
[10] Vila de Santo António.
[11] "o canto deles emita ao dos Melros".
[12] "saõ m.to mansos, e costhumados de comer cozido, é milho e falaõ algúas Palaveras Portugezas, e mt.as [ilegível] desta ilha".
[13] "q.' saõ novos, e mansos, [ilegível] me q.' aprenderaõ com m.ta façilid.e a fallar".
[14] "com cristas defrentes das dos galos, e galinhas, e as dos machos saõ maiores do q.' as das femias, saõ m.to vivas, e comem toda a qualid.e de comer, e criaõ como as g.as".
[15] A remessa foi realizada através do porto da Bahia.
[16] Neste ofício, João Ferreira de Bettencourt de Sá informa o recebimento, do Capitão mór da Ilha de São Tomé, de "Duas gayollas de Periquitos, e huns papagayos cinzentos, da ilha de São Tomé, destes apenas chegaraõ dois e daquelles tem morrido muitos na fra. do seo costume, sem embgo. de haver todo o cuidado preciso no seo trato; agora que o transporte he em tempo mais quente os fis entregar ao Capm. Mel. do Nascimento pa. os levar a presença de V. Exa."
[17] A remessa foi realizada através do porto de Pernambuco.

		30 Out.	José Cesar de Meneses AHU_CU_015, Cx. 124, D. 9455.	Navio de invocação Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesús de Boiças	Mestre Manoel Ferreira Vieira	Pernambuco	03 Viveiros de passaros de varias qualidades dos q'. há na Ilha de S. Thome e Principe[18]
	1777	? ?	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574-9575.	Não identificada	Não identificado	Ilha de São Tomé	01 viveiro com Pardais de Sam Tomé
		06 Out.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574-9575.	Não identificada[19]	Capitão Miguel Rodriguez Collaço	Bahia	01 Viveiro com 41 Pardal de Sam Tomé
	1789	05 Fev.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 168, D. 11876.	Fragata São João Baptista	Comandante José Maria de Medeiros	Pernambuco	02 belos e grandes Pássaros [provenientes da Ilha de S. Thome], aos quaes se naõ da nome certo

[18] Remessa mista com pássaros da África (São Tomé e Príncipe) e do Brasil (Pernambuco).
[19] O ofício do governador Manuel Inácio da Cunha e Menezes, AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574, faz referência ao Navio Campello, enquanto o recibo asinado pelo capitão Miguel Rodrigues Collaço, documento AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9575, indica o Navio Santissimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraizo.

APÊNDICE V – Embarcações que realizaram o transporte de animais para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII.

Figura 152: Garça-branca-pequena (*Egretta thula*). Possível espécie remetida das Capitanias do Grão-Pará e São José do Rio Negro para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: JoãoPedro64.

Data		Embarcação	Responsável	Procedência
1753	26 Nov.	Nau de Guerra São José	Capitão Rodrigo Ignacio de Barros e Alvim	Pará
	26 Nov.	Nau Nossa Senhora da Arrábida	Capitão José Sanches de Brito	Pará
1754	27 Mai.	Não identificada	Não identificado	Pernambuco
1756	23 Jan.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde
1760	20 Dez.	Não identificada[1]	Não identificado	Luanda
1761	05 Jan.	Não identificada[2]	Não identificado	Luanda
	07 Mar.	Nau de Guerra não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro
1762	10 Jul.	Não identificada	António Rodrigues	Luanda
1763	22 Jan.	Navio Senhor do Bom Fim e São Pedro de Alcântara[3]	Capitão Bernardo António de Araújo	Luanda
	? ?	Não identificada[4]	Não identificado	Angola
	16 Abr.	Charrua São José	Mestre Mateus Pereira	Pernambuco
	25 Ago.	Não identificada[5]	Capitão António de Pontes	Luanda
	12 Nov.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José	Capitão Manuel do Nascimento da Costa	Pernambuco
	10 Dez.	Corveta da Companhia de Pernambuco[6]	Capitão Aleixo de Araújo	Luanda
	30 Dez.	Nau Nossa Senhora Madre de Deus	Capitão Francisco Manuel Aires	Rio de Janeiro
	30 Dez.	Fragata Nossa Senhora da Atalaya	Capitão Luís de Castro	Rio de Janeiro
1764	16 Jan.	Corsário Nossa Senhora das Mercês	Capitão Agostinho dos Santos	Bahia
	10 Mar.	Navio da Coroa São José Rei de Portugal	Capitão António Luís dos Reis	Pernambuco
	14 Jul.	[Charrua Nossa Senhora da Purificação]	Capitão Francisco Duarte Serra	Rio de Janeiro
	14 Jul.	Nau de Guerra Nossa Senhora do Monte do Carmo	Mestre Nicolau da Silva	Bahia
	14 Jul.	Não identificada[7]	Francisco Duarte Serra	Rio de Janeiro
	20 Set.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro
	24 Nov.	Corveta não identificada	Não identificado	Paraíba
	28 Nov.	Não identificada[8]	Mestre Manuel Francisco da Cunha	Luanda
	28 Nov.	Não identificada[9]	Não identificado	Luanda
	10 Dez.	Não identificada	Não identificado	Pernambuco
1765	09 Fev.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro
	27 Fev.	Não identificada	Não identificado	Luanda
	10 Mar.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro
	06 Abr.	Navio Nossa Senhora do Rosário e São José	Capitão José Ribeiro Corso	Pernambuco
	30 Jun.	Não identificada	Não identificado	Luanda

[1] A embarcação seguiu para o porto do Rio de Janeiro.
[2] A embarcação seguiu para o porto do Rio de Janeiro.
[3] A embarcação fez escala no porto de Pernambuco antes de seguir para Lisboa.
[4] A embarcação seguiu para o porto de Pernambuco.
[5] A embarcação seguiu para o porto de Pernambuco.
[6] A embarcação seguiu para o porto de Pernambuco.
[7] No documento consta as seguintes embarcações e seus capitães: charrua Nossa Senhora da Purificação, do capitão Manoel Monteiro e galera Bom Jesus de Vilanova, Santo Antônio e Almas, do capitão Manoel dos Santos; entretanto, o documento que relata o recebimento dos animais, foi assinado pelo capitão Francisco Duarte Serra.
[8] A embarcação seguiu pelo porto do Pará.
[9] A embarcação seguiu pelo porto de Pernambuco.

	04 Jul.	[Nau Nossa Senhora da Natividade]	Capitão Domingos Manuel José Lobo	Rio de Janeiro
	? ?	Não identificada[10]	Capitão Manuel Gonçalves Salgado	Angola
	16 Ago.	Não identificada	Capitão Gaspar dos Reis	Maranhão
	16 Ago.	Não identificada	Capitão José de Oliveira Bulhão	Maranhão
	18 Dez.	Não identificada[11]	Não identificado	Luanda
1766	14 Fev.	Navio Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Santa Ana e Almas	Capitão Victorino Correa	Bahia
	04/05 Abr.	Não identificada[12]	Não identificado	Luanda
	02 Set.	Nau Santo António e Justiça	Comandante André de Melo e Castro	Luanda
	25 Out.	Não identificada[13]	Mestre António José da Costa	Luanda
	30 Dez.	Corveta Nossa Senhora da Madre de Deus e Santa Alma	Capitão Domingos Furtado de Mendonça	Luanda
1767	23 Jan.	Não identificada	Não identificado	São Paulo
	28 Mar.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde
	08 Abr.	Sumaca Santa Alma e Almas	Mestre José Rodrigues do Nascimento	Luanda
	15 Ago.	Nau da Índia [São José e Nossa Senhora da Conceição?]	Comandante Isidoro de Moura	Luanda
	18 Ago.	Não identificada	Capitão Francisco Miguel Aires	Rio de Janeiro
	31 Out.	Galera não identificada	Mestre João Teixeira Mendes	Luanda
	18 Dez.	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana e Almas[14]	Capitão José Rodrigues do Nascimento	Luanda
	21 Dez.	Nau Nossa Senhora da Ajuda e São Pedro de Alcântara	Capitão Bernardo Carneiro Alcáçovas	Rio de Janeiro
1768	26 Jan.	Galera São Francisco de Paula	Capitão Manoel de Andrade	Bahia
	16 Mar.	Não identificada	Não identificado	Luanda
	? ?	Não identificada[15]	Não identificado	Luanda
	15 Jul.	Navio Nossa Senhora do Patrocínio e São Francisco de Paula	Capitão Francisco Carlos Ozório	Bahia
	10 Set.	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Capitão Manuel Gomes Silva	Bahia
	16 Nov.	Charrua da Coroa não identificada	Mestre José da Silveira	Luanda
1769	30 Set.	Não identificada[16]	Não identificado	Luanda
	10 Nov.	Corveta não identificada	Não identificado	Bahia
	30 Nov.	Corveta Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Vicente Ferrez[17]	Capitão Manuel António Tavares	Luanda
1771	13 Abr.	Não identificada	Não identificado	Paraíba
1772	03 Jul.	Embarcação Rainha de Nantes	Não identificado	Pernambuco

[10] A embarcação seguiu pelo porto do Maranhão.
[11] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia
[12] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[13] A embarcação seguiu pelo porto do Rio de Janeiro.
[14] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[15] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[16] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[17] A embarcação fez escala no porto de Pernambuco antes de seguir o curso para Lisboa.

	06 Ago.	Nau Não identificada	Capitão Coronel Henrique Carlos Henriques	Luanda
1773	28 Abr.	Galera não identificada	Não identificado	Paraíba
	08 Jun.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco
	19 Jul.	Navio São Luís	Capitão Ignácio Luiz da Silva	Maranhão
	05 Ago.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem [e Corpo Santo]	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco
	02 Set.	Navio da Coroa Nossa Senhora da Glória e São Joaquim	Piloto José Bernardino	Pernambuco
	16 Nov.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco
	16 Nov.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José	Capitão Manuel Martins do Rosário	Pernambuco
	16 Nov.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco
	16 Nov.	Navio Nossa Senhora da Conceição	Primeiro Piloto José Francisco Perné	Pernambuco
	29 Nov.	Não identificada	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bittencourt	Pará
	29 Nov.	Não identificada	Capitão Bernardo Franco	Pará
1774	29 Jan.	Navio Nossa Senhora da Luz	Mestre José Gomes Ribeiro	Pernambuco
	18 Fev.	Navio Príncipe do Brasil	Capitão José Correa	Bahia
	19 Fev.	Navio Nossa Senhora da Piedade e São Boaventura	Capitão Bernardo António de Araújo	Bahia
	01 Mar.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem	Mestre Carlos José de Araújo dos Santos	Pernambuco
	09 Mar.	Charrua Nossa Senhora das Mercês	Capitão António Jose Monteiro	Pará
	09 Mar.	Corveta São Pedro Gonçalves	Capitão João do Espírito Santo	Pará
	12 Mar.	Não identificada	Não identificada	Maranhão
	30 Mar.	Navio Senhor Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco
	30 Mar.	Navio Nossa Senhora do Bom Sucesso	Mestre Manuel Pires de Carvalho	Pernambuco
	14 Abr.	Navio [Nossa Senhora da] Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco
	26 Abr.	Corveta não identificada	Mestre Manoel Luís do Cabo	Maranhão
	? Mai.	Navio da Companhia do Grão-Pará e Maranhão	Capitão Domingos Antonio Chaves	Bissau
	25 Mai.	Corveta São Francisco Xavier	Mestre Manoel da Silva Thomas	Cabo Verde
	31 Mai.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraíso	Mestre Miguel Rodrigues Colaço	Pernambuco
	08 Jun.	Não identificada	Capitão José de Oliveira Bulhão	Maranhão
	28 Jun.	Não identificada	Capitão Eugenio Pedro de Almeida	Bahia
	03 Jul.	Não identificada	Capitaõ Antonio Florêncio	Bissau

	09Jul.	Navio Nossa Senhora da Purificação	Piloto, e Pratico Joaquim José das Mercês	Pará
	20 Jul.	Não identificada	Não identificado	Paraíba
	23 Jul.	Navio Nossa Senhora da Glória	Mestre Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco
	20 Set.	Galera não identificada	Capitão António Leonardo	Maranhão
	07 Out.	Charrua da Coroa Nossa Senhora da Conceição	Capitão José Francisco Perné	Pernambuco
	19 Nov.	Charrua Nossa Senhora das Mercês	Capitão António José Monteiro	Pará
	10 Dez.	Corveta Nossa Senhora da Aparecida[18]	Mestre José Gonçalves Marques	Benguela
	? ant. Dez.	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas[19]	Mestre Henrique José Ritte	Benguela
1775	18 Jan.	Navio Santa Anna, e São Francisco Xavier	Capitão Bernardo Franco	Pará
	18 Jan.	Navio Nossa Senhora da Esperança, e Santa Rita, Luzitania	Capitão Dionísio Cardia da Fonseca	Pará
	19 Jan.	Navio Santíssimo Sacramento	Mestre Joaquim Gomes dos Santos	Pernambuco
	03 Fev.	Corveta São Francisco Xavier	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará
	03 Mar.	Navio Nossa Senhora do Loreto e São José	Capitão Custódio Rodrigues Penedo	Bahia
	05 Mar.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José	Mestre Carlos José de Araújo dos Santos	Pernambuco
	15 Mar.	Navio Nossa Senhora de Nazareth	Capitão José António dos Santos	Bahia
	18 Mar.	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana[20]	Mestre Paulo Cardoso Viana	Benguela
	17 Abr.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Piloto e Prático Joaquim José das Mercês	Pará
	17 Abr.	Charrua Nossa Senhora da Glória	Piloto e Prático Manoel Travassos	Pará
	20 Abr.	Navio Nossa Senhora do Bonsucesso	Mestre Manuel Pires de Carvalho	Pernambuco
	26 Abr.	Navio Diamante [Galera Nossa Senhora da Conceição]	Capitão Verissimo Duarte Roza	Maranhão
	? ant. Mai.	Não identificada[21]	Não identificada	Benguela
	03 Mai.	Navio Nossa Senhora da Lapa e Santo Antônio	Capitão José Lopes Reis	Rio de Janeiro
	08 Mai.	Navio Nossa Senhora da Conceição, São José e Almas	Capitão Manuel Joaquim Esteves	Bahia
	22 Mai.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pilar	Capitão Basílio de Oliveira Valle	Bahia
	31 Mai.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Mestre Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco

[18] A embarcação seguiu para o porto da Bahia.
[19] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[20] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[21] A embarcação seguiu pelo porto do Rio de Janeiro.

	27 Jun.	Galera São Pedro Gonçalves (Companhia Geral do Comércio)	Capitão João do Espírito Santo	Pará
	27 Jun.	Galera Nossa Senhora da Oliveira (da Companhia Geral do Comércio)	Capitão Manoel Luiz do Cabo	Pará
	27 Jun.	Galera São Paulo (da Companhia Geral do Comércio)	Mestre Domingos António Chaves	Pará
	15 Jul.	Navio da Coroa São José e Nossa Senhora da Conceição	Comandante José Francisco Perné	Pernambuco
	? ant. Out.	Não identificada[22]	Não identificada	Benguela
	08 Out.	Navio Santa Rosa	Capitão Manuel Gomes Silva	Rio de Janeiro
	16 Out.	Hiate Nossa Senhora da Purificação e Almas[23]	Capitão Manuel da Silva Amado	Benguela
	28 Out.	Não identificada[24]	Capitão Manoel Martins de Mattos	Ilha do Príncipe
	05 Dez.	Navio Nossa Senhora do Patrocínio e São Francisco de Paula	Capitão Francisco Carlos Ozório	Bahia
	09 Dez.	Navio Olinda e Santo António	Mestre Joaquim Francisco Belém	Pernambuco
1776	05 Jan.	Charrua Nossa Senhora da Glória	Capitão Manoel Travassos	Pará
	06 Jan.	Não identificada[25]	Capitão João Anastacio Funtão	Ilha do Príncipe
	08 Jan.	Não identificada	Capitão José Gonçalves da Silva	Ilha do Príncipe
	06 Mar.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e São José e Santa Ana	Mestre Francisco Lopes Xavier	Pernambuco
	07 Mar.	Navio Santa Anna, e São Francisco Xavier	Capitão Bernardo Franco	Pará
	08 Mar.	Corveta São Pedro Gonçalves[26]	Capitão João do Espirito Santo	Cacheu
	20 Mar.	Não identificada	Não identificado	Cabo Verde
	26 Mar.	Embarcação Nossa Senhora da Piedade e Santa Anna	Capitão Manoel do Nascimento Costa	Bahia
	30 Mar.	Corveta Senhor Bom Jesus de Bouças, Santo António e Almas[27]	Mestre Manuel Caetano Firme	Benguela
	20 Abr.	Navio Santo António Voador do Mar	Mestre José Francisco Campos	Pernambuco
	03 Mai.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Mestre Manoel Luiz do Cabo	Maranhão
	04 Mai.	Corveta São Pedro Gonçalves[28]	Mestre João do Espírito Santo	Cacheu
	13 Mai.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Santa Rita Lusitânia	Capitão Dionísio Cardia da Fonseca	Bahia
	02 Jun.	Charrua [Nossa Senhora das Mercês]	Piloto, e Prático António José Monteiro	Pará
	03 Jun.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres	Mestre Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco

[22] A embarcação seguiu pelo porto do Rio de janeiro.
[23] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
24 A embarcação fez a viagem através do porto da Bahia.
25 A embarcação seguiu através do porto da Bahia.
26 Para o porto do Pará de onde partiu para Lisboa no dia 04 de Maio.
[27] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[28] Embarcação proveniente da África (porto de Cacheu, na Guiné), que fez escala no Pará antes de seguir viagem para Lisboa.

	18 Jun.	Corveta Nossa Senhora do Monte de Carmo	Capitão Sebastião Alberto Dionisio dos Reis	Cacheu
	18 Jun.	Navio São Nicolau	Mestre José Luís Pereira	Pernambuco
	15 Ago.	Charrua Nossa Senhora da Glória	Capitão Manoel Travassos	Pará
	20 Ago.	Corveta Nossa Senhora do Rozario, Santo Antonio e Almas	Mestre José Francisco Torres	Ilha de São Tomé
	30 Out.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco
	12 Nov.	Navio Nossa Senhora de Belém [e São João Baptista]	[Capitão-tenente Manuel da Cunha Betencourt]	Pará
	12 Nov.	Navio [Nossa Senhora da Conceição], o Diamante	[Capitão Veríssimo Duarte Rosa]	Pará
	12 Nov.	Corveta São Francisco Xavier	[Mestre Francisco Jaques Caldeira]	Pará
1777	22 Jan.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Piloto e Prático Joaquim José das Mercês	Pará
	04 Mar.	Corveta Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Almas[29]	Mestre Posidônio da Costa	Benguela
	24 Mar.	Sumaca Nossa Senhora da Conceição, Monte do Carmo e Santa Ana[30]	Mestre Paulo Cardoso Viana	Benguela
	07 Abr.	Navio Grão Pará	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará
	22 Abr.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Mestre Cipriano de Madureira	Maranhão
	17 Mai.	Navio Nossa Senhora de Nazareth, Rosário e Santo António	Capitão José de Lima Fagundes	Bahia
	06 Jun.	Navio Santíssimo Sacramento, São Francisco de Paula e Nossa Senhora do Socorro	Capitão Victorino Correa	Bahia
	16 Jun.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Capitão Francisco de Sales Silva	Cacheu
	21 Jun.	Galera Nossa Senhora de Nazareth, e Senhor do Bonfim	Capitão António Florêncio	Pará
	? ant. Ago.	Não informada[31]	Não informado	Luanda
	02 Ago.	Paquete da Coroa não identificado	Não identificada	Pernambuco
	18 Set.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Capitão Joaquim José das Mercês	Pará
	30 Set.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante António José Monteiro	Pernambuco
	? ant. Out.	Não identificada[32]	Não identificado	São Tomé

[29] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[30] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[31] A embarcação seguiu pelo porto de Pernambuco.
[32] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.

	06 Out.	Não identificada[33]	Capitão Miguel Rodriguez Collaço	Bahia[34]
	17 Out.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bitencourt	Pará
1778	13 Fev.	Navio Grão Pará, da Companhia Geral do Comércio	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará
	27 Fev.	Não identificada	Capitão Feliciano dos Santos	Maranhão
	30 Mar.	Corveta São Pedro Gonçalves	Capitão João do Espírito Santo	Pará
	27 Abr.	Navio São Boaventura e São José	Capitão Joaquim José de Lima	Pernambuco
	12 Mai.	Navio Maranhão	Mestre António José de Carvalho	Pará
	26 Ago.	Nau invocada, o Neptuno	Comandante António José de Oliveira	Benguela
	05 Dez.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Mestre Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará
	05 Dez.	Navio Nossa Senhora do Carmo, e Santa Anna	Mestre Capitão Domingos Lopes da Silva	Pará
	07 Dez.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Manuel Martins do Rozário	Pernambuco
1779	03 Fev.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco
	05 Mar.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Capitão Francisco José Teixeira	Pernambuco
	10 Mar.	Navio Brilhante	Capitão José Gomes Rosa	Bahia
	28 Mar.	Não identificada	Não identificado	São Paulo
	03 Abr.	Galera Nossa Senhora do Bom Sucesso, e Penha de França	Capitão Veríssimo Duarte Roza	Pará
	20 Abr.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco
	04 Mai.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Pernambuco
	14 Mai.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Capitão Joaquim José das Mercês	Pará
	17 Jun.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e Bom Jesus d'Alem	Capitão Theodozio da Cruz Veloso	Pernambuco
	17 Jun.	Navio Santo António Voador do Mar	Capitão José Francisco Campos	Pernambuco
	28 Jul.	Navio Príncipe da Beira	Capitão António José Monteiro	Pará
	28 Jul.	Navio Nossa Senhora da Lampadosa e São João Baptista	Piloto comandante António da Costa Bastos	Bahia
	01 Ago.	Navio Príncipe da Beira	Capitão António José Monteiro	Pará
	11 Set.	Navio Grão Pará	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bitencourt	Pará

[33] O ofício do governador Manuel Inácio da Cunha e Menezes (1777 (06 de Outubro). AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9574) faz referência ao Navio Campello, enquanto o recibo asinado pelo capitão Miguel Rodrigues Collaço (1777 (04de Outubro). AHU_CU_005-01, Cx. 51, D. 9575), indica o Navio Santissimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraizo.

[34] Esta remessa veio em uma embarcação de São Tomé e Príncipe, sendo transferida na Bahia para outra embarcação com destino a Lisboa.

	15 Set.	Navio São Boaventura e São José	Capitão Joaquim José de Lima	Pernambuco
	05 Out.	Fragata da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	03 Nov.	Nau de Guerra não identificada	Não identificado	Bahia
	24 Nov.	Navio Macapá da Companhia Geral do Comércio	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará
	24 Dez.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Capitão Luís António da Rocha	Pará
1780	22 Mar.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Pernambuco
	07 Abr.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Paulo António dos Santos	Pernambuco
	04 Mai.	Navio Águia [e coração de Jesus] do Real Serviço	Piloto, e Pratico Joaquim José das Mercês	Pará
	05 Mai.	Navio São João Nepomuceno, e São Francisco de Paula	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Maranhão
	07 Mai.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco
	14 Jun.	Corveta Nossa Senhora da Conceição, Santo António, e Almas	Capitão [António Duarte Lisboa]	Pará
	03 Ago.	Navio Tejo e Santo António	Capitão Carlos José de Araújo	Pernambuco
	14 Ago.	Fragata Nossa Senhora da Graça, e São João	Piloto, e Pratico António José Monteiro	Pará
	03 Out.	Charrua Providência	Capitão José dos Santos Alcântara	Pernambuco
	30 Out.	Não identificada	Não identificado	Pará
	02 Nov.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira e Santa Ana	Capitão José Luís Pereira	Pernambuco
	02 Nov.	Galera Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula	Capitão Nicolau José Teixeira	Pernambuco
	02 Nov.	Navio Nossa Senhora da Nazareth e Santa Ana	Capitão António Luís da Piedade	Pernambuco
	09 Nov.	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Capitão Domingos Baptista Claro	Bahia
	27 Nov.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Pernambuco
	27 Nov.	Paquete da Coroa Nossa Senhora do Carmo e São José	Comandante Luís António Portela	Pernambuco
	27 Nov.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	28 Nov.	[Navio Santo António de Pádua]	Capitão José António dos Santos	Pará
	05 Dez.	Fragata Nossa Senhora do Pilar e São João Baptista	Mestre Gregório de Sousa Brito	Bahia
1781	05 Jan.	Navio Nossa Senhora da Lapa e São José (proveniente do Rio de Janeiro)	Capitão João de Freitas Cabral	Bahia
	27 Jan.	Corveta São José e Santo António	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco
	30 Jan.	Navio Santa Ana Águia Volante	Mestre Jacinto José Martins	Bahia
	10 Fev.	Navio Nossa Senhora de Nazareth, Rosário e Santo António	Mestre José de Lima Fagundes	Bahia

	10 Fev.	Navio Nossa Senhora da Penha e São Estevão	Mestre José Ribeiro Pontes	Bahia
	05 Mar.	Navio São Luís e Santa Maria Magdalena	Mestre Manuel António Ferreira	Bahia
	13 Mar.	Galera Nossa Senhora da Nazareth e Senhor do Bonfim	Mestre José Dias de Castro Mascarenhas	Rio de Janeiro
	13 Mar.	Navio Nossa Senhora do Monte do Carmo e Santa Ana	Capitão Manuel de Sousa Castro	Pernambuco
	17 Mar. .	Navio Nossa Senhora da Piedade e Santa Ana	Mestre Joaquim José de Oliverira	Bahia
	19 Mar.	Não identificada	António Francisco Lima	Santos
	20 Mar.	Não identificada	José Lopes de Sequeira	Santos
	22 Mar.	Corveta Nossa Senhora da Conceição e São Bento	Mestre Gabriel Alves da Silva	Rio de Janeiro
	30 Mar.	Navio Jesus, Maria e José	Mestre Matias Lopes Arraya	Bahia
	06 Abr.	Navio Nossa Senhora da Penha de França e Aurora	Capitão Manoel Ribeiro Pontes	Rio de Janeiro
	05 Mai.	Navio Nossa Senhora da Lampadosa e São João Baptista	Mestre Eugenio Pedro de Almeida	Bahia
	09 Mai.	Não identificada	Amaro Gomes Braza	Santos
	11 Abr.	Navio Santíssima Trindade e Santo António	Mestre Basílio de Oliveira Valle	Bahia
	17 Mai.	Navio São Pedro de Rattes	Capitão José Antunes	Rio de Janeiro
	19 Mai.	Navio Jesus, Maria e José	Capitão João Rite	Rio de Janeiro
	19 Mai.	Não identificada	Vicente Joaquim de Macedo	Santos
	25 Mai.	Galera Nossa Senhora da Oliveira	Capitão Francisco Lopes Xavier	Rio de Janeiro
	25 Mai.	Galera Nossa Senhora de Nazareth e Santa Ana	Capitão José Francisco de Macedo	Rio de Janeiro
	27 Mai.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Ano	Mestre Tomás Álvares da Graça	Bahia
	02 Jun.	Galera Santo António de Lisboa	Capitão Francisco Jaques Caldeira	Maranhão
	16 Jun.	Navio Nossa Senhora da Conceição	Capitão Pedro Francisco Ramos	Pernambuco
	18 Jun.	Navio Santissimo Sacramento e Nossa Senhora do Livramento	Mestre Francisco Carlos Ozório	Bahia
	18 Jun.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João	Mestre João Rodrigues Pereira	Bahia
	21 Jun.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Rio de Janeiro
	25 Jun.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Paulo António dos Santos	Pernambuco
	03 Jul.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Rio de Janeiro
	13 Jul.	Não identificada	José Caetano de Souza	Santos
	21 Jul.	Navio São Luís Afortunado	Capitão José Gomes Ribeiro	Pernambuco
	06 Ago.	Navio São José Príncipe da Beira	Capitão Nicolau Correa Alves	Rio de Janeiro
	09 Ago.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Socorro	Capitão Vitorino Correia	Pernambuco
	14 Ago.	Navio Senhor do Bonfim e São Tiago Maior	Mestre João Pinto Rio	Bahia

	21 Ago.	Corveta Santa Rosa Paquete da América	Capitão José Joaquim da Costa	Rio de Janeiro
	28 Ago.	Navio Nossa Senhora do Loreto e São José	Capitão Nicolau Rodrigues dos Santos	Rio de Janeiro
	28 Ago.	navio Santa Rosa e Senhor do Bomfim	Capitão Joaquim José de Oliveira	Rio de Janeiro
	04 Set.	Não identificada	Não identificado	Pará
	19 Set.	Navio Nossa Senhora da Lapa e os Santos Reis Magos	Mestre José Joaquim de Sousa	Bahia
	20 Set.	Navio Voador Santo António	Capitão José Francisco Campos	Pernambuco
	20 Set.	Navio Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula	Capitão Nicolau José Teixeira	Pernambuco
	06 Out.	Corveta Nossa Senhora dos Prazeres e Santíssimo Sacramento	Capitão Francisco da Silva Bicho	Pernambuco
	16 Nov.	Navio Nossa Senhora da Conceiçaõ, e Rey David	[Capitão Manuel da Silva Tomás]	Pará
	18 Dez.	Não identificada	Não identificado	Pará
	18 Dez.	Navio Diana	Capitão Luís Cipriano Rabelo	Rio de Janeiro
1782	03 Jan.	Navio Invocação Santo António, Flor da Murta	Capitão Bernardo Franco	Pará
	15 Jan.	Navio Tejo e Santo António	Capitão Carlos José de Araújo	Pernambuco
	01 Fev.	Corveta São José e Santo António	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco
	01 Fev.	Corveta São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Capitão Félix Pereira dos Santos	Bahia
	15 Fev.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Santa Ana	Capitão Vicente Pereira dos Santos	Pernambuco
	16 Fev.	Navio Bom Jesus d'Além e Nossa Senhora da Esperança	Mestre António José do Espírito Santo	Bahia
	20 Fev.	Navio Nossa Senhora da Vitória e Princesa Divina	Mestre João António da Cunha	Bahia
	27 Fev.	Navio Santíssimo Sacramento	Mestre João Baptista Martins	Bahia
	13 Abr.	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco
	13 Abr.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Rio de Janeiro
	26 Abr.	Navio Rainha dos Anjos	Mestre José de Lima Fagundes	Bahia
	29 Abr.	Navio Nossa Senhora Madre de Deus, São José e Almas	Mestre Eugenio Pedro de Almeida	Bahia
	14 Mai.	Não identificada	Não identificado	Pará
	23 Mai.	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Feliz Borralho	Pernambuco
	22 Jun.	Corveta São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Capitão José Lopes Varges	Bahia
	03 Jul.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	09 Jul.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Rio de Janeiro
	12 Jul.	Galera Santa Ana e Santa Izabel	Capitão José Rodrigues Santiago	Bahia
	19 Jul.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João	Capitão João Rodrigues Pereira	Bahia

	12 Ago.	Galera Nossa Senhora da Luz e Corpo Santo	Capitão José Gervário de Moura	Pernambuco
	02 Set.	Navio Santo António, e Polifemo[35]	Capitão Tenente Manoel Ferreira Nobre	Luanda
	02 Set.	Fragata da Coroa Santa Anna e São Joaquim[36]	Comandante Francisco Xavier Lobo da Gama	Luanda
	09 Set.	Navio São Marcos	Mestre António Godinho Neves	Bahia
	23 Set.	Não identificada	Não identificado	Pará
	04 Out.	Navio São José Príncipe da Beira	Capitão Nicolau Correa Alves	Rio de Janeiro
	11 Dez.	Sumaca Nossa Senhora da Conceição Santo António e Almas[37]	Não identificado	Luanda
	16 Dez.	Não identificada[38]	Não identificado	Luanda
	20 Dez.	Navio Santo António Neptuno	Capitão Francisco José Teixeira	Pernambuco
1783	18 Jan.	Não identificada[39]	Não identificado	Luanda
	03 Fev.	Navio Nossa Senhora da Glória e Senhor do Bonfim	Mestre Manuel Joaquim Esteves	Bahia
	08 Fev.	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Mestre Domingos Baptista Claro	Bahia
	17 Fev.	Navio Francesinha	Não identificado	Maranhão
	06 Mar.	Nau Santíssimo Sacramento	Mestre João Baptista Martins	Bahia
	18 Mar.	Navio Santíssimo Sacramento	Capitão Luís da Cunha Moreira	Rio de Janeiro
	18 Mar.	Galera Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Felix Borralho	Pernambuco
	20 Mar.	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco
	03 Mai.	Navio Santo António Voador do Mar	Capitão Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco
	07 Mai.	Não identificada	Não identificado	Benguela
	05 Jun.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Salvador Clarianno	Bahia
	02 Ago.	Navio Santo António Delfim	Capitão António Leonardo de Mendonça	Pernambuco
	07 Out.	Corveta não identificada[40]	Não identificado	Luanda
	07 Out.	Corveta não identificada[41]	Não identificado	Luanda
	30 Out.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	15 Nov.	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco
1784	01 Jan.	Não identificada	Não identificado	Macau
	24 Jan.	Charrua da Coroa Nossa Senhora do Pilar e São João Baptista	Comandante Gregório de Sousa Brito	Pernambuco
	12 Fev.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco Perné	Bahia

[35] A embarcação era proveniente de Goa, passando pelos portos de Luanda e de Pernambuco antes de seguir viagem para Lisboa.
[36] Embacação proveniente da Índia, passando pelo porto de Luanda antes de seguir para Lisboa.
[37] A embarcação seguiu pelo porto de Pernambuco.
[38] No ofício Câmara comete um erro ao nomear esta embarcação, que deixou o porto de São Paulo de Assumpção de Luanda em 16 de dezembro de 1782, de Sumaca Nossa Senhora da Conceição Santo António e Almas, a qual deixou Luanda no dia 11 de dezembro. Neste ofício consta que a embarcação seguiu pela Bahia, contudo pela análise dos dados é possível que esta tenha aportado em Pernambuco.
[39] A embarcação seguiu por Pernambuco.
[40] A embarcação seguiu pelo porto de Pernambuco.
[41] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.

	17 Fev.	Não identificada[42]	Não identificado	Luanda
	09 Mar.	Galera Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Joaquim José Gomes dos Santos	Pernambuco
	26 Mar.	Galera Nossa Senhora do Rosário e Santo António	Capitão António Lourenço dos Santos	Pernambuco
	11 Jun.	Navio Nossa Senhora da Soledade e Santa Rita	Capitão Ambrósio Álvares Pereira	Bahia
	02 Jul.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus d'Além	Capitão António José do Espírito Santo	Bahia
	25 Dez.	Navio Águia [Real e coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará
1785	16 Fev.	Navio Nossa Senhora do Pilar	Capitão José Francisco de Perné	Rio de Janeiro
	14 Mar.	Corveta Águia do Douro	Capitão Bernardo Pereira de	Pernambuco
	10 Abr.	Navio Santo António Neptuno	Capitão João Vieira Marques	Pernambuco
	25 Abr.	Navio Nossa Senhora do Pilar[43]	Capitão José Francisco de Perné	Bahia
	12 Mai.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Carmo	Capitão Francisco Xavier Vidal	Pernambuco
	23 Jun.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José Flor do Mar	Capitão José dos Santos Lopes	Pernambuco
	16 Jul.	Navio Santíssima Trindade	Mestre Basílio de Oliveira Valle	Bahia
	07 Ago.	Não identificada	Não identificado	Benguela
	24 Set.	Navio Nossa Senhora do Rosário e Santo António	Capitão Francisco José da Silva	Pernambuco
	11 Out.[44]	Navio Santa Cruz e Nossa Senhora da Piedade	Mestre João Rodrigues Lima	?
	29 Nov.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	18 Dez.	Navio Nossa Senhora da Caridade	Capitão Francisco José de Sampaio	Pernambuco
1786	17 Jan.	Galera Nossa Senhora da Conceição, Paquete	[Capitão João dos Banhos Souto]	Pará
	13 Fev.	Charrua São João Baptista	Mestre António Francisco de Castro	Maranhão
	21 Fev.	Navio Real Pedro	Capitão José João Gonçalves	Pernambuco
	27 Fev.	Corveta São José e Santo António	Capitão António Rodrigues Pessoa	Pernambuco
	16 Mar.	Navio Santa Isabel, Rainha de Portugal	Mestre José Moreira do Rio	Bahia
	17 Mar.	Galera Minerva e São Macário	[1º piloto Francisco Xavier da Silva]	Pará
	02 Abr.	Navio Santos Mártires Triunfo do Mar	Capitão António Luís da Piedade	Pernambuco
	02 Abr.	Navio Perola do Mar	Capitão Francisco Xavier Vidal	Pernambuco
	02 Abr.	Navio Santo António Cisne	Capitão Antonio Pereira Coelho	Pernambuco
	15 Abr.	Não identificada	Não identificado	Pará

[42] A embarcação seguiu pelo porto da Bahia.
[43] Este navio chegou à Bahia procedente do Rio de Janeiro, de onde alçou âncora no dia 16 de Fevereiro de 1785, com uma escala prevista na Bahia, antes de seguir para Lisboa.
[44] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa.

	02 Mai.	Navio Pensamento Feliz	Capitão Raimundo Xavier	Pernambuco
	05 Mai.	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Mestre Manuel Correa Santiago	Rio de Janeiro
	10 Mai.	Não identificada	Não identificado	Bahia
	24 Mai.	Navio Nossa Senhora da Lapa [e Três Reis Magos]	Mestre José Joaquim de Sousa	Bahia
	09 Jun. [45]	Galera Santa Isabel Rainha de Portugal	Capitão Boaventura Jorge Alves	Pará
	14 Jun.	Navio Mercurio	Capitão José de Azevedo Santos	Pernambuco
	14 Jun.	Navio Nossa Senhora de Madre de Deus e Santa Ana	Capitão Ignacio José Baptista	Pernambuco
	28 Jun.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e São José	Capitão Feliciano José Pereira	Pernambuco
	13 Jul.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco
	13 Jul.	Navio Nossa Senhora do Rosário, Prazeres e Almas	Capitão Salvador de Sousa Braga	Pernambuco
	11 Ago.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus do Além	Capitão António José do Espírito Santo	Bahia
	18 Ago.	Navio Nossa Senhora da Croà e S. João[46]	Capitão José Severiano [ilegível]	Benguela
	25 Ago.	Galera Boa União, Jesus, Maria e José	Capitão José Francisco Belém	Pernambuco
	08 Set.	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Capitão Manoel Correia Santiago	Maranhão
	23 Set.	Nau de Guerra Nossa Senhora da Ajuda	Capitão Francisco de Betencourt Perestrelo	Rio de Janeiro
	02 Out.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e Carmo	Mestre António Alves Costa	Bahia
	23 Out.	Navio Santíssima Trindade	Capitão José da Costa Azevedo	Pernambuco
	30 Nov.[47]	Navio São Sebastião	Capitão Francisco Vaz de Carvalho	Pará
	07 Dez.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante Gregório de Sousa Brito	Pernambuco
	22 Dez.[48]	Navio Santos Mártires Triunfo do Mar	Capitão António Luís da Piedade	Santos
1787	16 Jan.	Navio São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Mestre Victorino José de Vasconcellos	Rio de Janeiro
	16 Fev.	Não identificada	Não identificado	Bahia
	07 Mar.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Joaquim José Gomes dos Santos	Pernambuco
	27 Mar.	Navio Nossa Senhora da Penha [de França] Aurora	Capitão Manuel Ribeiro Pontes	Rio de Janeiro
	14 Abr.	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Feliz Borralho	Pernambuco
	21 Mai.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Capitão José Lopes dos Santos	Pernambuco
	22 Mai. [49]	Galera Nossa Senhora da Soledade Santa Rita Estrela	Capitão António José de Oliveira	Bahia

[45] Data da chegada da embarcação ao porto de Lisboa, após 52 dias de viagem.
[46] A embarcação era proveniente da Ásia.
[47] Data da chegada da embarcação ao porto de Lisboa, após com 65 dias de viagem.
[48] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa.
[49] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa, após 88 dias de viagem.

	22 Mai. [50]	Navio Santíssimo Sacramento	Capitão Manuel Francisco Lavra	Bahia
	27 Jun. [51]	Navio Nossa Senhora da Penha de França [Aurora]	Capitão Manuel Ribeiro Pontes	Rio de Janeiro
	12 Jul.	Gallera não identificada[52]	Capitão Domingos Xavier Ribeiro	Luanda
	17 Jul.	Navio Nossa Senhora da Lampadoza, e São João Baptista[53]	Capitão José Felix de Souza	Benguela
	27 Jul.	Navio Santa Izabel Rainha de Portugal	Não identificado	Bahia
	11 Set.	Navio Nossa Senhora de Belém e São João Baptista	Capitão José Joaquim da Costa	Rio de Janeiro
	29 Out.	Galera Nossa Senhora da Luz	Primeiro Piloto Manoel Franco	Pará
	12 Nov.	Paquete Nossa Senhora do Monte do Carmo e São José	Comandante Luís António Portela	Pernambuco
1788	18 Fev.	Charrua Príncipe da Beira	Comandante Gregório de Sousa e Brito	Pernambuco
	29 Fev. [54]	Galera Nossa Senhora da Conceição, Rei David	Capitão Sebastião Luís Viana	Pará
	12 Mar.	Navio Real Pedro	Capitão José João Gonçalves	Pernambuco
	24 Mar.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará
	06 Abr.	Bergantim Santo António Protector	Capitão José Jorge	Maranhão
	06 Jun.	Navio Príncipe Atlante	Mestre Pedro Gonçalves de Andrade	Bahia
	07 Jun.	Corveta Águia do Douro	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco
	25 Jun.	Navio Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Socorro e São Francisco de Paula	Mestre Manuel [Nunes] da Luz	Bahia
	14 Jul.[55]	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Teles Borralho	Pernambuco
	19 Ago.	Navio Santa Ana Vigilante	Capitão Dionísio Cardia da Fonseca	Pernambuco
	09 Set.	Nau de Guerra Nossa Senhora de Belém	Mestre Bernardino José	Bahia
	03 Nov.	Charrua Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perne	Pernambuco
	10 Nov.	Navio Diana	Capitão Valério Coelho Pereira	Rio de Janeiro
	27 Nov.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará
	12 Dez.	Navio Belizário	João Anselmo de Faria	Timor
1789	05 Fev.	Fragata São João Baptista	Capitão José Maria de Medeiros	Pernambuco
	27 Fev.	Nau de licença não determinada	Mestre João Baptista Martins	Bahia

[50] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa, após 80 dias de viagem.
[51] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa, após 87 dias de viagem.
[52] A embarcação era proveniente da Índia passando pelos portos de Angola e de Pernambuco antes de seguir viagem para Lisboa.
[53] A embarcação era proveniente da Ásia.
[54] Data da chegada da embarcação ao porto de Lisboa, após dias de viagem.
[55] Data que a embarcação chegou ao porto de Lisboa, após 73 dias de viagem.

	03 Mar.	Navio São Marcos	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Pernambuco
	16 Mar.	Navio Nossa Senhora da Victoria e São José	Mestre João Pinto Franco	Bahia
	16 Mar.	Navio Nossa Senhora do Bom Despacho e São João	Mestre Manuel Francisco Lavra	Bahia
	15 Jul.	Navio Nossa Senhora da Gloria e Senhor do Bonfim	Mestre Manoel António Honório	Bahia
	26 Jul.	Navio Nossa Senhora do Rosário e Prazeres	Capitão José Joaquim de Sousa	Pernambuco
	01 Ago.	Navio Santíssima Trindade e Santo António	Mestre José Moreira do Rio	Bahia
	01 Set.	Galera Nossa Senhora da Conceição e São Francisco Xavier	Mestre António José de Sousa Painço	Bahia
1790	26 Fev.	Navio Nossa Senhora da Victoria e São José	Mestre João Pinto Franco	Bahia
	26 Mar.	Navio São Marcos[56]	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Pernambuco
	14 Mai.	Galera Santo António	Não identificado	Maranhão
	22 Mai.	Navio Nossa Senhora das Dores e São Brás	Mestre Joaquim Manuel Gonçalves	Bahia
	12 Jul.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará
	15 Ago.	Não identificada	Não identificado	Luanda
	07 Set.	Fragata da Coroa Princesa do Brasil	João Vitor da Silva	Bahia
	07 Set.	Navio Nossa Senhora do Carmo e São José	Mestre José Gonçalves da Costa	Bahia
	07 Set.	Fragata Princesa do Brasil	Não identificado	Bahia
	15 Dez.	Navio Grande Condestável de Portugal	Mestre Francisco Caetano da Cunha	Bahia
1791	15 Jan.	Navio São Manuel	Mestre José Pereira Neto	Bahia
	02 Abr.	Galera Nossa Senhora do Carmo e Santa Rita	Mestre Manuel Gonçalves da Silva	Bahia
	04 Abr.	Navio Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Victorio Gonçalves Rua	Bahia
	16 Abr.	Nau de Guerra Nossa Senhora de Belém	Comandante Manuel Ferreira Nobre	Rio de Janeiro
	13 Ago.	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Mestre José Moreira do Rio	Bahia
	24 Dez.	Corveta Nossa Senhora da Conceição	Capitão José da Cunha Moreira	Pernambuco
1792	21 Jan.	Navio Neptuno	Primeiro Piloto Comandante Manuel Pinto Franco	Pernambuco
	12 Mar.	Navio Nossa Senhora da Conceição e Bom Jesus dos Navegantes	Capitão Francisco Coelho Pereira	Pernambuco
1794	06 Jul.	Chalupa não identificada	Não identificado	Cabo Verde
1798	12 Mar.	Navio Nossa Senhora do Bom Despacho	Capitão Joaquim Pereira Machado	Cabo Verde
	01 Abr.	Brigue de guerra Dragão	Commandante Antonio Pusich	Cabo Verde

[56] O ofício de Tomás José de Melo (1790 (26 de Março). AHU_CU_015, Cx. 172, D. 12135) faz referência ao Navio São Marcos, entretanto o recibo assinado por Victorio Gonçalves Rua denomina a embarcação como Navio Serra Grande.

1799	04 Abr.	Nau Maria Primeira	Mestre Manuel da Silva dos Santos	Bahia
	06 Jun.	Fragata Real o Activo	Comandante Francisco António da Silva Pacheco	Cabo Verde
1800	? Jan.	Navio Pensamento Ligeiro	Não informado	Pernambuco
	? Jan.	Nau não identificada[57]	Não informado	Pernambuco
	22 Mai.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro
	? ?	Não identificada	Não informado	Brasil[58]

[57] Esta embarcação seguiu para Lisboa no mesmo comboio do Navio Pensamento Ligeiro.
[58] O documento de Alexandre Rodrigues Ferreira informa a chegada de dois animais vivos a Lisboa procedentes do Brasil, dentre outros relatados durante o ano de 1800. Temos, assim, no mínimo mais uma remessa do Brasil realizada neste ano, caso estes dois exemplares tenham sido embarcados juntos.

APÊNDICE VI – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania da Bahia (Brasil).

Figura 153: Arara-azul-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) – espécie proveniente da Capitania da Bahia que integrou as remessas realizadas para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: João Marcos Rosa.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1764	16 Jan.	Manuel de Santa Inês Ferreira, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, José de Carvalho de Andrade AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6448[1] Manuel de Matos Pegado Serpa AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6464-6466.	Corsário Nossa Senhora das Mercês	Capitão Agostinho dos Santos	Bahia	04 Cardeáes; 09 Patatibas; 02 Pintassilvos; 01 Corió; 08 Canarios da Bahia; 07 Azulloens[2]
	14 Jul.	Manuel de Santa Inês Ferreira, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, José de Carvalho de Andrade AHU_CU_005-01, Cx. 36, D. 6695-6696.	Nau de Guerra Nossa Senhora do Monte do Carmo	Mestre Nicolau da Silva	Bahia	07 Patatibas; 04 Canarios; 01 Bicudo; 07 Canarios de varias cores; 01 Corió; 08 Cardeáes
1774	18 Fev.	José da Cunha Grã Ataíde de Melo AHU_CU_005-01, Cx. 46, D. 8610-8611.	Navio Príncipe do Brasil	Capitão José Correa	Bahia	03 Viveiros de Passaros; 01 Aributinga (Rei de Urubús); 02 Cazaes de Emas[3]
	19 Fev.	José da Cunha Grã Ataíde de Melo AHU_CU_005-01, Cx. 46, D. 8612-8613.	Navio Nossa Senhora da Piedade e São Boaventura	Capitão Bernardo António de Araújo	Bahia	01 Anta[4]
	28 Jun.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_005-01, Cx. 47, D. 8816-8819.	Não identificada	Capitão Eugenio Pedro de Almeida	Bahia	02 Mutuns; 02 Jacutingas
1779	10 Mar.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_005-01, Cx. 53, D. 10093.	Navio Brilhante	Capitão José Gomes Rosa	Bahia	28 Saguins; 03 Viados “dos pequenos, a q’ chamaõ de catinga”[5]

[1] Este documento cita a remessa de 51 pássaros da Bahia para Lisboa, entretanto no documento de Serpa (AHU_CU_005-01, Cx. 35, D. 6464-6466) são listados 50 pássaros.
[2] Remessa mista (Bahia, São Tomé). Os pássaros foram embarcados em “Seis Viveiros de madeira, e [ilegível] de fora de arame, e justamente cobertos com capas de brom”. Foram embarcados para a alimentação dos pássaros durante a viagem: “Hum alqueire de Milho chamada alpista, hum alqueire de arrôz de casca, hum alqueire de milho da terra”.
[3] Neste ofício Melo relata que “os Passaros, que a maiór parte delles saõ dos que tinha em minha caza por curiosidade, e para levár para esse Reino, pois os que saõ naturaes da terra p.’ toda Capitania fazér deligencia por elles, e ainda q.’ há m.tos, e de bonitas cores, saõ de dificil conduçaõ, por comerem bixinhos, e frutas. Entre os que vaõ hé húm Aributinga, ou Rei de Urubús, que hé Passaro raro, e de bonita figura, e creio, q.’ desta qualidade naõ terá aparecido ahí algúm: vaõ dous cazaes de Emas, e trēz Viveiros de pequenos passarinhos da terra, e de Angola”.
[4] Melo relata no ofício que a anta “chegou do Mato, em-odia, q.’ partia o Navio”.
[5] Neste ofício Meneses relata que “Naõ responderey pelo trato na viagem dos ditos Animáes, por ser o dito Capitaõ hum pouco levantado, que fáz tymbre de naõ executár ordem dos superiores, como continuamente se-gava, porém como a Embarcaçaõ hé das mais veleiras, e que em menos dias fás a viágem desse Reyno, attendí à-este motivo, a-pezár da-desconfiança que me fica do tal Capitaõ os fazer morrer por-se livrar da pensaõ de cuidar dos sobreditos Animáes”.

	28 Jul.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10304-10305.	Navio Nossa Senhora da Lampadosa e São João Baptista	Piloto comandante António da Costa Bastos	Bahia	03 Viados; 01 Tigre
	03 Nov.	Joaquim Borges de Figueiroa AHU_CU_005-01, Cx. 54, D. 10432.	Nau de Guerra não identificada	Não identificado	Bahia	01 Anta; 01 Tartaruga grande[6]
1780	09 Nov.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10677-10678.	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Capitão Domingos Baptista Claro	Bahia	06 Jurús; 02 Papagayos Cayas; 02 Papagaios Verdadeiros; 02 Suyas; 02 Macacos; 01 Cotia; 01 Quati
	05 Dez.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10702-10703.	Fragata Nossa Senhora do Pilar e São João Baptista	Mestre Gregório de Sousa Brito	Bahia	01 Coati em seo Cepo; 05 Cotias em huma Capueira; 05 Cotias em [outra] Capueira; 13 Pombas Trocás em huma Capueira; 10 Juritis especie de Rollas em huma Capueira; 02 Jacús, 02 Aracuâns em huma Capueira [dividida em] dous Repartimentos; 01 Jurú em huma Gayolla; 01 Papagayo de Cabeça Vermelha em huma Gayolla; 01 Sabiá que parece Melro em huma Gayolla; 05 Canarios do Paiz em huma Gayolla; 06 Papagayos em huma Capueira; 02 Pacas em huma Capueira; 01 Porco do Mato chamado Caytitú em huma Capueira; 04 Jandayas em huma Capueira pequena; 02 Jabutins especie de Kagado; 01 Ema; 01 Guariba especie de Macaco com barbas[7]
1781	05 Jan.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10714-10715.	Navio Nossa Senhora da Lapa e São José (proveniente do Rio de Janeiro)	Capitão João de Freitas Cabral	Bahia	01 Viveiro com 09 Bigodinhos, 09 Papa Capins (Repartimento 1), 11 Azuloens (Repartimento 2), 20 Canarios (Repartimento 3), 09 Coriós, 07 Patativas

[6] Figueiroa relata neste ofício que "A falta, q' tenho de noticia das Reaes Intençoēs de S. Mag.e a resp.to da m.a demora na Bahia, ou sahida dela, influio na demora da remessa de huns Bichos, e Viadinhos, q' destinava ás matas da Real Quinta de Quelúz; e como de todos só ficou huma Anta nova, e mansa; pedi ao Govern.or desta Capitania a mandasse agora, o q' faz, rezervando para a Nao de Guerra levar huma Tartaruga grande, que poderá conservar-se no lago da mesma Quinta, em q' achará pequenos peixes, de q' ela se sustenta".
[7] Remessa mista com exemplares do Brasil e da África.

						(Repartimento 4); 03 Jurús; 03 Chaoans; 01 Papagayo[8]
	30 Jan.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10749-10751.	Navio Santa Ana Águia Volante	Mestre Jacinto José Martins	Bahia	01 Viveiro com 05 Cardiaes (Repartimento 1), 07 Periquitos (Repartimento 2), 25 Canarios (Repartimentos 3 e 4)
	10 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10755-10758.	Navio Nossa Senhora de Nazareth, Rosário e Santo António	Mestre José de Lima Fagundes	Bahia	01 Capueira com grades de ferro com 02 Quatis Mûndes (Repartimento 1), 02 Cotias (Repartimento 2); 01 Macaco em seu Sepo
	10 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10755-10758.	Navio Nossa Senhora da Penha e São Estevão	Mestre José Ribeiro Pontes	Bahia	Não identificada. A lista da remessa dos Pássaros e Animais quadrupedes embarcados inexiste
	05 Mar.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10763-10764.	Navio São Luís e Santa Maria Magdalena	Mestre Manuel António Ferreira	Bahia	02 Motuns; 01 Maracahá; 01 Viado; 02 Papagayos; 01 Arara
	17 Mar. .	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10767-10768.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Santa Ana	Mestre Joaquim José de Oliverira	Bahia	01 Viveiro com 06 Cardiaes (Repartimento 1), 12 Patativas (Repartimento 2), 03 Canarios (Repartiemnto 3), 05 Corios (Repartimento 4); 02 Porcos do Mato chamados Caytitus
	30 Mar.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10771-10775.	Navio Jesus, Maria e José	Mestre Matias Lopes Arraya	Bahia	01 Viado; 01 Caytitu; 03 Macacos; 01 Ema; 01 Motum; 01 Papagayo
	11 Abr.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 55, D. 10783-10786.	Navio Santíssima Trindade e Santo António	Mestre Basílio de Oliveira Valle	Bahia	02 Porcos do Mato chamados Caytitús; 03 Coatis; 02 Kagados; 01 Mocó; 02 Motum; 02 Papagayos
	05 Mai.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10801-10802.	Navio Nossa Senhora da Lampadosa e São João Baptista	Mestre Eugenio Pedro de Almeida	Bahia	02 Araras; 09 Jacús; 03 Papagayos; 02 Jandayas; 01 Macaco
	27 Mai.	Afonso Miguel de Portugal e Castro	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Ano	Mestre Tomás Álvares da Graça	Bahia	10 Rolinhas; 02 Viados

[8] O recibo assinado por João de Freitas Cabral relata o recebimento dos “Passaros e Papagayos”.

		AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10819-10822.				
	18 Jun.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10841-10842.	Navio Santissimo Sacramento e Nossa Senhora do Livramento	Mestre Francisco Carlos Ozório	Bahia	03 Viadoz
	18 Jun.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 56, D. 10847-10848.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João	Mestre João Rodrigues Pereira	Bahia	01 Caititú; 01 Coatimundé; 01 Macaco
	14 Ago.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10898-10900.	Navio Senhor do Bonfim e São Tiago Maior	Mestre João Pinto Rio	Bahia	01 Onça pintada
	19 Set.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10903-10904.	Navio Nossa Senhora da Lapa e os Santos Reis Magos	Mestre José Joaquim de Sousa	Bahia	01 Viado; 03 Pacas
1782	01 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10945-10946.	Corveta São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Capitão Félix Pereira dos Santos	Bahia	01 Motuns; 01 Jacutinga; 01 Macaco Jupará
	16 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10963-10965.	Navio Bom Jesus d'Além e Nossa Senhora da Esperança	Mestre António José do Espírito Santo	Bahia	01 Capueira com 07 Cardiaes, 08 Caboculinhos, 11 Tapirangas, 20 Azuloens; 01 Capueyra com 13 Sofrés; 01 Capueira com 06 Papagayos contrafeitos; 01 Capueira com 01 Periquito contrafeito
	20 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10968-10969.	Navio Nossa Senhora da Vitória e Princesa Divina	Mestre João António da Cunha	Bahia	01 Capoerira ou Viveiro com 02 Saycos (Repartimento 1), 02 Patativas (Repartimento 2), 06 Papa Capins (Repartimento 3), 05 Corios (Repartimento 4), 03 Sanhaçus (Repartimento 5), 02 Virabosta (01 preto e 01 pardo), 01 Papa pimenta (Repartimento 6), 05 Papa Capim (Repartimento 7), 15 Canarios (Repartimento 8), 02 Capueiras (Repartimento 9)

	27 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10972.	Navio Santíssimo Sacramento	Mestre João Baptista Martins	Bahia	Lista da remessa inexistente
	26 Abr.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10989-10990.	Navio Rainha dos Anjos	Mestre José de Lima Fagundes	Bahia	01 Viveiro com 05 Azuloeñs (Repartimento 1), 08 Virabostas (Repartimentos 2 e 3), 02 Cardeaes (Repartimento 4), 33 Papa capins (Repartimentos 5, 7 e 8), 02 Choroens (Repartimento 6), 12 Periqutitos (Repartimentos 9, 10 e 11), 05 Coriós (Repartimento 12)
	29 Abr.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 57, D. 10991-10992.	Navio Nossa Senhora Madre de Deus, São José e Almas	Mestre Eugenio Pedro de Almeida	Bahia	01 Viveiro com 36 Rôllas roxas; 01 Viveiro com 03 Pombas Verdadeiras chamadas de aza branca (Repartimento 1), 04 Araquans (Repartimento 2)
	22 Jun.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11050-11051.	Corveta São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Capitão José Lopes Varges	Bahia	01 Viveiro com 08 Cardiaes (Repartimentos 1 e 2), 04 Pegas (repartimento 3), 08 Sofrés (Repartimentos 4, 5, 6 e 7), 03 Virabostas (Repartimento 8), 02 [ilegível Urbejurangas?] (Repartimento 9)
	12 Jul.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11057-11058.	Galera Santa Ana e Santa Izabel	Capitão José Rodrigues Santiago	Bahia	08 Ferreiros; 04 Tocanos; 03 Araquans [9]
	19 Jul.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11062-11063.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e São João	Capitão João Rodrigues Pereira	Bahia	01 Viveiro com 07 Cardiaes (Repartimento 1, 2, 3 e 4), 14 Papa Capins (Repartimentos 5 e 6), 08 Azuloens (Repartimentos 7 e 8), 02 Piriquitos (Repartimento 9), 07 Piriquitos mais piquennos (Repartimentos 10 e 11), 06 Canarios (Repartimento 12); 01 Viveiro com 02 Jacus (Repartimento 1), 06 Juritis (Repartimento 2)

[9] Ao lado esquerdo da listagem dos animais enviados consta anotado, em letra diferente da utilizada no documento, as informações dos animais que provavelmente chegaram vivos a Lisboa: Ferreiros (04 vivos), Tocanos (01 vivo), Araquans (03 vivos).

	09 Set.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11135-11136.	Navio São Marcos	Mestre António Godinho Neves	Bahia	01 Capoeira com 03 Motuns, 04 Passaros chamados Joaons Cocaons (Repartimento 1), 05 Ferreiros (Repartimento 2); 01 Capoeira com 11 Cardiaes (Repartimentos 1, 2 e 3), 03 Sanhaçus (Repartimento 4), 01 Sofre (Repartimento 5), 05 Azuloens (Repartimento 6), 03 Periquitos piquenos (Repartimento 7), 04 Jandayas (Repartimento 8), 14 Canarios (Repartimento 9); 02 Papagayos contrafeitos em suas Gayolas
1783	03 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11177-11178.	Navio Nossa Senhora da Glória e Senhor do Bonfim	Mestre Manuel Joaquim Esteves	Bahia	01 Viveiro com 03 Periquitos Verdadeiros (Repartimento 1); 21 Periquitos Tapacus (Repartimento 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8); 17 Cardiaes (Repartimento 9, 10, 11, 12)
	08 Fev.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 58, D. 11182-11184.	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Mestre Domingos Baptista Claro	Bahia	01 Gayola de Arame com 11 Azuloeñs; 01 Anta
	06 Mar.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 59, D. 11197-11198.	Nau Santíssimo Sacramento	Mestre João Baptista Martins	Bahia	01 Viveiro de arame com 13 Cardiais (Repartimento 1); 23 Perequitos (Repartimento 2); 11 Azuloens (Repartimento 3); 02 Sofrez (Repartimento 4)
	05 Jun.	Afonso Miguel de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 59, D. 11242-11244.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Salvador Clarianno	Bahia	01 Viveiro com 12 Cardiaes (Repartimentos 1, 2 e 3); 06 Periquitos Tapacus, 01 Jandaya, 01 Periquito Verdadeiro (Repartimento 4); 12 Azuloeñs (Repartimentos 5 e 6)
1784	12 Fev.	AHU_CU_005-01, Cx. 60, D. 10479-10480.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco Perné	Bahia	02 Antas; 01 Capivara; 01 Cobra Giboya[10]

[10] Com a descrição de que “se conserva viva sem comer há vinte dois Mezes”.

1785	25 Abr.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 61, D. 11738-11745.	Navio Nossa Senhora do Pilar[11]	Capitão José Francisco de Perné	Bahia	Passaros, a lista da remessa não está anexada no documento[12]
	16 Jul.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 62, D. 11817-11819.	Navio Santíssima Trindade	Mestre Basílio de Oliveira Valle	Bahia	02 Passaros denominados Coróas; 01 Tapiranga encarnada; 01 Tapiranga laranja
	11 Out.	Martinho de Melo e Castro BNRJ, mssp0000039	Navio Santa Cruz e Nossa Senhora da Piedade	Mestre João Rodrigues Lima	Lisboa	01 Giboya[13]
1786	26 Fev.	António José Calmon de Sousa e Eça BNRJ, mssp 0000046.	Não identificada	Não identificado	Jacoruna	10 Rôllas[14]; 05 Perequitos[15]; 02 Suias[16]; 06 Coriôs[17]; 01 Pega[18]; 03 Cagados[19]; 01 Pomba Jurutý[20]; 01 Tapiranga[21];
	16 Mar.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12097-12102.	Navio Santa Izabel Rainha de Portugal	Mestre José Moreira do Rio	Bahia	02 Emas; 32 Passaros de varias qualidades; 30 Periquitos pequenos; 13 Periquitos grandes; 01 Jacú; 01 Arara azul; 04 Arara azul pequenas; 01 Papagayos amarelados[22]; 01 Cobra Giboia; 01 Tartaruga pequena; 02 Porcos do Mato; 01 Viados; 02 Saguins

[11] Este navio chegou à Bahia procedente do Rio de Janeiro, de onde alçou âncora no dia 16 de Fevereiro de 1785, com uma escala prevista na Bahia, antes de seguir para Lisboa.
[12] "De algúns Passaros que tinha para enviar a V. Ex.ª fiz suprir a falta de todos os que morreraõ na viagem do Rio de Janeiro para esta Cidade no Navio Pillár, porque naõ obstante o grande cuidado de quem os conduzia, como estes Passaros se sustentavaõ de frutas, era impossivel as suas conservaçoeñs, o que naõ succederá com-estes, que por comerem milho alpista, Arróz, e Farinha de paõ molhada, me persuado chegaraõ vigorozos a Prezença de V. Ex.ª".
[13] "a qual já fica no Jardim Botanico para Suas Magestades a verem quando se recolherem de Queluz [...] como tambem recomendarlhe que as continue [as remessas], assim em Animaes, como em Arbustos, Plantas, Minerais, e Passaros grandes, e pequenos, principalmente vivos, e de todas as qualidades, de que há grande precizaõ no Viveiro da Quinta de Belem, tendo se já feito sobre este artigo aos Predecessores de V. S.ª, muitas, e repetidas recomendaçoens".
[14] "come milho - arros, e farinha".
[15] "comem piraõ".
[16] "comem o mesmo [piraõ]".
[17] "comem arros com casca".
[18] "come piraõ".
[19] "q.' uzaõ do mesmo alim.to [piraõ]".
[20] "q.' uza do mesmo alim.to das Rollas".
[21] "come bananas".
[22] Esta remessa apresenta pássaros do Brasil e de Benguela (Angola). Na relação de "Passaros da America" consta, ao final da listagem 01 exemplar de Papagayos Sinzentos, e logo a seguir começa a relação dos "Passaros de Benguela". Este exemplar claramente era proveniente da África para onde foi computado.

	24 Mar.	António José Calmon de Sousa e Eça AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12249-12250.	Não identifica	Não identificado	Jacoruna	01 Caitetu[23]; 02 Saguins[24]; 03 Periquitos[25]; 01 Cagado[26]
	25 Abr.	Braz de Sousa Leça[27] AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12251-12252.	Não identificada	Não identificado	Vila de Boipeba	01 Passaros a q' chamaõ Jacupemas[28]
	10 Mai.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12128-12136.	Não identificada	Não identificado	Bahia	01 Camaleaõ, vulgarmente denominado neste Paíz por Papavento; 01 Onça
	24 Mai.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 63, D. 12148-12153.	Navio Nossa Senhora da Lapa [e Três Reis Magos]	Mestre José Joaquim de Sousa	Bahia	01 Cobra Giboya; 01 Ouriço branco[29]
	04 Jun.	Manuel Ferreira da Costa AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12257-12258.	Não identificada	Não identificado	Camamú	06 Jacupémas; 01 Saracúra; 03 Súyas; 02 Periquitos; 11 Periquitos Coyúbas; 02 Pombas Pararíz; 01 Pereã; 01 Kágado[30]
	18 Jul.	João Baptista Teixeira AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12255.	Não identificada	Não identificado	Cayrú	11 Perequitos Verdadeiros; 10 Perequitos de testa amarela[31]
	11 Ago.	Rodrigo José de Menezes e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 63, D.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus do Além	Capitão António José do Espírito Santo	Bahia	01 Cazal de Pombos do mato; 01 Cazal de Mutuns; 01 Cazal de Jacotingas; 11 Jacús; 01 Cobra coral; 01 Quati mirim[32]

[23] "Come mandioca, a folha da mesma, Milho, e Bananas"
[24] "Come Bananas, Araçás, e Piraõ"
[25] "Come Milho verde, Bananas, e Piraõ"
[26] "usa do mesmo alimento"
[27] "Por carta datada de 25 de Dezbr.º do anno proximo preterito a resp.to, dos pássaros, e animaes quadrupedes tenho mandado fazer exacta delig.ca p.a homens mateiros e já mais sepode conseguir o apanho de animal algum, né ainda de pássaro algum esquezito, p.a deficuld.e da braveza dos mesmos, q.' só a tiros de espingardas se levaõ, e no cazo de se apanhar algú morre emperriado, e juntam.e p.r se ignorar o sustento dos mesmos, q.' só se poderaõ conservar vivos lЄé cЄegarem a esclarecida Prez.ca de V. Ex.a acontecendo p.r acazo ápanhar-se algum q.' seja novo p.r se sugeitar milhor ao commú sustento".
[28] "o sustento delhes he todo o commum das creaturas rasionaes"
[29] O documento só apresenta o termo de embarque da cobra Jibóia; a citação do Ouriço branco consta no ofício do governador.
[30] "As jacupémas se sustentaõ com frutas, assim como bananas, e mamoens, e a farinha de mandioca botada em agoa a fazer pirãm. A Saracúra se sustenta com o mesmo. As Súyas, Periquitos, e Coyúbas comem arrós, milho, e pirãm de farinha e as Pombas arroz sómente. A pereã, animal quadrupede come pirãm de far.a de mandioca, e milho. O Kágado cóme quanto se lhe lança".
[31] "Comestivo dos d.os hé f.a molhada e árróz"
[32] O Quati mirim morreu durante a viagem já que este animal não é citado por Manique durante a visita do ouro ocorrida em 18 de outubro.

		12206-12207 / AHU_CU-005-01, Cx. 64, D. 12218.				
	13 Ago.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 27.	Navio Nossa Senhora da Lapa e Três Reis Magos[33]	Capitão José Joaquim de Sousa	Lisboa	01 Cobra
	22 Set.	Luiz Feliz de Carvalho AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12253-12254.	Não identificada	Não identificado	Jerumuabo	05 Jacus[34]; 01 Arara[35]; 01 Caetetú[36]; 01 Pomba[37]
	24 Set.	Pedro Alves da Fonseca e Mello AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12259-12260.	Não identificada	Soldado José Pereira	Olho d'Água de Santa Quitéria	03 Emas sendo 01 mais piquena[38]; 01 Caititú[39]; 01 Cuati[40]; 01 Jacú[41]; 02 Preguiças[42]
	02 Out.	Rodrigo José de Menezes e Castro[43] AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12236-12238.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e Carmo	Mestre António Alves Costa	Bahia	01 Cobra Giboia em huma Gaiola de madeira
	18 Out.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 29.	Navio Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus do Além[44]	Capitão António José do Espírito Santo	Lisboa	01 viveiro de passaros[45]; 01 Cobra Coral[46]

[33] Chegou a Lisboa, proveniente da Bahia, após 76 dias de viagem.
[34] "que comem todo alimento"
[35] "que come todo alimento"
[36] "que da mesma sorte se sustenta"
[37] "que come arros com cascá"
[38] "Estas comé tudo q.to se lança"
[39] "Este come milho, abobora, mandioca, e tudo o mais q.' lƐe quizerē dar, p.r ser criado em caza, e m.to manço"
[40] "Este come banana, carne, piraõ"
[41] "Este come milho, piraõ, banana, feijaõ"
[42] "Este comé milho, banana, piraõ"
[43] Neste ofício Castro relata "O receio que tive de remettér a V. Ex.a alguma quantidade de Passaros, que se achavaõ promptos neste Navio, por sér de má nota, e naõ ter as comodidades precizas, além de hirem encontrar o rigorozo inverno na Costa de Portugal, me embaraçou esta remessa, o que farei no outro Navio que se acha prompto a partir".
[44] Chegou a Lisboa, proveniente da Bahia, após 66 dias de viagam.
[45] O visitador do ouro, António Joaquim de Pina Manique, não informa a quantidade de pássaros que chegaram a Lisboa.
[46] A cobra coral morreu durante a viagem.

	29 Nov.	António José Calmon de Sousa e Eça BNRJ, mssp 0000046.	Não identificada	Não identificado	Jacoruna	16 Coriôs[47]; 04 Papas capims[48]; 03 Cabocolinhos[49]; 03 Canarios[50]; 03 Sainhassos[51]; 04 Jurutîs[52]; 01 Pega[53]; 01 Tapiranga[54], ou berne; 02 Sabîas[55]; 03 Perequito[56]; 02 Cotias[57]
	16 Dez.	António José Calmon de Sousa e Eça BNRJ, mssp 0000046.	Não identificada	Não identificado	Jacoruna	08 Passaros, entre Coriós; Papa Capinz, e Ourutîz[58]
1787	04 Jan.	António José Calmon de Sousa e Eça BNRJ, mssp 0000046.	Não identificada	Não identificado	Jacoruna	12 Canarios[59]; 04 Coriós[60]; 01 Azulaõ[61]; 06 Perequitos[62]; 02 Ourûz[63]; 01 [ilegível][64]; 05 Cotias[65]
	16	Rodrigo José de Menezes e Castro[66]	Não identificada	Não identificado	Bahia	Passaros

[47] “comem milho, e arros”.
[48] “uzaõ do mesmo [milho, e arros]”.
[49] uzaõ do mesmo [milho, e arros]”.
[50] uzaõ do mesmo [milho, e arros]”.
[51] “uzaõ do piraõ”.
[52] “comem farinha, e arros”.
[53] “come piraõ”.
[54] “o mesmo [come piraõ]”.
[55] “o mesmo [come piraõ]”.
[56] “o mesmo [come piraõ] e milho”.
[57] “comem piraõ”.
[58] “e irei continuando nas mesmas remessas todas as veses q.’ se forem apanhando”.
[59] “comem milho”.
[60] “uzaõ do arrôz”.
[61] “o mesmo [uzaõ do arrôz]”.
[62] “comem tudo”.
[63] “o mesmo [comem tudo]”.
[64] “come bananas”.
[65] “comem piraõ”.
[66] “As grandes recomendaçoeñs, que V. Ex.ª em repetidos officios seos metém feito sobre a remessa de Passaros para as Reáes Quintas, em consequencia das quáes tenho expedido as mais apertadas ordeñs aos Capitaeñs mores, e Comãndantes dos Destrictos desta Capitanía, me-obrigaõ a fazér passár a Prezença de V. Ex.ª, o Porta Estandarte da Cavalleria paga de Minas, Francisco Xavier Machado, com-os com os Passaros constantes da Relaçaõ junta, que por serem em maior quantidade, e boas qualidades, adquiridos com-assás trabalho, e dificuldades, e receár o máo tracto, o encarregarei de cuidár delles, para chegarem a essa Córte, sém os maiores incómodos de necessidades de alimentos, e Agoa, que experimentaõ , sendo entregues aos Mestres de Navios, improprios para o tracto destes Passaros, pela falta de mimo, e propensaõ natural, de que tém resultado morrerem quazi a maiór parte delles nas remessas, que para essa Córte se fazem”. Apesar do ofício citar uma relação anexa dos pássaros remetidos, este documento inexiste. Na parte superior deste

	Fev.	AHU_CU_005-01, Cx. 64, D. 12453.				
	22 Mai.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 36.	Galera Nossa Senhora da Soledade Santa Rita Estrela[67]	Capitão António José de Oliveira	Lisboa	"alguns Passaros, e huns Bixos"
	22 Mai.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 36.	Navio Santíssimo Sacramento[68]	Capitão Manuel Francisco Lavra	Lisboa	01 onça[69]
	27 Jul.	Rodrigo José de Menezes e Castro[70] AHU_CU_005-01, Cx. 66, D. 12551-12554.	Navio Santa Izabel Rainha de Portugal	Não identificado	Bahia	05 Patatibas; 08 Cardiaes; 05 Ferreiros; 08 Azuloens; 09 Curióz; 02 Galeiroéns; 04 Papirangas; 08 Papirangas pretas e pardas; 01 Croá azul claro e roxo; 52 Periquitos pequenos; 01 Orubú Réy; 01 Passaro Aquatico, q.' se ignora o nome
1788	06 Jun.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 67, D. 12952-12953.	Navio Príncipe Atlante	Mestre Pedro Gonçalves de Andrade	Bahia	01 Viveiro com 06 Rolas chamadas Fogo pagou, 06 Sofres, 02 Papapimenta, 02 Sanhacos azuis, 01 Papa aros; 01 Viveiro com 72 Perequitos pequenos chamados Tapacus; 01 Viveiro com 22 Canarios; 01 Viveiro com 02 Virvostas; 01 Viveiro com 13 Azuloens (nos repartimentos A, B, C, D, E), 14 Cardiaes (nos repartimentos F, G, H, J, L, M, N); 01 Viveiro com 02 Motuns;
	25 Jun.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 67, D. 12968-12970.	Navio Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Socorro e São Francisco de Paula	Mestre Manuel [Nunes] da Luz	Bahia	02 Viveiros com 48 Passaros pretos chamados Vira bostas; 04 Passaros brancos e pretos chamados Ferreiros; 01 Marreca
	09 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 68, D. 13066-13069.	Nau de Guerra Nossa Senhora de Belém	Mestre Bernardino José	Bahia	1º Viveiro: Compartimento no. 1 com 04 Azuloens, no. 2 com 01 Passaro cor de cravo, n.o 3 com 04 Azuloens, no. 4 com

ofício consta a seguinte anotação "14 set Relaçaõ de que trata esta carta se remeteo a Joaõ Roiz Villar em 24 de Maio de 1787". João Rodriguez Villar foi o superintendente Quintas Reais de Nossa Senhora da Ajuda e de Belém.

[67] Esta embarcação chegou a Lisboa, proveniente da Bahia, após 88 dias de viagem.

[68] Esta embarcação chegou a Lisboa, proveniente da Bahia, após 80 dias de viagem.

[69] Este animal morreu durante a travessia marítima para Lisboa.

[70] Neste ofício Castro comenta que "sendo em-maior quantidade tem morrido muitos pela rigoroza estaçaõ do inverno. Eu estimarei cheguem a prezença de Sua Magestade algúns dos ditos Passaros mais especiáes, pela sua raridade, e cores".

						06 Cardiaes, no. 5 com 10 Canarios, no. 6 com 10 Corios, no. 7 com 09 Canarios; 2º Viveiro[71] Compartimento n.o 8 com 01 Passaro de nome Cucaõ, n.o 9 com 01 Passaro de nome Cucaõ, n.o 10 com 01 Passaro de nome Cucaõ, n.o 11 com 01 Passaro de nome Cucaõ, n.o 12 com 01 Passaro de nome Cucaõ n.o 13 com 01 Passaro de nome Cucaõ; 3º, 4º e 5º Viveiros com um total de 136 Periquitos de testa amarela; 6º Viveiro com 49 Periquitos pequenos chamados Cuyubas; 7º Viveiro com 10 Periquitos Verdadeiros; 8º Viveiro com 18 Passaros chamados Papirangas; 9º Viveiro com 06 Passaros chamados Sofres, 32 Sanhaços; 10º Viveiro com 21 Rolas, 01 Passaro chamado Nambú; 11º e 12º Viveiros com 120 Pombas chamadas pucasus; 01 Viveiro de frexa com 04 Passaros chamados Joaõ Gongos (dando no total 415 Passaros[72]); 60 Periquitos de testa amarela; 05 Periquitos pequenos chamados Cuyubas; 04 Senhaços; 04 Cardiaes; 05 Rolinhas
	09 Set.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 53.	Navio Santíssimo Sacramento [Nossa Senhora do Socorro e São Francisco de Paula][73]	Capitão Manuel Nunes [da Luz]	Lisboa	02 Viveiros de passaros[74]

[71] Remessa mista com pássaros da Bahia e da África (Angola). Apesar desta remessa incluir apenas um exemplar proveniente da África no compartimento n.º 14 do 2º viveiro (01 Pássaro chamado Bico de lacas), que foi computado nas remessas referentes a Angola.
[72] Na relação assinada por Bernardino José foram omitidos na contabilização os 32 Sanhaços que foram juntamente com os 6 Sofrés no Viveiro 9 e o Nambú remetido com as 21 Rolas no Viveiro 10. Está computado neste valor o bico-de-laca (01 exemplar) que foi contabilizado na remessa referente a Angola.
[73] Esta embarcação chegou ao porto de Lisboa, procedente da Bahia, após 74 dias de viagem.
[74] O visitador do ouro, António Joaquim de Pina Manique, não informa a quantidade de pássaros recebido.

1789	16 Mar.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13186-13187.	Navio Nossa Senhora da Victoria e São José	Mestre João Pinto Franco	Bahia	03 viveiros com um total de 18 compartimentos: Compartimento 1 com 10 Cardeaes, 02 Pombas cascaveis; repartimento 2 com 10 Cardeaes; repartimento 3 com 11 Canarios; repartimento 4 com 15 Patativas; repartimento 5 com 13 Rollinhas; repartimento 6 com 02 Tocanos; repartimento 7 com 12 Rolinhas; repartimento 8 com 12 Rolinhas; repartimento 9 com 12 Rolinhas; repartimento 10 com 10 Rolinhas; repartimento 11 com 02 Aracuáns, 01 Pomba Verdadeira; repartimento 12 com 10 Rolinhas; repartimento 13 com 04 Virvostas; repartimento 14 com 04 Virvostas; repartimento 15 com 04 Azuloens; repartimento 16 com 04 Azuloens; repartimento 17 com 04 Sanhaços, 01 Tapiranga, 01 Papa pimenta; repartimento 18 com 02 Sofres
	16 Mar.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13188-13190.	Navio Nossa Senhora do Bom Despacho e São João	Mestre Manuel Francisco Lavra	Bahia	01 Onça
	01 Ago.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13314-13316.	Navio Santíssima Trindade e Santo António	Mestre José Moreira do Rio	Bahia	01 Quati merim; 01 Viveiro com 21 Azuloens; 01 Viveiro com 26 Cabocolinhos, Choroens e Corios, 02 Sanhaços; 01 Viveiro com 52 Canarios
	01 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13324-13325.	Galera Nossa Senhora da Conceição e São Francisco Xavier	Mestre António José de Sousa Painço	Bahia	01 Viveiro com 22 Cuyubas verdes, 17 Cardeais, 02 Pombas de asa branca; 01 Viveiro com 06 Pararis, 01 Araquán, 01 Galinhola, 01 Nambú; 01 Viveiro com 02 Motuns
1790	22 Mai.	Fernando José de Portugal e Castro	Navio Nossa Senhora das Dores e São Brás	Mestre Joaquim Manuel Gonçalves	Bahia	Viveiro 1: 04 Perequitos de testa vermelha (Caza 1), 04 Perequitos

		AHU_CU_005-01, Cx. 71, D. 13747-13748.				Verdadeiros (Caza 2), 01 Papa Aros (Casa 3), 29 Periquitos pequenos (Caza 4, 5, 6, 7, 8, 9); Viveiro 2: 08 Cardiaes (Caza 1, 2, 3), 16 Canarios (Caza 4, 5, 6), 08 Bigodes (Caza 7, 8, 9); Viveiro 3: 14 Rollas, 01 Nambú, 02 Pombas trocazes, 03 Pombas de aza branca (Caza 1), 13 Pararizes (Caza 2)
	07 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13885-13886.	Navio Nossa Senhora do Carmo e São José	Mestre José Gonçalves da Costa	Bahia	01 viveiro (compartimentos de 1 a 6) com 35 Periquitos pequenos, (compartimentos 7 e 8) com 02 Papa arros, (compartimento 9) com 07 Canarioz; 01 Viveiro (compartimentos de 1 a 6) com 25 Azuloens, (compartimentos 7 e 8) com 08 Coriós, (compartimento 9) com 05 Azuloens
	07 Set.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13887-13889.	Fragata Princesa do Brasil	Não identificado	Bahia	01 Viveiro com 15 Pombas azuis e 33 Cardiais; 01 Ema[75]
	15 Dez.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 72, D. 13904-13906.	Navio Grande Condestável de Portugal	Mestre Francisco Caetano da Cunha	Bahia	01 Onça em 01 Gaiola
1791	15 Jan.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 73, D. 14258-14259.	Navio São Manuel	Mestre José Pereira Neto	Bahia	01 Onça
	02 Abr.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 73, D. 14311-14312.	Galera Nossa Senhora do Carmo e Santa Rita	Mestre Manuel Gonçalves da Silva	Bahia	01 Viveiro com 12 Pombas Pucarûs; 01 Viveiro com 18 Rolas azuis, e 11 Pombas pardas
	04 Abr.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 74, D. 14313-14314.	Navio Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Victorio Gonçalves Rua	Bahia	05 Cardiaes; 16 Rolas Azuis; 20 Rolas pardas; 12 Perequitos Cuiubas; 30 Patatibas; 02 Viveiros em que vaõ ord.os
	13 Ago.	Fernando José de Portugal e Castro	Navio Nossa Senhora de Nazareth e São Miguel	Mestre José Moreira do Rio	Bahia	01 Onça

[75] Remessa mista com animais provenientes do Brasil (Bahia) e da Äfrica (Guiné).

		AHU_CU_005-01, Cx. 75, D. 14473-14474.				
1799	04 Abr.	Fernando José de Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 101, D. 19699.	Nau Maria Primeira	Mestre Manuel da Silva dos Santos	Bahia	01 Gayola 01 Orubú Rey[76]

[76] Capturado “nos Certoens da Villa do Lagarto Comarca de Sergipe de El Rey.

APÊNDICE VII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Espírito Santo (Brasil).

Figura 154: Cobra-coral (*Micrurus corallinus*) - Possível espécie remetida da Capitania do Espírito Santo para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Otávio Marques.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1789	15 Jul.	Fernando José Portugal e Castro AHU_CU_005-01, Cx. 69, D. 13271-13272.	Navio Nossa Senhora da Gloria e Senhor do Bonfim	Mestre Manoel António Honório	Bahia	48 Perequitos verdadeiros; 02 Sabiâs Cicas; 02 Jandaias de testa vermelha; 01 Cobra coral

APÊDICE VIII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes das Capitanias do Grão-Pará e de São José do Rio Negro (Brasil).

Figura 155: Galo-da-serra (*Rupicola rupícola*) – espécie proveniente da Capitania de São José do Rio Negro remetida para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Almir Cândido de Almeida.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1753	26 Nov.	Francisco Xavier de Mendonça Furtado AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.	Nau de Guerra São José	Capitão Rodrigo Ignacio de Barros e Alvim[1]	Pará	02 Tejejúz[2]; 02 Orubutingaz; 08 Motuns; 01 Cujubỹ; 04 Marrecoẽz; 01 Porco Montez; 01 Veado
	26 Nov.	Francisco Xavier de Mendonça Furtado AHU_CU_013, Cx. 35, D. 3308.	Nau Nossa Senhora da Arrábida	Capitão José Sanches de Brito[3]	Pará	01 Orumotú
1773	29 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 71, D. 6082.	Não identificada	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bittencourt	Pará	Em 02 capoeiras: 01 Tujûjû; 01 Motum; 01 Jacamim; 01 Jácû; 02 Aráras; 02 Serecûras[4]
	29 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 71, D. 6082.	Não identificada	Capitão Bernardo Franco	Pará	
1774	09 Mar.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.	Charrua Nossa Senhora das Mercês	Capitão António Jose Monteiro	Pará	04 Tojujuz grandes[5]; 09 Jaburuz[6]; 01 cauáuá[7]; 03 Orubuztingas, ou Orubuz Reys, sendo dous machos, e huma femea[8]; 02 Orubuz aréoas[9]; 01 Gaviaõ pexipexi[10]; 01 Japú[11]; 01 Tocano[12]; 04 Papagayos[13], cada hum em sua gayolla; 02 anacans[14], cada hum em sua gayolla; 01 Gurujuba[15], em sua gayolla

[1] http://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com.br/2014/06/portugal-no-seculo-xviii-o-absolutismo.html
[2] "que saõ douz grandissimos Passaros aimitaçaõ das nossas Segonhas".
[3] http://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com.br/2014/06/portugal-no-seculo-xviii-o-absolutismo.html
[4] Só existe uma descrição conjunta dos animais, não discriminando que animais seguiram em qual embarcação.
[5] Indicação à margem da lista de que "morreraõ".
[6] Indicação à margem da lista de que "morreraõ".
[7] "que he quazi similhante a os sobreditos". Indicação à margem da lista de que "morreraõ".
[8] Indicação à margem da lista de que "viveraõ".
[9] "que saõ mais pequenos, e de differente qualidade, que os sobreditos". Indicação à margem da lista de que "viveraõ".
[10] Indicação à margem da lista de que "morreu".
[11] Indicação à margem da lista de que "morreu".
[12] Indicação à margem da lista de que "morreu".
[13] "bons, e dos melhores do Estado".
[14] "que saõ huma especia de Papagayos, e com as cabeças, e pescoços de penna rouxa, e muito galantes".
[15] "em forma de Papagayo, e he quazi todo amarello".

						separada[16]; 01 Tamanduahi pequenino[17]; 02 sagoins pretos, e bons[18]
	09 Mar.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 72, D. 6120.	Corveta São Pedro Gonçalves	Capitão João do Espírito Santo	Pará	01 Capoeira grande com 01 Mutúm; 01 Orumutum[19]; 02 Jacamins; 02 Jacúz; 06 Goarazes[20]; 01 Colhereira; 01 Garça pequena; 02 Marrecoens; 03 Marrecas; 01 Marreca mais pequena; 01 Macarico; 01 Mayáuí; 01 Capoeira mais pequena com 06 Saracuras; 10 Quereruz; 01 Capoeira igual a sobredita com 10 Papagayos; 01 Capoeira maes pequena com 03 Rolas jurutiz; 01 Pombinha; 06 Periquitos; 01 Taytitú ou Porco do Mato[21], 03 Macacos cada hum de sua differente qualidade; 01 Capueira com 01 Tamandoá
	09 Jul.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6152.	Navio Nossa Senhora da Purificação	Piloto, e Pratico Joaquim José das Mercês	Pará	01 Capoeira grande: com 12 Magoariz; 01 Capoeira com 09 Garças brancas; 01 Goaráz; 18 Marrecoens; 01 Marréca; 01 Capoeira com 02 Saracúras; 02 Quereruz; 01 Picapáo; 01 Capoeira com 01 Cazal de Gallos da Cachoeira do Rio Negro[22]; Em gayollas proprias de papagayos: 05 Papagayos; 03 Anacãns;

[16] Destes sete Psitacídeos enviados tem a indicação, à margem da lista, “Vem hum Papagayo de Pescoço roxo; e dois ordinarios; os mais morreraõ”.
[17] “e de pelo alvadio, e he hum admiravel, e muito galante bixo”. Indicação à margem da lista de que “morreu”.
[18] Indicação à margem da lista de que “morreraõ”.
[19] “que so se differença do sobredito, em ser de cor parda”.
[20] “dous delles bastantem.te emplumados da pennas encarnada”.
[21] Único animal desta remessa que tem, à margem da lista, “viveo”.
[22] “dos quaes o macho he todo amarello, he hum passaro formozo, e dos mais raros, e exquizitos, que se conhecem no Estado. Foram os primeiros, que chegaraõ vivos á Cidade do Pará, e sendo mais os que se remetteraõ do Rio Negro, huns morreraõ pela viagem, e outros depois de terem chegado á mesma cidade: Porem se tem feito para o Rio Negro as maiores recomendaçoens, para se continuarem as remessas destes galantes passaros, que naõ deixaraõ de agradar muito, pela sua formosura, e raridade”.

						01 Grojuba[23]; Soltas: 01 Araruna[24]; 03 Aráras; 01 Capoeira com 01 Maracajá grande[25]; 01 Capoeira com 02 Pácas; 02 Cotias; Soltos: 01 Anta; 01 Veado; 06 Macacos; 01 Coaty
	19 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6167.	Charrua Nossa Senhora das Mercês	Capitão António José Monteiro	Pará	01 Capoeira grande com 01 Gaviaõ Real[26]; 02 Tejujúz[27]; 02 Capoeiras grandes com 07 Motúns; 03 Jacamins; 02 Jácúz; 02 Goarazes; 02 Colhereiras; 11 Papagayos; 01 Capoeira com 01 Inhuma, ou Ulecórne[28]; 02 Capoeiras com 01 pequenino Pavaõ[29]; 01 Pombo trocáz[30]; 01 Arapapá; 01 Taqueri; Soltas: 06 Aráras; 02 pequenas Capoeiras com 01 pequena Onça pintada; 01 Páca; Soltos: 02 Macácos
1775	18 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6188.	Navio Santa Anna, e São Francisco Xavier	Capitão Bernardo Franco	Pará	01 Capoeira com 01 Onça pequena; 01 Capoeira com 01 Rapôza; 01 Capoeira com 03 Mauguarîz; 01 Capoeira com: 01 Gaviaõ Reál; 01 Capoeira com 01 Acáuan[31]
	18 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6188.	Navio Nossa Senhora da Esperança, e Santa Rita, Luzitania	Capitão Dionísio Cardia da Fonseca	Pará	01 Capoeira grande com 03 Veádos; 01 Capeira com 01 Anta; 01 pequena Capoeira com 02 Enambûs; Em gayolas próprias de Papagayos: 02 Annacans

[23] “he huma especia de Papagayo, e quazi todo amarello”.
[24] “que he hum passaro formozo e todo de côr azul ferrete”.
[25] “que he huma especia de Onça”.
[26] “que he hum soberbo pássaro. Havia mais outro similhante a remetter-se, porem moreo quando estava a embarcar-se”.
[27] Chama-nos a atenção de em uma mesma capoeira terem sido colocado um Gavião real (rapineira) e dois Tejujúz.
[28] “he passaro formozo, raro, e dos melhores do Estado; e athé os esporoens, que tem na cabeça, e nos encontros das azas, servem de contra-veneno. Havia quatro para se remeterem, porem morreraõ tres antes do embarque”.
[29] “que he hum passaro muito galante”.
[30] “também muito galante”.
[31] “q’ he pássaro de contra veneno”.

	03 Fev.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 73, D. 6192.	Corveta São Francisco Xavier	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará	01 Capoeira com 02 Curicacas; 02 pequeninos Coatiperûs[32]
	17 Abr.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6213.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Piloto e Prático Joaquim José das Mercês	Pará	01 pequena gayólla com 01 Gallo das Caxoeiras do Rio Negro[33]
	17 Abr.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6213.	Charrua Nossa Senhora da Glória	Piloto e Prático Manoel Travassos	Pará	01 Capoeira com 09 Marrecôens; 11 Marrécas; 01 Capoeira com 03 Guarázes[34]; 01 Metum com pintas brancas; Soltos: 01 pequenino Veádo; 01 Maccáco
	27 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6227.	Galera São Pedro Gonçalves (da Companhia Geral do Comércio)	Capitão João do Espírito Santo	Pará	01 Capoeira com 01 Gaviaõ; 01 Capoeira com: 01 Garça[35]
	27 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6227.	Galera Nossa Senhora da Oliveira (da Companhia Geral do Comércio)	Capitão Manoel Luiz do Cabo	Pará	01 Anta; 01 Capoeira com: 02 Jacuz; 01 Motum; 01 Capoeira com: 03 Guarazes
	27 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6227.	Galera São Paulo (da Companhia Geral do Comércio)	Mestre Domingos António Chaves	Pará	2 Gayolas cada huma com seu Temtem
1776	05 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6266.	Charrua Nossa Senhora da Glória	Capitão Manoel Travassos	Pará	01 Capoeira com 01 Onça; 01 Capoeira com 01 Tracajá[36]; Soltos: 02 Macácos; 01 Capoeira com 03 Mutuns; 01 Capoeira com 01 Saracûra; Em gaÿola próprias de papagáÿos: 02 Papagáÿos; Soltas: 02 Aráraz
	07 Mar.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6296.	Navio Santa Anna, e São Francisco Xavier	Capitão Bernardo Franco	Pará	01 passaro chamado Urubutinga, e 01 Perequito dos especiaes

[32] “que saõ huns galantíssimos, e especiaes bichinhos”.
[33] “que por sêr novo, ou femia naõ vái complectamente amarélo, que hé a sua côr natural, e que fáz esta qualidáde de pássaros muito formózos”.
[34] “entre os quáes vai hum inteiram.te vermelho, e muito perfeito”.
[35] Fez parte desta remessa uma onça enviada pelo governador da Capitania do Mato Grosso, que está descrita no item correspondente a esta Capitania p. X e Anexo X.
[36] “que hé huma espécie de Onça”.

	04 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6313	Corveta São Pedro Gonçalves[37]	Mestre João do Espírito Santo	Pará	01 pequena Onça; 01 Galinho da Cachoeira do Rio Negro, emplumado de pardo, e naõ de amarello, porque supponho ser femea[38]
	02 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6329	Charrua [Nossa Senhora das Mercês]	Piloto, e Prático António José Monteiro	Pará	10 Marrecoens[39]
	15 Ago.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 75, D. 6338	Charrua Nossa Senhora da Glória	Capitão Manoel Travassos	Pará	02 Motuns; 01 marreca; 02 Aracuans; 01 Gorujuba; 01 Veado; 01 Tamanduá[40]; 01 pequenino Coatipurû
	12 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6359	Navio Nossa Senhora de Belém [e São João Baptista]	[Capitão-tenente Manuel da Cunha Betencourt]	Pará	01 Urúbutinga, ou Urubu Rey; 07 Papagayos; 01 Arára
	12 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6359	Navio [Nossa Senhora da Conceição], o Diamante	[Capitão Veríssimo Duarte Rosa]	Pará	01 Capoeira com 04 Mútuns; Solta: 01 pequena Ánta
	12 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6359.	Corveta São Francisco Xavier	[Mestre Francisco Jaques Caldeira]	Pará	01 Capueira com 01 Marrecaõ; 04 Marrecas; Solta: 01 pequena Ánta
1777	22 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6376	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Piloto e Prático Joaquim José das Mercês	Pará	02 especiáes Periquitos amarelos, com algumas pennas verdes, e outras azues; 01 Guarajuba[41]; 02 Motúns, sendo 01 dos chamados Penimas, ou salpicados de pintas brancas, que saõ assim raros, e especiaes; 01 Paca, muito mança
	23 Jan.	Francisco António de Madureira AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6378	[Charrua Nossa Senhora da Purificação][42]	[Piloto e Prático Joaquim José das Mercês]	Pará	Um dos maes Raros animaes destes Sertões 01 Sauim quaze branco, ou alvadio, com o fusinho, e orelhas

[37] Embarcação proveniente da África (porto de Cacheu, na Guiné). Apesar de Caldas ter remetido animais do Pará e São José do Rio Negro, em nenhum momento são citados os animais provenientes de Cacheu nesta mesma embarcação (01 Corça, 01 Gato de Algália e 05 Galinhas do mato).
[38] Calda cita no ofício que os animais estão sendo enviados "para servirem ao devertim.to das Reaes Quintas de Belem".
[39] Novamente é colocado que estes aves estão sendo enviados "para aumentarem o recreio dos seus Jardins".
[40] Sobre o tamanduá Caldas relata "q' dizendoseme se póde sustentar em óvos, na falta das formigas, seu unico, e natural alimento, lhe faço ésta matalotagem, para ver se consigo o gosto de chegar vivo, em observancia da Real Recõmendaçaõ, e poder na mesma Soberâna Prezença merecer o apreço da sua raridade".
[41] "taõbem galantissima, e com bastante semilhança dos sobredittos Periquitos, posto que hum pouco maior, sendo a sua cór amarela, e com algumas pennas verdes; e he mansíssima".
[42] Apesar de não existir indicação da embarcação nem do comandante a esta associado, esta referência deve fazer parte da remessa indicada no ofício de Caldas (AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6376). Apesar deste ofício estar datado de 22 de janeiro esta embarcação só partiu do porto do Pará (Belém) no dia 25 de janeiro. Os ofícios datados de 18 de setembro

						esvermelhadas, cor de Azarcao e m.to selebre pela sua Rara e vistoza figura[43]; 01 Macaco a q' chamaõ barrigudo, taõ-bem naõ vulgar pela sua mansidade, e indifrente paxorra
	07 Abr.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 76, D. 6394.	Navio Grão Pará	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará	02 dos exquizitos, e galantissimos Periquitos[44]
	21 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 77, D. 6412.	Galera Nossa Senhora de Nazareth, e Senhor do Bonfim	Capitão António Florêncio	Pará	01 Gayola com 02 Pássaros chamados Témtens, ou Rouxinóes[45]
	18 Set.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 77, D. 6456 / AHU_CU_013, Cx. 78, D. 6466.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Capitão Joaquim José das Mercês	Pará	01 dos especiáes Piriquitos[46]; 01 Macaquinho, ou Saguim[47]; 03 exquezitos Macacos
	17 Out.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 78, D. 6473.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bitencourt	Pará	01 Macaco grande, chamado Quatá[48]
1778	13 Fev.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6538.	Navio Grão Pará, da Companhia Geral do Comércio	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará	01 Capoeira com 01 Urûbutinga; 01 Capoereira com 04 Motuns; 01 Capoeira com 03 Araras; Solto: 01 Tajejú; 01 Capoeira com 01 Onça; 01 Capoeira com 01 Mocura, com seu filho; Soltos: 01 Veado; 01 Coati; 03 Macacos
	30 Mar.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6559.	Corveta São Pedro Gonçalves	Capitão João do Espírito Santo	Pará	01 Capoeira com 12 Marrecõens

(AHU_CU_013, Cx. 77, D. 6456 / AHU_CU_013, Cx. 78, D. 6466) abaixo citados corroboram esta informação fazendo referência a remessa de um sauim branco por Joaquim José das Mercês.

[43] Ao final do ofício existe uma explicação sobre o Sauim, "P.S. Fosse precizo lembrar qe o sauim naõ tem toda a docidade p.a se lhe poder pegar com o corpo, consente qe o cosem, e come de tudo, especialmte frutas, como laranja.

[44] "que com maior gosto agora remetto, por me persuadir, q' a milhôr Estaçaõ de tempo em que vaõ, lhe facilitará a sua chegada, como muito estimarei".

[45] "dos mais galantes, e especiáes, que por aqui se reconhecem; e que álem da lindeza das suas cores merecem taõbem estimaçaõ pella armonia do seu canto".

[46] "a q' V. Ex.a de Ordem de S. Mag.de me encarregou de adquirir, e inviar, como já tenho praticado em numeróza porçaõ".

[47] "taõbem muito galante, e de rara qualidade, semelhante a outro, que este mesmo Capitaõ conduziu na Viagem passada e me disse merecera de V. Ex.a particular estimaçaõ". Fazendo referência ao documento datado de 23 de janeiro acima citado.

[48] "por reconhecêr, q' os desta qualidade costumaõ merecêr maior estimação".

	12 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 79, D. 6576.	Navio Maranhão	Mestre António José de Carvalho	Pará	01 Capoeira com 34 Periquitos dos especiáes, e de diversas Côres[49]
	05 Dez.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6679.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Mestre Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará	01 Capoeria com 01 Maracajá, espécie de Onça; 02 Capoeira com 02 Gavioēns Reáes; 01 Capoeira com 02 Mutus penimas, ou salpicados de pennas brancas; 01 Cujubí; 01 Jacú; 01 Capoeira com 07 Periquitos; 01 Gayola de Papagaios: 01 Anacãa; 01 Cadéa com 01 Cachorro do Matto; Soltos: 06 Macacos; 02 Ságuins, dos bons
	05 Dez.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 81, D. 6681.	Navio Nossa Senhora do Carmo, e Santa Anna	Mestre Capitão Domingos Lopes da Silva	Pará	01 Capoeira com 01 Onça grande; 01 Capoeira com 13 Papagaios; 01 Maracanã; 02 Capoeiras com 06 Mutús pretos, e de fava; 01 Capoeira com 01 pequeño Gaviaõ, naõ dos Reáes; Soltas: 03 Araras; 01 Porquinho do Matto
1779	03 Abr.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 82, D. 6751.	Galera Nossa Senhora do Bom Sucesso, e Penha de França	Capitão Veríssimo Duarte Roza	Pará	01 Capoeira com 02 pequeninos Viados[50]; 01 Capoeria com 03 Marrecoens; 01 Mutú; 01 Cujubí; 01 Capoeira com 01 Pavaõzinho, dos da qualidade deste Paíz; 01 Capoeira com 01 Maracajá[51]; 01 pequenino Papagayo, com a cabeça azul, e por isso, hum pouco galante; 02 Piriquitos[52]

[49] “como vai hum taõ grande numero, e o tempo da Remessa he favoravel, espero que na viagem sejaõ bem sucedidos, e senaõ deminuaõ em forma, que deixem sempre de chegar em grande porçaõ”.
[50] “da qualidade que por V. Ex.ª me foraõ ultimam.te emcómendados”.
[51] “que hé como hum Gátto da especie de Onça”.
[52] “que posto naõ sejaõ dos mais Ráros que tenho Remetido, naõ saõ, contudo, dos ordinarios, nem pouco agradáveis”.

	14 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6769.	Charrua Nossa Senhora da Purificação	Capitão Joaquim José das Mercês	Pará	03 Ságuíns especiáes[53]; 01 Capoeira com 18 Piriquitos amarelos[54]; 01 Capoeira com 27 Piriquitos ordinários; 01 Sagúim[55]
	28 Jul.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6817.	Navio Príncipe da Beira	Capitão António José Monteiro	Pará	01 saguin de cór preta, com algumas malhas pardas, e taobem naõ pouco galante[56]
	01 Ago.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6820.	Navio Príncipe da Beira	Capitão António José Monteiro	Pará	02 dos especiaes Saguíns, e 01 dos pequenos veados[57]
	11 Set.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 83, D. 6846.	Navio Grão Pará	Capitão Tenente Manoel da Cunha Bitencourt	Pará	01 Anta
↓ ↓ ↓ ↓ ↓	24 Nov.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6879. Francisco Manuel de Andrade Moreira AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6925.	Navio Macapá da Companhia Geral do Comércio	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Pará	11 Periquitos dos especiáes da Capitania do Ryo Negro; 02 Saguíns dos de Cor alvadia, boca, e orelhas encarnadas; 01 Gátto do Mato[58]; 02 Maracajás, como Gatos da especie de Onças[59]
	24 Dez.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6899.	Navio Nossa Senhora de Belém, e São João Baptista	Capitão Luís António da Rocha	Pará	01 Capoeira com 03 Mutúns, indo 01 dos Pinimas, ou com pintas brancas; 01

[53] "que V. Ex.ª me tem recomendado de remeter; e havendo morrido algús dos que estavaõ promptos a mandar, estimarei que os sobredittos cheguem a salvamento para que naõ fique infrutuozo o desvelo com que, por aqui, tenho deligenciado a adquerillos".

[54] "que igualmente, me estaõ encomendados por V. Ex.ª, e tendo morrido bastantes, só de huã remessa de trinta que me vinhaõ da Cappitania do Ryo Negro, cheguei a receber cinco, que muito fez diminuir o numero dos que agora poderia inviar".

[55] "de deferente qualidade dos sobred.os, porem taõbem m.to especial, e sim.e a outro q' já mandei, e me consta naõ chegaraõ vivos".

[56] Castro informa neste ofício que "Allem dos especiáes Saguins que da recomendaçaõ de V. Ex.ª remetti na Charrúa Nossa Senhora da Purificaçaõ (referência a remessa de 14 de maio de 1779), tinha adquirido mais hum; para agóra nesta o mandar; porem morréo, e ficou assim incompleto o meu gosto, no desejo de o podêr enviar, como outras vézes tenho experimentado com estes Bixinhos de maior galantaría, e de mais dificuldade em se conseguirem. Na falta daquelle, vai, toda via, outro de differente qualidade, e de cór preta, com algumas malhas pardas, e taobem naõ pouco galante".

[57] "Tendo daqui largado, no dia 28 do proximo passado mês, o Navio de S Mag.e denominado Principe da Beira, e chegandome agora dous dos especiaes Saguíns, e hum dos pequenos veados, que [frase ilegível], immidiatamente, e sem demora algúa, mando entregar estes tres Bixinhos, para a S Ex.ª serem apresentados, ao Capitaõ do sobred.º Navio, por me persuadir que ainda [ilegível] a tempo de os receber, e de ficar eu no gosto de conseguir esta remesas".

[58] "m.to especial, e galante Bicho, e athé muito mansso".

[59] Esta remessa é de vital importância pois existe um ofício do desembargador e superintendente do sal de Setúbal, Francisco Manuel de Andrade Moreira, acusando a chegada do Navio Macapá ao porto de Setúbal ocorrida no dia 29 de janeiro de 1780, após 67 dias de viagem. No recibo de entrega dos animais o Capitão Manuel da Silva Tomás declara que chegaram "Sinco periquittos e huâ onça a que chamaõ Maracajás: os mais q.' constaõ de relaçaõ, morreraõ e com grande temporal e chuva, naõ se puderaõ apurar as peles". MOREIRA, F. M. de A. 1780 (29 de Janeiro). AHU_CU_013, Cx. 84, D. 6925.

						Capoeria com 01 Jacú; 01 Cujubi; 01 Capoeira com 04 Merrecoeñs; 02 Marrecas; Vaõ soltos, 01 pequeno Veado; 03 Macacos
1780	20 Jan.	Francisco Manuel de Almeida Moreira AHU_ACL_CU_013, Cx. 84, D. 6925.	Navio Macapá	Capitão Manoel da Silva Tomaz	Setúbal	05 Periquitos, 01 Onça a que chamaõ Maracajás
	04 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 85, D. 6985.	Navio Águia [e coração de Jesus] do Real Serviço	Piloto, e Pratico Joaquim José das Mercês	Pará	02 dos especiáes Saguins; 01 Macaco, chamado Guarapuçá
	14 Jun.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7001.	Corveta Nossa Senhora da Conceição, Santo António, e Almas	Capitão [António Duarte Lisboa]	Pará	01 Onça[60]
	14 Ago.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7031.	Fragata Nossa Senhora da Graça, e São João	Piloto, e Pratico António José Monteiro	Pará	04 Jacus; 03 Motúns; 01 Urubutinga; 01 Arára; 01 Anacaã; 01 Periquito; 02 Macacos; 02 Guarás
	30 Out.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 86, D. 7056.	Não identificada	Não identificado	Pará	Não especificada[61]
	28 Nov.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 87, D. 7090.	[Navio Santo António de Pádua]	Capitão José António dos Santos	Pará	01 Matamatá; 07 Papagaios; 02 Jacus; 01 Macaco; 01 Cuati[62]
1781	25 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 3, D. 214.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	02 Gayollas com 08 Periquitos [do Rio Branco]; 03 Rouxinoes do mesmo Rio Branco[63]

[60] "porém que sendo bastantemênte forte, e Reforçada, se tem conservdo athe agora muito doméstica, e mança".
[61] "Na prezênte occaziaõ continûo a remettér para essa Corte alguns Passaros e Animáes [não especificados] deste Estado, e novamente recomendados por V. Ex.ª na sua carta de 19 de julho do Corrente Anno. Já na passada monçaõ eu tinha praticado a mesma Deligencia, remettendo os que desse tempo se cunhavaõ promptos, bem que pela maior parte me segurassem que naõ seria possivel o chegarem alguns á Europa com vida.
Ainda agora mesmo eu deixo de enviar a V. Ex.ª outros que se fariaõ bastantemente recomendaveis pela deficuldade absoluta de suprir á sua subisistencia no Mar, tendo todo o cuidado recomendado de mandar acondicionar na melhór forma estes que vaõ".
[62] "Da rellaçaõ incluza será prezénte a V. Ex.ª o numero, e qualidade dos diversos Chirimbabos, que na prezente occasiaõ faço conduzir".
[63] "saõ tambem Passaros bastantemente galantes e que ainda de la naõ tinhao ido, nem Eu ainda os tinha visto".

	22 Jul.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 4, D. 224.	Não identificada	Manoel José da Cunha	Barcelos (Rio Negro)	02 Gayollas, 01 com 15 Periquitos do Rio Branco; e 01 com 01 Cazal de Gallos das Cachoeiras deste [Rio Branco][64]
	04 Set.	José de Nápoles Telo de Meneses[65] AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 127 e 128 Mf 037-97.	Não identificada	Não identificado	Pará	02 Coatis; 01 Macaco de raridade; 02 Saguim; 01 Guaruba[66]
	22 Set.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 4, D. 229.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	01 Rouxinol do Ryo Branco; 10 doz especiáes Piriquitos do mesmo Ryo.
	16 Nov.	José de Nápoles Telo de Meneses AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 164 e 165 Mf 037-97.	Navio Nossa Senhora da Conceiçaõ, e Rey David	[Capitão Manuel da Silva Tomás]	Pará	01 Onça[67]
	18 Dez.	José de Nápoles Telo de Meneses AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 191 e 192 Mf 037-97.	Não identificada	Não identificado	Pará	02 Gavioẽs Reaes; 04 Piriquitos [do Ryo Branco][68]
	1782 03 Jan.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 88, D. 7168.	Navio Invocação Santo António, Flor da Murta	Capitão Bernardo Franco	Pará	02 Capiváras; 01 Onça pequêna, a que chama neste Paíz Tracajá
	31 Jan.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 4, D. 240.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	01 Jacú; 04 grandes Papagayoz das mesmas Cachoeiroas deste Ryo [São Gabriel da Cachoeira]
	20 Abr.	José António Carlos de Avelar AHU_CU_020, Cx. 5, D. 243			Barcelos (Rio Negro)	02 Rouxinóes em huma gayolla; 04 Papagayos, sendo tres grandes, e hú mais pequeno; 02 Araras; 02 Saguiñs; 01 Guariba, de cabelo amarello.

[64] "deste, que saõ com o demais outros Passaros, os que unicamente tem escapado a termos da prezente Remessa; e sendo doz dous sobredittos Gallos o macho, o que pela sua figura, e lindeza dé côr, mais estimavel se faz".
[65] Neste ofício Meneses informa que seguindo ordens de Sua Magestade, não enviará mais macacos, araras e papagaios.
[66] "Por óra apénas posso remettér os poucos xirimbábos da rellaçaõ incluza".
[67] Meneses informa que "Os [dous] Gavioẽs [Reaes], e [quatro] Piriquitos [do Ryo Branco], naõ vaõ nesta occaziaõ pela má Conta q' o Capp.m deixou entendêr que daria delles, contentando se de satisfazer com as Peles, e as Cabeças; por cuja razaõ se arrisca somente a Onça."
[68] Estes animais já estavam em poder de José de Nápoles Telo de Meneses na cidade do Pará desde o dia 16 de novembro, conforme o ofício, AN Fd 89 Cod 99 V 3 Fl 164 e 165 Mf 037-97.

	14 Mai.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 88, D. 7208.	Não identificada	Não identificado	Pará	02 Roxinoes[69]; 04 Papagayos, sendo 03 grandes e 01 mais pequeno[70]; 02 Araras[71]; 02 Saguins[72]; 01 Guariba, de cabelo amarelo[73]. Sendo a relaçaõ acima, apropria, que veio de Rio N.º; se remette agora taõ somente 01 Urubú-tinga; 01 Urubú-Jaréba; 01 Cazal de Coelhos da Provincia de Santa Feé[74]
	23 Set.	José de Nápoles Telo de Meneses AHU_CU_013, Cx. 89, D. 7247.	Não identificada	Não identificado	Pará	01 Gaviaõ Real novo[75]
1783	24 Out.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 7, D. 299.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	01 Onça[76]; 01 Irara ou Cachorro do Mato; 02 Macacos com Coleiras, e Maõns Calçadas de branco
1784	06 Set.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 8, D. 349.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	22 Periquitos do Rio Branco, que proximamente dalli me chegaraõ, e remaneceraõ de hum mayor numero que se me mandou
	28 Out.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 8, D. 354.	Não identificada	Não identificado	Fortaleza da Barra do Rio Negro (Rio Negro)	20 Periquitos; 03 Patos; 01 Papagayo de alguá especialidade, pelas penas e differentas cores, que tem na cabeça, tudo vindo do referido Rio Branco

[69] À margem direita da relação consta a observação “hum chegou morto, e outro sem [ilegível]”.
[70] À margem direita da relação consta a observação: “02 vivos hum com hum pé Cortado e 02 Mortos”.
[71] À margem direita da relação consta a observação: “Naõ vaõ, por Ordem”.
[72] À margem direita da relação consta a observação: “Na vaõ, por m.to ord.os”.
[73] À margem direita da relação consta a observação: “morta”.
[74] É importante ressaltar que PAPAVERO & TEIXEIRA (2013, p. 141) levanta a hipótese de que as observações à margem direita do documento teriam sido feitas quando da chegada desta remessa a Lisboa, entretanto a análise do documento, principalmente da última folha do ofício, que não está transcrita no trabalho destes autores, os quais não citam em nenhum momento os Coelhos da Província de Santa Fé, mas, principalmente, pelo documento de José António Carlos de Avelar (AVELAR, J. A. C. de, 1782 (20 abril). AHU_CU_020, Cx. 5, D. 243) fica claro que estas mortes ocorreram quando da chegada dos animais ao Pará depois de serem enviados da Vila de Barcelos, na Capitania de São José do Rio Negro. Pelo ofício de Meneses “Da Relaçaõ incluza N.º 1.º verá V. Ex.ª as Aves, que com destinno ás Reáes Quintas, enviava ultimamente o Govern.or Joaõ Pereira Caldas, e os termos a que as mesmas se reduziraõ com a demóra do seu transporte. A relaçaõ N.º 2.º fará certo a qualidade, dos que prezentem.e remetto; rezervando-me a mandar, em outro Navio, hum Cazal de Coelhos da Provincia de Santa Feé, que fico procurando resgatar do máo sucesso, que experimentaraõ outros mais, que os acompanhavaõ, e que do Numero de Outo, se reduziraõ a trez taõ somente”, fica claro que só foram enviados do Pará os dois urubus.
[75] Este exemplar morreu durante a viagem.
[76] “ainda naõ de todo crescida, e em caza domesticada”.

	22 Dez.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 9, D. 361.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	02 Gayolas com 21 Periquitos do Rio Branco (compreendidos entre eles 01 diferente de alguá raridade, ainda que menor Galante. O diferente Periquito, allem de mais pequeno que os outros, distinguese em ter todo o peito de penas pardas, e destas algumas na cabeça e nas pontas das azas[77]
	25 Dez.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 5 Fl 370 e 171 Mf 038-97.	Navio Águia [Real e coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará	32 Periquitos do Rio Negro pintados da amarelo; 3 Pattos; 2 Muttuns; 1 Arara encarnada; 1 Papagaio de Cabeça Amarela; 1 Papagaio do Setaõ de testa encarnada; 02 lindos Macácos[78]
1786	17 Jan.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 4 e 5 Mf 038-97.	Galera Nossa Senhora da Conceição, Paquete	[Capitão João dos Banhos Souto]	Pará	01 Jaburú; 01 Guati; 02 Saracuras; 01 Pavaõ; 01 Mutúm
	17 Mar.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 25 e 26 Mf 038-97.	Galera Minerva e São Macário	[1º piloto Francisco Xavier da Silva]	Pará	01 Gaviaõ Real; 01 Mutum; 02 Jacúz; 37 Periquitos
	15 Abr.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 7 Fl 57 e 58 Mf 038-97.	Não identificada	Não identificado	Pará	01 Macaco, denominado Cayará; 02 Macacos de prego; 02 Jacúz; 01 Mutum; 01 Paca
	09 Jun.	António Joaquim de Pina Manique AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.	Galera Santa Isabel Rainha de Portugal	Capitão Boaventura Jorge Alves	Lisboa	01 Onça[79]

[77] Esta descrição referente ao "periquito diferente" foi importante para a possível identificação deste exemplar (Tabela X).
[78] No corpo do ofício está descrito "estimarey consiga o Then.e do Mar Antonio Jozé Monteiro, com dous lindos Macácos, que para o mesmo fim tambem lhe entrégo"
[79] O ofício de Manique, datado de 09 de junho relata que a Galera Santa Isabel Rainha de Portugal, do capitão Boaventura Jorge Alves chegou a Lisboa, vinda do Pará, após 52 dias de viagem. O único relato encontrado do envio de animais em um navio do Pará para a metrópole compatível com esta informação é o ofício de Martinho de Sousa e Albuquerque, datado de 15 de abril, acusando o embarque de animais, pois esta embarcação poderia ter zarpado do Pará após o dia 15 de abril e a visita do ouro ter sido realizada após a chegada da embarcação ao porto de Lisboa. Curioso é que o oficio de Manique relata que "O Cap.am conduz huns macacos, e alguns pássaros, q. morreraõ, existindo unicam.te huma Onça", e o ofício de Albuquerque descreve o embarque de 03 macacos, 03 aves ("pássaros") e uma Paca! Como o documento de 15 de abril não cita nem o nome da embarcação nem do seu comandante estamos considerando estas duas remessas como independentes.

	18 Ago.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 11, D. 438.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	03 Capoeiras, em que separadamente vaõ 01 Maracajá, especie de Onça; 01 Urubutinga; 16 Periquitos do Rio Branco[80]
	30 Nov.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 33.	Navio São Sebastião[81]	Capitão Francisco Vaz de Carvalho	Lisboa	01 Onça; 01 Gaviaõ Real; 05 Periquitos
1787	04 Mai.	João Pereira Caldas AHU_CU_020, Cx. 13, D. 486.	Não identificada	Não identificado	Barcelos (Rio Negro)	01 pequena Capoeira com 01 Cuatiperú[82]; 01 Capoeira com 01 pequenino Pavaõ[83]; 01 Capoeira com 12 Periquitos especiaes do Rio Branco; Solta: 01 Arára[84]; 04 Papagayos[85]
	29 Out.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 8 Fl 192 e 193	Galera Nossa Senhora da Luz	Primeiro Piloto Manoel Franco	Pará	03 Macácos; 01 Cuatá; 01 Onça; 01 Anacan; 04 Piriquitos e 01 Arára
1788	29 Fev.	Antonio Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 43.	Galera Nossa Senhora da Conceição, Rei David[86]	Capitão Sebastião Luís Viana	Lisboa	01 Onça
	24 Mar.	Martinho de Sousa e Albuquerque AN Fd 89 Cod 99 V 9 Fl 32 a 34. / Luis Pereira da Cunha AHU_CU_013, Cx. 97, D. 7726.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará	03 Saracuras[87]; 02 Urubus[88]; 01 Taỹassu Coáporá[89]

[80] “estes similhantes a muitos outros, que por differentes vezes tenho enviado”.
[81] Esta embarcação, proveniente da cidade do Para, chegou a Lisboa com 65 dias de viagem, muito provavelmente estes animais estão associados à remessa realizada de Barcelos no dia 18 de agosto.
[82] “que por ter o pelo de cor cobre dourada me pareceo por isso de alguma especialidade”.
[83] “dos natuaes do Paíz, que naõ deixaõ de ser, bastantemente galantes”.
[84] “pela deversidade de cores das suas penas, bastantemente agradável”.
[85] “Em gayolas proprias de Papagayos todas de pão vermelho do Rio Negro, das cores, e qualidades seguintes: 01 que sendo formozo no Corpo, o fáz parecer hum pouco raro, o ter o bico, e os péz brancos, como ainda naõ vi outros e o ter na cabeça huma grande Coza de penas de diversas cores, 01 que tambem naõ hé dos ordinarios, visto ter pelo côrpo bastantemente matizado das mesmas diversas cores de penas, 02 que pela mesma diversidade de plumagem nas cabeças, e pela que azulada tem pelos pescoços, naõ saõ similhantemente dos ordinarios
[86] Embarcação procedente do Pará chegando a Lisboa com 63 dias de viagem.
[87] “Huma femia, e douz maxos, que se conhecem pela diferença do tamanho, e Canto mais vagaroso. Todas saõ domesticadas”.
[88] “cazal, o maior he o maxo, a que chamaõ Corvo. Saõ domesticados”.
[89] “Isto he Porco do Matto. Foỹ domesticadas”.

	27 Nov.	Luis Pereira da Cunha AHU_CU_013, Cx. 98, D. 7785. / AN Fd 89 Cod 99 V 9 Fl 157 e 158.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará	01 Gayolla com 02 Mattá-mattás[90]; 01 Tracajá[91]; 01 Jaboty aperema[92]; 01 Taÿassu Caápora[93]; 01 Taÿtitú[94]
1790	12 Jul.	Luis Pereira da Cunha AHU_CU_013, Cx. 99, D. 7906. / AN Fd 89 Cod 99 V 11 Fl 105 e 106 Mf 039-97.	Charrua Águia [Real e Coração de Jesus]	Tenente do Mar António José Monteiro	Pará	01 Mattámatta vivo[95]

[90] "He uma especie de tartaruga tem o pescoço muito comprido e chatto. Comese".
[91] "He outra especie de tartaruga mais mediana, e com a conxa mais convessa, vaõ os seus ovos no volume Nº 13".
[92] "He huma terceira especie dos Jabotis ou Tartarugas da terra, comese mas hé nocivo".
[93] "He o Javalÿ de cá".
[94] "He outro Javalÿ".
[95] "que hé huma especie de Tartaruga da Terra [em uma Cêlha]".

APÊNDICE IX – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Maranhão (Brasil).

Figura 156: Queixada (*Tayassu pecari*) – Espécie que consta na relação dos exemplares remetidos da Capitania do Maranhão para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas, durante o século XVIII. Foto: Klaus Rudloff.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1773	19 Jul.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4563.	Navio São Luís	Capitão Ignácio Luiz da Silva	Maranhão	02 Capueiras de Passaros dos Campos do Miarim[1], onde me constou os havia em mais especiaes[2]
1774	12 Mar.	Joaquim de Melo e Póvoas[3] AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4615	Não identificada	Não identificada	Maranhão	06 Marrecas; 03 Pombas; 04 Saracuras; 01 Jacami; 01 Mutum; 01 Arara; 01 Teiÿû; 01 Sururina
	26 Abr.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4619.	Corveta não identificada	Mestre Manoel Luís do Cabo	Maranhão	02 Gayollas, huma com 01 Seriema, e a outra com 01 Rapoza
	08 Jun.	Joaquim de Melo e Póvoas[4] AHU_CU_009, Cx. 47, D. 4640.	Não identificada	Capitão José de Oliveira Bulhão	Maranhão	07 Mutuns; 05 Inambûs[5]; 04 Marrecas e 02 Araras
	20 Set.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4660.	Galera não identificada	Capitão António Leonardo	Maranhão	02 Onças, huma mayor[6], e outra mais pequena a q.ˡ he domestica; 01 Guaximî; 02 Mutuns e 11 Marrecas
1775	26 Abr.	Joaquim de Melo e Póvoas[7] AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4734.	Navio Diamante [Galera Nossa Senhora da Conceição]	Capitão Verissimo Duarte Roza	Maranhão	Capoeira nº 1: 01 Anta; 01 Guati Munde e 01 Paca; Capoeira nº 2: 02 Viados; Capoeira nº 3: 02 Mutuns; Capoeira nº 4: 26 Marrecas; 2 Jacús e 2 Jassanans; Capoeira nº 5: 2 Cutias

[1] O Rio Mearim forma a maior bacia hidrográfica do Maranhão. Este rio deságua no Oceano Atlântico através da Baía de São Marcos que banha a cidade de São Luís.
[2] Apesar do ofício de Póvoas fazer referência a uma relação inclusa na qual consta o nome dos pássaros; esta relação, contudo, inexiste, entretanto, no texto do ofício o governador diz que "o Cap.ᵐ podera declarar os nomes dos mesmos Passaros".
[3] Póvoas cita que "sempre hirey continuando na mesma dilligencia remettendo todos os [pássaros] que poder alcançar, inda que sem esperanças de poder adquerir Picaflores, tanto pela sua raridade, como pela impossibilidade da sua sustentaçaõ".
[4] Póvoas relata neste ofício que "Tenho continuado a diligencia de adquirir Passaros para as Quintas de S. Mag.ᵉ, e me tem continuado tambem o dissabor de ver morrer os mais especiaes, e as Antas que tinhaõ vindo de Parnayba, remettendo por isso so os Passaros que constaõ da Rellaçaõ incluza".
[5] Sobre estas aves Póvoas descreve que "Os chamados Inambus saõ os Perdizes desta terra, cujo gosto he o mesmo que o das deste Reyno. Estimarey que cheguem vivos, e que ahi multipliquem por ser estimavel cassa".
[6] Uma carta de Póvoas (1774 (20 de setembro). AHU_CU_009, Cx. 48, D. 4661) escrita no mesmo dia do ofício que descreve a relação de animais embarcados na Galera sob a responsabilidade do Capitão António Leonardo relata que "Hindo-se a passar a Onça grande que acuza a carta rellativa a remessa dos Bichos, e Aves que vaõ nesta occaziaõ, para Gayolla mais bem acondicionada, morreo de raivoza, ferrando os dentes em um pao". Este episódio foi utilizado por Ricardo Ferreira Ribeiro (RIBEIRO, 2006) como título de um importante trabalho que relata o tráfico de animais no Brasil Colônia "A triste e malsucedida epopeia transatlântica da onça que 'morreo de raiveza, ferrando os dentes em hum pao'".
[7] Neste ofício Póvoas declara que "Guardando para o melhor tempo a remessa dos Bichos, e Aves, tenho tido o grandissimo dessabor de aqui morrer muitos, e os melhores, e os que escaparaõ, remetto nesta occaziaõ, por me parecer a Estaçaõ mais propria para que ahy cheguem os ditos Bichos, e Aves".

1776	03 Mai.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 50, D. 4881.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Mestre Manoel Luiz do Cabo	Maranhão	01 Onça; 01 Coati; 01 Porco chamado Taititú; 01 Porco chamado Taiassuité; 01 Mutum; 02 Jacamins e 04 Papagayos[8].
1777	22 Abr.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 51, D. 4940.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira	Mestre Cipriano de Madureira	Maranhão	01 Veado; 02 Porcos do Mato; 01 Cotia e 03 Motuns
1778	27 Fev.	Joaquim de Melo e Póvoas AHU_CU_009, Cx. 52, D. 5005.	Não identificada	Capitão Feliciano dos Santos	Maranhão	01 Onça
1781	02 Jun.	António de Sales e Noronha AHU_CU_009, Cx. 57, D. 5306.	Galera Santo António de Lisboa	Capitão Francisco Jaques Caldeira	Maranhão	02 Antas; 01 Gaviaõ Real
1783	17 Fev.	António de Sales e Noronha AHU_CU_009, Cx. 59, D. 5449.	Navio Francesinha	Não identificado	Maranhão	01 macaco branco apanhado no rio Gurupin[9] na Capitania do Pará
1786	13 Fev.	José Teles da Silva AHU_CU_009, Cx. 67, D. 5842.	Charrua São João Baptista	Mestre António Francisco de Castro	Maranhão	01 Onça pequena; 01 Ave de Rapina chamada Orubutinga[10]
	08 Set.	José Teles da Silva AHU_CU_009, Cx. 67, D. 5903 /	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim[11]	Capitão Manoel Correia Santiago	Maranhão	01 cazal de Onças[12]; 01 Passaro chamado Orubutinga[13]
	03 Nov.	Antônio Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 32	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim[14]	Capitão Manoel Correia Santiago	Lisboa	01 Onsa
1788	06 Abr.	Fernando Pereira Leite de Foio AHU_CU_009, Cx. 71, D. 6149	Bergantim Santo António Protector	Capitão José Jorge	Maranhão	01 Orubu Real
	25 Jun.	Antônio Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 49.	Bergantim Santo António Protector[15]	Capitão José Jorge	Lisboa	01 gaiola com 01 Uribú
1790	14 Mai.	Fernando Pereira Leite de Foios AHU_CU_009, Cx. 75, D. 6466.	Galera Santo António	Não identificado	Maranhão	01 Passaro Orubútinga

[8] Com a seguinte observação “entre os quais vaõ tres Papagayos m^to especiaes”.
[9] O Rio Gurupi estabelece a divisa territorial de grande parte da fronteira que delimita o atual Estado do Maranhão com o Estado do Pará.
[10] “a que outros daõ o nome de Orubû Rei, a qual eu estimarei chegue viva, porque he hum passaro aqui mesmo raro, e dificulttozo de apanhar, e que talvez naõ haja ainda nos viveiros das Quintas de S. Magestade, para os quaes cuidarei em ajuntar todos os que se poderem alcançar em virtude das ordens de V. Ex.^cia”.
[11] Proveniente do Rio de janeiro através o Porto do Maranhão, onde os animais foram embarcados. Após os reparos realizados no navio o mesmo seguiu para Lisboa.
[12] “saõ da melhor especie, e da qualidade mais feróz porque tendo sido apanhadas ainda bebendo leite, naõ tem perdido esta sua natural condiçaõ; e como naõ tem ainda o anno feito, haõ de crescer muito mais”.
[13] “chamado Orubutinga na lingoa dos Tapuyos, da mesma especie, de que ja remeti outro a V. Ex.^a, e estimarei muito, que tudo chegue vivo, pois eu recomendo ao M.^e do dito Navio, que tenha todo o cuidado nestes animais, que morrem nestas viagens ordinariamente, por omissaõ, e negligencia das pessoas que os trataõ”.
[14] O Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim, do capitão Manuel Correia Santiago, chegou a Lisboa proveniente do Maranhão, com 41 dias de viagem.
[15] O Bargantim Santo António Protector, do capitão José Jorge, chegou ao porto de Lisboa após 79 dias de viagem.

APÊNDICE X – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Mato Grosso (Brasil).

Figura 157: Onça (*Panthera onca palustris*) – espécie enviada da Capitania do Mato Grosso para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. O exemplar chegou vivo à Capitania do Grão-Pará de onde foi reenviada para Lisboa. Foto: Charlesjsharp.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1775	27 Jun.	João Pereira Caldas AHU_CU_013, Cx. 74, D. 6226.	Galera São Pedro Gonçalves (Companhia Geral do Comércio)	Capitão João do Espírito Santo	Pará	01 Onça

APÊNDICE XI – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania da Paraíba (Brasil).

Figura 158: Ema (*Rhea americana*) – espécie proveniente da Capitania da Paraíba remetida para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Geiser Trivelato.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1764	24 Nov.	Jerónimo José de Mello e Castro AHU_CU_014, Cx. 23, D. 1748.	Corveta não identificada	Não identificado	Paraíba	01 Onça; 01 Porco montes; 02 Pacas que tem faixas pintadas de branco pelas costas; 02 Cutias; 02 Sauguins; 02 Papagaios contrafeitos; 02 Araras[1]
1771	13 Abr.	Jerónimo José de Mello e Castro AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1908.	Não identificada	Não identificado	Paraíba	02 Emas (cazal)[2]
1773	28 Abr.	Jerónimo José de Mello e Castro AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1944.	Galera não identificada	Não identificado	Paraíba	Não identificada[3]
1774	20 Jul.	Jerónimo José de Mello e Castro AHU_CU_014, Cx. 25, D. 1957.	Não identificada	Não identificado	Paraíba	Não identificada[4]

[1] Neste documento Castro cita que “naõ envio mais e passaros q.’ p.ª esse fim tenho destinado porque falta acomod.º no pequenhes da Curveta”.
[2] Apesar do ofício fazer referência aos “passaros da relaçaõ junta” esta relação anexa ao documento não existe; entretanto no ofício Castro menciona estar “persuadido de que algum, como seja o cazal das Emas possa ser estimado p.ª a produçaõ”.
[3] No ofício Castro relata que “Em virtude do R.l Avizo de 16 de Abril do presente anno Respectivo á Remessa dos Passaros, fiz as Recomendaçoens possiveis aos principaes caboz doz Sertoens, para os diligenciarem. A pequinhéz da presente Galera, e incompetente [ilegível] em q’ há de chegar a esse Porto me faz suspender a Remessa de alguns, q' iraõ na primeira oportunid.e”
[4] No ofício Castro relata que “Em cumprim.to do R.l Avizo de cinco de Outubro passado escrevi com a mais forte efficacia aos Cabos dos Sertoens para me inviarem os passaros, e animaes Recomendados. Constame que fizeraõ, e estaõ fazendo dilig.ª, mas infrutifera, que morrem quazi todos: Vai os da relaçaõ incluza [não consta do documento], e continuarei a Remessa que me for possivel”.

APÊNDICE XII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania de Pernambuco (Brasil).

Figura 159: Mutum-de-Alagoas (*Mitu mitu*) – Espécie proveniente da Capitania de Pernambuco remetida para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII; encontrando-se atualmente extinta em estado natural. Fonte: Seção de Aves do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1754	27 Mai.	Luís José Correia de Sá AHU_CU_015, Cx. 76, D. 6368.	Não identificada	Não identificado	Pernambuco	01 Anta, 02 Pacas (cazal)[1]
1765	06 Abr.	Antônio de Sousa Manoel de Meneses AHU_CU_015, Cx. 102, D. 7936.	Navio Nossa Senhora do Rosário e São José	Capitão José Ribeiro Corso	Pernambuco	01 viveiro com 55 passaros da terra (15 Cabeças vermelhas chamados Cardeas; 01 Papa arroz todo negro; 01 Cabeça coroada de pretto e cor vermelha; 03 Pintassilgos; 06 Papa Capim prettos te a cabeça; 02 Curijos (01 pretto, e outro pardo); 06 Bicudos de varias cores prettos, e pardos; 15 Patativas de cor aural e pardas; 06 Canarios (Trez amarellos, e trez pardos); 01 Macaco[2]
1773	08 Jun.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 114, D. 8784.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco	01 Anta; 01 Onça pintada pequena; 04 Motuns; 01 Jacú; 01 Viveiro com 05 Cardeaes, 12 Canarios, 08 Patativas, 01 Bigodinho, 01 Papa capim, 04 Bicudos, 14 Corijóz, 01 Azulam; 01 Viveiro com 02 Cardeaes, 15 Canarios, 04 Patativas, 02 Bicudos, 01 Corijó, 01 Pintacilvo; 01 Arara[3]
	05 Ago.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8798.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem [e Corpo Santo]	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco	34 Cardeaes; 42 Patativas; 29 Canarios; 14 Corijos pardos; 06 Bicudos pardos; 06 Bicudos cabeças, e papos pardos, e o mais corpo preto; 06 Azuloens; 04 Papas

[1] “que he huá das boas cassas do matto que há no Brazil”.
[2] Remessa mista com animais de Angola e de Pernambuco (Brasil). Optou-se por incluir o único mamífero desta remessa nos animais provenientes de Pernambuco pelo fato de não constar, em nenhum momento, a descrição de Macacos provenientes de Angola.
[3] Remessa mista com animais de Pernambuco (Brasil) e África, os exemplares oriundos de Pernambuco estão claramente individualizados com o termo “da terra”, os demais, provenientes da África foram computados nas remessas referentes a Angola, Guiné e São Tomé e Príncipe.

						capins cinzentos; 07 Sabiáz mirins pardos[4]
	02 Set.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8800.	Navio da Coroa Nossa Senhora da Glória e São Joaquim	Piloto José Bernardino	Pernambuco	100 Passaros (52 Cardeaes; 29 Papa arroz; 19 Corijoz)
	16 Nov.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8826.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco	01 Viveiro com Passaros da terra (64 Papa arroz pretos)
	16 Nov.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8825.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José	Capitão Manuel Martins do Rosário	Pernambuco	01 Viveiro com 71 Papa arroz de papos encarnados
	16 Nov.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8824.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco	01 Viveiro com 49 Passaros (15 Cardeaes de Campina de Cabeça vermelha; 10 Papa arroz pretos; 23 Corijós; 01 Canario da terra)
	16 Nov.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8823.	Navio Nossa Senhora da Conceição	Primeiro Piloto José Francisco Perné	Pernambuco	01 Viveiro com 72 Passaros (65 Cardeaes de Campina; 07 Papa arrozes de papos vermelhos)
1774	29 Jan.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 115, D. 8843.	Navio Nossa Senhora da Luz	Mestre José Gomes Ribeiro	Pernambuco	204[5] Passaros (78 Papa arroz pretoz; 09 Cardeais; 03 Picudos; 12 Papa arroz de papo encarnado; 48 Canarios da terra; 07 Patativas; 30 Papa capins; 14 Cabocolinhos; 02 Canindes; 01 Seriema); 03 Pacas; 01 Porco do mato “a que os naturaes chamaõ Teitatú”.
	01 Mar.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8861.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem	Mestre Carlos José de Araújo dos Santos	Pernambuco	Passaros: 90 Canarios da terra; 16 Cardeaes; 03 Cabocolinhos;’12 Papa capins; 08 Patattivas; 02 Pardaes da terra; 04 Corijos Bixos: 01 Teyuasú; 02 Gamos; 01 Cotía

[4] Remessa mista com animais provenientes de Pernambuco (Brasil) e de Angola. Os animais que constam nesta remessa foram divididos, segundo sua provável origem. Os “Piriquitos”, citados nesta remessa foram incluídos nos exemplares provenientes de Angola pelo fato das remessas oriundas de Pernambuco, até a presente data, não citarem esta categoria de ave, ao contrário das remessas provenientes de Angola que já vinham exportando estas aves. Os periquitos começam a aparecer nas remessas de Pernambuco a partir de 1780 juntamente com outros exemplares de aves provenientes do Sertão.

[5] A soma relatada no manuscrito consta o valor de 294, entretanto são descritos 204 pássaros; com o acréscimo de mais 04 mamíferos dá um total de 208 animais remetidos enquanto o manuscrito contabiliza 298 (erro de cálculo de quem contabilizou os valores da relação anexa ao ofício).

	30 Mar.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8865.	Navio Senhor Bom Jesus de Bouças	Mestre Bento Ribeiro Maciel	Pernambuco	01 Paca; 01 Tartaruga
	30 Mar.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8865.	Navio Nossa Senhora do Bom Sucesso	Mestre Manuel Pires de Carvalho	Pernambuco	02 Onças
	14 Abr.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8873.	Navio [Nossa Senhora da] Boa Viagem e Corpo Santo	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco	110 Passaros (01 Mutúm; 43 Cardeaes; 27 Papas arros negros; 03 Papas arros de papo encarnado; 109 Canarios; 14 Papas capim; 02 Bicudos; 02 Corijos; 03 Papas arroz com papo pardo, e cabeça; 02 Pattativa choraõ; 04 Pattativas)
	31 Mai.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8882.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Paraíso	Mestre Miguel Rodrigues Colaço	Pernambuco	36 Cardeaes; 67 Canarios; 02 Pacas
	23 Jul.	Manuel Inácio da Cunha e Meneses AHU_CU_015, Cx. 116, D. 8904.	Navio Nossa Senhora da Glória	Mestre Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco	01 Capoeira com 01 ave que parece galinha; 01 Viveiro com 87 Passaros (27 Cardeaes; 06 Papa Arrozes de papo encarnado; 17 Papa Arrozes de papo preto; 36 Canarios da terra)
	07 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 117, D. 8963. / AHU_CU_015, Cx. 117, D. 8951	Charrua da Coroa Nossa Senhora da Conceição	Capitão José Francisco Perné	Pernambuco	01 Viveiro com 73 Passaros (27 Cardeaes; 10 Passaros negros; 02 Passaros de Papo encarnado; 17 Canarios; 03 Papa arros Com papo pardo, e cabeça; 03 Papas Capim; 01 Bicudo; 06 Petitiva choraõ; 03 Corijos)[6]
1775	19 Jan.	AHU_CU_015, Cx. 118, D. 9026.	Navio Santíssimo Sacramento	Mestre Joaquim Gomes dos Santos	Pernambuco	108 Passaros (18 Cardeaes; 04 Papos encarnadoz; 06 Bicudos; 08 Papa Arroz; 08 Papa Capim; 18 Pintasilgos (Saõ os Pretos, e Amarelos); 31 Canarios; 11 Corijôz; 01 Azulaõ; 02 Pardos; 01 Pintarroxo); 01 Erubû Rey; 01 Quandû

[6] Remessa mista com pássaros provenientes de Pernambuco (Brasil) e de Angola. Nesta remessa aparece, entre os pássaros enviados, uma Viúva. Apesar deste termo poder ser empregado para denominar espécies brasileiras encontradas em Pernambuco, como a Viuvinha - *Arundinicola leucocephala* e a Saíra-viúva – *Pripaeidea melanonota*, estas espécies apresentam hábitos alimentares basicamente insetívoros e frutívoros, não condizentes com as espécies granívoras normalmente enviadas. Entretanto, por ser a Viúva um pássaro frequente nas remessas oriundas da África, optamos por contabilizar este exemplar, apesar de constar apenas um indivíduo, nos dados relativos a Angola.

	05 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 118, D. 9061.	Navio Nossa Senhora da Boa Viagem e São José	Mestre Carlos José de Araújo dos Santos	Pernambuco	40 Passaros da terra (09 Azuloens; 04 Papos vermelhos; 27 Cardeaes)[7]
	20 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9095.	Navio Nossa Senhora do Bonsucesso	Mestre Manuel Pires de Carvalho	Pernambuco	03 Viados[8]
	31 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 119, D. 9121.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Mestre Joaquim dos Santos Andrade	Pernambuco	09 Papos vermelhos; 13 Papa-arrozes; 06 Cardeaes; 25 Canarios; 03 Bigodinhos; 17 Curijós; 02 Papa capinz; 03 Churoens; 06 Cabocolinhos; 04 Pintasilgos; 01 Bicudos; 04 Jacúz; 02 Mutúns
	15 Jul.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 120, D. 9168.	Navio da Coroa São José e Nossa Senhora da Conceição	Comandante José Francisco Perné	Pernambuco	04 Pacas
	09 Dez.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 121, D. 9249.	Navio Olinda e Santo António	Mestre Joaquim Francisco Belém	Pernambuco	04 Marrecas; 01 Porco bravo; 01 Onça
1776	06 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9284.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e São José e Santa Ana	Mestre Francisco Lopes Xavier	Pernambuco	02 Tartarugas
	20 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9318.	Navio Santo António Voador do Mar	Mestre José Francisco Campos	Pernambuco	01 Anta
	03 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 122, D. 9346.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres	Mestre Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco	01 cazal de Emas; 06 Zabeléz
	18 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 123, D. 9352.	Navio São Nicolau	Mestre José Luís Pereira	Pernambuco	08 Cardeáes; 46 Canarios; 10 Curijós; 17 Papa Capim; 02 Patativas; 01 Anta das ordinarias
	30 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 124, D. 9455.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Mestre Manuel Ferreira Vieira	Pernambuco	01 Viveiro com 160 Passaros da qualidade dos que há nesta Capitania (Canarios, Papacapins, Corijós e Cardeaes)[9]
1778	27 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 129, D. 9786.	Navio São Boaventura e São José	Capitão Joaquim José de Lima	Pernambuco	03 Jacús; 01 Mutú

[7] Remessa mista com animais provenientes de Pernambuco (Brasil), discriminados como “Passaros da terra” e de Angola, referidos como “Passaros vindos de Angola”.
[8] Remessa mista com animais provenientes de Pernambuco, constituído pelos “viados” e de Angola (pássaros).
[9] Remessa mista com pássaros do Brasil (Pernambuco), levando também viveiros com pássaros de São Tomé e Príncipe.

	07 Dez.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9913.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Manuel Martins do Rozário	Pernambuco	02 Porquinhas chamadas do mato
1779	03 Fev.	José César de Meneses[10] AHU_CU_015, Cx. 132, D. 9952.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco	05 Veadinhos
	05 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 133, D. 9967.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Bom Jesus de Bouças	Capitão Francisco José Teixeira	Pernambuco	04 Viadinhos
	20 Abr.	José César de Meneses[11] AHU_CU_015, Cx. 133, D. 9998.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco	04 Cotias
	04 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 133, D. 10005.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Pernambuco	03 Viadinhos
	17 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10039.	Navio Nossa Senhora dos Prazeres e Bom Jesus d'Alem	Capitão Theodozio da Cruz Veloso	Pernambuco	02 Viadinhos
	17 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10039.	Navio Santo António Voador do Mar	Capitão José Francisco Campos	Pernambuco	02 Viadinhos
	15 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 134, D. 10067.	Navio São Boaventura e São José	Capitão Joaquim José de Lima	Pernambuco	03 Viadinhos
	05 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 135, D. 10087.	Fragata da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	02 Viadinhos
1780	22 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 135, D. 10136.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Pernambuco	04 Jacús; 01 cazal de Porcos do Mato (Porquinhos brabos)
	07 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10149.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Paulo António dos Santos	Pernambuco	02 Quatins-miris[12]
	07 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10166.	Navio Olinda e Santo António	Capitão Joaquim Francisco Belém	Pernambuco	01 Viadinho

[10] Meneses relata "Que do Brazil tem hido a essa Corte huma quantidade de Sauguins amarelos, ou cor de perola; e se nesta Capitania se descobrirem alguns desta qualidade, Eu os remeta sem perda de tempo, recomendando muyto aos Capitaens dos Navios, q' os levem comtoda a cautela, pelo pirigo, q.' correm de morrer no caminho. E que sucessivamente mande pelos Navios, q' sahirem deste Porto alguns viados dos mais pequenos, q' aqui houver; e das diferentes qualidades, q' se poderem descobrir, com tanto que naõ sejaõ grandes. [...] Quanto aos Sauguins amarelos, ou cor de perola naõ sei q' os haja nesta Capitania; tenho porem mandado ja fazer as mayores diligencias por eles, e estimarei infinito q' se descubraõ para os mandar á prezença de V.' Ex.ª com-as cautelas, q' V. Ex.ª recomenda".

[11] Neste Ofício Meneses relata que "Continúo a fazer procurar os Viadinhos, e Sauguins amarelos, e logo q' se descubraõ terei o gosto de-os remeter".

[12] "Pela singularidade, e galantaria q.ᵉ tem esta especie de Saugins de voltarem a cauda sobre a cabeça, onde lhe fica servindo de trunfa, ou turbante [...] e ao dito Capitaõ mandei os mantimentos deq.ᵉ usaõ os referidos Bichinhos, q.ᵉ saõ frutas, côcos, e Machaceira".

	03 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 137, D. 10226.	Navio Tejo e Santo António	Capitão Carlos José de Araújo	Pernambuco	01 Viadinho
	03 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10256.	Charrua Providência	Capitão José dos Santos Alcântara	Pernambuco	03 Jacús
	02 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10274.	Corveta Nossa Senhora da Oliveira e Santa Ana	Capitão José Luís Pereira	Pernambuco	16 Periquitos
	02 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10274.	Galera Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula	Capitão Nicolau José Teixeira	Pernambuco	03 Jacus; 02 Mutuns
	02 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10274.	Navio Nossa Senhora da Nazareth e Santa Ana	Capitão António Luís da Piedade	Pernambuco	04 Cotias; 04 Macacos
	27 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Pernambuco	01 Viveiro com 114 Passaros de varias qualidades; 01 Viveiro com 57 Cardeaes, Bicudos, Azuloens, e Papa-arroz; 01 Viveiro com 30 Rolas, e Pombas do Sertaõ [e] 32 Periquitos de trez qualidades; 07 Viados; 02 Araras; 02 Canindes; 02 Papagayos contrafeitos
	27 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.	Paquete da Coroa Nossa Senhora do Carmo e São José	Comandante Luís António Portela	Pernambuco	06 Patos brabos do Sertaõ; 01 Onça
	27 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 138, D. 10291.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	02 Guaribas; 01 Quandu; 01 Preguiça
1781	27 Jan.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 139, D. 10306.	Corveta São José e Santo António	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco	02 Viveiros com 08 Cutias
	13 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 139, D. 10322.	Navio Nossa Senhora do Monte do Carmo e Santa Ana	Capitão Manuel de Sousa Castro	Pernambuco	01 Capivara[13]
	16 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 140, D. 10371.	Navio Nossa Senhora da Conceição	Capitão Pedro Francisco Ramos	Pernambuco	01 Orubú Rey
	21 Jul.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 141, D. 10391.	Navio São Luís Afortunado	Capitão José Gomes Ribeiro	Pernambuco	01 Seriema[14]

[13] "Especie de Porcos, q' costumaõ andar em Rios, dónde passam algumas vezes a terra, e fazem grande destruição nos canaviaes".
[14] "q.' tem a galantaria de cantar todas as vezes q.' sente estrepito de sinos, ou campainhas".

	09 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 141, D. 10402.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Socorro	Capitão Vitorino Correia	Pernambuco	01 Guandu; 04 Rolas do Sertaõ
	20 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 142, D. 10438.	Navio Voador Santo António	Capitão José Francisco Campos	Pernambuco	01 Onça; 01 Capivara; 02 Mocós
	20 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 142, D. 10438.	Navio Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula	Capitão Nicolau José Teixeira	Pernambuco	03 Jancenans; 02 Rolas do Sertaõ
	06 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 142, D. 10453.	Corveta Nossa Senhora dos Prazeres e Santíssimo Sacramento	Capitão Francisco da Silva Bicho	Pernambuco	24 Rolas (da ilha de Fernando [de Noronha]
1782	15 Jan.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10509.	Navio Tejo e Santo António	Capitão Carlos José de Araújo	Pernambuco	03 Porquinhos do Mato
	01 Fev.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10518.	Corveta São José e Santo António	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco	13 cazaes de Marrecas de bico vermelho
	15 Fev.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 143, D. 10522.	Navio Nossa Senhora da Piedade e Santa Ana	Capitão Vicente Pereira dos Santos	Pernambuco	03 Viadinhos; 05 Jacus
	13 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 144, D. 10548.	Navio Santo António Cisne	Capitão António Coelho Pereira	Pernambuco	02 Mutús; 01 Porquinha do Mato
	23 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 144, D. 10576.	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Feliz Borralho	Pernambuco	01 Cazal de Porquinhos do Mato (descreve a alimentação de dois Saugins amarelos que morreu antes indo empalhados)
	03 Jul.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 145, D. 10599.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	01 Paca; 01 Quatĩ Mondé
	12 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 145, D. 10618.	Galera Nossa Senhora da Luz e Corpo Santo	Capitão José Gervário de Moura	Pernambuco	02 Pacas
	20 Dez.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 146, D. 10666.	Navio Santo António Neptuno	Capitão Francisco José Teixeira	Pernambuco	02 Emas; 02 Porcos do Mato; 01 Anta
1783	03 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 147, D. 10742.	Navio Santo António Voador do Mar	Capitão Manuel Lázaro Leitão	Pernambuco	08 Passaros[15]; 04 Rolas trocazes do Sertaõ

[15] Remessa mista com pássaros de Pernambuco (Brasil) e Angola. Meneses cita que embarcou “trinta e oito Passaros de diversas cores vindos do Reyno de Angola, e mais oito desta terra para hir cheyo o Viveiro”.

	02 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 148, D. 10797.	Navio Santo António Delfim	Capitão António Leonardo de Mendonça	Pernambuco	01 Viadinho; 01 Seriema
	30 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 149, D. 10858.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	01 ave chamada Cacuãm
1784	24 Jan.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 150, D. 10893.	Charrua da Coroa Nossa Senhora do Pilar e São João Baptista	Comandante Gregório de Sousa Brito	Pernambuco	01 cazal de Emas; 06 Jacús
	09 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 150, D. 10923.	Galera Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Joaquim José Gomes dos Santos	Pernambuco	02 Porquinhos do Mato; 01 Anta
	26 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 151, D. 10933.	Galera Nossa Senhora do Rosário e Santo António	Capitão António Lourenço dos Santos	Pernambuco	06 Potrioens (q' parecem ser huma particular espécie de Patos)
1785	14 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11097.	Corveta Águia do Douro	Capitão Bernardo Pereira de	Pernambuco	03 Porquinhos do mato
	10 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11110.	Navio Santo António Neptuno	Capitão João Vieira Marques	Pernambuco	01 Anta
	12 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11119.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Carmo	Capitão Francisco Xavier Vidal	Pernambuco	01 Onça
	23 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 154, D. 11141.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José Flor do Mar	Capitão José dos Santos Lopes	Pernambuco	01 cazal de Marrecas; 01 Seriema
	24 Set.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11174.	Navio Nossa Senhora do Rosário e Santo António	Capitão Francisco José da Silva	Pernambuco	01 Onça
	29 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11208.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	02 Onças; 04 Jacus; 01 Viveiro com 20 Passaros chamados Cardeaes de cabeça vermelha
	18 Dez.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 155, D. 11224.	Navio Nossa Senhora da Caridade	Capitão Francisco José de Sampaio	Pernambuco	02 Viveiros de Passaros de varias qualidades (01 com 60 Passaros, 01 com 14 Passaros); 01 capoeira com 08 Pombos Trocazes do Sertaõ
1786	21 Fev.	AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11244.	Navio Real Pedro	Capitão José João Gonçalves	Pernambuco	01 Viveiro com 85 Passaros de varias qualidades; 01 capoeira com 12 pombas

						brabas de aza branca do sertaõ; 02 Jarutis de bico encarnado
	27 Fev.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11250.	Corveta São José e Santo António	Capitão António Rodrigues Pessoa	Pernambuco	02 Quatîz
	02 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.	Navio Santos Mártires Triunfo do Mar	Capitão António Luís da Piedade	Pernambuco	03 Viados (manços creados amaõ); 01 Viveiro com 55 Passaros de varias qualidades (“entrando neste numero 15 de cabeça vermelha a q.’ chamaõ Cardeaes”)
	02 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.	Navio Perola do Mar	Capitão Francisco Xavier Vidal	Pernambuco	01 Anta
	02 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11271.	Navio Santo António Cisne	Capitão Antonio Pereira Coelho	Pernambuco	01 Porco do Mato
	10 Abr.	António Joaquim de Pina Manique AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11277.	Navio Real Pedro[16]	Capitão José João Gonçalves	Lisboa	02 viveiros de passaros
	02 Mai.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11284.	Navio Pensamento Feliz	Capitão Raimundo Xavier	Pernambuco	01 Capibara; 01 Tatú (creado em caza muito manso)
	09 Jun.	António Joaquim de Pina Manique AHU_CU_084, Cx. 1, D. 25.	Navio Santos Mártires Triunfo do Mar[17]	Capitão António Luís da Piedade	Lisboa	01 Viveiro de Passaros; 02 Corsas
	14 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11307.	Navio Mercurio	Capitão José de Azevedo Santos	Pernambuco	03 Mutuns; 01 Viadinho (muito manço creado amaõ)
	14 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11307.	Navio Nossa Senhora de Madre de Deus e Santa Ana	Capitão Ignacio José Baptista	Pernambuco	01 Viveiro com 86 Passaros (chamados Canarios, Curijós, e papacapins)
	28 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 156, D. 11314.	Navio Nossa Senhora da Oliveira e São José	Capitão Feliciano José Pereira	Pernambuco	01 Viveiro com 86 Passaros (chamados Canarios, Curijós, e papa capins.
	13 Jul.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11327.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Comandante José Lopes dos Santos	Pernambuco	02 Quatîs
	13 Jul.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11327.	Navio Nossa Senhora do Rosário, Prazeres e Almas	Capitão Salvador de Sousa Braga	Pernambuco	01 Quandú
	25 Ago.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11346.	Galera Boa União, Jesus, Maria e José	Capitão José Francisco Belém	Pernambuco	03 Viveiros com 310 Passaros de varias qualidades (a saber: Cabeças vermelhas,

[16] Esta embarcação chegou a Lisboa, proveniente de Pernambuco com 44 dias de viagem.
[17] Esta embarcação deu entrada no porto de Lisboa, proveniente de Pernambuco após 65 dias de viagem.

						Patativos, Curijós, Canarios e Papa arroz); 01 capoeira com 36 Rolas e Pombas de Aza Branca do Sertaõ; 01 capoeira com 03 Quandûz.
	23 Out.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 157, D. 11376.	Navio Santíssima Trindade	Capitão José da Costa Azevedo	Pernambuco	02 Porcos do mato; 01 piquena onça
	07 Dez.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 158, D. 11398.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante Gregório de Sousa Brito	Pernambuco	04 Hemas[18]; 06 Porcos do Matto[19]; 06 Jacus[20]; 02 Onças[21]
1787	07 Mar.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11431.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição	Capitão Joaquim José Gomes dos Santos	Pernambuco	01 cazal de Jacûs; 01 cazal de Mutûs; 01 Tartaruga (em 01 tina)
	14 Abr.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11455.	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António	Capitão João Feliz Borralho	Pernambuco	02 Porcos do mato
	21 Mai.	José César Meneses. AHU_CU_015, Cx. 159, D. 11481.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Capitão José Lopes dos Santos	Pernambuco	03 Jabutîs
	22 Mai.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 36.	Navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição[22]	Capitão Joaquim José Gomes dos Santos	Lisboa	01 Tartaruga; Alguns Passaros.
	31 Jul.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 39.	Paquete da Coroa Nossa Senhora da Glória, Remédios e São José	Capitão José Lopes dos Santos	Lisboa	03 Jabutins
	12 Nov.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 161, D. 11554.	Paquete Nossa Senhora do Monte do Carmo e São José	Comandante Luís António Portela	Pernambuco	01 Viveiro com 90 Passaros de varias qualidades (do Paiz).
1788	18 Fev.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11615.	Charrua Príncipe da Beira	Comandante Gregório de Sousa e Brito	Pernambuco	02 Passaros 01 de peito amarelo chamado Calindé, 01 de peito azul chamado Araruna.

[18] No recibo consta “Todas morreraõ”.
[19] No recibo consta “morreraõ trez”.
[20] No recibo consta “morreo hum”.
[21] No recibo consta “fogio huá”.
[22] Esta embarcação deu entrada no porto de Lisboa, proveniente de Pernambuco, após 70 dias de viagem.

	12 Mar.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 162, D. 11638.	Navio Real Pedro	Capitão José João Gonçalves	Pernambuco	01 Viadinho “com a raridade de ter as pontas cheias de cabelo”.
	07 Jun.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 164, D. 11716.	Corveta Águia do Douro	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Pernambuco	02 Pacas
	14 Jul.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 50.	Navio Nossa Senhora do Livramento e Santo António[23]	Capitão João Teles Borralho	Lisboa	01 bicho chamado Guandum mirim
	19 Ago.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 165, D. 11756.	Navio Santa Ana Vigilante	Capitão Dionísio Cardia da Fonseca	Pernambuco	01 Viveiro com 24 Passaros de diversas qualidades; 01 Ema; 01 Onça; 02 Viadinhos.
	26 Ago.	António Joaquim de Pina Manique AHU_ALC_CU_084, Cx. 1, D. 52.	Corveta Águia do Douro[24]	Capitão Bernardo Pereira de Sousa	Lisboa	“Trazia duas Cotias, q’ diz huá fugira outra morrera”
	03 Nov.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 166, D. 11805.	Charrua Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perne	Pernambuco	01 Tigre
1789	05 Fev.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 168, D. 11876.	Fragata São João Baptista	Capitão José Maria de Medeiros	Pernambuco	01 Onça[25]
	03 Mar.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 168, D. 11899.	Navio São Marcos	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Pernambuco	02 Pacas “muyto manssas”
	26 Jul.	Tomás José de Melo[26] AHU_CU_015, Cx. 170, D. 11998.	Navio Nossa Senhora do Rosário e Prazeres	Capitão José Joaquim de Sousa	Pernambuco	01 Anta
1790	26 Mar.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 172, D. 12135.	Navio São Marcos[27]	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Pernambuco	01 Lontra
1791	24 Dez.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12510.	Corveta Nossa Senhora da Conceição	Capitão José da Cunha Moreira	Pernambuco	01 Onça
1792	21 Jan.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12518.	Navio Neptuno	Primeiro Piloto Comandante	Pernambuco	01 Anta

[23] A embarcação, proveniente de Pernambuco, deu entrada no porto de Lisboa após 73 dias de viagem.

[24] A embarcação, proveniente de Pernambuco, chegou a Lisboa após 76 dias de viagem.

[25] “a mais mansa que se pode encontrar, porque até consente que lhe pegue quem nunca avio”.

[26] Tomás José de Melo relata, em ofício datado de 11 de agosto (AHU_CU_015, Cx. 170, D. 12014.) que “Tendo embarcado no Navio Nossa Sernhora do Rosario, e Prazeres do Capitaõ Joze Joaquim de Souza huma Anta, e havendo este Navio perdido as agoas por se lhe ter embaraçado a sua sahida com os rigorozos ventos q.’ tem feito, agora me dá parte o dito Capitaõ q.’ amencionada Anta arrombando a capoeira em q.’ hia emhuma noite de escuro, e ventosa se lançara ao mar sem ser vista depessoa alguma: oq.’ participo a V. Ex.ª para ficar sciente da cauza porq.’ naõ vay a dita Anta, conforme avizei a V. Ex.a em carta de vinte e seis de Julho proximo preterito”.

[27] O ofício de Tomás José de Melo faz referência ao Navio São Marcos, entretanto o recibo assinado por Victorio Gonçalves Rua denomina a embarcação como navio Serra Grande.

				Manuel Pinto Franco		
	12 Mar.	Tomás José de Melo AHU_CU_015, Cx. 179, D. 12541.	Navio Nossa Senhora da Conceição e Bom Jesus dos Navegantes	Capitão Francisco Coelho Pereira	Pernambuco	01 Onça
1800	? Jan.	D. José [da Cunha Azeredo Coutinho] AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.	Navio Pensamento Ligeiro	Não informado	Pernambuco	01 Anta
	? Jan.	D. José [da Cunha Azeredo Coutinho] AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.	Nau não identificada[28] (no mesmo comboio do Navio Pensamento Ligeiro)	Não informado	Pernambuco	02 Emas (cazal); outros pássaros [Araras, Papagaios, Mutuns, Cujubýs e Inambús].
	07 Nov.	Alexandre Rodrigues Ferreira[29]	Não identificada	Não informado	Lisboa	01 Veadinho do Brazil; 01 Pôrco Taititú; [algumas] Araras e Papagaios[30]; umas capoeiras de Mutuns, Cujubýs, Inambús[31]. Além de 02 Emas (morreram)[32] e 01 Anta (morreu)[33]

[28] Coutinho em carta datada de 03 de julho cita o envio da anta pelo Navio Pensamento Ligeiro, que partiu de Pernambuco em Janeiro, assim como o envio de um casal de emas e outros pássaros que seguiram em uma nau, não identificada, do mesmo comboio do Navio Pensamento Ligeiro.
[29] Neste documento de Alexandre Rodrigues Ferreira descreve os animais que chegaram a Lisboa durante o ano de 1800.
[30] Referente a remessa de D. José [da Cunha Azeredo Coutinho], 1800 (? de Janeiro). AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.
[31] Estes animais foram remetidos para Queluz.
[32] Referente a remessa de D. José [da Cunha Azeredo Coutinho], 1800 (? de Janeiro). AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.
[33] Referene a remessa de D. José [da Cunha Azeredo Coutinho], 1800 (? de Janeiro). AHU_CU_ 015, Cx. 217, D. 14730.

APÊNDICE XIII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Rio de Janeiro (Brasil).

Figura 160: Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*). Espécie proveniente da Capitania do Rio de Janeiro, comprovadamente incorporada às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas. Fonte: Água, Vida & Cia – Fernando José de Souza.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1763	30 Dez.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483.	Nau Nossa Senhora Madre de Deus	Capitão Francisco Manuel Aires	Rio de Janeiro	04 Mottús
	30 Dez.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 70, D. 6483.	Fragata Nossa Senhora da Atalaya	Capitão Luís de Castro	Rio de Janeiro	01 Alicorne
1764	14 Jul.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6576.	[Charrua Nossa Senhora da Purificação]	Capitão Francisco Duarte Serra	Rio de Janeiro	01 Cardial Dominicano; 02 Antas[1]
	20 Set.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 72, D. 6615 / AHU_CU_017, Cx. 73, D. 6636.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro	Pássaros[2]
1765	09 Fev.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 74, D. 6716.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro	Pássaros[3]
	10 Mar.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 74, D. 6747.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro	Pássaros[4]
	04 Jul.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6801 / AHU_CU_017, Cx. 75, D. 6803.	[Nau Nossa Senhora da Natividade]	Capitão Domingos Manuel Lobo	Rio de Janeiro	06 Jacús; 01 Socó; 01 Gaviaõ; 02 Soquazes[5]
1767	18 Ago.	Antônio Álvares da Cunha AHU_CU_017, Cx. 82, D. 7319.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro	02 Melros[6]
	21 Dez.	Antônio Rolim de Moura Tavares AHU_CU_017, Cx. 84, D. 7438.	Nau Nossa Senhora da Ajuda e São Pedro de Alcântara	Capitão Bernardo Carneiro Alcáçovas	Rio de Janeiro	13 Passaros de cores[7]
1781	13 Mar.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 26 e 27.	Galera Nossa Senhora da Nazareth e Senhor do Bonfim	Mestre José Dias de Castro Mascarenhas	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico com rede de arame com 06 Saracuras, 06 Inhambús; 01 Viveiro de vinhatico com rede de arame com 12 Pombas Juritis; 03

[1] Remessa mista com animais provenientes da África (Angola) e do Rio de Janeiro (Brasil).
[2] A relação anexa com a descrição dos pássaros, citada no ofício, não existe.
[3] A relação anexa com a descrição dos pássaros, citada no ofício, não existe.
[4] A relação anexa com a descrição dos pássaros, citada no ofício, não existe.
[5] Remessa mista com aves de Angola e do Rio de Janeiro (Brasil). Optou-se por colocar o Socó e os Soquazes nos dados referentes ao Rio de Janeiro por serem pássaros que se alimentam de peixes, sendo muito improvável que tendo sido embarcados em Angola chegassem vivos a esse porto; a inclusão do Gavião nos animais provenientes do Rio de Janeiro é justificada pois o mesmo é citado ocupando o mesmo viveiro do Socó.
[6] Remessa mista com pássaros de Angola e do Rio de Janeiro (Brasil). No ofício Cunha relata que "o n.º delles era m^to mayor porem a viagem daquele Reyno [de Angola] p.ª o Brazil lhe foi contraria e nella morreraõ quaae todos".
[7] Como não existe nenhuma referência ao envio e recebimento destes exemplares da África, os mesmos foram incluídos nas remessas relativas ao Rio de Janeiro.

						Macácos chamados Barbados em suas correntes[8]
	22 Mar.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 44 e 45.	Corveta Nossa Senhora da Conceição e São Bento	Mestre Gabriel Alves da Silva	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico com sua rede de arame com 11 Piriquitos, 02 Maitacas; 01 Viveiro de vinhatico com sua rede de arame com 02 Coatis, 02 Sagoíns
	06 Abr.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 52 e 53.	Navio Nossa Senhora da Penha de França e Aurora	Capitão Manoel Ribeiro Pontes	Rio de Janeiro	01 viveiro de vinhatico, com rede de arame com 04 capoeiras, 03 tucanos; 01 viveiro de madeira vinhatico, com rede de arame com 05 jacus; 03 papagaios, em suaz gaiolas de pau, prezos em correntes
	17 Mai.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 90.	Navio São Pedro de Rattes	Capitão José Antunes	Rio de Janeiro	Pássaros e animais quadrupedes[9]
	19 Mai.	Luiz de Vasconcelos e Sousa AHU_CU_017, Cx. 115, D. 9482 / ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 97.	Navio Jesus, Maria e José	Capitão João Rite	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico, com rede de arame com 04 Juós, 03 Saracuras; 01 Viveiro de vinhático com rede de arame com 14 Maitacaz, 08 Piriquitos
	25 Mai.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 108 e 109.	Galera Nossa Senhora da Oliveira	Capitão Francisco Lopes Xavier	Rio de Janeiro	09 Papagayos em suaz Gaiolaz de pau, prezos em corretes de arame amarelo; 01 Arara em sua Gaiola de pau, preza em corrente de ferro.
	25 Mai.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 110 e 111.	Galera Nossa Senhora de Nazareth e Santa Ana	Capitão José Francisco de Macedo	Rio de Janeiro	01 viveiro de vinhatico, com rede de arame com 01 Capivara
	21 Jun.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 113 e 114.	Navio Nossa Senhora da Conceição e São José	Capitão Victorio Gonçalves Rua	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico com rede de arame de ferro forrado de folha de Flandez, com o comedor forrado de chumbo com 05 Cotiaz; 01 Viveiro de vinhatico com rede de arame de ferro com 09 Maitacaz, 12 Periquitos

[8] Acompanha a descrição do "sustento para os ditos: Quatro alqueires de Arros em casca; Dous ditos [alqueires] de Milho; Hum dito [alqueire] de Arros pilado; Hum dito [alqueire] de Feijam preto; Cinco sacos em que vam os ditos Mantim.tos".
[9] A relação anexa com a descrição dos animais e pássaros, citada no ofício, não existe.

	03 Jul.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 127 e 128.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico, com rede de arame de ferro e duas fexaduras com 04 Macucús, 02 Jacutingas, 01 Jacú
	06 Ago.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 166 e 167.	Navio São José Príncipe da Beira	Capitão Nicolau Correa Alves	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico, com rede de arame de ferro, e duas fechaduras com 40 Piriquitos; 01 Viveiro de vinhático com seu comedouro tudo passado em folha de Flandes, e rede de arame de ferro com 05 Cotias
	21 Ago.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 176 e 177.	Corveta Santa Rosa Paquete da América	Capitão José Joaquim da Costa	Rio de Janeiro	01 Viveiro grande de madeira de vinhático com rede de arame de ferro com 01 Anta; 01 Viveiro de madeira de vinhatico, com rede de ferro com 02 Viados
	28 Ago.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 231 e 232.	Navio Nossa Senhora do Loreto e São José	Capitão Nicolau Rodrigues dos Santos	Rio de Janeiro	01 Viveiro de madeira de vinhatico forrada de folha de Flandes, e o comedouro, com rede de arame de ferro com 01 Paca; 01 Capoeira de madeira de canela, com duas dobradisas de ferro com 02 Porcos do matto em
	28 Ago.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 233 e 234.	navio Santa Rosa e Senhor do Bomfim	Capitão Joaquim José de Oliveira	Rio de Janeiro	01 Viveiro de vinhatico, com rede de arame de ferro, e duaz fexaduras com 11 Saracuras; 01 Capoeria de vinhatico com dobradisas de ferro com 02 Gattos do mato
	18 Dez.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 4 Fl. 264 e 265.	Navio Diana	Capitão Luís Cipriano Rabelo	Rio de Janeiro	01 Capoeiroa de madeira com 01 Ónsa
1782	13 Abr.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 141 e 142 / ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 145 e 146.	Charrua da Coroa Príncipe da Beira	Comandante José Francisco de Perné	Rio de Janeiro	02 capoeiras de pau com 02 Viados, 03 Porcos do mato; 01 Viveiro de vinhatico forrado com folha de Flandes com rede de arame com 01 Paca; 01 Viveiro com duas fixaduras com 04 Gavioéns; 01 Viveiro q.' veio na d.ª Charrua com 02 Jacutingas, 01 Jacú; 01 Viveiro vindo na m.ma Charrua com 03 Pombas, 01 Macúcu; 01 Viveiro

						de vinhatico com rede de arame e duas fixaduras com 06 Saracuras, 02 Guatís mundeos; 01 Viveiro de vinhático com rede de arame com 01 Caburé, 01 Socó em; 01 viveiro mais pequeno com 04 Tucanos
	04 Out.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 5 Fl. 235 e 236.	Navio São José Príncipe da Beira	Capitão Nicolau Correa Alves	Rio de Janeiro	01 capoeira com 01 Anta; 01 viveiro de vinhático com rede de arame de ferro, e seu comedouro, tudo forrado de folha de Flandes com 01 Paca; 01 viveiro com duas Grades de arame de ferro, com sua fixadura com 08 Marrecas do mato
1783	18 Mar.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 6 Fl. 36 e 37.	Navio Santíssimo Sacramento	Capitão Luís da Cunha Moreira	Rio de Janeiro	01 Viveiro de Sedro, com grade de arame de ferro e sua fixadura com 03 Jacútingas; 01 Viveiro de Sedro com 06 Marrecos do mato; 01 Viveiro de Sedro com 02 Jacúz, 01 Macúco
1785	16 Fev.	Luiz de Vasconcelos e Sousa AHU_CU_017, Cx.125, D. 10025.	Navio Nossa Senhora do Pilar	Capitão José Francisco de Perné	Rio de Janeiro	100 Passaros[10] [11]
1786	05 Mai.	Luiz de Vasconcelos e Sousa	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Mestre Manuel Correa Santiago	Rio de Janeiro	02 Soquôs[12]

[10] Neste ofício Sousa relata que "Naõ tendo perdido nunca de viata o empenho, que Sua Mag. de mostra na remessa de Passaros vivos do Brasil, há muito tempo, que apezar dos grandes dificuldades, que se aprezentaõ, se naõ tem poupado diligencia alguma para se conseguir este fím. Á forsa do cuidade, e da habilidade de Francisco Xavier Cardozo Caldeira, tenho conservado entre hum excessivo numero, que tem morrido, cem destes Passaros costumados a comer dos mantimentos mais vulgares, e que melhor podem sustentalos em taõ longa viagem, e ainda assim me naõ prometto a felicidade de conseguir huá coiza, que, sendo tanto do Agrado de Sua Mag.de, hé, e sera sempre do meo maior empenho. A minha maior esperança na sua conservaçaõ consistem em hirem os mesmos, entregues ao zelo, cuidado, e eficacia, que tenho conhecido no sobredito Jozé Francisco de Perné em tudo, o que se lhe encarrega do serviço de Sua Mag.de; por isso, naõ obstante, a escala da Bahia, os naõ quiz fiar de outrem: e estou certo, que, se elles lá naõ chegarem, será, porque hé, quando naõ impossivel, sumamente dificultozo. O que posso segurar a V Exª, hé que nunca passageiros foraõ mais bem acomodados á proporçaõ, porque se achaõ em hum viveiro, que mandei construir no lugar mais acomodado do mesmo Navio, muito alegre, e com todas as comodidades, que podeiaõ ocorrer. Com tudo saõ grandes os meos receios, se desejará já ter huá noticia agradavel, que me livrasse delles".

[11] Em 25 de Abril do corrente ano este navio se encontrava no porto da Bahia. O ofício de Castro relata que "De algúns Passaros que tinha para enviar a V. Ex.ª fiz suprir a falta de todos os que morreraõ na viagem do Rio de Janeiro para esta Cidade no Navio Pillár, porque naõ obstante o grande cuidado de quem os conduzia, como estes Passaros se sustentavaõ de frutas, era impossivel as suas conservaçoeñs, o que naõ succederá com-estes, que por comerem milho alpista, Arróz, e Farinha de paõ molhada, me persuado chegaraõ vigorozos a Prezença de V. Ex.ª".

[12] Ao final do ofício consta a seguinte observação: "P.S. Da Relaçaõ junta verá V. Ex., que além do Tamanduá [remetido da Capitania do Rio Grande de São Pedro], sé remettem tambem dous Socós (Soquôs), que igualmente se alimentaõ com carne".

		ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 68 e 69.				
	23 Set.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 246 e 247.	Nau de Guerra Nossa Senhora da Ajuda	Capitão Francisco de Betencourt Perestrelo	Rio de Janeiro	01 Gaiola com 02 Macucos, 03 Jacotingas; 01 Gaiola com 12 Hireréz; 01 Gaiola com 6 Jacuz; 01 Gaiola com 33 Gaturamos, 10 Sanhassúz, 07 Thiéz bernes
1787	27 Mar.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 400 e 401.	Navio Nossa Senhora da Penha [de França] Aurora	Capitão Manuel Ribeiro Pontes	Rio de Janeiro	01 Capoeira de Madeira com 01 Guará [animal quadrupede]
	27 Jun.	António José de Pina Manique AHU_ACL_CU_084, Cx. 1, D. 37.	Navio Nossa Senhora da Penha de França [Aurora][13]	Capitão Manuel Ribeiro Pontes	Lisboa	01 Bixo chamado Joá[14]
	11 Set.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 7 Fl. 416 e 417.	Navio Nossa Senhora de Belém e São João Baptista	Capitão José Joaquim da Costa	Rio de Janeiro	01 Capoeira de madeira com 01 Onça
1788	10 Nov.	Luiz de Vasconcelos e Sousa ANRJ Fd. 59 Cod. 68 V. 8 Fl. 120 e 121.	Navio Diana	Capitão Valério Coelho Pereira	Rio de Janeiro	01 Anta
1791	16 Abr.	José Luís de Castro AHU_CU_017, Cx. 140, D. 11015.	Nau de Guerra Nossa Senhora de Belém	Comandante Manuel Ferreira Nobre	Rio de Janeiro	03 Mutuns; 03 Corvos Reis
1800	22 Mai.	Luís Fortes de Bustamante e Sá AHU_CU_017, Cx. 182, D. 13307.	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro	04 Tocanos “de duas especies”

[13] Esta embarcação chegou ao porto de Lisboa, proveniente do Rio de Janeiro, após 87 dias de viagem.
[14] Este animal é o Guará, enviado no dia 27 de março.

APÊNDICE XIV – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Rio Grande (Brasil).

Figura 161: Anta (*Tapirus terrestris*) – uma das espécies enviadas da Capitania do Rio Grande para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. O exemplar chegou vivo à Capitania de Pernambuco de onde foi reenviado para Lisboa. Foto: Roberto Fabbri.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1781	25 Jun.	José César de Meneses AHU_CU_015, Cx. 140, D. 10383.	Navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara	Capitão Paulo António dos Santos	Pernambuco	01 Anta; 03 Macacos[1]

[1] Uma análise mais detalhada sobre os prováveis exemplares remetidos para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas é apresentada no Capítulo 4, no item referente à Capitania do Rio Grande (p. X).

APÊNDICE XV – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania do Rio Grande de São Pedro (Brasil).

Figura 162: Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Espécie remetida da Capitania do Rio Grande de São Pedro, para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII, tendo chegando vivo à Capitania do Rio de Janeiro de onde foi reenviado para Lisboa. Foto: Frans Lanting.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1782	09 Jul.	Luís de Vasconcelos e Sousa AHU_CU_017, Cx. 119, D. 9664.	Navio Graça Divina	Capitão António José de Sá	Rio de Janeiro	02 Ónçaz[1]
1786	05 Mai.	Luís de Vasconcelos e Sousa AN Fd 59 Cod 68 V 7 Fl 68 e 69.	Navio Santa Rosa e Senhor do Bonfim	Capitão Manuel Correa Santiago	Rio de Janeiro	01 Tamanduá Bandeira[2]
1787	16 Jan.	Luís de Vasconcelos e Sousa AN Fd 59 Cod 68 V 7 Fl 261 e 262.	Navio São João Nepomuceno e São Francisco de Paula	Mestre Victorino José de Vasconcellos	Rio de Janeiro	01 Onça grande

[1] Vasconcelos descreve os animais recebidos do Governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro como “dous Animaes quadrupedes, chamando ao malhado Tigre, e ao outro Leaõ, que mais parece ser Leopardo”. A análise da nomenclatura utilizada para denominar os felinos desta remessa é realizada no tópico referente à Capitania do Rio Grande de São Pedro (p. X).

[2] “vindo do Rio Grande, [...] do qual vai encarregado o Marinheiro Luís de Almeida, a quem mandei aqui ensinar o modo de o tratar, e o sustento que lhe devia dar, do que o mesmo Marinheiro póde dar a instrucçaõ, que for preciza”.

APÊNDICE XVI – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes da Capitania de São Paulo (Brasil).

Figura 163: Jacutinga (*Pipili jacutinga*) - espécie proveniente da Capitania de São Paulo, comprovadamente incorporada às Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesa durante o século XVIII. Foto: Silvia Vitale.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1767	23 Jan.	Luís António de Sousa Botelho Mourão AHU_CU_023-01, Cx. 24, D. 2315.	Não identificada	Não identificado	São Paulo	Não identificada[1]
1770	18 Mar.	Simão Barbosa Franco BNRJ, mss1456635.	Não identificada	Não identificado	Nova Povoação de Itapetininga	Alguns pássaros
1779	28 Mar.	Martim Lopes Lobo de Saldanha AHU_CU_023-01, Cx. 33, D. 2897.	Não identificada	Não identificado[2]	São Paulo	02 Antas (cazal) bastantemente grandes; 05 Guarazes (tendo 02 cazais)[3]
1781[4]	19 Mar.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, A.	Não identificada	António Francisco Lima	Praça de Santos	01 viveiro com 01 Capivara; 01 viveiro com 06 Quatis
	19 Mar.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, B.	Não identificada	António Francisco Lima	Praça de Santos	01 Viveiro com 24 Papagaios de varias Castas; 01 Viveiro com 26 Perequitos; 01 Viveiro com 12 Maracanáz
	20 Mar.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, C.	Não identificada	José Lopes de Sequeira	Praça de Santos	01 Viveiro com 01 Porquinho; 02 Qutias e 01 Pacaz
	20 Mar.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, D.	Não identificada	José Lopes de Sequeira	Praça de Santos	01 Viveiro com 04 Jacutingas e 06 Jacus Guasus; 01 Viveiro com 07 Pombas, 03 Enambús, 05 Ouruz, 01 Saracura, 01 [ilegível]; 01 Viveiro com 08 Papagaios, 01 Arara

[1] Neste documento Mourão informa que tem “os que Escaparaõ, e Estimarey que chegue alguns a Salvamento a Essa Corte”.
[2] Os animais vão aos cuidados do primeiro contador do Real Erário, Matias José Ferreira de Abreu.
[3] “que agradandose deles [a Raynha Nossa Senhora], remetterei todos os mais que me for possivel alcançar, e domesticallos, como vaõ estes, que se devem tractar do modo que explica o papel inserto”.
[4] Todas as remessas descritas para este ano foram realizadas do Porto de Santos no ano de 1781 foram endereçadas ao Vice Rey Luis de Vasconcelos e Souza, no Rio de Janeiro, para serem encaminhadas à Corte pela secretaria de Estado da repartição da Marinha.

	09 Mai.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, E.	Não identificada	Amaro Gomes Braza	Praça de Santos	01 Viveiro com 9 Cutias; 01 Viveiro com 8 Cutias
	09 Mai.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, F.	Não identificada	Amaro Gomes Braza	Praça de Santos	01 Viveiro com 19 Papagaios de varias cores; 01 Viveiro com 03 Saracuras; 01 Viveiro com 07 Pombas, 05 Inhambus, 02 Urus
	19 Mai.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, G.	Não identificada	Vicente Joaquim de Macedo	Praça de Santos	01 Capivara; 01 Porco do mato; 01 Quati; 01 Anta
	19 Mai.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, H.	Não identificada	Vicente Joaquim de Macedo	Praça de Santos	01 Seriema; 04 Macucos; 40 Piriquitos; 17 Maitacas; 20 Maitacas de cabeça vermelha
	13 Jul.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, I.	Não identificada	José Caetano de Souza	Praça de Santos	01 Viveiro com 02 Onsinhas; 01 Viveiro com 01 Anta
	13 Jul.	Francisco Aranha Barreto AHU_CU_023-01, Cx. 35, D. 2989, Of. 4, J.	Não identificada	José Caetano de Souza	Praça de Santos	01 Viveiro com 90 Periquitos; 01 Viveiro com 50 Maitacas
1784	03 Ago.	Luís António Malheiro / João Rodrigues Vilar AHU_CU_023-01, Cx. 37, D. 3115[5].	Galera Nossa Senhora da Vitória Princesa Divina	Capitão Luiz António Malheiro	Porto de Santos	01 Corvo Rei; 02 Honças[6]
1786	22 Dez.	Antônio Joaquim de Pina Manique AHU_CU_023-01, Cx. 39, D. 3268.	Navio Santos Mártires Triunfo do Mar[7]	Capitão António Luís da Piedade	Lisboa	01 Onca pintada; 02 Porcos bravos[8]; 01 Capivara[9]; 02 Jacus[10]; 01 Jacotinga; 1

[5] Este documento apresenta, em anexo, o mapa das despesas realizada com o sustento dos animais desde o embarque dos mesmos no porto de Santos até a chegada da Galera ao porto de Lisboa.
[6] As duas onças morreram durante a travessia marítima de Santos para Lisboa.
[7] A embarcação deixou o porto de Santos no dia 16 de setembro chegando ao Rio de Lisboa, Portugal, após 90 dias de viagem.
[8] Com a indicação ao lado do nome do animal, “1 Porco morreu”.
[9] Com a indicação ao lado do nome do animal, “morreu”.
[10] Com a indicação ao lado do nome do animal, “1 Jacu morreu”.

						Goaras[11]; 01 Pombo[12]; 01 Cabocla braba chamada Maria menor de seis anos[13].

[11] Com a indicação ao lado do nome do animal, “morreu”.
[12] Com a indicação ao lado do nome do animal, “morreu”.
[13] Não computada nas análises realizadas.

APÊNDICE XVII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes do território de Macau.

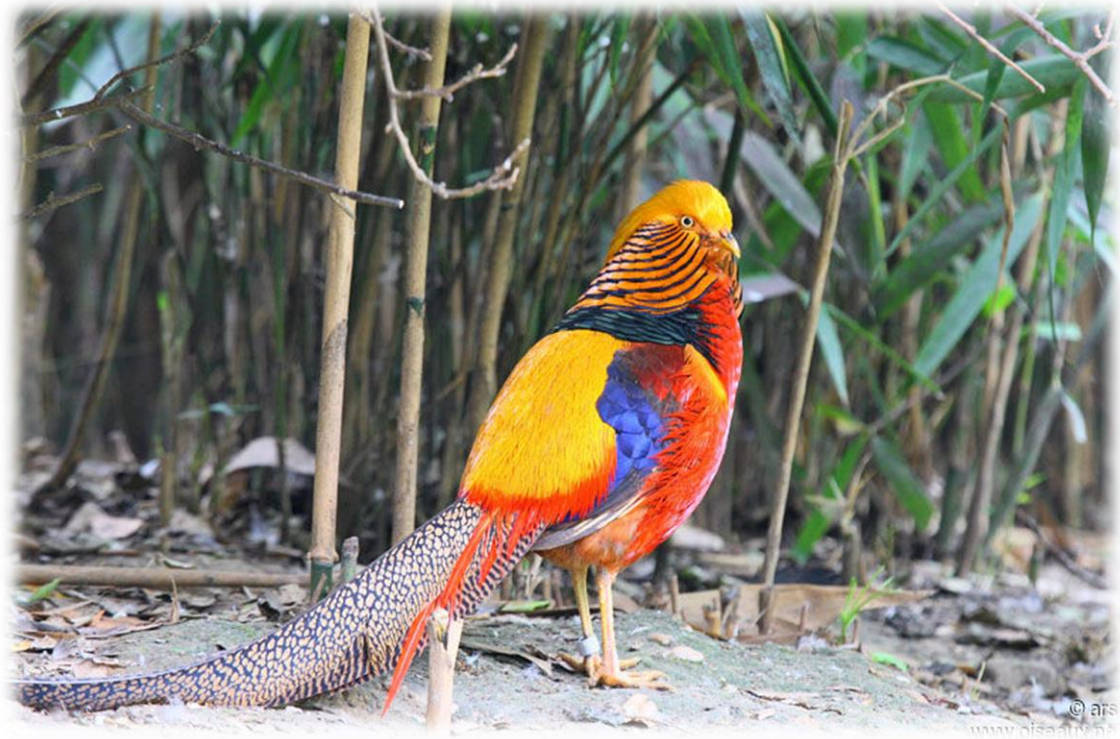


Figura 164: Faisão-dourado (*Chrysolophus pictus*). Uma das inúmeras espécies de Faisões encontradas na China que poderiam ter sido enviadas de Macau para as Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Fonte: www.oiseaux.net.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1784	01 Jan.	Joaquim Carneiro Machado AHU-Macau, Cx. 15, D. 1	Não identificada	Não identificado	Macau	02 pares de passaros[1]

[1] “cada par de deferente qualid.ᵉ”

APÊNDICE XVIII – Relação das remessas realizadas durante o século XVIII para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas nas quais constam exemplares provenientes do território de Timor.

Figura 165: Lóris-de-nuca-roxa (*Lorius domicella*) – uma das possíveis espécies enviadas do território de Timor para as Coleções Zoológicas Vivas Reais Portuguesas durante o século XVIII. Foto: Jurong Bird Park.

Ano	Data	Documento	Embarcação	Responsável	Procedência	Remessa
1788	12 Dez.	João Baptista Vieria Godinho AHU, ACL, CU 083, Cx. 3, D. 126	Navio Belizario	João Anselmo de Faria	Timor	02 Loricos da Ilha de Ceraõ, 01 cacatua de Solor; 01 Bruma da Ilha de Ceraõ[1]

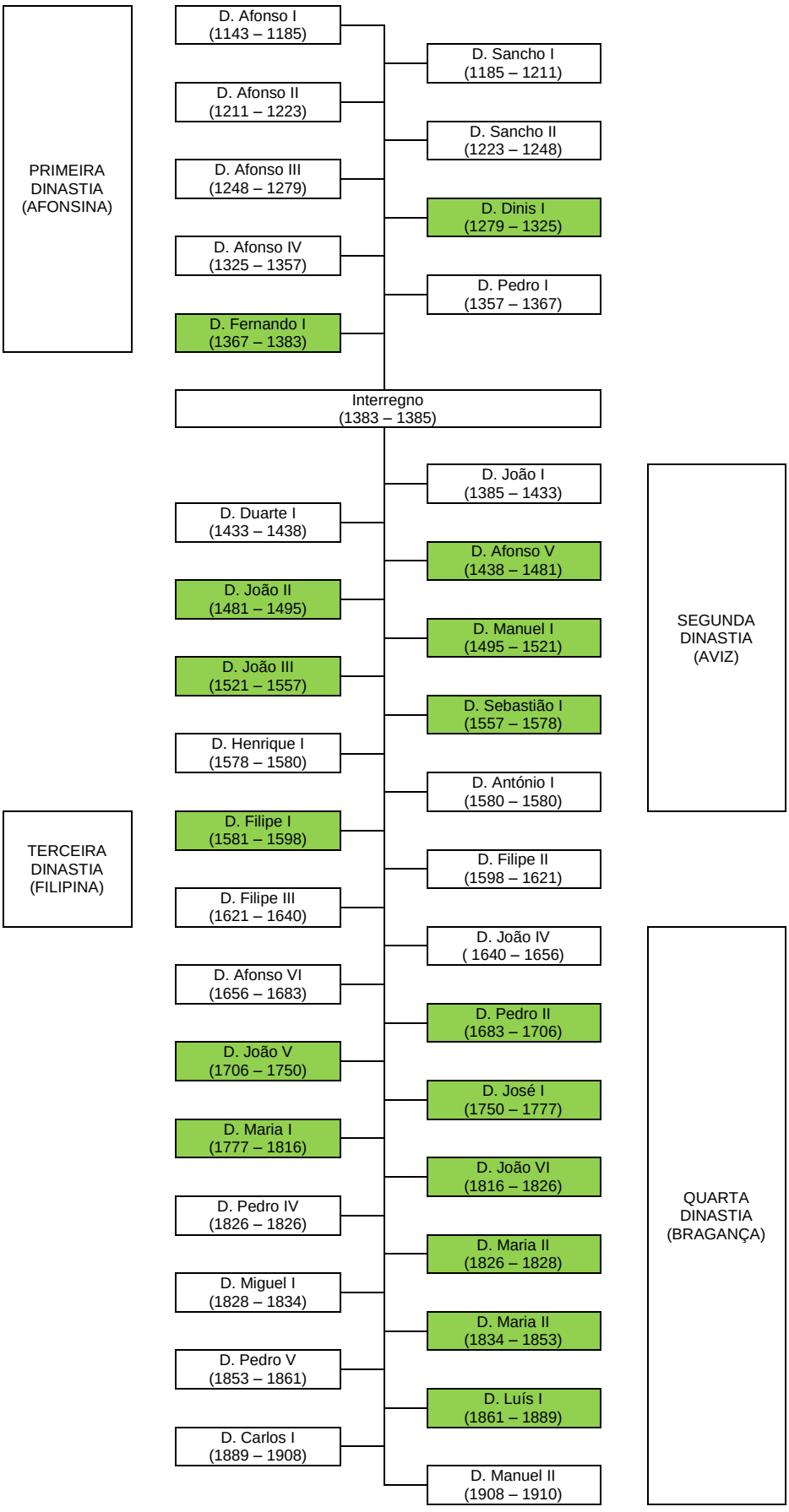
[1] “vaõ taõbem duas crianças, huma de Timor, e outra de Solor, com os vestidos de que lá uzaõ”.

ANEXOS

Foto: jemaambiental

ANEXO I - Cronologia dos monarcas portugueses

Figura 166: Retrato dos Infantes Pedro e Luís, futuros reis D. Pedro V e D. Luís I de Portugal, ao lado de cães e de uma Arara-canindé (*Ara ararauna*), realizado por William Barclay, em 1843.



Nota: *Em verde os monarcas que possuíram Coleções Zoológicas Vivas durante seu reinado. Fonte: <http://www.casarealportuguesa.org/dynamicdata/Cronologia.asp>. Acesso: 20 Set. 2017.

ANEXO II – Poemas de autores moçambiquenhos inspirados no Chirico (*Crithagra mozambicus*).

Figura 167: Chirico (*Crithagra mozambicus*), pássaro que integra o imaginário da sociedade moçambiquenha, que aparece nas remessas realizadas de Angola. Foto: Nick Dean.

JOSÉ MATHIAS FERREIRA JÚNIOR (p. 30, 31)

ENTARDECER MOÇAMBICANO (*in* «Oriente»)

No quintal vedado, por finos bambus
na lângoa colhidos;
Mulata galante se estira dengosa
ouvindo à distância, rolinha chorosa
soltar seus gemidos.

Uns passos adiante, em longas cadeiras
de lona, encostados;
Vivazes Mucunhas alargam uma roda
e os copos levantam, de *whisky com soda*,
aos lábios crestados.

Na areia inda quente do sol a morrer
p'ra lá dos coqueiros;
Airosas galinhas uns grãos depenicam
e alisam as penas, as patas esticam
mirando os poleiros.

Nas olas esguias das altas palmeiras
que a aragem meneia;
Seu canto suave, dolente magoado,
um lindo, plumoso, assaz delicado
chirico gorgeia.
Ao longe, na estrada que a chuva esbarronda
em meses de estio;
Um ai! de fadiga a custo sustido,
ao som do apito, o labor vencido,
desprende o gentio.

A tarde esmorece; e ri a mulata
na esteira deitada.
A vida não cansa, não pesa é melosa
Pra linda mulata, sabida, manhosa,
do branco amparada.

A tarde esmorece; o branco dedilha
gemente guitarra.
Em roda descantam amigos as trovas,
Mas todas amargas e não descuidosas
como as da cigarra.

Porquê? Porque cantam tristezas sem fim
sem conto, afinal?
É porque no peito só têm saudades
das vilas, dos campos, das mesmas cidades
do seu Portugal.

KALUNGANO (Marcelino dos Santos) (p. 221,222, 223)

AQUI NASCEMOS
Ao meu Irmão

I
A terra onde nascemos
Vem de longe
com o tempo

Nossos avós
nasceram
e viveram nesta terra

e como ervas de fina seiva
foram veias em corpo longo
fluido rubro perfume terrestre

Árvores e granitos erguidos
seus braços
abraçaram a terra
no trabalho quotidiano
e esculpindo as pedras férteis
do mundo a começar
em cores iniciaram
o grande desenho da vida

II
E foi também
aqui
que eu e tu nascemos

Terra quente
de sol nascente

Terra verde
de campos plenos

Terra meiga
de colo largo

foi a nós
que se entregou
cheia de vida
e amorosa ânsia.

III
Crescemos embalados
no canto do chirico
e brotando assim na planície humana
tão fundo impulso germinou
ondas fecundas de cristal

E quando o vento
vergasta o firmamento
e a espada cai
e rasga os corpos
o horror tinge
a face crua

o nosso amor não treme

Esta é a terra
onde nascemos

seu sofrer
é nossa dor

e a nuvem fel de agora
é momento doloroso
que a chuva há-de secar

IV
Nossa terra é de esperança
aberta ao franco amplexo

Na esteira dos passos dados
vão brilhando círculos livres

e como irmãos mais novos
de um século mais velho
vamos levando em largas mãos
a herança dos nossos avós

e com folhas do coração
continuar a obra humana
o grande desenho da vida.

NOÉMIA DE SOUSA (p. 233,234,235)

APELO

Quem terá estrangulado a voz cansada
de minha irmã do mato?
De repente, seu convite à acção
perdeu-se no fluir constante dos dias das noites.
Já não me chega todas as manhãs,
fatigada da longa caminhada,
quilómetros e quilómetros sumidos
no eterno pregão: *MACALA!*

Não, já não me vem, molhada ainda da cacimba,
ajoujada de filhos e resignação...
Um filho nas costas e outro no ventre
– sempre, sempre, sempre!
E um rosto resumido no olhar sereno,
um olhar que não posso recordar sem sentir
minha pele e meu sangue desfraldarem-se, trémulos,
palpitando descobrimentos e afinidades...
– Mas quem terá proibido seu olhar imenso
de vir alimentar-me esta fome de fraternidade
que minha mesa pobre não consegue nunca saciar?

Iô mamanê, quem terá fuzilado a voz heróica
de minha irmã do mato?
Que desconhecido e cruel cavalo-marinho
a terá fustigado até matá-la?
– A seringueira do meu quintal está florida.
Mas há um mau presságio em suas flores roxas,
em seu perfume intenso, bárbaro;
e a capulana de ternura que o sol estendeu
sobre a leve esteira de pétalas
aguarda desde o Verão que o filhinho de minha irmã
se venha nela deitar...
Em vão, em vão,
e um chirico canta, canta, poisado no caniço do quintal,
para o filhinho de minha irmã ausente,
vítima das madrugadas nevoentas do mato.

Ah, eu sei, eu sei: da última vez, havia um brilho
de adeus nos olhos ternos,
e a voz era quase um sussurro rouco,
desesperado e trágico...
Ó África, minha mãe-terra, diz-me tu:
Que foi feito de minha irmã do mato,
que nunca mais desceu à cidade com seus filhos eternos
(um nas costas, um no ventre),
com seu eterno pregão de vendedora de carvão?

Ó África, minha mãe-terra,
ao menos tu não abandones minha irmã heróica,
perpetua-a no monumento glorioso dos teus braços!

FREUDENTHAL, A.; MAGALHÃES, B.; PEDRO, H.; PEREIRA, C. V. (Orgs.). Antologias de poesia da casa dos estudantes do império *1951-1963*. Moçambique, II Volume. Edição ACEI. 2014.

ANEXO III – Navios que integraram a frota da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão.

Tipo da Embarcação	Nome	Observação
Nau de guerra	Nossa Senhora da Atalaia	Cedida à Companhia pelo Rei, para proteção das frotas contra os ataques dos corsários.
Nau de guerra	Nossa Senhora das Mercês	
Nau mercante	Santa Ana e São Francisco Xavier	-
Nau mercante	Atalaia	Naufragou em 1759.
Nau mercante	Nossa Senhora de Madre de Deus e São José	-
Nau mercante	Nossa Senhora do Cabo	Naufragou em 1774.
Nau mercante	São Lázaro	Naufragou em 1773.
Galera	São Domingos	Naufragou em 1763.
Galera	São José	Naufragou em 1768.
Galera	Nossa Senhora da Conceição	Naufragou em 1769.
Galera	Nossa Senhora da Conceição (2ª)	-
Galera	São Luís	-
Galera	São Sebastião	Naufragou em 1774.
Galera	Santo António	Naufragou em 1772.
Galera	São Pedro	Naufragou em 1774.
Galera	São João Baptista	Naufragou em 1773.
Galera	Nossa Senhora da Esperança	Naufragou em 1768.
Galera	Nossa Senhora das Necessidades	Naufragou em 1770.
Galera	São Francisco Xavier	Mandado construir no Brasil pela Companhia.
Galera	São Pedro Gonçalves	
Galera	Nossa Senhora da Oliveira	
Bergantim	São Marçal	Naufragou em 1768.
Bergantim	São Tomé	Naufragou em 1767.
Bergantim	São Paulo	-
Hiate	Nossa Senhora Penha de França	A maior parte destas embarcações foram utilizadas na navegação costeira e nos rios Gâmbia, Casamansa, Cacheu, Farim, Geja, Ilhas de Jeta e Pecise e dos Bijagós, rios Nuno, Pongo e Scarcies até à Serra Leoa, na compra de escravos e de cola e venda de mercadorias. Certas embarcações faziam a fiscalização do movimento de navios estrangeiros.
Hiate	São Joaquim	
Hiate	Nossa Senhora do Bom Despacho	
Hiate	Nossa Senhora da Boa Nova	
Chalupa	Nossa Senhora da Boa Viagem	
Chalupa	Nossa Senhora do Bom Sucesso	
Chalupa	Nossa Senhora da Arrábida	
Chalupa	Nossa Senhora da Piedade	
Chalupa	Nossa Senhora da Nazaret	
Chalupa	Nossa Senhora da Saúde	
Chalupa	Nossa Senhora da Vida	
Chalupa	Nossa Senhora da Conceição e Santo António	
Lancha do alto	Nova	
Escuna	Nossa Senhora do Rosário	
Escuna	Nossa Senhora da Ajuda	
Lambote	Santo António	
Lambote	São José	
Lambote	Nossa Senhora da Glória	
Lambote	Nossa Senhora da Victória	

Fonte: Carreira, Vol. 2, Documentos, Companhia Editora Nacional, p. 112-113, 1988.